

MARCELO JOSÉ DE CASTRO

ADOLESCÊNCIA E DROGAS:

*um estudo clínico-qualitativo da perspectiva
da mãe
do adolescente*

CAMPINAS

2003

MARCELO JOSÉ DE CASTRO

ADOLESCÊNCIA E DROGAS:
um estudo clínico-qualitativo da perspectiva
da mãe
do adolescente

*Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação
da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre
em Ciências Médicas, na área de Saúde Mental.*

ORIENTADOR: PROF. DR. MAURÍCIO KNOBEL

CAMPINAS

2003

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
UNICAMP**

C279a Castro, Marcelo José de
Adolescência e drogas: um estudo clínico-qualitativo da
perspectiva da mãe do adolescente / Maria José de Castro.
Campinas, SP : [s.n.], 2003.

 Orientador : Maurício Knobel
Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Ciências Médicas.

 1. Psicologia do adolescente. 2. Psicologia. 3. Família. 4.
Psicologia social. 5. Drogas Ilícitas. 6. Meios de comunicação
de massa. 7. Drogas – Abuso. I. Maurício Knobel. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências
Médicas. III. Título.

Banca examinadora da Dissertação de Mestrado

Orientador(a): Prof(a). Dr(a).
Maurício Knobel

Membros:

1. Prof. Dr. Luis Fernando Ribeiro da Silva Paulin

2. Prof. Dr. Egberto Ribeiro Turato

3. Prof. Dr. Maurício Knobel

Curso de pós-graduação em Ciências Médicas, Área de Concentração em Saúde Mental, da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

Data: 29/08/2003

DEDICATÓRIA

*Ao Israel e à Rebeca – agora adolescendo – filhos que trazem alegria ao meu
viver,*

*A minha esposa LÍlian, realização terna e amorosa de tantos sonhos
de minha adolescência,*

a meus pais José e Marlene,

e aos manos Márcio, Aninha e José Júnior.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Maurício Knobel - orientação sábia, experiente e precisa;

Ao Prof. Dr. Egberto Turato – generosidade no partilhar conhecimentos e profunda humanidade;

Aos Profs. Drs. Marcelo Siqueira Ridenti e Sérgio Luis Saboya Arruda – valiosas críticas e sugestões no exame de qualificação deste projeto;

Aos colegas do Laboratório de Pesquisa Clínico-Qualitativa da Unicamp, especialmente Bruno, Claudinei, Deise e Gláucia – sugestões, e aquela preciosa amizade;

Aos funcionários da FCM/UNICAMP, nomeadamente Mônica, Carmem e Marcinha – disponibilidade e eficiência para servir;

Ao Prof. Dr. João Leite Ferreira Neto – a amizade estimulante de tantos momentos;

Ao Prof. Rogério Paulo Müller Fernandes – mão amiga com a informática e normas da ABNT;

Eugenia, Deize, Henrique e Fernanda, Henrique Jr. e Lygia, Ednéia e Lino, Rodolfo, Bruno e Elaine - o carinho familiar inestimável;

À Karina - transcrição criteriosa das gravações e revisão do “corpus”;

À Daniela – competente auxílio na pesquisa jurídica;

Márcia e Ricardo - colaboração institucional indispensável no trabalho de campo;

José Alves de Castro Jr. – sempre disponível para assessorar-me com o inglês, mesmo “em cima da hora....”;

Demais colegas e amigos de Londrina, Belo Horizonte e Buenos Aires –
a torcida de todas as horas;

E especialmente agradeço:

Às mães de adolescentes, minhas entrevistadas – sem dúvida, co-autoras
deste trabalho.

Se você acha que conhece o mundo antes de filmar esse mundo, não filme, já está feito. O real é quando você verifica que as pessoas são todas ambíguas e contraditórias. A riqueza delas é essa.

Eduardo Coutinho, cineasta e documentarista brasileiro.

(SOUZA, 2002, p.65)

	<i>PÁG.</i>
RESUMO.....	<i>xxxi</i>
ABSTRACT.....	<i>xxxv</i>
1- INTRODUÇÃO.....	39
1.1- Adolescência e drogas: considerações preliminares.....	41
1.2- Apresentação do problema.....	43
1.3- Temas relacionados: revisão bibliográfica.....	44
1.3.1- Adolescência e família: considerações psicanalíticas.....	44
1.3.1.1- O desafio conceitual da adolescência.....	44
1.3.1.2- Metamorfose puberal e reorganização pulsional: a adolescência “normal”.....	47
1.3.1.3- Adolescência como etapa transicional e moratória psicossocial.....	50
1.3.1.4- A crise dos pais na adolescência dos filhos.....	55
1.3.2- Adolescência e Drogas.....	62
1.3.2.1- Abuso de drogas: um problema de proporções globais.....	62
1.3.2.2- Panorama epidemiológico do consumo de drogas entre estudantes adolescentes no Brasil.....	64
1.3.2.3- Consumo de substâncias psicoativas entre estudantes brasileiros: algumas observações de relevância para este estudo.....	67

1.3.2.4- Um mal estar na cultura: consumo de drogas numa sociedade de consumo.....	70
1.3.2.5- A ideologia do “combate às drogas”: falácia de um modelo preventivo.....	76
1.4- Pressupostos.....	78
2- OBJETIVOS.....	81
2.1- Objetivo geral.....	83
2.2- Objetivos específicos.....	83
3- ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	85
3.1- Considerações gerais sobre o método científico.....	87
3.2- Métodos quantitativos e qualitativos nas Ciências da Saúde.....	89
3.3- Motivações para a opção por um método qualitativo com emprego de entrevistas.....	93
....	
3.3.1- A natureza do problema pesquisado.....	94
3.3.2- O contexto da	97

pesquisa.....	
3.3.3- A formação e a experiência do pesquisador.....	103
3.4- O método clínico- qualitativo.....	105
3.4.1- Atenção central aos sentidos e significados.....	105
3.4.2- Ambiente natural constituindo o <i>setting</i>	106
3.4.3- Angústias e ansiedades valorizadas como fundamentais.....	108
3.4.4- Utilização instrumental de elementos psicodinâmicos.....	108
3.4.5- Pesquisador como instrumento.....	109
3.4.6- Bricolagem.....	110
3.4.7- Interesse voltado para o processo.....	110

3.4.8- Teoria e prática como pontos simultâneos de partida.....	110
3.4.9- Emprego de raciocínios indutivos e dedutivos.....	111
3.4.10- Força do método apoiada na validade dos dados.....	111
3.4.11- Descrição e interpretação concomitantes.....	111
3.4.12- Pressupostos finais e generalizáveis.....	111
3.5- Procedimentos realizados.....	112
3.5.1- Campo e “campos” de observação.....	112
3.5.2- Seleção de sujeitos para a amostra.....	117
3.5.3- O instrumento (1): entrevista semidirigida.....	122
3.5.4- O instrumento (2): categorização e análise de conteúdo.....	127
3.5.4.1- Pré-análise do material.....	128
3.5.4.2- Categorização e subcategorização.....	130
3.6- Validações interna e externa das entrevistas e análise de conteúdo.....	131
3.6.1- Estratégias de validação qualitativa	133

interna.....

3.6.1.1-	Anonimato	e	134
	privacidade.....		
3.6.1.2-	Adequação e estabilidade do setting das		134
	entrevistas.....		
3.6.1.3-	Estabelecimento de relação de confiança para		
	com	o	135
	entrevistador.....		
			
3.6.1.4-	Pesquisador-como-		135
	instrumento.....		
3.6.1.5-	“Triangulação		137
	teórica”.....		
3.6.1.6-	Gravação das entrevistas em áudio, seguida de		
	transcrição	integral	e 137
	fidedigna.....		
3.6.1.7-	Anotações pessoais como recurso auxiliar no		
	registro.....		138
			

3.6.1.8-	Categorização cuidadosa e revisada.....	138
3.6.2-	Estratégias de validação qualitativa externa.....	139
3.6.2.1-	Explicitação do contexto da pesquisa e dos referenciais teóricos.....	139
3.6.2.2-	“Triangulação” de analistas de dados.....	140
3.6.2.3-	Submissão aos procedimentos regimentares da Academia.....	140
3.6.2.4-	Interlocução com audiências qualificadas.....	141
3.7-	Síntese descritiva dos procedimentos empregados.....	141
4-	RESULTADOS E DISCUSSÃO (1): O CAMPO DAS ENTREVISTAS...	143
4.1-	Caracterização sociodemográfica da amostra.....	145
4.2-	Psicodinâmica das entrevistas.....	147
4.2.1-	Aspectos transferenciais.....	148
4.2.1.1-	O entrevistador identificado com o Saber: insegurança para emitir opiniões próprias e as perguntas dirigidas ao	149

entrevistador.....	
...	
4.2.1.2- O entrevistador identificado com o Poder: a entrevista como uma vivência paranóide.....	151
4.2.2- Aspectos contratransferenciais: a ansiedade do entrevistador.....	152
4.2.2.1- “Será que virão?”.....	152
4.2.2.2- Pesquisador sentindo-se momentaneamente “por fora”, “alienado”.....	152
4.2.2.3- Silêncio e angústia.....	153
4.2.3- Falhas ocasionais na condução “técnica” das entrevistas.....	153
4.2.4- Evidências de uma boa condução “técnica” das entrevistas.....	154

4.2.4.1- Entrevistas fluindo espontaneamente.....	154
4.2.4.2- Momentos de comoção das entrevistadas.....	155
4.2.4.3- Uso próprio de drogas negado, depois admitido.....	155
4.2.5- Conflitos psíquicos e mecanismos de defesa evidenciados.....	156
4.2.5.1- Ambivalências nas falas e atitudes.....	156
4.2.5.2- Negação.....	157
4.2.5.3- Dissociação, projeção e idealização.....	158
4.3- Apresentação das categorias.....	160
5- RESULTADOS E DISCUSSÃO (2): CATEGORIZAÇÃO TEMÁTICA.....	163
.....	
5.1- Uma visão negativa do mundo e da sociedade.....	165
5.2- Filho adolecendo, mãe angustiada.....	170
5.2.1- A metamorfose puberal e o “adolescente ingênuo e vulnerável”.....	171
.....	
5.2.2- A sexualidade adolescente e as angústias da “mãe	177

excluída”.....	
5.2.3- Da sexualidade às drogas: angústias deslocadas e a adolescência “perigosa” e “difícil”.....	181
5.2.4- “O quê devo fazer agora?”.....	186
5.3- Uso de drogas temido e condenado.....	190
5.3.1- Mídia e drogas: a mãe como “sujeito informado”.....	190
5.3.2- O medo das drogas.....	194
5.3.3- A preocupação com os próprios filhos motivando a participação na pesquisa.....	200
...	
5.3.4- O usuário discriminado.....	202

5.3.5- A droga enigmática: causas complexas, prevenção complicada.....	204
..	
5.3.6- A droga reificada: mal onipresente, perigo iminente.....	212
5.4- Álcool e cigarro condenados, porém tolerados.....	217
5.5- Maconha, “começo de todo o mal”.....	218
6-	223
CONCLUSÕES.....	
7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	229
8-	247
APÊNDICES.....	
Apêndice	249
1.....	
Entrevista	251
A.....	
Entrevista	281
B.....	
Entrevista	303
C.....	
Entrevista	323
D.....	
Entrevista	343
E.....	

Entrevista	369
F.....	
Entrevista	385
G.....	
Entrevista	409
H.....	
Entrevista	431
I.....	
Entrevista	455
J.....	
Apêndice	475
2.....	
Apêndice	477
3.....	
9-	479
ANEXO.....	
Fac-Símile Do Parecer Do Comitê De Ética Em Pesquisa- FCM- UNICAMP.....	481
...	

LISTA DE ABREVIATURAS

ABEAD	Associação Brasileira de Estudos do Álcool e outras Drogas
CEBRID	Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
UNIDCP	United Nations International Drug Report Control Program
UNODCCP	United Nations Office for Drug Control and Crime Prevention
WHO	World Health Organization

LISTA DE QUADROS

	<i>PÁG.</i>
Quadro Roteiro norteador das	124
1- entrevistas.....	
Quadro Síntese descritiva dos procedimentos metodológicos	141
2- realizados....	
Quadro A amostra: algumas variáveis sociodemográficas e outras	
3- relativas a experiência pessoal e familiar das entrevistadas com	
as	146
drogas.....	
Quadro Análise de Conteúdo: apresentação das categorias e	
4- subcategorias	161
formuladas.....	



RESUMO

INTRODUÇÃO: O uso de drogas por adolescentes tem sido predominantemente abordado nos meios de comunicação e em ações preventivas pela ênfase ideológica do “combate às drogas”, em detrimento da devida consideração dos fatores individuais e familiares e dos aspectos socioculturais de sua demanda e ocorrência. Considerada a importância dos papéis parentais na adolescência, objetivou-se investigar qualitativamente o tema na perspectiva da mãe do adolescente e formular hipóteses a respeito de fatores subjetivos possivelmente relacionáveis a dificuldades de prevenção do problema.

MÉTODOS: Realizou-se estudo qualitativo e exploratório sobre uma amostra intencional, fechada por saturação e variedade de tipos, composta por 10 mães de adolescentes matriculados em instituição privada de ensino. Foram realizadas entrevistas semidirigidas de questões abertas, cujo conteúdo transcrito foi submetido à análise qualitativa de conteúdo temática e interpretado à luz de referenciais teóricos psicanalíticos e psicossociais.

RESULTADOS: As entrevistadas evidenciaram uma visão predominantemente negativa do mundo e da sociedade em que vivem, bem como muitas angústias e dificuldades de reformulação do papel materno diante da sexualidade adolescente e das transformações físicas e emocionais da adolescência de seus filhos. Estes foram ambivalentemente percebidos como ingênuos e vulneráveis, para os quais a droga, reificada no discurso das entrevistadas, representaria um mal onipresente e um perigo iminente. Neste contexto, predominaram atitudes de medo e condenação das drogas ilegais e de discriminação dos seus usuários, reproduzindo aspectos ideológicos típicos do “combate às drogas”. O consumo de álcool e tabaco revelou-se, porém, bem mais tolerado, enquanto o início dos problemas relacionados às drogas na adolescência foi predominantemente identificado pelas entrevistadas somente a partir do uso de maconha.

CONCLUSÕES: O enfoque repressivo da ideologia de combate às drogas reproduziu-se na fala das entrevistadas, revelando-se prejudicial à sua percepção da amplitude e complexidade do problema, e comprometendo seu papel potencial na prevenção do uso de drogas por seus filhos. Os resultados do estudo indicam

que a atenção às angústias maternas relacionadas à adolescência de seus filhos deve ser considerada na formulação de programas voltados para a saúde do adolescente e da família, e que as estratégias preventivas do uso de drogas na adolescência poderiam ser maximizadas através da abordagem dos aspectos psicodinâmicos e psicossociais do adolescente e de sua família. Algumas categorias e subcategorias formuladas indicaram possibilidades abertas para novas pesquisas quantitativas e qualitativas. As limitações do estudo foram assinaladas.

DESCRITORES: Psicologia do adolescente, Psicologia; Comportamento materno, Psicologia; Transtornos relacionados ao uso de substâncias psicoativas, Psicologia; Família, Psicologia social; Relações familiares, Psicologia Social; Drogas ilícitas; Meios de Comunicação; Pesquisa qualitativa.



ABSTRACT

INTRODUCTION: Drug use by adolescents has been predominantly mentioned through communication media and preventive actions by the ideological emphasis of the “drug combat”, despite the righteous consideration of the individual and familiar factors and the social and cultural aspects of its occurrence. Once the importance of the parental role was considered, this investigation focused qualitatively on the topic regarding the perspective of the adolescent’s mother, formulating hypotheses on subjective factors possibly related to the difficulties of its prevention.

METHODS: An exploratory and qualitative study was conducted based on an intentional sample (selected through saturation and variety of types) of 10 mothers whose teenage children were enrolled in private schools. In-depth open-question semi- structured interviews were conducted. Transcribed data underwent qualitative thematic analysis in light of psychoanalytical and psychosocial theoretical references.

RESULTS: The women interviewed showed not only a predominantly negative view of the world and society they live in, but also their anxiety and difficulties to the reformulation of the maternal role when facing the adolescent’s sexuality and the physical and emotional transformations of their children’s teenagehood. The children were ambivalently perceived as naive and vulnerable, to whom drugs, and this was ratified by the mothers’ answers, would represent an omnipresent evil and imminent danger. In this context, the predominant attitudes were those of fear and condemnation of illegal drugs and the discrimination of its users, reproducing typical ideological aspects of the “drug combat”. The consumption of alcohol and tobacco was however better tolerated whilst the beginning of the drug problems in the teenagehood was mainly identified by the interviewed mothers as the commencement of marijuana use.

CONCLUSIONS: The repressive emphasis of the drug combat ideology was reproduced throughout the interview which turned out to be prejudicial to the perception of the amplitude and complexity of the problem, compromising the potential role it has in the prevention of drug use by their children. Special

attention to mothers' anxieties related to the adolescence of their children should be considered when formulating programs destined for adolescents and family health. Any preventive strategy of use of drugs in the adolescence can be maximized by approaching the psychodynamic and psychosocial aspects of the teenager and his or her family. Some categories and subcategories that had been formulated indicated open possibilities to new qualitative and quantitative researches. The limitations of this study have been marked.

KEYWORDS: Adolescent Psychology; Maternal Behavior, Psychology; Substance-Related Disorders, Psychology; Family, Social Psychology; Family Relations, Social Psychology; Illegal Drugs; Communications Media; Qualitative Research



1- INTRODUÇÃO

1.1- ADOLESCÊNCIA E DROGAS: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O uso de drogas na adolescência vem despertando atenção crescente. No Brasil, levantamentos de abrangência nacional vêm dimensionando as proporções epidemiológicas do problema entre estudantes adolescentes, caracterizando este subgrupo populacional como particularmente importante em relação ao tema.

Existe um razoável consenso na literatura de que o problema é complexo e multidimensional, não restrito à *droga em si*, antes determinado pela convergência de fatores psicodinâmicos (individuais e familiares) e socioculturais. No entanto, apesar destes conhecimentos atuais e da importância dos levantamentos realizados, algumas lacunas podem ser assinaladas.

Primeiramente, a *quantidade* de pesquisas publicadas nem sempre vem representando *diversidade* metodológica nas investigações. Os nexos causais do uso de drogas ligados à subjetividade individual e coletiva dos adolescentes proporcionam evidentes oportunidades para sua investigação em profundidade, em grupos sociais específicos e empregando metodologias não quantitativas. Entretanto, os paradigmas positivistas predominam nas pesquisas dedicadas ao tema, embora já há mais de vinte anos a Organização Mundial da Saúde expressasse a expectativa de que no futuro as investigações sobre o problema se afastassem de modelos epidemiológicos que tendem a dissociar o *usuário como objeto de estudo do estudo da cultura e das instituições sociais*:

Na prática, o que se poderia esperar é alguma tendência a afastar-se do predomínio de uma forma particular de investigações epidemiológicas sobre as drogas; essas investigações, ainda que tenham seu lugar, chegam ocasionalmente a fazer-se um tanto mecânicas e reiterativas, tratando ao consumidor de drogas como um objeto de estudo totalmente divorciado do estudo da cultura e das instituições sociais. (EDWARDS e ARIF, 1981, p. 291).

Em segundo lugar, a tendência de maior consumo de substâncias psicoativas entre estudantes da rede privada, antecipada por BUCHER (1992b) e atualmente confirmada em diversos levantamentos¹, sugere que possíveis particularidades do problema em famílias de maior poder aquisitivo merecem ser especificamente investigadas, ainda que a conhecida resistência das escolas particulares às investigações entre seus alunos não raramente se constitua em difícil obstáculo a este propósito (CARLINI-COTRIM et al., 2000).

Terceiro, observa-se que apesar do reconhecimento da adolescência como etapa particularmente propícia para as primeiras experiências com substâncias psicoativas e do referido consenso a respeito do papel decisivo (ainda que não exclusivo) da estruturação familiar do adolescente entre os nexos causais da dependência de drogas, em geral os pais de adolescentes não têm sido alvo de investigações, principalmente quando o uso de drogas *ainda* não ocorreu em suas famílias.

Recordo, por fim (mas não com menor ênfase), que este tema também se destaca atualmente nos meios de comunicação. Entretanto, é a *droga em si* o assunto predominante, quando não hegemônico, em detrimento da necessária reflexão sobre as condições individuais, familiares, sociais e culturais de sua utilização. Predominam nas notícias os tons dramáticos e alarmantes, com nítido apelo sensacionalista nas imagens e narrativas, enfocando quase exclusivamente os perigos “cientificamente” comprovados do uso de drogas ilícitas ou as ações criminosas do narcotráfico.

Essa *droga como espetáculo* não parece inofensiva para a saúde pública. Reforçando a idéia de que *prevenção* resume-se a *repressão*, a atenção coletiva é desviada mais para os efeitos do problema que para a compreensão de suas raízes, mais para o *combate à droga* que para o exame das condições geradoras de sua demanda. Tais aspectos, compondo entre outros a predominante “ideologia do combate às drogas” (BUCHER, 1994; RIBEIRO et al., 1998), contribuem menos

¹ Os principais estudos epidemiológicos que embasam estas observações serão oportunamente referenciados e discutidos na seção 1.3.2.2.

para a prevenção do problema que para a banalização de atitudes coletivas de intolerância e discriminação do usuário, que não raro permanece indistinguível do criminoso no imaginário social.

Enquanto isso, e de modo apenas aparentemente paradoxal, sabe-se que o consumo de fumo e álcool pela juventude prossegue convenientemente tolerado (quando não estimulado) nos mesmos meios de comunicação. Sabe-se também que, paralelamente à escalada do consumo de drogas ditas ilícitas ou ilegais, os ansiolíticos e antidepressivos andam sendo prescritos e consumidos em “escala sem precedentes” (BIRMAN, 1999, p. 242) para apaziguar os sintomáticos desconfortos do sujeito contemporâneo em seu mal-estar.

Surpreendida então em ambíguas relações com a “droga”, a geração adulta propicia reflexões oportunas e indispensáveis sobre o tema em questão, particularmente desde as últimas décadas daquele que foi, sob vários aspectos, o “*século da adolescência*” (ARIÈS, 1981, p. 46).

A mãe do adolescente, neste sentido, revela-se sujeito privilegiado para uma investigação qualitativa sobre o tema, à medida que pode ser reconhecido tanto em seu papel primordial nos cuidados familiares na infância e adolescência de seus filhos, como em sua condição de ator social e protagonista midiático e inserido no mesmo contexto sociocultural em que o uso de drogas na adolescência constitui grave problema de saúde pública.

1.2- APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

Tendo em mente tais considerações, o problema a ser investigado neste estudo pode ser formulado da seguinte maneira: *como as mães vivenciam a adolescência de seus filhos em um contexto familiar e sociocultural ambigualmente marcado pelo consumo de drogas e pela ideologia de combate às drogas?*

Uma vez assinalado que meu enfoque privilegiará a adolescência como vivenciada na perspectiva da mãe do adolescente, e o tema “drogas” principalmente como disparador de um possível discurso materno que evidencie significados e perspectivas latentes para este sujeito, alguns outros interrogantes emergem como corolários do problema formulado.

Assim, em outras palavras pergunto também: quais as repercussões destes aspectos aparentemente contraditórios em relação às drogas presentes na cultura contemporânea para os cuidados maternos em relação ao adolescer de seus filhos? Como as estratégias preventivas atuais, predominantemente fundamentadas nos aspectos repressivos do combate às drogas e espetacularizadas nos meios de comunicação, repercutem no imaginário da mãe do adolescente? Serão estes efeitos potencialmente benéficos ou nocivos à prevenção de transtornos relacionados ao uso de drogas na atualidade?

1.3- TEMAS RELACIONADOS: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.3.1- Adolescência e família: considerações psicanalíticas

1.3.1.1- O desafio conceitual da adolescência

Do ponto de vista etimológico “adolescente” refere-se àquele “que se desenvolve, cresce, engrossa, aumenta” (HOUAISS, 2001, p. 89). Porém, como definir a adolescência?

As definições encontradas na literatura freqüentemente incorrem em dois tipos de limitações. Primeiramente assinalo os meros *recortes cronológicos* aos quais alguns conceitos vigentes parecem se reduzir. No âmbito legal, por exemplo, desde a década de 1990 o adolescente brasileiro foi definido como “*pessoa entre doze e dezoito anos de idade*” pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1991). Mesmo nas Ciências da Saúde muitas publicações ainda adotam o conceito de “pessoa entre 10 e 19 anos de idade”, conforme classicamente definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (WHO, 2003a).

Em outros casos é a *dimensão biológica* do adolescente que, privilegiada em detrimento dos aspectos psíquicos e socioculturais do adolescer, tende a borrar os limites conceituais entre *adolescência* e *puberdade*. No Dorland's Medical Dictionary, por exemplo, a adolescência é definida como o “*período da vida começando com o aparecimento dos caracteres sexuais secundários e terminando com a cessação do crescimento somático, aproximadamente de 11 a 19 anos de idade*” (DORLAND'S, 1994, p. 31). Não deixa de ser significativo que este adolescente, reduzido a *corpo* e *fisiologia* em um léxico especializado no Saber Médico, essencialmente não difira daquele encontrado em alguns dicionários do uso corrente, como em FERREIRA (1999, p.55):

período da vida humana que sucede à infância, começa com a puberdade, e se caracteriza por uma série de mudanças corporais e psicológicas (estende-se aproximadamente dos doze aos vinte anos).

Mesmo reconhecendo-se a validade instrumental destas formulações para atender demandas mais ou menos específicas (jurídicas, epidemiológicas, de padronização terminológica internacional, entre outras), o evidente reducionismo em que elas incorrem não parece inócuo nem desprovido de significado. No âmbito das práticas de saúde, uma recente publicação conjunta da Associação Brasileira de Enfermagem e Ministério da Saúde alerta para o comprometimento ideológico de algumas concepções do fenômeno adolescente na atualidade:

A concepção de adolescência predominante no interior das práticas de saúde que a tomam como seu objeto de intervenção confere a esta uma natureza a-histórica, estereotipada e naturalizada, situada como conjunto de fenômenos biológicos e universais do processo de crescimento e desenvolvimento. Esta forma de conceber denuncia os limites do recurso à adolescência como categoria instrumental para a apreensão e transformação das condições de saúde, num modelo centrado em intervenções sobre condições e problemas específicos, não convertidos em uma política de atenção global a este grupo e

que subordina todos os aspectos relativos à saúde ao âmbito biológico. (RAMOS, 2001, p. 13)

Há que se considerar, entretanto, que sendo a adolescência uma etapa do desenvolvimento humano tão intensamente marcada por transformações biológicas, psicodinâmicas e socioculturais, compreende-se as dificuldades implicadas em sua definição. Dificilmente haverá uma formulação *única* do conceito capaz de abranger satisfatoriamente o fenômeno adolescente, cuja complexidade interdisciplinar já fora antecipada desde a notável extensão do título daquela que, publicada em 1904 pelo médico norte americano Granville Stanley Hall, é considerada a obra inaugural sobre a saúde e a psicologia do adolescente²: *“Adolescence: Its Psychology and its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion and Education”*.

Ademais, é preciso reconhecer também que a tanto a adolescência enquanto campo diferenciado de investigação, como a própria *consciência da juventude* – no Ocidente, o sentimento coletivo emergente e o reconhecimento cultural mais difundido do adolescente como grupo social – constituem acontecimentos relativamente novos no século XX, quase sempre datados a partir do período entre as duas grandes guerras mundiais (ARIÊS, 1981; CALLIGARIS, 2000; MELMAN, 2000; OUTEIRAL, 2001a; FREITAS, 2002):

A juventude apareceu como depositária de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade velha e esclerosada. Havia-se experimentado um sentimento semelhante no período romântico, mas sem uma referência tão precisa a uma classe de idade. Sobretudo, esse sentimento romântico se limitava à literatura e àqueles que a liam. Ao contrário, a consciência da juventude tornou-se um fenômeno geral e banal após a guerra de 1914, em que os combatentes da frente de batalha se opuseram em massa às velhas gerações da retaguarda. A consciência da juventude começou como um sentimento comum dos ex-combatentes, e esse sentimento podia ser

² Conforme referido por KNOBEL, 1970 [1995]; CALLIGARIS, 2000; e FREITAS, 2002.

encontrado em todos os países beligerantes (...) (ARIÈS, 1981, p. 46-7).

Reconhecendo, portanto, que em sua contemporaneidade a adolescência constitui um tema que “requer ainda muitas teorizações” (OUTEIRAL, 2001a, p. 19), para os propósitos deste estudo tomarei como *ponto de partida conceitual* uma outra definição, proposta pela mesma OMS, cuja formulação desta vez contempla a *puberdade* sem entretanto deixar de sinalizar para alguns aspectos psicossociais e socioculturais indispensáveis ao conceito de *adolescência*:

Tempo de transição da infância à vida adulta, durante o qual os jovens experimentam as mudanças que se seguem à puberdade, mas não imediatamente assumem os papéis, privilégios e responsabilidades da vida adulta. (WHO, 2003b. Traduzido por mim)³

No contexto da literatura psicanalítica sobre o tema, duas outras proposições de *adolescência* serão ainda referidas nas próximas seções.

1.3.1.2- Metamorfose puberal e reorganização pulsional: a adolescência “normal”

Em 1905 Sigmund Freud publica o relato clínico do tratamento psicanalítico de uma paciente de 18 anos que ficou conhecido como o “Caso Dora” (FREUD, 1905 [1986a]). O tema abordado, porém, focalizou mais a neurose histérica desta paciente que sua adolescência – se bem que, para os padrões culturais daqueles tempos seria talvez difícil considerar *Dora* como “adolescente”. Nesse mesmo ano são publicados os “Três Ensaio de Teoria Sexual” (FREUD, 1905 [1986b]), o terceiro dos quais (intitulado “As Metamorfoses da Puberdade”) representa o marco inaugural do pensamento psicanalítico sobre a adolescência.

³ “Adolescence is a time of transition from childhood to adulthood, during which young people experience changes following puberty, but do not immediately assume the roles, privileges and responsibilities of adulthood”, conforme a citação original em inglês na página da WHO na Internet.

Sabe-se, entretanto, que os complexos processos de subjetivação vivenciados pelo sujeito adolescente não constituíram tema particularmente merecedor de investigação mais aprofundada por Freud. Como observado por CAHN (1999, p.185), o destaque maior da obra freudiana recaiu sobre o deslocamento pulsional, na *puberdade*, do auto-erotismo para o objeto sob a primazia da genitalidade ⁴. Foi, entretanto, a partir destas concepções pioneiras que outros autores, em momentos posteriores e desde perspectivas teóricas diversas, contribuíram para a ampliação das considerações psicanalíticas sobre a adolescência.

Ressalte-se porém, que a relevância da Psicanálise neste estudo repousará menos em uma suposta (e ilusória) atribuição de sua superioridade em relação a outros Saberes, que no reconhecimento da instrumentalidade privilegiada de sua proposta de “*integrar à psique as dimensões do biológico e do social*” (CAHN, 1999, p. 15). Assim, se desde Freud foram estabelecidos os fundamentos para a crítica às concepções que reduzem *adolescência* à *puberdade*, por outro lado esta dimensão biológica não será negligenciada nestas considerações psicanalíticas a respeito do adolecer, mas reconhecida e integrada, juntamente com a social.

Será portanto nesta perspectiva que o *pulsional*, enquanto dimensão limítrofe entre o corporal e o psíquico (FREUD, 1986i), não apenas demarcará a singular adequação da teorização freudiana neste meu percurso introdutório, como

⁴ Parece-me difícil, entretanto, concordar quando este autor enuncia que “Freud nunca falou de adolescência” (CAHN, 1999, p. 185). Em que pesem as limitações decorrentes das prioridades clínicas estabelecidas em seu contexto histórico, uma *metapsicologia do adolecer*, conquanto embrionária, depreende-se de praticamente toda a extensão cronológica da obra freudiana. Com fins ilustrativos, destaco pela sua relevância para a temática deste estudo o pioneirismo das observações de Freud quanto às ambivalências da família do adolescente em relação ao desprendimento do jovem rumo à sua inserção autônoma na cultura e na comunidade em *Mal-estar na Civilização* (FREUD, 1930 [1986j], p. 101). Também a hipótese freudiana (que, datando dos chamados “tempos pré-psicanalíticos”, foi posteriormente reformulada por Freud) da puberdade como momento particularmente propício para a eclosão da neurose a partir da re-significação *a posteriori* [*nachträglichkeit*] de fantasias infantis assinala, em minha opinião, as dificuldades de sustentação desta afirmação de CAHN.

também se constituirá ferramenta conceitual indispensável, ainda que não exclusiva, para uma articulação teórica referida ao sujeito adolescente.

A referência a este conceito permite primeiramente reconhecer o *púbere* como protagonista inconsciente de uma profunda e desconcertante reorganização de suas antigas pulsões infantis, noção já antecipada por Freud desde aqueles tempos pioneiros:

Com o advento da puberdade se introduzem as mudanças que levam a vida sexual infantil à sua conformação normal definitiva. A pulsão sexual era até então predominantemente autoerótica; agora encontra o objeto sexual. Até esse momento atuava partindo de pulsões e zonas erógenas singulares que, independentemente umas de outras, buscavam um certo prazer em qualidade de única meta sexual. Agora é dada uma nova meta sexual. Para alcançá-la, todas as pulsões parciais cooperam, ao par que as zonas erógenas se subordinam ao primado da zona genital (FREUD, 1905 [1986b], p. 189)⁵

Em seus desenvolvimentos pós-freudianos, o pensamento psicanalítico assinala que tais transformações psíquicas são vivenciadas com *angústia* pelo sujeito adolescente. Com a reorganização pulsional da puberdade, a adolescência revela-se momento particularmente singular, ainda que não exclusivo, para a re-significação *a posteriori* (o *nachträglichkeit* freudiano) de várias vivências infantis (GOIJMAN, 1990; CASTRO, 1997; CAHN, 1999, p. 19;) e assim, como observado também por MELMAN (2000, p. 24), esta idade “é talvez o único momento da vida em que uma experiência é susceptível de vir a modificar o fantasma que tinha sido instalado na sua infância”.

Estes rearranjos de processos inconscientes, juntamente com as drásticas mudanças corporais experimentadas, representam para o sujeito adolescente profundas perdas, as quais desencadeiam lutos tão inevitáveis quanto

⁵ Salvo indicação em contrário, as citações de textos de Freud neste trabalho serão traduções feitas por mim da versão em espanhol (traduzida diretamente do original em alemão) das Obras Completas de Sigmund Freud, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1986.

normais ao seu adolecer. Assim, na concepção de ABERASTURY e KNOBEL (1975), ao *luto pela perda do corpo infantil* somam-se o *luto pela perda da identidade e dos papéis infantis* e o *luto pelos pais idealizados de sua infância*, os quais constituem o fundamento psíquico latente desta etapa, e cuja configuração manifesta assume os moldes de uma verdadeira *Síndrome Normal da Adolescência* (ABERASTURY e KNOBEL, 1970 [1995]). Na descrição original formulada por estes autores, esta “síndrome” engloba sinteticamente os seguintes aspectos: (1) busca de si mesmo e da identidade; (2) tendência grupal; (3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; (4) crises religiosas que podem ir do mais intransigente ateísmo até o misticismo mais fervoroso; (5) o pensamento adquirindo características do processo primário; (6) evolução sexual manifesta do autoerotismo à heterossexualidade genital adulta; (7) atitude social reivindicatória com variadas intensidades de tendências anti-sociais; (8) contradições sucessivas nas manifestações da conduta, dominada pela ação; (9) separação progressiva dos pais e (10) constantes flutuações do humor e do estado de ânimo.

Considerada do ponto de vista destas múltiplas e entrecruzadas dimensões, aquela primeira definição de adolescência adotada na seção anterior encontra agora um interessante contraponto na seguinte formulação, proposta por CAHN (1999, p. 15), a qual tomo como um *segundo ponto de partida* para o desafio de sua conceituação:

A adolescência constitui este tempo em que a conjunção do biológico, do psíquico e do social remata a evolução do homenzinho, em seu longo caminho de recém-nascido a adulto

1.3.1.3- Adolescência como etapa transicional e moratória psicossocial.

O modo de vida em comum, que é o mais antigo filogeneticamente e o único existente na infância, se defende de ser sobrepujado pelos modos de convivência cultural de aquisição mais tardia. Separar-se da família torna-se uma tarefa com que cada jovem se defronta.

A adolescência, enquanto fase cronologicamente subsequente à infância, representa também um período de transição da vida humana em que uma certa *continuidade dos fenômenos infantis* pode ser observada tanto quanto uma relativa *antecipação das características do adulto* que está por vir. Assim, WINNICOTT (1963a [1993a]; 1963b [1993b]; 1968 [1994]) concebe o adolescente como um sujeito que, tendo já passado pelas fases *dependência absoluta* (iniciada nos primeiros momentos de vida do bebê) e de *dependência relativa* (na primeira infância e latência), encontra-se agora na etapa denominada por este autor como “*rumo à independência*” (1963a [1993a], p 119).

Nesse percurso, o caráter *transicional* de suas identificações com a vida social pode ser reconhecido na medida em que a sociedade representa, para o adolescente, “*tanto uma mostra do mundo pessoal do self quanto uma mostra dos fenômenos verdadeiramente externos*” (WINNICOTT, 1963a [1993a], p. 119). O *ambiente facilitador*, outrora mais restrito à mãe e à família nuclear, é agora também estendido para os espaços sociais que, “*em círculos crescentes*” (idem, p. 119), vão sendo incorporados pelo adolescente em seu cotidiano:

Na prática vemos nossos adolescentes passar de um agrupamento a outro, ampliando continuamente o círculo e incluindo os fenômenos novos e cada vez mais estranhos que a sociedade gera” (idem, idem).

Esta noção de *continuidade*, na adolescência, dos fenômenos transicionais originalmente infantis revela-se útil para a compreensão do importante papel exercido pelos pais e pelo contexto social imediato no amadurecimento saudável do adolescente. A notável abreviação do período de latência observada em nossos dias, a extinção na atualidade ocidental de rituais simbólicos de passagem da infância para a adolescência e vida adulta, a modificação dos padrões de convivência familiar e de exercício do cuidado e da autoridade parental, são apenas alguns exemplos de fenômenos social e

culturalmente impostos os quais, acometendo o suporte relacional íntimo para a transicionalidade adolescente, repercutem significativamente em sua psicologia e indicam pistas para a compreensão de sua eventual psicopatologia. Como observado por CAHN (1999, p. 22):

O papel deste espaço transicional necessita, também ele, ser levado em conta, mas em seu contexto atual: o adolescente de hoje se vê desprovido dos rituais de iniciação que o integram a seu lugar próprio na ilusão transicional das crenças comuns ao grupo, a sua família e a ele mesmo, e, por isso, obrigado a forjar para si seu próprio mito pessoal a partir do que ele utilizará para este fim no mundo externo.

Segundo o grau de confiabilidade ou, ao contrário, de carência do objeto interno e externo, condição de seu desenvolvimento ou de seus fracassos, veremos assim se desdobram as diferentes figuras desta área transicional em suas crenças, seus engajamentos, suas criações, seus atos, na busca do sentido a dar à vida, no lugar a encontrar no *socius*, até suas mais patológicas expressões, em sua distorção de forma fetichista na droga e nos *actings*, ou delirante na psicose (itálicos como no original).

Percebe-se, dessa forma, que para o sujeito adolescente essa transição longe está de constituir-se etapa tranqüila. Suas exigências de maior liberdade, seus questionamentos em relação aos papéis parentais e sua rebeldia típica formam apenas uma das faces do processo transicional do adolescer, cujo contraponto latente encontra-se nas muitas angústias relacionadas aos processos de separação e diferenciação do ambiente familiar que ele próprio demanda. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que os adolescentes criticam e hostilizam seus pais, sentem-se inseguros longe da família (KNOBEL, 1970; ABERASTURY, 1980; LEVISKY, 1998; OUTEIRAL, 1994). É com ambivalência, portanto, que constituem suas novas identificações e idealizações nas imagens e objetos encontradas no *socius*.

Da perspectiva de sua inserção na sociedade e cultura, a transição do adolescente pode ser considerada como uma *moratória psicossocial*, expressão

proposta por ERICKSON (1968) para assinalar a adolescência como *segundo período de espera*, após a fase de latência que demarcou (do ponto de vista da Psicanálise), os últimos anos da infância. Este conceito revela-se útil para compreender a importância que terá, para a própria formação da sua identidade, o *reconhecimento* do sujeito adolescente pelo meio social e cultural no qual se encontra inserido:

Se (...) falamos da resposta da comunidade à necessidade do indivíduo jovem de ser “reconhecido” pelos que o cercam, significamos algo que excede o mero reconhecimento de uma realização individual; pois é de grande importância para a formação de identidade do indivíduo jovem que lhe respondam e lhe confirmem *status* e função como uma pessoa cujo crescimento e transformação graduais fazem sentido para aqueles que começaram fazendo sentido para ele. Não foi suficientemente reconhecido na Psicanálise que tal reconhecimento fornece um apoio inteiramente indispensável para o ego nas tarefas específicas do processo adolescente (...) (ERICKSON, 1968, p. 156-7. Itálicos como no original)

Posteriormente, outros autores retiveram o conceito proposto por ERICKSON para articulá-lo teoricamente com suas próprias contribuições. Do ponto de vista psicanalítico, por exemplo, ABERASTURY (1980) percebe a moratória psicossocial como o “*conteúdo manifesto de uma situação muito mais profunda*” (p. 16), na qual a própria criança ganharia o tempo necessário para avançar nos seus processos de conformação corporal. Na Pedagogia, os benefícios potenciais para o adolescente deste momento de espera são também reconhecidos por PAROLIN (2001):

O indivíduo adulto, em nossa cultura, se caracteriza pela possibilidade de constituir família, pela autonomia financeira, pelo acesso pleno às responsabilidades civis e ao código de comportamento adulto. (...)

A adolescência (...) surge como uma espécie de moratória, a partir da infância. uma moratória necessária, já que vivemos

numa sociedade em que os papéis parentais não estão bem definidos, o conceito de família se transforma e a escola busca novos modelos vinculares (p. 120).

Em que pese minha concordância quanto aos efeitos salutareos do oferecimento deste *ganho de tempo* para o adolescente, no entanto, há que se recordar que é justamente a *duração* desta moratória psicossocial que revelará alguns dos impasses e contradições socioculturais da atualidade. Especialmente a partir de uma idealização da juventude por parte da geração adulta (ARIÈS, 1981; LEVISKY, 1998; CALLIGARIS, 2000; CORSO, 2000; OUTEIRAL, 2001a e 2001b), o adiamento do reconhecimento simbólico do adolescente constituiu uma adolescência cujos limites temporais hoje parecem absolutamente indefinidos, e o “*acesso ao estágio adulto mostrou-se cada vez mais com o assintótico, de tal modo que, em pouco, se impôs a noção de pós-adolescência*” (CAHN, 1999, p.15). Alguns parágrafos de alguns destes citados autores assinalarão, em *collage*, esta adolescência idealizada na atualidade:

Daí em diante, a adolescência se expandiria, empurrando a infância para trás e a maturidade para a frente. Daí em diante, o casamento, que não era mais um “estabelecimento”, não mais a interromperia: o adolescente-casado é um dos tipos mais específicos de nossa época: ele lhe propõe seus valores, seus apetites e seus costumes. Assim, passamos de uma época sem adolescência a uma época em que a adolescência é a idade favorita. Deseja-se chegar a ela cedo e nela permanecer por muito tempo (ARIÈS, 1981, p. 47)

A postergação do início da vida adulta, o tão comentado prolongamento da adolescência, traduz-se em uma procrastinação da tomada de decisões, da realização de escolhas. O adolescente trintão arrepia na hora de formalizar uma relação amorosa, entra em pânico frente à idéia de paternidade, namora a troca de profissão e gosta de pensar que está recém começando. É em suma um inibido (CORSO, 2000, p. 122)

Hoje a adolescência se alonga cada vez mais, ocorrendo, inclusive, a *adulescência* – termo que designa o ideal de *ser adolescente para sempre* –, em que os adultos têm condutas adolescentes e faltam padrões adultos para os “verdadeiros” adolescentes se identificarem. (OUTEIRAL, 2001a, p. 24)⁶

Este último autor assinala, ainda, que os limites da adolescência andam sendo recuados também, especialmente a partir dos efeitos encurtadores da latência que a maciça exposição a temas outrora mais “adultos” (a banalização das imagens de sexo e violência nos meios de comunicação, por exemplo). Para OUTEIRAL (2001), portanto, observa-se que, *“num contraponto à invenção da infância pela modernidade, temos hoje, a ‘des-invenção’ da infância pela pós-modernidade”* (idem, p. 21), com evidentes e preocupantes repercussões para o desenvolvimento psicosssexual e psicossocial do adolescente.

Neste momento, consideradas esta moratória psicossocial e as ambivalências da geração adulta em relação à transicionalidade adolescente, um *terceiro conceito de adolescência* pode ser assinalado a partir da proposição de MELMAN (2000, p 21):

O adolescente é um indivíduo que atingiu a maturidade e em quem esta maturidade não é reconhecida simbolicamente como tal.

1.3.1.4- A crise dos pais na adolescência dos filhos

Na mesma medida que biológico e psíquico são indissociáveis no conceito psicanalítico de pulsão, uma compreensão psicanalítica ancorada neste conceito necessariamente considerará as dimensões biológicas e psíquicas das transformações da adolescência não somente inseparáveis entre si, mas também

⁶ OUTEIRAL recorda ainda em outro texto (2001b, p. 110) que a expressão “adulescência” resultante da fusão, em inglês, das palavras “adult” e “adolescent”, foi incluída como verbete no *New Oxford Dictionary* e mereceu matéria no caderno “Mais!” da Folha de São Paulo de 20/09/1998.

indissociáveis do contexto familiar, social e cultural no qual o sujeito adolescente está inserido em sua metamorfose puberal.

No cenário familiar, portanto, a metamorfose puberal revelar-se-á igualmente impactante e ansiógena, ainda que nem sempre plenamente consciente para os pais. Uma vez que não somente o *corpo*, mas sua própria *identidade* – tomada em seu “todo” biopsicosocial – encontra-se em transformação, este adolescente *normal* não somente sofre os impactos de sua metamorfose, com também modificará os padrões de sua convivência com os demais protagonistas de seus núcleos familiar e social.

Assim, com o advento da plenitude sexual orgânica e pulsional, o Édipo será revivido intensamente pelo adolescente, mas à escolha do objeto exogâmico (que para nosso jovem de hoje pode acontecer tanto no *ficar* como no *namorar*, desde que uma gravidez adolescente não lhe imponha a opção muitas vezes compulsória de se *casar*) agora se interpõe o risco mais factível do incesto, cuja necessidade de proibição passa a ser então *real* (FREUD, 1912 [1986c]; WINNICOTT, 1968 [1994]; KNOBEL, 1970 [1995]; ABERASTURY, 1980; EIGUER, 1985).

A hostilidade *aos* pais e *dos* pais, típica dos conflitos entre adolescentes e adultos, nesta perspectiva edípica, pode também ser compreendida como a exteriorização de primitivas rivalidades para com o rival do sexo oposto. WINNICOTT (1968 [1994]), ao comparar as fantasias dos meninos adolescentes com aquelas típicas de sua infância, assinala (p.186):

Se na fantasia do primeiro crescimento há um conteúdo de *morte*, na adolescência o conteúdo será de *assassinato*. Embora o crescimento no período da puberdade avance sem grandes crises, pode ser que seja necessário enfrentar problemas agudos de serem manejados, dado que crescer significa ocupar o lugar do pai. *E significa deveras*. Na fantasia inconsciente, o crescimento é intrinsecamente um ato agressivo (itálicos como no original).

Os complexos processos de luto e correspondentes conflitos e mecanismos de defesa vivenciados internamente pelo sujeito adolescente, traduzem-se externamente em comportamentos e atitudes dirigidas aos demais membros da família, dos quais ainda não se emancipou. LEVISKY (1998) recorda a intensidade com que essa exteriorização de conflitos pode se manifestar:

Durante o período crítico, o comportamento do adolescente torna-se freqüentemente impulsivo, agressivo, instável e contraditório. Arrogância, prepotência, turbulência, revolta, desafio à autoridade dos pais e à sociedade adulta e organizada também são manifestações presentes e conseqüentes à fragilidade do ego, à intensidade da vida pulsional, às reformulações do superego e do ideal de ego.

As bruscas oscilações do humor e atitude dos filhos adolescentes, reflexos manifestos de suas inquietações inconscientes, representam então particular desafio também para seus pais, cujo enfrentamento e compreensão revela-se, na opinião de ABERASTURY, crucial para que a elaboração psíquica dos conflitos dos filhos seja facilitada:

Os pais vêem-se exigidos a aceitar a flutuação chamativamente polar entre dependência – independência, refúgio na fantasia – afã de crescimento, aquisições adultas – refúgio em ganhos infantis. Se não conseguem adaptar-se a estas oscilações, os pais dificultam o trabalho de conflito de seus filhos, no qual são necessários permanentes ensaios e provas de perda e recuperação. (1980, p. 27)

Os níveis de ansiedade, estado de humor, agressividade e sexualidade do adolescente fazem também oscilar, muitas vezes com uma imprevisibilidade também desconcertante, aqueles que estão à sua volta e com quem o adolescente se inter-relaciona; ao mesmo tempo em que reclama sua autonomia e individualidade, prossegue sua dependência à família da infância (LEVISKY, 1998, pp. 146-147).

Ainda na opinião deste autor, a chamada “crise da adolescência”, estabelece desta forma uma nova e inevitável “conjuntura existencial” (idem, p.

153) para os demais membros da família, notadamente os pais, mesmo quando uma convivência mais ou menos harmoniosa com seus filhos aparentemente prevaleça. Para os pais, é inevitável que sentimentos de angústia, preocupação, desconcerto ou culpa diante do filho adolescente se alternem, de maneira nem sempre previsível, aos momentos de maior gratificação afetiva proporcionada pelo reconhecimento da autoridade parental por parte dos filhos ou quando estes correspondem às expectativas dos pais em relação às tarefas escolares e outras responsabilidades que lhe são atribuídas. Nesse turbulento contexto, freqüentemente momentos de caos e ordem aparentes se sucedem e se superpõem de forma “inexplicável” para os perplexos pais de adolescentes.

Ao complexo processo de *luto da adolescência normal*, portanto, corresponde um não menos complexo processo de *luto parental na adolescência normal* dos filhos em decorrência da perda irreparável, tanto daquela criança que seu filho está deixando de ser, como da identidade embasada pelos seus antigos papéis. LEVISKY (1998) assinala esta importante noção:

Essa nova conjuntura existencial remete os pais a uma reativação crítica do processo de identificação. Aspectos de sua identidade, que ocuparam um período significativo de suas vidas, passam por um processo de luto. É a perda da função parental infantil, do corpo adulto, enquanto a questão da temporalidade adquire outras dimensões (p. 153).

Este aspecto é também contemplado por EIGUER (1985), autor que esquematiza este processo desdobrando em quatro categorias o luto dos pais na adolescência dos filhos:

A instalação definitiva no presente estágio passará, com maior ou menor harmonia, pela constatação da perda do antigo modelo perceptual (identidade) e relacional. Os pais, como o adolescente, são confrontados com a *reformulação necessária do vínculo de assimetria, com a renúncia à imagem do filho conformista, o luto pela dependência infantil e o reconhecimento da necessidade recíproca de autonomia* (p. 77; itálicos como no original)

Também do ponto de vista da transicionalidade e da moratória psicossocial, a chegada dos filhos à adolescência inaugura uma nova etapa na dinâmica familiar, com implicações particularmente desafiadoras para pais e mães. Se ao longo da infância os papéis parentais adquiriram contornos mais ou menos estáveis e definidos, nesse momento as novas demandas de liberdade e autonomia crescentes que começam a ser vivenciadas pelo sujeito adolescente repercutem intensamente na vivência familiar, demandas estas que já não se enquadram tão facilmente no anteriormente estabelecido interjogo pessoal, afetivo e hierárquico de relações. Para os pais o fim do período infantil de latência evidencia-se como o momento de em que sua *ex-criança* começa a escolher suas novas e próprias amizades, a querer sair sem a companhia dos pais, a voltar mais tarde das festas e encontros com a “*turma*”. Descobrir um preservativo na carteira do filho, ou pior, que a filha já “ficou”, pode ser uma experiência embaraçosa para pais e mães de adolescentes, aos quais impõe-se de forma imperativa a tarefa de defrontar-se com a natural e inevitável necessidade de desprendimento dos seus filhos:

Os pais que haviam sustentado os processos de integração e provido as necessidades de seu filho-a se encontram frente ao fato de que a resolução das necessidades que apresenta seu filho-a não pode ser coberta por eles. Os filhos devem achar fora da família a resolução de sua demanda interna, seus impulsos sexuais rumo à exogamia e à heterossexualidade. E os pais têm que aceitar o desprendimento. A irrupção da adolescência dentro de um grupo familiar estabelece uma fronteira natural ao interjogo entre seus membros. Neste período a pulsão sexual não admite outro caminho que a resolução. (PÉREZ, 1998, pp. 40-41)

A adolescência dos filhos, portanto, não se trata de um processo tranqüilo ou percebido como normal pelos pais, nem é somente o adolescente que vivencia ambivalências e angústias – “*quando um grupo familiar tem um filho que se torna adolescente, este grupo como um todo ‘adolesce’*” (OUTEIRAL, 1994, p. 17)

Perplexidade, raiva, incompreensão, reputar o filho como “irresponsável” ou “desobediente” (EIGUER, 1985, p. 76), rotulá-lo de “aborrecente”, angústia, desconcerto, refletem as reações tipicamente referidas na literatura e por demais conhecidas por tantos quantos se dediquem à atenção profissional a pais de adolescentes. Nas palavras de ABERASTURY:

Neste período de transição, o adolescente flutua entre sua necessidade de solidão e de comunicação, entre sua idéia de bondade e de maldade, de egoísmo e de altruísmo, de ascetismo e de sexualidade, de tendência à sujeira e prurido de limpeza e elegância. Na realidade, nele tudo é também o oposto.

Em todo este conflito interno, enfrenta na realidade o mundo do adulto que, ao sentir-se atacado, julgado, molestado e ameaçado por esta onda de crescimento, costuma reagir com total incompreensão, com rechaço e com reforço de sua autoridade (1980, p. 231)

Tais angústias e defesas parentais podem também se manifestar de outras formas. Por maior que seja sua dedicação aos filhos, os pais não somente pensam que *não sabem o que fazer*, mas *pensam também que alguém saberá*. Por isso não raramente sua angústia assume a forma de uma demanda que os remete ao mestre que lhes diga o que fazer ou como agir com seus filhos, papel tantas vezes encarnado pelos “especialistas encarregados de reeducar terapeuticamente a família” (COSTA, 1983, p. 16). A notável profusão com que livros e revistas sobre temas como drogas, sexualidade e educação dos filhos são publicados e matérias congêneres são *espetacularmente* disponibilizadas pelas mídias televisiva e impressa parece sempre disposta a atender – e também criar – tais demandas.

LEVISKY (1998) aponta que, em outro extremo, as angústias e impotências parentais podem refletir-se em verdadeiros abandonos, seja através do refúgio nas atividades de trabalho para escapar às manifestações depressivas, seja através da identificação maciça com a própria adolescência dos filhos, nos quais passam a se espelhar. Em qualquer das situações observa-se como que uma

silenciosa recusa do exercício da efetiva autoridade parental e da imposição de limites.

Na medida em que a transição da criança ao adulto desperta também ambivalências e angústias nos seus pais, estes freqüentemente relutam em aceitar o amadurecimento dos filhos, agora evidenciado pela ampliação de seu círculo de relações grupais e sociais. Neste momento em que as saídas à noite começam a ocorrer os pais descobrem que nem todos os membros do grupo de amizades do filho ou os lugares que este freqüenta são conhecidos. A nova cartografia estabelecida por suas relações extrafamiliares reflete seu espaço mental em ampliação e, ao mesmo tempo, modifica a geografia interna das relações domésticas. Perguntas até então inéditas começam a surgir:

A questão de espaço mental introduz novas questões relacionadas à geografia das relações. Surge a necessidade de redefinição dos limites desses espaços nos pais, nos filhos e no espaço inter-relacional. O que é privativo e o que é familiar? até onde o interesse dos pais pelos filhos se choca com o fato de o filho sentir-se invadido? Ou, quando o interesse camufla o desejo de controle de um sobre o outro? (LEVISKY, 1998, p. 150).

Mais adiante este autor assinala que os desdobramentos da sexualidade adolescente acrescentam ainda mais perguntas a esta lista:

Um dia o(a) filho(a) comunica que não virá dormir em casa, que vai viajar, ou que chegará às 11 da noite e às 4 da manhã a cama está vazia, ou tem-se a surpresa de que a compartilha com uma agradável companhia. Que fazer? Como se colocar? Qual é o espaço e o limite de cada um? E os valores? E a moral? Talvez nessa hora os pais se perguntem: o que é ser pai ou mãe de um(a) adolescente? Qual é sua função e quais são seus posicionamentos? Penso que ninguém em nossa sociedade e cultura escapa desse processo, nem tem uma resposta pronta e universal (idem, idem, p. 152).

Penso, em concordância com este e os demais autores citados, que a construção de respostas para estas perguntas, potencialmente infinitas,

difficilmente será tarefa isenta de ambivalências e angústias, tanto para os filhos como para seus pais.

PINCUS e DARE (1987) recordam a possibilidade de que estas ambivalências parentais tenham suas raízes nas dificuldades enfrentadas pelos pais em seus próprios processos de crescimento, abrindo-nos a oportunidade de recordar que os pais de adolescentes, que um já foram jovens, são agora secretamente confrontados com o vigor físico e a plenitude estética evidenciados pela imagem dos corpos e movimentos dos seus filhos.

Assim, como se não bastassem estes desafios relativos ao impacto das transformações pulsionais e do movimento rumo à independência por parte dos filhos durante a transicionalidade adolescente, há que se recordar ainda que a adolescência dos filhos coincide com um momento não menos delicado do ciclo vital natural de seus pais. Afinal, este é o momento em que estes em geral estão vivenciando *sua própria transição em declínio*, da vida adulta para o envelhecimento que se aproxima:

Adolescência, na nossa cultura, é assim: desperta variados sentimentos, entre eles a inveja. Por exemplo, o adolescente fala do futuro, e os pais têm um discurso cada vez mais centrado no passado. O adolescente “fica”, envolvendo-se ora com um, ora com outro parceiro, como é natural nesta etapa, e o adulto não pode “ficar” de uma forma tão “simples” como seu filho. O adolescente tem um crescente desempenho físico enquanto os pais começam a sentir “o peso dos anos”. Estes são apenas alguns exemplos da “inveja” que o adolescente poderá despertar no adulto (OUTEIRAL, 1994, p. 17. Aspas como no original).

As repercussões narcísicas deste momento para os pais e mães podem ser contundentes também na opinião de LEVISKY (1998, p. 153-4):

Alguns pais vivem esse processo complexo de forma mais amena, outros em verdadeira crise de “envelhecimento”. Nessas situações, os sentimentos narcísicos e onipotentes dos pais tendem a vir à tona, no sentido de manter um controle sobre os

filhos ou de fazer prevalecer suas idéias e as projeções de seus desejos em relação a eles. (...) todo esse processo é dialético, no sentido de encontros e desencontros, admiração e ódio. Entre o desejo de ver os filhos crescidos e independentes versus a perda dos filhos da infância. entre a admiração e orgulho pelo corpo do(a) filho(a), suas habilidades físicas e mentais e a contraparte da inveja e ciúmes, associada à crua realidade da percepção de que se está sendo superado (aspas como no original).

A metamorfose puberal, a transicionalidade adolescente e as dificuldades próprias do momento de vida dos pais assinalam, assim, a delicadeza e complexidade do desafio a ser superado por estes na adolescência de seus filhos, e permitem antever as intensas ambivalências, nem sempre conscientes, vivenciadas no grupo familiar em que o adolecer acontece.

Mais do que tachá-la projetivamente de “idade difícil”, portanto, impõe-se reconhecer, novamente com ABERASTURY (1980), que “*são as **dificuldades do adulto** para aceitar a maturação intelectual e sexual da criança o que leva a qualificar a adolescência de idade difícil, esquecendo de apontar que é difícil para ambos, filhos e pais*” (p. 17. Negritos meus.).

1.3.2- Adolescência e Drogas

1.3.2.1- Abuso de drogas: um problema de proporções globais

Segundo o *World Drug Report* publicado em 2000 pela Organização das Nações Unidas (ONU), “*o abuso de drogas é um fenômeno global. Dificilmente existe algum país no qual ele não ocorra*” (UNODCCP, 2000, p. 55). Somente nos Estados Unidos da América os dados referentes ao ano de 1997 (UNIDCP, 1977) permitiram estimar uma população superior a 24 milhões de usuários de drogas, não considerados o tabaco e o álcool.

Embora existam particularidades específicas em cada país quanto à extensão e características do problema, algumas tendências de abuso, especialmente entre as populações jovens, parecem apresentar sinais de convergência importantes nas últimas décadas. Assim, ainda de acordo com este *World Drug Report 2000*, enquanto a maconha (na forma da própria erva ou de haxixe) é a droga ilícita mais disseminada e consumida mundialmente, o abuso de determinadas substâncias tende a concentrar-se em regiões mais ou menos específicas: opiáceos na Ásia e Europa, cocaína nas Américas e drogas sintéticas (notadamente anfetamínicos e benzodiazepínicos) na Europa. Além das facilidades

do acesso a determinadas drogas e dos aspectos culturais mais ou menos comuns a cada região, o relatório assinala que fatores sócio-econômicos interferem na distribuição geográfica das tendências de maior consumo das diversas substâncias psicoativas.

Quanto à população estudantil mundial, uma revisão da literatura abrangendo levantamentos realizados em 20 países (COTRIM, 1991) evidenciou que as quatro drogas mais consumidas (*uso na vida*) em várias partes do mundo são basicamente as mesmas: maconha, estimulantes/anfetamínicos, inalantes e tranqüilizantes/ansiolíticos. Outras drogas aparecem com cifras mais discretas, salvo exceções como os Estados Unidos e Portugal (cocaína) e Luxemburgo e Irlanda (alucinógenos). A autora apontou tendências de aumento desta modalidade de uso em cinco países pesquisados (Brasil, França, Portugal, Itália e Grécia), e de diminuição em dois países (Estados Unidos e Canadá). Nos demais países estes dados estavam indisponíveis ou evidenciaram manutenção dos padrões de consumo.

Há que se considerar, entretanto, que estudos epidemiológicos a respeito do uso de drogas utilizam fundamentalmente questionários auto-aplicados para sua consecução, os quais freqüentemente apresentam limitações importantes, especialmente com respeito às dificuldades de obtenção de instrumentos validados para mensurar um “hábito estigmatizado e ilegal” (TAVARES et al., 2001, p. 156). MUZA et al. (1997a) recordam ainda que, além da elaboração do instrumento de pesquisa, a escolha da população-alvo e a forma de apresentação de resultados comumente limitam o alcance e a comparabilidade dos dados obtidos em distintos levantamentos.

CARLINI-COTRIM (1991) também concorda que limitações dessa natureza impõem indispensáveis cautelas para a interpretação dos dados obtidos em inquéritos sobre consumo de drogas, especialmente nas tentativas de comparação dos aspectos transculturais do fenômeno. Exemplifico esta observação citando a pesquisa feita por MIGUEZ e PECCI (1994) entre rapazes de Buenos Aires, que revelou prevalências de uso na vida de maconha (17,2%) praticamente

idênticas (17,4%) às encontradas entre rapazes jamaicanos por SOYIBO e LEE (1999), embora o uso da droga na Jamaica seja particularmente endêmico e fortemente associado a fatores culturais e religiosos.

A estas dificuldades metodológicas devem ser acrescentados os fatores ligados aos aspectos culturais e políticos específicos de cada país ou região. Usando o exemplo do decréscimo do uso na vida de substâncias psicoativas na América do Norte,

CARLINI-COTRIM (1991) conjectura que pode estar ultimamente diminuindo nos Estados Unidos o *relato do uso de drogas*, e não o *uso de drogas* em si, refletindo uma “*política de intolerância crescente por parte da sociedade civil e do Estado em relação ao problema*” (1991, p. 115). Na opinião desta autora, o contrário poderia estar ocorrendo no Brasil, graças a uma

maior abertura para discutir, debater, compreender o consumo de psicotrópicos na sociedade brasileira, associada a uma tendência (mesmo que frágil e discreta) de maior liberalização e respeito aos direitos individuais como um todo. (1991, p.115)

Evidentemente, aspectos psicológicos também podem interferir na fidedignidade dos dados obtidos através de questionários. BAUS et al. (2002) enumeram uma série de motivos inibitórios como autocensura, sentimentos de culpa, erros de memória e receio das autoridades escolares, os quais estariam em jogo no ato do preenchimento dos formulários pelos adolescentes. Conseqüentemente, as prevalências do consumo de drogas obtidas por meio de questionários auto-aplicados podem ser interpretadas como provavelmente *inferiores à realidade*, como observam CARLINI-COTRIM et al. (2000):

a tendência mais provável de viés das informações obtidas seria no sentido de um sub-relato dos comportamentos pesquisados, uma vez que eles são, na ampla maioria dos casos, de natureza íntima e muitas vezes ilegais. (p. 642)

1.3.2.2- Panorama epidemiológico do consumo de drogas entre estudantes adolescentes no Brasil

Antes de 1986 não havia no Brasil pesquisas populacionais que permitissem uma avaliação epidemiologicamente confiável a respeito do consumo de substâncias psicoativas na população brasileira (TAVARES et al., 2001). Até

então, de acordo com BUCHER (1992), boa parte das informações disponíveis sobre o problema fundamentava-se principalmente em dados estatísticos provenientes de ocorrências policiais, hospitalares e de institutos médico-legais. Nesta fase da evolução do conhecimento a respeito do uso de drogas no Brasil as taxas de consumo de drogas detectadas entre estudantes não revelavam proporções alarmantes para o problema (MARQUES e CRUZ, 2000).

Desde então uma nova geração de pesquisas em nosso país vem permitindo a realização de diversos levantamentos locais, regionais e nacionais, conferindo ao Brasil lugar de destaque entre os países latino-americanos quanto à disponibilidade de dados epidemiológicos recentes a respeito do consumo de substâncias psicoativas (BUCHER, 1992). Vários levantamentos, direcionados à população estudantil matriculada na rede pública e privada de ensino fundamental, médio e universitário, vêm permitindo que as dimensões do consumo de substâncias psicoativas entre os adolescentes brasileiros sejam hoje melhor estimadas.

Nestas últimas duas décadas destacaram-se os esforços do CEBRID (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas) para a padronização e publicação periódicas de pesquisas nacionais a respeito do problema no Brasil. Até o momento quatro levantamentos nacionais (nos anos de 1987, 1989, 1993 e 1997) foram realizados em dez capitais brasileiras, baseados em questionários auto-aplicados e anônimos que, adaptados a partir de recomendações formuladas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), tornaram-se referência habitual para pesquisadores do tema. A respeito da inexistência até o momento de um instrumento validado para a realização desse tipo de inquérito, há que se recordar que esta limitação persiste em âmbito mundial, e não somente no Brasil.

Os dados disponíveis permitem afirmar que, no geral, a população estudantil brasileira encontra-se dentro dos padrões verificados em outros países quanto ao *uso na vida* de substâncias psicoativas, conforme assinalado nas revisões

comparativas dos dados internacionais disponíveis realizadas por CARLINI-COTRIM (1991) e por MUZA et al. (1997a). Entretanto, como freqüentemente encontrado nos países do chamado Terceiro Mundo, os solventes ocupam o lugar da maconha como droga mais consumida no Brasil após o tabaco e o álcool, sendo este aspecto também assinalado por CARLINI-COTRIM (1987), CARLINI-COTRIM e CARLINI (1987), CARLINI et al. (1989; 1990; 1996), GODOI et al. (1991) e GALDUROZ et al. (1994 e 1997).

Os dados do IV Levantamento Consumo de Drogas entre Estudantes de 1º e 2º graus em 10 Capitais Brasileiras (GALDUROZ et al., 1997a) revelam que o álcool é a substância psicoativa mais consumida (*uso na vida*) pelos estudantes, com prevalência média de 75,9% no conjunto das dez capitais pesquisadas. A seguir vem o tabaco (32,8%), solventes (13,8%), maconha (7,6%), ansiolíticos (5,8%), anfetamínicos (4,4%), cocaína (2,0%) e, em último lugar, os alucinógenos (0,8%). A prevalência do consumo de drogas em geral foi superior para o sexo masculino (26,8%) em relação ao feminino (22,9%), e em muitos casos a idade do início do consumo de substâncias psicoativas foi bastante precoce, inferior a 12 anos em alguns estudos.

Excluídos o tabaco e o álcool, a média nacional encontrada para o uso de drogas na vida foi de 24,6% dos estudantes, sendo que os resultados comparados dos quatro inquéritos nacionais levados a termo pelo CEBRID detectaram um significativo aumento da tendência de uso na vida para maconha, anticolinérgicos e cocaína, dentre as seis substâncias psicoativas mais utilizadas. A despeito de serem os solventes as drogas mais consumidas (*uso na vida*) em países do terceiro mundo após o tabaco e o álcool, este IV Levantamento do CEBRID revelou que entre os estudantes da rede estadual de Porto Alegre essa posição já passou a ser ocupada de forma inédita pela maconha, como comumente encontrado em levantamentos realizados nos países industrializados. Baseados neste e em outros levantamentos, TAVARES et al. (2001) assinalaram a possibilidade de que uma mudança no padrão de consumo de maconha entre estudantes na Região Sul brasileira esteja ocorrendo.

Com relação ao *uso freqüente* (uso de drogas seis ou mais vezes nos trinta dias que antecederam a pesquisa), a média nacional em 1997 ficou em 3,2%, sendo que, no conjunto das dez capitais brasileiras pesquisadas, uma tendência de aumento desta modalidade de consumo foi detectada para a maconha, ansiolíticos, anfetamínicos e cocaína. E, no caso do chamado *uso pesado* (vinte vezes ou mais no mês), a tendência ao consumo aumentou significativamente em todas as capitais pesquisadas para a maconha, e em oito capitais para o álcool.

Mesmo considerando-se as variações encontradas em alguns dos parâmetros pesquisados, os aspectos gerais desses resultados vêm se confirmando em outras investigações que, empregando instrumentos similares aos empregados pelo CEBRID, foram realizados nos últimos anos em cidades como Ribeirão Preto (MUZA et al., 1997a; 1997b), Cuiabá (SOUZA e MARTINS, 1998), São Paulo (CARLINI-COTRIM et al., 2000), Campinas (SOLDERA, 2001), Pelotas (TAVARES et al., 2001) e Florianópolis (BAUS et al., 2002).

Não existem inquéritos metodologicamente comparáveis aos citados levantamentos que permitam avaliar a situação do consumo de drogas entre os estudantes adolescentes em Londrina (PR), onde foi realizado este estudo. Considerada a terceira maior metrópole da região Sul brasileira, esta cidade no entanto apresenta características sócio-demográficas comuns a outros centros urbanos de médio porte do Sul e Sudeste brasileiros. Situada no norte do Estado do Paraná, encontra-se na mesma Região em que foram realizados quatro dos levantamentos mencionados (Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre e Pelotas) e está geograficamente bem próxima das regiões-sede de outros inquéritos, como o Centro-Oeste e Sudeste.

Parece-me plausível supor, desta forma, que em Londrina os padrões gerais de uso de drogas não devem ser muito distantes da média encontrada em outras cidades brasileiras de médio e grande porte, principalmente se consideradas a relativa homogeneidade dos principais resultados obtidos nos levantamentos citados.

Não desconsidero, entretanto, a possibilidade de que um estudo futuro realizado em Londrina venha a revelar particularidades próprias das características de uso de substâncias psicoativas específicas entre estudantes. Retomarei o tema na seção 3.3.2.

1.3.2.3- Epidemiologia do consumo de substâncias psicoativas entre estudantes brasileiros: algumas observações de relevância para este estudo

A análise pormenorizada do extenso conjunto de indicadores epidemiológicos fornecidos pelas estatísticas de consumo de substâncias psicoativas averiguadas nestes levantamentos escapa aos objetivos desta revisão. Assinalarei sinteticamente, no entanto, algumas particularidades de evidente interesse para o enfoque proposto ao tema neste estudo.

Primeiro, os dados disponíveis corroboram a idéia geral de que o uso de drogas entre estudantes adolescentes apresenta importantes proporções epidemiológicas na atualidade brasileira. O tema é relevante *de fato*. No entanto, nem sempre os parâmetros epidemiológicos justificam certas crenças freqüentemente encontradas no senso comum e alardeadas nos meios de comunicação. Por exemplo, a cocaína, que já foi comercializada livremente no Brasil até os anos 1920 (CARLINI et al. 1996; PASSETTI, 1991), esteve praticamente ausente das manchetes jornalísticas até a segunda metade da década de 1980, quando a droga passou novamente a receber destaque nos meios de comunicação. No entanto, já em 1996 estes autores advertiam:

Esta relação da cocaína com mortes, de considerá-la como droga diabólica, promovida por agentes do mal (...) ganha então grande relevância, graças sobretudo à droga ter se transformado em um sério problema de saúde pública nos Estados Unidos. A grande influência cultural exercida por este país sobre o Brasil fez com que toda nossa atenção fosse focalizada na “droga-problema americana”. Assim, *mesmo sem nenhum dado epidemiológico que justificasse*, a cocaína passou também a ser considerada como a droga problema nº 1 do Brasil (CARLINI et al., 1996, p. 232. Negritos e itálicos meus)

Segundo, o notável hiato entre os dados relativos ao *uso na vida* (média nacional de 24,7%) e o *uso freqüente* (3,3%) de substâncias psicoativas (excluídos o tabaco e álcool) entre os estudantes brasileiros evidencia que, enquanto certamente a maioria dos adolescentes experimenta drogas alguma vez na vida, é somente uma minoria destes que desenvolverá o uso freqüente ou a dependência. Estas observações corroboram o pensamento de autores clássicos sobre o tema, do ponto

de vista da Psicanálise, os quais assinalam a insuficiência da *droga em si* para gerar a adicção e que para a emergência do adolescente dependente é necessário que a *droga* (a capacidade desta para promover sensações de prazer ou alívio sintomático e induzir dependência) seja encontrada pelo *indivíduo* (em quem aspectos psiquiátricos e psicodinâmicos convergem para algumas conformações psicopatológicas observáveis em dependentes) e em determinado *meio familiar e social* (incluídos nesta dimensão desde aspectos socioculturais da atualidade até algumas características da configuração familiar do jovem dependente) (ROSENFELD, 1972; OLIEVENSTEIN, 1985; OLIEVENSTEIN et al., 1989; POULICHET, 1990; KNOBEL, 1992; KNOBEL, 1997; KALINA et al., 1999; KALINA, 2001).

Terceiro, as drogas de fato mais consumidas (o tabaco e o álcool) são de uso legal. Porém, ainda que não sejam inofensivas para a saúde individual ou pública, não são as que mais recebem atenção na mídia impressa e televisiva. Este aspecto é ainda mais chamativo no caso dos ansiolíticos e anfetamínicos, cujas prevalências de consumo entre os jovens aproximam-se ou mesmo superam as da maconha (tanto para uso na vida como para uso freqüente), mas com o agravante de contar com a participação da indústria de medicamentos, dos estabelecimentos comerciais farmacêuticos ou mesmo da classe médica.

Quarto, em todos os levantamentos citados a superior prevalência do sexo masculino sobre o feminino quanto ao consumo de drogas em geral, inverte-se no caso do uso destes medicamentos, que vêm sendo utilizados pelas meninas em proporções iguais ou maiores que os meninos. As possíveis relações desse dado com os padrões estéticos de magreza divulgados pela mídia e também transmitidos de mãe para filha, bem como com a tendência de imitação do comportamento adulto – inclusive a automedicação – já foram assinaladas por outros autores (BAUS et al., 2002; CARLINI-COTRIM et al., 2000; TAVARES et al., 2001).

Finalmente, observa-se que o consumo de álcool e também das chamadas drogas ilícitas é maior entre estudantes de melhor condição sócio-cultural. É geralmente consensual entre os pesquisadores a correlação deste dado,

que fora antecipado por BUCHER (1992) a partir dos resultados dos dois primeiros levantamentos nacionais do CEBRID, às facilidades de acesso às drogas permitidas pelas condições financeiras destes adolescentes. Veremos, porém (seção 1.3.2.4), que outros aspectos merecem ser considerados a respeito.

1.3.2.4- Um mal estar na cultura: consumo de drogas numa sociedade de consumo

De surpresa de descobrir uma alma insuspeita, fiquei com os olhos cheios de água, na verdade eu chorava. Percebi que meu filho, quase uma criança, notara, expliquei: estou emocionada, vou tomar um calmante.

E ele: Você não sabe diferenciar emoção de nervosismo? Você está tendo uma emoção.

Entendi, aceitei, e disse-lhe: Não vou tomar nenhum calmante.

E vivi o que era para ser vivido.

CLARICE LISPECTOR, A descoberta do mundo.

(LISPECTOR, 1968 [1999], p. 138)

Como articular os dados epidemiológicos, brevemente mencionados acima? Muitos caminhos são possíveis, e dentre os que me parecem pertinentes aos propósitos desta revisão talvez seja interessante acatar aquele cuja sugestão pode ser inferida pelo anteriormente citado relatório da OMS, o qual em 1981 já advertia:

(...) não basta examinar isoladamente as atitudes do usuário de drogas quando se elaboram estratégias preventivas, senão que também é de suma importância considerar muitas outras influências que exerce a sociedade sobre o consumo de drogas e que muito apropriadamente deveriam ser objetivos da ação preventiva. (...) Definitivamente, o consumo de drogas é uma atividade pessoal, mas **determinada ou influída por todo gênero de acontecimentos que só podem ser**

compreendidos no contexto social e aos quais só é possível enfrentar mediante uma ação preventiva que tenha em conta o ambiente social (EDWARDS, 1981, p. 263. Negritos meus).

Esboçarei, assim, um delineamento mínimo para nortear uma reflexão referida ao fenômeno das drogas na adolescência que, ainda que potencialmente limitada pela priorização da Psicanálise como eixo norteador, pretenderá não incorrer em reducionismos *psi* que desconsiderem o referido “ambiente social”.

Sem esquecer que este complexo tema transcende portanto os limites de uma teorização exclusivamente psicanalítica, e que mesmo no âmbito da Psicanálise não são poucas as aproximações teóricas ensaiadas desde os tempos freudianos (as quais, aliás, nem sempre foram convergentes, como discutido por NOGUEIRA FILHO [1999]), meu ponto de partida neste momento será dado por um dos chamados “escritos sociais” de Freud.

Em “*Mal-Estar na Civilização*”, FREUD (1930 [1986j]) propõe sua visão das condições pelas quais o sujeito humano encontra-se inserido na cultura. Essencialmente falando, tais condições irremediavelmente implicarão em constante antagonismo entre suas forças pulsionais e as demandas impostas pela vida em sociedade. A tarefa necessária, na melhor das hipóteses, lhe será inevitavelmente penosa: a renúncia pulsional resultará para este sujeito contínua fonte de desconforto. Para amenizar as agruras desse mal-estar inerente à civilização, três tipos de “calmantes” estariam disponíveis: *“poderosas distrações, que nos façam parecer pequena nossa miséria; satisfações substitutas que a reduzam, e substâncias embriagadoras que nos tornem insensíveis a elas”* (idem, p. 75). Deste três, a química das drogas seria reconhecida como *“o método mais tosco, porém também o mais eficaz”* (idem, p. 77).

Retomarei este ponto e essa comparação oportunamente nesta seção. Por ora, apenas indicarei esta faceta do pensamento freudiano, para propor que sua tese inaugura a compreensão psicanalítica de uma *droga* cujas condições de utilização foram constituídas e determinadas desde a modernidade até os dias

atuais, e que podem ser apreendidas ao menos a partir de duas perspectivas. Primeiramente, não há como negar – Freud não o fez – a sedução e o fascínio exercidos pela *droga em si* em decorrência de sua potência amortecedora das inquietudes de um sujeito, este por definição remetido à *falta* e às vicissitudes pulsionais de sua *subjetividade* desejante. Na segunda perspectiva, percebe-se que a *civilização* lhe oferta não somente a *droga em si*, mas também e especialmente as condições coletivas, sociais, culturais e econômicas que determinam seus próprios modos de subjetivação, altamente susceptíveis à sedução e ao fascínio das drogas na atualidade (ABADI, 1990; BIRMAN, 1999; ROUDINESCO, 2000).

Reconhecendo estas perspectivas estabelecidas pela subjetividade individual e pela coletividade social da civilização, cabe assinalar à guisa de parêntese que não as contraponho como estanques ou dissociáveis:

A subjetividade não é ponto de partida, mas é resultante de múltiplos processos, agenciamentos coletivos. Comporta uma complexa montagem, decorrente de elementos variados provenientes do campo social, que, além da família, envolve os meios de comunicação de massa, a publicidade, a organização das cidades, as alterações e novas exigências do mundo do trabalho, a presença de variados recursos tecnológicos no cotidiano, entre outros (FERREIRA NETO, 2000, p.107)

Como então estas perspectivas, dialeticamente articuladas, podem contribuir para uma reflexão possível em relação às drogas na adolescência?

Entre os autores contemporâneos, BIRMAN (1999) indicou um caminho interessante ao considerar as toxicomanias, juntamente com as depressões e a chamada síndrome de pânico, como emergentes sintomáticos atuais e derivados dos inéditos processos de sociabilidade que, nas últimas décadas do século XX, moldaram novos formatos para a subjetividade contemporânea.

Este autor valeu-se das descrições da *sociedade do espetáculo* e da *cultura do narcisismo*, respectivamente propostos por Guy DEBORD (1967 [1997]) e Christopher LASCH (1979 [1983]), para caracterizar alguns fatores socioculturais e

coletivos que impactaram as bases interiores do sujeito atual. Acrescentarei a estas a noção de *sociedade depressiva* apresentada pela psicanalista e historiadora Elizabeth ROUDINESCO (2000), para assinalar brevemente alguns aspectos destas contribuições que, a meu ver, constituem-se elementos indispensáveis para uma reflexão teórica da temática das drogas na adolescência.

Assim, tanto na *sociedade do espetáculo* como na *cultura no narcisismo*, o sujeito atual se encontraria esvaziado de suas interioridades vitais para adstringir-se narcisicamente ao culto da aparência, da performance e da exibição:

Considerado de acordo com seus próprios termos, o espetáculo é a *afirmação* da aparência e a afirmação de toda vida humana - isto é, social – como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo o descobre como a *negação* visível da vida; como negação da vida que *se tornou visível* (...) O espetáculo se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não diz nada além de “o que aparece é bom, o que é bom aparece” (DEBORD, 1967 [1997], p. 16-17. Itálicos como no original)

Para *aparecer e ser bom*, entretanto, este sujeito se verá uma vez mais desamparado, mas não necessariamente nos formatos exatos do desamparo (*hilflosigkeit*) assinalado por Freud, uma vez que são outros os contornos determinados pelas utopias ausentes no fim do século passado e pela premência da “cultura do individualismo competitivo” (LASCH, 1979 [1983], p. 14). Observe-se a descrição do “novo narcisista” nas palavras deste último autor:

O novo narcisista é perseguido não pela culpa, mas pela ansiedade. (...) Libertado das superstições do passado, ele duvida até mesmo da realidade de sua própria existência. Superficialmente tranquilo e tolerante, vê pouca utilidade nos dogmas de pureza racial e étnica, mas, ao mesmo tempo, vê-se privado da segurança de lealdade do grupo e considera os outros como rivais (...). Suas atitudes sexuais são mais permissivas e puritanas, muito embora sua emancipação de

velhos tabus não lhe tenha trazido a paz sexual. Ferozmente competitivo em seu desejo de aprovação e reconhecimento, desconfia da competição, por associá-la inconscientemente a uma irrefreável necessidade de destruir. (...) O narcisista não se interessa pelo futuro porque, em parte, tem muito pouco interesse pelo passado. Acha difícil interiorizar associações felizes ou criar um estoque de lembranças amoráveis para enfrentar a última parte de sua vida, a qual, embora nas melhores condições, sempre traz tristeza e dor (idem, p. 14-15).

Tristeza e dor são os emergentes assinalados também por ROUDINESCO (2000) como fundamentos sintomáticos do sujeito *na sociedade depressiva*, na qual “a era da individualidade substituiu a da subjetividade”, na proposição desta autora (p. 14). O *sujeito depressivo* desta época, reduzido à reivindicação normativa do que ele *deve ser* cuida de vincular-se a redes e grupos, mas seu movimento encontra-se aprisionado pelos ideais performativos e competitivos pelos quais a *alteridade* e a *intersubjetividade*, de fato, tendem a se desvanecer (ROUDINESCO, 2000; também assinalado por BIRMAN, 1999).

Sendo esses os indicadores do seu desamparo e retomando agora o texto de Freud, percebe-se assim os destinos que tiveram os três lenitivos que a civilização ofereceria para o mal estar do sujeito atual. As “*satisfações substitutivas*” e as “*poderosas distrações*”, respectivamente exemplificadas na tese freudiana pelo cultivo da atividade científica e da apreciação artística, uma vez que dependeriam de vias sublimatórias eficazes e fertilizadoras de novas criatividades, encontram-se ameaçadas pelo esvaziamento de interioridades, típico da *cultura do narcisismo* e da *sociedade do espetáculo*. Em seu lugar, emerge uma sociedade de consumo ⁷ de objetos momentâneos e distrações efêmeras que disponibilizam, para adultos, adolescentes e crianças, a panacéia dos *gadgets* descartáveis, das imagens

⁷ Expressão “cunhada nos anos 1960 para fazer referência à massificação da produção e do consumo (...) no tipo de organização social que surge mais especificamente com a produção em massa do início do século XX e que, embora com certas flexibilizações, permanece até hoje” (PADILHA, 2003, p. 113). Esta autora adverte para o fato de que a adequação do termo não é considerada unânime entre os cientistas sociais. Agradeço ao Prof. Dr. Marcelo Ridenti pelo alerta, gentilmente feito no Exame de Qualificação desta pesquisa, quanto ao emprego descuidado da expressão nos meios de comunicação e no senso comum, bem como pela indicação de bibliografia pertinente.

mediáticas que se sucedem em velocidade frenética e inebriante, da síndrome do *zapping*, dos trabalhos escolares automatizados pelo “recortar e colar” a partir de textos prontos na Internet, entre tantos outros ícones do consumismo apressado e imediatista de nossos tempos.

Esta *sociedade de consumo* apresentará conexões evidentes, ainda que silenciosas, com o *consumo de drogas* – e aqui se encontrará a retumbante hipertrofia, talvez compensadora em nossos dias, do papel desempenhado por este que Freud assinalou como o terceiro tipo de calmantes ou “amortecedores de preocupações”:

A sociedade de consumo conta cinquenta ou sessenta anos de história, quando através da industrialização e da padronização aparece a produção maciça. A oferta passa a superar então a demanda e há que criar a ilusão de novas necessidades e qualidades dos objetos para competir em um meio saturado de estímulos. Sobre esta trama de idéias vai crescendo um sujeito, incorporando modelos de identificação que condicionam sua visão do mundo. Ao chegar à adolescência se alguém lhe diz: “Se tomares isto irás sentir-te bem, irá te mudar a vida”, tenderá a iludir-se com esta proposta, coerente com seu sistema de crenças. (ABADI, 1990, p. 605)

Prosseguirei com esta autora, psicanalista, para introduzir outro aspecto importante a ser considerado em relação a este ponto:

As tendências adictivas são também reforçadas desde outras vertentes. O desenvolvimento nos últimos anos da medicina, da farmacologia e nossa capacidade de conhecer melhor o funcionamento psíquico e somático nos levaram a uma preocupação exagerada em alcançar um estado de saúde ideal. Aí se revela uma idéia mágica e onipotente, não só de vencer a dor ou a enfermidade, senão também a frustração, e até o envelhecimento e a morte. A frustração não se tolera, a angústia não se elabora, só se busca neutralizá-las mediante o uso de medicamentos, drogas ou a compra de objetos materiais (idem, idem).

Necessário se faz, portanto, reconhecer como elemento sintomático da *sociedade depressiva*, da *cultura do narcisismo* e da *sociedade do espetáculo* o consumo de drogas, que, em suas duas versões (medicamentosas ou ilegais, observem-se agora sob este prisma os dados epidemiológicos referentes ao consumo por estudantes de maconha e de ansiolíticos e antidepressivos assinalados na seção anterior), evidencia os limites a que chegou o sujeito depressivo na atualidade.⁸

⁸ As relações comuns entre a expansão das indústrias medicamentosa e do narcotráfico, no contexto da atual hegemonia dos paradigmas biologicistas e das neurociências na Psiquiatria são assinaladas convergentemente nas obras referidas de BIRMAN (1999) e ROUDINESCO (2000) e também pelo mencionado relatório da OMS (EDWARDS, 1981).

1.3.2.5- A ideologia do “combate às drogas”: falácia de um modelo preventivo

Há que se considerar, finalmente, como componente íntimo da geração de demandas consumistas, o papel desempenhado pelos meios de comunicação:

Os meios de comunicação de massa, com seu culto da celebridade e sua tentativa de cercá-la de encantamento e excitação, fizeram dos americanos uma nação de fãs, de freqüentadores de cinema. A “mídia” dá substância e, por conseguinte, intensifica os sonhos narcisistas de fama e glória, encoraja o homem comum a identificar-se com as estrelas e a odiar o “rebanho”, e torna cada vez mais difícil para ele aceitar a banalidade da existência cotidiana. (...) A moderna propaganda de mercadorias e da boa vida sancionou a gratificação do impulso e tornou necessário para o id desculpar-se por seus desejos ou disfarçar suas proporções grandiosas. Contudo, esta mesma propaganda tornou insuportáveis o fracasso e a perda. Quando finalmente ocorre ao moderno Narciso que ele pode “viver não só sem a fama, mas sem o eu, viver e morrer sem jamais ter tornado seus amigos conscientes do espaço microscópico que ocupa neste planeta”, ele experimenta esta descoberta não só como um desapontamento, mas como uma explosão de seu senso de identidade. (LASCH, 1979 [1983], p. 43-44)

Entre os autores contemporâneos brasileiros, GUARESCHI (2001b) destacou os processos e condições pelos quais os meios de comunicação, em especial a mídia televisiva, participam da chamada “construção social da realidade”, inclusive as repercussões do fenômeno em termos da presença dos meios de comunicação de massa estrangeiros no Brasil e na América Latina (GUARESCHI, 2001a). Particularmente em relação ao Brasil, aspectos históricos, políticos e econômicos do surgimento e da preponderância hegemônica da Rede Globo de Televisão foram expostos por HERZ (s/d), enquanto RAMOS (1986) examinou a eficácia e o poder silenciosos do merchandising nas telenovelas globais.

Não podendo ser subestimados, portanto, em seu papel fomentador de um imaginário popular ideologicamente determinado, torna-se oportuno considerar que as características da abordagem do tema das “drogas” nestes veículos de comunicação, além de “dissociar” as drogas em *legais* (propagandas de bebidas alcoólicas e medicamentos continuam permitidas) e *ilegais* (estas abordadas nas manchetes televisivas e jornalísticas mais pelo enfoque espetacular dado aos crimes relacionados ao consumo ou ao tráfico e às ações repressivas policiais) quase sempre reproduzem o enfoque repressivo predominante nos discursos das “campanhas antidrogas” e das publicações oficiais.

Em termos gerais, as características destas campanhas foram assinaladas por BUCHER (1994) a partir de análise qualitativa de publicações governamentais brasileiras e norte-americanas (distribuídas no Brasil), e descrita em termos de seus efeitos de sentido em seis categorias: (1) a meta da *persuasão*, através de palavras carregadas de significações ameaçadoras, evidenciando enunciados de teor passional; (2) o *tom autoritário e alarmista* que materializam a idéia de um *saber único e exclusivo*; (3) os freqüentes *silenciamentos*, omitindo-se dos discursos as referências às drogas lícitas; (4) a apresentação do cidadão, especialmente o jovem, como *ser indefeso, necessitando de orientação e proteção*; (5) as construções discursivas que apresentam as *drogas como um mal em si*, independentemente do uso que delas se faz, das ações subjetivas e dos processos sociais; e (6) uma visão do mundo simplista e maniqueísta. (p. 141-3)

A partir de tais formações discursivas, o autor acrescenta um alerta que, apesar de aparentemente óbvio, revela-se de capital importância para a reflexão do problema proposta neste estudo:

(...) não existe nenhuma razão, nem filosófica, nem farmacológica, nem antropológica, nem alopata, nem homeopata, de se posicionar “contra” as drogas, visto que essas são neutras em si e que eventuais problemas decorrem das condições de consumo adotadas por determinados sujeitos (idem, p. 144)

Este estudo de BUCHER inspirou outro similar (RIBEIRO et al., 1998), desta vez enfocando a mídia escrita destinada ao público juvenil, que embora permitisse aos seus autores a realização de outros recortes interpretativos e categoriais, confirmou vários dos assinalamentos descritos. Da mesma forma, CARLINI-COTRIM e ROSEMBERG (1991) examinaram os textos sobre “drogas” em livros escolares, chegando a conclusões similares. Das discussões e conclusões destes últimos autores destacarei os seguintes trechos:

Parte-se, nos livros didáticos, da premissa de que praticar a “pedagogia do terror” é uma estratégia eficiente do ponto de vista preventivo. Para isso, tudo é válido: fazer afirmações cientificamente infundadas e abstrair o retrato epidemiológico do país. Ignoram-se, assim, décadas de pesquisa no campo da educação sobre o consumo de psicotrópicos que apontam a ineficiência desses modelos, ou até seu efeito paradoxal, gerando muitas vezes um incremento do abuso dessas substâncias. (...) O que mais causa impacto nos textos analisados é a abstração do fato que a droga pode propiciar prazer (na forma de sensações gostosas ou de alívio de sensações ruins). Ao negar esta possibilidade, passa-se a contar somente com a ingenuidade como categoria explicativa (idem, p. 303-4)

Finalizando este percurso introdutório, restaria a consideração de que o termo “droga”, de sentido polissêmico e etimologia obscura (FERREIRA, CD-ROM), revela-se na atualidade como representação ambígua do bem *ou* do mal, cujos significados podem dissociar-se em finalidade terapêutica *ou* venenosa, e cujos processos históricos alternaram fases em que predominaram atitudes de divinização *ou* satanização (SOLDERA, 2001).

A ausência maniqueísta e dicotômica de qualquer continuidade entre tais representações certamente não será desprovida de efeitos e significados.

1.4- PRESSUPOSTOS

Diferentemente do modelo clássico adotado em pesquisas quantitativistas, não é objetivo de incursões qualitativas como esta a comprovação experimental de “hipóteses” previamente formuladas. No caso do Método Clínico-Qualitativo, há que se recordar com TURATO (2000b, 2003) que os pressupostos, construídos num crescendo à medida que a pesquisa se desenvolve, são na verdade *resultantes finais* do trabalho investigativo, por isso referidos pelo autor desta proposta metodológica como “*conclusivos e passíveis de generalização*” (2000p. 106). Preferindo expressar-me em termos de “pressupostos” e não de “hipóteses”, acompanho também a opinião de autores como TRIVIÑOS (1987) e MINAYO (1994).

Assim, tendo em vista a revisão de literatura empreendida e da formulação do problema a ser investigado neste estudo, *pressuponho* que:

- As turbulentas e profundas transformações físicas, psíquicas e sociais típicas da adolescência dos filhos determinariam angústias e conflitos naturalmente próprios da vivência das mães em sua relação com seus filhos adolescentes.
- O contexto sociocultural contemporâneo, enquanto ambigualmente marcado pelo uso de drogas e pela ideologia de combate às drogas, proporcionaria condições propícias para que estas angústias maternas sejam também referidas ao tema das drogas;
- Estas mães de adolescentes seriam razoavelmente informadas quanto aos riscos e danos decorrentes do uso, abuso e dependência de drogas, e seu interesse pelo tema estaria intimamente determinado à preocupação com a possibilidade de seus próprios filhos virem a consumir drogas;

- A despeito de seu relativamente elevado nível social e cultural, estes sujeitos também expressariam crenças e opiniões não suportadas pelos conhecimentos atuais sobre o tema.
- Tais crenças e opiniões, bem como as atitudes e atribuições de sentidos e significados ao uso de drogas, seriam influenciadas ou determinadas por uma complexa interação de fatores psicodinâmicos (pessoais e familiares) e psicossociais (decorrentes das potencialidades próprias da atualidade sociocultural em moldar subjetividades), inconscientemente vivenciados pelas mães durante a adolescência de seus filhos.



3 - ASPECTOS METODOLÓGICOS

“Não é confortável lidar com sentimentos no crisol da ciência”

Sigmund Freud, *“Mal-estar na Civilização”*

(FREUD, 1930 [1986] p. 66)

3.1- CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O MÉTODO CIENTÍFICO

Etimologicamente, o termo “método” deriva-se do latim *methodus*, e este, por sua vez, do grego *methodos*, de *meta*: por, através de; e *hodos*: caminho (CUNHA, 1989; JAPIASSU e MARCONDES, 1990).

Reproduzo a seguir duas definições do conceito, extraídas de dicionários de uso corrente:

ordenação de tarefas, procedimentos ou etapas para atingir uma meta, um fim (LAROUSSE CULTURAL, 1992, p. 744).

caminho pelo qual se atinge um objetivo; programa que regula previamente uma série de operações que se devem realizar, apontando erros evitáveis, em vista de um resultado determinado. (FERREIRA, 1999, p. 1328)

Incluindo, portanto, as noções de *caminho* e de *planejamento*, a palavra “método” remete-nos à idéia de *um percurso planejado em direção a um objetivo determinado*, ou, nos dizeres de CUNHA (1982, p. 517), uma “ordem que se segue na investigação da verdade, no estudo de uma ciência ou para alcançar um fim determinado”. No âmbito mais específico da Filosofia da Ciência a expressão “método” refere-se ao “modo pelo qual os estudiosos constroem seus conhecimentos no campo da ciência” (TURATO, 2000a, p. 25).

A definição encontrada em JAPIASSU & MARCONDES (1990) parece-me incluir suficientemente os elementos anteriormente listados em sua formulação:

um conjunto de procedimentos racionais, baseados em regras, que visam atingir um objetivo determinado. Por exemplo, na ciência, o estabelecimento e a demonstração de uma verdade científica (p. 166).

“Metodologia”, por sua vez, significa “estudo dos métodos”, ou “*a arte de dirigir o espírito na investigação da verdade*” (LAROUSSE CULTURAL, 1992, p. 744; FERREIRA, 1999, p. 1328). Nas atividades científicas essa noção geralmente se traduz em um conjunto de operações instrumentais, sistemáticas e racionais que traçam um caminho a ser seguido pelo investigador, permitindo-lhe detectar possíveis erros em sua observação do objeto pesquisado (LAKATOS e MARCONI, 2001), e impondo, portanto, certos critérios que distinguem a construção de conhecimento na Ciência daquela realizada pelo senso comum.

Tal distinção, historicamente iniciada com a demarcação entre os campos da Ciência e os da Religião e da Filosofia a partir do século XVI, progressivamente originou uma grande diversidade de procedimentos e técnicas. Assim, apesar de o método ser “*basicamente (filosoficamente) único para todos os saberes*” (TURATO, 2000a, p. 35), a variedade de modelos metodológicos particularizados é hoje tão extensa quanto a diversidade de áreas especializadas de investigação nos grandes grupos das Ciências (Naturais, Humanas, Matemáticas, Aplicadas, etc.) ou de paradigmas filosófico-epistemológicos que as norteiam (positivismo, fenomenologia, estruturalismo, materialismo histórico, etc.).

Por essa razão as maneiras de os métodos científicos serem classificados são, potencialmente, inesgotáveis. No entanto, seu agrupamento em duas categorias denominadas métodos *qualitativos* e *quantitativos*, merecerão algumas considerações neste momento, uma vez que esta categorização emerge a partir de um recorte paradigmático e operacional decisivo para o estabelecimento dos critérios que nortearam minha opção metodológica nesta pesquisa.

3.2- MÉTODOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS NAS CIÊNCIAS DA SAÚDE

O prestígio dos paradigmas positivistas nas pesquisas em Ciências da Saúde não é recente. Remonta aos últimos anos do século XVIII, à medida que a Medicina passa a ter o “domínio de sua experiência e a estrutura de sua racionalidade” demarcados pelos ideais de objetividade na percepção dos fenômenos da saúde e enfermidade (FOUCAULT, 1987, p. xiv). Atualmente, a larga escala com que as metodologias quantitativas são utilizadas nas pesquisas médicas em geral traduz, em termos metodológicos, essa demarcação.

Há que se considerar que, de fato, os métodos quantitativos constituem-se em valiosos instrumentos para descrever e explicar os fenômenos relacionados à saúde e enfermidade a partir do estabelecimento de correlações matemáticas e estatísticas. Seus procedimentos estudam amostras randômicas ou estatisticamente representativas, em geral envolvendo grande número de sujeitos ou de experimentos, sendo dessa forma considerados objetivos e distantes dos dados (perspectiva externa, “*outsider*”), orientados à verificação, hipotético-dedutivos, replicáveis e generalizáveis (SERAPIONI, 2000; TURATO, 2003). Dessas características decorre a forte validade externa (confiabilidade, “*reliability*”) dos resultados destes modelos baseados em paradigmas quantitativo-realistas (SANTOS FILHO, 2000, p. 14).

Sabe-se, no entanto, que os processos de saúde e enfermidade do sujeito humano são determinados também por uma complexa interação de aspectos psicodinâmicos, sociais e culturais, os quais nem sempre são objetivamente quantificáveis. Frequentemente, portanto, o pesquisador das Ciências da Saúde se depara com fenômenos individuais e coletivos que, por sua complexidade e dinâmica, extrapolam o domínio das Ciências Naturais, transcendendo os paradigmas. Não foi sem razão que o extenso campo das pesquisas em Saúde precisou desenvolver, ao longo do século XX, expressivas interfaces com outras áreas do saber, tais como a Psicanálise, a Sociologia e a Antropologia.

Embora também nestas chamadas Ciências Humanas a aplicação de modelos quantitativistas de pesquisa venha sendo defendida desde o estudo durkheimiano sobre o suicídio (DURKHEIM, 1978), foi neste âmbito que os modelos qualitativos tiveram suas origens e vêm sendo mais amplamente desenvolvidos.

Os métodos qualitativos diferem profundamente daqueles quantitativos. São baseados principalmente em referenciais qualitativo-idealistas (fenomenológicos, psicodinâmicos ou socio-antropológicos, entre outros). Através deles o pesquisador busca menos a explicação dos “fatos” (estabelecimento matemático-estatístico de fatores causais) que a compreensão dos significados e das atividades humanas. Priorizando a interpretação da relação de significações dos fenômenos para os indivíduos e para a sociedade, analisam o comportamento humano na perspectiva do sujeito, utilizando a observação naturalista e não controlada. São, portanto, métodos subjetivos, exploratórios e descritivos, que aproximam o pesquisador dos dados (perspectiva de dentro, “*insider*”), orientados ao processo e ao descobrimento. (DENZIN e LINCOLN, 1994; SERAPIONI, 2000; TURATO, 2003). Sua amostragem é tipicamente intencional, em geral envolvendo um pequeno número de sujeitos. Os dados, freqüentemente obtidos através de entrevistas abertas individuais ou em grupos, incluem a observação participante do próprio pesquisador (“pesquisador-como-instrumento”), sendo analisados mediante técnicas não matemáticas como as análises de conteúdo, fenomenológicas, de associações livres, de representações sociais, entre outras.

Por essas características os métodos qualitativos ou compreensivo-interpretativos, à medida que permitem a apreensão das particularidades e especificidades dos grupos sociais pesquisados, tendem a uma forte validade interna (“*validity*”). Nas Ciências da Saúde vêm representando importantes alternativas para a apreensão científica de fenômenos ligados aos processos humanos de saúde e enfermidade.

Sendo instrumental e paradigmaticamente distintos, estes dois grupos de metodologias acenam possibilidades de sua complementaridade recíproca para

a produção de conhecimento. No entanto, a polarização entre defensores das metodologias quantitativa e qualitativa não é recente nem rara nos meios acadêmicos, ainda que uma presumida superioridade de qualquer dos métodos seja contestada por vários autores (MINAYO e SANCHEZ, 1993; POPE e MAYS, 1995; JONES, 1995; SERAPIONI, 2000; MINAYO, 2000; TURATO, 2003).

De fato, sobram evidências de que a discussão “pesquisa quantitativa *versus* qualitativa” envolve um *falso* debate. A rigor, não há quantificação sem categorização qualitativa do mundo social, do mesmo modo que nenhuma análise estatística é possível sem enfrentar problemas de interpretação dos dados obtidos (BAUER et al., 2002, p. 24). Tal controvérsia revela ademais uma postura reducionista, uma vez que a idealização de qualquer paradigma, método ou instrumento em detrimento de outro, desconsidera que os aspectos técnicos das distintas metodologias são apenas ferramentas a serem articuladas e relativizadas em um todo (epistemológico) mais amplo (GAMBOA, 2000). Uma atitude de *consciência epistemológica* faz-se, portanto, indispensável para evitar sectarismos, dogmatismos ou ingenuidades na pesquisa científica.

As razões para essa persistente controvérsia têm sido analisadas desde diversas perspectivas. SERAPIONI (2000), para quem tal debate “ocorre mais como resultado de uma opção epistemológica do que de uma significativa prática de pesquisa social” (p. 188), remete a origem da discussão aos diferentes paradigmas dos quais derivam esses dois grandes grupos de teorias e práticas metodológicas. Por sua vez MINAYO (2000) não desconsidera a questão ideológica implicada nos pressupostos que regem as múltiplas possibilidades metodológicas das pesquisas sociais aplicadas à saúde, enquanto DENZIN & LINCOLN (1994) recordam até mesmo os aspectos políticos eventualmente implicados nessa clássica oposição entre pesquisadores quanti e qualitativistas.

Ademais, ressalte-se que, por rigorosos que sejam os ideais de objetividade dos pesquisadores, a Ciência continua sendo uma produção genuinamente humana. Não deve, portanto, ser subestimado o papel dos interesses, motivações e identificações internas, nem sempre conscientes para o

pesquisador, na determinação subjetiva e pessoal das suas preferências intelectuais e metodológicas. “É o pesquisador que tomará a decisão – e insisto na palavra decisão – de considerar algo como relevante ou irrelevante”. (ALVES, 1981, p. 199).

Estando assim o cientista inevitavelmente sujeito a fatores ideológicos, políticos e até pessoais, a pretensão de neutralidade da ciência torna-se ilusória. É o que acena CHAUÍ (2001) nas seguintes palavras:

Quando o cientista escolhe uma certa definição de seu objeto, decide usar um determinado método e espera obter certos resultados, sua atividade não é neutra nem imparcial, mas feitas por escolhas precisas (p. 281).

Com o que também concorda DEMO (1994), autor de quem, finalizando esta seção, tomo na íntegra os dois parágrafos transcritos a seguir, os quais parecem bem expressar sua percepção dos múltiplos desafios dialeticamente implicados (quantidade/qualidade, objetivo/subjetivo, etc.) na determinação dos aspectos metodológicos de uma pesquisa:

Não existe *objetividade* ou *neutralidade* em ciência, não cabendo, pois, forjar isenções suspeitas. Quer porque a ciência trabalha com objetos construídos, ou porque os objetos históricos já são ideológicos intrinsecamente, ou porque os cientistas são responsáveis pelas conseqüências do que constroem, a pregação da objetividade ou da neutralidade coincide com ideologias sub-reptícias que perseguem acatamentos acríticos. Este é, na verdade, o argumento cabal contrário: se a ciência fosse objetiva e neutra não seria questionável. A pretensão de indiscutibilidade é apenas golpe.

Entretanto, é mister defender o compromisso com a *pesquisa objetivada*, para preferir conhecimento a ideologia. *Objetivação* significa o processo construído, conquistado, labutado de referenciar a realidade assim como ela é, ainda que nunca seja viável de todo. No fundo, esta é a razão da metodologia científica, ou seja, a propedêutica do

questionamento sempre em construção e reconstrução. Este método é o que faz, sobretudo, o científico. (1994, p. 25. Itálicos como no original)

3.3- MOTIVAÇÕES PARA A OPÇÃO POR UM MÉTODO QUALITATIVO COM EMPREGO DE ENTREVISTAS

Que é que o leva a escolher o anzol? É o peixe que você espera pegar. A escolha do anzol é governada por uma hipótese acerca dos peixes que podem ser encontrados.

Ruben Alves, “Filosofia da Ciência”

(ALVES, 1981, p. 105-6)

A noção de complementaridade potencial entre pesquisas quantitativas e qualitativas ressaltada na seção anterior não pressupõe, entretanto, que *qualquer* estratégia investigativa seja necessariamente adequada a *qualquer* investigação. SERAPIONI (2000) recorda que as metodologias não devem ser categorizadas como apropriadas ou inapropriadas “até que sejam aplicadas a um problema específico de pesquisa” (p. 189). O pensamento de CONTANDRIOPOULOS (1999) também converge quanto a este ponto ao assinalar que, se por um lado a escolha de uma determinada estratégia de pesquisa não deve apoiar-se simplesmente em sua presumida superioridade em relação a outros modelos, por outro lado a decisão quanto aos aspectos metodológicos deve ser criteriosamente fundamentada:

Quando escolhemos uma estratégia de pesquisa é essencial compreender que nenhuma abordagem de pesquisa é a melhor para todas as questões. A escolha de uma estratégia de pesquisa tem que ser feita considerando, entre outros, a natureza da questão da pesquisa, o contexto no qual a pesquisa se realizará, a formação e a experiência do pesquisador. (CONTANDRIOPOULOS, 1999, p. 42)

Este autor indica neste parágrafo três norteadores importantes para bem fundamentar a escolha metodológica, quais sejam, a natureza do *problema*

pesquisado, o *contexto* da pesquisa e a formação e experiência do *pesquisador*. Destes três pontos me servirei a seguir, a título de roteiro didático, para explicitar os *critérios* nos quais apóio a escolha de um modelo clínico-qualitativo de investigação nesta pesquisa.

3.3.1- A natureza do problema pesquisado

De fato, minha preocupação em relação à metodologia a ser empregada nesta pesquisa esteve intimamente ligada ao *objeto* original do estudo proposto – o uso de drogas na adolescência, conforme apreendido na perspectiva de mães de adolescentes.

Em princípio, o modelo poderia ter sido (como de fato cheguei a cogitar na concepção original deste projeto) o de uma investigação quantitativa – por exemplo, através de um questionário fechado, aplicado a uma amostra representativa de uma população de mães de estudantes, cujas respostas seriam posteriormente tratadas e analisadas estatisticamente. No entanto, tal modelo quantitativista fatalmente apresentaria importantes limitações em sua função de instrumentar-me adequadamente para abordar o problema proposto, cuja formulação antecipa um certo distanciamento em relação aos paradigmas positivistas.

DENZIN e LINCOLN (1994, p. 5) reconhecem que um fator diferenciador entre as propostas qualitativas e quantitativas de investigação científica reside no uso que o pesquisador faz do positivismo. Assim, ao decidir-me por indagar sobre a *vivência* de pais e mães diante da adolescência de seus filhos em um contexto sociocultural marcado pelo consumo de drogas, tal indagação inevitavelmente demandaria que uma estratégia metodológica adequada ao desafio de tentar compreender, *em profundidade*, ao menos alguns dos muitos aspectos implicados na vivência desses sujeitos. Sendo o problema formulado dificilmente redutível a fatores quantificáveis, sua abordagem inevitavelmente estaria mais além dos instrumentos quantitativos de investigação.

Com a expressão *compreender em profundidade* refiro-me, essencialmente, à potencial apreensão de nuances *subjetivas* e de particularidades *individuais* dos fenómenos e atores sociais eleitos como objeto desta pesquisa. Tal potencialidade tem sido consensualmente atribuída às pesquisas qualitativas, as quais constituem um contraponto instrumental, porquanto paradigmático, às potencialidades próprias das incursões quantitativistas, conforme sintetiza HAGUETTE (2001):

Os qualitativistas afirmam, seja a superioridade do método que fornece uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social face à configuração das estruturas sociais, seja a incapacidade da estatística de dar conta dos fenômenos complexos e dos fenômenos únicos (p.63).

Recordo ainda que meu objeto de estudo não se constitui de mães ou pais de adolescentes sabidamente comprometidos com uso ou abuso de substâncias psicoativas, tema a meu ver igualmente atraente e relevante, mas sobre o qual existe uma extensa literatura publicada. Ao contrário, almejei criar deliberadamente uma amostra de mães de adolescentes que demonstrassem *interesse* e (talvez especialmente) *preocupação* pelo tema do uso de drogas na adolescência, *independentemente da eventual ocorrência do problema em seus filhos*.

As próprias *motivações* desse interesse seriam objeto de investigação – como descrito na seção 2.2, um dos objetivos específicos deste estudo foi construir pressupostos a respeito dos *motivos* pelos quais esse interesse existe, atentando em especial para suas possíveis conexões com os significados atribuídos ao tema a ser abordados. TRIVIÑOS (1987, p.130) afirma que “o significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa”, com o que também concordam, entre outras, as já assinaladas opiniões de DENZIN e LINCOLN (1994) e TURATO (2000b; 2003).

Optei particularmente pelo emprego de entrevistas como instrumentos de coleta de dados por entender que especialmente através da *fala* destes sujeitos (mais do que, por exemplo, do preenchimento de um formulário contendo um questionário fechado e auto-aplicado) maximizariam-se as possibilidades da emergência espontânea de possíveis significados atribuídos pelos sujeitos ao tema. Esta é também a compreensão de BAUER et al (2002):

... na pesquisa social, estamos interessados na maneira como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre o que é importante para elas e como elas pensam sobre suas ações e as dos outros (p. 21).

Ademais e, especialmente, ao pressupor que fatores psicodinâmicos e socioculturais estariam conjuntamente determinando os contornos e formatos íntimos do pensamento dos sujeitos pesquisados durante a adolescência de seus filhos, pareceu-me indispensável assegurar as condições para estes sujeitos, através de sua fala, expressarem o mais livremente possível o seu pensar, o seu sentir, e as motivações para seu agir. Neste sentido, MINAYO (2000) ressalta o valor da entrevista como oportunidade privilegiada de apreensão de tais aspectos da subjetividade dos sujeitos investigados através da sua fala:

O que torna a entrevista instrumento privilegiado de coleta de informações para as ciências sociais é a possibilidade de a fala ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles) e ao mesmo tempo ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas (p.109-110).

Abro um parêntese para comentar que, ao lado das formas mais tradicionais de entrevistas individuais ou grupos focais, novos canais comunicativos vêm oportunizando a apreensão de significados e representações de grupos sociais através de outros formatos da fala dos seus sujeitos. Com o advento dos avanços tecnológicos e das comunicações informatizadas, multiplicam-se pela Internet os grupos de discussão por e-mail, as salas de conversação, os *chats* e os *blogs* – instrumentos culturalmente instituídos e que já começam a revelar-se úteis para a realização de investigações qualitativas. Cito como exemplo a investigação conduzida por LEFÈVRE e SIMIONI (1999), que, analisando qualitativamente as mensagens trocadas entre os participantes de um fórum na Internet sobre a discriminação da maconha, assinalaram as potencialidades destes novos canais para respeitar “a natureza eminentemente discursiva do pensar dos indivíduos” (p.

165) através de instrumentos discursivos de tabulação de dados análogos aos empregados nas entrevistas tradicionais.

O tema a ser apresentado aos sujeitos da pesquisa também favoreceu a escolha por um procedimento qualitativo no qual a entrevista fosse o instrumento de coleta de dados. O uso de drogas, constituindo-se em prática socialmente discriminada e com fortes conotações morais e ideológicas, é inegavelmente facilitador da emergência – consciente ou não para o sujeito da fala – de sentimentos intensos e ambivalentes, e de seus conseqüentes mecanismos psíquicos de defesa, os quais tendem a ser mais bem apreensíveis numa conversação pessoal. Ademais, a mesma expressão “uso de drogas” (e suas correlatas), de natureza profundamente polissêmica, pode ser usada por atores sociais muito diferentes, e para referir-se a práticas muito distintas. Seus significados, portanto, em termos de representações sociais, culturais e psicodinâmicas variam conforme os sujeitos e os contextos de sua enunciação. CARLINI et al. (1996), por exemplo, já observaram a significativa transformação das atitudes coletivas e dos significados atribuídos ao uso de drogas no decorrer do tempo.

Finalmente, recorro ao leitor a mencionada expectativa da própria OMS de que, no futuro, as investigações sobre o tema das drogas pudessem afastar-se dos resultados “mecânicos e reiterativos” por vezes proporcionados pelos levantamentos epidemiológicos (EDWARDS e ARIF, 1981, p. 287).

Passadas já mais de duas décadas desde esta publicação, espero que este estudo, na medida de seu amparo pelo Saber científico, do alcance dos seus objetivos e da pertinência das questões enfocadas, evidencie a atualidade e a relevância de tais expectativas.

3.3.2- O contexto da pesquisa

Tanto quanto o problema formulado, o contexto da pesquisa revelou-se de antemão também complexo e dotado de peculiaridades significativas.

Em seu aspecto mais imediato, tal contexto é demarcado pelo fato de os sujeitos pesquisados compartilharem a característica de ter seus filhos adolescentes matriculados em uma conceituada escola de ensino fundamental e médio, de orientação confessional e privada, ou seja, destinada a jovens oriundos de famílias com poder aquisitivo de médio a elevado para os padrões brasileiros. E, ao mesmo tempo, o contexto histórico e cultural mais amplo deste estudo é especialmente marcado pela profusão e tendencialidade ideológica com que o tema “drogas na adolescência” vem ocupando espaço nos meios de comunicação de massa em nosso país na atualidade (seção 1.3.2.5).

Neste aspecto certamente a cidade onde a investigação seria realizada não constituiria exceção. Entretanto, algumas de suas particularidades, determinantes do contexto local da pesquisa, merecem ser consideradas neste momento.

Londrina é uma cidade de aproximadamente 450.000 habitantes, dos quais praticamente um terço é composto por estudantes. Mesmo se considerada somente a população estudantil matriculada no ensino médio e superior, são mais de 46.000 estudantes, em sua maioria adolescentes, distribuídos em 53 estabelecimentos de ensino médio e cinco de ensino superior, incluídas três Universidades (LONDRINA, 2002a).

Não é de se estranhar, portanto, que festas e “*cervejadas*” de estudantes – ocasiões particularmente propícias para o abuso de álcool e outras drogas – sejam rotineiras nos fins de semana desta cidade com intensa presença juvenil. A facilidade de obtenção de maconha e cocaína é tradicionalmente reconhecida pela comunidade londrinense.

Em função de sua forte aptidão como mercado consumidor, e certamente também em decorrência de sua localização geográfica no Estado do Paraná, Londrina vem revelando-se como centro urbano particularmente estratégico para o estabelecimento de rotas de tráfico de drogas procedentes tanto do Brasil (Mato Grosso) como do Paraguai, como freqüentemente declaram as autoridades policiais civis e militares locais. A mídia local vem noticiando

crescentes índices de violência urbana e apreensões de drogas pelos dispositivos policiais de repressão ao tráfico na região.

Minha hipótese inicial foi a de que tais elementos, presentes no contexto social-urbano e midiático de Londrina, inevitavelmente despertariam preocupações e angústias ligadas ao tema das drogas nas mães de estudantes adolescentes. As características contextuais específicas do campo em que a pesquisa se realizou (a Instituição da qual os sujeitos da amostra foram selecionados – seção 3.5.1) e minha própria experiência pessoal e profissional adquirida ao longo de 14 anos no exercício da clínica psiquiátrica e psicanalítica na cidade corroboraram decisivamente tal pressuposto.

O desafio de empreender uma exploração qualitativa destas preocupações e ansiedades a partir da proposição, aos sujeitos da pesquisa, da temática das drogas na adolescência pareceu-me, assim, pertinente e potencialmente fecundo.

A título de ilustração, comento a seguir alguns exemplos de como os assuntos “drogas”, “adolescência” e “violência” apareceram freqüentemente interligados em matérias jornalísticas extraídas nos últimos anos da mídia impressa local:

. “LONDRINA É ROTA DO TRÁFICO” (BARBA, 1996, p.9)

Esta edição do Jornal Laboratório “Pre-Texto” do Curso de Comunicação/Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina foi dedicada ao tema de capa “Maconha: Discriminar ou Não?”. A manchete citada encabeça matéria interna cujo destaque é uma entrevista com o chefe da Divisão da Polícia Federal de Londrina, o qual declara o papel da cidade no trânsito de drogas das regiões produtoras para outros centros consumidores no Brasil e Exterior.

. “A MACONHA SEGUNDO FERNANDO GABEIRA” (SATO, 2000, p.8)

Reportagem de página inteira na FOLHA DE LONDRINA/FOLHA DO PARANÁ sobre o lançamento do livro “A Maconha” (citada nesta Dissertação) do polêmico deputado federal do Rio de Janeiro.

. “ORIENTAR É A BASE DA PREVENÇÃO ÀS DROGAS” (RAÑA, 2000, p.11)

O texto da FOLHA DE LONDRINA/FOLHA DO PARANÁ comenta, na véspera do “Dia Internacional de Combate às Drogas”, alguns resultados de pesquisas recentes do CEBRID. A ênfase da matéria recai sobre a necessidade de reformulação das políticas públicas de combate às drogas, a partir de entrevista com um dos pesquisadores daquela Instituição. Um quadro na mesma página lista alguns centros de atendimento gratuito para usuários de drogas em Londrina e Curitiba.

. “AUDIÊNCIA PÚBLICA DEFINE DIRETRIZES PARA PLANO GLOBAL” (GUERRA, 2001, p. 2)

Destaca uma reunião ocorrida na Câmara Municipal de autoridades e representantes da sociedade civil de Londrina para a elaboração de um plano para “combate às drogas na cidade”, no ensejo da Campanha da Fraternidade 2001 lançada pela Igreja Católica (cujo lema foi “Vidas sim, drogas não!”). A reportagem ressalta a pouca repercussão da Campanha entre a população brasileira e traz a opinião de lideranças comunitárias e eclesiais locais envolvidas em movimentos assistenciais.

. “JOVENS JÁ CONSOMEM ‘ECSTASY’ EM LONDRINA” (PARRA, 2002. p. 5A)

Apesar de complementada com os dizeres: “Embora não haja registro de apreensão ou denúncia na Polícia Federal, droga é consumida nas classes média e alta”, esta manchete do JORNAL DE LONDRINA foi estampada em corpo maior e no alto da página. O texto alerta para os riscos médicos do uso da substância, e inclui entrevistas com um usuário

e com um delegado responsável pelo setor de narcóticos da Polícia Federal. A matéria foi publicada menos de um mês após a FOLHA DE SÃO PAULO noticiar em destaque que “aumento do consumo [do *ecstasy*, no Brasil e no mundo] provoca alerta global”. (CAVERSAN, 2002).

. “PROGRAMA NOTURNO. JOVENS IGNORAM PERIGO E FUMAM NOS POSTOS” (COMELI, 2002a, p. 4A)

A reportagem, que mereceu manchete de primeira página no JORNAL DE LONDRINA, destaca o perigo de fumar nas lojas de conveniência dos postos de gasolina, as quais passaram a ser movimentados pontos de encontro de jovens na noite de Londrina. Fumo, álcool e o incômodo causado aos vizinhos são os pontos principais da matéria, que também associa a indiferença dos proprietários desses estabelecimentos aos seus interesses comerciais com a nova “moda” entre os adolescentes.

. “PF APREENDE 1,5 TONELADAS DE MACONHA” (JORNAL DE LONDRINA, 2002, p.12A)

Reporta detalhes de operações policiais que resultaram em vultuosas apreensões da droga em Foz do Iguaçu e Curitiba.

. “DROGAS: CRESCE PROCURA POR SERVIÇOS DE RECUPERAÇÃO” (SARIS, 2002, p. 4A)

A reportagem, que mereceu manchete de primeira página nessa edição do JORNAL DE LONDRINA, associa o aumento da procura de tratamento por usuários de drogas à telenovela “O Clone”, transmitida na época pela Rede Globo de Televisão. Mencionando que uma pesquisa teria constatado que “11% dos adolescentes da cidade usam droga”, dá destaque ao programa “Adolescer é preciso”, planejado pela Secretaria Municipal de Saúde para a “conscientização e convencimento de usuários de drogas na faixa entre 7 e 21 anos”. A matéria inclui entrevistas com três adolescentes usuários de drogas.

. “ESCOLA É A PORTA DE ENTRADA DE DROGAS E INFORMAÇÕES”
(LONDRINA, 2002b, p. 6)

Esta edição do “Boletim Informativo da Saúde” (editado pela Secretaria Municipal da Saúde de Londrina) especialmente dedicada a temas ligados à sexualidade do adolescente, traz a informação de pesquisas entre adolescentes londrinenses, dos quais “27,4% declararam ter conhecimento de alguém que comercializa drogas dentro das escolas”. Na página anterior o leitor é informado de que 11,1% dos jovens são usuários de drogas ilícitas, sendo a maconha a mais utilizada por estes.

. “MEDO COMEÇA A TOMAR CONTA DAS ESCOLAS” (COMELI, 2002b, p. 3A).

No contexto do aumento dos índices de violência urbana e criminalidade em Londrina, a repórter do JORNAL DE LONDRINA relata casos de escolas que “fizeram uma espécie de pacto amistoso com traficantes, para impedir que depredem a escola ou maltratem alunos”.

. “AUMENTO DA VIOLÊNCIA É LIGADO AO CONSUMO DE DROGAS”
(LEIJOTO, 2002, p. 5A)

Novamente o tema dos crescentes índices de criminalidade é tratado no JORNAL DE LONDRINA, desta vez com amplo destaque para suas conexões com o tráfico e consumo de drogas na cidade. Dados sobre o volume de apreensão de drogas e prisões de traficantes são fornecidos. *Crack* e maconha são citadas como as drogas mais consumidas.

. “DOBRA NÚMERO DE HOMICÍDIOS EM LONDRINA” (MULLER, 2003, p. C1)

Uma série de dezessete assassinatos (nos quais as vítimas são em sua maioria jovens pobres e ligados ao tráfico de drogas) que está alertando a população da cidade é o destaque de primeira página desta edição da FOLHA DE LONDRINA. Os crimes são atribuídos pela autoridade

policial entrevistada a “acertos de contas” envolvendo usuários e traficantes de drogas.

. “POLÍCIA APREENDE UMA TONELADA DE MACONHA EM FOZ”
(PALMAR, 2003, p. 5)

A FOLHA DE LONDRINA dá destaque à apreensão de 1.118 quilos de maconha em Foz do Iguaçu (sudoeste do Paraná) pela Polícia Federal, acrescentando a informação de que, somente até a data da reportagem (5 de abril de 2003), o total de apreensões completou 22 quilos de cocaína – o dobro do ano passado no mesmo período – e 3 toneladas de maconha. A matéria informa que a maior parte da droga procede do Paraguai e segue para os grandes centros brasileiros.

Na época em que este estudo aproximava-se de sua conclusão, uma onda de violência na Cidade acentuou notavelmente a frequência com que a criminalidade ligada ao tráfico de drogas passou a ocupar as notícias da mídia local. Exemplifico finalmente com três manchetes da “FOLHA DE LONDRINA”, todas extraídas do mês de Março de 2003:

. “LONDRINA JÁ REGISTRA UM ASSASSINATO A CADA 36 HORAS”
(8 de Março, primeira página do jornal)

. “COMISSÃO DISCUTE COMBATE À VIOLÊNCIA EM LONDRINA”
(15 de março, primeira página do Caderno “Cidade”)

. “LONDRINA SUPERA CURITIBA E PORTO ALEGRE EM VIOLÊNCIA” (18 de março, primeira página do jornal)

3.3.3- A formação e a experiência do pesquisador

Se estes aspectos referentes à natureza problema pesquisado e ao contexto da pesquisa *favoreceram* a opção de um modelo clínico-qualitativo de

investigação, admito que não necessariamente a *impuseram*. Como assinalado, bastaria estabelecer de outras formas meu objeto de estudo para que, nesse mesmo contexto, outros instrumentos para a coleta de dados se revelassem potencialmente satisfatórios, bem como outras formas de análise e tratamento dos dados obtidos.

Entretanto, o direcionamento de minha formação médica para a atuação na Psiquiatria (mais particularmente em sua vertente psicodinâmica), permitiu-me, desde os primeiros anos após a graduação, desenvolver uma relativa familiaridade com a *atitude clínica* e a prática cotidiana de *entrevistas* – dois aspectos centrais da metodologia escolhida para esta pesquisa.

Mais decisivas ainda foram a formação e prática psicanalíticas, posteriores à formação médica, como fatores indubitavelmente *determinantes* da eleição, não somente do referencial teórico empregado, mas do próprio método e dos instrumentos de coleta e tratamento dos dados privilegiados neste estudo.

Do ponto de vista da experiência e formação do pesquisador, portanto, o aspecto mais influente para a escolha do método neste estudo repousou na minha *familiaridade* com os desafios de apreender fenômenos transferenciais e contratransferenciais emergentes em entrevistas e identificar possíveis elementos latentes nos conteúdos manifestos nas falas de sujeitos – ou seja, interpretar *significados* a partir de *significantes* (e de outros signos não verbais).

Ressalto neste momento, entretanto, que esta familiaridade não necessariamente asseguraria uma automática *facilidade*, principalmente quando se tem em mente a distinção indispensável entre uma entrevista *voltada para uma atenção clínico-profissional*, daquela realizada no *contexto de uma pesquisa científica*.

Entendo que a *experiência clínica anterior do pesquisador* e as *cautelas metodológicas do “pesquisador-como-o-instrumento”* (seção 3.4) constituíram tarefas distintas, ainda que potencialmente sinérgicas, como expressado pelas palavras de BLEGER (1989, p. 21): “uma utilização correta da entrevista integra na mesma pessoa e no mesmo ato o profissional e o pesquisador”.

À medida que destas familiaridades não *desejei* apartar-me neste empreendimento investigativo, renunciei às potencialidades próprias aos instrumentos quantitativistas de pesquisa, optando então por uma metodologia clínico-qualitativa. Esta, como o nome sugere, propõe englobar tanto a *atitude clínica na coleta de dados* como as possibilidades de *abordagem qualitativa no tratamento e análise dos dados coletados*, como apresentado na próxima seção.

Retomando o ponto de vista da dialética qualitativo/quantitativo, tal escolha metodológica obviamente é indissociável de uma opção *epistemológica e paradigmática*, conforme advertido nas palavras de REUCHLIN (1979, p.129):

A atitude clínica leva a limitar e até mesmo a rejeitar o emprego de técnicas normalizadas que forneçam resultados quantitativos. A orientação comum aqui, aparentemente, consiste em tomar o próprio indivíduo como quadro de referencia (REUCHLIN, 1979, p.129)

3.4- O MÉTODO CLÍNICO-QUALITATIVO

TURATO (2000b, p.96) define da seguinte maneira o método clínico-qualitativo empregado nesta pesquisa:

... é o estudo teórico – e o correspondente emprego em investigação – de um conjunto de métodos científicos, técnicas e procedimentos, adequados para descrever e interpretar os sentidos e significados dados aos fenômenos e relacionados à vida do indivíduo, sejam de um paciente ou de qualquer outra pessoa participante do setting dos cuidados com a saúde (equipe de profissionais, familiares, comunidade).

Comentarei a seguir doze características essenciais desta proposta metodológica, acompanhando sinteticamente as indicações do seu próprio autor (TURATO, 2000a; 2000b; 2003):

3.4.1- Atenção central aos sentidos e significados

“*Sentido*” refere-se ao modo como o sujeito *sente* ou percebe os fenômenos em sua vivência particular, atribuindo-lhes uma tendência, ou como que uma intencionalidade, um propósito, um objetivo (FERREIRA, 1999, p. 1838). TURATO (2000b, p. 98) recorda-nos que “uma experiência de vida, como um sintoma ou uma doença, traz sentidos à vida da pessoa que a comporta, o indivíduo doente, sejam estes sentidos desejados ou não, sejam ajuizados como bons ou como maus”.

Por outro lado, o “significado” remete-nos à noção de que os signos expressos na linguagem inserem-se em uma rede de relações de significação (JAPIASSU e MARCONDES, 1990, p. 224) que constituem os pressupostos que servem de fundamento à vida das pessoas. (TRIVIÑOS, 1987, p. 130). Nos termos do estruturalismo lingüístico, o *significado* é aquilo representado pelo seu signo (o *significante*) expresso na linguagem.

De fundamental importância para os pesquisadores qualitativistas é que a busca desses sentidos e significados seja realizada respeitando-se a perspectiva dos sujeitos do comportamento e das falas, ou seja, *conforme estes sentidos e significados são atribuídos pelas próprias pessoas investigadas*. Nas palavras de TURATO (2000b, p. 98) tal desafio resulta de uma opção paradigmática fenomenológico-compreensiva por parte do pesquisador, cuja consecução lhe exigirá boa dose de criatividade e sensibilidade:

Ao querermos conhecer sentidos e significados, buscamos interpretá-los, voarmos com nossa criatividade para compreender os fenômenos, recusando-nos assim ficarmos sob o paradigma positivista, cujos seguidores pretendem ver-nos presos à quantificação dos fatos.

3.4.2- Ambiente natural constituindo o *setting*

Pesquisas qualitativas são naturalísticas (DENZIN e LINCOLN, 1994), ou seja, o campo de pesquisa é determinado pelo *ambiente natural* para o sujeito. Concebido especialmente para atender às particularidades encontradas por pesquisadores nos settings dos cuidados da saúde, o Método Clínico-Qualitativo permite que o *contexto físico e estrutural* da pesquisa (o *campo*) coincida com o *local da prestação dos serviços de saúde* (TURATO, 2000a, 2000b), ou ainda qualquer outro *ambiente natural* onde esteja o sujeito a ser pesquisado, sejam estes pacientes, profissionais da saúde ou familiares (TURATO, 2003, p. 322).

Para BLEGER o “ambiente natural” em pesquisas clínicas compreende a noção da *observação em condições naturais*, ou seja, “a observação realizada nas mesmas condições em que o se dá realmente o fenômeno” (BLEGER, 1989, p. 19), condições estas que não necessariamente exigem que a observação seja realizada em uma clínica, um leito de hospital ou um ambulatório, ou a residência do sujeito pesquisado:

... as condições naturais da conduta humana são as condições humanas... Toda conduta se dá sempre num contexto de vínculos e relações humanas, e a entrevista não é uma distorção das pretendidas condições naturais e sim o contrário: a entrevista é a situação “natural” em que se dá o fenômeno que, precisamente, nos interessa estudar: o fenômeno psicológico. (idem, idem)

Penso, portanto, que acepções de *campo psicológico*, conforme desenvolvidas separadamente por BLEGER (1984, 1989) e PICHON-RIVIERE (1988) revelam-se útil para evitar que esta noção fique aprisionada a uma conotação demasiado concreta enquanto restringida pelas preocupações quanto ao *lugar em que os dados serão coletados*.

Especialmente em se tratando de entrevistas, BLEGER (1989, p.19) recorda-nos que, nestas, a intersubjetividade em jogo no encontro pesquisador/entrevistado constitui um *campo* (dinâmico), no qual ambos são participantes ativos e condicionadores dos fenômenos que se desenvolverão durante seu encontro.

Da mesma forma PICHON-RIVIERE (1988) enuncia:

O objetivo central das investigações psicológicas é o campo psicológico; é aí que se estabelecem as interações entre a personalidade e o mundo. (...) O campo psicológico é o campo das interações entre o indivíduo e o meio. Por isso, podemos dizer que o próprio objetivo da psicologia é o campo da interação. Antes considerava-se que esse campo era oco ou vazio, por causa da dicotomia que a psicologia clássica estabelecia entre o indivíduo e a sociedade (p.65).

Mais adiante, alguns fenômenos referidos por este autor ao campo interacional estabelecido na entrevista psicanalítica, podem de certo modo aplicar-se também às entrevistas de investigação:

Se nos atrevermos a construir uma fantasia sobre aquilo que está acontecendo com o paciente quando ele entra na sessão,

teremos, então, a possibilidade de possuir um esquema referencial para o resto da sessão, sem que isso implique que nos submetamos à nossa primeira hipótese no decorrer da entrevista. no processo de interação com o paciente, a linguagem, a palavra, a comunicação verbal é fundamental, mas também é fundamental a linguagem pré-verbal, através dos gestos e atitudes. (idem, p. 67)

TURATO também sustenta que estes aspectos dinâmicos e interacionais entre pesquisador e sujeitos investigados são igualmente constituintes do *ambiente natural* onde se dá a pesquisa (2003, p. 322). Voltarei a este ponto na seção 3.5.1 adiante.

3.4.3- Angústias e ansiedades valorizadas como fundamentais

Angústias e ansiedades compreendidas não somente no sentido clínico e psicopatológico, mas também em sentido existencial mais amplo, enquanto vivência inerente à própria existência humana. Ansiedades evidenciadas pelas falas e atitudes dos sujeitos da pesquisa, e que deverão ser encaradas e acolhidas pelo investigador, este também reconhecido como sujeito humano cuja própria angústia o impulsionou à investigação.

Concordo, portanto, com TURATO (2000, p. 100) que “quem não tiver esta sensibilidade e disponibilidade interna de acolher angústias e ansiedades do outro não será um bom investigador clínico”, para acrescentar, ainda sobre o sujeito-pesquisador, a importância desta sensibilidade e disponibilidade internas para perceber e acolher as próprias angústias em seu encontro com esse *outro*, sujeito de sua pesquisa.

3.4.4- Utilização instrumental de elementos psicodinâmicos

Provavelmente a mais extensa literatura a respeito dos processos subjetivos individuais e familiares implicados no uso e na dependência de substâncias psicoativas encontra-se no marco das investigações psicanalíticas. No entanto, apesar de sua difusão e reconhecimento nos meios acadêmicos, o referencial teórico da Psicanálise emerge originalmente a partir da própria prática psicanalítica, na qual se concentra essencialmente sua legitimidade e aplicação clínica. Em decorrência, o “setting” tradicionalmente estabelecido pela prática psicanalítica privada, por definição e características próprias, a rigor não atende a alguns requisitos metodológicos essenciais para a pesquisa científica.

Não se confundindo com investigação psicanalítica, esta característica do Método Clínico-Qualitativo privilegia instrumentalmente o emprego dos conceitos da Psicanálise e dos aspectos fundamentais da técnica freudiana na condução da entrevista (e compreensão dos fenômenos emergentes no seu *setting*) e também como referencial teórico para a discussão dos resultados encontrados.

3.4.5- Pesquisador como instrumento

Aspecto compartilhado pelas metodologias qualitativistas em geral, refere-se ao reconhecimento da utilidade de recursos tais como a experiência e os conhecimentos próprios e anteriores do pesquisador, bem como sua capacidade de introspecção e reflexão pessoal. BLEGER (1989, p. 26-29), ao discorrer sobre aspectos psicodinâmicos do entrevistador, assinala:

O instrumento de trabalho do entrevistador é ele mesmo, sua própria personalidade, que participa inevitavelmente da relação interpessoal, com o agravante de que o objeto que deve estudar é outro ser humano, de tal maneira que, ao examinar a vida dos demais, se acha diretamente implicada a revisão e o

exame de sua própria vida, de sua personalidade, conflitos e frustrações (p. 26).

Uma vez mais, refuta-se na pesquisa qualitativa e social os ideais positivistas de *neutralidade* e *objetividade*. As variáveis ligadas à subjetividade própria do pesquisador não mais entendidas como enviesantes e destinadas a ser neutralizadas e evitadas, mas, ao contrário, constituindo-se em significativos fatores que *podem* (na verdade, *devem*) ser acolhidos, reconhecidos e interpretados. Nas palavras de LUDKE e ANDRÉ (1986):

Sendo o principal instrumento da investigação, o observador pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado. A introspecção e a reflexão pessoal têm papel importante na pesquisa naturalística (p. 26).

3.4.6- Bricolagem

Pesquisas qualitativas em geral comportam múltiplos e diversificados métodos de abordagem, envolvendo uma coleção variada de materiais empíricos (DENZIN e LINCOLN, 1994). A noção do *pesquisador-como-bricoleur* remete-nos à atividade sensível, paciente e criativa daquele que reúne fragmentos de objetos aqui e ali para compor um outro objeto (CHAUÍ, 2001, p. 161).

3.4.7- Interesse voltado para o *processo*

Pesquisadores qualitativistas norteiam-se tanto ou mais pelo processo do que pelo produto, por isso preocupam-se em empregar mais a expressão “*como*” do que o “*por quê*” em suas entrevistas. Indutivamente, estimulam o sujeito pesquisado a pensar em termos de múltiplas e recíprocas causalidades, evitando raciocínios lineares, expressos em termos reducionistas de relação causa-efeito. (TURATO, 2000b, p. 104).

3.4.8- Teoria e prática como pontos simultâneos de partida

O campo onde a pesquisa se dará na prática não é restrito ao “lugar” e às “pessoas” que serão em certo momento buscados pelo investigador, nem este se prende rigidamente ao seu prévio conhecimento teórico sobre o tema pesquisado. As palavras de NETO (1994) ajudam a compreender a dialética entre as naturezas teórica e prática simultaneamente estabelecidas e reciprocamente retroalimentadas nas investigações qualitativas:

Além do recorte espacial, em se tratando de pesquisa social, o lugar primordial é o ocupado pelas pessoas e grupos convivendo numa *dinâmica de interação social*. Essas pessoas e esses grupos são sujeitos de uma determinada história a ser investigada, sendo necessária uma *construção teórica* para transformá-los em *objetos de estudo*. Partindo da *construção teórica do objeto de estudo*, o campo torna-se um palco de manifestações de intersubjetividades e interações entre

pesquisador e grupos estudados, propiciando a criação de novos conhecimentos (p. 54 – itálicos como no original).

3.4.9- Emprego de raciocínios indutivos e dedutivos

Recusando a dicotomia implicada na clássica atribuição de um caráter *dedutivo* aos métodos quantitativos e *indutivo* aos qualitativos, TURATO (2000b, p. 105) prefere referir-se a uma valiosa dialética, seqüencialmente indutiva-dedutiva, na constituição do Método Clínico Qualitativo.

3.4.10- Força do método apoiada na validade dos dados

Como assinalado na seção 3.6, em contraponto à confiabilidade (“*reliability*”) e reprodutibilidade classicamente atribuídas aos métodos quantitativistas, os métodos qualitativos tendem a uma forte validade (“*validity*”) interna, à medida que os resultados refletem com autenticidade os fenômenos investigados.

3.4.11- Descrição e interpretação concomitantes

Contrariamente à clássica separação entre as etapas de “apresentação” dos resultados e sua “discussão” nos trabalhos quantitativos, as pesquisas qualitativas integram estas duas etapas. Descrições dos dados vão sendo realizadas concomitantemente à sua interpretação e discussão pelo pesquisador. Em outras palavras, “a análise e a interpretação estão contidas no mesmo movimento: o de olhar atentamente para os dados da pesquisa” (GOMES, 1994, p.68).

Neste estudo, portanto, adotei a opção de apresentar conjuntamente os resultados e sua discussão nas seções 4 e 5.

3.4.12- Pressupostos finais e generalizáveis

Como formulado anteriormente, (seção 1.4), nos trabalhos qualitativos o objetivo final é tanto a revisão dos pressupostos iniciais, como a formulação de

novos pressupostos sobre o problema estudado. A critério do leitor-consumidor da pesquisa, estes poderão ser empregados em novos *settings* ou situações onde fenômenos semelhantes estejam ocorrendo. A crítica de que os resultados da pesquisa qualitativa não seriam reprodutíveis revela-se, assim, inaceitável para TURATO (2000b, p. 106), uma vez que “fenômenos e fatos, sejam individuais ou na amplitude social, os quais se manifestam no campo das Ciências do Homem, por razões obviamente conhecidas, simplesmente não são reprodutíveis”.

Concluindo o exame destas diretrizes gerais formuladas para este método, observa-se que algumas de suas características são comuns às metodologias qualitativas em geral, enquanto outras se revelam mais específicas desta proposta em particular. Parece-me apropriada, portanto, a observação de seu autor quando este observa que, essencialmente, o Método Clínico-Qualitativo constitui-se em uma adaptação, um “refinamento” das características essenciais às metodologias qualitativas para seu emprego no *setting* e nas temáticas próprias dos cuidados com a saúde (TURATO, 2000a, p. 53).

O potencial de adequação dessa proposta metodológica aos objetivos acima descritos pode ser estimado pelo seu emprego recente em pesquisas envolvendo temas bastante diversificados na área das Ciências da Saúde (FONTANELA, 2000; SALES, 2001; CAMPOS, 2002).

3.5- PROCEDIMENTOS REALIZADOS

3.5.1- Campo e “*campos*” de observação

MINAYO (2000, p. 105) define *campo*, na pesquisa qualitativa, como “o recorte espacial que corresponde à abrangência, em termos empíricos, do recorte teórico correspondente ao objeto da investigação”.

Refinando este conceito para sua aplicação no contexto da pesquisa clínico-qualitativa, TURATO (2003) propõe que o *campo* seja compreendido como:

... o espaço físico onde o pesquisador julga serem regularmente encontradas, como sendo seu ambiente natural, as pessoas que poderão falar com autoridade sobre o tema definido em seu projeto de pesquisa e onde poderá inter-relacionar-se com elas com o alvo de ouvir um discurso pertinente e observá-las em sua postura (p. 322).

Note-se que este autor inclui como inerente ao próprio conceito de *campo* sua necessária adequação (a critério do pesquisador) para promover objetivamente uma inter-relação entre pesquisador e os sujeitos de sua pesquisa. Em outras palavras, um campo “asséptico” é inconcebível na proposta clínico-qualitativa de investigação.

Penso ser importante do ponto de vista epistemológico esse aspecto. Em pesquisas qualitativas, evitar que a amplitude do conceito de “campo” se restrinja a seus aspectos estruturais, geográficos ou espaciais ressalta e inclui sua dimensão mais abstrata, socialmente dinâmica e profundamente interativa, estabelecendo uma profunda ruptura com os ideais de neutralidade e distância pretendidos nas pesquisas norteadas por paradigmas positivistas.

Assim, tanto nas incursões qualitativas em geral como no Método Clínico-Qualitativo em particular, o conceito de *campo de observação* necessariamente requer a inclusão e a *observação objetiva* das próprias intersubjetividades em jogo na interação dos entrevistados com o pesquisador e vice-versa.

Tais aspectos são também enfatizados por MINAYO (2000, p.105):

A pesquisa social trabalha com *gente*, com atores sociais em relação, com grupos específicos. Esses sujeitos de investigação, primeiramente, são construídos teoricamente enquanto componentes do *objeto de estudo*. No campo, fazem parte de uma relação de intersubjetividade, de interação social com o pesquisador, daí resultando um produto novo e confrontante tanto com a realidade concreta como com as hipóteses e

pressupostos teóricos, num processo mais amplo de construção de conhecimentos (itálicos como no original).

Tais considerações aproximam-nos das acepções de *campo* propostas por BLEGER (1984, 1989) e PICHON-RIVIERE (1988), as quais, conforme ressaltei na seção 3.4, refere-se mais especificamente aos aspectos psicodinâmicos (manifestos e latentes) da interação *pessoal*, na situação de entrevista, entre o pesquisador e o sujeito investigado.

Parece-me fecundo, portanto, conjecturar que o *campo de observação* desta pesquisa, numa acepção mais ampla e abstrata, constituiu-se em uma superposição de vários *campos*, tão dialeticamente concebidos em teoria como inseparavelmente estabelecidos na prática. Assim, minha *ida ao campo* (no sentido espacial-geográfico, a Instituição onde busquei sujeitos para investigar) promoveu uma sucessão de vários *campos interacionais menores* (no setting de cada entrevista, a interação pesquisador/entrevistado com seus processos psicodinâmicos próprios). E, ao mesmo tempo estávamos, pesquisador e entrevistados, inseridos em *campos* (representacionais, ideológicos, institucionais, etc.) ainda mais amplos, estabelecidos pelo contexto social e cultural em que emergem nossos respectivos interesses, ideais, valores e representações sociais.

Feitas estas inferências, retomo a acepção geográfico-espacial usual do termo para descrever o campo de observação desta pesquisa. Este foi progressivamente concebido a partir de contatos anteriores que mantive, com relativa freqüência, com uma tradicional e conceituada Instituição de Ensino Fundamental e Médio na Cidade de Londrina.

A referida organização, de cunho confessional, constitui sólida e tradicional rede de ensino, com diversos Colégios estabelecidos em várias cidades do país. Nesta filial londrinense ocasionalmente era solicitado para ministrar palestras para alunos sobre a temática das “drogas”. Às vezes fui o único conferencista, enquanto em outras partilhei a palavra com outros convidados – geralmente outros colegas profissionais da área da saúde mas também, pelo menos em duas ocasiões, com autoridades da Polícia Federal local.

Sendo uma Instituição de direito privado, trata-se de uma escola particular, e portanto freqüentada, na sua quase totalidade, por crianças e adolescentes pertencentes às classes sociais média e alta da cidade.

Desde estes meus primeiros contatos com a Instituição, portanto, a preocupação de diretores, orientadores educacionais e professores com o uso de drogas entre seus alunos era manifesta. Relatos de abuso de álcool nas festas noturnas e nos encontros dos fins de semana eram assuntos corriqueiros. “Suspeitas” ou “evidências” do uso de drogas ilícitas por alguns dos jovens estudantes pareciam confirmar-se pelos eventuais “flagrantes” de consumo de álcool e maconha por alunos, nas imediações do Colégio e no próprio horário das aulas.

Nessas situações a reação institucional inevitavelmente cumpria seu papel normativo através de medidas punitivas variando desde a advertência ao aluno até sua suspensão ou mesmo expulsão.

Tais problemas me eram confidenciados quase sempre em tom de ansiedade e consternação. Em que pese, porém, minha compreensão e acolhimento destas legítimas angústias e a minha percepção da sinceridade desses educadores em suas iniciativas, desde cedo lhes expressei que a abordagem institucional do problema me parecia demasiadamente focalizada em estratégias *pedagógicas* e *repressivas*.

Sempre é muito mais fácil e mais cômodo dar conferências a escolares que examinar a natureza de nossa cultura e os mecanismos de nossas instituições, mas o conteúdo real dos problemas exige muito mais ousadia (EDWARDS, 1981, p. 263)

Especialmente chamei-lhes a atenção para o desconhecimento das proporções específicas do problema na Instituição, e, neste sentido, sugestões de outras formas de aproximação aos alunos chegaram a ser aceitas em duas ocasiões, as quais descreverei apenas sucintamente.

A primeira ocorreu quando lhes pedi sugestões para substituir uma palestra que me fora solicitada por alguma atividade mais *dinâmica* com os alunos. Da discussão com os coordenadores pedagógicos surgiu a idéia de realizar sessões de “bate-papo eletrônico” em rede (também conhecido no jargão da informática como *chat*) sobre o tema das drogas, aproveitando horários em que os alunos estariam divididos em turmas menores para aulas no Laboratório de Informática. A experiência, se obviamente limitada em vários aspectos, ao menos se revelou bem mais divertida para todos – para mim inclusive –, sem prejuízo dos objetivos de transmissão de conhecimentos e de responder às muitas dúvidas e curiosidades formuladas.

Recordando hoje a participação atenta e espontânea daqueles alunos (obviamente bem maior que a observada nas palestras em auditório), e tendo conhecido trabalhos como o de LEFEVRE e SIMIONI (1999), conjecturo a fecundidade potencial desse tipo de *setting* para investigações qualitativas sobre diversos temas entre adolescentes.

Numa segunda ocasião, a Direção da Escola autorizou-me à realização de uma pesquisa na qual propus uma investigação do tema entre seus alunos através de questionário auto-aplicável, anônimo e voluntário. Os dados obtidos foram posteriormente submetidos à análise estatística, fornecendo dessa forma parâmetros quantitativos bastante úteis para uma avaliação mais realista de vários aspectos referentes à temática das drogas entre seus estudantes⁹.

Valendo-me, portanto, da oportunidade criada por um lado por uma autêntica demanda institucional, e por outro pela confiança e prestígio demonstrados para com minha pessoa enquanto profissional e pesquisador, lancei-

⁹ Inicialmente cogitei aproveitar tais dados neste projeto de pesquisa, o qual envolveria então, originalmente, uma *combinação* de procedimentos quali e quantitativistas. Entretanto, uma vez que esse mencionado levantamento abrangeu objetivos, problemas, sujeitos e instrumentos distintos dos que decidi privilegiar no presente estudo, seus resultados permanecem reservados para eventual consumo em outra ocasião. Sua menção neste momento visou evidenciar os elementos determinadores de meu razoável conhecimento da Instituição e, principalmente, transparecer para o leitor o *modo* com que se deu a aproximação e constituição do campo de pesquisa.

me à consecução das etapas e procedimentos planejados para este estudo pesquisa tão logo obtive o consentimento formal e por escrito da Direção do Colégio.

É importante ressaltar que, superadas algumas pequenas dificuldades iniciais, relacionadas principalmente a mudanças de ocupantes de cargos de confiança e ao ajustes de horários para reuniões de planejamento, a Instituição de Ensino proporcionou-me toda a colaboração necessária, atendendo minhas eventuais solicitações de modo prestativo e adequado. Tanto os membros de sua Diretoria como de seu Corpo Docente demonstraram nítido interesse em colaborar, auxiliando-me nas providências relativas a uma infra-estrutura adequada, entre as quais destaco: designação pela Diretoria de dois funcionários qualificados (Orientadores Educacionais) para as reuniões de planejamento, fornecimento de dados institucionais solicitados pelo pesquisador, impressão e distribuição de cartas-circulares, facilitação dos contatos com os sujeitos da pesquisa, disponibilização facultativa de sala e horários para entrevistas.

Em suma, no que toca aos aspectos pertinentes ao relacionamento entre pesquisador e Instituição, nessa etapa de operacionalização não enfrentei maiores problemas, nem “de ordem institucional (burocráticos) ou psicológica (de relacionamentos)”, como categorizados por TURATO (2003, p.322).

3.5.2- Seleção de sujeitos para a amostra.

Três reuniões preliminares foram realizadas com os Orientadores Educacionais designados pela Direção para auxiliar-me no planejamento operacional da pesquisa. Tais encontros foram úteis para informar-lhes a respeito dos meus objetivos na pesquisa e dos cuidados metodológicos que seriam necessários para a adequada constituição de uma amostra e, ao mesmo tempo, para que eu pudesse conhecer algumas características importantes do funcionamento institucional.

Foi dessa maneira que recebi a sugestão de enviar, através dos próprios alunos, cartas-circulares informando seus pais a respeito da pesquisa e convidando-os a participar. Tal canal de comunicação constituía, na experiência daqueles educadores, um modo natural, rápido e eficiente de divulgação de informações institucionais importantes, de relativa simplicidade e baixo custo operacional.

No entanto, recordando alguns comentários de outros colegas pesquisadores sobre baixos índices de retorno desse tipo de instrumento, tive dúvidas de sua eficiência para os propósitos desta pesquisa. Ao externá-las aos meus interlocutores, obtive como resposta um prognóstico diametralmente oposto: cientes de que a amostragem necessária provavelmente envolveria menos que duas dezenas de participantes, sua dúvida era que eu fosse “dar conta do grande número de interessados em participar” – ou seja, em sua opinião muitos interessados provavelmente ficariam “de fora”.

Outras opções tradicionalmente conhecidas para constituição de amostras em pesquisas qualitativas pareceram-me menos indicadas. Tentar uma amostragem por bola-de-neve, por exemplo (em que um primeiro entrevistado indicaria o segundo, este o terceiro e assim por diante), além de não contemplar meu intuito de entrevistar sujeitos cujo interesse em participar fosse o mais espontâneo possível, talvez envolvesse maior risco de atrasos ou mesmo de dificuldades intransponíveis para constituição de uma amostra suficiente.

Dessa forma acatei a sugestão feita pelos Orientadores Educacionais de divulgação da pesquisa através de uma Carta-Circular, tendo em mente, entretanto, que em princípio nada impediria uma eventual combinação de procedimentos para obtenção da amostra – por exemplo aceitando uma indicação espontânea feita por algum entrevistado que conhecesse alguém potencialmente interessado em participar (tal possibilidade, como veremos, não se concretizou).

Apesar da proximidade das férias escolares de verão (faltavam cerca de 40 dias do encerramento do ano letivo), optei por redigir e imediatamente enviar uma carta-circular, a qual teve como destinatários os pais de aproximadamente 700 alunos matriculados da oitava série do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio. No texto integral desta carta-circular (ANEXO 2) tomei o cuidado de fazer constar :

- O tema, o objetivo e o instrumento (entrevista individual) da pesquisa;
- O caráter absolutamente anônimo, sigiloso e voluntário de uma eventual decisão em participar, disponibilizando número telefônico e *e-mail* do pesquisador para contato direto e privativo (sem interferência ou conhecimento por parte do Colégio);
- A qualificação profissional e institucional do pesquisador, bem como sua disponibilidade para esclarecer dúvidas e dar orientações específicas aos participantes após a realização da entrevista;
- O interesse pela participação de *pais* de adolescentes (expressão literalmente empregada na Circular para referir-me indistintamente aos progenitores de ambos os sexos)

Dessa forma, os *critérios para inclusão* dos sujeitos na amostra abrangeram originalmente as seguintes exigências:

- ser pai ou mãe de adolescente matriculado no Colégio que constituiu o campo da pesquisa, da oitava série do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio;
- demonstrar interesse espontâneo em participar, entrando em contato com o pesquisador a partir do recebimento da carta-circular;
- assegurar disponibilidade mínima de uma hora e meia para a realização de uma entrevista gravada, bem como de uma segunda entrevista se necessário

- concordar com o teor e assinar o Termo de Consentimento Esclarecido (ANEXO 3) antes do início da gravação da entrevista;
- demonstrar adequadas condições intelectuais e psicológicas para ser entrevistado;

Poucos dias após o envio da Carta-Circular recebi um primeiro contato (mãe de aluno), o qual destinou-se à realização de uma *entrevista-piloto* ou, conforme preferido por TURATO (2003, p.316-7), *entrevista de aculturação*. Este procedimento, freqüente em pesquisas qualitativas, tem por finalidade proporcionar ao pesquisador a necessária ambientação e assimilação de aspectos relacionados ao setting da pesquisa. Os esforços para transcrição deste primeiro material gravado, concomitante à reflexão e revisão crítica sobre os aspectos psicodinâmicos, técnicos e operacionais do encontro revelaram-se de fato valiosos no sentido de minha preparação e aprimoramento para a tarefa que me aguardava, inclusive permitindo refinar o roteiro norteador das entrevistas.

Três outras pessoas foram entrevistadas na seqüência da entrevista-piloto (entrevistas A, B e C). Contrariando, porém, as estimativas “otimistas” dos Orientadores Educacionais, todos os procedimentos preparatórios realizados até então resultaram em apenas estas quatro pessoas interessadas em participar.

Encerrado o ano letivo, restava-me aguardar o reinício das aulas no ano seguinte para retomar os contatos institucionais e prosseguir os trabalhos, após avaliação com meu orientador.

Tão logo se reiniciaram as atividades escolares, entrei em contato com meus colaboradores no Colégio, os quais se surpreenderam com o pequeno número de pessoas efetivamente interessadas em participar até então, atribuindo-o ao acúmulo típico de atividades de final do ano.

A carta-circular foi então re-enviada da mesma maneira anterior, porém resultando desta vez em número *um pouco maior* de entrevistas, as quais foram sendo agendadas e realizadas respeitando-se intervalos variáveis de uma a duas semanas entre cada entrevista.

Após a sexta entrevista, e tendo já agendadas as datas para realização de outras três, observei que, do mesmo modo que na etapa anterior, *somente mães* de adolescentes estavam demonstrando interesse em participar da pesquisa. Novamente entrei em contato com os educadores, que me informaram algo de certa forma já esperado: o fato reproduzia uma realidade já conhecida por eles e por mim, qual seja, na maioria das vezes as atividades decorrentes da participação parental no acompanhamento educacional dos filhos (verificação e ciência por escrito das notas nos boletins, comparecimento a reuniões com professores e orientadores para discussão de problemas disciplinares ou de rendimento escolar do aluno, etc.) eram exercidas pelas mães. “*Quem aparece é sempre a mãe, é a maior dificuldade quando a gente tem que falar com algum pai*”, foi o que ouvi e registrei na ocasião.

Tendo em vista o volume e a complexidade dos dados que estavam sendo obtidos nas longas entrevistas já realizadas (algumas das quais com duração superior a uma hora), decidi pela continuidade das mesmas entrevistas agendadas, antevendo a esta altura a possibilidade de que *uma amostragem somente com mães de adolescentes fosse constituída*. Ao mesmo tempo, porém, me mantive ainda aberto para a inclusão de pais que eventualmente demonstrassem interesse em participar ou que eu, de maneira igualmente *intencional*, julgasse necessário procurar para constituir a tipificação inicialmente planejada para a amostra.

Após a décima entrevista, no entanto, constatei que as entrevistadas, se não variaram em gênero (todas eram mães de adolescentes) e nível de instrução (com apenas uma exceção, todas tinham formação universitária completa), atingia satisfatoriamente o critério pretendido de variedade de tipos quanto a outras variáveis igualmente importantes, tais como estado civil, área científica de sua formação universitária (Direito, Educação Física, Biblioteconomia, Letras, Engenharia Civil e Belas-Artes, etc.), profissão ou ocupação atual, número de filhos, número, idade e gênero de filhos adolescentes, religião, tipos de experiência pessoal com drogas e outros aspectos particulares das suas relações familiares. (Quadro 3)

Ademais, o conteúdo da fala de novas entrevistadas começava a tornar-se repetitivo em alguns aspectos, refletindo a “homogeneidade ampla” descrita por TURATO (2003, p. 363) como inerente ao critério de saturação, também empregado para “fechar” uma amostra em procedimentos clínico-qualitativos.

A partir desta análise preliminar do extenso material já disponibilizado a partir da transcrição de mais de doze horas de gravação e considerando as citadas características dos sujeitos componentes da amostra, concluí que uma amostragem estava adequadamente obtida, tanto pelo critério de saturação como pelo de variedade de tipos (TURATO, 2003). Decidi neste momento interromper minha busca por novas entrevistas, fechando com dez mães entrevistadas a amostragem.

Esclareço porém que, caso decidisse prosseguir na captação de novos sujeitos para a amostra, haveria grandes chances de frustrar-me nessa intenção. Passados mais de dois meses após o envio pela segunda vez da carta-circular, já não surgiam novos interessados em participar. Ademais, pouco tempo após o fechamento de minha amostragem, uma nova e profunda mudança organizacional ocorreu no Colégio (campo da pesquisa), resultando na demissão de alguns ocupantes de cargos da Direção, inclusive ambos os orientadores pedagógicos que me foram indispensáveis no planejamento e execução dos aspectos operacionais da pesquisa.

Desde então, e até o encerramento da redação deste trabalho, todos os meus contatos institucionais foram interrompidos.

3.5.3- O instrumento (1): entrevista semidirigida

Uma entrevista é definida por HAGUETTE (2001, p. 86) como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”.

A opinião consensual entre os renomados pesquisadores qualitativistas cujas considerações teóricas e recomendações técnicas nortearam-me na

preparação e realização das entrevistas nesta pesquisa é a de que a entrevista, ao lado da observação participante, constitui-se no instrumento básico para a coleta de dados em pesquisas qualitativas (LUDKE e ANDRÉ; 1986; TRIVIÑOS 1987; RUBIN e RUBIN, 1995; KVALE, 1996; MINAYO, 2000 e HAGUETTE, 2001).

Além destes, as contribuições de MACKINNON e MICHELS (1987) também se revelaram úteis referenciais teorizadores dos aspectos clínicos presentes em entrevistas com fins de investigação científica, ainda que uma entrevista investigativa não coincida com os objetivos e aspectos técnicos de uma anamnese ou de uma consulta psiquiátrica, conforme adverte TURATO (2003, p. 308-9).

Da mesma forma, uma entrevista deste gênero tampouco pode ser confundida com os propósitos de uma sessão psicanalítica. Recordando, porém, a fundamental importância instrumental atribuída aos referenciais psicodinâmicos para o Método Clínico-Qualitativo (seção 3.4.4), torna-se indispensável considerar, no âmbito da produção teórica da Psicanálise, as referências aplicáveis à dinâmica psíquica subjacente às entrevistas psicológicas. Dentre estas, destaco como de particular utilidade neste estudo os chamados “escritos técnicos” de FREUD de 1912 a 1915 (1986c; 1986d; 1986e; 1986f; 1986g; 1986h) e as contribuições posteriores de PICHON-RIVIÈRE (1988) e de BLEGER (1984, 1989).

Ao apoiar-me especialmente nestes três grandes grupos referenciais – as contribuições de pesquisadores qualitativistas, os princípios norteadores das entrevistas clínico-psiquiátricas e os autores procedentes da Psicanálise –, coincido com as principais fontes de fundamentação referidas por TURATO (2000a; 2000b; 2003) em suas considerações a respeito da entrevista no contexto da aplicação do Método Clínico-Qualitativo.

Quanto ao modelo específico de entrevista a ser empregado, NETO (1994,

p. 58) recorda-nos que as entrevistas semi-estruturadas articulam características comuns às modalidades de entrevistas abertas (não estruturadas) e fechadas (ou estruturadas). Preferindo empregar a expressão “semidirigida”, TURATO (2003) preconiza então a *entrevista semidirigida de questões abertas* como sendo “o grande instrumento auxiliar da pesquisa clínico-qualitativa” (p. 312). Mais adiante neste seu texto, este autor advoga as vantagens deste modelo de entrevista (em comparação com as entrevistas dirigidas e não-dirigidas) em função de sua capacidade de permitir que ambos os participantes tenham “momentos para dar alguma direção, representando ganho para reunir os dados segundo os objetivos propostos” (p. 313).

Acompanhando dessa forma tais indicações, optei pelo modelo de entrevistas semidirigidas de questões abertas como instrumento de coleta de dados. Embora informasse cada candidata a ser entrevistada que o Colégio havia gentilmente cedido alguns horários livres de uma de suas salas para as entrevistas, sugeria-lhes que o encontro fosse marcado em meu consultório particular. Esta opção foi unanimemente preferida e, além de resultar em maior agilidade para o agendamento dos encontros, também assegurou aos sujeitos da pesquisa mais privacidade e conforto nas entrevistas.

Todas estas foram realizadas em data e hora previamente estabelecidas entre pesquisador e entrevistado. Em cada encontro, os primeiros momentos eram reservados para que o entrevistado procedesse à leitura e assinatura do Termo de Consentimento e recebesse esclarecimentos eventualmente julgados necessários. A seguir o entrevistador preenchia uma “Ficha de Entrevista”, na qual os dados de identificação do entrevistado eram anotados. Esta etapa, além de permitir ao pesquisador a obtenção formal do consentimento para a entrevista e demais informações necessárias, revelou-se especialmente estratégica para estabelecer um vínculo entre entrevistador e entrevistado e minimizar as naturais apreensões e ansiedades de ambos nesse primeiro momento de encontro pessoal. Representou na prática o que MINAYO (2000, p. 125) chama de “*conversa inicial*”, com o propósito de “*aquecimento*”, “*quebrar o gelo*”, na qual “pesquisador e entrevistado,

após estudarem-se (involuntariamente) por alguns minutos, firmam um canal aberto e amigável em que transcorrerá uma interlocução mais espontânea” (TURATO, 2003, p. 327).

Na seqüência, a *gravação em áudio* da entrevista era iniciada e tinha sua seqüência natural. Como preconizado para este tipo de entrevista, elaborei como instrumento auxiliar de pesquisa (TURATO, 2003, p. 317) um pequeno *roteiro norteador*, ou *roteiro de tópicos*, o qual foi reformulado logo após a primeira entrevista-piloto (a versão definitiva encontra-se no Quadro 1).

QUADRO 1- Roteiro norteador das entrevistas

Pergunta “disparadora”: <i>Motivação para participar desta pesquisa.</i> Adolescência e drogas: <i>Fontes usuais de informação sobre o assunto;</i> <i>O que é droga</i> <i>Qual a gravidade do problema;</i> <i>Motivos do uso de drogas por adolescentes;</i> <i>Como prevenir o uso de drogas por adolescentes;</i> O entrevistado e sua família: <i>Experiência com drogas na família;</i> <i>Como o assunto “drogas” é abordado em casa;</i> <i>Aspectos gerais da vida familiar e da convivência com os filhos adolescentes (características do relacionamento dos pais entre si e com os filhos; hábitos de consumo dos pais e dos filhos; valores morais e religiosos da família; educação dos filhos: regras e disciplinas, manejo do dinheiro, etc.)</i>

Como se poderá perceber nas transcrições das entrevistas, com exceção daquele que denominei “*pergunta disparadora*” (para cada uma das entrevistadas minha indagação inicial foi a respeito da sua motivação em participar da pesquisa) tais tópicos não necessariamente foram formulados de forma literal durante as entrevistas, nem enunciados na mesma ordem como aparecem no roteiro. Se o fizesse, isso inevitavelmente faria a entrevista tender mais para o modelo descrito como “entrevista estruturada com perguntas fechadas”. Ao contrário, o propósito desse instrumento auxiliar foi apenas auxiliar o pesquisador a identificar os pontos eventualmente não abordados espontaneamente ao longo da conversação, sem prejuízo do espaço concedido a cada entrevistada para falar do que quisesse e (dentro de certos limites) o mais livremente possível, mesmo quando não perguntada a respeito. Parafraseando uma frase de MACKINON e MICHELS (1981, p. 17) originalmente referida ao psiquiatra no contexto da entrevista clínica, penso que *o pesquisador demonstra sua perícia tanto pelas perguntas que faz como por aquelas que deixa de fazer*.

Entretanto, por mais cuidadosas que tenham sido feitas, as gravações em áudio não são capazes de registrar certos tipos de dados também importantes para os propósitos da investigação clínico-qualitativa. MINAYO assinala que, além de dados *objetivos*, as entrevistas precisariam cumprir o papel de fornecer dados *subjetivos* referidos diretamente ao indivíduo entrevistado, suas atitudes, valores e opiniões (2000, p. 108).

Neste momento lembro novamente as palavras de MACKINON e MICHELS (1981):

O conteúdo da entrevista refere-se tanto à informação concreta, proporcionada pelo paciente, quanto às intervenções específicas do entrevistador. Muito do conteúdo pode ser transmitido verbalmente, embora ambas as partes se comuniquem também através de comportamento não verbalizado. Frequentemente, o conteúdo verbal pode não ter relação com a mensagem real da entrevista (p. 19).

TURATO (2003, p. 319-20) ainda inclui entre os dados subjetivos a serem buscados na entrevista aqueles referidos ao próprio entrevistador – ou seja, a auto-observação indispensável para a apreensão dos aspectos contratransferenciais latentes.

Assim, por motivos óbvios, muitos desses preciosos registros subjetivos jamais seriam disponibilizados pela simples gravação em áudio das entrevistas. Para não depender exclusivamente de minha memória, procurei então registrar por escrito as eventuais manifestações não-verbais da dupla entrevistador/entrevistada e, na medida do possível, minhas impressões sobre possíveis aspectos transferenciais e contratransferenciais emergentes. A maioria destas anotações foi feita logo *após* o término de cada entrevista, porém, algumas vezes também *antes* do início da mesma – por exemplo, quando a Entrevistada “F” me telefona *uma hora* antes do horário combinado para a entrevista pedindo-me para antecipar nosso encontro em *meia hora*.

Quando julguei relevante, notas curtas e abreviadas durante as gravações permitiram, por exemplo, que eu registrasse na transcrição da entrevista o momento exato em que I desvia seu olhar para o gravador (I14, seção4.2.1).

Após o término de cada gravação, reservei um tempo para, a critério da entrevistada, permanecer à sua disposição para orientações e esclarecimentos de suas eventuais dúvidas a respeito dos temas abordados. Com apenas uma exceção (a mesma “F”, que se despediu imediatamente após o gravador ser desligado), tais momentos – não raramente demorados – revelaram-se especialmente significativos, na minha percepção, para que as entrevistadas fossem objetivamente *cuidadas* no tocante às angústias e problemas que expuseram na entrevista recém-encerrada. Dessa forma, embora a *curiosidade* do pesquisador ainda se mantivesse atenta, o significado maior destes momentos para mim residiu na possibilidade de *retribuir*, agora através de minha solidariedade e experiência profissional, a inestimável contribuição dessas pessoas. A generosa e espontânea disponibilidade com que estas mulheres, renunciando à própria privacidade, se dispuseram a falar

de aspectos não raramente delicados de suas intimidades pessoais e familiares, confere a cada uma delas uma verdadeira *co-autoria* deste trabalho.

Encerrado o encontro, registrava por escrito minhas anotações finais.

A gravação em áudio imediatamente era então transcrita *de forma integral, literal e fidedigna* por mim e também, de forma independente, por outra pessoa de minha inteira confiança em termos de capacitação ética e técnica para a tarefa. Esta transcrição “*paralela*” teve por finalidade maximizar a fidelidade do transcrito aos signos expressos nas falas de entrevistador e entrevistado.

Cada entrevista foi agendada com intervalo não inferior a uma semana, sendo estes intervalos úteis para dedicar-me à audição e transcrição das entrevistas, tomando conhecimento progressivo dos conteúdos registrados e procedendo às etapas da análise de conteúdo (seção 3.5.4).

O conjunto das transcrições (no total correspondendo a aproximadamente 12 horas de gravação), uma vez submetido às devidas revisões e editorações, constituiu finalmente o *corpus* da pesquisa, o qual se encontra no ANEXO 1 juntamente com as observações referentes ao estilo e critérios adotados na transcrição integral das entrevistas. Além do *corpus*, também levei em consideração a análise do *material não gravado*, gerado pelo conjunto de anotações referentes a cada encontro entre entrevistador e entrevistada.

3.5.4- O instrumento (2): categorização e análise de conteúdo

Uma vez constituído o corpus, como analisar e sistematizar o conteúdo das falas dos sujeitos entrevistados? Neste estudo, partimos daquela que provavelmente constitui-se a mais conhecida forma de abordagem analítica de dados qualitativos: a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), assim definida pela sua autora (p. 9):

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a "discursos" (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até à extração de estruturas traduzíveis em modelos – é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade.

Há que se considerar, no entanto, que as opções metodológicas já publicadas e referidas na literatura para análise de dados qualitativos são tantas, e tão diversificadas, que seu conjunto constitui, segundo uma feliz expressão de TURATO (2003, p. 438) um verdadeiro *cipóal de técnicas*. Sem, porém, subestimar os méritos e as perspectivas abertas por cada uma das diversas propostas disponíveis, este autor inspira-se principalmente nas contribuições de BARDIN para formular um conjunto particular de procedimentos, sequencialmente planejados, os quais resultam em um método de Análise de Conteúdo Temático especialmente adaptado para contemplar as particularidades do Método Clínico Qualitativo que propõe.

Seguindo então os passos recomendados por TURATO (2003, p. 444-51), descrevo a seguir os procedimentos que empreguei na análise de conteúdo do corpus constituído a partir das gravações em áudio dos sujeitos desta pesquisa.

3.5.4.1- Pré-análise do material

Além da audição e transcrição de cada entrevista recém realizada, uma vez fechada a amostragem e completado o conjunto de transcrições passei a dedicar-me à chamada “*leitura flutuante*” do corpus constituído.

Esta expressão é inspirada na técnica psicanalítica originalmente formulada por Freud, a qual consiste essencialmente “em não querer fixar-se em nada em particular e em prestar a tudo o que se escuta a mesma atenção uniformemente flutuante” (FREUD, 1912 [1986e], p. 111)¹⁰. Analogamente à situação terapêutica, portanto, minimiza-se dessa forma o risco de o pesquisador dar maior importância a determinados fragmentos da fala em detrimento de outros, no que estaria equivocadamente obedecendo a “suas próprias expectativas ou inclinações” (ibid, p.112).

¹⁰ A versão brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud prefere a utilizar a expressão “*atenção uniformemente suspensa*” (cf. aparece em FREUD, 1912 (1969), p. 149-50).

Nas palavras de BARDIN (1977) o seguinte efeito é esperado da aplicação desta técnica:

Pouco a pouco, a leitura vai-se tornando mais precisa, em função de hipóteses emergentes, da projeção de teorias adaptadas sobre o material e da possível aplicação de técnicas utilizadas sobre materiais análogos (ibid, p. 96).

Além de várias *leituras flutuantes* do corpus transcrito, criei oportunidades para também empreender novas *escutas flutuantes* das entrevistas – experiência que, na falta de um termo melhor, descreverei como “*imersão auditiva no material gravado*”.

Combinando assim impressões visuais (os signos gráficos contemplados nas leituras) e auditivas (a escuta dos diálogos, entonações de voz, pausas, etc) tentei assim aproximar-me, o mais idealmente possível, do propósito de *impregnação* pelo conteúdo das entrevistas, conforme descrito por LUDKE e ANDRÉ (1986, p. 48) e TURATO (2003, P.444).

Tais períodos de leituras e escutas flutuantes alternaram-se com outros, nos quais intencionalmente promovia meu *afastamento* em relação ao corpus para dedicar-me à revisão da literatura concernente aos aspectos metodológicos em andamento na pesquisa e aos referenciais teóricos que originalmente me embasaram na formulação do problema investigado.

Desta fase de sucessivas alternâncias entre os movimentos de *aproximação* e de *afastamento* dos dados coletados creio ser possível apontar três principais resultados: (1) um progressivo incremento da *sensibilidade* do pesquisador para a percepção conjunta de conteúdos comuns às diferentes entrevistas; (2) conseqüentemente, os primeiros esboços de uma *pré-categorização do conteúdo* foram sendo naturalmente ensaiados; e (3) uma revisão crítica da adequação e alcance dos referenciais teóricos originais, agora confrontados aos resultados preliminares da pesquisa de campo foi obtida.

3.5.4.2- Categorização e subcategorização

À medida, portanto, que as leituras e audições iam sendo realizadas, os elementos constitutivos das falas dos sujeitos entrevistados, em seu conjunto, foram progressivamente percebidos por mim como passíveis de agrupamento em categorias ou rubricas gerais (ou seja, *categorizados*), de acordo com determinados *temas* aos quais os discursos se referiam. Esse processo de categorização, nos termos da Análise de Conteúdo Temática, tem por objetivo primeiro “fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos” (BARDIN, 1977, p. 119), e é definido por esta autora da seguinte forma:

... uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e , seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos (BARDIN, 1977, p. 117).

Ao contrário, porém, das possibilidades ofertadas pelas técnicas matemáticas ou estatísticas de categorização (tais como os cálculos percentuais e análises fatoriais) freqüentemente utilizadas pelos defensores do tratamento *quantitativo* dos dados *qualitativos* obtidos nas entrevistas, privilegiei o estabelecimento de categorias a partir dos princípios de *repetição e relevância*, conforme preconizados por TURATO (2003):

Impõe-se, neste momento, segundo o critério de **repetição**, a investigação daquilo que cada um deles tem em comum com os outros, ou seja, constitui-se na atividade de distinguir, no caso pondo em destaque as colocações reincidentes, considerando todas as emergentes no discurso da pessoa. O outro critério, o da **relevância**, fugindo de uma certa ortodoxia da clássica análise de conteúdo, trata-se de considerar em destaque um ponto falado sem que necessariamente apresente certa repetição no conjunto do material coletado, mas que, na ótica

do pesquisador, constitui-se de uma fala rica em conteúdo a confirmar ou refutar hipóteses iniciais da investigação (p. 446. Negritos como no original).

Como também assinalado por este autor, a nomeação de cada categoria não foi estabelecida a priori, mas, ao contrário, constituiu-se no resultado final de agrupamentos e reagrupamentos provisórios e preliminares que eram esboçados e aperfeiçoados.

Neste longo e paciente processo (concluído somente ao cabo de vários meses), procurei valer-me, uma vez mais, das recomendações de BARDIN (1977), desta vez quanto aos *cinco princípios* que esta autora indica para que uma boa categorização seja obtida: a *mútua exclusão* (cada elemento deve pertencer a uma única divisão ou categoria), a *homogeneidade* (os mesmos princípios de classificação organizam todas as categorias), a *pertinência* (cada categoria deve ser adequada ao material analisado e à teoria), a *objetividade e fidelidade* (evitando distorções resultantes da subjetividade e de juízos de valor por parte dos codificadores) e a *produtividade* (o conjunto de categorias tendo por objetivo a fecundidade dos resultados em termos de produzir inferências, novas hipóteses e exatidão dos dados).

3.6- VALIDAÇÕES INTERNA E EXTERNA DAS ENTREVISTAS E ANÁLISE DE CONTEÚDO

Na literatura científica internacional as expressões confiabilidade (*reliability*) e validade (*validity*) são empregadas para referir-se aos dois componentes nos quais a noção de *objetividade científica* é comumente repartida (KIRK e MILLER, 1986, p. 19). A *confiabilidade*, enquanto conceito herdeiro da tradição positivista, constitui critério comum nas pesquisas quantitativas para referir-se especialmente à reprodutibilidade dos resultados obtidos, ou seja, a possibilidade de estes serem repetidos quando, “em um outro momento ou outro local, forem coletadas novas medidas relativas ao mesmo objeto de estudo”

(TURATO, 2003, p. 384). Da confiabilidade dos resultados de uma pesquisa decorre o potencial de sua *generalização* para o todo de uma população ou segmento social.

Por sua parte, o conceito de *validade* refere-se mais à precisão e coerência interna de uma pesquisa, ou seja, o potencial de seus resultados em refletir o que realmente se passa nos sujeitos ou nos grupos sociais estudados. Nos termos dos instrumentos empregados nesta pesquisa, considero apropriada a definição prática de FONTANELLA (2000) quando este sintetiza que “nas entrevistas abertas ou semidirigidas, aumentar a validade significa aumentar o grau com que o comportamento do entrevistado reflita o que se passa internamente com ele” (p. 94).

Novamente tomo as palavras de TURATO:

... a concepção de validade (...) em pesquisas científicas deve remeter-nos às idéias de consistência/solidez dos elementos que esperamos obter com o emprego de um método de investigação, em que os instrumentos utilizados apreendem a verdade do objeto e tem a capacidade de evitar o erro (2003, p. 383).

Como afirmado anteriormente (seções 3.2 e 3.4), uma característica dos métodos qualitativos em geral e do método clínico-qualitativo empregado nesta pesquisa em particular é que sua força reside principalmente na *validade* dos seus resultados, em contraposição aos ideais de *confiabilidade* e *reprodutibilidade* aos quais tradicionalmente é atribuída a força maior dos procedimentos quantitativistas. Se quanto a este ponto as opiniões de vários pesquisadores (DENZIN e LINCOLN 1994; LUDKE e ANDRÉ, 1986; SERAPIONI, 2000) são convergentes, TURATO (2003) parece ir mais além pois, questionando a importância tradicionalmente atribuída à confiabilidade, assinala a primazia dos critérios de *validade* para toda pesquisa científica, independente da metodologia empregada:

O que deve realmente interessar à pesquisa científica é a validade (*validity*) dos achados, já que seria uma fraude trabalhar sobre dados vindos de leitura equivocada, e já que os dados (corretos) de uma certa pesquisa é que servirão à criatividade do cientista. Então este descobrirá e apresentará à comunidade uma outra ordem entre eles, subjacente ao conhecimento do senso comum, em que tais dados se relacionam (a teoria), pois a partir de dados não válidos armam-se discussões deslocadas e fecham-se conclusões falsas. (p. 385. Itálicos como no original)

A rigor, entretanto, não seria necessário nem apropriado descartar toda e qualquer preocupação quanto à confiabilidade dos dados obtidos, ainda que se trate de uma incursão qualitativista instrumentada por entrevistas abertas (como é o caso desta), mas antes reconhecer que esta confiabilidade (concebida, então, principalmente em termos de *fidedignidade*) recusando qualquer confusão epistemológica com os paradigmas positivistas, não será regida por mensurações quantitativas, nem consistirá pré-requisito para que a validade dos resultados seja reconhecida.

Afinal, BLEGER recorda-nos:

Cada situação humana é sempre original e única, portanto a entrevista também o é (...) Esta originalidade de cada acontecimento não impede o estabelecimento de constantes gerais, quer dizer, das condições que se repetem, com mais frequência. O individual não exclui o geral, nem a possibilidade de introduzir a abstração e categorias de análise (BLEGER, 1989, p. 20).

Concordando, portanto, com as críticas que faz TURATO (2003) ao termo *confiabilidade* (“*reliability*”) e compartilhando suas preocupações com respeito à clareza e à precisão terminológicas (enquanto corroborantes da clareza e precisão epistemológicas da proposta Clínico-Qualitativa), adoto neste trabalho sua proposta de empregar as expressões *validação interna* e *validação externa* (idem, p. 389-393).

Enunciados dessa forma, e não mais através das clássicas “confiabilidade” e “validade”, penso expressar mais adequadamente as preocupações que tive e as estratégias empreguei, respaldado na literatura pertinente, para obter o máximo de rigor e objetividade na coleta e tratamento dos dados apresentados na presente pesquisa.

3.6.1- Estratégias de validação qualitativa interna

A validação interna é assim definida por TURATO:

...é um processo envolvendo o autor e seu projeto e que configura rigores para que a apreensão dos fenômenos dê a estes o atributo de verdade, isto é, estejam em conformidade com o real, graças à função e ao poder adequados do pesquisador, dos recursos gerais e dos instrumentos auxiliares de pesquisa.

3.6.1.1- Anonimato e privacidade

Assegurar o anonimato do entrevistado não visa apenas atender requisitos éticos fundamentais, mas também aumentar as chances de que ele tenha a maior liberdade de expressão possível. Por essa razão propositalmente reservei o primeiro momento de cada encontro para que cada participante da pesquisa pudesse calmamente ler o Termo de Consentimento Esclarecido, no qual minha total responsabilidade pela garantia de seu anonimato estava documentalmente estabelecida. Para os mesmos propósitos, a transcrição do material gravado em áudio procurou omitir quaisquer detalhes que pudessem identificar os falantes.

A privacidade, enquanto também asseguradora do anonimato e da tranquilidade para a condução da entrevista, foi proporcionada por outras medidas, algumas das quais mencionadas anteriormente, como permitir o acesso direto do candidato à entrevista ao pesquisador por telefone e e-mail e evitar que quaisquer pessoas do Colégio que distribuiu as cartas-circulares pudessem vir a saber quem se dispôs a ser entrevistado.

3.6.1.2- Adequação e estabilidade do *setting* das entrevistas

Todas as entrevistas foram realizadas no consultório particular do pesquisador, local escolhido por reunir condições bem mais satisfatórias quanto ao conforto físico e privacidade do que aquelas proporcionadas pela sala (gentilmente) disponibilizada pelo Colégio. Detalhes importantes relacionados ao local como facilidade de acesso, minimização de ruídos externos, ventilação e temperatura adequadas, foram, na medida do possível, assegurados.

Cada uma das participantes comprometeu-se a reservar pelo menos uma hora e meia para nosso encontro. As entrevistas foram agendadas a intervalos mais ou menos regulares (não inferiores a uma semana, nem superiores a quinze dias), de modo a permitir ao pesquisador uma cadência regular e um ritmo compatível com as limitações impostas pelos trabalhos de transcrição e análise do material gravado.

3.6.1.3- Estabelecimento de relação de confiança para com o entrevistador

Mesmo antes do momento da entrevista, a pessoa do entrevistador precisa ser reconhecida pelo entrevistado como merecedora de um certo nível de confiança quanto à sua idoneidade profissional e científica. Ainda que fosse até então desconhecido para a maioria das minhas entrevistadas, penso que as credenciais proporcionadas pela explicitação de minha profissão de médico e psicanalista, pela apresentação de minha pessoa na carta-circular distribuída pelo próprio Colégio e pela menção do vínculo da pesquisa com a Universidade Estadual de Campinas, de conceituada reputação nacional, asseguraram satisfatoriamente esse reconhecimento.

Ademais, acrescento os cuidados que tomei para demonstrar, desde o início dos encontros, minha sincera empatia e profundo respeito para com as angústias expostas na fala e atitudes de cada pessoa a ser entrevistada. O êxito desses cuidados pode ser parcialmente atestado, em minha opinião, pelo clima descontraído e espontâneo que predominou nas entrevistas, ainda que estas tenham permitido também a emergência, em alguns momentos, de sinceras angústias ou mesmo de comoção das entrevistadas.

O fato de todas as entrevistadas, com apenas uma exceção, permanecerem ainda por um bom tempo após o término das gravações pedindo-me conselhos ou orientações específicas (sendo que duas delas chegaram a trazer posteriormente seus respectivos filhos para consulta), confirma esta minha impressão quanto à razoável relação de confiança estabelecida com o pesquisador.

3.6.1.4- Pesquisador-como-instrumento

Impossível pensar na validade dos dados obtidos em entrevistas dissociando-os das características próprias da pessoa do entrevistador, que também “condiciona os fenômenos que ele mesmo vai registrar” (BLEGER, 1989, p.18).

Como de particular importância para os propósitos de validação dos instrumentos desta pesquisa enumero a seguir algumas de minhas características como pesquisador, e como estas determinaram o modo com que utilizei os instrumentos desta pesquisa:

- *Competência cultural.* A prática assistencial com outros familiares de adolescentes fornecendo experiência e conhecimento prévio do universo referencial destes sujeitos em relação aos fenômenos habituais em seu cotidiano pessoal e familiar;
- *Formação psicanalítica.* Nas *entrevistas*, proporcionando-me razoável familiaridade com a atitude de auto-observação (indispensável para apreender fenômenos transferenciais e contratransferenciais) e interpretação de significados latentes a partir de conteúdos manifestos. Na *discussão dos resultados*, fornecendo o conhecimento e manejo do referencial teórico da Psicanálise;
- *Cuidados para evitar excessiva diretividade da entrevista e imposição de problemática.* Embora facilitados pela formação e prática psicanalíticas, estes cuidados precisaram ser “refinados” após a análise crítica da entrevista piloto que realizei. Muitos trechos de fala prolongada e sem interrupção por parte da maioria das entrevistadas, com *associações livres* ocorrendo em várias de suas seqüências, podem ser facilmente identificados pelo leitor que examinar o corpus transcrito. Voltarei a este ponto mais adiante na discussão dos resultados (seção 4.2.4).

- *Não antecipação de categorias.* Embora seja a atitude *ideal* por parte do pesquisador, reconheço como *irreal* sua plena concretização, uma vez que todo pesquisador já parte para o campo (e posteriormente se debruça sobre os dados obtidos) sabidamente portador de pressupostos teóricos. O que procurei fazer, dessa forma, foi explicitar aos leitores tais pressupostos neste trabalho e, tanto quanto possível, deles dissociar-me mentalmente durante as entrevistas, de forma análoga à dissociação mental requerida pela “atenção flutuante” já empregada rotineiramente na minha prática psicanalítica. Uma sistemática *busca de falseamento de hipóteses emergentes* empregou também esse mesmo recurso dissociativo durante as etapas de leitura e audição flutuantes e de pré-análise do conteúdo nesta pesquisa.

3.6.1.5- “Triangulação teórica”

Em que pese minha concordância com a crítica que faz TURATO (2003, p. 392-93) quanto ao valor (e à própria adequação do termo) das chamadas “triangulações” (de métodos, de teorias, de analistas de dados, etc.) comumente indicadas por pesquisadores qualitativistas para a validação dos dados, uma triangulação de fato ocorreu na medida em que utilizei *mais de um referencial teórico* (contribuições de autores procedentes de áreas de conhecimento adjacentes porém distintas: psicanálise, psicologia social, sociologia) na elaboração de pressupostos e na discussão de resultados.

3.6.1.6- Gravação das entrevistas em áudio, seguida de transcrição integral e fidedigna

A gravação das entrevistas permite a reprodução integral das falas de entrevistador e entrevistado, contribuindo para a validação interna das entrevistas (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 37), sendo o recurso recomendado por TURATO (2003, p. 340) no Método Clínico-Qualitativo.

Ainda que consistindo em tarefa árdua e demorada, cuidei pessoalmente da transcrição imediata das entrevistas gravadas, aumentando assim minha familiaridade com as idéias, situações e personagens presentes na fala de cada uma das entrevistadas. A *transcrição paralela e independente* que solicitei resultou na correção da transcrição original por mim realizada, inclusive promovendo a inclusão de trechos que originalmente eu tinha considerado inaudíveis ou incompreensíveis, aumentando dessa forma a fidedignidade do *corpus* transcrito às gravações em áudio.

Com o mesmo propósito disponibilizei o *corpus*, transcrito em sua íntegra no ANEXO 1, para auditagem e também para exame do leitor.

3.6.1.7- Anotações pessoais como recurso auxiliar no registro

LUDKE e ANDRÉ (1986, p. 37) referem-se à gravação direta das entrevistas como vantajosa no sentido de deixar “o entrevistador livre para prestar toda a sua atenção ao entrevistado”. Assinalam, entretanto, que a principal desvantagem das gravações encontra-se no fato de não permitirem o registro das importantes manifestações não-verbais do entrevistado.

Nas entrevistas, procurei minimizar tais limitações combinando o recurso auxiliar de tomar notas por escrito (ainda que de forma abreviada para evitar um maior desvio de atenção) sobre os eventuais gestos, expressões faciais, momentos de comoção ou de riso, etc. , tanto do entrevistador como do entrevistado, como descrevi na seção 3.5.3.

O resultado positivo dessa combinação de registros pode ser aferido pelo enriquecimento da versão transcrita das entrevistas pela inserção de várias indicações entre colchetes do tipo [*rindo*], [*fica de pé para mostrar*], [*desvia o olhar para o gravador*], [*visivelmente emocionada*], entre outras.

As anotações pessoais também incluíram aspectos verbais e não verbais da interação entrevistador/entrevistada nos momentos que antecederam ou sucederam a gravação propriamente dita.

3.6.1.8- Categorização cuidadosa e revisada

Uma categorização adequada e cuidadosa corrobora a fidedignidade da análise de conteúdo empreendida, e para tanto procurei obedecer aos princípios e cuidados descritos na seção 3.5.4. Procurei, no entanto, renunciar ao conhecido impulso de *incluir tudo*, que poderia resultar numa excessiva categorização/subcategorização, obstaculizando a avaliação das categorias formuladas por examinadores independentes à pesquisa e comprometendo, dessa forma, o julgamento da fidedignidade por parte de outros peritos.

Nisso, uma vez mais, reconheço a adequação do conselho de TURATO (2003, p. 448):

Categorizações detalhistas no papel trazem mais riscos de paralisar as idéias do que de permitir o inverso: que as idéias entretenham-se criativamente com os dados categorizados. De tudo o que foi 'pescado' pelas entrevistas em campo, uma parcela considerável ficará de lado (temporária ou definitivamente, não sabemos). Se o autor se dispuser a discutir tudo, o trabalho de tese não terá fim, ou não será uma tese mas um tratado científico, ou pior, se tornará uma tarefa insuportável.

3.6.2- Estratégias de validação qualitativa externa

Nesta outra dimensão da validade dos dados na pesquisa clínico-qualitativa, assinalo especialmente os aspectos relacionados à relação interpessoal que estabeleci com meus interlocutores acadêmicos ao longo do desenvolvimento

da pesquisa, “de cuja interação/debate afetivo-intelectual provirão considerações favoráveis ou adversas ao atributo de verdade destes achados” (TURATO, 2003, p. 391)

3.6.2.1- Explicitação do contexto da pesquisa e dos referenciais teóricos

As informações a respeito das principais características sociodemográficas das entrevistadas, da data e local de realização das entrevistas (entre outras que disponibilizei antes do texto de cada entrevista no *corpus*) são importantes para que fosse estimado por terceiros o efeito destas no conteúdo dos relatos obtidos. Note-se, porém, que tais informações foram ligeiramente modificadas para assegurar o anonimato e a privacidade dos entrevistados. Remeto o leitor ao início do ANEXO 1 para que possa inteirar-se dos procedimentos empregados por mim na transcrição das entrevistas.

Da mesma forma, procurei transparecer para o leitor os pressupostos teóricos empregados na discussão dos resultados, de modo a possibilitar-lhe sua própria avaliação quanto à coerência interna e adequação das minhas interpretações.

3.6.2.2- “Triangulação” de analistas de dados

O primeiro processo de categorização foi, em parte, também realizado pelo Orientador desta pesquisa, a quem o corpus transcrito e editorado foi disponibilizado, e com quem as categorias e subcategorias preliminarmente estabelecidas foram sendo discutidas e reformuladas.

A certa altura, tendo concluído uma categorização provisória – que na verdade ainda consistia em uma extensa lista de subcategorias organizadas tematicamente –, decidimos, pesquisador e orientador, apresentá-la a nossos pares acadêmicos. Nesse momento solicitei o agendamento de uma reunião no Laboratório de Pesquisa Clínico-Qualitativa da Faculdade de Ciências Médicas da

UNICAMP, o qual, sob os cuidados do Prof. Dr. Egberto Ribeiro Turato, constituiu-se em Grupo de Pesquisa credenciado junto ao CNPq. Durante a reunião, realizada em 4 de junho de 2002, disponibilizei fragmentos do corpus para os demais pesquisadores presentes (além do pesquisador e do orientador, outros docentes e colegas da pós-graduação em Ciências Médicas), e as categorias até então formuladas puderam ser apreciadas e discutidas. Em decorrência, novas críticas, sugestões e interpretações foram grupalmente produzidas, maximizando a validação externa da pesquisa em andamento.

3.6.2.3- Submissão aos procedimentos regimentares da Academia

Da concepção do projeto de pesquisa original, passando pela Qualificação e até a aprovação ou não da presente dissertação, praticamente todas as etapas desta investigação foram submetidas à apreciação de pesquisadores externos à dupla orientador/pesquisador. Ressalto como de particular importância para a validação dos resultados que apresento o acompanhamento oficialmente realizado por docentes anônimos, responsáveis pela avaliação crítica e pela elaboração de pareceres independentes dos relatórios que foram anualmente elaborados de conformidade com as normas do Regulamento do Curso de Pós-Graduação em Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

3.6.2.4- Interlocução com audiências qualificadas

TURATO (2003, p. 449) menciona ainda a *apresentação e debate dos resultados em eventos científicos*, o que em duas diferentes ocasiões foi de fato concretizado com relação aos resultados deste estudo¹¹.

¹¹ Resultados parciais da revisão bibliográfica pertinente aos seus aspectos metodológicos (os quais integram boa parte da seção 3.2 desta Dissertação) foram apresentados no *VII Encontro de Pesquisadores em Saúde Mental* promovido pela Universidade de São Paulo (USP) em Ribeirão Preto entre os dias 25 e 28 de Março de 2002 (CASTRO, 2002). Posteriormente, aspectos gerais desta pesquisa (incluindo resultados preliminares da Análise de Conteúdo) foram apreciados pelos participantes do *VI Simpósio Internacional sobre Álcool e outras Drogas*, promovido no Rio de Janeiro pela Associação Brasileira de Estudos do Álcool e outras Drogas (ABEAD) nos dias 8 e 9 de

3.7- SÍNTESE DESCRITIVA DOS PROCEDIMENTOS EMPREGADOS

O Quadro 2 sintetiza, de modo esquemático, a descrição sucinta dos procedimentos empregados nesta pesquisa.

QUADRO 2- Síntese descritiva dos procedimentos realizados

CAMPO:

População: *mães de estudantes adolescentes matriculados em instituição privada de ensino médio e fundamental*

Tamanho da amostra: *10 pessoas*

Seleção: *intencional, obtida por saturação e variedade de tipos*

SÍNTESE METODOLÓGICA:

Estudo qualitativo, sintético, não comparativo e de casos múltiplos, utilizando o Método Clínico-Qualitativo

INSTRUMENTO DE COLETA:

Entrevista semidirigida com questões abertas, gravadas em áudio

CONSTITUIÇÃO DO CORPUS:

Transcrição integral de 10 entrevistas

TRATAMENTO DOS DADOS:

Categorização e Análise de Conteúdo Temática

setembro de 2002, oportunidade em que esta pesquisa recebeu o prêmio de “Melhor Tema Livre” apresentado.



4- RESULTADOS E DISCUSSÃO

(1): O CAMPO DAS

4.1- CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DA AMOSTRA

O Quadro 3 sintetiza as principais características sociodemográficas dos sujeitos entrevistados as quais, conforme discutido na seção 3.5.2, diversificaram em vários aspectos a composição da amostra. Fiz também constar antes da transcrição de cada entrevista (ANEXO 1) um quadro com outros detalhes que julguei importantes na caracterização destas pessoas e das suas respectivas entrevistas.

Há aspectos, entretanto, que em função de sua extrema particularidade, escapam às possibilidades de categorização ou exposição conjunta (por exemplo, o modo como as entrevistadas se referiram – ou transpareceram – sentimentos a respeito da vida e da estabilidade conjugal). Estas situações específicas são mencionadas por mim, quando necessário, ao longo da discussão sobre as entrevistas e categorias formuladas.

QUADRO 3- A amostra: algumas variáveis sociodemográficas e outras relativas à experiência pessoal e familiar das entrevistadas com as drogas.

A	41 anos, branca, nível superior completo de instrução, separada, empresária, mãe de 3 adolescentes (2 filhas e 1 filho), evangélica, nunca usou drogas. Recentemente descobriu uso de maconha pela filha de 17 anos. Ex-marido abusava de bebidas alcoólicas.
B	39 anos, branca, nível superior completo de instrução, casada, artista plástica, mãe de 1 filho adolescente (12 anos) e 1 filha criança (7 anos), espírita, nunca usou drogas. Marido eventualmente abusa de bebidas alcoólicas.
C	41 anos, descendente de japoneses, nível superior completo de instrução, casada, do lar, mãe de dois filhos pré-adolescentes (gêmeos com 11 anos) e um filho de 9 anos, católica, nunca usou drogas. Marido eventualmente consome álcool e experimentou lança-perfume na juventude.
D	40 anos, branca, nível superior completo de instrução, casada, empresária, mãe de duas filhas (13 e 11 anos), católica, nunca usou drogas. Marido usou maconha na juventude.
E	32 anos, branca, nível superior completo de instrução, casada, profissional liberal, mãe de 1 filho adolescente (13 anos) e uma filha (7 anos), espírita, usou maconha e cocaína na própria juventude. Marido usuário de maconha.
F	42 anos, branca, nível superior completo de instrução, casada, funcionária pública, mãe de dois filhos homens (1 adolescente de 14 anos e 1 criança de 10 anos), católica. Ela e o marido nunca usaram drogas.
G	40 anos, branca, nível superior completo de instrução, separada, funcionária pública, mãe de 2 filhos (um adolescente de 13 anos e o segundo com 10 anos) e 1 filha (5 anos), católica. Ela e seu ex-marido nunca usaram drogas.
H	42 anos, branca, nível superior completo de instrução, casada, funcionária pública, mãe de uma adolescente (14 anos) e de um filho (10 anos), católica. Ela e o marido nunca usaram drogas.
I	53 anos, branca, nível superior completo de instrução, casada, assessora administrativa, mãe de uma filha adolescente (13 anos), católica. Ex-usuária de drogas até a vida adulta (inclusive injetáveis). Marido nunca usou drogas.
J	45 anos, branca, nível médio de instrução, do lar, casada, mãe de um filho adolescente (15 anos) e de uma filha pré-adolescente (11 anos), religião indefinida. Experimentou

	maconha e lança-perfume na própria adolescência. Marido nunca usou drogas. Suspeita atualmente que o filho adolescente esteja usando maconha.

4.2- PSICODINÂMICA DAS ENTREVISTAS

Apresento nesta seção alguns aspectos psicodinâmicos da intersubjetividade estabelecida pelo campo psicológico das entrevistas, conforme apreendidos e interpretados por mim. Descrevo-os de forma esquemática, ressaltando que a enumeração tópica proposta atende mais aos propósitos de clareza expositiva que à complexa seqüência dos fenômenos psicológicos das entrevistas. A ordem apresentada tampouco expressa qualquer hierarquização dos achados em termos de importância atribuída aos mesmos pelo pesquisador ou de frequência de sua observação.

Para permitir ao leitor a compreensão das referências textuais que faço às falas dos entrevistados, bem como facilitar sua devida localização no corpus transcrito, esclareço que nestas seções 4 e 5 adotei os seguintes critérios:

- Citações de falas da entrevistada aparecem grafadas em *itálico*; cada citação é acompanhada entre parênteses da indicação alfanumérica de sua localização no corpus (ANEXO 1), a qual combina a inicial fictícia da entrevistada (de A a J, em ordem alfabética) com número do parágrafo correspondente na entrevista transcrita. Por exemplo, (G42) significa que a fala transcrita foi da Entrevistada G e encontra-se no parágrafo 42 do texto correspondente à sua entrevista.
- Reticências entre parênteses indicam que as falas foram editadas por mim a partir de fragmentos do mesmo parágrafo ou de parágrafos diferentes (conforme indicado no final da citação), com os devidos cuidados para que o seu sentido original fosse preservado.

- Para outros critérios adotados na transcrição das entrevistas no *corpus*, remeto o leitor às “*notas sobre o estilo adotado na transcrição*”, que se encontram na primeira página do ANEXO 1.

4.2.1- Aspectos transferenciais

“Transferência” é um conceito da Psicanálise que designa um complexo fenômeno intersubjetivo, caracterizado por um variável conjunto de sentimentos, fantasias, atitudes e outras manifestações psicológicas, as quais refletem uma *atualização* inconsciente de desejos e conflitos do sujeito “em sua relação com certos objetos dentro de um determinado tipo de relação com eles, e, de um modo especial, em sua relação atual com o psicanalista” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1994, p. 439).

Recordando a clássica metáfora empregada por Freud (1912 [1986d]), a transferência pode compreendida como “*um clichê (ou também vários) que se repete – é reimpresso – de maneira regular na trajetória da vida, na medida em que o consintam as circunstâncias exteriores...*” (p. 97-98).

Constituindo-se em uma destas “circunstâncias exteriores” para o sujeito, uma entrevista revela-se momento altamente propício para a emergência de fenômenos transferenciais, como assinalam as reflexões de MACKINNON e MICHELS (1987) e BLEGER (1989).

Poder-se-ia argumentar que tais aspectos, enquanto *perturbadores da confiabilidade* da entrevista, tornariam esta questionável enquanto instrumento científico de pesquisa à luz dos paradigmas quantitativistas. No entanto, BLEGER (1989), discordando dessa visão, assinalou o caráter altamente significativo das manifestações transferenciais, ressaltando o seu grande valor investigativo no curso de uma entrevista:

A observação destes fenômenos coloca-nos em contato com aspectos da conduta e da personalidade do entrevistado que não se incluem entre os elementos que ele pode referir ou trazer voluntária ou conscientemente, mas que acrescentam

uma dimensão importante ao conhecimento da estrutura de sua personalidade e ao caráter de seus conflitos (p. 23).

Assim, não tratei aqui de *evitar* os aspectos transferenciais resultantes da interação subjetiva entrevistada/pesquisador, mas antes *estar atento à sua emergência* de modo a inferir, numa perspectiva compreensiva e à luz dos referenciais psicodinâmicos, seus significados latentes e propor interpretações possíveis. Tomo novamente as palavras de BLEGER (1989, p. 24):

Transferência e contratransferência são fenômenos que aparecem em toda relação interpessoal e, por isso mesmo, também ocorrem na entrevista. A diferença é que nesta última devem ser utilizados como instrumentos técnicos de observação e compreensão.

4.2.1.1- O entrevistador identificado com o Saber: insegurança para emitir opiniões próprias e as perguntas dirigidas ao entrevistador

Mesmo havendo explicitado a cada entrevistada (antes do início das gravações, seção 3.5.3) sobre a maior importância da sinceridade da sua fala em relação à “precisão” científica do seu conteúdo, e que ao final da entrevista eu permaneceria à disposição para, na medida do possível, esclarecer suas dúvidas e dar orientações específicas, em alguns momentos pude perceber que as entrevistadas demonstraram nítida insegurança para emitir suas próprias opiniões em minha presença:

Não sei se eu estou certa também (E148)

Não sei se é esse é o caminho certo (C119)

É a minha interpretação leiga, mesmo, como uma pessoa que lê, que se preocupa...eu vejo é isso... não sei se eu respondi (H20)

Esta mesma Entrevistada H. chega causar-me surpresa quando duvida do próprio valor da entrevista que me concedia, em função de sua inexperiência pessoal com as “drogas”:

... pode ser que tenha depoimentos que enriqueçam mais a sua pesquisa, porque eu não tenho... como se fala... vivência, né? (H90)

Uma situação semelhante acontece na avaliação que B. faz ao final da gravação:

... não sei se para você foi tudo bem (B420).

D., de forma bem humorada, chega a devolver-me a pergunta que lhe fiz sobre a prevenção do problema das drogas:

*Difícil... não é comigo! [apontando para mim e rindo; rio também]
Quer dizer, é comigo, claro, como mãe, eu faço tudo o que eu posso, né?
(D128)*

Examinados mais detidamente, alguns trechos da fala de E. parecem indicar que tais inseguranças das entrevistadas podem ser decorrentes da atribuição (em parte fundamentada) de um determinado Saber ao “Doutor” entrevistador, conferindo a este um caráter de *superioridade* até mesmo em relação às suas experiências próprias e percepções pessoais:

porque eu tenho uma experiência... Os dois lados, então, o que eu percebo... o.... Doutor como médico, acompanha todo mundo... (E14)

eu quero a explicação do senhor, tá? (E50)

*... não é isso... Doutor? [rindo] O senhor que... não sei... eu penso...
(E78)*

... não sei se eu estou certa, o senhor vai me confirmar ou não (E118)

Em outros momentos as dúvidas das entrevistadas quanto a um assunto especificamente abordado refletiram-se na *formulação de perguntas* diretamente ao entrevistador, numa clara expectativa de este lhes pudesse responder (por exemplo em A236 e C339). Nestas situações procurei recordar-lhes minha disponibilidade para falarmos a respeito após o término da gravação.

4.2.1.2- O entrevistador identificado com o Poder: a entrevista como uma vivência paranóide

As entrevistas, apesar de livremente consentidas e regidas documentalmente pelo imperativo ético do sigilo, revelaram-se ocasionalmente propícias para a emergência de ansiedades do tipo persecutório. B., por exemplo, demonstrou receio de citar nomes de pessoas (B4), e E. vacilou para contar-me (e o fez somente ao final de sua entrevista) que já havia experimentado cocaína (E164-166).

Tais fenômenos revelaram aspectos transferenciais latentes que compuseram um *pano de fundo* de relativa ansiedade no campo interacional das entrevistas. A grande dificuldade que experimentei no manejo das ansiedades de F. (pedindo-me pouco antes da entrevista para alterarmos o horário combinado, olhando para seu relógio nos momentos de silêncio na entrevista e despedindo-se apressadamente logo após o término da gravação) constituiu-se a meu ver o principal exemplo destas situações.

Revedo o corpus transcrito, entretanto, avalio que tais aspectos não impediram o transcurso livre da conversação na maior parte dos encontros, como discorro na seção 4.2.4.

Na medida em que foi de certa forma *imposto* por mim, incluo o *gravador* entre os elementos facilitadores das vivências transferenciais de tipo paranóide das entrevistadas. A entrevistada E. chega a encarar explicitamente o gravador e exclamar “Ai, que...!” (E168) logo após confessar seu uso anterior de cocaína. Por sua vez I. foi mais discreta, apenas desviando seu olhar enquanto escolhia a melhor palavra para referir-se ao tempo em que consumiu drogas pesadas na juventude (I14).

Quanto ao uso do gravador, no entanto, penso que este estudo confirmou a opinião de TURATO (2003) de que em geral os entrevistados “*sentem-se suficientemente à vontade com um gravador funcionando a seu lado, tendo*

esta presença uma interferência desprezível na produção do pensamento e de sua verbalização”(p. 340).

4.2.2- Aspectos contratransferenciais: a ansiedade do entrevistador

4.2.2.1- “Será que virão?”

O primeiro momento de relativo otimismo quanto ao êxito de meus procedimentos para obtenção da amostra (seção 3.5.2) logo deu lugar a sentimentos de *ansiedade* e *impotência*, à medida que constatava o pequeno número de pessoas que efetivamente demonstravam interesse em participar da pesquisa.

“*Será que elas virão?*” foi neste sentido o interrogante que bem expressou as ansiedades que permearam esta etapa de minha ida ao campo, as quais, juntamente com as preocupações quanto aos aspectos técnicos da condução das entrevistas compuseram um quadro de múltiplas contratransferências do pesquisador (em relação às entrevistadas, às exigências da Academia e do Orientador da pesquisa, etc.).

4.2.2.2- Pesquisador sentindo-se momentaneamente “por fora”, “alienado”

Do meu encontro com G. destaco dois momentos de desagradável constrangimento. O primeiro (G42 – 50) revelou-se também secretamente *cômico* para mim, pois ocorre quando confundo a colega *predileta de seu filho pré-adolescente*, por quem ele estaria apaixonado, com uma cantora de *minha predileção pessoal*. Mesmo se tratando de referências homônimas, percebi a evidente desatenção de minha parte enquanto minha entrevistada repetia a expressão “*I love Marina*”, referindo-se aos dizeres espalhados pelo quarto e cadernos escolares pelo seu filho.

O segundo momento ocorreu logo mais adiante (G70-74), quando demonstrei absoluto desconhecimento do assunto ao qual ela vinha se referindo com muito entusiasmo (no caso, o nome de uma rede religiosa de televisão que ela, católica praticante, gostava muito de assistir).

Penso que situações como estas, caso ocorressem mais vezes, poderiam gerar nas entrevistadas uma atribuição de incompetência do entrevistador, com risco de comprometimento do valor investigativo da entrevista.

4.2.2.3- Silêncio e angústia

Como balanço geral, avalio que a condução das entrevistas transcorreu sem maiores dificuldades para mim. Ainda assim, estimo que minhas maiores ansiedades nas entrevistas incidiram nas situações em que alguma entrevistada eventualmente apresentava *dificuldades para falar livremente*, ou que o *silêncio* ameaçava tornar mais prolongada uma pausa na conversação. C. e F. foram provavelmente as entrevistas onde tais momentos mais freqüentemente ocorreram.

A auto-observação, no entanto, valeu-me no sentido de perceber a tempo tais emergentes contratransferenciais, evitando a ruptura do enquadre ou da dinâmica que meu papel de entrevistador. Assim ocorreu durante uma pausa prolongada de A. (A220), quando me flagrei consultando o roteiro norteador da entrevista, numa atitude que compreendi como defensiva diante do seu silêncio.

Ainda que concordando quando BLEGER (1989) enfatiza a experiência do entrevistador como principal fator para evitar as “entrevistas fracassadas” (p. 34), penso que outros fatores também contribuíram para o resultado positivo, na minha avaliação, quanto ao alcance dos propósitos das entrevistas realizadas. Entre estes destaco especialmente algumas características predominantes no grupo de entrevistadas: faixa etária e relativa maturidade pessoal, vivência própria como mãe de adolescente, e, especialmente, as fortes motivações pessoais para falar (e perguntar) sobre o tema das drogas na adolescência e seu razoável nível de conhecimentos a respeito do tema, conforme descrevo na seção 5.3.1.

4.2.3- Falhas ocasionais na condução “técnica” das entrevistas

Nas repetidas escutas e leituras flutuantes empreendidas após a realização das entrevistas, percebi a ocorrência de momentos em que inadvertidamente imprimi maior diretividade às entrevistas. Em C266-267, por exemplo, o livre curso do pensamento da entrevistada chega a ser interrompido por mim, para só depois ser retomado.

Apesar de F. haver proporcionado uma entrevista razoavelmente adequada e útil para os propósitos da pesquisa, este provavelmente representou o encontro em que mais evidências de falhas na condução técnica das entrevistas emergiram, como denotado pelas já mencionadas atitudes da entrevistada (solicitar mudança de horário, olhar repetidamente para o relógio durante a gravação, despedir-se apressadamente).

Do ponto de vista do ideal de condução técnica da entrevista tais momentos foram raros se comparados com os aspectos positivos das entrevistas que apresento na seção 4.2.4 a seguir.

4.2.4- Evidências de uma boa condução “técnica” das entrevistas

4.2.4.1- Entrevistas fluindo espontaneamente

A ocorrência eventual de momentos de maior diretividade imposta por mim nas entrevistas não invalida minha avaliação geral de que na maior parte do tempo as entrevistas fluíram naturalmente, com as entrevistadas expressando-se sem maiores dificuldades e permitindo a ocorrência de várias seqüências de “associações livres”. Corroboram com esta minha opinião alguns de seus próprios testemunhos:

Eu falo muito, né, doutor? (A86)

Até perdi minha linha de raciocínio, do tanto que eu falei! (D88)

Você faz uma pergunta eu falo duas horas, né? (E178)

Estou falando muito assim ? (H132)

Eu acho até que eu falei demais (I258)

Ressalto também o “clima” de cordialidade e descontração que predominou nas entrevistas, sem prejuízo da seriedade atribuída ao encontro e da sinceridade no falar. A Entrevistada F. exemplifica na mesma frase esses dois aspectos desta minha impressão:

A televisão está uma bosta... [rindo]... Desculpe, né? (F62)

4.2.4.2- Momentos de comoção das entrevistadas

TURATO (2003) assinala a entrevista clínico-qualitativa como particularmente facilitadora da ocorrência de fenômenos catárticos, nos quais através da fala os entrevistados podem experimentar uma “descarga de sentimentos geradores de sofrimento, permitindo efeito psicoterápico de alívio” (p. 331).

Considero também tais momentos de comoção, quando ocorrendo de forma equilibrada e sem prejuízo da retomada do fluxo normal de conversação nas entrevistas (como em E48 e I246, por exemplo), como evidências de haver concedido uma razoável liberdade para a expressão emocional das entrevistadas. Este é um aspecto importante para a obtenção de qualidade dos resultados da entrevista também na opinião de TURATO (2003, p. 330).

4.2.4.3- Uso próprio de drogas negado, depois admitido

Outro fator importante que confere elevada validade interna aos achados das entrevistas abertas e semidirigidas (seção 3.6) está no seu potencial de expressar mais fielmente o *processo* de pensamento e a *evolução dinâmica* dos

sentimentos no transcurso das entrevistas, do que aqueles obtidos por exemplo a partir do preenchimento de questionários fechados de sondagem.

Da fala de I. destaco os três momentos seguintes para demonstrar como o “uso de droga”, primeiramente projetado na pessoa de seu marido, progressivamente revelou-se como fonte de sentimentos de culpa e angústia para *a própria entrevistada*, até esta finalmente admitir também ter usado maconha e cocaína na juventude:

meu esposo usa... usa droga... maconha, até hoje... não conseguiu... (I2)

... eu experimentei, umas duas vezes maconha, mas eu nunca gostei, nunca... sabe? (I14)

Você quer que eu te fale uma coisa? Essa é confissão mesmo... que eu não falei... Quer que eu falo ou não? (...) Eu já experimentei cocaína também... (I164-166)

Penso que tal *confidência* dificilmente seria partilhada caso a entrevistada, não percebendo condições propícias para o acolhimento de suas angústias, se sentisse desestimulada a expressar-se com sinceridade crescente no transcorrer da entrevista.

4.2.5- Conflitos psíquicos e mecanismos de defesa evidenciados

4.2.5.1- Ambivalências nas falas e atitudes

Apesar do predomínio das atitudes de *medo* e *condenação* descritas na seção 5.3.2, o tema “drogas” revelou-se também capaz de revelar falas e atitudes ambivalentes, ou seja, nas quais pode ser detectada a “presença simultânea de emoções e sentimentos contrários” (VALLS, 1995, p. 41).

Quando lhe pergunto se pensa haver drogas mais ou menos perigosas, G. esforça-se para não discriminar seus amigos que usam maconha, atribuindo-lhes

uma certa *normalidade*. Porém, ao mesmo tempo repudia a idéia de que esta seja uma droga menos nociva que outras, o que permite presumir sua ambivalência em relação ao seu consumo:

*... eu tenho dois amigos que usam maconha há muito tempo...
Aparentemente, para mim, são normais, mas... Pra mim, na minha
concepção, nenhuma eu aceitaria, para mim todas [as drogas] são
iguais... (G94)*

I. se refere da seguinte maneira às ambivalências e dificuldades que sente na relação com sua irmã que tem atualmente problemas com álcool e drogas:

*... a pessoa drogada, um alcoólatra, enfim... ela (...) passa a ser uma
criança que tem todos os direitos, e não tem deveres (...) Eu não estou
dizendo que não deva aceitar, que não deva ajudar, que não deva... (...) Eu
tentei todas as coisas com a minha irmã, eu tentei tudo, desde
aquela (...) coisa maternal de passar a mão na cabeça (...) até dar
porrada, até ficar de saco cheio, de não querer saber, indiferente,
deixar seis meses que eu não olho para a cara dela, falar: 'Ah, quer se
matar se mate! Vou fazer mais nada!' Depois você volta, e tenta de
novo... (I102-104)*

Especialmente significativa me pareceu a atitude de E., que, ao mesmo tempo em que revela sua condenação ao uso atual de maconha por seu marido, é capaz de demonstrar atitude diametralmente oposta nos momentos em que o percebe irritado:

*...a maconha acalma ele, é um calmante... né? É... então às vezes eu até
falo: 'Vai, vai, vai fumar lá para você ficar mais calmo!' (E48)*

4.2.5.2- Negação

Constitui-se, na definição de LAPLANCHE e PONTALIS (1994, p. 233), em “procedimento psíquico em virtude do qual o sujeito, apesar de formular um de

seus desejos, pensamentos ou sentimentos até então reprimidos, segue defendendo-se negando que lhe pertença”.

A noção de que o tema “drogas” suscita este tipo de defesa psíquica não era desconhecida para algumas das entrevistadas. E., por exemplo, atribui a uma necessidade de *negação da realidade* o incômodo causado pela temática das drogas estar sendo abordada em uma telenovela:

Então, quê que essas pessoas estão reclamando da novela? Porque está aparecendo o negócio do jeito que é... Então, como todo mundo acha que ‘comigo não vai acontecer’(...) Então ninguém quer ver... (E144)

G. também deixa transparecer seu recurso a mecanismos de negação como defesa contra suas fantasias de envolvimento dos seus filhos com drogas:

... se alguém oferece droga para uma criança numa hora dessa, a criança aceita! Aceita... Mas ao mesmo tempo, eu falo: “Não, não... Imagina! Fé em Deus e pé na tábua, não pode pensar isso não!” (...) mas a gente pensa sim... (G176)

Esta negação também era *racionalmente* admitida por A., quando se refere à descoberta do uso de maconha pela sua filha adolescente:

...só que é muito mais fácil a gente fingir que não sabe (...) Seria muito mais fácil para mim se eu pusesse uma venda... uma venda nos olhos e não visse as mudanças que estavam ocorrendo... (A244)

Entretanto, as transformações que vinham sendo percebidas em sua filha na época (mudanças negativas de comportamento, queda no rendimento escolar, namorado sabidamente usuário de maconha, etc.) foram também *parcialmente negadas* pela mãe que realmente *não quis ver as mudanças* que estavam acontecendo, recusando-se a abordar diretamente o assunto com a filha (A246). O mesmo se poderia dizer de B., com relação à sua percepção/negação do envolvimento de seus sobrinhos com uso de drogas (B130).

Ao referir-se orgulhosamente ao *diálogo aberto* que consegue manter com sua filha adolescente sobre as drogas, I. *deixa escapar* que, na verdade, talvez esse diálogo não seja tão aberto assim:

... eu tenho um diálogo muito aberto com a minha filha com essa... Obviamente eu não vou dizer para ela que eu tomei droga... (I6)

4.2.5.3- Dissociação, projeção e idealização

Esta descrição de mecanismos psíquicos de defesa *isolados* cumpre um propósito didático e expositivo, mas sabe-se que raramente ocorre na prática (FENICHEL, 1981, p. 154). Assim, mesmo na concepção kleiniana (KLEIN, 1952 [1991], p. 87) mecanismos projetivos combinam-se em grande medida aos processos de cisão (dissociação) objetual e egóica para que a idealização do “objeto bom” seja possível.

Algumas falas e atitudes de A. parecem resultantes de combinações desses primitivos mecanismos de defesa suscitados pela representação psíquica da maconha. O namorado de sua filha, por exemplo, é referido como menino “bom” ou “mau” de acordo com o reconhecimento alternado, ora de suas qualidades idealizadas (menino trabalhador, estudante universitário), ora do seu uso de drogas (quando passa a “maconheiro”):

Ele é tido por aí como um menino cem por cento... E eu vivia escutando algumas conversas de que ele estava... usando a maconha... Foi um dos motivos que eu comecei a ficar mais revoltada... (A50)

Porque ele é um menino bom, ele não é um menino ruim (A70)

Eu falei: ‘Você já imaginou (...) do menino certinho, do menino que todo mundo admira (...) de repente você virar um maconheiro?’ (A78)

O mesmo processo de dissociação e idealização combinadas se observa quando A. se refere aos seus próprios filhos: a “filha má”, cuja imagem está repentina e dramaticamente comprometida para a mãe a partir da descoberta de seu uso de maconha, enquanto o “filho bom” é idealizado pelo bom comportamento:

...para mim é como se eu estivesse vendo a minha menininha despedaçada no chão... e eu vou ter que juntar os caquinhos dela. Porque você quebrou inteirinha quando eu fiquei sabendo (...) é uma decepção tão grande, tão grande, tão grande, que você não podia ter me ferido de outra forma maior do que isso... (A36, A42)

... filha, diferente é o seu irmão! (...) Olha o comportamento dos outros meninos, e olha o comportamento dele. Ele é diferente. E ele se destaca por essa diferença, porque ele não se droga, não bagunça... (A258)

J. também parece dissociar as respectivas representações de seus dois filhos; enquanto seu filho X. (que anda agressivo, fumando cigarro e “avisando” que vai experimentar maconha) ocupa grande parte das preocupações da mãe, a filha bem comportada Y. permanece idealizada:

Ai, a Y. é um caso à parte, a Y., sempre eu falo, a Y. é a filha (...) ela é exatamente aquilo que eu queria que fosse. A Y. já é outro assunto, outra coisa, (...) é resolvida, a Y. é... sabe? (J96)

Mecanismos similares envolvendo funcionamentos psíquicos de tipo projetivo puderam ser percebidos na fala de outras entrevistadas com relação a outros aspectos relacionados às drogas. Assim, para B., as *ameaças* para seu filho adolescente são projetivamente colocadas na *influência* externa, enquanto a família permanece *livre de suspeitas*:

... o que mais me preocupa, mesmo, hoje, seria o meio que ele vive, e essa influência de fora. Porque de dentro não pode ser... não tem por onde, né, da minha família... (B226)

G. por sua vez, idealiza a religião como *garantias absolutas* de proteção e prevenção contra as drogas. A alusão, porém, que faz à “presença do pai *ou* da mãe” permite também interpretar tal idealização como resultante da projeção das expectativas e dos receios desta mãe, separada de seu marido, quanto à sua própria capacidade de ser ela mesma “boa” e suficientemente capaz de proteger seu filho das drogas:

Acho que filho que tem a presença do pai, ou da mãe... jamais cai no mundo da droga... jamais! E principalmente complementando com o fator religioso (...) Muito importante! Grupo de adolescente, de jovens, hoje, da renovação carismática, para mim eu tenho certeza que nenhum desses vai se envolver com droga! Isso é uma certeza que eu tenho comigo... o dia que meu filho se empenhar, dizendo que vai num grupo desses eu fico tranqüila (...) Eu fico tranqüila! Eu vou botar minha cabeça no travesseiro e descansar sossegada, porque eu sei que... não vai, jamais, procurar isso... (G66-70)

4.3- APRESENTAÇÃO DAS CATEGORIAS

O Quadro 4 traz as categorias formuladas a partir da análise de conteúdo do corpus transcrito. São ao todo cinco: as categorias 1 e 2 referem-se às mães de adolescentes entrevistados, sujeitos desta pesquisa, enquanto as categorias de 3 a 5 abrangem os tópicos especificamente ligados ao tema das drogas. Algumas destas apresentam subcategorias.

Ressalto, no entanto, que esta categorização “final” que apresento não esgotou a totalidade dos achados, nem tem a pretensão de ser a única possível, especialmente em função do exposto na seção 3.6.1.8 quanto à importância que procurei dar, no processo de formulação de categorias e subcategorias, ao sensato equilíbrio entre os pólos de *máxima abrangência temática* por um lado, e *concisão e objetividade descritivas* por outro. Tal processo é inequivocamente marcado pelas características pessoais do pesquisador, e, como tal balanceamento admite

várias outras possibilidades, considero a análise de conteúdo aberta para novas revisões e aperfeiçoamentos.

QUADRO 4- ANÁLISE DE CONTEÚDO: Apresentação das Categorias e Subcategorias formuladas

1. Uma visão negativa do mundo e da sociedade

2. Filho adolescendo, mãe angustiada

2.1 A metamorfose puberal e o adolescente “ingênuo e vulnerável”

2.2 A sexualidade adolescente e as angústias da “mãe excluída”

2.3 Da sexualidade às drogas: a adolescência “perigosa e complicada”

2.4 “O quê devo fazer agora?”

3. Uso de drogas temido e condenado

3.1 Mídia e drogas: a mãe como “sujeito informado”

3.2 O medo das drogas

3.3 A preocupação com os próprios filhos motivando a participação na pesquisa

3.4 O usuário discriminado

3.5 A droga enigmática: causas complexas, prevenção complicada

3.6 A droga reificada: mal onipresente, perigo iminente

4. Álcool e cigarro condenados, porém tolerados

5. Maconha, “começo de todo o mal”



5- RESULTADOS E DISCUSSÃO

(2): CATEGORIZAÇÃO

5.1-UMA VISÃO NEGATIVA DO MUNDO E DA SOCIEDADE

Embora não investigadas diretamente sobre este tema, as falas das entrevistadas transpareceram uma perspectiva bastante negativa do mundo e da sociedade em que vivem. Especialmente ao referir-se a temas como as dificuldades sócio-econômicas brasileiras, o declínio dos valores éticos na sociedade, a corrupção na vida pública e privada, a violência urbana e os índices de criminalidade ligada às drogas e ao narcotráfico, nítidos sentimentos de *impotência, medo, consternação e desencanto* predominaram:

Porque o mundo está difícil, não é verdade? A televisão está uma bosta... (F64)

nós estamos diante de um mundo que a gente quer ver melhor, e no momento a gente tem notado assim, que as coisas só pioram, gera violência, uma série de coisas (H14)

Esse mundo aí tá... louquíssimo, né? (I2)

... você vê... tantas coisas ruins acontecendo, claro que... a mídia... e... e os meios de comunicação, as coisas todas, facilitaram a gente ver coisas que a gente não via... há vinte e cinco anos atrás... né? (I78)

... à nossa sociedade, aí que todo mundo também vira as costas (...) Eu tenho medo! (E174)

...para você fazer coisa errada... e que hoje para a humanidade é normal... tudo é normal. (G170)

... eu acho que é um desencanto mesmo (...) a gente está muito desencantada com a sociedade, né? (...) Então você vê essas... esses desmandos políticos, você vê essa pobreza, você vê essa miséria... Quer dizer, de repente você vê essa falta de perspectiva de trabalho... Toda hora, você liga a televisão, o jornal, que tem o desemprego, não sei o quê... (I78-82)

Essa visão negativa, para a qual contribuem as informações percebidas através dos meios de comunicação, vinculou-se aos temas centrais da pesquisa na medida em que é nesse *mundo ruim e perigoso* que elas, apreensivas, vêm crescer seus filhos:

... é muita roubalheira, é muita coisa, não é verdade? Para as crianças que estão se formando é muito duro, porque, como é que eles... a autoridade rouba, o juiz rouba, o não sei o quê... é onde que é muito difícil mesmo. Sei lá, acho que... o problema da sociedade em geral está muito sério mesmo, né? (F78)

... de medo das tentações do mundo, da vida, ao mesmo tem... tempo eu tenho dó dele [de seu filho] porque... São tantas tentações hoje em dia, é a droga, é a bebida, é a AIDS, é tanta coisa... (J26)

Se a fala de F. ilustra as preocupações de algumas mães entrevistadas quanto ao reflexo desse estado de coisas na sociedade para a formação moral dos seus filhos, D. parece ir mais além, percebendo também egoísmo e ausência de solidariedade na geração adolescente:

... no mundo de hoje, né? Não só de dentro da própria família (...) eu acho os adolescentes... egoístas demais, muito egoístas. (...) Então só pensam neles, sabe? Às vezes não pensam lá na frente, em fazer uma coisa, em ajudar todo mundo... não tem essa visão mais, sei lá, solidária, ou de se formar para fazer uma coisa, para ajudar. Nunca nenhuma das minhas filhas falou assim: 'Ai, eu gostaria de ser... assistente social, ou médica, porque eu gostaria de atender carentes...' Alguma coisa assim... Não. Tudo é para eles... (D66-74)

Não me parece que estas atribuições negativas possam simplesmente decorrer de particularidades do grupo social, do gênero ou mesmo das individualidades de minhas entrevistadas. As mazelas das drogas, da AIDS e da violência urbana nas médias e grandes cidades, bem como os escândalos de corrupção envolvendo autoridades públicas há muito já se tornaram rotineiras nas

primeiras páginas dos jornais e nos noticiários televisivos, inclusive no contexto local de Londrina (seção 3.3.2). À medida que estas são importantes e costumeiras fontes de informação para estes sujeitos pesquisados (conforme exposto na seção 5.3.1), suas falas, portanto, em parte reproduzem um imaginário social retratado nos diversos meios de comunicação de massa e, de certo modo, também por estes produzidos.

Na situação contemporânea do nosso país, COSTA (1994, p. 38) também assinala alguns “dilemas éticos da cultura brasileira”, os quais referendam a coerência realística que, em parte, atribuo às falas dos sujeitos desta pesquisa:

Existe uma ‘crise nos valores éticos’ quando os indivíduos não mais se orientam pelos ideais de conduta moral aceitos e não sabem ou não conseguem propor novos ideais compatíveis com a tradição cultural. É o que vem acontecendo entre nós. Aprendemos a desprezar a vida e a liberdade de muitos em nome da cupidez de poucos; pusemos interesses privados acima dos interesses comuns, e o resultado é conhecido: a vida e a liberdade dos opulentos passaram a valer tanto quanto a dos miseráveis, quer dizer, *nada*. Quanto à felicidade, isto sim, legítima ‘propriedade individual’, quando obtida, é imediatamente ameaçada. Não pela incerteza do desejo, nosso e do outro, mas pelo risco de vida bruto, cego, endêmico que corremos pelo simples fato de viver no Brasil. Pelo menos nas médias e grandes cidades, onde sair à ruas tornou-se uma atividade de alto risco para a interidade física de qualquer um.

Note-se que o ceticismo e a desesperança do homem comum em relação ao futuro já foram antecipados por LASCH desde os fins da década de 1970:

Tal é a visão do topo – a desesperadora visão do futuro, ora completamente compartilhada por aqueles que governam a sociedade, moldam a opinião pública e supervisionam o conhecimento científico de que depende a sociedade. Se, por outro lado, perguntarmos o que pensa o homem comum a respeito de suas perspectivas, encontraremos bastantes evidências para confirmar a impressão de que o mundo

moderno vê o futuro sem esperança; (...) Uma difundida desconfiança pelos que estão no poder, tornou a sociedade cada vez mais difícil de ser governada, do que a classe governante repetidamente se queixa sem compreender sua própria contribuição para essa dificuldade (LASCH, 1983, p. 13).

Assinalo, no entanto, um contraponto necessário a ser discutido em relação a esta visão predominantemente negativa do mundo e da sociedade externada na fala das mães entrevistadas. *“O adolescente procura mais fervorosamente homens e idéias em que possa ter fé”*, lembra-nos ERICKSON (1968, p. 129). Essa procura, no entanto, resultará perigosamente frustrante para o jovem cujo contexto familiar se revele débil em oferecer-lhe modelos identificatórios que lhe possam significar contraponto às decantadas alienação e incoerências éticas da sociedade e da cultura atuais e às dificuldades prementes impingidas pelo modelo econômico vigente em nosso país.

Assim, uma *desesperança da geração adulta*, quando não confrontada dialeticamente com as responsabilidades decorrentes de suas potências positivamente criativas e transformadoras, evidentemente contribui para que o sistema familiar se torne débil em suas funções continente e modeladora dos ideais da adolescência. Especialmente em contextos socioeconômicos como o brasileiro, este efeito é observado por LEVISKY (1998):

Na cultura brasileira há ainda a marca da miséria, das atitudes psicotizantes dos governantes, do desrespeito aos direitos humanos, das crises econômico-político-institucionais, que contribuem para que o continente familiar e a nação, em suas funções continente e modelar no processo de identificação da sociedade, e principalmente da juventude, fiquem comprometidos. Os próprios pais dos adolescentes sentem-se ambivalentes e inseguros, temerosos na orientação de seus filhos, mobilizados que estão mais pelo medo do que pela experiência. (...)

Os pais, primeiros objetos identificatórios a serem introjetados, encontram-se desorientados, e até mesmo perplexos, ante as mudanças que a cultura atual oferece. Vivem momentos em que seu estado emocional assemelha-se ao do adolescente, facilitado pelas contradições oferecidas pela cultura. (...) As atitudes familiares tendem a ser defensivas, de identificação com o agressor, e não de transformação. Há um sentimento consciente e inconsciente de impotência, que contribui para exacerbar um egoísmo defensivo, o qual leva ao isolamento e ao individualismo, fragmentando a possibilidade de integração social (p. 77-9).

ROUDINESCO (2003) assinala que os novos modelos de configuração familiar, enquanto reflexos das transformações da *família em desordem* de nossos dias, tampouco parecem haver destituído a instituição familiar de sua potencialidade para “favorecer o surgimento nova ordem simbólica” na atualidade (p.199).

Esta é uma estimativa que parece em parte confirmada também do ponto de vista dos adolescentes brasileiros. Avaliações e expectativas predominantemente positivas dos jovens em relação a seus pais foram detectadas na ampla investigação realizada por ZAGURY (1996). Um estudo descritivo conduzido no Rio Grande do Sul por WAGNER, FALCKE e MEZA (1997) avaliou o pensamento de adolescentes de famílias originais e reconstituídas com respeito aos temas de “família”, “casamento” e “separação” e também permitiu a seus autores concluir que alguns valores, crenças e projetos de vida dos jovens permanecem imunes às transformações estruturais de suas famílias.

As palavras de ABADI (1990), portanto, parecem-me adequadas para expressar que, apesar de seus impasses e desafios na atualidade, a instituição familiar não seria tão impotente assim:

Entre a cultura e o indivíduo, a família cumprirá uma função de filtro, reforço ou prisma divergente dos estímulos ambientais. Nela confluirão a ideologia de consumo, os ideais do grupo de pertencimento, os mandatos generativos, os

projetos individuais. Cristalizadora as vezes dos aspectos patológicos da cultura, poderá em outros casos desenvolver valores e modelos simbólicos diferentes, que permitam ao indivíduo um crescimento original alternativo ante a opção de alienação. (p. 606-7)

Conquanto legítimos, tais sentimentos de desesperança e desencanto não destituem estas mães entrevistadas nem de seu papel privilegiado na formação dos filhos, nem de seu lugar como *sujeitos* da História e da Sociedade. Novamente oportunas revelam-se então as palavras de LASCH (1983):

Uma sociedade que teme não ter futuro, muito provavelmente dará pouca atenção às necessidades da geração seguinte, e o sempre presente sentido de descontinuidade histórica – o câncer de nossa sociedade – cai, com efeito particularmente devastador, sobre a família. (...) A percepção do mundo como um lugar perigoso e repulsivo, embora tenha origem em uma conscientização realista da insegurança da vida social contemporânea, recebe reforço da projeção narcisista de impulsos agressivos. A crença de que a sociedade não tem futuro, embora se baseie em certo realismo sobre os perigos do devir, também incorpora uma incapacidade narcisista de identificar-se com a posteridade ou de sentir-se parte do fluxo da história. (LASCH, 1983, p. 76-7)

5.2- FILHO ADOLESCENDO, MÃE ANGUSTIADA

Sabe-se que as profundas e turbulentas transformações físicas e emocionais do adolescente naturalmente despertam reações nos membros de sua família. As alterações corporais, as flutuações de humor, os comportamentos aparentemente contraditórios são aspectos que, embora característicos de uma “adolescência normal”, podem fazer com que seus pais sintam-se inconscientemente confusos quanto à própria identidade do seu filho.

Tendo em mente as referências clássicas a respeito na literatura especializada, *“é a adolescência de seu filho uma vivência angustiante para você?”* – foi então a pergunta que, mesmo não incluída no meu “roteiro norteador”, inevitavelmente esperei que fosse afirmativamente respondida nos conteúdos manifestos e latentes das conversações gravadas.

E, de fato e sob vários aspectos, a adolescência dos filhos representou uma fonte de profundas angústias das mães.

5.2.1- A metamorfose puberal e o “adolescente ingênuo e vulnerável”

Nas falas das entrevistadas os adolescentes foram referidos predominantemente como sujeitos frágeis, infantis e vulneráveis em sua ingenuidade, portanto carentes de orientação, cuidado e proteção parental. Observe-se, por exemplo, esta imagem conforme apreendida a partir das idéias expostas pela Entrevistada H:

... nós temos responsabilidade de intervir, né, diante dessa situação, e mostrar para o jovem que não, que esse não é o caminho, né? (H14)

porque eu sei que ela é uma vítima, uma criança que ainda não tem discernimento... (H110)

Eu quero saber onde você está... tudo, mas eu não vou ficar brava, nem nada, então se você estiver numa situação complicada, me liga que eu vou te buscar... (...) você viu que você pisou em falso, você me liga que... eu estou ali para te proteger, eu, o pai, a gente vai te buscar rapidinho. (H112-114, relatando diálogo com sua filha de 14 anos)

... mas está sempre monitorando, quando eu não estou cuidando minha irmã está cuidando... Eu estou nessa fase, ainda, sabe, como ela tem quatorze, ainda, está muito criança ainda para você deixar ela fazer o que quer... (H120)

Outras mães também transpareceram essa percepção, conforme os exemplos que destaco a seguir:

O adolescente hoje não tem assim ainda aquela cabeça formada para saber o que é certo ou o que é errado. (J26)

Eles têm um vazio... inexplicável... porque... eles ainda têm que alcançar tanta coisa, né, o adolescente, que... fazer a vida deles... (D122)

... eu acho porque a gente já é adulto, já tem os conceitos prontos (...) para as crianças que estão se formando é muito duro (F78)

Essa atribuição foi ocasionalmente apreendida também pelo tom irônico com que algumas mães se referiram aos arroubos de onipotência e arrogância dos filhos:

A minha filha já várias vezes falou que o sonho dela é morar sozinha, nem casar, porque ela quer ter a vida dela! (D76)

Porque é o que ela sempre quis, ter a vida dela. E isso me preocupa... Porque o ser adulta dela, na cabeça dela, está ligado com... liberdade para tudo. Então aí eu acho que... ela sendo adulta, ela sabe: “Não, eu vou experimentar droga, porque eu sou adulta, e porque eu sei me controlar!”. Ela fala que ela sabe de tudo. Principalmente ligado a namoro, sexo, então ela sabe de tudo. E de drogas também (D84)

o adolescente ele é... auto-imune... ele é... senhor do próprio nariz (D132)

o perigo é assim, quando a gente é adolescente a gente acha que nada pega a gente, não é verdade? A gente acha que... é... que a gente pode consertar as coisas... (F84)

ela queria ser a dona da verdade, o que ela falava é que era o certo (A32)

Note-se que a vulnerabilidade e ingenuidade atribuídas ao adolescente não invalidam o concomitante reconhecimento, por parte destas mesmas mães, de seus filhos como indivíduos até certo ponto também maduros e capazes de cuidar de si mesmos, como também evidenciado nas entrevistas pelos graus variáveis de liberdade que lhes era concedido (por exemplo para namorar, viajar ou sair sozinhos à noite). Ou seja, essa percepção do adolescente ingênuo e vulnerável evidenciou-se a predominante, mas num contexto de *ambivalência das percepções maternas* a respeito de seus filhos.

Particularmente ilustrativo dessa ambivalência me pareceu o fato de que, não raramente, o mesmo filho tenha sido referido pela sua mãe como “criança”, “adolescente”, “menino” e “homem”, como observado em diferentes momentos da fala da Entrevistada J:

Porque o meu filho já estava, até então... o meu menino... J2

... quando eu fui dar uns tapas nele, eu não consigo mais dominá-lo, porque ele é um homem, ele... J58

... o X. agora é um adolescente, e... e ele vai começar a... crescer, e a ter vontade... Não, assim, ele já cresceu, mas assim (...) J62

G. chega mesmo a surpreender-se em sua ambivalência de atitudes em relação a seu filho de 13 anos:

Aí a gente já começa a criar como se fosse adulto. Depois que você cai na real, fala: “Pôxa vida! Ele é assim, mas ele... é criança...” G8

Ele é muito assim, né, porque eu falo, que às vezes por ele ser muito adulto... Ele é uma criança que você começa às vezes a tentar falar alguma coisa, então assim: “Ai, mãe, já sei, já sei! Não precisa falar...” (G 100)

“Menino” ou “homem”? “Criança” ou “adolescente”? “Já cresceu” ou ainda “vai começar a crescer”? Para a mãe, quem é este sujeito adolescente, afinal?

Algumas destas falas permitiram-me considerar o impacto causado pela *percepção materna das transformações físicas e emocionais da puberdade* como importante facilitador dessas angustiadas ambivalências em relação à *identidade* dos filhos.

A Entrevistada F., preocupada com possíveis repercussões das mudanças físicas e de comportamento para a sexualidade de seu filho de 14 anos, decide levá-lo ao médico:

... ele está bem formado, assim, bem peludo nossos traços são bem morenos (...) já levei ele no médico, tudo, a moça disse é assim, que não significa que porque já está formado já despertou... para a parte de... (...) acho que ele não tem a excitação assim, como menino, né? (F32-34)

... eu comecei a perceber que o X. estava ficando muito mal-humorado. Ele acordava de manhã já assim (F100)

Em vários momentos de sua fala B. também transparece suas angústias relacionadas às transformações físicas e emocionais de seu filho:

... ah, a transformação física dele, né? A voz dele tá mudando, e... tamanho, ele teve assim um estirão de... de crescimento, violento (...) e o comportamento... piorando! (B24)

Ele tá emburrado, ele tá assim, mais fechado. (...)B26

... me preocupa mais o comportamento dele, eu acho esquisito... também gera mil coisas (...) B30)

... me assustei a hora que eu vi, fisicamente mudando, transformando! A voz dele grossa (...) Meu Deus, eu não sei lidar com isso! (...) (B108)

... são coisas assim que... está me deixando de cabelo em pé! (B112)

O impacto das mudanças físicas e emocionais da adolescência na própria identidade dos filhos para as mães pareceu-me indicada também *de modo inverso* nos casos das entrevistadas que, na ausência das transformações da puberdade, revelaram-se mais tranqüilas com seus filhos. Para E., as alterações de humor do filho de 13 anos indicam a adolescência de seu filho, mas comparado aos colegas de classe que “já têm pelo na perna” este é ainda *menino*:

... ele fica nervoso, que ele é adolescente, aquelas coisas, né, mas ele é um menino... (E36)

... Eu sei, eu vejo os amigos dele, são mais... Assim, tipo já têm pelo na perna, aquela coisa toda está mais... (...) aí eu falei: “Ai, meu Deus do céu!...” Eu vou ter que... né? (E106)

A Entrevistada C. mostrava-se bastante despreocupada com seus filhos que, ainda impúberes, lhe parecem desinteressados em relação aos temas sexuais (note-se, por exemplo, o trecho de C187-191).

A Entrevistada I. também deixa transparecer a associação entre sua relativa tranquilidade com sua filha de 13 anos com a persistência de aspectos infantis em seu corpo e comportamento:

ela é uma criança adorável... (I60)

ela é muito infantil... ela brinca de Lego... Embora ela seja grande... ela... ela não menstruou ainda... (I174)

Para esta mãe, portanto, o tempo em que um “namoradinho” poderá vir a “oferecer droga” para sua filha ainda não chegou, mas parece que é bom já ir alertando-a em sua ingenuidade (recorde-se que I é ex-usuária de drogas):

Mas fica esperta e... fica esperta... Porque vão te oferecer... e vão te dizer que é bom. E agora, você está acreditando em mim porque eu sou legal, porque eu sou sua mãe, porque ele é teu pai, porque nós estamos dizendo (...) Mas a hora que chegar um namoradinho que você está apaixonada, e vai falar para você que é bom, você vai acreditar mais nele que em mim. Então... Fica esperta!”(I136-140)

Sabe-se que para o adolescente as mudanças corporais fazem parte indissociável de sua “nova” identidade em definição. Esta compreensão integrada pode ser apreendida nas palavras de ABERASTURY (1980, p.25):

Todas as modificações corporais incontrolláveis, como os imperativos do mundo externo, que exigem do adolescente novas pautas de convivência, são vividas ao princípio como uma invasão (...) estas mudanças, nas quais perde seu esquema corporal e sua identidade de criança, implicam a busca de uma nova identidade que se vai construindo em um plano consciente e inconsciente (...), é natural esperar que também para suas mães o corpo e a identidade constituam-se

representações indissociáveis em sua percepção do adolescer do seu filho:

Tal posição é também defendida por KNOBEL (1970 [1995], p. 47-8):

A conseqüência final da adolescência seria um conhecimento do si mesmo como entidade biológica no mundo, o todo biopsicosocial de cada ser *nesse* momento da vida. Ao conceito do “self” como entidade psicológica, se une o conhecimento do substrato físico e biológico da personalidade. O corpo e o esquema corporal são duas variáveis intimamente interrelacionadas, as quais não se deve desconhecer na equação do processo de definição do si mesmo e da identidade. (itálicos como no original)

Percebe-se, assim, o potencial que têm o corpo e o comportamento do adolescente em transformação no sentido de configurar uma nova e estranha imagem para a mãe, perturbando aquela antiga representação infantil, forjada ao longo dos anos de latência psicosssexual de seu filho, e que configurou a identidade deste para ela. Reações de perplexidade e ambivalência diante dos sinais de crescimento dos filhos são, portanto, naturais e inevitáveis nesse momento e indicadoras dos conflitos maternos em relação à “nova” identidade que seu filho está inconscientemente buscando:

O início da adolescência com suas mudanças físicas e o despertar de necessidades eróticas juntamente com a busca de uma identidade, tudo isto serve para fazer desta uma fase crítica na qual se espera o aumento de conflitos, tanto para os pais como para os filhos. (PINKUS e DARE, 1987, p. 100)

Acrescente-se que a imagem do *filho tornando-se adulto* suscita ambivalências também com relação à interdição do incesto, cuja possibilidade de concretização revela-se mais factível a partir da puberdade e cuja renúncia constitui-se em tarefa delicada não somente para o adolescente:

As transformações corporais dos filhos fazem reavivar nos pais sentimentos de natureza edípica, os quais deverão ser sublimados ou reprimidos. Muitas atitudes fóbicas e contrafóbicas dos pais são decorrentes de projeções de suas fantasias em relação aos filhos, agora não mais vistos com o

corpo de criança, mas vividos ora como criança e ora com expectativas de respostas adultomorfos (LEVISKY, 1998, p. 147)

Assim, quando o discurso materno, enunciador do corpo e identidade do filho adolescente, é surpreendido neste titubeio entre o “*vai começar a crescer*” e o “*não, ele já cresceu*” (J62), penso ser então a mãe – e não necessariamente seu filho – que se revela profundamente fragilizada e ambivalente diante da verdadeira “metamorfose ambulante” representada pela imagem repentinamente mutante de seu filho em crescimento. Inconscientemente enlutada e em parte saudosa daqueles tempos idealmente *seguros* da infância, no qual predominaram estáveis imagens e representações, não lhe faltam motivações internas para, projetivamente, atribuir à sua (*ex-*) criança esta vulnerabilidade, que na verdade encontra-se em parte escotomizada de sua própria autopercepção.

Retomarei em outros momentos este “adolescente ingênuo e vulnerável”, imagem que neste estudo revelou-se fundamental para a compreensão de diversas atribuições e referências destas mães ao tema das drogas.

5.2.2- A sexualidade adolescente e as angústias da “mãe excluída”

Angústias maternas foram referidas também a *sentimentos de exclusão* da vida dos filhos. A Entrevistada D, por exemplo, sentindo-se descartada no discurso de sua filha quanto aos seus planos futuros, estende seu desapontamento à geração adolescente:

Eu acho os adolescentes... egoístas demais, muito egoístas. (...) só pensam neles, sabe? Você pergunta o que eles querem fazer (...) eles querem é ter dezoito anos para ter um carro, para poder sair à noite... né? A minha filha já várias vezes falou que o sonho dela é morar sozinha, nem casar, porque ela quer ter a vida dela! (...) Ter a vida dela... quer viajar muito pelo mundo (...) Então às vezes eu... fico triste

com isso, né? (...) Dá uma decepçãozinha assim na gente... Puxa vida! Eu pensei que eu... significasse alguma coisa, né? (D72-82)

Embora seja natural que com a chegada dos filhos à adolescência as mães já não participem daqueles momentos em que estes *saem* sozinhos, as ansiedades despertadas em tais situações, mesmo quando consentidas, foram evidenciadas tanto nas falas como nas atitudes referidas pelas entrevistadas. Especialmente relevantes pareceram-me suas tentativas de exercer maior controle e vigilância sobre seus filhos, na medida que novamente denotaram uma significativa relação destas inquietações com a sexualidade adolescente:

Nesse sentido assim, de querer as coisas... de... começar a sair, aí tem o horário, eu me preocupo, eu vejo a hora que ele chega, eu sempre estou acordada para saber como que ele chega, né? É... vivo ligando... celular... (J136)

... eles vão crescendo, eles vão se reservando a individualidade, né? (...) a gente não pode querer... que fiquem falando tudo... (F48-50)

Você não sabe o quê que está acontecendo... Não sei se já teve namoradinha, se já ficou, o Y. fala, que dá beijinho na menina (...) Mas o X. não... eu não posso culpar ele porque eu também era assim, parecida com ele, assim... na infância... muito fechada... (G52-54)

Às vezes, voltando do trabalho lá perto de casa eu vejo amigas da sala da X. por ali, tudo na calçada, conversando com outros amigos. Eu não quero ela assim, na rua. Eu quero saber onde ela está. Eu gosto que tenha amigos... Mas que traga para casa... Prefiro sempre que estejam... a minha casa pode estar uma bagunça, pode estar cheio de amigo, de amiga, tudo junto... mas eu prefiro... comigo, dentro de casa. Ou, se for uma amiga, eu gosto de conhecer a mãe, a outra casa que ela está freqüentando, os amigos que estão indo, sabe? Eu gosto, eu prefiro... eu ter... um controle maior. (D256-260)

Estas preocupações maternas com a sexualidade¹² adolescente e a consciência destas mães de que seus filhos precisam dos seus cuidados e proteção constituem aspectos distintos, mas certamente inter-relacionados, e que merecem ser refletidos.

Objetivamente considerado da perspectiva do seu amadurecimento psicosssexual, é evidente que o adolescente *ainda não é um adulto* autônomo e capaz de gerenciar seus cuidados próprios em relação à vida e sexualidade. Quando desprovido de mãe ou pai suficientemente atentos a seu papel apoiador e cuidador pode, de fato e sob vários aspectos, tornar-se um adolescente abandonado:

Vergonhas, inseguranças, medos, estereótipos e preconceitos ampliam a vulnerabilidade de adolescentes a problemas relativos à sexualidade e reprodução, sobretudo quando essas vivências esbarram na falta de apoio familiar e social.
(MANDÚ, 2001)

Entretanto, a representação do jovem como alguém carente de informações, frágil, incapaz de formular julgamento crítico, ingênuo, curioso e influenciável é comum nos meios de comunicação (RIBEIRO et. al., 1998) e em textos referentes ao uso de drogas nos livros escolares (CARLINI-COTRIM e ROSEMBERG, 1991; CARLINI-COTRIM, 1994). Tal juízo é em parte distorcido e compõe aspecto importante das formações discursivas da ideologia de “combate às drogas” (BUCHER, 1992a; BUCHER, 1994; RIBEIRO et. al., 1998). Também da perspectiva da Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2001), pode-se inferir que as falas das entrevistadas nesta pesquisa em parte reproduzem essa imagem.

Por outro lado, desde uma perspectiva psicodinâmica, o significado latente de que *os filhos adolescentes estariam desprotegidos ou desamparados longe das mães* parece também refletir a percepção ambivalente destas em relação

¹² Emprego aqui a expressão *sexualidade* no sentido originalmente freudiano de sua acepção, ou seja, não reduzida à genitalidade, referida a “toda uma série de excitações e de atividades, existentes desde a infância, que produzem um prazer que não pode reduzir-se à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1994, p. 401) e também reconhecida em seu papel fundamental na origem da própria linguagem e cultura humanas. (VALLS, 1995, p. 566)

aos seus filhos, conforme evidenciada nas entrevistas e referida na seção 5.2.1. Há que se acrescentar, ademais, que a interação mãe-filho é classicamente descrita como conflituosa para aquela em relação aos processos de individuação e separação deste, especialmente em relação ao redirecionamento exogâmico de suas metas sexuais (ABERASTURY e KNOBEL, 1970 [1995]; ABERASTURY, 1980).

Assim, uma vez mais se faz necessário considerar a adolescência como o momento em que às transformações corporais dos filhos vêm somar-se suas novas demandas de individualidade e privacidade, desencadeando um verdadeiro processo de *luto materno* em relação à criança que seu filho está deixando de ser. Mais além, portanto, dos momentos de afastamento físico e concreto, novamente *é a mãe do adolescente que se sente perdida e fragilizada* quando seu filho – na melhor das hipóteses – se mostra competente em distanciar-se daquela posição familiar e idealizada ocupada durante a infância que agora, irremediavelmente, está ficando para trás.

Estas considerações parecem-me fortemente corroboradas nas entrevistas à medida que pude surpreender tais sentimentos de angústia e exclusão maternos mesmo naqueles momentos em que os filhos, ainda que estivessem *por perto*, exigiam sua privacidade e autonomia na própria convivência doméstica – por exemplo, evitando, constrangidos, os carinhos da mãe, fechando-se sozinhos no banheiro ou simplesmente não querendo conversar.

Observem-se os seguintes trechos da fala da Entrevistada B, notavelmente sentindo-se excluída de vários aspectos da vida de seu filho:

Eu não consigo... assediá-lo com carinho... ele morre de vergonha... não posso beijá-lo no colégio... Nossa! Eu passo, nem reconheço... Morre de vergonha. (B24-26)

E é onde é a minha dificuldade... porque ele não fala... (B150)

... e sexualmente ele é muito fechado! Ele... ele custa a se transformar... faz três anos que ele lava a mão, ele fecha a porta do banheiro... até

para lavar a mão!...Nunca mais eu o vi sem roupa! Nem sei como é que ele está! Não existe, nossa! (B250-252)

Atribuo, portanto, à interação entre estes aspectos psicodinâmicos, culturais e psicossociais um papel fundamental e eficazmente propiciador de um psiquismo latente do qual emergem estas profundas angústias maternas apreendidas nas entrevistas.

5.2.3- Da sexualidade às drogas: angústias deslocadas e a adolescência “perigosa” e “difícil”

A adolescência é etapa sabidamente delicada quanto a comportamentos de risco relacionados tanto ao uso de substâncias psicoativas como à sexualidade, e esta percepção foi reproduzida na fala das entrevistadas:

... adolescência é mais complicado... (B10)

... mas eu sei que eu não vou poder controlar isso também, né? Chega uma certa idade que eu não vou ficar podendo... Enquanto é pequeno dá para você falar, né? “Não faz, não pode”... Mas acho que depois vai chegar uma certa idade que eles vão acabar... saindo com os amigos, e, né: “Aqui, ó! Experimenta!” (C317)

... ou a pessoa se resolve os problemas na adolescência ou normalmente não, ou aquilo... é camuflado... né? (E76)

... é essa a fase que eu tenho medo, que é a mais perigosa de um... um adolescente fazer uso de uma droga... Começar a beber porque... Eu percebo... que tem muito adolescente bebendo, fazendo uso da bebida, né? (J70)

A gente faz, aí, a gente nunca sabe se a criança pode ter alguma revolta, alguma coisa e... a primeira coisa que a gente acha que vai... pegar o caminho... da droga. (G10-12)

Aniversário de quinze anos, não sei o quê, então, andou indo em uns aí... e aquela coisa mesmo, de voltar... duas, três horas da manhã... Aí a primeira coisa que você pensa... “Ai meu Deus! Será que ele está com os amigos, será que ele está no aniversário mesmo?” (...) No fundinho sempre a gente fica preocupada, sim, por mais que dê educação, religião, no fundo, você fica preocupada... Ah, a gente, a primeira coisa que a gente pensa é na droga... (G162-164)

Adolescente já é uma fase difícil. A droga só complica tudo (H14)

... porque eu sei que ela é uma vítima, uma criança que ainda não tem discernimento (...) desse tipo de gente que anda em torno de meninas como elas, né, para... passar droga (H110)

Ocasionalmente estas preocupações foram despertadas quando os próprios filhos tomam a iniciativa de conversar a respeito do assunto com as mães. A Entrevistada D assustou-se quando sua filha lhe conta que, em conversa com suas amigas, reconheceu ter medo de um dia, se alguém vier lhe oferecer drogas, ela acabar aceitando:

Eu quase tive um chilique a hora que ela falou isso! (D4)

E também J, que fora chamada ao colégio de seu filho em função de boatos de que este estaria usando droga:

Porque o meu filho já estava, até então... o meu menino, assim, já querendo falar em drogas, e aquilo me alertou (J2)

Falando destas suas preocupações pessoais com seus filhos em relação a drogas e sexo, estas mães de certa forma revelam percepções presentes no senso comum (no qual também reside a preponderante imagem frágil e vulnerável do jovem anteriormente destacada) e mesmo entre na literatura especializada em relação às vicissitudes do adolescer – de fato, bastante consensual quanto aos riscos e desafios clínicos e sociais do adolescer.

Este reconhecimento, no entanto, não impede que sejam transcendidas estas esferas e outras hipóteses sejam levantadas. Na *particularidade* das vivências destas entrevistadas com seus filhos adolescentes parece-me importante reconhecer que foi no contexto discursivo estabelecido pelas angústias relacionadas à metamorfose puberal, à sua visão ambivalente dos filhos e aos seus sentimentos de exclusão, anteriormente descritas, que emergiu esta percepção da *adolescência como etapa particularmente perigosa e complicada em relação às drogas*.

Nesta perspectiva, o tema “drogas” representou também uma representação fortemente facilitadora de mecanismos psicodinâmicos de deslocamento¹³ das angústias maternas relativas à sexualidade dos filhos. B., por exemplo, refere-se a princípio mais preocupada com as mudanças corporais e com o comportamento hostil de seu filho do que com o tema das drogas propriamente dito (B30). Estas de fato somente foram *vivenciadas* como fonte de preocupação na circunstância de uma briga com o adolescente, nitidamente desencadeada pela hostilidade deste para com as *mulheres* (a própria mãe e a irmã caçula) presentes em seu núcleo familiar (observe-se, por exemplo, B242-244 e B334-338).

Quando perguntada sobre como prevenir o problema do uso de drogas pelos adolescentes (C178), a Entrevistada C verbaliza sua atual tranquilidade sobre o tema, no tocante a seus filhos gêmeos de 11 anos. Observe-se como esta sua despreocupação com as *drogas* emerge em nítida associação a pré-adolescência de seus filhos, percebidos ainda como infantis e desinteressados sobre assuntos de *sexo*:

“... eles estão com onze anos mas parece que também são bobinhos ainda, em relação com as outras crianças de onze anos que eu vejo, eles são bem infantis. Nem cigarro, porque você chega uma idade que as pessoas têm curiosidade né?(...) Eles não têm nem malícia de ver revista de... pornográfica, que os meninos, os amiguinhos da escola levam revista, abrem a internet para ver essas coisas... Eles nem isso têm curiosidade (...) Por enquanto eu acho que eu ainda não vou ter esse problema. Mas a gente sempre procura conversar para já estar passando informação, né?”(C189-191)

Em outro contexto, essa associação entre *sexo* e *drogas* também transparece nos comentários que a Entrevistada G faz sobre a televisão, inclusive citando um programa religioso no qual ex-usuários de drogas dão seus

¹³ O fenômeno psíquico de deslocamento consiste basicamente no mecanismo pelo qual a “acentuação, o interesse, a intensidade de uma representação pode desprender-se desta para passar a outras representações originalmente pouco intensas, porém ligadas à primeira por uma cadeia associativa”. (LAPLANCHE e PONTALIS, 1994, p. 98)

depoimentos pessoais. De sua entrevista extraio os dois trechos relativamente extensos a seguir, nos quais vários significantes associados a “droga” e “sexo” alternam-se sucessivamente em sua fala, sugerindo as conexões associativas e o deslocamento de afetos e representações latentes ao seu discurso:

... a Canção Nova eu acho que... não só de droga, mas cem por cento... as pessoas que estão lá são pessoas... que tiveram passado negro... Ou seja, o mundo das drogas... a homarada com... né, orgias, homem, é, alcoolismo e... prostituição, né? (G70)

Eu não assisto novela mesmo... há uns dez, doze anos... que eu sempre achei que... que estimula mesmo a... a você fazer coisa errada que... vai fazendo aquela coisa devagarinho, devagarinho que (...) para o adolescente, para a criança aquilo se torna uma coisa normal, né, porque está vendo todo dia, na televisão (...) Um namoro muito avançado, né? É... a televisão acho que não incentiva, né, você usar droga, nunca falou para você [rindo]... usar droga, que é legal, que é bom... Eu acho assim... essa liberdade, muito, que eles dão... é tudo pode, tudo é permitido, então... (...) tenho medo assim, né? E isso aí pode... né, levar... cair no mundo das drogas também... Um namoro muito avançado, ou você ficar até tarde fora de casa, ter tudo quanto é tipo de amizade, eu acho que tudo isso aí... pode... levar... ao mundo das drogas.... (...) era um estímulo ao... homossexualismo, né, na coisa normal, parece que... no outro também tem mulher, não sei se teve ou não... (...) Então é o que eu falo, essas coisas tudo eu acho que... é o caminho, né, para você... e qualquer coisa errada, anormal... poderia também... ser a droga... (G166-170)

“Sexo” e “drogas” emergem associados também na fala de D., preocupada com a banalização desses temas no cotidiano dos jovens e na abordagem midiática:

Outro dia a gente lendo lá, meninas também, adolescentes, pré-adolescentes perguntando não sei o que lá sobre sexo... oral! Eu achei uma coisa tão forte, porque ficar eu já acho assim... meio... não é tão normal, namorar é mais legal, eu acho. Ficar, transar cedo, eles falam isso como se fosse completamente normal. (...) Então... ao mesmo tempo que... falar, falar muito de droga, “ah, ele fuma maconha... ah, mas por quê? Porque maconha veio... pode ser legalizada, porque não faz tanto mal”, eles têm todas essas informações, mas às vezes pode chegar até distorcido. (D178-180)

Mais adiante, nessa mesma entrevista, chego a assinalar para a entrevistada que uma pergunta anteriormente feita sobre uso de drogas ainda aguardava resposta:

- E uso de drogas? Porque aí você está falando da sexualidade... (D191)

Um derradeiro exemplo das evidências de mecanismos de deslocamento entre as representações de “drogas” e “sexo”: a Entrevistada A. relata que a decisão de permitir que sua filha de 17 anos fosse morar sozinha em Londrina foi inicialmente acompanhada de muitas dúvidas quanto à capacidade desta de ser cuidadosa em seu namoro:

A minha preocupação maior era o namorado, que eu dizia: “Por favor, minha filha, tenha cuidado (...) eu prefiro que você converse comigo, a gente vai ao médico, eu não quero uma gravidez agora, vai estragar sua vida...” (A8-12)

Deus me livre acontecer alguma coisa... tem a pílula do dia seguinte... você liga pra mãe, nós vamos no médico, eu te respeito, para evitar uma gravidez... (A126)

Quando, porém, veio a ler o diário de sua filha (significativamente “esquecido” por esta ao alcance da mãe), descobriu que esta não somente já transava com o namorado, com também com ele começou a fumar maconha. Sua

reação foi dramática, mas, sugestivamente, percebe-se que toda a sua atenção foi deslocada para a droga, que passa a ocupar o centro de suas angústias:

Agora, do jeito que eu estou, não quero nem perguntar. Eu só quero dizer para você: ‘Tudo bem, isso aí é o de menos. Você quis assim, tudo bem, o problema para mim é a maconha. Se você transou, ou não transou, isso para mim ficou de menos agora, minha filha’ (A128)

Observe-se a veemência com que a entrevistada chega a *negar*, no seguinte fragmento de seu diálogo comigo, a intensidade anteriormente referida às suas preocupações com a sexualidade da filha adolescente:

- (Entrevistador) *E a maconha também foi muito mais forte que a coisa da sexualidade dela...*

- (Entrevistada) *Muito! Muito, muito, muito! Porque eu também, sempre dizia para ela, até uma vez ela estava numa rodinha (...) lá em casa sempre foi de muita gente, e os amigos estavam lá, daí um deles: ‘Ô tia, quê que você faria se a X. não se casasse virgem?’ Eu falei: ‘Virgem? Mas eu nunca pensei que ela um dia fosse se casar virgem... Eu não quero isso para ela! Porque ela vai não saber se aquela pessoa é a pessoa ideal para ela!’* (A349-350)

5.2.4- “O quê devo fazer agora?”

A adolescência, situada temporalmente entre a *dependência absoluta* dos pais que caracterizou a infância e a *independência e autonomia* que idealmente caracterizarão a vida adulta, constitui-se em etapa que, no âmbito familiar, demanda importantes e indispensáveis reformulações dos papéis parentais (EIGUER, 1985; LEVISKY, 1998). Não sendo este, entretanto, um momento inaugurado por rituais simbólicos em nossa cultura, os limites da moratória psicossocial da adolescência (ERICKSON, 1968) nem sempre são claramente

definidos, facilitando com que o adolescer do filho, até então apenas *admitido*, não raro se constitua em momento *de fato* surpreendente para as mães.

e eu sempre achei assim, programei...como mãe, que eu... talvez... tivesse que estar orientando as crianças na fase de adolescência mesmo... (H150)

Essas mudanças que... está vivendo muito rápido, a hora que eu vi ele está ficando... adolescente! Eu achava assim, “quando ele for adolescente eu vou conversar com ele...” Aí a hora que eu abri o olho. Foi muito rápido! Foi, assim, esse ano! Então você não pode ficar ali... protelando, né? (B380)

Entretanto, mesmo no caso das mães que não pareceram ter sido apanhadas assim tão *de surpresa* pela irrupção da adolescência de seus filhos, pude apreender intensas ansiedades em relação a este rearranjo dos cuidados maternos. O tom angustiado em muitas falas e a gama variada de recursos empregados no cuidado de seus filhos – conversar, educar, orientar religiosamente, pressionar, cobrar, proibir ou mesmo bater – foram os aspectos que, denotando não raro profundas impotências, pareceram convergir na formulação latente: “*o que devo fazer agora?*”:

eu... percebo assim que agora... ele tem a vida dele, é o que eu não posso mais mandá-lo, (...) agora eu vou apenas conduzir o meu filho... ao lado dele, e falar: “Não, isso está errado, isso está certo, não é assim, é assim ”... E esse vai ser o meu papel... (J62)

Porque eu não dou conta sozinha! Não dou realmente!” Sabe, nessa fase que ele está é muito difícil! (J74)

eu acho que é muito difícil educar adolescente (...) a minha filha parece assim que é tranqüila... Mas... adolescente... (D4)

o adolescente já não obedece a gente tão fácil (D30)

eu acho assim, não adianta eu... pressionar demais que ela vai escapar, pelos meus vãos dos dedos (A86)

Não sei fazer... Dr. Marcelo, não sei... Entendeu? [rindo] Então, qual é o jeito que eu faço? É o jeito que eu sei, eu acho... a coisa... me... me bate do jeito que vem! (I142)

Às vezes eu sinto... uma distância grande... é... eu tento me aproximar... A mãe com o filho é aquela coisa mais protetora... nem sempre muito... é... como é que eu diria... Nem sempre entendendo que o filho... ela aceita, mas nem sempre ela entende que o filho... muitas linguagens... eu não sei se eu entendo... Sabe, às vezes eu me sinto... eu fico perdida, em muitas situações... (...) Eu sei que eu tenho que conversar com ele sobre sexo (...) Ah! Mas para mim é um problema, é difícil (E98-100)

quando eu estou falando, eu falo, falo, feito uma... enlouquecida, ele fica só ouvindo, ele... nada... Eu trabalho muito assim o lado espiritual, também, que eu procuro passar isso para ele... (B118)

Às vezes a minha bronca, a minha... às vezes até... quando eu chego a agredi-lo, dou uns tapas... mas ele está tão forte que... eu me machuco! (B194)

Então, tem certas coisas que até funcionam... Tem que ficar cobrando, cobrando, cobrando... aí fica aquela mãe... pentelhando o tempo todo, né? Se eu largar, aí não funciona, não! Tem coisas que ele já assimilou, depois de tanto... mas tem coisas que ainda tem que... cobrar e através dessas tarefas eu acho que vai adquirindo responsabilidade... Eu acho muito difícil, eu estou sentindo que é muito difícil educar (B296-300)

Importante também salientar a intensidade com que estas dúvidas e inseguranças despertaram nas mães sentimentos de culpa, alguns destes inclusive referidos à temida possibilidade de seus filhos virem a consumir drogas:

Pai e mãe estão sempre errando! Não tem jeito... Mas errar... acreditando que está... tá fazendo certo... (I150)

... como mãe é sempre culpada, a gente... carrega culpa desde que... fica grávida já está... cheia de culpa... Então é... é... essa coisa de... Eu acho que... que ... com todos os meus problemas, e com todas as minhas... inseguranças, e com meus medos (I60)

... já me sinto meio culpada, eu acho que se acontecer isso, de envolvimento com droga, eu... provavelmente vou me sentir culpada, né, de alguma falha na educação delas... (D58)

... a preocupação é essa de a gente não saber o que fazer, porque nunca... eu nunca sei se eu estou fazendo certo. Nunca sei se eu estou sendo... radical demais, e favorecendo ele procurar uma droga, né? Isso também, ter... puxar muito as rédeas [rindo], às vezes o filho fala “Mas que saco! Não agüento mais!” E... procura aí uma turminha, outras coisas. E... eu acho que é complicado, educar o filho é muito, muito complicado... (D254)

Destaco também, em consideração ao contexto socioeconômico das famílias representadas pelas minhas informantes, o quanto sua *necessidade de trabalhar fora* parece colaborar para o incremento destes sentimentos de culpa:

... na verdade eu quero tentar tirar umas duas tardes assim, que eu acho que faz muita falta (F58)

E a gente, sabe, sai de manhã, volta na hora do almoço, quando não vai almoçar em casa... correndo... né? (G66)

A minha vida é muito louca, só faço correr o dia inteiro, corro, corro, corro, corro, corro, corro... Me sinto super culpada... porque... desde que minha filha nasceu eu nunca fiquei com ela, né? (I60)

Finalmente, assinalo a relevância com que, na fala de algumas entrevistadas, estes sentimentos de angústia, impotência e culpa chegam também a convergir em expectativas de que uma receita pronta, uma fórmula mágica, lhes pudesse ser fornecida:

eu gostaria... de uma forma... uma fórmula mágica [rindo], de preferência... Não sei, eu gostaria de ajudá-lo... (E80)

Mas eu acho que eu precisava ler uma coisa específica mesmo... “Como educar com sucesso”... Uma receita! [começa a rir muito]... Só isso, uma receita de sucesso... (B314-316)

Para além de sua compreensão psicodinâmica ou de possíveis interpretações transferenciais (algumas destas apresentadas na seção 4.2.1), penso que tais demandas assinalaram significativas angústias, especialmente nestes tempos imediatistas em que tantos manuais especializados em educação ou prevenção das drogas na adolescência pululam nas livrarias. Consideradas na complexidade de suas raízes, as angústias maternas despertadas pela adolescência dos filhos permitem compreender as razões por que boa parte destas demandadas “receitas de sucesso” revelem-se tão sedutoras à vista quanto impotentes a prazo.

Entretanto, muitas vezes mais representantes de mandatos superegóicos que acolhedoras da singularidade clínica e existencial de cada situação em particular, tais receitas talvez estejam contribuindo mais para reforçar a representação de uma “mãe imediatamente perfeita”, tiranicamente idealizada em nossos dias, que para resgatar a figura bem mais alentadora e estimulante daquela “mãe suficientemente boa” de outros tempos (WINNICOTT, 1953 [1994], p. 27).

Reportando-me assim a algumas das considerações abordadas na seção 1.2.1.4, novamente concordo com as palavras de COSTA (1983, p.15):

Finalmente, o amor entre pais e filhos, sonhado pela higiene, concretizou-se. Na família conjugal moderna os pais dedicam-se às crianças de maneira permanentemente insatisfatória. Perante os novos técnicos em amor familiar, os pais, via de

regra, continuam sendo vistos como ignorantes, quando não “doentes”. Há sempre um “a mais” a corrigir, um “a menos” a tratar. Amar e cuidar dos filhos tornou-se um trabalho sobrehumano, mais precisamente, “científico”. Na família burguesa os pais jamais estão seguros do que sentem ou fazem com suas crianças. Nunca sabem se estão agindo certo ou errado. Os especialistas estão sempre ao lado, revelando os excessos e deficiências do amor paterno e materno.

5.3- USO DE DROGAS TEMIDO E CONDENADO

5.3.1- Mídia e drogas: a mãe como “sujeito informado”

Como exposto anteriormente (seção 4.1; ver também a Quadro 3), com apenas uma exceção (J), todas as entrevistadas possuíam nível superior de instrução. Configurada, porém, uma amostragem exclusivamente composta por leigos em relação ao saber médico ou psicológico, a principal fonte de informação com relação às drogas para elas e suas respectivas famílias foi referida à *mídia televisiva* (especialmente telejornalismo, reportagens temáticas e campanhas antidrogas na TV), seguida pela *imprensa* (jornais e revistas semanais de circulação nacional). Ocasionalmente outras fontes (por exemplo, revistas voltadas para o público adolescente, notícias pela Internet, palestras escolares) foram também citadas.

E eu observando, observando, e sempre pegando em casa reportagem de maconha, mostrando, maconha não é bom, não é droga... (A32)

Todo artigo que eu pegava que tinha sobre droga: “Filha... vamos ler? Olha aqui”(A148)

... sei lá, preciso de uma orientação... eu tento ler alguma coisa... Eu pego muitos artigos, assim, revistas... tem uns artigos interessantes, assim... que envolve pais e filhos, comportamento... Aí eu leio, aí eu leio, sabe? (B310-314)

Eu estava vendo esses dias uma reportagem, eu não lembro onde era... em que os jovens recebendo seringas para evitar contaminação... E isso fez com que segurasse um certo num certo ponto a doença, mas não o vício. (B386)

... através de documentários, reportagem na televisão, você vê o quê que passa... (C17)

Saiu até uma matéria na “Veja” (C29)

Quando mostra alguma propaganda de drogas, né? Dessas campanhas antidrogas, quando tem uma reportagem (C113)

A televisão... a escola às vezes também mandava alguma coisa sobre... é... palestras, né, sobre drogas, não sei o quê, mas nós nunca chegamos a ir em nenhuma... na escola (C123)

Televisão, que é o que mais se vê (D186)

Na revista Capricho tem matérias desse tipo, é indicada para... adolescentes, na faixa etária dela para maior (D176)

... na revista Veja sempre que vem escrito sobre drogas, o fato de ela ser uma revista um pouco mais séria, elas já lêem toda assim, mais, sabe? Com o olhinho mais arregalado... (D206)

É a minha interpretação leiga, mesmo, como uma pessoa que lê, que se preocupa...eu vejo é isso... (H20)

... não estou acostumada com esse ambiente, né, mas... de notícia, de ver o que acontece (H50)

... a fonte de informação basicamente é a televisão... a... a... jornais, enfim, as revistas (I162)

Aparentemente em função de aspectos de sua vivência pessoal com as drogas, duas entrevistadas (E., casada com um usuário de maconha e I, ex-usuária de drogas “pesadas”) consideraram-se pessoas “especialmente” informadas sobre o assunto, ainda que, como as demais, expressassem também suas dúvidas e formulassem perguntas ao entrevistador.

... eu tenho uma experiência... Os dois lados, então, o que eu percebo (...) por exemplo, as pessoas que não sabem, é, que só sabem, por exemplo, maconha, cocaína, droga, só ouviram falar, nunca presenciaram ninguém, nunca viram realmente, as pessoas têm uma noção... da coisa... Né, mas na realidade, por exemplo, eu convivo (...) e as pessoas não têm noção, ou os que estão fora, por exemplo, têm é um (...) pré-conceito mesmo... (E14-16)

... eu não estou falando de bobeira, eu não tenho... dúvidas, grandes dúvidas de como é que é a droga, como é que funciona, como é que é, porque essa coisa toda está muito bem resolvida na minha cabeça. (I20)

O uso de drogas por personalidades em destaque na mídia, especialmente televisiva foi ocasionalmente mencionado, e as referências incluíram o apresentador Thunderbird (A148) e a atriz Vera Fischer (B400). Representante dos tempos da contracultura, o compositor Bob Marley também foi citado como “intrinsecamente ligado à maconha” (A148).

Em relação à mídia televisiva, porém, destacaram-se especialmente as falas referidas a uma telenovela exibida na mesma época da realização das entrevistas¹⁴ e que obteve grande repercussão nacional, cujo enredo abordou o drama de adolescentes envolvidos com uso de drogas. Algumas falas a respeito

¹⁴ “O Clone”, de autoria de Glória Perez, que foi exibida entre 2001/2002 pela Rede Globo de Televisão. Em torno de uma trama romântica central, esta novela abordou temas de grande impacto na atualidade como a cultura islâmica, a clonagem de seres humanos e o uso de drogas por adolescentes. Quanto a este último, na sequência dos capítulos as trágicas conseqüências do uso de álcool e drogas ilícitas na vida das personagens era alternada com depoimentos (apresentados como verídicos) de ex-usuários em “recuperação”. Ao final, uma das personagens, cocainômana, “desaparece” do enredo. (O CLONE, 2002). A opinião pública foi bastante mobilizada na ocasião, e um dos jornais de Londrina incluiu-me entre os entrevistados que opinaram a respeito das muitas polêmicas suscitadas (SEGLIN, 2002).

denotaram também o questionamento das entrevistadas a respeito dos controvertidos efeitos da divulgação do tema na mídia:

... a minha filha chegou, e comentou, e viu na novela também que a menina está afundando em drogas (D4)

... eu vejo na novela agora por exemplo, aquela menina (J48)

Essa das oito, que fala, que tá passando drogas... (E112)

Então, quê que essas pessoas estão reclamando da novela? Porque está aparecendo o negócio do jeito que é... (E144)

E a televisão, quê que a televisão muitas vezes fala? Fala que faz mal, mas ninguém prova nada... (E72)

... numa novela... mostra... um drogado, eu acho que as pessoas que estão do outro lado, acho que fica meio curiosa também, né? E aí que vai experimentar, não é? Eu acho que... é um... mesmo em filmes, cinema, também você vê aquilo... eu acho que estimula a curiosidade da pessoa... Depende de cada pessoa, não? (C261)

... eu acho que todo meio de comunicação... Na minha cabeça eu acho que estimulam... eu acho que estimulam... Eu já nem assisto novela, tá? (G152)

Você vê o uso, digamos assim, a gente vê... vamos falar em termos de... da mídia falando, de artistas, né? Muito! Muito, muito... né? Mostra assim, ao mesmo tempo, essa coisa que está aí é meio normal, né? Se talvez não divulgasse... eu acho muito difícil... Talvez assim você dissesse, se não divulgasse, estaria aquela coisa... camuflando... (B392)

Como esperado pela estratégia adotada para a obtenção de informantes para esta pesquisa, estas mães de adolescentes não eram, portanto, sujeitos *indiferentes* ou *desinformados* em relação ao tema das drogas. Assinalados os

aspectos psicodinâmicos da vivência das entrevistadas com seus filhos e algumas condições da sua inserção em seu contexto sociocultural, a caracterização leiga da amostra me permitiu inferir que as falas, conhecimentos e significados atribuídos ao tema proposto inevitavelmente reproduzem, ao menos em parte, as características da abordagem deste nos citados veículos de comunicação.

5.3.2- O medo das drogas

Todas as entrevistadas permitiram apreender o medo que a idéia de “droga” invariavelmente lhes desperta. Na maioria das vezes esse temor foi manifestamente referido a partir da própria experiência com drogas (ou não) da entrevistada ou ao seu uso por adolescentes:

... sinceramente, eu tenho medo (D28)

Mas assim foi umas duas vezes, que eu tenho muito medo, né? (E168)

... eu não aceitaria nenhuma não... Para mim todas são... são perigosas (G98)

Nunca experimentei, porque eu... sei lá... uma questão assim de medo, (H82)

eu acho que é a minha paranóia, né? Então eu estou sempre... ligada, né? (I162)

por melhor que eu tente conduzir essa coisa com a minha filha, eu tenho medo... esse perigo não é uma coisa assim... de agora (I14)

a droga eu acho muito perigoso... (J40)

Em outros momentos o *medo das drogas* pôde ser apreendido indiretamente pelas *dificuldades ocasionalmente referidas para abordar o assunto em família*. B. e C. jamais permitiram que seus filhos soubessem do

envolvimento com drogas por parte de parentes próximos (B210; C197). A Entrevistada A, já há algum tempo “desconfiada” de que sua filha estava usando drogas, não conseguiu perguntar-lhe a respeito – “*estava com medo de saber*” (A26). J., também não conseguindo perguntar diretamente a seu filho de 15 anos se este estava fumando cigarro comum ou “outra coisa” (J4), apenas *ensaia* internamente essa pergunta. Ao mesmo tempo, evita abordar o tema com sua filha de 11 anos:

Porque eu acho assim, Marcelo, para minha filha não é a hora ainda de eu falar de drogas, para quê que eu vou antecipar uma coisa... (J126)

Mesmo considerando-se que tais dificuldades não foram referidas unanimemente – as entrevistadas D. e F., por exemplo, *relataram* que o assunto é abordado com muito mais tranquilidade ou naturalidade com seus filhos (note-se suas respectivas falas em D84, D230, e F46) –, percebe-se que, ao menos em certas circunstâncias, “drogas” representaram um tema constrangedor ou até mesmo ocasionalmente interditado ou proibido para minhas informantes abordarem com os filhos. Assumindo nestes casos características próximas às do tabu, uma vez mais se evidenciaram as prováveis conexões associativas entre as representações e os significados latentes de “drogas” e “sexo”.

Não se toca no assunto, quando vem algum assunto na televisão a gente conversa alguma coisa (A266)

Por quê o medo das drogas nestas entrevistadas?

Uma primeira razão pôde ser inferida a partir das *consequências severas atribuídas ao uso de drogas*. Invariavelmente empregando tons graves e dramáticos, não raramente o discurso destas mães chega a assumir formatos da tragédia ou contornos da catástrofe:

... é uma coisa muito séria (J26)

Um jovem ali totalmente viciado, alienado! Ausente da vida, vegetando! Fisicamente bem, mentalmente, bem perfeito, saudável... Definhar em função de uma droga? (B386)

Eu acho que ele corrói... o amor próprio... né? Depois ele começa... aquelas coisas todas que circundam... não é? As relações já não têm valor... as relações afetivas... Tudo perde a importância perto daquele prazer maior (I94)

... eu chamo, que tem uma matéria... sobre droga “Ó, vem ver! Ó... olha aí, ó! Tá vendo, como é que é? Não adianta... achar que é bonitinho não porque olha aí, ó... é assim, ó, vai pra cana... vai ficar doente, vai pegar HIV... vai... Tem tudo! Tem todo o problema... e vai ficar uma pessoa... Vai estragar a vida! Vai jogar no lixo!” Essa alegria toda que você tem, você pode ter em um minuto de droga, no dia seguinte você está um lixo na cama, não quer saber de nada, depressiva. Então é... você... você vai escolher, ou você quer ser sempre feliz com as suas coisas normais, ou você quer ser feliz num minuto e o resto do tempo ruim (I146)

A destruição da pessoa (...) ele vai ficar disperso...(...) eu acho que no fim vai se acabar, é a destruição, sabe, acho que é o fim! (J44)

eu vejo na novela agora por exemplo, aquela menina... ela... ela...abandonou tudo, abandonou o... a faculdade, porque traz... deve trazer problemas sérios de concentração... A pessoa... é... ela muda, né, ela... o desleixo com a sua própria, né? Pessoa, eu acho que... é... é de tudo o pior, as drogas (J48)

A gravidade... Meu Deus do céu! A pessoa se acaba! Ela não tem mais... né, a vida para a pessoa não tem mais sentido... (G92)

... você tem que pensar que você vai acabar mal... eu não quero um marido... impotente, eu não quero um marido... é... que fica meio lerdo, lento (E52)

... vai desarmonizar a família inteira, vai criar um caos na família (D30)

... vai mudar a vida da família inteirinha... para poder ajudar essa pessoa que estiver... nas drogas... Vai desestruturar a família toda. (D138-140)

Você acaba com a estrutura de uma família (C75)

... a gente mostra às vezes na... na televisão, quando mostra: “Tá vendo, ó? Você consome, você fica dependente... aí quando você não tem você começa a passar mal, faz mal fisicamente... “Aí eles ficam meio impressionados também... a gente mostra o lado ruim, bem trágico mesmo... Para não ter curiosidade nenhuma! (C117)

desse pessoal todo da minha época, foram poucos os que se safaram (I4)

... de repente você vê amigos da gente morrer de droga, de overdose, de HIV (I38)

Outra razão para o medo das drogas pôde ser apreendida a partir das referências feitas ao “tratamento” ou à “recuperação” (dos usuários e dependentes), vistos como “difíceis” ou “praticamente impossíveis”.

... se o adolescente se envolve com drogas, eu acho que é muito difícil se recuperar (D28)

Uma das melhores clínicas de São Paulo, que cuida de dependentes, né? De dez que entram lá, um se recupera”. Isso eu já fiquei mais... abalada ainda (...) é triste, né, porque você vai fazer tudo, vamos tentar recuperar, e para recuperar ainda é difícil (D136)

Isso é complicado, heim? De um viciado? Eu acho que sempre tem que ter uma ajuda, sozinho acho que meio difícil (C333)

Nem sei se... consegue voltar ao que era antes, também (C407)

acho a recuperação super difícil, acho... quase que impossível, dependendo do estágio que a pessoa está, do... do tanto de droga que ela toma, do... qual droga ela toma... né? Eu acho... praticamente impossível. (I94)

o processo de droga, né, eu acho que é ... irreversível, ou... tem muita dificuldade (H14)

Esta recuperação é vista como difícil também na medida em que a família do usuário, vitimizada por este em outras falas, é ambivalentemente reconhecida como indispensável para que algum tratamento ocorra:

para ajudar tem que ser a família também, né? (C83)

vai mudar a vida da família inteirinha... para poder ajudar essa pessoa que estiver nas drogas (D138)

da mesma forma que uma família que oferece condições também existe aquele que não consegue sair do vício (E170)

No tocante às razões desse medo das drogas inferidas na fala das entrevistadas pode-se dizer que muitas destas refletem em parte dados da realidade objetiva. Os efeitos da dependência química para o indivíduo adolescente (idem para o adulto) tendem e podem de fato chegar a ser devastadores. É também consensual entre profissionais especializados e pesquisadores do tema a

constatação das sérias dificuldades implicadas no tratamento das dependências de substâncias psicoativas, o qual freqüentemente requer o emprego de dispositivos institucionais especializados (internações, ambulatorios, equipes interdisciplinares) e a inclusão dos familiares do usuário/dependente na abordagem terapêutica. A própria família, enquanto provedora de egos-auxiliares motivadores para o dependente, foi reconhecida como importante elemento facilitador para a procura de tratamento (FONTANELLA, 2000).

Algumas considerações, no entanto, merecem ser discutidas com relação a estes pontos. Primeiramente observem-se como as características da abordagem do tema nos meios de comunicação, referidas na seção 1.3.2.6, encontram-se nitidamente reproduzidas na fala das entrevistadas. C. e I. assumidamente se aproveitaram da oportunidade criada por matérias que estavam sendo exibidas na TV para abordar o tema, nos mesmos moldes, com seus filhos.

Estas falas também ilustram o quanto as conseqüências atribuídas ao uso de drogas, nestas entrevistas, foram quase exclusivamente referidas ao indivíduo (a saúde do usuário) ou à família. A *coletividade*, os *efeitos sociais da droga* ou suas *implicações para a saúde pública* permaneceram noções ausentes ou, no máximo, eventualmente tangenciadas no discurso espontâneo destes sujeitos (como quando pedi à Entrevistada E, advogada, sua opinião sobre a descriminalização da maconha – vide E149-158). Neste sentido, a fala da Entrevistada I (ex-usuária, e tendo vivido em grandes centros urbanos na Europa e no Brasil) revelou-se também notável exceção:

... ela destrói, quer dizer, que sociedade a gente vai construir? Que... que país a gente vai construir? Que... que relações humanas você vai construir, se não... nada tem importância? (I96)

eu acho que isso está virando um... um problema de saúde pública... (I104)

milhares de amigos meus, perto... Gente boa, não pense que é gente de morro, não, de favela, não, é gente boa! “Ah! Vamos buscar... o fumo,

vamos... vamos pegar o pó porque vai ter festa... “(...) E depois reclama da violência, do armadão, do... do cara que assalta o... (I106)

o classe média alta da zona sul compra do favelado lá... o pó dele... ele está... estimulando essa... esse mercado aí. (I114)

Há que se observar ainda que o razoável nível de conhecimento e informação sobre o assunto demonstrado pelas entrevistadas não impediu que algumas *crenças* não respaldadas no conhecimento atual sobre o tema fossem também externadas, cuja apreensão proporcionou o fundamento latente de algumas das categorias e subcategorias temáticas deste estudo que serão abordadas adiante.

A despeito da aparência pitoresca de algumas destas crenças – é pouco provável que *comer doce ou tomar leite condensado* altere a positividade dos testes para THC ou seus metabólitos no sangue (A236) – talvez seja mais importante neste momento considerar que as chamadas “bebidas energizantes”, mesmo associadas a bebida alcoólica, não estão fazendo os jovens “*morrer ali do coração na hora*” em que estão dançando em boates (D192). Da mesma forma, o freqüente sofrimento imposto aos familiares pelo usuário de drogas pode ser inegável, porém a literatura é contundente ao assinalar que o usuário pode ser também o *revelador*, e não o causador primeiro de um “*caos*” ou de uma “*desarmonia*” da família (D30). Ou ainda, não sendo a depressão relacionada ao uso de drogas um processo mediado por relações simplistas de causa e efeito, nem sempre uma jovem experimentará drogas e já no dia seguinte “*está um lixo na cama, não quer saber de nada, depressiva*” (I146).

Parece-me razoável considerar que os próprios adolescentes sabem (ou logo descobrem) isso, comprometendo a *credibilidade* do discurso materno, no qual o *medo das drogas*, parcialmente fundado em tais crenças e moldado pelo enfoque repressivo do tema nos meios de comunicação, reflete os propósitos persuasivos, o tom autoritário e alarmista e os notáveis silenciamentos da predominante ideologia do combate às drogas (BUCHER, 1994). A credibilidade das próprias ações preventivas baseadas em “slogans” simplistas e repressivos

passa, então, a ser contestada pelos adolescentes, como este autor também assinala em outro lugar (BUCHER, 1992a)

5.3.3- A preocupação com os próprios filhos motivando a participação na pesquisa

A mesma “pergunta disparadora” sobre as *motivações para participar da pesquisa* foi apresentada inicialmente para todas as entrevistadas. Mesmo quando motivos mais *altruístas* fossem inicialmente referidos (como a Entrevistada A, que esperava contribuir com sua experiência para ajudar outras pessoas ou nos casos de G. e H., que respectivamente referiram solidariedade para com o pesquisador e o significado de “responsabilidade social” em participar de pesquisas científicas), pude apreender que a grande motivação de minhas informantes esteve relacionada à preocupação com as drogas na vida de seus próprios filhos:

... porque eu havia vivido... ainda estou vivendo, né? De uma forma mais leve, eu acredito que sim, já... bem melhor... mas um problema com a filha com as drogas (A2)

Tudo o que, acho que pode ajudar os filhos da gente, eu me interesso , acho que é bom e (...) tudo que fala em relação às drogas... (D6)

... pra saber mais, para estar prevenida (F2)

... eu estou vivendo um momento em que ele está entrando na adolescência... (H2)

... sei lá, preciso de uma orientação (B310-314)

Essa coisa de droga é uma preocupação muito grande que eu tenho. E... eu tenho uma filha de treze anos, né? Filha única... (I2)

... pensando primeiro em você... E depois na gente, porque eu acho que tudo pode ser também uma ajuda para mim, uma contribuição, com alguma coisa na minha vida (...) Sempre procurei levar meus filhos por esse caminho, para eu não ter esse problema... de ter que enfrentar esse problema na minha vida.
(G4-8)

Note-se, entretanto, que à exceção da Entrevistada A, que havia recentemente descoberto que sua filha usava maconha (mas já interrompera o uso) e J, que na ocasião suspeitava do uso pelo seu filho adolescente, todas as situações *reais e atuais* de uso de drogas foram referidas a familiares não pertencentes ao núcleo familiar ou a pessoas conhecidas. Mesmo no caso de E., em que a situação de uso de droga (maconha) era referida ao próprio esposo e pai de seus filhos, a preocupação maior da mãe relacionou-se claramente com as repercussões desse uso para seu filho, adolescente de 13 anos.

Adolescência e drogas, dessa forma, emergiram como dois temas profundamente associados no imaginário de minhas informantes e forte motivador de sua participação nesta pesquisa, *mesmo quando o problema não estava sendo vivenciado pelas entrevistadas*. Recordando que estas, entretanto, vivenciavam *de fato* profundas angústias em sua relação pessoal com os filhos (seção 5.2), novamente parece-me corroborado o pressuposto de que é a própria adolescência dos filhos, e não o perigo das drogas, a fonte mais profunda das angústias maternas nessa fase.

5.3.4- O usuário discriminado

Usuários de drogas constituíram alvo de *atitudes discriminatórias*, mesmo quando estas se revelam ambivalentes ou racionalmente negadas pelas informantes.

A Entrevistada A, por exemplo, refere-se com tolerância e simpatia ao vizinho usuário de maconha:

ele é uma gracinha, o rapaz (...) não é por isso, porque ele usa maconha, que ele vai deixar de ser a pessoa que ele é. Eu vou respeitar a opção dele por usar maconha. Não aceito... só que nem por isso eu vou discriminar ele!(A82)

Porém, esta mesma mãe, após descobrir que sua filha de 17 anos estava fumando maconha, demonstrou-lhe de forma dramática sua decepção:

... para mim é como se eu estivesse vendo a minha menininha despedaçada no chão... e eu vou ter que juntar os caquinhos dela. Porque você quebrou inteirinha quando eu fiquei sabendo (A36)

Filha, é uma decepção tão grande, tão grande, tão grande, que você não podia ter me ferido de outra forma maior do que isso (A42)

Sua atitude discriminatória, aparentemente negada com relação ao vizinho, revela-se agora em sua rejeição das tentativas de aproximação da filha adolescente (A70) e também nas palavras dirigidas ao namorado de 18 anos, com quem ela começou a usar a droga:

Você, do menino certinho, do menino que todo mundo admira (...) de repente você virar um maconheiro? (A78)

Analogamente, a Entrevistada E demonstra tolerância em sua convivência com amigos usuários de maconha (E42), mas emprega termos fortes e discriminatórios para expressar na entrevista a sua raiva em relação ao uso da droga pelo marido:

às vezes eu tinha vontade de falar, 'Pô, você é um fumeiro, maconheiro!' Sabe, entendeu? Acabar com ele, mas eu nunca falei em respeito... porque ele é meu marido, entendeu?(E24)

... você não tem vergonha? (E50)

Mesmo sendo ex-usuária, a Entrevistada I refere-se ao seu uso de drogas na juventude como “uma coisa horrorosa”, “era só isso o tempo todo, era droga o

tempo todo” (I40). Referindo-se com ironia ao dependente de droga, expressa que em sua opinião as medidas repressivas deveriam ser incrementadas:

... deveria ser mais... ter mais repressão... ter mais repressão. Não é fazer leis para... traficantes, e o drogado, 'coitadinho, ele é usuário, ah' Sabe? (I112)

C. evidencia a discriminação de que foi alvo entre os familiares seu irmão, médico e usuário de drogas em tratamento:

Eu não sei se é vergonha... ou o quê que é, mas a minha mãe pediu para não comentar, a gente não comenta... (C193)

A Entrevistada H acredita ser possível *diagnosticar* um “drogado” pela sua aparência, e este era o caso do namorado da colega de sua filha:

E, com certeza ele deveria... ele deve ser... drogado, a gente... pela cara, assim... (H110)

5.3.5- A droga enigmática: causas complexas, prevenção complicada

Indagadas sobre os *motivos pelos quais os adolescentes buscam as drogas*, muitas falas das entrevistadas evidenciaram sua percepção do fenômeno como repentino, imprevisível e de causas desconhecidas, denotando a atribuição de um caráter de certo modo *enigmático* às suas causas:

Hoje em dia... o adolescente não precisa ter motivo, nem revolta, nem nada para se meter com drogas... E isso é o que mais me preocupa, né? Pode às vezes ter uma família legal, uma vida normal, mas... às vezes está metido em drogas, né... é comum. Isso é preocupante. (D6)

... porque eu nunca... assim, quis saber as causas mesmo, né? (J44)

Sei lá, tem vários motivos, né? De eles procurarem (J56)

Então, esse perigo não é uma coisa assim... de agora, né, agora eu vou conseguir conduzir... eu tenho medo é de que (...) porque essa coisa pode... numa época mais tarde a pessoa entrar numa decisão dessa e enveredar por esse caminho, mesmo sendo mais velha, mesmo tendo informação... Quer dizer, eu não tenho parâmetro agora, eu não tenho nada que me diga assim que... mais velha ela não vai entrar. Não sei. (I14)

... se é uma coisa realmente uma predisposição da pessoa, né? Ou se é uma coisa adquirida, ainda, eu não sei... (I88)

... a gente nunca sabe se a criança pode ter alguma revolta, alguma coisa e... a primeira coisa que a gente acha que vai... pegar o caminho... da droga (G10-12)

... aquela criança certinha, educadinha, bonitinha... de repente ele descobre outra coisa, e aí pode cair no mundo das drogas (G18)

Entretanto, o que mais prevaleceu ao longo das entrevistas foi uma atribuição múltipla de *vários motivos* (ou “causas”) *possíveis* para o fenômeno, freqüentemente pela mesma entrevistada e nem sempre distinguidos em seus significados em termos de “normalidade” ou patologia. Evidenciou-se, desse modo, a grande complexidade que, principalmente de modo latente, foi atribuída pelas entrevistadas às causas do uso de drogas por adolescentes.

Entre os *motivos atribuídos ao próprio adolescente*, em sua individualidade, sobressaíram-se fatores convencionais do tipo *curiosidade, insegurança, vontade de transgredir, busca de prazer, fraqueza, tristeza, depressão ou decepções da vida*:

eu acho válido eles quererem experimentar, mas a droga eu acho muito perigoso (...) porque o X. ele é um menino tímido, fechado (...) mas ele, se achar assim que a maconha vai soltá-lo, e vai se sentir mais solto, ou... e querer sempre fazer uso dela, sabe? (J40)

mais por curiosidade... (...) E também, é uma fuga. Um problema mal resolvido (J56)

... deu uma insegurança braba nela (...) eu acho que pelo fato de ela ter ficado sozinha, foi tudo isso, e as coisas aconteceram tudo nessa época (A26-30)

A curiosidade... Em busca da ousadia, em busca de fazer daquilo... do perigo (A224)

... ao mesmo tempo que essa droga é proibida, é um incentivo para eles... fazer o que é errado... fazer o que é proibido... Então a adrenalina já... começa a ferver... (A318)

... complexo do adolescente... (D42)

Sensação nova, um prazer diferente. Um prazer novo... né? (D54)

Decepção com amizade, decepção com namorado... com namorada, né?(...)então naquela decepção, naquela frustração, naquele vazio... ele vai atrás e já se envolve com a droga. (D122-124)

Eu não sei se é falta de instrução, quê que é... (C25)

... se a pessoa já é um pouco mais fraca de cabeça, vai lá, experimenta (C51)

... de repente ele vai fumar... ou sei lá, vai cheirar a primeira vez e não vai ter dor de barriga... vai dar uma sensação boa da primeira vez, não é isso que... eu sempre falo para os meus, se desse vômito e dor de barriga ninguém fumava a segunda vez... (F84)

... a ansiedade ela é tirada pela bebida, né, e pela droga, não é verdade? Então como ele é muito ansioso, a gente já está lidando com ele agora... (F106)

Porque eu acho que quando você sofre você quer escapes, você quer válvulas de escapes, você quer sair daquela situação, você quer uma outra coisa... (I260)

a pessoa tem que estar ligada para ter coragem para fazer as coisas, né? (H88)

Motivos também foram atribuídos a *falhas, problemas ou conflitos na família do adolescente:*

... problemas em casa (A282)

... um problema dentro de casa (J56)

... a falta de um, por exemplo, de um... pai presente (J62)

... uma família desestruturada (D42)

... alguma falha na educação delas... (D58)

...geralmente casal separado, não sei o quê, a criança fica meio revoltada... (C147)

... falta de amor... carinho, atenção, presença dos pais... (G64)

... eu acredito que deva ter muitos pais separados nesse meio... Eu acredito que esse é um dos fatores... (G138)

eu acho que um pouco é falta de família, mesmo (F60)

tristeza, falta de atenção dos pais... (H44)

essa coisa de desestruturação... familiar, eu acho super importante, pais distantes, pais... ausentes... (I60)

Algumas situações *efetivamente vivenciadas* pelas mães de adolescentes na particularidade de suas relações familiares foram significadas por estas como perigosamente propícias para levar seus filhos ao uso de drogas. O uso de maconha por seu marido representou para a entrevistada E. um angustiante *mau exemplo* para seu filho:

... eu aceito, você fuma, você faz o que você quiser da sua vida, sabe, que eu não sou sua mãe, sou sua esposa... e quando eu te conheci você já fumava, então quê que eu vou fazer? Se eu fosse sua mãe eu te dava umas boas bordoadas... mas eu não sou, né? Agora, eu acho que se um dia o meu filho vier a fumar por você, ou se... sabe? Eu não vou te perdoar, eu não vou permanecer casada, eu não sei o quê que eu faço, entendeu... porque é uma coisa que eu não admito!” (E66)

Diante das demandas de consumo de seu filho adolescente, a Entrevistada J revela-se em dúvida se será o “não” ou o “sim” o que o induzirá ao uso de drogas (J60-70). O fato de terem *batido* em seus filhos significou para B. e G. a possibilidade de induzi-los ao uso de drogas (B334; G176). Para esta última, este mesmo significado foi atribuído ao episódio do “sumiço” de seu filho menor (10 anos) após a briga com o irmão adolescente, a quem admoesta:

“com essas brigas de vocês, porque vocês, não sei quando vai ter fim (...) sabe o que pode acontecer? Ele pode cair no mundo das drogas...” (G174)

Os últimos anos foram marcados por profundos sofrimentos na vida da entrevistada I. Esta se viu dividida entre a atenção à sua filha adolescente e aos processos de enfermidade e morte do irmão e da mãe, além dos cuidados para com sua irmã, ex-usuária de drogas e alcoolista em tratamento (I238), ao mesmo tempo em que seu marido ficava desempregado. Particularmente significativa revelou-se a preocupação desta mãe com as possíveis repercussões psicológicas do sofrimento familiar em sua filha adolescente:

... eu deixava ela sozinha em casa, para dormir sozinha, de noite, para eu ficar no hospital, ela ficou sozinha, praticamente um ano, eu abandonei ela... Porque eu tinha que cuidar da minha mãe, minha mãe com câncer (I238)

... eu acho que essas coisas todas não passam impunemente, né? E me preocupa... É mais um motivo de preocupação, porque (...) tantas frustrações acumuladas que essa coisa da droga me preocupa realmente (I254).

Entre os fatores “externos” ao lar ou à família, sobressaíram-se as referências à influência do meio social e cultural do filho adolescente, especialmente com relação ao grupo de amigos:

Muitas vezes no embalo, né, a turma (H44)

É o grupo é muito forte... É muito natural... sabe? Todos usam... eu acredito que sim, é aí onde eu meu filho (...) tem que ter uma vida, né... fora de casa... (...) nunca saiu à noite, mas ele sai com os amiguinhos... (B102-106)

Amizade, também, influencia demais... (D146)

Eu acho que começa assim, né, a curiosidade, que os amiguinhos vai lá, oferece: “experimenta, não sei o quê...” Aí fala: “Não” O cara: “você é um babaca!”, não é assim que começa? (C47)

Essa coisa de amigo, de querer experimentar, do novo, da independência, de querer mostrar que... eu posso.. (I74)

“Mas fica esperta (...) porque vão te oferecer e vão te dizer que é bom. E agora, você está acreditando em mim porque eu sou legal, porque eu sou sua mãe, porque ele é teu pai, porque nós estamos dizendo (...) Mas a hora que chegar um namoradinho que você está apaixonada, e vai falar para você que é bom, você vai acreditar mais nele que em mim. Então... Fica esperta!”(I136-140, relatando diálogo com sua filha)

E é aquele negócio, né, todo mundo usa, também vou usar. Tudo é moda! “Ah, todo mundo está fumando maconha, o pessoal lá da escola... Ah, então tá, eu também vou usar”(D154-156)

Observe-se, neste outro trecho da fala de B., uma sugestiva participação de mecanismos dissociativos em sua opinião:

... o que mais me preocupa, mesmo, hoje, seria o meio que ele vive, e essa influência de fora. Porque de dentro, não pode ser... não tem por onde, né, da minha família... (B226)

Assim percebido como fenômeno tão complexo em suas causas, a prevenção do uso de drogas na adolescência naturalmente foi compreendida também como “difícil”, “complicada”:

Pô, não adianta você por numa redoma, né...? (B268)

Nossa! Eu vejo os meninos fumando, eles saem para fora para fumar... muitos jovens (...) treze, quatorze anos fumando! E aí não tem como proibir, eles ficam lá no corredor lá fora... Então eu sinto isso... (B268-272)

Complicado, né? Porque, mesmo com toda a informação, que as pessoas tem sobre drogas, o povo ainda persiste em procurar (...). Eu acho que isso é muito complicado, muito complicado. Só palestras, só informação, eu acho que não adianta. (D110)

Prevenção é difícil, viu? não é comigo! [apontando para mim] (...) Quer dizer, é comigo, claro, como mãe, eu faço tudo o que eu posso, né? (D128)

Não existe uma regra geral, agora o que eu acho que o que precisa haver, assim, nas pessoas é uma conscientização... seja uma conscientização em relação às drogas (E174)

Você vê nesses países onde a droga é permitida, como na Holanda, etc... é... Não diminuiu em nada, né? Não diminui em nada... Então eu não sei, nem... é... você liberar... não resolve, você reprimir... não resolve, então... Não sei, acho que a coisa... é... é uma... uma coisa tão mais ampla que... quem sou eu para te dizer o que...(I120)

Esta percepção das dificuldades implicadas na prevenção do problema, no entanto, não impediu que algumas “receitas preventivas” fossem acreditadas pelas mães entrevistadas. A “aproximação” e o “diálogo”, por exemplo, revelam-se importantes para B. e C., enquanto os aspectos informativos ou educacionais são valorizados por D. (e também por B.):

Prevenir? Ah, eu acho que... O segredo seria (...) a receita, para mim é aproximação (...) Para não deixar esse espaço onde o amigo pode... influenciar... Cercar de uma certa forma... se eu estiver bem próximo dele, próxima dele, a nível de diálogo, de abertura, eu acho que ... fica mais difícil, qualquer alteração eu vou perceber...(B138-148)

Eu acho que tem que ser... muito diálogo... entre a família... como eu disse, a família, acho que é a base de tudo, não é? Se você tem uma família sempre aberta, sempre ao diálogo... hã... sempre discutindo...

eu acho que... é o caminho... e não ser muito repressor também, né? (C179)

Informação. Mostrar realmente, que ele adora dados, assim, sabe? Ele vê alguma coisa, que... tipo o professor fala, então assim, eu sinto que tem um interesse muito grande com... informação, com fotografia... Eu acho que seria aí um canal... porque... eles entram sem ter a menor noção da consequência, né? (B372)

Mas a minha maior preocupação é a educação mesmo... A educação do filho, sabe, de... Com relação às drogas, com relação à moral, com relação... à personalidade da criança... Eu acho que é difícil. (D22)

Mais adiante em sua entrevista, porém, esta mãe claramente questionará a “eficácia” dos aspectos educacionais ou informativos na prevenção do uso de drogas:

Mas é complicadíssimo, eu acho, muito complicado, porque tudo o que você fala para adulto, você fala dos males do fumo, mostra fotos assim, horríveis, o negócio de AIDS, tudo, todo mundo vê, todo mundo sabe... Mas todo mundo continua fazendo... (D130)

Na fala da Entrevistada F. sobressaiu especialmente sua aposta no papel do esporte para prevenção das drogas:

... lá em casa a gente assim, a gente gerencia bem eles para o esporte, ele tem muita energia, sabe, o X. não pode ficar muito parado... Então a gente acha que está dando o caminho certo para fugir disso daí (F16-20)

E acho que tem que ocupar a cabeça mesmo... Acho que tem que chegar de noite tem que estar cansado para dormir (F66)

G. evidencia mecanismos de idealização à medida que vê na “presença” dos pais, combinada à religião, a garantia absoluta contra o envolvimento de jovens com as drogas:

Acho que filho que tem a presença do pai, ou da mãe... jamais cai no mundo da droga... jamais! E principalmente complementando com o fator religioso (...) Grupo de adolescente, de jovens, hoje, da renovação carismática, para mim eu tenho certeza que nenhum desses vai se envolver com droga! Isso é uma certeza que eu tenho comigo... o dia que meu filho se empenhar, dizendo que vai num grupo desses eu fico tranqüila (...) Eu fico tranqüila! Eu vou botar minha cabeça no travesseiro [rindo], descansar sossegada, porque eu sei que... não vai, jamais, procurar isso (G66-70)

Finalmente, conforme exposto em 5.3.2, recorro às “táticas” de prevenção das Entrevistadas C. (C117) e I. (I146), as quais incluíram tentativas de “impressionar” seus filhos através da descrição dramática e alarmista dos efeitos das drogas.

Na consideração destas atribuições de causas do consumo de drogas por adolescentes, penso que a pluralidade de motivos atribuídos pelas entrevistadas reflete, de certo modo, a complexidade dos nexos causais do fenômeno, conforme assinalado na seção 1.3.2. *“As indagações a respeito dos motivos que levam os jovens ao consumo de drogas continuam. A falta de um conhecimento mais profundo da problemática também continua”*, lembram-nos LEITE e COSTA (1995, p. 39).

No entanto, analogamente ao que observei na seção 5.3.2, parece-me indispensável assinalar que a ênfase destes discursos maternos uma vez mais recaiu sobre o *indivíduo*, ou no máximo, a *família*. Fatores “externos” e relacionáveis aos valores e práticas sociais da comunidade quase invariavelmente foram percebidos apenas como fonte de perigo ou de “más influências”. “De dentro não pode ser”, disse emblematicamente a Entrevistada B (B226).

Com o “mal” projetivamente instalado “fora”, a prevenção do problema dissociou-se, no discurso das entrevistadas, da consideração das condições sociais e culturais da demanda por drogas. Temas como as conexões possíveis entre *uso de drogas e a situação econômica do país* (E40) e *consumo de drogas e sociedade de consumo* (D42-52; H22 e H50-56; I50-54), aludidos eventualmente por algumas entrevistadas, emergiram diluídos na notável predominância das falas em que prevaleceu uma concepção individualista e linear do fenômeno.

Também estes aspectos corroboram a proposição, reiterada neste momento, de que as falas destas mães reproduzem os mencionados aspectos da abordagem do tema nos meios de comunicação.

5.3.6- A droga reificada: mal onipresente, perigo iminente

Nas falas das entrevistadas a “droga” revelou-se entidade onipresente e autônoma, por si mesma capaz de “viciar” a criança ou o jovem a qualquer momento e em qualquer lugar, independente de quaisquer condições. Esta “droga”, temível e reificada¹⁵, revelou-se assim *onipresente*, um *mal em si mesma* e, considerando-se a prevalente imagem do “adolescente ingênuo e vulnerável” anteriormente apreendida, ficam estabelecidas as condições para que a droga represente um *iminente perigo* para seus filhos no discurso destas mães de adolescentes:

... eu acho que isso está muito, está muito próxima... Não pode subestimar! Eu acho que tem, não existe colégio particular que possa estar... isento disso. (B264-266)

... aí nós voltamos no assunto das drogas, ele falou assim: “E eu também vou experimentar maconha, porque o meu primo usa, meu amigo usa, e meu amigo já me disse até onde compra!” (J4)

¹⁵ “Reificação” é um termo com “sentido geralmente negativo, designando a transformação de uma representação mental em uma ‘coisa’, atribuindo-lhe assim uma realidade autônoma, objetiva” (JAPIASSU e MARCONDES, 1990, p. 212), e muitas vezes aplicado a “conjuntos, coleções infinitas, coisas finitas, sensações, objetos físicos, o futuro, o passado, o possível ou a vontade dos seres humanos” (BLACKBURN, 1997, p. 340). Do latim *res*, *rei*, que quer dizer “coisa” (AURÉLIO, CD-ROM).

Mãe, não é. Todo mundo fuma. Todo mundo fuma, todo mundo experimenta, aonde a gente vai. É a coisa mais fácil que tem. Você acha que eu não iria experimentar, mãe? Eu ia querer experimentar (A136)

... hoje está muito mais fácil de você conseguir droga... é só falar com um do lado que provavelmente ele vai (...) saber quem vende, vai ter alguma coisa (D122-124)

... o que a gente ouve mais falar, né... são as drogas, nas escolas, nas ruas, nas esquinas... e a gente fica preocupada (C7)

Porque isso está em todo lugar, né Marcelo? Está em todo lugar (C197)

E eu acho que os traficantes estão tudo aí mesmo de... ligado, né? Acho que eles ficam ligados, para saber... Isso que eu fico preocupada, né? Então os traficantes já estão... Eles devem fazer as pesquisas deles, eu não sei como é que é... mas de uma criança que os pais separaram: “Ôba! Aquele ali é um...” (G142)

o fato da droga, ele está num ambiente hoje, que está... atingindo todas as camadas da sociedade, não é só aquele pessoal que não tem perspectiva mesmo... (H18)

numa dessas ele cruza com alguém que oferece droga para ele, ele pode aceitar (G174)

Observem-se as recomendações maternas para que seus filhos sejam cuidadosos quando alguém vem lhes oferecer alguma coisa fora de casa.

Eu dizia assim: “Olha, filha, não pegue nada de alguém que veio te oferecer”, esse tipo de coisa que a gente ouve falar desde que a gente é... (A156)

A gente já fala assim: Quando vocês vão, está fora de casa, não aceita nada de ninguém (C113)

“Tem que tomar cuidado, quando alguém vier te oferecer”... (D200)

a gente sempre dá uma orientação, cuidar sempre assim... do que vai comer, o que vai tomar... (H88)

... porque eu sei que ela é uma vítima, uma criança que ainda não tem discernimento... dos... é... desse tipo de gente que anda em torno de... de meninas como elas, né, para... passar droga (H110)

Porque o cara ia dar uma volta... pela cidade... Não sei, de repente ia oferecer droga, elas nem iam saber que tinha droga na coca-cola... (H116)

Sobre esta poderosa “droga”, portanto, recaiu toda a ênfase discursiva do pensamento linearmente causal destas preocupadas mães, em detrimento das considerações relativas às condições socioculturais geradoras da demanda por substâncias psicoativas ou mesmo dos próprios aspectos individuais ou familiares, por elas mesmas anteriormente referidos (seção 5.3.5). Nestas falas o *uso* e a *dependência* de drogas emergiram como modalidades de consumo confusamente indiferenciadas, resultando numa homogeneização discursiva dos diferentes tipos de usuários. A dependência não foi referida como um processo gradual e multifatorial, mas podendo ocorrer *automaticamente*, até mesmo a partir de um simples contato.

E a pessoa carimbava todas as crianças do colégio, assim, por brincadeira, e o chiclete tinha... Na... na tinta da... da figurinha... tinha droga, não sei que tipo de droga que era que ia viciando as crianças... Então era um meio da criança ficar dependente sem ela ter noção... (H152)

Entidade onipresente e autônoma, a “droga” emerge, então, também como o *poder* organizador de um “*caminho*” que levará o frágil adolescente a um “*mundo das drogas*”, no qual este poderá *cair*, *afundar* ou *se acabar*: Note-se como estas expressões negativas, uma vez mais, denotam a discriminação do usuário de substâncias psicoativas no discurso destas entrevistadas (vide 5.3.4)

Pois eu sempre falo com meu filho: “Se você fizer uso das drogas, falar... e cair nas drogas, se acabar nas drogas”... (J58)

a minha filha chegou, e comentou, e viu na novela também que a menina está afundando em drogas (D4)

a menina está lá afundada em drogas (D200)

e não deixar que ninguém caia, seja nossos filhos, seja próximo de nós, né? (H18)

enveredar por esse caminho (I14)

E a droga eu acho que ela... quando a pessoa não se sente satisfeita para atingir esse nível, ele é levado para esse mundo. (H22)

A gente faz, ai, a gente nunca sabe se a criança pode ter alguma revolta, alguma coisa e... a primeira coisa que a gente acha que vai pegar o caminho da droga. (G10-12)

pode cair no mundo das drogas (G18)

Eu conheço história de muitos adolescentes... que viviam nesse mundo da droga (G70)

Observe-se ainda como esse “mundo das drogas” é significativamente associado a representações sexuais na fala desta Entrevistada G, católica praticante (conforme já discutido na seção 5.2.3):

as pessoas que estão lá são pessoas... que tiveram passado negro... Ou seja, o mundo das drogas... a homarada com... né, orgias, homem, é, alcoolismo e... prostituição, né? (G70)

“O Brasil no mundo das drogas” (PROCÓPIO, 1999) é o título de uma obra cuja reflexão sobre os aspectos históricos, sociais, econômicos e políticos do consumo de drogas no Brasil e no mundo contribuiu para a revisão bibliográfica

por mim empreendida neste estudo. A noção, porém, de que existe um tal *mundo das drogas*, ou que as drogas podem constituir-se em um *mundo à parte*, embora presente também “no senso comum, especialmente na imprensa” (VELHO, 1994), revela-se questionável na opinião deste último autor, antropólogo:

... a existência de um “mundo das drogas” vincular-se-ia à observação de redes sociais que organizam sua produção, distribuição e consumo, bem como a conjuntos de crenças, valores, estilos de vida e visões de mundo que expressariam modos particulares de construção social da realidade. Embora seja possível, em termos mito genéricos, estabelecer tal recorte, parece-me essencial caracterizar a heterogeneidade de um hipotético “mundo das drogas” dentro da amplitude da sociedade contemporânea (VELHO, 1994, p. 23-4)

Este autor fundamenta-se na profunda variação histórica dos usos e padrões de consumo das drogas e na diversidade observável com que as drogas são consumidas de diferentes modos por diferentes indivíduos que, mesmo morando na mesma metrópole, podem pertencer a grupos ou categorias sociais muito variados, para concluir:

Não há como, por conseguinte, pressupor comportamentos e atitudes homogêneos dentro do que se costuma chamar de “mundo das drogas”. Trata-se de noção muito ampla, a partir da qual precisamos estabelecer distinções e particularidades.

(idem, p. 24)

5.4- ÁLCOOL E CIGARRO CONDENADOS, PORÉM TOLERADOS

A *condenação e discriminação*, fortemente atribuídas pelas entrevistadas às chamadas drogas ilegais e aos seus usuários, revelou-se notavelmente contrastante com a relativa tolerância ao álcool e tabaco apreendida nas suas falas, ainda que o consumo destes também tenha sido unanimemente reprovado.

Assim, a Entrevistada A. , embora tenha de fato repreendido e punido sua filha na ocasião em que esta deu entrada em serviço de urgência hospitalar em franca intoxicação etílica – iniciada mais cedo naquela mesma noite, e na presença da mãe (vide A86 e parágrafos seguintes) –, não pareceu tão *dramática* nesse episódio como quando seu uso de maconha foi descoberto. As Entrevistadas B e C temem e condenam o uso de drogas ilícitas, mas toleram eventuais abusos etílicos de seus respectivos maridos. Maconha e cocaína foram drogas temíveis e condenadas por todas as entrevistadas, mas não tanto quanto seu próprio hábito de fumar ou o de terceiros:

... outra coisa errada, que eu sei que eu faço, é às vezes... eu fumo, não posso fumar, mas eu fumo... só em casa mesmo, no trabalho eu não fumo (E112)

o meu marido fuma (...) escondido das crianças (F106)

... eu acho que a maconha está mais perto de droga pesada, e o cigarro acho que só pega o problema da saúde (...) dificilmente a pessoa vai ter maturidade de ficar só... usando... a maconha (B354-356)

O cigarro comum, já peço para não fumar. Até a bebida, quando a gente sai a gente vê o excesso, de bebida em, nossa, menos de dezoito anos, as meninas assim, andando... é, trançando as pernas (D34)

Eu não quero que seus amigos venham a fumar e beber aqui dentro de casa. Porque, se os pais ficam sabendo... (J38)

Mesmo quando eventualmente considerado como “droga”, o consumo de álcool (e não as condições deste consumo, note-se bem) representou hábito de menor gravidade:

As pessoas que freqüentam a minha casa (...) todo mundo assim (...) no máximo bebe ou fuma, entendeu?” (E32)

... eu cheguei até no cigarro, uma cervejinha, e só... Agora, o meu irmão já experimentou maconha...” (H82)

... a gente sabe que o álcool pode levar... acho que à droga, né? (G142)

... álcool é droga também, não é? (E126)

A partir de sua suspeita de que seu filho esteja usando maconha, o consumo de álcool e cigarro pelo adolescente passou a ser visto como “coisa sem importância” pela Entrevistada J., também fumante:

... até um cigarrinho, uma latinha de cerveja que eu achava que era uma coisa que eu não queria que meu filho não experimentasse nunca, eu acho isso daí é hoje uma coisa sem importância, sabe? É claro que traz males, o cigarro, eu fumo, eu percebo, a bebida, né? (J50)

Ademais, estes achados permitem pressupor, uma vez mais, o quanto a ideologia de combate às drogas podem estar prestando um desserviço à prevenção do problema entre os adolescentes.

5.5- MACONHA, “COMEÇO DE TODO O MAL”

Das referências a drogas específicas, a maconha sobressaiu-se em relação às demais, especialmente pela particularidade dos sentidos e significados predominantemente atribuídos ao seu consumo. Assim, enquanto para as entrevistadas a cocaína esteve invariavelmente associada às representações de droga mais *pesada* ou *perigosa*, o uso de maconha significou principalmente uma droga mais “leve” ou “fraca”, cujo “perigo” foi fortemente relacionado à idéia de que ela leva ao consumo ou dependência de outras drogas ilícitas:

se ficar só fumando maconha, tudo bem, mas não fica... Eles vão para alguma coisa mais... aí vai toda a... é onde que começa todo o mal...
(B346)

eu acho que a maconha está mais perto de droga pesada, e o cigarro acho que só pega o problema da saúde... Dificilmente a pessoa vai ter maturidade de ficar só... usando... a maconha. (B354-356)

Sabe? E daí você sabe que... é a maconha, daqui a pouco é outra coisa... (J18)

pega todo drogado em recuperação, quê que ele vai dizer? Vai dizer que começou com a maconha, e da maconha foi para outras drogas (A44-46)

A maconha é o início de uma droga mais forte (A86)

... a droga... começa fraquinho com maconha, não é? Aí depois aquilo ali acho que já começa a perder graça... Aí começa a procurar uma coisa mais forte... (C53)

da maconha passou para outra, para outra e para outra, e aquela foi... aquela coisa foi num crescendo... (I40)

começa na maconha, não sei o quê, acha que não... que não, que todo mundo, não o que é, né, mas vai... pode se desencadear, claro, no começo acaba... querer experimentar outra (G94)

Será a maconha o “começo do mal”? Provavelmente não. Consideradas as *drogas em si mesmas*, para SCIVOLETTO et al. (1996) o consumo de álcool e drogas entre adolescentes “apresenta uma progressão em estágios, iniciando-se com o consumo de bebidas alcoólicas fermentadas” (p.201); também concordo quando estes autores afirmam que dificilmente um adolescente experimentará maconha ou outras drogas ilícitas antes de ter usado tabaco ou álcool. Na investigação qualitativa empreendida por SANCHEZ e NAPPO (2002) estes também foram o *começo* da escalada rumo ao *crack* (ou seja, as drogas mais citadas como as primeiras consumidas) entre usuários desta droga. A associação estatística entre as dependências alcoólica e tabágica em amostra geral da população foi evidenciada na investigação de CHAIEB e CASTELLARIN (1998),

autores que entendem estas drogas como propiciadoras da “introdução do uso em larga escala das drogas ilícitas” (p. 252) na civilização ocidental a partir do final do século XX.

Neste caso, mais “razão” teriam as Entrevistadas C. e D. quando suspeitam:

E acho que tudo começa com o cigarro, não é não? (C305)

... e eu acho que tudo é difícil, e é sempre... é o caminho, eu acho. Tipo assim: bebida... maconha... aí vem: cocaína, e outras coisas. (D40)

Para os propósitos deste estudo, considerarei especialmente a intensidade com que, na fala das entrevistadas, a maconha foi significada como a porta de entrada para o “mundo das drogas” (seção 5.4) para novamente refletir a relevância e a autonomia atribuídas à droga – reificada e dissociada do indivíduo e das condições familiares e socioculturais que promovem sua demanda – em *ser* e *causar* o “mal”.

Note-se que os possíveis malefícios do uso da maconha foram apenas ocasionalmente mencionados (como em H82), enquanto as Entrevistadas E. e G. transpareceram importantes dúvidas a respeito:

Então quer dizer, até que exista alguma coisa que prove, eu sei que o álcool é pior... que o cigarro talvez possa ser pior ou não, que também faça mal... Mas não existe uma coisa... em relação à maconha, tá? É... Não existe uma coisa que... que fale “não”, entendeu? Objetiva... eu nunca vi nada... que eu possa falar: “Ah, não, tá aqui, é assim!” (E72)

A gente conhece pessoas, eu não sei, né, que usam maconha muito tempo, que vivem aí... não sei... Não sei até que ponto que essa... a maconha pode ser prejudicial para essa pessoa, quê que faz, quê que acontece com ela, que eu tenho dois amigos que usam maconha há muito tempo... Aparentemente, para mim, são normais, mas... Pra

mim, na minha concepção, nenhuma eu aceitaria, para mim todas são iguais (G94)

Estes dois fragmentos também podem ser considerados exemplares do “discurso da hierarquia dos vícios”, conforme proposto na pesquisa qualitativa de LEFÉVRE e SIMIONI (1999). Neste, a discussão do sujeito coletivo sobre os possíveis malefícios da maconha focaliza sua comparação com outras práticas de risco (como o consumo de álcool, cigarro, calmantes ou o sexo sem camisinha).

A predominância de referências à maconha também pode ser considerada como a reprodução, na fala das entrevistadas, das recentes controvérsias a respeito da liberação ou discriminação desta droga. A queixa de E. de que não existe *“alguma coisa que prove”* os malefícios da maconha, por exemplo, recorda um recente episódio da imprensa brasileira:

Em fevereiro de 1998, a revista “IstoÉ” publicou matéria de capa intitulada “A Organização Mundial da Saúde adverte: Maconha é menos prejudicial do que álcool e tabaco”. Em abril, a revista “Superinteressante” também publicou matéria de capa – “Maconha – uma droga perigosa sim”. O curioso é que as duas matérias foram feitas a partir da análise do mesmo relatório elaborado pela OMS” (AIEX NETO, 2001, p. 32)

No tocante a este último ponto é importante assinalar que, quando perguntadas sobre descriminalização ou liberação da maconha as respostas foram contundentes:

Descriminalizar? Ah, eu sou contra! (E152)

Ah, eu sou contra. Porque eles acham assim, é... pelo menos, os argumentos, se você liberasse, ficaria assim, o acesso à maconha, normal, que não faria mal, aquela coisa toda. Mas eu acho que não adianta... É uma droga a mais, além do cigarro liberado, o álcool... E vai ter consequência sim, porque está mais próximo da cocaína. (B384-386)

C., porém, concordando com a liberação da droga para fins terapêuticos, evidencia que esta controvérsia permanece acesa:

Aí eu acredito que... tudo bem... Se é para ajudar, se é para curar, tudo bem. (C379)



6 - CONCLUSÕES

... eu tenho que contar um monte de coisa para eu chegar lá (E4)

(Entrevistada E.)

Entre os pressupostos iniciais confirmados e as novas hipóteses suscitadas por este estudo, destaco inicialmente que o tema do uso de drogas na adolescência emergiu em um contexto materno e familiar no qual as turbulentas transformações corporais e psíquicas e os desdobramentos psicossociais e socioculturais da transicionalidade do adolescer dos filhos propiciaram às entrevistadas (e eventualmente também a outros membros da família) conflitos muitas vezes intensos, ainda que nem sempre conscientes. Os significados e representações apreendidos nas entrevistas a respeito do tema proposto devem, portanto, ser considerados no contexto dessa particular vivência das mães de adolescentes, no qual a preocupação com o uso de drogas pelo(s) filho(s) constituiu apenas *uma entre muitas* outras angústias manifestas e latentes.

Em outras palavras, estas mães realmente tinham “um monte de coisa para contar”, e ao fazê-lo revelaram importantes ansiedades. Penso, assim, que aos clínicos das diversas especialidades e saberes cabe um importante papel no reconhecimento acolhimento destas angústias. Em termos de ações de saúde, portanto, as particularidades da família do adolescente, (e não somente este), demandam ser reconhecidas no planejamento dos programas voltados tanto para a Saúde do Adolescente como para a Saúde da Família.

Considerando-se a extensa literatura que aponta os aspectos psicodinâmicos das relações familiares entre os nexos causais da dependência de substâncias psicoativas na adolescência, estes achados permitem pressupor que a consideração de tais aspectos da vivência do “ser mãe de adolescente na atualidade” (e, por extensão, provavelmente o “ser pai de adolescente na atualidade” também) pode ser útil no planejamento de estratégias preventivas e de políticas de saúde pública mais eficazes com relação ao uso de drogas na adolescência. O valor das táticas educacionais e informativas nas “campanhas de

prevenção” precisa ser relativizado, enquanto a ênfase repressiva e amedrontadora calcada nos riscos e conseqüências do uso de drogas revelou-se de pouco valor (e talvez até prejudicial), sob vários aspectos.

Mais especificamente em relação às drogas, as mães de adolescentes investigadas demonstraram razoável nível de informação quanto aos riscos e danos decorrentes do uso, abuso e dependência de substâncias psicoativas na adolescência. Seu interesse pelo tema revelou-se intimamente ligado à sua preocupação com a possibilidade de seus filhos virem a consumir drogas, o que permitiria considerar este grupo populacional particularmente susceptível a intervenções preventivas. No entanto, o fato de que, efetivamente, *poucas* mães demonstraram interesse em participar da pesquisa levanta dúvidas quanto às possibilidades de generalização coletiva deste interesse. A eficácia das cartas-circulares como instrumento de obtenção de amostras revelou-se também duvidosa.

A despeito de seu relativamente elevado nível social e cultural, entretanto, estas mães também expressaram opiniões e crenças, em parte fundamentadas no senso comum, mas não condizentes com os conhecimentos disponíveis a respeito do tema. A investigação mais específica destes aspectos através de metodologias quantitativas (por exemplo, através de questionários auto-aplicáveis) e qualitativas poderá estimar a generalidade destes achados e indicar aspectos informativos que mereceriam receber maior destaque nas campanhas preventivas através dos meios de comunicação.

Ademais, as informantes em geral demonstraram uma percepção apenas tênue e eventual quanto às conexões íntimas do consumo de drogas por adolescentes com os hábitos culturalmente determinados de consumo em geral e de substâncias psicoativas consideradas lícitas em particular. Por outro lado, revelaram atitudes fortemente discriminatórias em relação às drogas ilegais e seus usuários. Tais achados, permitindo apreender as representações de uma droga como se fosse o mal em si, e do uso de drogas descontextualizado das condições socioculturais e psicossociais de sua ocorrência, evidenciam ao menos em parte a

reprodução perniciosa da *ideologia de combate às drogas no imaginário* destas mães entrevistadas.

Este estudo apresentou algumas limitações em decorrência dos procedimentos realizados para a obtenção da amostra, que embora tenha sido fechada pelo critério de variedade de tipos, perdeu em abrangência em pelo menos dois aspectos importantes.

Primeiro, por não ter sido considerada no seu planejamento as questões de gênero que determinam as assimetrias dos processos edipianos, diferentemente vivenciados entre mãe-filho e mãe-filha (conforme referenciadas na literatura psicanalítica), esta temática não pôde ser enfocada, permanecendo aberta para outros estudos qualitativos ou clínico-qualitativos que a contemplem.

Segundo, recordando os acontecimentos que determinaram a participação exclusiva de mães de adolescentes na composição da amostra (seção 3.5.2), considero também neste momento que *o pai do adolescente, sob vários ângulos, constituiu-se no grande ausente nesta pesquisa*. Remeto a importância desta observação para além de qualquer pretensão quanto à sua validade ou representatividade estatística, pois tendo sido decidida (a certa altura dos procedimentos de amostragem) pelo próprio pesquisador, esta ausência paterna consistiu-se em fenômeno obviamente relativizável no contexto da intencionalidade da amostra e das limitações e propósitos inerentes aos estudos clínico-qualitativos.

Considero, entretanto, este *pai ausente* emblematicamente articulável com os conhecidos impasses da função paterna na atualidade (por exemplo, nas contribuições de MELMAN, 1995; JULIEN, 1997; FREITAS, 2002), especialmente em relação ao potencial de suas implicações na questão do uso de drogas na adolescência. Assinalo, desta forma, a importância de novas incursões qualitativas e clínico-qualitativas que venham a ser conduzidas com pais de adolescentes para aprofundar o conhecimento da temática e suprir esta lacuna deste estudo.

Em que pese tais limitações, considero que os objetivos deste estudo foram parcialmente alcançados.

Acrescento finalmente que, ao mesmo tempo em que me resguardo na consciência dos seus limites e renuncio a qualquer pretensão apriorística quanto à universalidade dos seus resultados, parece-me razoável considerar que esta mãe angustiada, culpada, desorientada e sedenta de um saber assegurador do crescimento saudável de seus filhos que emerge desta investigação não representaria uma imagem restrita às minhas entrevistadas.

Representaria, talvez, a mulher-mãe de nossos dias, que após inaugurar na pós-modernidade os caminhos que levaram ao devido reconhecimento da legitimidade de sua cidadania e de suas potencialidades no mercado de trabalho, encontra-se de certo modo perplexa. Afinal, como atender aos ditames de uma cultura e de um sistema econômico que, ao mesmo tempo em que tornam cada vez mais impositiva sua participação na provisão econômica da família, continuam a não poupá-la da espetacular expectativa quanto à *produção* de filhos saudáveis e bem-criados?

Neste caso, seu acolhimento nos dias atuais constitui, a meu ver, um delicado desafio clínico para os colegas profissionais das áreas da Saúde em geral e das áreas “*psi*” em particular.



7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABADI, S. Adolescência y droga: un síntoma en la cultura. **Rev. Psicoanálisis APA** 47(4): 603-613, 1990.

ABERASTURY, A. (org.) **Adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980. 246p.

ABERASTURY, A. e KNOBEL, M. **La adolescencia normal**: un enfoque psicoanalítico. (1970) 21ª. reimp. Buenos Aires: Paidós, 1995. 163p.

AIEX NETO, J.E. **As drogas em tempos de neoliberalismo**. Foz do Iguaçu: Aculfi, 2001. 216 p.

ALVES, R. **Filosofia da Ciência**: Introdução ao jogo e suas regras. 12ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. 211p.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981. 279p.

BARBA, M.D. Londrina é rota do tráfico. **Jornal Pre-Texto** (no. 28), Londrina, maio 1996. p. 9.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 225p.

BAUER, M.W.; GASKEL, G.; ALLUM, N.C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, M.W. & GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p.17-36.

BAUS, J.; KUPEK, E.; PIRES, M. Prevalência e fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre escolares. **Rev. Saúde Pública** 36(1):40-6, 2002.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. 304p.

BLACKBURN, S. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 437p.

BLEGER, J. Situação e campo. In: BLEGER, J. **Psicologia da Conduta**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984. p. 34-45

----- . – **Temas de Psicologia: Entrevista e Grupos**. 4^a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 113p.

BRASIL. Lei nº 8069 de 13 de julho de 1990; dispõe sobre Estatuto da Criança e do Adolescente. In: Ministério da Saúde. Estatuto da criança e do adolescente. Brasília, 1991.

BUCHER, R. A ética da prevenção. **Psic.: Teor. e Pesq.** 8(3):385-398, 1992a.

----- - **Drogas e drogadicção no Brasil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992b. 323p.

----- - O discurso do “combate às drogas” e suas ideologias. **Rev Saúde Pública** 28(2):137-45, 1994.

CAHN, R. **O adolescente na Psicanálise**: a aventura da subjetivação. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. 204p.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000. 8 lp.

CAMPOS, C.J.G. **A Vivência do Doente Renal Crônico em Hemodiálise**: Significados Atribuídos pelos Pacientes. Campinas, 2002 (Tese – Doutorado – Universidade Estadual de Campinas).

CARLINI, E.A., CARLINI-COTRIN, B. H., SILVA-FILHO, A. R., BARBOSA, M. T. S. Consumo de drogas psicotrópicas no Brasil, em 1987. Brasília, DF. Ministério da Saúde/Ministério da Justiça, 1989.

CARLINI, E.A., CARLINI-COTRIN, B. H., SILVA-FILHO, A. R., BARBOSA, M. T. S. II Levantamento nacional sobre uso de psicotrópicos em estudantes do 1º e 2º. graus. 1989. São Paulo, Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. CEBRID/Escola Paulista de Medicina, 1990.

CARLINI, E.A.; NOTO, A.R.; GALDURÓZ, J.C.F; NAPPO, S.A. Visão histórica do uso de drogas: passado e presente, Rio de Janeiro e São Paulo. **J Bras Psiq** 45(4):227-236, 1996.

CARLINI-COTRIM, B. Dados sobre o consumo de drogas por adolescentes no Brasil. **Revista ABP-APAL**, 9(3):99-102, 1997.

CARLINI-COTRIM, B. O Consumo de Substâncias Psicotrópicas por Estudantes Secundários: o Brasil frente à Situação Internacional. **Revista ABP-APAL**, 13(3):112-116, 1991.

CARLINI-COTRIM, B. An overview on drug abuse prevention in Brazilian schools. **Drugs: education, prevention and policy** 1(3):275-288, 1994.

CARLINI-COTRIM, B.; CARLINI, E.A. O consumo de solventes e outras drogas em crianças e adolescentes de baixa renda na cidade de São Paulo. Parte 1: Estudantes de 1º e 2º. graus da Rede Estadual. **Revista ABP-APAL** 2:49-58, 1987.

CARLINI-COTRIM, B.; ROSEMBERG, F. Os livros didáticos e o ensino para a saúde: o caso das drogas psicotrópicas. **Rev Saúde Pública** 25(4): 299-305, 1991

CARLINI-COTRIM, B.; GAZAL-CARVALHO, C.; GOUVEIA, N. Comportamentos de saúde entre jovens estudantes das redes pública e privada da área metropolitana do Estado de São Paulo. **Rev. Saúde Pública** 34(6)636-45, 2000.

CASTRO, M.J. Nachträglichkeit, del Proyecto de Psicología hasta el Esquema de Psicoanálisis: una revisión del concepto en la obra de Freud. Buenos Aires. 1997. (Monografia – Asociación Psicoanalítica Argentina)

----- - (Des)cuidar da pesquisa, (des)cuidar do paciente. Implicações negativas da deficiência de pesquisas qualitativas em saúde mental. In: VII ENCONTRO DE PESQUISADORES EM SAÚDE MENTAL, 2002. Programa e Resumos. Ribeirão Preto: USP/EERP, p. 133.

CAVERSAN, L. Ecstasy. Aumento de consumo provoca alerta global. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 março 2002. Caderno Folha Cotidiano. p. 1.

CHAIEB, J.A. e CASTELLARIN, C. Associação tabagismo-alcoolismo: introdução às grandes dependências humanas. **Rev. Saúde Pública** 32(3):246-54, 1998.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. 12^a. ed. São Paulo: Ática, 2001. 440p.

COMELI, L. Jovens ignoram perigo e fumam nos postos. **Jornal de Londrina**, Londrina, 24 março 2002 (2002a). Caderno A, p.4.

COMELI, L. Medo começa a tomar conta das escolas. **Jornal de Londrina**, Londrina, 15 setembro 2002 (2002b). Caderno A. p. 3.

CONTANDRIOPOULOS, A. et al. **Saber preparar uma pesquisa**: definição – estrutura – financiamento. 3^a. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.215p.

CORSO, M. Admirável mundo *teen*. In: **O adolescente e a modernidade** / Congresso Internacional de Psicanálise e suas conexões. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. p. 119-125. Tomo II.

COSTA, J. F. **A ética e o espelho da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 182p.

_____ - **Ordem médica e norma familiar**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983. 282p.

CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2^a. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, 839p.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 238p.

DEMO, P. **Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994. 125p.

DENZIN, N.K. & LINCOLN, Y.S. **Handbook of qualitative research**. Londres: Sage, 1994. 643p.

DORLAND'S ILLUSTRATED MEDICAL DICTIONARY. 28^a ed. Philadelphia: W. B. Saunders, 1994. 1940p.

DURKHEIM, É. **O suicídio**. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 183-202.

EDWARDS, G. Prevención con equilibrio de estrategias. In: : **Los problemas de la droga em el contexto sociocultural: una base para la formulación de políticas y la planificación de programas**. Ginebra: OMS, 1981. p. 262-272.

EDWARDS, G. & ARIF, A. El sentido del porvenir. In: : **Los problemas de la droga em el contexto sociocultural: uma base para la formulación de políticas y la planificación de programas**. Ginebra: OMS, 1981. p. 287-292.

EIGUER, A. **Um divã para a família: do modelo grupal à terapia familiar psicanalítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. 180p.

ERICKSON, E.H. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1968. 323p.

FENICHEL, O. **Teoria psicanalítica das neuroses**. Rio de Janeiro/São Paulo: Atheneu, 1985. 665p.

FERREIRA, A.B.H. – **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3^a. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128p.

FERREIRA, A.B.H. – **Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI**. [CD-ROM]. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA NETO, J.L. Subjetividades contemporâneas: algumas contribuições de Deleuze. **Plural Cadernos de Debate** 13:105-13, 2000.

FONTANELLA, B. J. B. **Procura de tratamento por dependentes de substâncias psicoativas: um estudo clínico-qualitativo**. Campinas, 2000. (Tese – Doutorado – Universidade Estadual de Campinas).

FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1987. 241p.

FREITAS, L.A.P. **Adolescência, família e drogas: a função paterna e a questão dos limites**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. 103p.

FREUD, S. **Fragmentos de análisis de un caso de histeria [1905]**. Obras completas de Sigmund Freud. 2ª. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1986a . p. 1-108. v. VII.

----- - **Tres ensayos de teoría sexual [1905]**. Obras completas de Sigmund Freud. 2ª. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1986b . p. 1-108. v. VII.

----- - **Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa** (contribuciones a la psicología del amor, II) [1912]. Obras completas de Sigmund Freud. 2ª. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1986c. p. 169-184. v. XI.

----- - **Sobre la dinámica de la transferencia [1912]**. Obras completas de Sigmund Freud. 2ª. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1986d . p.97-105. v. XII

----- - **Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise [1912]**. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 149-159. v.XII.

----- - **Consejos al médico sobre el tratamiento psicoanalítico [1912]**. Obras completas de Sigmund Freud. 2ª. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1986e. p. 109-119. v. XII.

----- - **Sobre la iniciación del tratamiento (Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, I) [1913]**. Obras completas de Sigmund Freud. 2ª. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1986f. p. 125-144. v. XII.

----- - **Recordar, repetir y reelaborar (Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, II) [1914]**. Obras completas de Sigmund Freud. 2ª. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1986g, p. 149-157. v. XII.

----- - **Puntualizaciones sobre el amor de transferencia** (Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, III) [1915]. Obras completas de Sigmund Freud. 2ª. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1986h. p. 163-174. v. XII.

----- - **Pulsiones y destinos de pulsión [1915]**. Obras completas de Sigmund Freud. 2ª. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1986i. p. 105-134, v. XIV.

----- - **El malestar en la cultura [1930]**. Obras completas de Sigmund Freud. 2ª. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1986j. p. 65-140, v. XXI.

GALDUROZ, J.C.F.; D'ALMEIDA, V.; CARVALHO, V.; CARLINI, E.A. III Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras – 1993. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID/Escola Paulista de Medicina – EPM; 1994. 8 lp.

GALDUROZ, J.C.F., NOTO, A.R., CARLINI, E.A. – IV Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras – 1997. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID/Escola Paulista de Medicina – EPM; 1997a. 130p.

GALDUROZ, J.C.F., NOTO, A.R., CARLINI, E.A. Tendências do Uso de Drogas no Brasil: síntese dos resultados obtidos sobre o uso de drogas entre estudantes do 1º e 2º. graus em 10 capitais brasileiras (1987-1989-1993-1997). CEBRID/UNIFESP/EPM, 1997b. 380p.

GAMBOA, S. S. Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica. In: SANTOS FILHO, J. C. e GAMBOA, S. S. (orgs.):

Pesquisa educacional: quantidade – qualidade. São Paulo: Cortez, 2000. p.84-111.

GOIJMAN, L. Parricidio, exogamia y estructuración: cuestiones cruciales de la adolescencia. **Rev. Psicoanálisis de APA**, tomo XLVII, no. 4. p. 623-632. 1990.

GODOI, A.M.M.; MUZA, G.M.; COSTA, M.P.; GAMA, M.L.T. Consumo de substâncias psicoativas entre estudantes de rede privada. **Rev Saúde Pública** 25(2):150-6, 1991.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: In: MINAYO, M.C.S. (org.): **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 67-79.

GUARESCHI, P. **Comunicação e poder.** A presença e o papel dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América Latina. 13^a ed. Petrópolis:2001. 88p.

_____ - A realidade da comunicação – visão geral do fenômeno. In: GUARESCHI, P. (coord.). **Comunicação e controle social.** 4^a ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 71 p.

GUERRA, C. Medo causa silêncio sobre tema da fraternidade. **Folha de Londrina/Folha do Paraná**, Londrina, 1 abril 2001. p. 2

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia.** 8^a. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 224p.

HERZ, D. **A história secreta da Rede Globo.** Porto Alegre: Tchê, s/d. 304p.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 3008 p.

JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. 265p.

- JONES, R. Why do qualitative research? **British Medical Journal**, 311: 2, 1995.
- JORNAL DE LONDRINA. Polícia Federal apreende 1,5 tonelada de maconha. **Jornal de Londrina**, Londrina, 25 abril 2002. Caderno A. p. 12
- JULIEN, P. **O manto de Noé: ensaio sobre a paternidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 1997. 124p.
- KALINA, E. **Clínica e terapêutica de Adicções**. Porto Alegre: Artmed, 2001. 160p.
- KALINA, E. e cols. **Drogadicção hoje. Indivíduo, família e sociedade**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. 232p.
- KIRK, J. e MILLER, M. **Reliability and Validity in Qualitative Research**. Newbury Park: Sage Publications, 1986. 85p.
- KLEIN, M. Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. In: KLEIN, M. **Inveja e gratidão e outros trabalhos**. Obras completas de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 86-118. v. III.
- KNOBEL, M. El síndrome de la adolescencia normal. (1970) In: ABERASTURY, A. e KNOBEL, M. **La adolescencia normal: un enfoque psicoanalítico**. 21ª. reimp. Buenos Aires: Paidós, 1995. p. 35-109.
- _____ - Terapia en adolescentes adictos. **Rev. Arg. Psiquiat. Biol.** 4(31):4-11, 1997.
- _____ - Drug addiction as a psychotic entity in adolescence: its treatment. **Dynamische Psychiatrie** 132:23-31, 1992.
- KVALE, S. **Interview: an introduction to qualitative research interviewing**. London: Sage, 1996. 326p.
- LAKATOS, E.M. & MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2001. 288p

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J-B. – **Diccionario de Psicoanálisis**. 2ª. ed. Barcelona, Labor, 1994. 535p.

LAROUSSE CULTURAL, DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo, Universo, 1992. 1176p.

LASCH, C. **A cultura do narcisismo**. A vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Imago, 1983. 320p.

LEFEVRE, F. e SIMIONI, A. M. C. Maconha, saúde, doença e liberdade: análise de um fórum na Internet. **Cad. Saúde Pública**, 15 (sup. 2): 161-167, 1999.

LEIJOTO, M. Aumento da violência é ligado ao consumo de drogas. **Jornal de Londrina**, Londrina, 18 dezembro 2002. Caderno A. p. 5

LEITE, J.S. e COSTA, C.A.S. Reflexões sobre o uso de drogas entre os jovens na região de Corumbá. **Re-criação**, p. 39-42, 1995

LEVISKY, D.L. **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. 2ª. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. 316p.

LISPECTOR, C. Lição de filho. in: LISPECTOR, C. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 138.

LONDRINA, PR. Prefeitura Municipal / Secretaria de Planejamento - Gerência de Pesquisas e Informações. Dados sobre a Cidade de Londrina, 2002a. Disponível na Internet em <http://www.londrina.pr.gov.br/cidade/londados.php3>. Acesso em 01/03/2003.

LONDRINA, PR. Prefeitura Municipal / Secretaria Municipal da Saúde. **Boletim Informativo da Saúde** no. 33. Londrina, 2002b.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. 99p.

MACKINNON, R.A. e MICHELS, R. **A entrevista psiquiátrica na prática diária**. 3ª. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. 382p.

MANDÚ, E.N.T. Adolescência: saúde, sexualidade e reprodução. In: PROJETO ACOLHER / ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. **Adolescer: compreender, atuar, acolher**. Brasília: ABEn, 2001. p. 61-74.

MARQUES, A.C.P.R.; CRUZ, M.S. O adolescente e o uso de drogas. **Rev. Bras. Psiquiatr.** 22(sup.II):32-6. 2000.

MELMAN, C. Haveria uma questão particular do pai na adolescência? **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre** (11):7-24

----- - O que é um adolescente? In: **O adolescente e a modernidade** / Congresso Internacional de Psicanálise e suas conexões. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. p. 21-36. Tomo II.

MIGUEZ, H.H. Consumo de alcohol y droga en jóvenes de Buenos Aires. **Acta psiquiát. Psicol. Am. Lat.** 40(3):231-235, 1994

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7ª. ed. São Paulo: Ed. Abrasco; Rio de Janeiro: Hucitec, 2000. 269p.

MINAYO, M.C.S.; SANCHEZ, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cad. Saúde Pública** 9(3):239-262, 1993.

MOSCOVICI, S. **Social Representations: explorations in social psychology**. New York: University Press, 2001. 313p.

MÜLLER, R. Dobra o número de homicídios em Londrina. **Folha de Londrina**, Londrina, 25 janeiro 2003. Caderno Folha Cidade, p.1.

MUZA, G.; BETTIOL, H.; MUCCILLO, G.; BARBIERI, M.A. Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (Brasil). I – Prevalência do consumo por sexo, idade e tipo de substância. **Rev Saúde Pública** 31(1):21-9, 1997a.

_____ - Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (Brasil). II – Distribuição do consumo por classes sociais. **Rev Saúde Pública** 31(2):163-170, 1997b.

NETO, O.C. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M.C.S. (org.): **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. p51-66.

NOGUEIRA FILHO, D.M. **Toxicomanias**. São Paulo: Escuta, 1999. 136p.

O CLONE. Homepage da telenovela. Rede Globo de Televisão. Disponível em <http://redeglobo3.globo.com/oclone/frm_home.jsp>. Acesso em 01 jun. 2002.

OLIEVENSTEIN, C. **Destino do toxicômano**. São Paulo: Almed, 1985. 174p.

OLIEVENSTEIN, C. et al. **A clínica do toxicômano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. 138p.

OUTEIRAL, J. O. – **Adolescer: estudos sobre adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994. 94p.

_____ - Adolescência: modernidade e pós-modernidade. In: WEINBERG, C.: **Geração Delivery: adolescer no mundo atual**. São Paulo: Sá, 2001a. p. 13-28.

_____ - Adultos modernos e adolescentes pós-modernos. In: WEINBERG, C.: **Geração Delivery: adolescer no mundo atual**. São Paulo: Sá, 2001b. p. 97-114.

PADILHA, V. Shopping center: a catedral das mercadorias e do lazer reificado. Campinas, 2003. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

PALMAR, A. Polícia apreende uma tonelada de maconha em Foz. **Folha de Londrina**, Londrina, 5 abril 2003. p5.

PAROLIN, I.C.H. Adolescência nossa de cada dia. In: WEINBERG, C. (org.): **Geração delivery: adolecer no mundo atual**. São Paulo: Sá, 2001. p. 115-125.

PARRA, R. Jovens já consomem “ecstasy” em Londrina. **Jornal de Londrina**, Londrina, 14 abril 2002. Caderno A, p. 4.

PASSETTI, E. **Das “fumeries” ao narcotráfico**. São Paulo: Educ, 1991. 156p.

PÉREZ, A. Familia y adolescencia. In: FALKE, G.O. **Adolescencia, familia y drogadicción**. Buenos Aires: Atlante, 1998. 447p.

PICHON-RIVIERE, E. **Teoria do vínculo**. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 143p.

PINCUS, L. & DARE, C. **Psicodinâmica da Família**. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. 142 p.

POPE, C. & MAYS, N. Qualitative research: Reaching the parts other methods cannot reach: an introduction to qualitative methods in health and health services research. **Br Med J**, 311: 42-45, 1995.

POULICHET, S.L. **Toxicomanías y psicoanálisis: las narcosis del deseo**. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. 216 p.

PROCÓPIO, A. **O Brasil no mundo das drogas**. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 253p.

RAMOS, R. **Grã-finos na Globo: cultura e merchandising nas novelas**. Petrópolis: Vozes, 1986. 128p.

RAMOS, F.R.S. Bases para uma re-significação do trabalho de enfermagem junto a@ adolescente. In: PROJETO ACOLHER / ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. **Adolecer: compreender, atuar, acolher**. Brasília: ABEn, 2001. p. 11-18.

RANA, L. Orientar é a base da prevenção às drogas. **Folha de Londrina/Folha do Paraná**, Londrina, 25 junho 2000. p. 11.

REUCHLIN, M. **Os métodos em psicologia**. Lisboa: Moraes, 1979. 149p.

RIBEIRO, T.W.; PERGUER, N.K.; TOROSSIAN, S.D. Drogas e adolescência: uma análise da ideologia presente na mídia escrita destinada ao grande público. **Psicol. Reflex. Crít.** 11(3): 421-430, 1998.

ROSENFELD, D. El paciente drogadicto: guía clínica y evolución psicopatológica en el tratamiento psicoanalítico. **Rev. Psicoanálisis de APA** 29(1):99-135, 1972.

ROUDINESCO, E. **Por quê a Psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. 163 p.

----- - **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 199p.

RUBIN, H.J. e RUBIN, I.S. **Qualitative interviewing: the art of hearing data**. London: Sage, 1995. 302p.

SALES, G.T., 2001. **Fatores que Influenciam as Indicações de Tratamentos Psiquiátricos em Unidades Básicas de Saúde no Município de Campinas**: Um Estudo Clínico-Qualitativo da Visão do Psiquiatra. Campinas, 2001 (Dissertação – Mestrado – Universidade Estadual de Campinas).

SANCHEZ, Z. van der M.; NAPPO, S.A. Seqüência de drogas consumidas por usuários de crack e fatores interferentes. **Rev. Saúde Pública** 36(4):420-30, 2002.

SANTOS FILHO, J. C. Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático. In: SANTOS FILHO, J. C. e GAMBOA, S.S., orgs. **Pesquisa educacional: quantidade – qualidade**. São Paulo: Cortez, 2000. pp. 13-59.

SARIS, S. Cresce procura por serviços de recuperação. **Jornal de Londrina**, Londrina, 26 maio 2002. Caderno A. p. 4.

SATO, N. A maconha segundo Fernando Gabeira. **Folha de Londrina/Folha do Paraná**, Londrina, 22 outubro 2000. Caderno Folha Dois. p. 8.

SEGLIN, J. As drogas na vida real. Psicanalistas discordam do enfoque dado ao assunto tabu na novela “O Clone”. **Folha de Londrina**, Londrina, 16 junho 2002. Caderno Folha Dois. p. 6.

SERAPIONI, M. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. **Ciência e Saúde Coletiva**, 5 (1): 187 – 192, 2000.

SCIVOLETTO, S.; HENRIQUES JR, S.G.; ANDRADE, A.G. A progressão do consumo de drogas entre adolescentes que procuram tratamento. **J. Bras. Psiqu.** 45(4):201-207, 1996.

SOLDERA, M.A. – **Uso de drogas por estudantes de 1º e 2º graus na cidade de Campinas:** prevalência e fatores sócio-demográficos, culturais e psicopatológicos associados. Campinas, 2001. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas.

SOUZA, A. P. A arte de captar o real (entrevista com Eduardo Coutinho). **Revista Carta Capital**, São Paulo, 20 de novembro de 2002. p. 64-65.

SOUZA, D.P.O; MARTINS, D.T.O. O perfil epidemiológico do uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus da rede estadual de ensino de Cuiabá, Brasil, 1995. **Cad. Saúde Pública** 14(2):391-400, 1998.

SOYIBO, K. ; LEE, M.G. Use of illicit drugs among high-school students in Jamaica. **Bulletin of the World Health Organization**, 77 (3), p. 262.

TAVARES, B.F.; BÉRIA, J.U.; LIMA, M.S. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. **Rev. Saúde Pública** 35(2):150-158, 2001.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 175p.

TURATO, E. R. Estratégias de Pesquisa Qualitativa em Saúde Mental. In: FÓRUM DE PSIQUIATRIA DO INTERIOR PAULISTA, 3, Águas de Lindóia, 2000. Anais. Águas de Lindóia, 2000a. p35-54.

----- – Introdução à Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa – Definição e principais características. **Rev. Port. Psicossom.**, 2 (1): 93-108, 2000b.

----- – **Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa: Construção Teórico-Epistemológica, Discussão Comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. Petrópolis: Vozes, 2003. 685p.

UNIDCP (UNITED NATIONS INTERNATIONAL DRUG REPORT CONTROL PROGRAM). **World Drug Report 1997**. Oxford: UNIDCR, 1997. 332p.

UNODCCP (UNITED NATIONS OFFICE FOR DRUG CONTROL AND CRIME PREVENTION). **World Drug Report 2000**. Oxford: UNODC, 2000. 171p.

VALLS, J.L. – **Diccionario freudiano**. Buenos Aires: Julian Yebenes, 1995. 70 lp.

VELHO, G. A dimensão cultural e política dos mundos das drogas. In: ZALUAR, A. (org.). **Drogas e cidadania: repressão ou redução de riscos**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 23-29.

WAGNER, A.; FALCKE, D.; MEZA, E.B.D. Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida. **Psic. Reflex. Crít.** 10(1):155-167, 1997.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2003a. Página na Internet sobre Adolescência. Consultada em 15 de Fevereiro de 2003. Disponível em http://www.who.int/child-adolescent-health/OVERVIEW/AHD/adh_over.htm

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2003b. Página na Internet sobre Adolescência. Consultada em 15 de Fevereiro de 2003. Disponível em http://www.who.int/reproductive-health/adolescent/Adolescent_intro.en.html

WINNICOTT, D.W. Objectos transicionales y fenomenos transicionales [1953]. In: **Realidad y juego**. Barcelona: Gedisa, 1994. p.17-45

----- - De la dependencia a la independencia en el desarrollo del individuo[1963a]. In: **Los procesos de maduración y el ambiente facilitador**: estudios para una teoría del desarrollo emocional. Buenos Aires: Paidós, 1993a. p. 108-120.

----- - El cuidado hospitalario que complementa la psicoterapia intensiva en la adolescencia (1963b). In: **Los procesos de maduración y el ambiente facilitador**: estudios para una teoría del desarrollo emocional. Buenos Aires: Paidós, 1993a. p. 317-325.

----- - Conceptos contemporáneos sobre el desarrollo adolescente, y las inferencias que de ellos se desprenden en lo que respecta a la educación superior [1968]. In: **Realidad y juego**. Barcelona: Gedisa, 1994. p. 179-193.

ZAGURY, T. O adolescente por ele mesmo. Rio de Janeiro: Record, 1996. 277p.



8 - APÊNDICES

CORPUS – TRANSCRIÇÃO INTEGRAL DAS ENTREVISTAS

Observações sobre o estilo adotado na transcrição:

Procurei, nas transcrições das entrevistas gravadas, aproximar-me ao máximo do ideal de fidelidade ao áudio. Essencialmente, portanto, palavras ou expressões não foram retiradas nem acrescentadas às falas de entrevistador e entrevistados, salvo em situações em que a inteligibilidade do transcrito ou o conforto da sua leitura pudessem ser comprometidos. As características do estilo de transcrição das entrevistas são sintetizadas como se segue:

Em se tratando de entrevistas envolvendo pessoas com razoável nível cultural, o árduo trabalho de transcrição das entrevistas foi facilitado na tarefa freqüente de “depurar” incorreções gramaticais grosseiras e expressões incomuns ao português coloquial, como freqüentemente referido por investigadores que se utilizam de entrevistas gravadas. Uma exceção chamativa foi feita no caso da Entrevistada “C”, cujos freqüentes “erros” de concordância, provavelmente influenciados pela sua ascendência estrangeira, procurei manter no transcrito.

A ortografia etimológica foi preservada na maioria das vezes em que a preservação da ortografia fonética fatalmente obstaculizaria ou tornaria desconfortável a leitura fluente. Como resultado, a pronúncia particular de cada sujeito foi corrigida na maioria das situações, como no caso de alguns plurais que foram transcritos como se tivessem sido pronunciados corretamente e de contrações (né? / não é? ; pra / para, etc.) que foram eventualmente “corrigidas”.

Trechos inaudíveis ou incompreensíveis foram indicados em [itálico e entre colchetes], bem como eventuais esclarecimentos a respeito de pessoas ou instituições mencionadas e comentários descritivos do tipo [rindo] ; [interrompe para atender o telefone celular] ; etc.

Nomes próprios de pessoas ou localizações geográficas citadas foram substituídos por letras (“X”; “Y”, etc.), mas, em cada entrevista, uma determinada letra refere-se sempre à mesma citação.

Pausas entre palavras e frases não concluídas foram indicadas por reticências. Reticências entre parênteses (...) indicam situações em que o entrevistador preferiu manter-se em silêncio quando uma resposta era esperada pela entrevistada (por exemplo, em E115), ou quando há uma pausa relativamente longa em alguma fala (como em A220).

Referências ao discurso direto de outrem ou aos pensamentos foram transcritos entre aspas.

As falas do entrevistador estão transcritas em itálico e negrito; as dos entrevistados sem destaques tipográficos.

As entrevistadas foram identificadas pelas iniciais fictícias de “A” a “J”, sendo que a ordem alfabética indica a seqüência em que as entrevistas foram realizadas.

As datas de realização das entrevistas foram modificadas em prol do anonimato dos sujeitos entrevistados, porém observou-se o intervalo de tempo real entre cada entrevista e a época do ano em que cada entrevista foi de fato realizada.

“A”

PRIMEIRA ENTREVISTA

Data: 10/11/01

Duração aproximada: 90 minutos

Dados de identificação da entrevistada:

Inicial fictícia: A;

Idade: 41 anos;

Etnia: Branca;

Estado Civil: Separada há 5 anos (após estar casada por 14 anos);

Procedência: Ivataí (*), PR;

Escolaridade: Superior Completo;

Ocupação: Administradora Rural;

Situação financeira: atualmente estável;

Religião: Evangélica;

Filhos:

X. (sexo feminino, 17 anos);

Y. (sexo masculino, 15 anos);

Z. (sexo feminino, 12 anos);

Comentários:

Apesar de minha ansiedade em função de ser a primeira entrevista após a entrevista piloto, a dupla ficou razoavelmente à vontade. A entrevistada foi colaborativa, falando muito e espontaneamente. O resultado foi uma entrevista excepcionalmente longa, ao fim da qual a entrevistada ainda permaneceu por bastante tempo pedindo orientações.

() “Ivataí” é o nome fictício adotado na transcrição para designar a pequena cidade, próxima a Londrina, de procedência da entrevistada.*

TRANSCRIÇÃO:

1. Bem, a primeira coisa que eu lhe perguntei foi a sua motivação para participar

desta pesquisa... Me fale então sobre isso...

2. porque eu havia vivido... ainda estou vivendo, né? De uma forma mais leve, eu acredito que sim, já... bem melhor... mas um problema com a filha com as drogas e...
3. ... é a sua filha mais velha...
4. A filha mais velha... E eu achei que a atitude que eu tomei, pelo menos até agora está tendo resultado...
5. *Hum-hum...*
6. E eu achei que era uma forma de eu passar... Para mim deu certo, quem sabe para outras pessoas... possa dar certo também, né?...
7. *Possa dar certo também... ótimo... Me conte então o que aconteceu com sua filha... Você disse para mim que tem 3 filhos...*
8. Tenho 3 filhos. A minha mais velha estuda aqui em Londrina desde... em 99 ela veio para o primeiro ano. Até então ela vinha de ônibus, vinha e voltava. Quando foi no início deste ano uma amiga minha que fez Direito, formou, tinha 24 anos... “Ah, deixa ela ir comigo para Londrina, deixa, deixa, deixa, eu não quero ir sozinha...”. Eu pensei, bom, vai, é uma pessoa mais velha, já estava

praticamente com a vida profissional encaminhando... E assim eu acho melhor do que colocar ela lá no pensionato sem saber. Aí veio para cá, se conheceram bastante... e ela namorando... A minha preocupação maior era o namorado, que eu dizia: “Por favor, minha filha, tenha cuidado...”

9. *Se cuida...*

10. “...se cuida, se você achar que chegou a hora...”

11. *Ela tinha que idade nesse momento?*

12. Dezesseis para dezessete. “Se você achar que você... eu prefiro que você converse comigo, a gente vai ao médico, eu não quero uma gravidez agora, vai estragar sua vida...”

13. *Me parece que vocês tinham um bom nível de diálogo então...*

14. É... eu sempre conversando bastante... e falando, e falando... Aí eu comecei a perceber... incenso... “Incenso? Por que incenso?”

15. *Hum...*

16. Tudo bem. Aí eu comecei a ver assim: ouvir toda hora Bob Marley... eu gosto de Bob Marley,

cheguei a comprar cd para ela do Bob Marley...

17. *Certo...*

18. ... porque eu acho uma música legal... mas eu comecei a perceber que a maneira que ela levava Bob Marley já era uma coisa meio assim... Eu sei que ele está intrinsecamente ligado... à maconha...

19. *Hum-hum...*

20. Aí ela quis fazer aquele chapeuzinho do Bob Marley, boné... aquela touquinha do Bob Marley para ela e para o namorado, fui, fomos fazer... certo? Assim que eu estava meio... Aí eu sempre falando de droga, de maconha, de...

21. *Isso foi mais ou menos há quanto tempo atrás?*

22. Isso foi... Março.

23. *Março... mas você não perguntou a ela ainda nesse momento...*

24. Não

25. *Por que?*

26. Eu acho que eu... estava com medo de saber... [sorriso, ela também]. É..., bem isso mesmo... Aí quando foi... aí eu fui para o outro Estado, na época da colheita eu vou para o outro Estado, porque é arrendatário, aí eu vou para lá, aí eu fiquei vinte dias lá, e

nesse intervalo... foi Março... ela... foi quando ela foi para Londrina, eu a deixei... deixei aqui com a amiga e já fui para o outro Estado, fiquei lá vinte dias, aí eu acho que ela... deu uma insegurança braba nela, eu sei que até tumor saiu nela...

27. Tumor?

28. Um tumor nela... acho que...(passa a mão pelo corpo)

29. Na pele?

30. é... eu acho que pelo fato de ela ter ficado sozinha, foi tudo isso, e as coisas aconteceram tudo nessa época.

31. Hum-hum...

32. E eu observando, observando, e sempre pegando em casa reportagem de maconha, mostrando, maconha não é bom, não é droga, porque às vezes ela queria... ela queria ser a dona da verdade, o que ela falava é que era o certo, e eu falava: “filha, olha...” Eu ia falando, ia falando e ela ia engolindo... Aí em Julho, nas férias, eu falei: “Ela está muito diferente...” E ela tem um diário, e eu nunca li esse diário... esse dia ela saiu para ir para a nataçao, e eu falei “Eu vou ver o diário”... Agora eu já trabalho bem com isso, mas houve dias em que ela falava que eu tinha lido o diário

dela e eu chorava mesmo, porque eu sempre falava em casa: “Vamos respeitar a privacidade de cada um... Cada um tem o seu direito à sua privacidade. Se vem uma correspondência para um, ninguém tem o direito de abrir. Se a pessoa não estiver aqui, vai ficar ali dez, quinze dias, e ninguém vai abrir, porque não é meu. Eu só abro o que é meu”. Aí eu vi o diário. Ah! Me rebentou inteirinha... Naquele diário ela escreveu tudo... Inclusive...

33. Onde que estava esse diário?

34. À mostra! À mostra! Porque ela sabia que eu não iria... ou ela estava querendo que eu fosse...

35. O que você acha?

36. Depois ela falou para mim: “Mãe, eu queria tanto que você soubesse...” Depois eu... depois... eu... Aí, pedir para mim... em casa estava cheio de criança fazendo trabalho com meu menino... eu entrei em desespero, em desespero, eu às vezes eu sou muito impetuosa assim, a minha... meu primeiro foi buscar ela na nataçao, pegar ela, trazer, sabe? Aí eu me controlei, pedi muito a Deus, pedi, pedi, pedi, pedi, aí quando ela chegou, ela entrou em casa eu falei: “Filha, vem aqui”. Aí eu chorei. Aí eu

chorei, chorei, chorei, chorei, chorei, tudo que eu podia chorar... Eu cheguei até acho que... cair no chão e chorava e ela falava... Daí eu falei: “Filha, por que você está fazendo isso?” E ela falou: “Você descobriu?” Eu falei: “Olha aqui. Está tudo escrito aqui, minha filha... tudo, tudo, tudo, tudo” Aí ela chorou muito, eu chorei muito... chamei o irmão dela... Ela: “Ai, você vai contar para ele?” Eu falei: “Todos aqui em casa vão saber... Porque nós não temos o teu pai aqui. Isso tudo para mim... é muita dor. Teu irmão vai saber sim... vai ficar sabendo, e tua irmã menor também vai saber”. Aí eu chamei eles, falei, nisso eu estava chorando. Ele olhou para ela e falou: “Quê que você está fazendo, X.? Você é tão sabida... Olha só o que você está fazendo... E olha o que você está fazendo com a mãe...” Aí conversamos, passamos... isso era umas quatro horas, foi até dez, onze horas da noite, todo mundo chorando, e no quarto todo mundo dormiu junto aquele dia, e só chorando... E eu falei: “Filha, não pense que eu vou te bater, não pense que eu vou gritar com você, não vou, não tem... para mim é como se eu estivesse vendo a minha

menininha despedaçada no chão... e eu vou ter que juntar os caquinhos dela. Porque você quebrou inteirinha quando eu fiquei sabendo...” Aí o namorado também estava usando...

37. Tá...

38. ... daí... porque estava tudo escrito no... no coisa... E eu falava e...: “Olha, isso está escrito aqui, leia... E você imagina se a polícia pega vocês? Você imagina, vocês voltando, todo mundo chapado... e um acidente, filha? E a mãe aqui achando que você estava bem?” Eu joguei bem pesado com ela nesse sentido, mas sem gritar, sem... dizer que eu estava amando menos ela...

39. Hum-hum...

40. Mas foi... traumatizante...

41. Você mostrou decepção...

42. Muito... eu falei: “Filha, é uma decepção tão grande, tão grande, tão grande, que você não podia ter me ferido de outra forma maior do que isso. Porque eu falo para ela, eu falava... porque eu sempre dizia para eles assim: “Se vocês derem certo, que bom para a mãe... porque a mãe conseguiu sozinha... Se vocês derem errado, a culpa é todinha da mãe... Aí: “Mãe, você não tem culpa de nada!” Eu falei: “Eu tenho que ter

culpa de alguma coisa... alguma coisa eu estou fazendo de errado com vocês, para você ter partido para isso..." "Eu quis experimentar, mãe! Na escola todo mundo experimentou, todo mundo fuma, mãe, eles falam com a maior naturalidade isso daí!" Eu falei: "Filha, não pode..." "Mãe, se chegar lá na escola, tem!" "Mas eu... meu Deus, imagina, sua escola é tão fechada, tão..." "Tem, mãe, se você chegar lá, tem! Se eu quisesse comprar lá, eu tinha comprado... só não comprei porque o W. não deixou!" ...que é o namorado. Eu falei: "por quê que o W.... que namorado é esse que foi te oferecer isso, minha filha?" Aí ela: "Ah, mãe, se não fosse com o W. ia ser com meus amigos da escola..." Eu falei: "Mas o W. teria que ser o primeiro a dizer para você: Pára! Não vá entrar nessa! Ou, quando ele te contou que ele estava..."

43. *Isso tudo foi neste ano mesmo?*

44. Este ano... "ou, quando ele te contou, você teria que ter sido a primeira a dizer para ele 'W., pára com isso, eu não aceito isso'... porque isso é o início, filha, de uma coisa mais pesada..." "Ah, mãe, você não sabe o que você

está falando! Imagina que dro... que a maconha leva..." Eu falei: "Lógico que leva, minha filha! Pega todo ex-drogado, não ex-drogado, drogado em recuperação..."

45. *Hum-hum...*

46. "...pega todo drogado em recuperação, quê que ele vai dizer? Vai dizer que começou com a maconha, e da maconha foi para outras drogas." E eu sempre explicava para ela: "Filha, às vezes a pessoa fuma maconha... e vai ficar na maconha a vida inteira, porque ela não tem a propensão no organismo dela para se viciar e querer mais... e tem pessoas que não... tem pessoas que se viciam, se viciam em bebida, se viciam em cigarro, se viciam... e tem pessoas que não... Agora, eu vou arriscar... como vocês estão arriscando?"

47. *Hum-hum...*

48. Aí... ela pedindo pelo amor de Deus para eu não contar para a mãe do W.... porque ela é casada, e tudo, mas... é um... casamento meio diferente... e ela é a mais responsável pelos filhos. E ele mora aqui em Londrina, e...

49. *... como você, no caso...*

50. É. E ele trabalha, ele faz, está terminando computação, engenharia de computação, uma

coisa assim, na [menciona o nome da Universidade], ele já está trabalhando, no estágio ele já passou para ser contratado... Ele é cem por cento... Ele é tido por aí como um menino cem por cento... E eu vivia escutando algumas conversas de que ele estava... usando a maconha... Foi um dos motivos que eu comecei a ficar mais revoltada... “Mãe, pelo amor de Deus, se você contar para a tia K. a tia K. vai pegar ele - ele já tem vinte anos – vai trazer ele para Ivataí de volta... é capaz de ela até tirar ele da Faculdade... vai acabar com a vida dele!” Eu falei: “quer dizer que eu tenho que assumir isso sozinha... vou acabar com a vida dele, vai acabar com a vida dela, a minha pode acabar, então, X.?” Daí eu disse para ela quando foi no outro dia... e nisso eu só chorava... dias assim só chorando...

51. Sua reação foi de choque, mesmo...

52. Choque. Eu fiquei em choque, eu fiquei por uns dez... acho que... uma semana só de choro.

53. Como estava a vida da sua filha em outros aspectos? Você diz que foi notando diferenças nos hábitos, nos costumes, no

comportamento... e também nas... no rendimento escolar...?

54. Muito... O rendimento escolar caiu...

55. Já estava caindo?

56. Hã-hã... e ela me enrolando, porque eu sempre confiei muito... porque até então no segundo ano ela sempre foi boa aluna.

57. Até o segundo...

58. É. Aí ela começou... e me enrolava com as notas, e coisa... aí no primeiro bimestre ela me apresentou, eu falei assim: “Bom, deve ser pela mudança, de estar aqui...” Mas aí eu comecei a perceber as atitudes, às vezes agressivas, quando eu falava em maconha ela defendia muito. E eu havia ouvido... um comentário de que o namorado estava usando, e ela sempre com o namorado... sempre com o namorado e com os amigos do namorado.

59. Hum-hum...

60. Tem um barzinho lá em Ivataí que eles iam, aí um dia até conversando com a mãe do namorado, que a gente é muito amiga, aí ela disse: “A, você está sabendo que eles estão indo no barzinho?” Eu falei: “Olha, K., aqui em casa eu já proibi. Eu não quero mais...”

61. *Aqui em casa...?*

62. Com a X., né?

63. *Ah...*

64. Com a X. eu já proibi. Se o W. quiser ir ele vai sozinho, e ela não vai. E ela me conhece: eu sou capaz de sair do carro de camisola, entrar dentro do bar, juntar ela e botar dentro do carro e vir embora. Então ela está sabendo disso... porque ela sabe que eu às vezes sou muito... por isso que eu acho que ela... que a minha reação quando eu fiquei sabendo, para ela foi um susto. Porque eu penso que ela pensou assim: “A minha mãe vai... fazer uma...” (rí)

65. *Vai...?*

66. Vai... sabe, derrubar a casa... E não, a minha reação foi de extrema decepção, de extrema tristeza...

67. *Tristeza...*

68. Que eu não tinha reação.

69. *Em outras situações onde foi exigida disciplina sua reação era mais explosiva, mas enérgica...*

70. É, é, enérgica... e dessa vez não, foi de tristeza, tristeza muito grande... Mas assim, extrema mesmo, de ficar sem comer, é... não levantava mais da cama... e ela me rodeando o tempo todo. O

dia todo, ela só perto de mim, só perto de mim, ela chegava até a me incomodar... Aí ela chegava perto de mim, e eu disse: “Eu não estou preparada para você ficar perto de mim...” porque era assim, com carinho: “eu não estou preparada para receber seu carinho... por favor, respeita isso, porque eu estou numa depressão muito grande”. Ela sentiu muito... nem sei se eu fiz certo ou se fiz errado, mas... eu sempre disse em casa que a gente tem que ser honesta um com o outro. Se eu não estou com vontade de estar perto de você e te fazer um carinho, eu respeito. Então foi assim, um transtorno, porque a minha pequena me via chorando, chorava o dia inteiro. E cobrava da mais velha. O menino falava assim que ela era maconheira: “que coisa, agora, além de ter minha irmã namorando um maconheiro, a minha irmã é maconheira!”. Então eles jogaram bem pesado com ela (rí). Aí foi aliviando... Aí... eu... quis falar com o namorado. Eu falei: “Tudo bem; eu não vou contar para a mãe dele. É uma traição o que eu estou fazendo, só que eu vou conversar com ele”. Aí ela ligou... ela ligou num dia e no outro ele já

estava lá, apavorado. Porque ele é um menino bom, ele não é um menino ruim. Aí fomos para o quarto, choraram... muito, e...

71. *Aí quem estava, então?*

72. Ela, o namorado, e eu. Aí eu expus para ele...

73. *O namorado tinha quantos anos?*

74. Vinte.

75. *Ela...dezoito?*

76. Dezessete.

77. *Dezessete, tá.*

78. Ela tinha feito dezessete. Aí eu coloquei para ele a minha decepção, coloquei para ele a decepção que seria para os avós dele, para a mãe dele, para a tia que ele mora aqui, que a tia faz tudo por ele... Eu falei: “W., você já imaginou... estourar isso daí na mão deles? Você, do menino certinho, do menino que todo mundo admira, que tudo é o W., tudo é o W., tudo é o W.... De repente você virar um maconheiro? “Tia, pelo amor de Deus, tia, eu faço o que você quiser. A gente promete...” Eu falei: “Vocês acham que eu vou acreditar? Está escrito aqui [aponta para a própria testa] o que? Idiota? *[eu rio]* Para vocês dizerem para mim: ‘Ah, nós vamos parar’ e eu: ‘Aí, que bom,

vocês vão parar, que coisa boa *[em tom irônico]*’ e eu vou ficar tranqüila? De forma alguma!”. E eu nesses dias todos eu pedi a Deus para que Deus me desse uma luz para eu ter uma segurança de que eles iriam parar. Mesmo com a reação que eles tiveram, choraram muito, mas muito, eles tiveram uma reação assim... de... acho que de... assustados mesmo com a minha reação... porque eles não imaginavam. A X. falava assim: “eu não esperava que você fosse ter essa reação”... Porque eu sempre dizia assim...

79. *Os irmãos não sabiam nem desconfiavam?*

80. Não... nem desconfiavam. Ficaram sabendo quando eu chamei e contei. Porque eu sempre fui assim... Em Ivataí tem um pessoal que fuma maconha...

81. *Os “famosos”...*

82. É... mas nem por isso, se eles viessem à minha casa... Tem um vizinho meu, é uma graça, ele é dentista, ele é uma gracinha, o rapaz. E os outros dois irmãos não trabalham... os... três usam. Então, lá em Ivataí todo... mas eles são assim, muito bonzinhos, cresceram lá em casa com as crianças. Então eu sempre dizia

assim: “Não é por isso, porque ele usa maconha, que ele vai deixar de ser a pessoa que ele é. Eu vou respeitar a opção dele por usar maconha. Não aceito... só que nem por isso eu vou discriminar ele! Nem por isso, se o dia que ele vier na minha casa eu não vou tratar bem... “ Então ela confundiu tudo. Ela confundiu o fato de eu não criticar as pessoas que fizessem isso, porque eu sempre digo para eles:”nunca critiquem ninguém... se a pessoa está fazendo alguma coisa, não fale ‘ai, porque fulano está agindo daquela forma’...”

83. *A tua atitude não discriminatória, não preconceituosa, foi confundida com uma atitude permissiva...*

84. Permissiva... é, ela confundiu... Porque ela falou: “Mãe, eu não imaginava que você fosse ter essa reação”. Parecia que eu deixei tão clara a minha posição sobre isso... É lógico que eu sempre deixei claro também que eu não iria ser... a palmatória dos outros.

85. *Hum-hum...*

86. Não vou julgar ninguém, como não vou julgar, não aceito que me julguem não aceito que julguem ninguém. Porque hoje as pessoas

estão fazendo aquilo lá, amanhã a gente não sabe se também vai fazer. Porque o ser humano é tão imprevisível que hoje você pode estar com uma opinião “não, eu não aceito isso, não aceito isso, não aceito isso...” e quando é amanhã você está vivendo uma situação que às vezes te envolve naquilo ali e você faz... Então eu sempre coloquei esse tipo de coisa mas sempre assim: “a droga... é droga. A maconha é o início de uma droga mais forte”. E, com relação à bebida, também, eu sempre coloquei, porque o pai bebia muito. Então eu sempre coloquei a bebida de uma forma assim: se eu gosto de um vinho, eu abria um vinho, e falava: ‘querem tomar um golinho’? O menino sempre foi mais: ‘não, não quero, mãe, eu não gosto’. Ela às vezes tomava um *golinho* comigo... tomou um porre... [*dá uma gargalhada, eu rio também*]. Mas é assim... eu acho que... eu fui a culpada, que ela chegou em casa, antes de descobrir essa história da maconha. Foi em fevereiro, ela estava combinando com os amigos para irem para o carnaval na casa de um amigo que os pais iam, e tudo... Porque eu sempre

fui assim, é... eu acho assim, não adianta eu... pressionar demais que ela vai escapar, pelos meus vãos dos dedos, quanto mais eu pressionar. Então ela: “Ah, mãe, deixa eu ir, vai fulana, vai fulano”, que eu já tinha conversado com os pais”, tá, então, tá você vai. Aí num sábado ela chegou em casa e disse: “Mãe, posso abrir um vinho e tomar com o W.?” Eu: “Tudo bem, filha, pode...” E eu estou mexendo na casa e era uma noite... eu cheguei na cozinha e estavam os dois sentados e a garrafa de vinho mais da metade tomada. Tinha só um tanto assim. Eu falei, “W., pelo amor de Deus!” Eu já acusei ele, né? E ele: “Tia, não fui eu...foi ela. Eu estou mandando ela parar e ela não pára...” Eu falei: “filha, para que isso? Para que tomar tanto?” Ainda pus um pouquinho para mim, tomei, e ela pegou e tomou o resto. E saíram. Saíram e foram para esse barzinho. Eu falo muito, né, doutor? *[rindo; demonstra preocupação pela duração da entrevista]*

87. Não, está sendo ótimo... *[rio com ela]*. Muito pelo contrário...

88. Aí foram para esse barzinho que até então eu desconhecia que

corria... Lá, diz ela que tomou um ou outro gole de *Hi-Fi*...

89. Ah!

90. Simplesmente ela desabou.

91. Claro...

92. Ela desabou. Estava chovendo demais, aí a K., mãe do W., chega em casa. “A... vem ver isso que está acontecendo.” Aí eu pensei: “Bom, com o W. não foi, porque se fosse com o W. ela tinha levado para lá... Se ela veio aqui aconteceu alguma coisa com a X.. Ela falou assim: “A X. bebeu e foi para o hospital”. Mas aquilo para mim foi... fui correndo para o hospital, chego no hospital e ela está... desmaiada, para mim como se estivesse morta. Eu não sabia se eu batia nela, se eu chorava, eu não sabia o que eu fazia, porque ela estava lá, desmaiada, o médico já tinha dado injeção nela, e ela vomitando, aí levei ela para casa, o W. desesperado, morrendo de medo que eu o culpasse... Aí fomos para casa, entramos no chuveiro, e a K., a mãe do menino junto, e ele junto desesperado, desesperado... Aí deu umas quatro horas da manhã, porque isso era uma meia-noite a hora que aconteceu isso. Aí eu falei “olha, pode ir embora que agora ... “

93. Acabou...

94. É... Aí no outro dia ela levantou, aí ela veio falar comigo, eu falei *[inaudível]*:

95. Como?

96. Eu falei: “Muito bonito, né? Se você quisesse beber a gente bebia... tomava junto...” Ela: “Mãe, todo mundo da minha idade já tomou um porre! Eu era a única que não tinha bebido... Até fulana e fulana, que tem treze, quatorze anos, mãe, bebem, eu nunca tinha bebido!” Eu falei: “Por isso mesmo, filha, se você quisesse, se você dissesse para mim, nós duas iríamos beber juntas aqui... você iria passar mal... aqui! Não ia fazer esse vexame todo, todo mundo vendo você carregada, você entrar no carro de um outro rapaz, fazer a maior sujeira no carro do rapaz... Agora eu quero ver você ir lá pedir desculpas para o rapaz pelo que você fez no carro dele... Quero ver você encontrar agora a tia K. e pedir desculpas, porque você lavou ela, do tanto que você vomitou nela”. Então ela... e não fez mal, ela acordou numa boa (rindo). Sem ressaca, sem nada! Mas aí eu falei: “Bom, é... você não vai mais para a praia”. Ela falou assim: “Isso é por falta de

confiança ou por castigo?” Eu falei: “Castigo... não por falta de confiança. Eu vou continuar confiando em você. Isso é por castigo. E eu também sou culpada porque eu deixei você tomar quase um litro... um vidro de...”

97....uma garrafa de vinho...

98. “...uma garrafa de vinho, e deixei você sair”. E eu não percebi que ela já estava... eu acho que... ela tomou e já saiu... não deu tempo... Aí passou, tudo, na escola ela contou que não ia mais para a praia, aí as meninas: “Tia...” E eu: “Ela não contou para vocês o porquê? Ah, então deixa que ela vai contar, a tia não vai contar...” “Filha, porque você não contou... se você disse que era normal... se é tão normal você deveria contar para elas. Que foi porque você tomou um porre” “Ah, mãe, eu fiquei com vergonha...” Eu falei: “Ah! Então está errado o que você fez. Porque quando a gente se envergonha de alguma coisa é porque a coisa não é muito certa, alguma coisa está... diferente na história...” Daí passou essa história... Não bebeu mais, eu falei “Filha, quando você quiser, toma um pouquinho... não vou dizer para você não beber. Se você vai sair, toma um pouquinho, mas

saiba o que você está fazendo.” Aí passou essa história todinha, aí foi quando aí que ela veio para Londrina e começou toda a história da maconha.

99. Hum-hum...

100. Enfim, a minha solução, eles estavam desesperados, sabiam que eu não ia confiar mais... E eu mostrando para... principalmente para o W. a minha situação com relação ele, “porque eu estou sendo omissa com relação a você, W., porque eu não estou contando para a tua mãe, é um direito dela saber... Só que eu não sei como ela vai reagir, ela pode reagir como eu, mas ela pode reagir diferente, como você está com medo que ela reaja... E eu não sei o que eu vou fazer...” E foi passando, e eu chorava, chorava... aí me deu uma luz, eu falei: “Não, eu vou fazer o seguinte: com a X. eu posso fazer isso, com você eu não posso. Daqui a três ou quatro meses ela vai fazer um exame... para mim... para eu saber se ela continua fumando maconha ou não. Se ela estiver fumando maconha, continuando, aí tudo isso daqui vai ficar apagado, eu vou contar para a sua mãe, e a atitude que sua mãe vai tomar com você, problema de vocês.

Agora, a atitude que eu vou tomar com a X., vai ser diferente. E ela sabe muito bem os extremos que eu posso chegar.” Na hora eles: “você vai fazer isso, tia? Daí eu também quero fazer o exame” Eu falei: “Não, eu não posso obrigar você a fazer isso... porque a X. é minha filha, você é o namorado dela.” “Mas eu quero, tia.” Depois eu pensei... analisei, eu falei assim: “Eu estou sendo egoísta. Eu estou vendo só o lado dela. Se eu descuidar do lado dele, ele pode continuar fumando a maconha”. Eu falei: “tudo bem, se você está me dando esse direito, eu vou cobrar isso de você, e a partir do momento que você me deu o direito de te cobrar isso, eu vou cobrar e nós vamos fazer o exame. Se o exame der positivo, eu vou pegar o exame e mostrar para a sua mãe. Se o exame der negativo, você vai fazer o que você quiser... porque a sua mãe já está ouvindo comentários... que você está fumando. Só que é muito mais fácil a gente fingir que não sabe... porque se eu estivesse fingindo que eu não sei, eu não estava passando por tudo que eu estou passando. Eu estava me enganando, deixando vocês entrarem no fundo do poço... só

que eu não ia estar sofrendo...
Vocês iriam sofrer...”

101. *É, você teve uma atitude interessante mesmo... Deixe-me perguntar uma coisa. É... tudo isso aconteceu este ano, né...? Março...*

102. Este ano... Março, Abril...

103. *Março, Abril...*

104. Julho eu descobri.

105. *Julho você descobriu... Algo mais aconteceu desde o ano passado para cá na família?...*

106. Ah!...

107. *...nesse período aí da descoberta... ou as mudanças, situações novas...*

108. Não.

109. *Não... A pergunta a que eu quero chegar...*

110. A situação mais nova que ela viveu foi o fato de ter vindo para cá...

111. *Até o segundo ano ela vinha...*

112. Vinha e voltava de ônibus...

113. *Quanto tempo de viagem?*

114. Quarenta... de ônibus uma hora e pouquinho...

115. *Uma hora e pouquinho... e aí ficou mais prático...*

116. E daí ficou mais fácil, ela tinha que ficar à tarde, aí ela começou a

fazer o inglês aqui... com essa amiga... que daí engravidou... Aí essa amiga engravidou. Aí a X. ficou assim transtornada porque...

117. *A amiga era sua...*

118. É, amiga minha, né... Ela era noiva e daí acabou engravidando. Aí ela ia para Ivataí, porque ela iria se casar, e ia voltar para Ivataí, e... a X. ficou com medo: “E agora? Como é que eu vou fazer?” E nesse tempo também, de Março... tem até data do primeiro dia que ela fumou... mas ela falou que ela fumou mas não sentiu nada. [ri] Aí...

119. *Ah, no diário dela consta que ela começou a experimentar em Março...*

120. Março... Março, Abril

121. *Março, abril*

122. É, uma coisa assim... tem a data. E que ela não sentiu nada... da segunda vez também não sentiu nada... então tem todo... as vezes que ela fumou...

123. *Não houve mudanças na sua... a pergunta que eu te faço...*

124. A única coisa é que... eles transaram.

125. *Isso também você descobriu... no diário...*

126. Lendo o diário... mas não me chocou, porque eu havia dito para

ela: “Filha, cuidado, se você estiver com coisa de contar para a mãe, não tem por que, é... mas tenha cuidado... Se Deus me livre acontecer alguma coisa... tem a pílula do dia seguinte... você liga pra mãe, nós vamos no médico, eu te respeito, para evitar uma gravidez... Ela estava assim... desesperada. No diário ela falou: “Estou desesperada porque eu não consigo contar para minha mãe”.

127. *Que transou...*

128. Que transou... Aí ela falava “Mãe...” Eu disse: “Filha, esse problema de transar para mim não tem problema nenhum agora, diante disso da maconha... isso é o de menos... a única coisa que vou fazer agora é levar você no ginecologista, ele vai te dar umas pílulas, vai conversar com você, vai olhar para ver como é que está, tudo bem, eu só não queria que fosse assim, porque eu queria compartilhar isso com você, eu queria que você contasse para mim, e eu ia te amar, filha, a gente ia se abraçar, você ia dizer para mim se tinha sido bom... Agora, do jeito que eu estou, não quero nem perguntar. Eu só quero dizer para você: “Tudo bem, isso aí é o de menos. Você quis assim, tudo

bem, o problema para mim é a maconha. Se você transou, ou não transou, isso para mim ficou de menos agora, minha filha. Eu só queria vivenciar isso de uma forma gostosa com você... mas não vai ser... (...)

129. *A... pergunta a que eu queria chegar é a seguinte: na sua opinião, por que os jovens usam drogas...*

130. A partir da experiência que eu tive com ela...

131. *... e a sua opinião mudou com a sua experiência?*

132. Porque a minha primeira reação foi: “Eu estou errada... eu estou agindo errada de alguma forma... quê que eu estou fazendo de errado?”

133. *Você é a culpada...*

134. Eu me culpei... e isso para ela era pior ainda... porque ela falou: “Mãe, você não tem culpa de nada, está tudo bem, não tem nada de errado, não tem nada de ruim, tudo o que você pode fazer você faz para mim...” Porque até há uns tempos atrás ela havia me dito assim: “Mãe, as meninas fazem as coisas escondido... falam para a mãe que vão para um lugar e vão em outro. Falam para a mãe que a festa é de um jeito e a festa é de outro.”

**135. Hum-hum... Pode
continuar falando [me
inclino para verificar a fita
no gravador]**

136. Aí ela... ela falou: “Eu não preciso fazer isso, mãe, porque você sempre deixa... Você não tem esse tipo de preconceito com certas coisas...” porque tinha uma festa do escurinho, e ela disse para mim: “Mãe, é uma festa do escurinho, é tudo no escuro, é com umas lanterninhas, e as meninas não contaram para as mães que era assim, só você que sabia.” Eu falei: “Porque você sabe muito bem, filha, que não seria isso que eu iria dizer não, você não vai porque o ambiente é assim ou assado... porque eu confio em você”. Ai, ai... Daí ela foi falando, foi falando, eu falei: “Filha, mas alguma outra coisa deve estar errado!” Ela falou: “Mãe, não é. Todo mundo fuma. Todo mundo fuma, todo mundo experimenta, aonde a gente vai. É a coisa mais fácil que tem. Você acha que eu não iria experimentar, mãe? Eu ia querer experimentar.” Ela disse assim uma frase que eu sempre digo: “Você não disse que é melhor a gente mesmo se arrepender pelas

coisas que faz do que por aquilo que não faz?”

137. Não é ao contrário a frase?

138. Não... Eu acho que pela minha experiência de vida eu me arrependo das coisas que não fiz...

139. Que...?

140. Que não fiz...

141. É que você falou ao contrário quando você disse a frase...

142. Ah... tá. E eu sempre dizia: “É melhor se arrepen... não, pelo que... é... eu dizia que é melhor se arrepender pelas coisas que fez do que pelas que não fez...”

143. Ah, então...

144. ... porque eu tenho muito arrependimento das coisas que não fiz... e não pelas coisas que fiz... não tanto. E eu sempre dizia para ela assim: “Aproveite a sua vida. Curta a sua vida. É... curta, quando vai às festas, curta a sua festa. Aproveite mesmo, coisas que eu não fiz.” Então eu queria que ela fizesse, mas aí deu tudo errado... eu falei: “Filha, eu não queria que você fosse a uma festa e bebesse até cair, e experimentasse drogas... não era isso, quando eu dizia que era para você curtir a sua festa, é curtir mesmo, curtir a música, dançar, conversar com seus amigos... Não

precisar de outras coisas para curtir a sua festa.” Então eu acho que às vezes eu errei muito nisso, na forma que eu dizia as coisas para ela e ela ia interpretando da maneira...

145. *Você acha que passou uma mensagem ambígua para ela?*

146. É... Eu acho que...

147. *Mas você também disse que esclareceu muito sobre drogas...*

148. Muito sobre droga... Todo artigo que eu pegava que tinha sobre droga: “Filha... vamos ler? Olha aqui.” Alguma... quando tinha reportagem, aquele... Thunderbird apareceu muito na televisão, ele tem uma história de vida muito bonita. E ele expõe muito a história de vida dele. E ele é todo escrachado, ele... hoje ele está limpo, mas ele continua sendo o que ele é... então isso que eu passava para ela... “a pessoa não precisa usar droga para ser o que ela realmente é”. Aí a... sei lá, acho que ela entendeu tudo errado... eu acho que ela entendeu tudo errado... E acho que essa é a minha culpa também.

149. *Uma das respostas que você está me dando é assim: “Os jovens começam a usar*

drogas por... culpa dos pais?”?

150. Não sei se seria correto isso...

151. *Você se culpou...*

152. É, eu me culpei. Eu me culpei...

153. *No caso não tem... não vamos dizer “a culpa é dos pais”. Você acha que uma educação extremamente liberal, mas se não deixar um discurso muito claro proibindo, reprovando...*

154. É, porque... ao mesmo tempo que eu tinha essa liberalidade, nós vivemos com regras... muitas regras.

155. *Hum...*

156. Eu imponho muitas regras. Só que eu acho assim... Pelo que eu havia vivido, então eu queria assim que ela curtisse, que ela aproveitasse a vida como eu não aproveitei... então eu dizia pra ela que aproveitasse... Eu nunca fui em festa, eu não... eu tive uma juventude assim, de dizer assim, “ah, ela... foi uma juventude legal, foi gostoso, aproveitou bastante...” Eu não tive isso. Então eu queria passar para ela que ela aproveitasse, ainda que assim, festas, não ia em tantas, ela sabia que eu não deixava tantas festas... Mas quando ela ia, ela podia dizer claramente para mim

que tipo de festa que era. Porque eu nunca fui assim de ficar: “Não! Cuidado! E isso é aquilo...” Eu dizia assim: “Olha, filha, não pegue nada de alguém que veio te oferecer”, esse tipo de coisa que a gente ouve falar desde que a gente é... Então, é, eu acho que meu maior erro foi ter dado assim asas pra ela achar que eu ia ser liberal demais. Mas ao mesmo tempo, em casa, nós sempre fomos de regras. Horários, eu sempre dizia: “Horário é para ser cumprido.” Se eu marcasse, duas horas, chegasse duas e meia, teria castigo. Próximo final de semana não sairia.

157. *Você experimentou drogas na sua juventude?*

158. Nunca.

159. *Nunca provou?*

160. Nunca provei... e foi uma das coisas que eu disse para ela. Eu falei: “Filha, teu pai...”, porque o pai dela sempre foi tido em Ivataí como... o terror. E eu disse para ela...

161. *O terror, como?*

162. Ele... foi o... quarto filho, foi o filho homem, o casal já tinha... mais de cinquenta anos quando ele nasceu... então... tudo ele podia. Em Ivataí eles tinham... [faz gesto típico com os dedos]

163. *Dinheiro...*

164. Dinheiro... Então ele podia tudo. Ele foi, acho que o primeiro a ter um carro, quando todo tinha moto 125 ele tinha uma 750, aí o pai dele morreu ele tinha vinte anos, ele começou a lidar com os negócios das irmãs e da mãe, então ele era tido lá em Ivataí como... o terror da cidade. Eu era tida como...

165. *Por que terror?*

166. Porque tudo ele fazia! Tudo ele fazia, ele bebia, falavam que ele usava droga, ele tinha assim os melhores carros, ele pegava todas as meninas, por causa dos melhores carros, por causa do dinheiro... Então ele era tido... e desde criança ele sempre foi muito arteiro, com sete anos ele dirigia... Ele sempre teve tudo, ele sempre aprontou, ele chegou num ponto que falaram para ele, ele tinha acho que quatorze anos: “Aposto como você não pula pelado do trampolim!” Isso, três horas da tarde com toda a mulherada na piscina. Ele subiu no trampolim, tirou a roupa [rindo] e pulou! Então, totalmente... E eu era tida como a menina certinha, filha do [menciona o nome de seu pai], aquela menininha... que era o

bibelozinho da cidade, toda certinha, de repente comecei a namorar ele. Mas ele nunca me apresentou nada dessas coisas. Ele nunca me apresentou nada, e eu disse para ela: “Filha, as pessoas dizem isso...”

167. *Quantos anos vocês ficaram casados?*

168. Nós namoramos cinco anos...

169. *Quando vocês começaram a namorar você tinha que idade?*

170. Dezesete anos.

171. *Aos 22 vocês se casaram...*

172. Isso. Dos 22 aos trinta... e... seis... depois do acidente, dois anos depois do acidente aí eu resolvi separar.

173. *Como foi esse acidente?*

174. O acidente foi uma coisa que marcou muito eles também ... É... ele estava em C. [*nome da cidade*], naquele tempo...

175. *O acidente faz quanto tempo?*

176. Sete anos.

177. *Tá.*

178. Ele estava... nós temos... ah... fazenda lá em C., né, na região lá de C.. E ele ia muito para lá. Ele ficava muito pouco em casa, ele ficava... quarenta dias viajando, uma semana em casa, e... eles estavam em outra cidade, que é...

tipo Londrina - Cambé, assim, é juntinho, atravessa o rio já começa... E vinha descendo... ele estava subindo, vinha descendo um carro-forte, o carro forte acho que teve algum problema com um outro carro lá da outra via, atravessou o canteiro, existia um jardimzinho, e ele não viu... e bateu... o motorista morreu, a esposa do motorista ficou muito ferida, a filhinha quebrou acho que as duas perninhas, e ele... quebrou a perna, o braço e teve traumatismo craniano. Ele ficou em C. vinte e cinco dias na UTI, depois veio para cá, na Santa Casa, ficou mais quarenta e poucos dias na Santa Casa, aí quando foi para a casa da mãe dele ele ficou praticamente um ano e meio assim, ele nem sentava direito. Hoje ele já tem, assim, bem mais movimento, né?... Então isso chocou muito as crianças, porque eu fui para C., fiquei lá mais de vinte dias, eu nunca tinha deixado os meus filhos...

179. *Por que vocês moram em Ivataí?*

180. Porque nós temos terra lá também.

181. *Ah, aqui também.*

182. É...

183. E você nunca tinha deixado os seus filhos...

184. Nunca tinha deixado assim, nem por... nem para ir acho que a um baile, eu tinha deixado as crianças.

185. Então quer dizer que essa sua filha, né... tem... tinha dez anos na época...

186. É...

187. O outro tinha sete, oito anos

188. É...

189. Enquanto o menor tinha... cinco aninhos.

190. É, quatro ou cinco.

191. Quatro ou cinco anos.

192. Hum-hum...

193. Hum-hum... Por que vocês se separaram?

194. Nós já estávamos vivendo um problema seríssimo antes do acidente, estávamos chegando ao ponto... principalmente ela...

195. E ele usava droga?

196. Não sei... Bebia muito. Foi o que eu falei para ela: "Filha, se teu pai usava droga ou não usava, eu nunca soube.

197. Você imagina que o acidente possa ter tido alguma ligação com...

198. Não, era... ele tinha acabado de almoçar, eles iam deixar a menina

na escola e iam para o banco.

Então, pelo horário, se fosse...

199. Foi um acidente na zona urbana, assim?

200. Foi em zona urbana... É... Na cidade... Foi em pleno centro. Era meio-dia e meia, da tarde... Então, se fosse de madrugada, eu até podia pensar: "Ele devia estar..."

201. Chapado...

202. É... mas não foi, e nem ele estava dirigindo. Eu até acredito que se fosse ele que estivesse dirigindo, ele tinha conseguido tirar o carro... que ele tinha... ele dirigia muito bem.

203. É, se ele dirigia desde os sete anos...

204. Ele dirigia muito bem... eu acho que se fosse ele, ele iria ter... mais...

205. Como vocês reagiram com o acidente, como essa filha reagiu?

206. De início foi assim um choque, né? Foi um choque...porque... para C.... foi dia 6 de dezembro... o Natal eu não passei com os meus filhos... e eles ligavam, choravam, choravam para que eu voltasse, e eu fiquei em C. sozinha com ele, é... até que pudesse ser transferido para... ele veio até de UTI no ar para poder vir para cá... Eu cheguei acho que dia vinte e,

dia vinte e nove, trinta aqui, e as crianças desesperadas. A minha sorte é que a moça que trabalhava comigo já tinha um certo tempo lá comigo, então ela deu toda a assistência para as crianças, para não tirarem da minha casa para levarem para a casa da minha mãe, que também estava doente... Então ela ficou o tempo todo com eles, deu toda a assistência, foi assim... para eles hoje ela é a... e desde então acho que a ligação ficou mais forte ainda...

207. *Sim...*

208. Aí eles... chocaram bastante quando eu... quando ele... quando ele foi para casa, da mãe, foi quando eu levei eles para ver... A pequena entrou no quarto, viu o pai naquele estado, ficou três meses sem entrar no quarto. Simplesmente não entrava no quarto... chegava na casa da avó, ficava ali, quando se falava de ir para o quarto para ver o pai dela....

209. *Como estava o pai dela?*

210. Ele não falava nada... só falava “Nossa Senhora!”... “Ai, Nossa Senhora, Nossa Senhora, Nossa Senhora...” Não... não mexia nada, só mexia o braço... esquerdo...

211. *Ele ficou deformado?*

212. Não, ele não teve nada... Eu acho que [trecho incompreensível], aí deu um hematoma... Muito forte... Só que o...

213. *Com a concussão...*

214. É, eu não vi sinal nenhum nele... E no outro dia já estava lá... eu não vi nenhum sinal nele... Então eu... por isso foi uma das dúvidas grandes. Aí... porque daí ele teve problemas de pulmão, teve que fazer dreno, nos dois, porque estava ... Aí teve infecção pulmonar, toda essa história... E os outros dois encararam... melhor. Principalmente a X., que ela que teve uma convivência um pouquinho melhor com o pai dela. Ela teve... ela que foi privilegiada de ter um pouquinho de convivência com o pai, e também teve a... não foi tão privilégio, porque ela era maior, então ela via tudo o que o pai fazia. Então, as brigas homéricas...

215. *Ah, sim...*

216. ...porque ele brigava sozinho... que eu nunca brigava... então era briga... as brigas homéricas dele, ela assistia. Aí ela vinha perto de mim, ele ficava bravo, e falava: “Porque essa filha só fica te protegendo!” E ela era bem pequenininha, mas, é lógico, ela

via a mãe naquela situação, ela... Então, ela participou de muita coisa. E quando foi para a separação, nenhum deles, assim, se opôs, ou... perceberam que eu estava deixando de vir muito para cá... estava me afastando, até o dia que eu cheguei e disse: “Olha, eu e o pai não temos volta...” A única coisa que eles diziam “Mãe, porque você não se separa no papel?”

217. Qual o motivo de você se separar?

218. O meu motivo de separar?

219. É.

220. Ah, é porque já não tinha mais... como, quando do acidente já não existia mais nada... eu já estava muito magoada, já estava muito sentida, já não existia mais nada... Ele já sabia que eu não iria suportar mais aquilo (...) [*pausa prolongada, eu consulto meu roteiro*]

221. Certo... Na sua opinião então, se você pudesse por que os jovens então começam a usar drogas, como você vê...

222. Pelo que eu sentí com a minha filha, é em busca do novo...

223. A curiosidade...

224. A curiosidade... Em busca da ousadia, em busca de fazer

daquilo... do perigo, da sensação da...

225. E qual o perigo das drogas para você?

226. Ah! De dependência... Dependência.

227. Então é um problema grave para você...

228. Muito, muito, seríssimo, do tanto que eu...a situação em que eu fiquei, aí eu fui para o psiquiatra...

229. Hum-hum...

230. Porque eu entrei numa depressão terrível. Então eu acabei indo para um psiquiatra, porque eu falei: “Eu não vou conseguir... trabalhar isso para mim...” Aí foi indo, daí a minha reação foi assim, aí ela veio para... aí eu não sabia se eu deixava ela vir aqui em Londrina, porque hoje, ela já estava morando sozinha já... Ela já estava morando sozinha, aí eu não sabia se eu levava de volta para casa, se eu deixava aqui... Aí... Mas eu também pensava: “Mas eles se comprometeram comigo...”

231. Pode continuar...

232. Que eu não queria que eles... a partir do momento que eu tinha proposto para eles o exame, e eles tinham concordado...

233. *Sim... Você teve que honrar tua palavra...*

234. É... Então eu achava que não seria correto da minha parte falar assim: “Não, você vai vir para Ivataí, você não vai estudar mais nesse... lá no colégio, você vai vir estudar aqui...” Tirar, cortar tudo dela, então eu achei assim, eles se comprometeram comigo, eles sabem que eu vou fazer isso, então eu vou... vou deixar as coisas caminharem. E hoje ainda, a semana passada nós conversamos e ela falou assim: “Mãe, eu estava conversando com o W.. A melhor coisa que aconteceu foi você ter descoberto, mãe. E a gente...”, daí ela falou assim, nos dias em isso aconteceu, e tudo, diz que ela falava assim: “Quê que a minha mãe vai fazer? Que atitude a minha mãe vai tomar? Eu nunca imaginei, mãe, que você ia falar no exame...”

235. *Ah...*

236. “Eu nunca imaginei que você, que a atitude sua seria um exame...” Eu falei, “Filha, eu vou fazer esse exame... não se engane, que eu vou fazer esse exame” Aí eu brinquei, no dia que eu falei, eu disse: “Mas por quê que o exame do David deu negativo, se o pai dele levou?” Daí o W. entrou:

“Porque o pai dele falou para ele o dia que ele ia levar, ele comeu tanto doce, tanto leite condensado, não sei o que, não sei o que, não sei o que...” Não sei se altera... Não altera? Acho que ele tinha fumado muito pouquinho, só tinha experimentado... ou não fez o exame...

237. *A gente pode falar disso depois...*

238. Ah, tá... É... Ainda eles me contaram... “Não, tia, é porque ele tomou antes umas duas latas de leite condensado, aí não acusou no exame”. Quer dizer, eu achei inocente lá da parte dele me dizer que pode ter, quem sabe, pode ter alguma forma de camuflar o exame, para que eu ficasse esperta e chegasse e falasse assim: “Hoje nós vamos fazer o exame. Vem!”
[Ri muito, rio também]

239. *Eles entregam o ouro...*

240. É, entregam...

241. *... e escondem ao mesmo tempo*

242. É, é...

243. *Como que faz para prevenir esse problema?*

244. Tem que ter muita atenção. Tem que ter muita atenção e assumir... Porque eu acho assim, seria muito mais fácil para mim se eu pusesse uma venda... uma venda nos olhos

e não visse as mudanças que estavam ocorrendo. Como o incenso, como o... a música do Bob Marley, como... o que ela falava do Bob Marley, é... o comportamento dela agressivo, ela foi ficando agressiva... Quando eu falava da maconha ela me retrucava, para defender... ou ela ficava quieta... Daí eu dizia: “Não, não é possível, alguma coisa está acontecendo...”

245. Mas não perguntou...

246. Não perguntei.

247. Hum-hum...

248. Não perguntei... mas se eu perguntasse ela ia negar. Se eu perguntasse ela ia negar... por isso que eu fui atrás do diário...

249. Que ela deixava lá...

250. Que ela deixava lá, porque ela tinha certeza que eu nunca iria mexer... E foi uma das coisas que me magoou muito, que eu falei para ela: “Filha, você nem imagina o quanto me magoou ter que ler isso daqui... “ Ainda disse para ela: “Isso aqui não volta mais para você... vai ficar comigo, guardado. Está guardado comigo”. Aí eu falei: “Incenso? Eu não quero mais saber de incenso nesta casa!...” [*começa a rir, rio também. Continua rindo:*] “Aquele bonezinho que eu mandei

você fazer você vai queimar!...” Eu também não ia poder ser tão sensata, né? Eu tinha que extrapolar um pouco! Era muita sensatez! [*rindo muito*]

**251. Você estava assustada...
você estava passando um
momento...**

252. É...

**253. Bom, como é que se trata o
problema quando acontece?
Você me contou da sua
experiência...**

254. Então... Na época eu tive que ir num psiquia..., num psicólogo com ela, [*inaudível*] Mas eu vi que ela ficou meio... quando se falou em psicólogo... Mas ela ainda falou assim: “Se for para você ficar bem, mãe, nós vamos juntas me consultar.” Mas como eu tinha proposto essa coisa do... do...”

255. Do teste...

256. ... do teste... e como eu tinha sentido que eles disseram... eles foram bem claros: “Não tem problema nenhum... que problema nós temos? Foi simplesmente por curiosidade! Foi simplesmente por... fazer uma coisa diferente”. Daí eu falei: “Vocês fizeram foi diferente? Vocês fizeram o que todo mundo faz... Diferente é aquele que não faz! Esse que é diferente”

257. E o que ela falou?

258. Você teria... aí eu justifiquei para ela: “Filha, diferente é o seu irmão. Ele *[incompreensível]* Olha o comportamento dos outros meninos, e olha o comportamento dele. Ele é diferente. E ele se destaca por essa diferença, porque ele não se droga, não bagunça... Ele está sempre na dele, nem por isso ele deixa de se divertir, ele vai às festas, ele se diverte, ele aproveita, mas sempre o que é errado ele está fora. Ele é diferente. Vocês não poderiam ser diferentes dessa forma?”

259. Hum-hum...

260. “Vocês não estão sendo diferentes, vocês estão sendo iguais! Iguais ao... à mediocridade... que é ir atrás disso daí”. Eu falei: “E se eu não descubro isso, aonde vocês iam parar? Aonde vocês iam parar? Porque para mim, falei para ela, seria muito mais fácil fingir... eu não ia estar sofrendo o que eu estou sofrendo. Se eu fingisse que não estivesse percebendo que alguma coisa estava acontecendo... Eu não ia estar sofrendo tudo isso, que hoje eu não ia estar sofrendo...” Até a menina que trabalha lá, está grávida, então estava a maior

paixão quando ela engravidou... Quando ela chegou, que eu contei para ela, porque ela me viu... “que está acontecendo?”, eu falei, Marlene... Nossa, mas ela saiu com um choro, um choro, um choro, entrou no quarto da X., falou, falou, falou, falou, falou... Aí ela... o meu menino falou assim: “Levou uma dura da Marlene, heim, X.?!”

261. Hum-hum...

262. Daí ela falou assim: “Quê que eu posso fazer? A Marlene não tem esse direito...” Eu falei: “Tem porque gosta de você! Porque se não gostasse, ela não ia se preocupar. Ela tem esse direito porque ela gosta de você. Você viu o estado que você deixou ela? Grávida, você viu o estado que ela ficou?”

263. Hum-hum...

264. Eu falei: “E ela, X., é uma moça que ela não tem nem o primeiro grau completo, e ela sabe o que a maconha faz. E você vem dizer para mim que a maconha não faz mal? Que a maconha é normal? Qual é o problema da maconha?”

265. Hum-hum...

266. Então, hoje está assim. A gente conversa sobre isso, não fico falando toda hora, pegando no pé, ela diz: “Tá, se você quer, ó, eu

olha o teste!” Não. Não se toca no assunto, quando vem algum assunto na televisão a gente conversa alguma coisa... Esses dias...

267. *Você se sente hoje mais tranquila com ela?*

268. Ah, bem mais! Bem mais...

269. *E o tal teste?*

270. Vai ser feito! Com certeza! Eu estava só esperando ela passar essa época de fra... de, de provas, isso tudo...

271. *Ela recuperou as notas? Como é que está indo?*

272. Recuperou as notas... Eu conversei com a Orientadora, lá na escola, a Orientadora falou: “Nossa!, mas é impressionante... quê que aconteceu com a X.? Que de repente ela lá da ... da sarjeta ela veio para a...” Recuperou as notas... está assim bem...

273. *E a relação com você?*

274. Ótima!

275. *Na sua opinião...*

276. Agora está muito bem. Muito bem... agora também eu consegui superar isso... porque depois disso eu fiquei assim tipo umas... três ou quatro semanas sem vir para cá... Porque eu venho toda semana e faço assim, durmo com ela passo o dia com ela, depois vou para casa, para que ela não

fique tão sozinha, isso é uma coisa que eu tinha conversado com as crianças, e falei: “Vocês vão ter que aceitar... que a mãe fique lá, e vocês ficam na avó. E a mãe é... é uma noite só que vocês vão ter que dormir...”

277. *A... Sim, diga...*

278. Mas no começo, logo depois que eu fiquei sabendo, não vinha não...

279. *Não?*

280. Não vinha. Eu dizia para ela: “Eu não vou porque... eu não vou estar com vontade de ir. E eu não vou fazer isso.” E ela sentiu muito. Ela sentiu bastante.

281. *Você fala da... da causa dos jovens usarem drogas... parece que então por curiosidade... vontade de ser igual...*

282. Pela experiência que eu tive com ela... ela bateu muito nisso... não sei se pelo fato de eu ter ficado da forma que eu fiquei, ela não... porque senão hoje ela falaria, porque hoje eu estou mais calma, a gente já conversa... bem sobre isso... ela falaria, que eu poderia estar agindo de alguma forma que ela não estivesse gostando. Mas ainda assim ela bate nisso, que é o meio. Todo mundo fuma. Ela fala:

“Mãe, é a coisa mais normal no colégio...”

283. Por quê todo mundo fuma?

Na sua opinião, por quê os jovens fumam maconha?

284. Eu acho assim... uma grande maioria... eu acho assim... problemas em casa.

285. Família... fatores familiares...

286. Eu acredito. Por isso que eu achava... que tinha alguma coisa errada. Ainda cheguei a dizer para ela: “Filha, o problema de você estar usando droga, de ficar procurando por aí, é o fato de a mãe não estar com seu pai? Porque seu pai está lá daquele jeito, e a mãe ter assumido que não iria ficar com ele? Isso está te fazendo mal?” “Mãe, você sabe que não, você sabe que por mim você estava até namorando!”

287. Ah!

288. Ela falou: “você sabe que isso não me incomoda, mãe!”

289. E você não fez outra relação afetiva?

290. Não. Não. E isso é uma coisa que ela sempre me cobra.

291. E por quê?

292. Porque ela acha que eu deveria sair, ela acha que eu deveria ter uma pessoa na minha vida... Então ela sempre me cobra isso.

293. E isso foi uma decisão sua de não ter?

294. Não, eu acho que porque não aconteceu, eu sou uma pessoa muito pacata, de ficar muito em casa, Ivataí já... deixa a gente mais pacata, então... Se eu venho para Londrina, eu venho para sair com ela...

295. A maior parte você fica em Ivataí mesmo?

296. Fico em Ivataí... Quando a gente vem, nós vamos ao cinema, que é uma coisa que eu gosto muito, e ela também gosta, nós adoramos assistir filme... tá, são coisas que a gente faz juntos... Mas assim, não tem... por enquanto eu não me vejo com uma outra pessoa...

297. Certo...

298. Então eu achava que pudesse ser isso, que pelo fato do pai dela estar na situação que está... e eu... não estar ali com ele.

299. Alguma coisa em relação à estrutura... às mudanças na família, né?

300. É. Ela falou: “Não, mãe não é nada disso.” Daí eu falei, “Filha se for esse o problema, eu... vou procurar conviver mais com seu pai, com vocês lá...”, normalmente eles vão com o pai, e eu quase não vou. “Se for esse o problema a mãe vai procurar conviver mais lá,

se você acha que é isso que está te...” “Mãe, não é por nada disso, mãe, eu fui, eu só fiz porque eu queria experimentar! Por quê que eu não iria experimentar?” Só que eu acho assim, é... ela foi esse caso, só que muitos casos já não é. O namorado dela mesmo é um menino que a mãe reprimiu muito...

301. Hum...

302. Muito, muito, muito, muito, muito.

303. Você acha que o namorado influenciou ela no início?

304. Ela diz que não. Ela diz que se não fosse com ele ela iria fumar com a turma.

305. Tá. Mas ela começou a usar depois que começou esse namoro...

306. É...

307. E ele já usava antes...

308. Não, ele também começou a usar assim, bem pouquinho tempo antes de... dela começar. O problema é que ela foi bem clara para mim, ela falou: “Mãe, quando o W. falou para mim que estava fumando, eu falei para ele que eu queria.” Ela falou para ele que ela queria.

309. E ela assumiu isso...

310. E ela assumiu isso... É!... Eu falei, “você está falando isso para defender ele?”

311. E aí?

312. Ela falou: “Não, mãe, porque se não fosse fumar com ele eu ia fumar com os meus amigos. De algum jeito eu ia fumar. Se não fosse com o W. seria com meus amigos”. Ela deixou bem claro isso para mim. Isso me arrebentou, né, porque, ela foi bem clara que ela iria experimentar de uma forma ou de outra. Aí eu senti, fiquei pensando: “Puxa vida, tudo o que eu falei, tudo que eu conversei, a maneira com que eu sempre falo lá em casa, a gente vive assim uma certa cumplicidade, porque nós somos... nós quatro, então eu digo para eles: “a gente tem que ser muito unido, a gente tem que se amar bastante, porque um tem que ajudar o outro, um vai ter que... estar sempre dando apoio ao outro. Somos, somos só nós...”

313. Hum-hum...

314. E aí pela impressão que eu tinha é que eu tinha feito tudo errado! Mas aí ela deixou bem claro, porque isso foi uma coisa... “Mãe, eu iria experimentar. Se não fosse com o W., não é porque é isso, que não tem problema com você,

você sabe que não tem... Só que eu iria experimentar porque todo mundo experimenta, todo mundo usa”. Então, não sei, mas eu ainda acredito que uma grande parcela, é por problemas familiares

315. A sociedade, na sua opinião, está estimulando ou...

316. *[me interrompendo]* Estimula!

317. ... ou inibindo...estimula ou inibe o uso da droga?

318. (...) É tão difícil... porque ao mesmo tempo que essa droga é proibida, é um incentivo para eles... fazer o que é errado... fazer o que é proibido... Então a adrenalina já... começa a ferver...

319. Por quê que incentiva?

320. Porque é proibido.

321. Ah, tá. No ato de proibir...

322. No ato de proibir... então eu acho assim... Sabe aquele... aquela... parte que eles têm... vão para um lugar... onde ninguém esteja vendo... vamos não sei o quê... Tudo isso, já, a adrenalina já tá... girando, né, circulando... E... fora aquela coisa assim do “como é?”, “o que é?”, “qual o barato que dá isso?” No fim eu acho que ela mesma não conseguiu sentir barato nenhum... Pelo que está escrito no diário

dela *[rindo]*, ela acho que não chegou a conseguir barato nenhum, porque ela não sabia fumar...

323. O barato... é usar.

324. É... é usar... Para ela o barato, a sensação foi de estar usando, é de estar usando. Então, não sei se foi isso, que foi logo no comecinho, que foi o quê, uns três meses... foi durante uns três meses. Pelo que está escrito, em nenhum momento ela sentiu assim o que ela achava que... que fosse. Ela falou: “Ai, eu, não sei o quê, não sei o quê, mas eu não... sinto nada! Eu não sinto nada!” *[rindo]*

325. Que outras coisas você leu no diário que te mostraram aspectos da tua filha que você acha que podem ter relação com essa busca pela droga? Sua filha *[incompreensível]*?

326. Ai... às vezes ela colocava assim, “que mãe chata, que fica pegando no meu pé”, mas eu não levei isso muito... porque eu também falava isso para a minha mãe. Né, então às vezes eu sempre falava isso com eles, quando às vezes eu pego pesado, aí eles entram no quarto, eu falo, “Olha, eu fiz isso muito, entrar no quarto, dar as costas para a minha mãe, mas nem por

isso a minha mãe deixou de me amar e eu deixei de amar a minha mãe. Isso aí, ó, quer ficar no quarto? Tranque e pode ficar.” Então às vezes no diário tinha alguma coisa assim: “minha mãe é chata, fica só pegando no meu pé, minha mãe não vê que eu quero a liberdade” [rindo] Muito de liberdade. Eles estavam muito nessa assim: “é liberdade, é liberdade, é porque eu quero a liberdade, a liberdade é tudo...” Aí foi até com os dois eu falei: “Liberdade... Como? Nós vivemos com a sociedade, nós temos que estar prestando... conta dos nossos atos a toda hora!... Por mais que você tenha a sua liberdade, de alguma forma você vai ter que prestar conta de seus atos, se não é para a sociedade em si, é para a pessoa que você ama, é para a pessoa que te ama... Você não pode ter uma liberdade completa, essa liberdade que vocês estão sonhando...”, que até eu li, dentro do diário tem uma cartinha dele para ela falando da tal liberdade; “E essa liberdade que vocês estão sonhando, vocês estão achando que é Woodstock? Não existe! Mesmo dentro de Woodstock... existiam regras! Por mais que ali fosse liberdade, eu

tenho certeza que lá existiam regras! Vocês acham que vocês vão viver num mundo de... intensa... liberdade...” Então eles sonhavam com essa coisa de liberdade, de achar que coisa careta não poder isso, não poder aquilo... Eu acho que eles estavam sonhando, um pouco de imaturidade... não sei, até hoje eu fico meio sem saber o... quê que acontecia. Mas eles, o que eles falavam... frisavam muito era assim, essa história de ter liberdade.

327. *Sim... A droga, no caso a maconha, como um símbolo...*

328. Era a liberdade.

329. *E as outras drogas, que você tem a dizer?*

330. Ah, aí é pior...

331. *Pior ainda?*

332. Nossa, aí é...

333. *E as permitidas, as lícitas?*

334. São terríveis também, porque eu convivi com uma pessoa que vivia com droga lícita, a bebida. E foi terrível! Terrível, terrível, terrível, terrível, terrível. E era lícito... Hoje eu também tomo, eu tomo fluoxetina e tomo Lorax... Eu falo: “São minhas muletas”, e eu assumo isso para as crianças. É minha muleta... e até... eu vou ter

que ter, que achar uma... uma forma de eu tirar essa muleta... química... nem que seja uma outra muleta, mas que não vá me fazer mal.

335. *Hum-hum...*

336. Então, é... Droga, tanto a lícita como a ilícita, é uma coisa terrível, porque...

337. *Quê que é droga para você?*

338. Que é droga para mim?...

339. *É. Defina...*

340. É tudo aquilo que eu preciso... para me dar uma sensação de bem-estar... me dar uma sensação de fuga, me dar uma sensação prazerosa. Que não seja saudável, porque o exercício físico para mim me dá toda essa sensação...

341. *Você pratica?*

342. Hã-hã... Me dá toda essa sensação...

343. *E o episódio do “porre” com a tua filha? Como é que fica essa história com o álcool?*

344. Pois é... eu disse... foi bem claro para ela, eu disse bem claro para ela: “Filha, por favor”... aquilo me chocou muito, ela viu que eu fiquei assim

345. *Foi antes da droga... da maconha...*

346. Foi antes da droga... fiquei, mas não fiquei tanto quanto a droga, para você ver como são as coisas...

347. *Sim...*

348. Não foi tanto quanto a maconha...

349. *E a maconha também foi muito mais forte que a coisa da sexualidade dela...*

350. Muito! Muito, muito, muito! Porque eu também, sempre dizia para ela, até uma vez ela estava numa rodinha [rindo]... lá em casa sempre foi de muita gente, e os amigos estavam lá, daí um deles: “Ô tia, quê que você faria se a X. não se casasse virgem?” Eu falei: “Virgem? Mas eu nunca pensei que ela um dia fosse se casar virgem... Eu não quero isso para ela! Porque ela vai não saber se aquela pessoa é a pessoa ideal para ela!”

351. *Essa foi a sua experiência?...*

352. [Assentindo afirmativamente] Por isso, muito da minha experiência eu passei, e ela entendeu tudo errado! [rindo]

353. *Por quê você diz que ela entendeu tudo errado?*

354. Porque quando eu dizia para ela que ela tinha que aproveitar, porque eu disse ainda para ela: “Filha...”, porque eu às vezes vou

em algum baile lá em Ivataí, muito raramente, mas eu vou, e eu brinco muito com todo mundo, eu danço, brinco, mas ninguém me vê bebendo, porque eu não bebo... se eu bebo, é em casa, um pouquinho de vinho. Mas assim, dizer que eu vou a algum lugar, e a pessoa vai me ver, e eu vou beber para eu dançar, para eu brincar, para eu me divertir... De forma alguma!

355. *E qual a diferença para você tomar um vinho em casa e tomar um vinho ou outra bebida em público?*

356. Pode até ser uma coisa meio preconceituosa, por que...

357. *Não sei se é...*

358. Porque eu acho assim, eu tomo um vinho na minha casa, eu estou na minha casa, quieta na minha casa, um pouquinho de vinho...

359. *Não é vista...*

360. Não sou... Agora, se eu estou no clube, se alguém me vê com um pouquinho de vinho, e me vê brincando, dançando, conversando com todo mundo, rindo, vai-se dizer: “Ela está assim... porque ela bebeu”.

361. *Mudou isso depois da sua separação?*

362. Completamente! Eu não saía de casa, eu vivia... eu e meus filhos vivíamos numa redoma de vidro...

363. *Depois da separação que você então foi experimentar mais liberdade?*

364. Muito! Hoje eu sou eu, eu sou a A, hoje eu rio a hora que eu quero rir, eu digo o que eu quero dizer, eu penso o que eu quero pensar, e eu vou aonde eu quero ir.

365. *Os filhos notaram essa...*

366. Completamente! E eu digo isso para eles... Eu digo: “Hoje a mãe é feliz.” Ver assim fotos minhas do período do casamento e agora, as pessoas falam que “Nossa! renovou dez anos!”

367. *Houve violência física alguma vez?*

368. Uma vez. Uma vez... Mas o pior era a violência das palavras.

369. *Você disse que você não brigava, ele brigava...*

370. Ah, isso é pior... até hoje... Isso é uma coisa... é uma história... você nem imagina... Pode até ser que eu tenha passado muita coisa... porque...é.. só isso, senão eu vou ficar aqui a tarde inteira!

371. *Nós já estamos terminando...*

372. Sexta-feira... Meu casamento seria no sábado... sexta-feira... Seis meses antes de casar... de

repente o Vito... Vito... apelido dele... parou de ir em casa... Eu mesma me pegava e me levava, eu não sei... até hoje eu não sei o que aconteceu. Aí nós iríamos casar no sábado, nós casamos no civil um mês antes, porque ele tinha um problema na Justiça, uma audiência, e ele não ia comparecer porque ele não tinha se preparado... Aí, vamos marcar o casamento nesse dia, é uma desculpa, eu estou casando... adia a audiência. Casamos em maio. Eu fiquei em casa, e ele na casa dele. Quando foi... em junho nós devíamos casar, dia 25 de junho... Dia 24 eu fui na casa dele que a irmã dele viria comigo para Londrina para pegar meu vestido de noiva. E acabar de acertar as coisas com o pastor. Então eu cheguei lá, ele simplesmente tinha resolvido que meus pais não iriam no casamento... que meus pais e meus irmãos não iam, e não haveria pastor.

373. Assim ?

374. Assim.

375. E você se casou ?

376. Casei.

377. É, essa é uma outra história...

378. É [rindo]... Durante oito anos eu fiquei em Ivataí, meus três filhos

nasceram, e meus pais não conheciam... e Ivataí é uma cidade deste tamanho...

379. Ele rompeu com sua família nas vésperas do seu casamento... aparentemente sem motivo.

380. Até hoje eu não sei.

E você aceitou...

Aceitei...

Imagino então porque que você disse que com a separação foi muito melhor...

Nossa! Muito melhor...

Bom, eu vou desligar...

[FIM DA GRAVAÇÃO EM ÁUDIO]

“B”

SEGUNDA ENTREVISTA

Data: 24/11/01

Duração aproximada: **80 minutos**

Dados de identificação da entrevistada:

Inicial fictícia: B;

Idade: 39 anos;

Etnia: Branca;

Estado Civil: Casada há 15 anos;

Procedência: Londrina, PR;

Escolaridade: Superior Completo;

Ocupação: Artista Plástica;

Situação financeira referida atualmente: Estável, mas passando por fase difícil;

Religião: Espírita (não praticante);

Filhos:

X. (sexo masculino, 12 anos);

Y. (sexo feminino, 7 anos);

O nome do marido da entrevistada na transcrição está identificado como X', por ser o mesmo do seu filho adolescente.

Comentários:

Entrevista bastante tranqüila, ambos estávamos à vontade. Após o início da gravação me dei conta de haver esquecido de perguntar à entrevistada os dados de identificação pessoal e familiar, os quais ocuparam o trecho que vai de B39 a B72. Entrevistada permanece por longo tempo após a entrevista, demonstrando muito interesse em ser orientada quanto aos problemas vivenciados com o filho adolescente e relatados na entrevista.

TRANSCRIÇÃO:

- 1. A primeira coisa que vou te perguntar, B., é: Qual a sua motivação, por que você se interessou em participar da... desta pesquisa?*

2. É... principalmente porque eu estou vivendo um momento em que ele está entrando na adolescência...

3. *Ele é o...?*

4. Meu filho. Posso citar nome?

5. *Pode, pode...*

6. Normal, né?

7. *... eu é que não posso citar depois...*

8. *[Rindo]* Ah, então tá. O X. está entrando na adolescência, ele está... fez 12 anos...

9. *Hum-hum...*

10. E aí eu sempre vejo, né?... Toda vez que eu leio alguma coisa, isso você tem que abordar antes... a adolescência é mais complicado... Mas eu já acho que está difícil porque ele é muito fechado... Ele é extremamente fechado...

11. *Não fala...*

12. Não fala... Ele trabalha, eu faço homeopatia... melhorou muito... me ouve...

13. *[pergunta incompreensível]*

14. Sim... Ele fala... tão corrido que você não entende... ou não fala... Então ele tem todo assim um... eu acho que um lado da personalidade... ele é bem ao pai... e tem um lado que eu... sinto que ele tem que tentar melhorar.

15. *Hum-hum...*

16. E eu... eu... é aí... eu ainda acho que a coisa pode pegar...

17. *Esse assunto da droga...*

18. E toda vez que eu... eu vejo... a...a um filme, ou alguma coisa eu já pego, faço um gancho... dou uma trabalhada...

19. *Tá...*

20. Mas ele olha, assim para mim tipo assim... né, “você tá tão longe, mãe!” *[rindo]*

21. *Ah...*

22. “Deixa quieto, mãe!”, “Ah, mãe, eu sei!”, sabe? Então...

23. *Por quê que você disse que ele está “entrando” na adolescência?*

24. Ah, a transformação física dele, né? A voz dele tá mudando, e... tamanho, ele teve assim um estirão de... de crescimento, violento... a dentista acompanha, e vê isso... e o comportamento. Piorando!

25. *Piorando?*

26. *[rimos juntos]* Ele tá emburrado, ele tá assim, mais fechado. Mais fechado. Eu não consigo... assediá-lo com carinho... ele morre de vergonha... não posso beijá-lo no colégio... Nossa! Eu passo, nem reconheço... Morre de vergonha. Então, são características assim evidentes que ele tá entrando...

27. *É, ele está na adolescência...*

E... o assunto em si da adolescência te preocupa...

28. Hum-hum...

29. e o assunto, é... “drogas”... entre os adolescentes... isso também te preocupa?

30. Me preocupa. Num segundo plano... Me preocupa mais o comportamento dele, eu acho esquisito... também gera mil coisas... Ele tem problema de aftas... ele é muito fechado, então... eu queria assim...

31. *Problema de?*

32. Afta.

33. *Ah, afta bucal, na boca...*

34. É, é... Ele fica emocionalmente assim afetado, ele tem afta... e isso ele puxou bem a mãe mesmo. Mas são coisas assim, então eu fico trabalhando com ele...

35. *Vocês são... quantos filhos a família de vocês?*

36. Eu? Eu tenho mais duas irmãs...

37. *Não, não... a sua família.*

38. Ah, tá. Dois filhos.

39. *É que eu tenho que ir falando para ficar registrado, né? É... dois filhos... e a idade?*

40. Doze.

41. *Doze, que é este que te preocupa... é homem...*

42. É... e a menina, que é sete.

43. Sete anos, uma garota. Tá.

Você está com que idade?

44. Trinta e nove.

45. E o pai?

46. Quarenta e cinco.

47. E o pai, quarenta e cinco. Tá.

São casados há quanto tempo?

48. Quinze anos.

49. Quinze anos. É... você se dedica a uma atividade profissional?

50. À pintura.

51. Pintura. Você é uma artista.

52. Eu tento ser. [rindo]

53. Sim... mas....

54. É, tenho meu... faço comercialmente, profissionalmente...

55. E o teu esposo?

56. O X'. está numa área administrativa... está dirigindo um órgão da secretaria... Mas a função dele é engenheiro.

57. Então ele tem curso superior completo e você também...

58. Hum-hum...

59. Você vê o momento de vocês, particular, da vida familiar, como vocês estão vivendo um momento de estabilidade...

60. Emocional?

61. É, na vida familiar, você julga que vocês estão num

momento de estabilidade da família, e de estabilidade financeira, sócio-econômica?

62. É... emocional, o casal acho que sim, eu acredito que sim. Hoje eu não trocaria meu casamento por cinco anos atrás, assim...

63. Hum-hum...

64. ...porque acho que a maturidade vem mesmo com o tempo, e você tem que... superar certas situações que você vê que foram besteiras... que você está bem assim... emocional sim. Porque eu acho que estou mais madura. Agora, financeira, eu tô assim, vivendo uma situação difícilima, porque eu estou em construção, e a gente priorizou toda a casa...

65. Toda a casa...

66. Então ali... concentra tudo... É um projeto de vida, digamos assim...

67. Tá, mas vocês não estão passando então por uma crise financeira...

68. Não, tá... é estável...

69. Estão num aperto em função de um investimento que é a prioridade de vida de vocês...

70. De vida... é...

71. Então, economicamente o momento de vocês é estável...

72. Estável, sim.

**73. Tá. Então voltando aí...
vamos ver as perguntas....**

74. Então tá.

**75. Então esse assunto, a
adolescência, te preocupa...
o seu filho entrando na
adolescência, entrou na
adolescência... E o assunto
drogas na adolescência...**

76. Então, eu acho assim, ele está vivendo ali, aquele grupo dele, a tribo dele e esses dias eu estava ouvindo ele conversar com o amigo em casa, e eles riam, assim, o tempo todo, ele é outra pessoa com o amigo... Sabe? O tempo todo, assim... então eu senti... com... com o grupo, ou com o amigo em particular, ele se abre, como eles são diferentes! Aí eu vi que eu não tinha domínio nenhum...! Aí me preocupou...

77. Hum-hum...

78. E eu fico assim, eu observo assim, em relação à bebida... que às vezes tem uma cerveja, ele nunca... tenta provar, ele não gosta, já provou uma vez... Então num certo ponto me tranquiliza, a cigarro também...

79. Hum-hum...

80. Mas isso é hoje... né...? E amanhã... eu fico com medo daquela influência.... eu senti que

o amigo tem uma grande influência... Muito, muito! [*frase incompreensível*]

**81. Vocês, na vida de vocês, é...
na sua vida, vamos dizer
assim, né... na vida familiar
vocês não tiveram
problemas com drogas até
hoje?**

82. Não, eu... nunca fumei, bebo raramente... o X'. bebe... deixou de fumar faz... acho que vinte anos já... e... mas eu tive... alguém próximo, sobrinho...

83. Sobrinhos adolescentes?

84. Não, adultos.

85. Adultos já...

86. Quando a gente percebeu estavam envolvidos... tanto do meu lado como do lado do X'. ...

87. Ah, tá...

88. E assim, eram extremos, porque um era do interior, interiorzão, daqui do Norte, e o outro da capital. Um culto, o outro não. Então... eu vi que... que pode, sabe, estar... em... estar em qualquer parte.

**89. Estar em qualquer
parte...**

90. Eu achava assim, um foi do meio artístico, sabe...? Um sócio-econômico bom, é... lidando o tempo todo com artistas, uma cabeça montada, assim, bem

aberta, se rompeu... e o outro lá,
todo protegido, numa cidadezinha
de interior...

**91. *Hum-hum... Que droga que
foi que... você sabe?***

92. Foi maconha...

93. *Tá.*

94. E depois iniciou-se na cocaína.

**95. *Agora, na configuração
familiar de vocês, vocês
nunca tiveram esse
problema?***

96. Não, não.

**97. *Vocês não estão passando
por esse problema...***

98. Não, não... Não, não... E... mas me
assustou muito, porque era
alguém muito próximo de mim. E
a gente percebeu quando... já
estava... totalmente envolvido...

**99. *Hum-hum... Quê que você
acha que leva um jovem, um
adolescente, uma
adolescente a usar droga?***

100. Ah, eu acho que é o grupo... a
influência é muito grande! No
caso, do meu, foi...

101. *Os sobrinhos...*

102. É... o grupo é muito forte... É
muito natural... sabe? Todos
usam... eu acredito que sim, é aí
onde eu meu filho...

103. *Hum-hum...*

104. ...tem que ter uma vida, né...
fora de casa.

**105. *Teu filho já está vivendo
essa vida fora de casa?***

106. É, ele sai, isso. Nunca saiu à
noite, mas ele sai com os
amiguinhos...

**107. *Só uma questão de tempo,
provavelmente...***

108. É... eu senti assim... me assustei
a hora que eu vi, fisicamente
mudando, transformando! A voz
dele grossa, eu falo assim: "Meu
Deus, eu não sei lidar com isso!"
[ri, eu rio também] Se fosse
menina, era mais fácil! Eu tenho
muito acesso... né, à Y. , agora a
ele não... E... e por... para piorar,
domingo eu tive uma discussão
feia com ele, nós brigamos, eu bati
nele... foi assim, me senti... me
acabou!

109. *Hum-hum...*

110. Aí eu senti foi que eu perdi mais
uma parte, sabe? Ainda vou
conversar, mas ainda não senti
que foi o momento...

111. *Hum-hum...*

112. Então são coisas assim, que...
está me deixando de cabelo em
pé...

**113. *Hum-hum. E ele é... o filho
ele é... você sente que ele é
obediente, apesar das
transformações, ele...***

114. [me interrompendo] Ele é.

115. ... mantém uma atitude respeitosa com os pais?

116. Ele é. Mas ele faz muitos desdenhos de mim...

117. Ah...

118. Sabe, aquela coisa assim... tanto que foi por isso... Se vou corrigir, “Ah, mãe, deixa quieto”, ou ele olha assim, sabe...? Aquele olhar... cinismo, de desdenho mesmo. É bem aí... Ai, isso me irrita muito... ou ele, quando eu estou falando, eu falo, falo, feito uma... enlouquecida, ele fica só ouvindo, ele... nada... *[imita o filho olhando vagamente para o alto]*... Eu senti que... entrou e saiu... do mesmo jeito! *[ri, eu rio também]* Eu trabalho muito assim o lado espiritual, também, que eu procuro passar isso para ele...

119. Valores espirituais...

120. Valores espirituais... Eu não sou ligada a uma religião, mas eu sou espírita...

121. Hum-hum...

122. Eu... leio Kardec... está mais próximo de mim, de tudo que eu já vi... procuro passar isso para ele, que não é... que existe a causa e o efeito, nós estamos juntos não é à toa, tem uma relação toda ali... Então eu procuro me apegar nisso, porque com um dos meus

sobrinhos, foi o que funcionou...

Ele fez terapia... e também esse lado...

123. Se recuperou?

124. Se recuperou, graças a Deus.

Ambos! Ambos... se recuperaram... talvez porque foi bem no início. Estão trabalhando, estudando, vão bem. Mas foi assim a gente estava muito assustado. Aí apelamos para tudo quanto é profissional, mesmo... deu a impressão que resgatou...

125. Hum-hum...

126. Está morando fora, sozinho, está bem maduro... O outro está com a família, mas parece que está bem.

127. Hum-hum...

128. É uma coisa que você não pode subestimar, né?

129. Não.

130. E às vezes, você não quer ver o problema. Começa a ver alterações...

131. Como que apareceu o problema?

132. Ah, eu... Por exemplo... Eu comecei a observar nele quando começou a trocar o dia pela noite... a família achou natural porque é... a profissão dele... Mas não, não era.

133. A profissão de quem?

134. De um dos meus sobrinhos.

135. Ah, do sobrinho...

136. É, e aí... aí eu começo a ver também com meu filho... eu vejo assim, se o comportamento, fico atenta... ao comportamento... Porque é... a gente subestimou... uma vez, né? Mas parece também que não tem só um... eu acho que... tem que ser feito um trabalho preventivo.

137. Como se poderia prevenir?

138. Prevenir? Ah, eu acho que... O segredo seria isso que eu... sabe? A... a receita, para mim é aproximação.

139. De quem?

140. Do filho.

141. Quem se aproximar de quem?

142. Eu acho que os pais.

143. Ah, tá...

144. Para não deixar esse espaço onde o amigo pode... influenciar... Cercar de uma certa forma... é... as amizades... são boas... é, lá é... o Colégio é um nível muito bom. Também são pais... normais, aparentemente... Então, você não sabe ali onde um falha, e pode ter a influência de um amigo...

145. Hum-hum...

146. Que já vem... de um lar diferente, não sei... Você pensa que são todos como o teu, né? Normais, assim, entre aspas, né,

mas... a gente não usa... acha que todos não usam, mas não é bem assim, às vezes as coisas são tumultuadas, né, são discretas...

147. Hum-hum...

148. Então eu acho... que prá mim é isso, se eu estiver bem próximo dele, próxima dele, a nível de diálogo, de abertura, eu acho que ... fica mais difícil, qualquer alteração eu vou perceber...

149. Hum-hum...

150. E é onde é a minha dificuldade... porque ele não fala...

151. Hum-hum...

152. ...ele escuta... não sei se escuta... ele está ali, né? [rindo]

153. Está ali...

154. Tá ali...

155. Você mencionou uma coisa... que me pareceu assim... sinais de que está usando droga, alguma coisa de trocar o dia pela noite...

156. Não, isso foi do sobrinho...

157. Sim, isso... eu estou falando no geral...

158. No geral... tá... Como que eu posso detectar isso?

159. Isso... como você imagina que....

160. O hábito mudou... mudou muito... Pelo que a gente presenciou ele... dormia muito de dia, chegava assim, à noite... como

ele tinha um trabalho de fazer propaganda, ele... programava aquilo, se ninguém o acordasse ele não acordava... deixou de estudar... “Ah, não, vou procurar outras coisas, não é bem isso... “ Ah, houve uma mudança de comportamento assim que... se para a festa é normal... mas aí... começou a dar bandeira, né?

161. Hum-hum...

162. Daí é aonde... realmente... foi procurar e achou... [frase inaudível]. O outro eu não acompanhei tão de perto...

163. Tá.

164. Mas esse, que eu sou muito ligada... foi muito... porque é muito, muito ligada... Ele tinha problema de ser fechado...

165. Hum-hum... E... o problema do uso de drogas é grave? Você acha que isso é um assunto sério?

166. Ah, eu acho que é seríssimo...

167. Por quê?

168. Ah, porque eu acho que é uma porta de entrada de tudo... Acho assim, sem contar, você vê, acaba o relacionamento... entra ali num desespero para... para poder consumir isso... sem contar a AIDS, né?

169. Hum-hum...

170. Sem contar... Ele perde toda a noção, né?... A gente vê, eu... a gente presenciou o comportamento mudou muito, ficava agressivo, ele era um menino doce... Então quando isso foi resgatando, que a gente viu realmente ainda assim... que é possível...

171. Hum-hum...

172. Mas você tem que cercar, né? E todo mundo! Como eu sou uma tia muito ligada... acho que nem... eu procurava assim, estar presente.

173. Hum-hum... E o tratamento?

174. Quê que pode ser feito?

175. É...

176. Mas se acontecer ou como preventivo?

177. Você falou alguma coisa da prevenção...

178. Ah, eu acho que... como eu te falei, né? Tentar estar mais próximo, mais diálogo... eu acho que eu já... eu já falei bastante assim, eu acho que poderia ter... trabalhado mais isso, estar mais próximo dele... Eu acho que... já perdi... já queimei uma etapa aí... Agora que eu estou acordando, que eu tenho que estar mais....

179. No caso, o seu filho?

180. O meu filho, é. Aí permitindo, acho que informando, então toda vez... eu não proíbo que ele veja algum filme que tenha... não. Só que aí depois eu tento discutir. Esse dias ele viu um filme que era assim, uma comédia... e o cara consumia muita droga...

181. *Ah, usava droga.*

182. Usava droga... eu não lembro o quê que era não... acho que fumavam... parece que tinha cocaína também. Mas era meio comédia, meio sátira, mas no fim... os caras se deram muito mal. E ele ria o tempo todo do filme, foi um filme engraçado. Aí me preocupou. Sabe, aí eu fui lá conversar, eu falei: “Não é só esse lado engraçado, não... como é que acabou o filme?”, e tal.

183. *Hum-hum...*

184. Ele falou: “Ai, mãe, ele... se fudeu!”

185. *[rio]*

186. *[rindo]* Aí eu falei: “Tá vendo?”
Né, aí eu procuro ali falar um pouco... mas se eu vejo que eu já estou... se ele mostra desinteresse eu já tenho que cortar... Aí eu sei que eu estou... sendo maçante. E eu sou muito assim, eu fico, eu fico, e cobro, e... tudo. *[rindo]*

187. *[rio também]*

188. Começa das necessidades básicas em casa... eu tenho que cobrar tudo...

189. *E o pai?*

190. O pai... ele tem muito respeito pelo pai. O pai falou... porque o pai fala muito pouco, mas o pai nunca bate... Então eu acho que isso gera mais respeito nele... Mas o pai também é fechado.

191. *Hum-hum...*

192. Dá umas broncas assim, aí ele lembra... ele tem medo... ele tem medo do pai... e de mim não... da mãe... ele me enfrenta. Sabe, assim... eu vejo... só baixa mesmo por causa de... ora eu fico muito brava... Mas mesmo assim eu acho que não funciona... é só no momento.

193. *O quê que não funciona?*

194. Às vezes a minha bronca, a minha... às vezes até... quando eu chego a agredi-lo, dou uns tapas... mas ele está tão forte que... eu me machuco!

195. *Hum-hum...*

196. E ele tem uma atitude, assim... depois ele me gera muito remorso assim, porque ele fica... muito quieto, ele fica me olhando... Sabe, ele não tem uma atitude de agressividade... Sabe? Fica só me olhando... Então isso gera depois

- um remorso, um mal-estar... me acaba.
- 197. *Uma angústia... ele não reage...***
198. Ele não reage... eu queria que ele talvez ele me enfrentasse, que ele falasse, que ele discutisse...
- 199. *Se ele falasse, aí a sua ansiedade...***
200. Ele só fala: "Calma, mãe! Calma, mãe! Não é bem assim! Fiz nada!" Nunca ele faz nada! *[começa a rir, eu rio também]*... E ele fala isso pro pai, sabe? Ele... pro pai ele fala mais... meneia
- 201. *Ah, com o pai ele fala mais?***
202. *[meneia afirmativamente com a cabeça]*
- 203. *Hum-hum... Como que esse assunto de drogas é tratado na família?***
204. A gente não... não aborda muito...
- 205. *Não é de ficar falando...***
206. Não... Quer dizer, isso é uma coisa assim ainda, né?... A gente... tipo assim... não faz parte do cotidiano ali...
- 207. *Hum-hum...***
208. ... tipo assim... só quando eu vejo alguma oportunidade...
- 209. *E essas oportunidades surgem...?***
210. Ah, algum filme... Essa relação... dos meus sobrinhos... eu não falei para ele... eles eram menores... No caso do meu filho... nunca soube...
- 211. *Desculpe... essa relação dos seus...***
212. Dos sobrinhos com a droga... é... não, não souberam.
- 213. *O teu filho, os teus filhos não ficaram sabendo...***
214. Não... aconteceu... ele era bem mais novo, acho que faz uns três anos atrás, ele tinha nove anos... como ele ama muito esse sobri... esse primo, ele admira muito, então eu... eu achei melhor não falar... Eu não achei necessidade.
- 215. *Certo...***
216. Tá... e foi uma coisa assim, com bastante descrição...
- 217. *Hum-hum...***
218. Eu acho assim, eu não vi necessidade e ao mesmo tempo, como ele admira esse primo! Eu acho assim, de repente pode ser... natural... se não usou... então, eu achei melhor deixar quieto. Agora, se eu tivesse que falar com ele, eu acho assim, pedisse descrição, ele... manteria, ele ia ouvir...
- 219. *Se você tivesse que falar com teu filho...***

220. É, pedindo discução, ele é bem... ele não passaria.

221. Por quê vocês não falaram do problema do sobrinho, do primo dele, com ele?

222. Ah, eu fico assim... receosa, eu acho assim que é uma coisa que... eu não vi necessidade, pela idade... Talvez se fosse hoje... né? Ele adolescente, até passaria isso...

223. Hum-hum...

224. Como superou, então, sabe... nós tivemos um saldo bom ali, né? Se desfez isso, mas... fica sempre aquela preocupação... ele pode novamente... ou se um outro pode entrar...

225. Hum-hum...

226. Mas eu acho assim, que o que mais me preocupa, mesmo, hoje, seria o meio que ele vive, e essa influência de fora.

227. Tá.

228. Porque de dentro, não pode ser... não tem por onde, né, da minha família...

229. No seu caso...

230. No meu, da minha casa, do meu lar, não...

231. Mas quando você pensa sobre os jovens em geral, saindo um pouco da sua situação...

232. Tá.

233. Você imagina que, além da influência dos amigos, outras coisas podem interferir?

234. A levar?

235. A levar...

236. Eu acho que sim.

237. Por exemplo?

238. Por exemplo, eu... eu... é... no dia que eu briguei com ele, eu... eu fiquei imaginando... ele se fechou para tomar banho... eu falei, “meu Deus, de repente, numa situação dessa, alguém oferece alguma coisa que proporciona... talvez um alívio, um esquecimento daquele momento de atrito...”

239. De um atrito familiar...

240. ... De um atrito familiar.

241. ... conflitos familiares?

242. Conflitos familiares... de relacionamento, de entendimento que foi, eu não me expressei, eu queria corrigi-lo, eu fico corrigindo ele o tempo todo, assim, porque... eu estava... a situação foi... desgastante, porque já faz dias que ele está... grosso comigo, sabe, grosso com a irmã... Porque é normal, eu vejo, os amigos tiram sarro o tempo todo, em tom... sarcástico. A irmãzinha pediu, veio perguntar uma coisa

assim... mostra que ela é idiota, sabe?

243. Hum-hum...

244. “Ridícula!”, ele fala. “Larga mão de ser ridícula, de ser idiota!” Aquela coisa, né? E eu fico: “Não é bem assim, você já foi da idade, você já foi isso, já pensou assim... “E ele faz... ele tira sarro o tempo todo. Aquele comportamento assim, de sacanagem, e aquilo me deixa angustiada... Eu fico puta da vida! *[rindo]*

245. Hum-hum... *[rindo também]*

246. Ai, e aí, quando ele começa a me tratar assim... falo: “Eu não sou o teu amigo... quero ser sua amiga mas você tem que me respeitar...” Eu quero respeito... eu acho que tem que ter!

247. Hum-hum...

248. Quero dar uma certa liberdade, mas não quero que vira... libertinagem também... Acho que ainda funciona porque comigo funcionou. Acho que respeito é importante...

249. Hum-hum...

250. Sabe, ele pode falar o que quiser... e sexualmente ele é muito fechado! Ele... ele custa a se transformar... faz três anos que ele lava a mão, ele fecha a porta do banheiro... até para lavar a mão!

251. Hum-hum...

252. Nunca mais eu o vi sem roupa! Nem sei como é que ele está! Não existe, nossa! *[rindo]*

253. Hum-hum...

254. Você vê, como é que é... é delicado, né?

255. Sim...

256. Como pai também você deve... *[rindo]*

257. Hum-hum...

258. Mas eu acho que o homem é difícil... a menina é muito mais fácil... Eu penso que não vou ter esse tipo de problema com a Y. ...

259. Você imagina...

260. ... de relacionamento. Somos muito íntimas... e ele não... porque ela tem medo de perder

261. Ela está com dez...

262. Sete.

263. Sete anos... e ele, você tem medo de perder...

264. Perder. De perdê-lo, de perder esse vínculo de amor, porque sabe, mãe e filho... e, conseqüentemente, levá-lo... porque eu acho que isso está muito, está muito próxima da... muito, muito...

265. Muito próximo...? Ah, o problema das drogas...

266. Não pode subestimar! Eu acho que tem, não existe colégio particular que possa estar... isento

disso. A gente pensa assim, no Colégio Colégio tem uma... segurança enorme, você conhece... bem assim, porteiros o tempo todo, eles controlam quem está sem uniforme... já... para... para barrarem, né? Mas eu sinto que... o perigo às vezes está entre os amigos...

267. *Hum-hum...*

268. Então... Pô, não adianta você por numa redoma, né...? Por numa redoma de vidro tentar protegê-lo, põe num colégio bom... que você paga caro, você tem segurança, mas eu acho que não é tudo, porque está indo o amiguinho... Um amiguinho, porque hoje é amiguinho, amanhã vai ser um amigo, adulto, já... E eles ouvem muito o grupo. Eu comecei a perceber que ele também ouvia, porque ele é super desleixado, aí de repente ele começou a se preocupar... em não usar chinelo.. e usar, sabe? Se preocupar com a aparência...

269. *Ah... meio relaxado?*

270. É... sempre foi largado, não, não ligava para marca... Eu compro roupa para ele, ele ainda aceita... mas aí eu começo a ver: “Ah, não, mãe, ninguém vai mais de chinelo!” Então começa com pequenas coisas a influência, né?

271. *Hum-hum...*

272. E eu observo lá... precisa ver o colegial como é que é... Nossa! Eu vejo os meninos fumando, eles saem para fora para fumar... muitos jovens, muito, muito... treze, quatorze anos fumando! E aí não tem como proibir, eles ficam lá no corredor lá fora... Então eu sinto isso...

273. *Hum-hum...*

274. Sabe, o inimigo... está morando do teu lado...

275. *Do lado, né? Hum-hum...*

276. Está dormindo na tua cama, de repente, né? Às vezes é um amigo que você põe em casa...

277. *É... quando você fala de... conflitos da família, né... conflitos do relacionamento familiar... te preocupa que isso possa acabar influenciando também no rapaz, né, no adolescente, no jovem... Essas características da vida familiar, regras, limites para os filhos... Como que isso é na sua vida cotidiana...*

278. Os valores, né, eu sempre tento passar, valores... é... eu tento, como eu te falei, tá, me apegar na causa e efeito, porque não existe nenhuma causa sem um efeito, ou de bom ou de ruim que você fizer

vai ter um retorno, uma consequência natural das suas atitudes, eu passo muito isso para ele... ele vai colher mesmo, tento citar alguns exemplos, e... principalmente em relação a estudo... “Ai, que preguiça...”, sabe, aquela leseira para estudar...

279. *Ele está indo bem nos estudos?*

280. Ele vai bem, mas, por exemplo, todo ano ele passa no terceiro bimestre... esse ano ele... ainda não fechou, mas ele vai passar no quarto, ele passa direto.

281. *Tá.*

282. Dificultou, está mais difícil... e eu sinto também que...

283. *... este ano ele está na...*

284. Sexta...

285. *Sexta série...*

286. Dando trabalho, está mais preguiçoso... Só que ele tem responsabilidade, aí entra a tarefa... ele tem uma tabela de tarefas para... que eu passo para ele ter uma mesada... Se ele não cumpre eu vou descontando. Só que eu... eu cedo também, né?

287. *Hum-hum...*

288. Senão... não pagaria nada!
[rindo]...

289. *Então vocês estão dando mesada...*

290. Agora ele está tendo... faz pouco tempo... leis e tarefas... necessidades básicas, aí, é o mínimo que tem que fazer... cuidar dos apa... do aparelho, dente, banho, horário... E de vez em quando ele não cumpre, não... Mas o que mais me... eu... cismo é o comportamento, né?

291. *Hum-hum...*

292. Eles brigam muito entre os irmãos... aí eu vou descontando, porque... falou em dinheiro ele entende!

293. *Ah, aí ele entende... [rio]*

294. Aí atinge... diretamente... na hora, ele acorda! Aí eu desconto, no final.

295. *Hum-hum...*

296. “Isso te pe... você perdeu um real por teu comportamento!” Porque, funciona! A linguagem é a chantagem! Tarefas, eu tento assim... passar um mínimo de tarefas que ele tem que fazer... sem contar as da escola... as tarefas dele de cuidar da roupa... que ele é muito desleixado... organizar os brinquedos, porque ele brinca muito ainda... Então, tem certas coisas que até funcionam... Tem que ficar cobrando, cobrando, cobrando... aí fica aquela mãe... pentelhando o tempo todo, né? Se eu largar, aí

não funciona, não! Tem coisas que ele já assimilou, depois de tanto... mas tem coisas que ainda tem que... cobrar.

297. Hum-hum.

298. E... tem que assim, eu acho que ele tem que ter tarefa mesmo. Tem que criar o hábito de ter a tarefa.

299. Responsabilidade...

300. Hum-hum... e através dessas tarefas eu acho que vai adquirindo responsabilidade... Eu acho muito difícil, eu estou sentindo que é muito difícil educar. Muito, muito, muito... Quando você vê, aonde corrigiu demais... Aí esses dias o X'. me chamou a atenção: "Você está cobrando muito! Você fala sempre dando bronca! Está ficando normal suas broncas... porque o tempo todo, observa! Você pega muito no pé dele!"

301. Hum-hum...

302. Eu tenho que dar uma acordada... você vê aí que... Mas eu... e se eu deixo? Aí eu fico: "Por uma semana eu não vou cobrar... eu quero ver quê que vai dar!" Tá certo, mas aí você entra então em cena, porque o pai nunca pode, o pai nunca está, né?

303. Hum-hum... Nesse sentido então existe uma diferença

entre a sua postura no dia a dia com a postura do pai...

304. Nã... muita, muita...

305. Você fica mais...

306. O pai fica o dia todo fora!

307. Tá.

308. E quando... então, e eu estou... constantemente com ele... Constantemente, não, porque eu também... estou envolvida com as minhas coisas mas... a gente se vê mais, né?

309. Sim... quem gerencia, administra a casa no dia a dia é você.

310. E ele é bem... tranqüilão, independente (...) Mas eu... eu sinto assim... né... eu acho que às vezes eu estou... sei lá, preciso de uma orientação... eu tento ler alguma coisa...

311. Onde você procura se orientar? No seu costume, no seu dia a dia?

312. Artigos...

313. Hum-hum...

314. Eu pego muitos artigos, assim, revistas... tem uns artigos interessantes, assim... que envolve pais e filhos, comportamento... Aí eu leio, aí eu leio, sabe? Mas eu acho que eu precisava ler uma coisa específica mesmo... "Como educar com sucesso"... Uma receita! [começa a rir muito]

315. [rindo também] Só isso?...

316. Só isso, uma receita de sucesso... É que eu acho que... que a hora já passa, eu estou atrasada! Eu senti que... se você ficar agora, assim, eu acho que eu vou dar... um... eu diria assim, uma estrutura, assim. Mais pra frente não... eu acho que eu já perdi, né?

317. Hum-hum...

318. Quanto mais eu deixar... tanto, tanto, que eu estou com uma conversa ali para ter, eu falei “a gente precisa conversar sobre o que houve no domingo”... Só que eu acho que...

319. E qual foi o motivo da briga no domingo?

320. Foi o... eu estava costurando, e assistindo “O Gladiador” junto, eu e ele... E eu não olhava para o filme o tempo todo, porque eu estava ali envolvida... com a costura. Então eu perguntava, e perguntava... coisas assim... óbvias. Só que eu... como eu não via, eu perdia. “Fulano ficou preso?” “Não, mãe! Foi a Y. que tá presa!” Ai, e aquilo foi... porque o dia todo ele já estava assim, sabe? Na cara... fazendo desdém das perguntas... me ridicularizando ali! Aí... teve uma hora ali... que isso foi... umas oito vezes! [rindo] O filme todo, e o

filme é longo, né? Aí no final eu virei um tapa nele! E aí me dá... aí ele assusta, sabe? Aí desencadeia, aí eu comecei a bater mesmo... ele se protege com o braço, eu bati, ó... ficando roxo [me mostra uma pequena equimose no braço]... Aí eu ficava mal... e chorava, eu chorava! E o pai interfere, vira aquela salseira, né?

321. Hum-hum...

322. Aí eu choro, eu fico morta e acabada! [rindo] Aí eu fico... o outro dia eu fico mal... eu olho para ele e me dá um remorso...

323. E como é que ele fica?

324. Ele ficou quieto, ele se fecha.

325. Aí ele te mata...

326. Aí ele me mata! Então, quando é assim eu procuro sempre já: “Vamos conversar, me excedi, mas também olha o que você fez, você pisou na bola!” Aí falo, falo, ele fica ouvindo, mas dessa vez não, não deu tempo, ele foi dormir, aí foi pior ainda... Não tive tempo de me redimir! [rindo] Porque eu sou do tipo assim, eu faço, fervo, eu rodo a baiana, mas dali a pouco eu já tenho que consertar! Porque eu não posso ficar com rancor... ou saber que eu... que eu magoei alguém. Aí isso me dá, assim, me acaba...

327. Hum-hum...

328. Me faz ter aftas em questões de horas. Aí passou... Aí, eu acordei mais calma, eu falei: “deixa passar, ainda não é hora de conversar”... Aí ele continuava grosso! Porque geralmente ele fica manso ali... Ele continuou grosso, aí eu deixei passar. Aí o pai pegou. *[frase incompreensível]*. Aí o pai falou, que tinha que ter um outro tipo de tratamento... Aí eu sinto assim que ele está mais manso, agora vou conversar.

329. Hum-hum...

330. Eu não tinha... eu não posso deixar passar!... Eu excedi realmente...

331. Hum-hum...

332. Sabe? Eu acho que ele já está moço... O menino está do meu tamanho, né? E aí é aonde... a hora que ele foi tomar banho, ele se fechou, e ficou horas lá no banheiro... eu vi que ele não... pisei muito na bola. Se ele tiver assim, eu diria assim, suscetível, né?

333. Hum...

334. ... no momento, ali, que... que poderia entrar... Não seria o caso, foi em casa, mas se ele tivesse com um amigo...

335. Hum-hum...

336. ... seria um momento de fraqueza dele... por incompetência

minha, mesmo, saber administrar... eu tinha que ter dado um... uma bronca, conversado...

337. *Você acredita que alguns jovens podem... começar a usar droga...*

338. Em função disso. Ah, eu acho... Eu acho, muito, muito isso! Eu acho que sempre tem que ter ali, né, um pretexto.

339. *Parece ser difícil, então... se os pais não estão junto, pode gerar o problema*

340. Eu acho assim, não é só a questão da disciplina... mas eu acho assim... eu acho que se você tem uma ligação forte com o pai, com a minha mãe eu jamais faria isso, para magoá-la... jamais! O meu relacionamento muito amplo... muito grande... dificuldade em falar certas coisas, mas... eu jamais iria magoá-la. Jamais! Não sei, as minhas amigas fumavam, eu nunca... fumei.

341. Hum-hum...

342. Porque eu sabia que ela não ia gostar. E eu tinha consciência de que não era legal, que ia me fazer mal. Mas isso foi há outro tempo, foi no comecinho, né? Então eu me apegava aonde? No relacionamento da família. Eu

tinha um pai muito dedicado, muito aberto, apesar de todo... ele era até mais aberto que a minha mãe... Então eu tinha aquele medo de magoar. Jamais! Porque tinha essa abertura... então eu acho que é por aí...

343. *Você imagina que hoje os jovens estão usando droga, não estão usando, é raro, é frequente...?*

344. Eu acho que não... não tenho noção... da proporção, assim... Assim, o cigarro... e a maconha...

345. *E a maconha... O que é droga para você?*

346. O quê que é droga para mim? Eu acho assim, a maconha eu já considero droga. Porque eu acho que daí, se ficar só fumando maconha, tudo bem, mas não fica... Eles vão para alguma coisa mais... aí vai toda a... é onde que começa todo o mal... porque altera o comportamento... eles passam, sabe, a responsabilidade desaparece... e mexe, mexe muito mesmo... eu senti isso. O comportamento, eles ficam agressivos... alienados...

347. *Hum-hum... E o álcool, por exemplo... você disse que seu marido bebe?*

348. T bebe. Ele não é, assim, uma coisa, ele é... ele faz um aperitivo...

349. *Tá. Ele não é um alcoólatra. Mas é droga ou não é droga?*

350. Ah, para mim é. Pra mim é.

351. *E o cigarro?*

352. Também... mas... não seria assim, não teria a gravidade, como se eu visse uma maconha.

353. *Qual a diferença?*

354. Qual? Ah, eu acho... é como te falei, eu acho que a maconha está mais perto de droga pesada, e o cigarro acho que só pega o problema da saúde...

355. *E o que seria droga pesada para você?*

356. Cocaína. Cocaína é droga pesada. Eu acho que aí... porque você não vai comprar cigarro no bar, né? E a droga, quem vende droga pode... tranquilamente passar para outra... eles vão, é... questão de tempo! Dificilmente a pessoa vai ter maturidade de ficar só... usando... a maconha.

357. *Tá. E usando a maconha passaria a estar mais perto de...*

358. Ah, muito mais perto, do que o cigarro, da maconha. Mas também, não deixa de ser, né?

359. O cigarro também é uma droga?

360. Ah, eu também acho. Porque, eu passo isso para ele... meu pai morreu de enfisema pulmonar. E ele havia parado há vinte anos, quando desenvolveu a doença.

361. Hum-hum...

362. Então eu tento mostrar que, só o cigarro já faz um mal danado! Principalmente porque é... está muito mais viciante, né?

363. Hum...

364. Eu mostro, assim que... todo o mal físico que tem. Porque o cigarro, no caso, a dependência, né? Mas não altera tanto o comportamento, é só a necessidade de fumar... eu falo: "Vovô morreu asfiziado, ele tinha asfiziia, ele não respirava... teve mil conseqüências por causa do cigarro..." Aí quando eu vejo alguma coisa, um câncer de boca que a pessoa fala, aí eu já... procuro assim...

365. Procura?

366. Mostrar para ele.

367. Mostrar para ele.

368. É algo até chocante... mas não é comum, eu não tenho muito acesso a isso. Até estou tentando, de começar a trabalhar... esse lado... porque eu acho que tem

essa conseqüência, eu falo, a causa e o efeito, né?

369. Sim...

370. Então, não é só...

371. Informação é importante....

372. Informação. Mostrar realmente, que ele adora dados, assim, sabe? Ele vê alguma coisa, que... tipo o professor fala, então assim, eu sinto que tem um interesse muito grande com... informação, com fotografia... Eu acho que seria aí um canal... porque... eles entram sem ter a menor noção da conseqüência, né?

373. Hum-hum...

374. Para ver se consigo ir... conscientizando do mau lado, né, que vai ter...

375. É um assunto que te interessa muito, né?

376. Muito, muito... Tanto que na hora que você mostrou ali a oportunidade...

377. Hum-hum...

378. Eu não quero... eu prefiro sempre pecar pelo excesso.... não por estar ali... alienada... porque só o fato do comportamento já estar mudando já me preocupa muito...

379. Essas mudanças que você vê...

380. Essas mudanças que... está vivendo muito rápido, a hora que eu vi ele está ficando... adolescente! Eu achava assim, “quando ele for adolescente eu vou conversar com ele...” Aí a hora que eu abri o olho. Foi muito rápido! Foi, assim, esse ano! Então você não pode ficar ali... protelando, né?

381. Hum-hum...

382. Ficar assistindo lá... *[começa a rir, eu também] (...)*

383. Está havendo uma discussão sobre liberar ou não a maconha, por exemplo. O que você pensa?

384. Ah, eu sou contra.

385. Contra a liberação. Por quê?

386. Porque eles acham assim, é... pelo menos, os argumentos, se você liberasse, ficaria assim, o acesso à maconha, normal, que não faria mal, aquela coisa toda. Mas eu acho que não adianta... É uma droga a mais, além do cigarro liberado, o álcool... E vai ter consequência sim, porque está mais próximo da cocaína. E você vê, esses países que estão liberados, assim, o pouco que eu sei... Alemanha... é... Suécia... Eu estava vendo esses dias uma reportagem, eu não lembro onde

era... em que os jo... os jovens recebendo... seringas para... para evitar contaminação... E isso fez com que... segurasse um certo num certo ponto a doença, mas não o vício. O fato... sabe, é menos um vício... Meu Deus, você liberando, vai ficando até... tudo é normal, esse comportamento é normal? Um jovem ali totalmente viciado, alienado! Ausente da vida, vegetando! Fisicamente bem, mentalmente, bem perfeito, saudável... Definhar em função de uma droga?

387. Uma droga... Você acha que a nossa sociedade estimula o consumo de droga?

388. Ih... agora você me pegou... não pensei, realmente... Você vê pessoas, falando em termos de Londrina... Pessoas assim, conhecidas, que... estão sempre em jornais, de repente acham drogas, assim muito, muito, na casa dessas pessoas. Pessoas que você nunca imaginou que usassem, né? Aí mostra também... eu acho... que a divulgação ao mesmo tempo... teve uma consequência. Ela foi retirada da sociedade, está presa... Teve assim, sabe? Seus bens... todos ali foram bloqueados, mas ao mesmo

tempo nós... “Nossa, até o fulano?!” Né?

389. *Ah, no caso, envolvido com o tráfico...*

390. Com o tráfico.

391. *Mas e o uso de drogas?*

392. Você vê o uso, digamos assim, a gente vê... vamos falar em termos de... da mídia falando, de artistas, né? Muito! Muito, muito... né? Mostra assim, ao mesmo tempo, essa coisa que está aí é meio normal, né? Se talvez não divulgasse... eu acho muito difícil... Talvez assim você dissesse, se não divulgasse, estaria aquela coisa... camuflando... E ao mesmo tempo, divulgando *[fim da frase inaudível]*

393. *Mas estimula?*

394. Olha, geralmente quando eles divulgam alguém conhecido que está consumindo, que está ali usando, já mostra também que essa pessoa não está bem... é sempre assim. “Ó, foi preso, é?” Ou “Olha lá! Aprontou alguma!”... Sabe, tem o lado ali da... da humilhação... da piedade, você olha: “Nossa, coitado, tão bonito, né, tão bem, usando...” Eu acredito que não, viu? Eu fico assim... meio perdida...

395. *Hum-hum...*

396. Meio dúvida a coisa, porque mostra que muitos usam, “até fulano usa, nossa!” Mas sempre o fulano... ele não está bem...

397. *Não está bem como?*

398. Quando mostra, divulga pela mídia...

399. *Ah, tá...*

400. Né? Digamos assim, no caso da Vera Fischer... Nossa! Toda vez, associando ela à droga, ela tinha feito... sempre há um escândalo, né?

401. *Certo.*

402. Perdendo a guarda da... do filho... precisando ser tratada... Sabe, você vê ela ali, definhando mesmo, né? (...)

403. *Hum-hum...*

404. Então eu acho assim, mostra o consumo, aí você pensa: “Normal, está usando, mas não está bem, tem a consequência...”

405. *Tá. Então a forma como é divulgado acaba sendo positivo?*

406. Eu acho... Então, eu penso que sim, pode ser que se eu me aprofundar, né, na coisa ali... Mas é... eu acho que sim, que ainda é positivo...

407. *Hum-hum... porque sempre aparece*

408. Sempre vai aparecer...

409. *A mídia acaba então não estimulando o uso...*

410. É. Sem contar o cigarro, né?

411. *Hum-hum...*

412. A bebida e o cigarro, né?

413. *A bebida e o cigarro, o que tem?*

414. Ah, eu acho que mostra uma imagem muito bonita da coisa, né? Aí vem um pedacinho pequenininho, aquela *tarjinha*, né? Eles desaconselham, porque pode levar a... o cigarro...

415. *Sim?*

416. Ao enfisema pulmonar... doenças do coração... mas primeiro mostram um homem maravilhoso, uma mulher maravilhosa, um carro lindo, né?
[rindo]

417. *Hum-hum...*

418. Ou um cara às vezes forte ali, depois logo a bebida... *[rindo]* É um paradoxo...

419. *Um paradoxo... (...)*
Alguma coisa mais que você queira...falar de opiniões suas a esse respeito?

420. Ah, eu acho que... consegui... com franqueza, né... minhas... minhas inseguranças... Acho que deu para me expor... não sei se para você foi tudo bem...

421. *Foi ótimo! Te agradeço muito...*

422. Então tá bom...

[FIM DA GRAVAÇÃO EM ÁUDIO]

“C”

TERCEIRA ENTREVISTA

Data: **08/12/01**

Duração aproximada: **70 minutos**

Dados de identificação da entrevistada:

Inicial fictícia: C;

Idade: 41 anos;

Etnia: Oriental (descendente de japoneses);

Estado Civil: Casada há 14 anos;

Procedência: Londrina, PR;

Escolaridade: Superior Completo;

Ocupação: Do lar;

Situação financeira referida atualmente: Estável, apesar de estarem vivendo momento crítico pelo atual desemprego do marido;

Religião: Católica não praticante;

Filhos:

X. e Y. (gêmeos do sexo masculino, 11 anos);

Z. (sexo masculino, 9 anos);

Comentários:

Entrevistada relativamente tranquila, colaborativa. Entretanto, por alguns momentos a entrevista pareceu não fluir com a mesma agilidade, o que provocou ansiedade no entrevistador. Ao final, a entrevistada pede alguns esclarecimentos sobre temas que ficaram pendentes durante a gravação.

TRANSCRIÇÃO:

1. C., eu queria perguntar a você, antes de mais nada... por quê você se interessou em participar de uma... uma pesquisa? Qual a sua motivação para participar

de uma pesquisa sobre esse assunto?

2. Esse assunto? Eu tenho três crianças, desde pré-adolescentes, não é?

3. *Hã-hã...*

4. ... e isso é o que a gente mais ouve falar, né?

5. *Certo... Você... [interrupção da gravação por problemas com o gravador]*

6. *[reinício da gravação] Bom, eu tinha te perguntado por quê você se interessou por esta pesquisa... e você me disse que...*

7. Hum-hum... três moleques... pré-adolescentes, e o que a gente ouve mais falar, né... são as drogas, nas escolas, nas ruas, nas esquinas... e a gente fica preocupada.

8. *Algum dos filhos já... passou por esse tipo de problema?*

9. Graças a Deus não...

10. *Que bom, né?*

11. E também porque está pequenininho, né, Marcelo? Não sei se... com quantos anos começa, meus ainda estão com o quê, onze e nove...

12. *Você acha então que o uso de drogas na adolescência é um problema grave...*

13. Nossa! Terrível!

14. *Hum-hum...*

15. *[incompreensível]* que... começa a virar dependente, né?

16. Hum-hum...

17. A gente a... através de documentários, reportagem na televisão, você vê o quê que passa... Apesar de que temos alguns amigos também... que... eram viciados, mas... Nós vimos em que estado ele ficou... Terrível! Então não acho nada bom...

18. Hum-hum...

19. A gente fica com receio mesmo...

20. Tá...

21. É bem preocupante, não?

22. O problema está sério, então...

23. Eu acredito que sim.

24. Hum... E o quê que leva um adolescente a usar droga?

25. Eu não sei se é falta de instrução, quê que é...

26. O quê que você imagina? Você nunca viveu o problema na sua família... né? Você, na sua adolescência usou drogas, por exemplo?

27. Não.

28. Ou na sua família, um...

29. Eu tenho... um irmão, que é médico também... e ele... isso, eu não sei qual que é o nome daquele remédio que os médicos têm facilidade, têm acesso, nos

hospitais... Saiu até uma matéria na “Veja”, não sei se você lembra... É um... é um remédio, não sei o quê que é... ele ficou viciado nesse...

30. Nesse remédio...

31. ...nesse remédio... Deu um tra...

32. Mas isso vocês já adultos? Ele já era...

33. Já, agora, recente, é... ele...

34. Tá.

35. ...ele já médico, formado, trabalhando... E... isso já fazem, o quê, três anos... aí ele se tratou... Ficou muito mal...

36. Hum-hum...

37. Depois ele se tratou, foi, procurou um médico, tudo, graças a Deus agora... aparentemente ele não consome mais, já está bem, voltou a trabalhar, normal...

38. O W. ... você sabe de... uso de drogas do seu esposo?

39. Drogas não. Não sei se chega a ser a... lembra da... *[leva a palma da mão à face]*

40. Lança-perfume?

41. Isso! No carnaval, só... *[rindo]*

42. Certo...

43. Isso nem... nem isso eu tive vontade, nunca tive mesmo...

44. [rio com ela] Certo... Tá. É... sabendo então que você teve um irmão que usou, na vida adulta, né? Você está

descrevendo o uso recreativo, o uso típico num carnaval, o seu esposo...

45. Isso... é...

46.... numa ocasião, numa ou outra, usou... é... agora, tentando voltar aqui ao ponto... central, né? Um adolescente... né? Como você vê, você diz que é grave o problema, né...o quê que você imagina, dos casos que você conhece, ou quando você tenta pensar, o quê que pode levar um adolescente a usar drogas?

47. Fraqueza da pessoa... fraqueza, curiosidade... Eu acho que começa assim, né, a curiosidade, que os amiguinhos vai lá, oferece: “experimenta, não sei o quê...” Aí fala: “Não” O cara: “você é um babaca!”, não é assim que começa?

48. *Certo...*

49. Acontece com o cigarro...

50.A influência dos amigos...

51. Aí, se a pessoa já é um pouco mais fraca de cabeça, vai lá, experimenta e... E isso é uma coisa que vicia mesmo, né?

52.Hum-hum...

53. Se você não tiver controle... vai, vai a fundo mesmo... E eu acho que aí você fica dependente, você

vai querer sempre mais... Aí depois aquele... a droga... começa fraquinho com maconha, não é? Aí depois aquilo ali acho que já começa a perder graça... Aí começa a procurar uma coisa mais forte...

54.Tá. Maconha seria no começo...

55. Isso.

56.... depois um produto mais forte...

57. É, mais forte, e daí vai...

58.Hum-hum... Quais seriam as mais fortes?

59. Eu já não... não sei que...

60. Que você ouviu falar...

61. Que eu... É... é... heroína, né? Tem o crack...

62.Hum-hum...

63. Não sei se LSD é mesma coisa que heroína, não sei, não...

64.Tá... nem vem ao caso... são diferentes, mas não vem ao caso...

65. Os injetáveis, não é isso que falam?

66.Hum...

67. Mas acho... que começa tudo pela maconha, né...? Eu sei porque no meio publicitário onde eu trabalhava, no... você sente o cheiro, né? Todo mundo começa pela maconha... Então nas férias que a gente ia, mesmo

trabalhando lá, no dia a dia, o pessoal de criação sempre... fumava um baseadinho... [rindo]

68. Tá certo... Hum-hum...

69. Parece que, não sei se libera... alguma coisa, que... ficam mais... criativos, sei lá o quê que é, mas eu sei que eles consumiam...

70. Hã-hã...

71. A gente sente pelo cheiro... e pelos olhos, a gente vê que a pessoa... né?

72. Está alterada...

73. É... mas nunca me incomodou, nunca...

74. Hum... E o quê que você sabe, ou você supõe, ou quê que você receia das consequências do uso de drogas por um adoles... pelos adolescentes?

75. Familiar, né? Porque uma família... Você acaba com a estrutura de uma família. Tinha um amigo nosso, lá do interior de São Paulo, era jogador de basquete... Ele começou também assim de curiosidade, virou dependente, quê que ele começou a fazer? Começou... roubar, dos amigos... Primeiro da própria casa, né, começou vender as coisas...

76. Tá.

77. ... daí não tinha mais o que vender, começou pegar dos pais, aí dos tios, ia na casa dos tios, roubava as coisas para poder vender para poder consumir. Então era uma pessoa, um atleta, saudável, que acabou... Eu via quando ele jogava e... e agora, tinha... Acho que faz algum tempo que eu não vejo, mas a última vez que eu vi estava... deprimente.

78. Hum-hum...

79. Nem parecia a mesma pessoa... Você vê que acaba com a estrutura de uma família porque... acho que acaba dando intriga, pai, mãe, um quer ajudar, o outro não quer ajudar, aí fica nesses atritos... “você errou”, “a culpa é sua”, “onde foi que eu falhei”, “onde foi que eu errei com a criança para estar desse jeito”... Eu acho que... que nem em casa mesmo com meu irmão desse jeito... O clima, dentro de casa, dentro da casa da minha mãe ficou bem alterado... E acho que... se eles não tivessem uma preparação espiritual boa, religiosa, minha mãe...

80. Hum-hum...

81. Eu estava bem longe dali, para cá, né, então... não acompanhei muito de perto. Mas lá, ficou um clima pesado, sem ambiente...

82. Hum-hum...

83. Eu acho que... mexe com a estrutura da família. E acho que para ajudar tem que ser a família também, né? Para ajudar uma pessoa assim. Eu lembro que lá, do meu irmão, com a minha mãe, meus irmãos lá também que... conseguiram fazer com que ele... fosse procurar um auxílio afora, né? Porque ele não queria ir... ele relutou bastante para procurar um médico, um especialista... Apesar de que a namorada também ajudou bastante fazer a cabeça dele para ele procurar.

84. É jovem?

85. Ela?

86. Ele.

87. Ele? Ah, não é não, já está com... trinta e poucos, quase quarenta anos...

88. Adulto, já...

89. Bem maduro, né?

90. Hum-hum....

91. Ele não queria procurar uma... uma ajuda. Você vê que realmente... deixa a família bem abalada.

92. Hum-hum...

93. E a família é a base de tudo, né?

94. Base de tudo...

95. As amizades também, Marcelo, as amizades... Você acaba com uma amizade boa... ele ficou num estado que... até os amigos... a...

começou a se afastar... Começou dar intrigas... brigas, entre ele e os amigos, não sei se... começa a falar besteira, fala coisa demais, que ofende as pessoas, então os amigos se afastaram. Foram poucos os que... permaneceram com ele. E aqueles que ficaram também *ajudou*... na melhora do meu irmão.

96. Hum-hum...

97. Apesar de que ele... Deixou seqüelas, né, ele ainda não está... cem por cento...

98. Hum-hum...

99. Ele ficou num estado que ele não quer nem conversar com os irmãos, porque ele acha que ele está inferior... a nós. Então, você vê que você ele ainda precisa trabalhar bem a cabeça dele, ela ainda não está muito boa. Então... o negócio... Não é fácil, e meu medo é esse, de... de... de meus filhos um dia *chegar* a esse ponto.

100. Hum-hum...

101. Isso que acho que nem é uma droga forte, né? Não sei, esses remédios que... os médicos costumam usar. Não é essas drogas aí que nem... cocaína...

102. Cocaína...

103. Né? E já deu esse estrago todo?!

104. Imagina, né?...

105. Virgem Maria!

**106. Uma droga mais... mais...
é... na sua opinião, mais
séria, tende a fazer um
estrago... maior até... É... na
sua família, esse tema é
abordado? Vocês
conversam...**

107. Em casa, entre meus filhos?

108. ... [aceno afirmativamente com
a cabeça]

109. Sim.

**110. Como que é? Como que o
tema é abordado? Você e
seus maridos, você e seus
filhos...?**

111. Assim, é, sempre em conjunto
com as crianças, né, quando...
quando se fala nesse assunto é
só... quando as crianças estão
perto. Porque entre eu e ele a
gente nunca teve esse interesse,
porque nem eu nem ele consumia,
nem nada, né, então pra... é... a
nível de instruir as crianças, né?

112. Hum-hum...

113. Quando mostra alguma
propaganda de drogas, né? Dessas
campanhas antidrogas, quando
tem um... uma reportagem a
gente fala: "Tá vendo quê que
acontece?" assim, assim... A gente
já fala assim: "Quando vocês vão,
está fora de casa, não aceita nada
de ninguém, se ficar mal, você
pega, mas não conso... não... não

come... depois você joga fora... A
gente... mesmo o cigarro a gente
[incompreensível, rindo] ... O W.
também fumava... até o cigarro eu
procuro... é... orientar de que não
faz bem, não sei o quê, então,
desde *pequeninho* eles já vêm
com isso na cabeça.

114. Tá.

115. O pequenininho, quando tinha
três anos que fez o W. parar de
fumar. Ele que pediu: "Pai, pára
de fumar... faz mal!" Que os...
maioreszinhos tinha ido lá na feira
de Ciências, tinha um pulmão...
de um fumante... preto! Então
eles viram assim, ficaram
impressionados e... ficaram
comentando em casa, e o
pequeninho ouviu, e ficou com
medo, e via o pai fumando. Então
um dia ele falou: "Pai! Pára de
fumar! Faz mal, né?" Aí acho que
caiu a ficha do W. , graças a Deus,
né? Aí ele parou de fumar [rindo]

**116. Hum-hum... É... então
a atitude que vocês têm na
família parece que...
abertamente vocês...
criticam, vocês, né?...
Condenam o uso, explicam...**

117. Hum-hum... Os motivos que
traz... as conseqüências... como é
que fica uma pessoa dependente
de drogas... é... Passa mal, a gente

mostra às vezes na... na televisão, quando mostra: “Tá vendo, ó? Você consome, você fica dependente... aí quando você não tem você começa a passar mal, faz mal fisicamente... “ Aí eles ficam meio impressionados também... a gente mostra o lado ruim, bem trágico mesmo... Para não ter curiosidade nenhuma! *[rindo]*

118. Para não ter curiosidade...

119. *[rindo ainda]* É. Para ver que o negócio é ruim mesmo, não querer nem experimentar! Não sei se é esse, é o caminho certo, mas...

120. Tá. O importante é ver como vocês estão vivendo isso.... depois a gente pode conversar sobre... não sei se o caminho certo, mas o quê que a gente observa, né? Que pode ajudar também, né? Mas por enquanto o importante é isso aí, você ir falando o que vocês pensam, o que vocês pensam, né?... E... as fontes de informação sobre o assunto, já que vocês conversam com os filhos, procuram... se informar em algum lugar... Quais as fontes que vocês têm...de informação?

121. Geralmente é a televisão.

122. Tá.

123. A televisão, a... a escola às vezes também mandava alguma coisa sobre... é... palestras, né, sobre drogas, não sei o quê, mas nós nunca chegamos a ir em nenhuma... na escola. É o horário, né, é ruim, o horário depois que você... volta da escola, do serviço, ter que sair para assistir uma palestra, ainda com três moleques, não... a gente sempre tem, né? Daí... nas revistas, também sempre sai (...)

124. Tá.

125. Então não é assim, constante, uma... uma informação constante...

126. Quando surge, né?

127. É. É tudo... tipo de ocasião.

128. Hum-hum... tá. Agora... é... você disse... alguma coisa logo no começo, né, assim, se o problema é sério, “principalmente se a pessoa fica dependente”... Então existe uma diferença entre usar e ficar dependente... Como que é isso, assim, como que você... imagina esse processo?

129. Eu acho... quando... É pior você ficar dependente porque...

130. Quer dizer, pode às vezes acontecer de usar sem ficar dependente?

131. Eu acho que é... tem... pessoas que eu acho que *tem* força de vontade que *consegue*, né? É mais forte, não, não... que usa só para dar o *baratinho* ali na hora, e tal, né? Agora tem aqueles que precisam disso, né, e acho que já... que... já consomem tanto que aquilo já faz... faz falta, eles respiram aquilo, né, sempre. Esse... esse é o pior, né? Você não... você não consegue mais viver, trabalhar, você não tem uma vida normal... esses... *dependente* de droga mesmo, né?... Agora, o usuário esporádico acho que não... sabendo controlar acho que não tem tanto problema, né? Dependendo da cabeça de cada um, né? Tem as pessoas mais fraquinhas que acabam se tornando *dependente*, aqueles não, tem os que... consomem, e... e não... não... se tornam viciados, não.

132. Hum-hum... Tá.

133. Só aqueles, na hora, para dar um baratinho na hora, numa festinha, numa reuniãozinha... eu acredito que seja assim, não sei...
[rindo]

134. É... você falou das conseqüências, que o problema é grave, e você apontou as conseqüências do uso de drogas, da dependência, para a pessoa e... para a família da pessoa, né?

135. Família... que a família sofre junto, né?

136. Hum-hum... Certo. Assim, na sociedade como um todo, você vê conseqüências das drogas estarem acontecendo, desse problema estar acontecendo, ou seja, isso traz problemas para a sociedade como um todo? Para a vida em sociedade?

137. O consumo de droga?... Eu acredito que sim, né? Porque acho que tudo é uma coisa... uma coisa empurra a outra... Por exemplo, se você vir... tornar um dependente de droga você não consegue mais emprego... Você não é aceito numa escola... Como é que uma pessoa pode crescer desse jeito sem... sem um emprego, sem uma educação... então... Influencia na sociedade também, né?

138. Sim...

139. E é... e é grave isso também...

140. Hum-hum...

141. Você já ouviu falar: “Ah, aquele lá fuma maconha, você já fica meio afastado, não é? Às vezes nem faz nada, é um estudioso, é... é culto, tudo mas... você já tem uma certa... preconceito, né?”

142. Tá. Existe um preconceito sobre isso...

143. Acho que na sociedade influencia bastante... Uma coisa leva a outra, né?

144. Sim...

145. Agora o que nem... que não... não... dependente, acho que tudo bem... agora quem é realmente dependente... influencia bastante na sociedade.

146. Tá. Agora... você pensa que... Eu estava pensando naquilo que você me disse na... nas conseqüências do uso de drogas para a família da pessoa, né, quando o problema surge, tá? Mas você, por outro lado, você acredita que o uso de drogas pode se conseqüência de um problema da família?

147. Também! Não sei se é... algum... A família tem algum problema, algum... entendimento, algum... em relação à criança não soube orientar bem, sei lá, o ca... Geralmente casal separado, não

sei o quê, a criança fica meio revoltada e... e vai procurar ajuda nesse caminho, não é?

148. Tá.

149. E não... procurar os pais para conversar... mas procura...

150. Hum-hum...

151. ... através de droga... Tem gente que não tem... é, os amigos para conversar, parentes, então... vai procurar a droga...

152. Hum... tá.

153. Eu sei por causa do meu irmão foi isso também, porque ele foi para outro Estado, foi morar sozinho, não tinha ninguém... ficou... carente...

154. Tá.

155. Não... não conhecia ninguém, só pacientes, então... não sei que isso também levou...

156. Hum-hum...

157. E tem aqueles problemas de médicos também, né, e tem...

158. O quê?

159. O dia a dia do médico é complicado, né?

160. É verdade...

161. Então e... e eles vão procurar as... as drogas por causa disso... Não sei se o caso do meu irmão foi isso também. Porque dentro de casa, desde criança, desde pequeno, a... a nossa família foi bem unida, foi... da... assim, foi

bem estruturada, né? Somos em quatro, só ele, caçula, teve esse tipo de problema, porque o resto... e isso aconteceu quando... ele se afastou da família...

162. Hum... tá.

163. Antes disso era normal... a gente era bem unido, não é?

164. A separação da família pode ter gerado nele a necessidade de... de procura, né?

165. Também...

166. Hum-hum...

167. Porque antes disso... era normal, nunca tinha acontecido... ele chegou a trabalhar também como médico aqui... lá em São Paulo, quando nós estávamos todos juntos, e nunca aconteceu nada... Aí depois que ele foi para o outro Estado, aí que começou... E ele teve um acidente... de... de carro, não é? Um caminhão... porque... eu acho que ele... devia estar... né?

168. Devia estar usando, ele devia ter usado a droga...

169. Deve ter usado, porque... Pelo jeito que contaram, ele saiu da pista dele, e foi para a outra pista, e o caminhão bateu de frente... Então esse lado, o esquerdo... o cotovelo trituroou... o joelho também... Até hoje ele anda de

bengala... fazendo cirurgia, até... cirurgias na perna...

170. Sei...

171. Para encaixar tudo o negócio, botar no normal... Ficou bem complicado... perfurou pulmão, não sei o quê... Então... tudo isso é uma consequência da droga, né?

172. Da droga... hum-hum...

173. Aqui em São Paulo ele era bem... lá em São Paulo ele era bem... cauteloso, dirigia bem, não corria, era bem, né... depois que foi... acontecer isso, entendeu, ele era responsável, né, no trânsito... é porque ele estava... fora do normal ali.

174. Estava fora... hum-hum... Entendi... (...) É... como que você imagina que... qual que seria uma maneira de prevenir o problema, principalmente entre os adolescentes?

175. Prevenir...?

176. É... como prevenir?

177. Para não chegar ao... consumo?

178. Como prevenir o problema de uso de drogas pelos adolescentes? A partir de sua experiência atual e pelo que você vê... na sociedade, nas suas pessoas conhecidas?

179. Eu acho que tem que ser... muito diálogo... entre a família... como eu disse, a família, acho que é a base de tudo, não é? Se você tem uma família sempre aberta, sempre ao diálogo... hã... sempre discutindo... eu acho que...

180. Hum...

181. ... é o caminho... e não ser muito repressor também, né? Porque eu falo assim: “Ah... tem de ser muito...” que nem o W. , o W. é muito bravo... então os filhos têm medo de contar as coisas para ele, aí vem e conta para mim...

182. Certo...

183. Não pode ser muito autoritário porque aí fica... Se eles fizerem alguma coisa errada eles nunca vêm te contar... fica com medo, né, ele vai levar bronca...

184. Hum-hum...

185. Então você também... em que ser maleável, também, né, com as crianças... Para poder eles sempre... contar os problemas, o quê que eles estão passando, a gente estar sempre assistindo as coisas, não é?

186. Hum-hum...

187. Eu acho que é por aí, pelo menos é o que a gente está tentando, né? Eles estão pequenos também, eu...

188. Tem... dois só que estão na pré-adolescência, né?

189. É, onze anos... e eles estão com onze anos mas parece que também eles são... são bobinhos ainda... em relação com as outras crianças de onze anos que eu vejo, eles são bem infantis. Nem... nem... nem cigarro, porque você chega uma idade que as pessoas têm curiosidade, né? “Dá uma pitadinha, né, no cigarro?” Eles não têm... nem... nem malícia de ver revista de... pornográfica, que os meninos, os amiguinhos da escola *leva* revista, *abre* a internet para ver essas coisa... Eles nem isso têm curiosidade... Eles, por eles, ver uma mulher e não... *[faz cara de asco, rejeição]*

190. [rio]

191. Não, não quer, não sei o quê... Então eles ainda são bem infantis... acho que é... Por enquanto eu acho que eu ainda não vou ter esse problema. Mas a gente sempre procura conversar para já estar passando informação, né?

192. Vocês se preocupam desde já com isso...

193. É...

194. ... apesar de eles ainda terem onze anos, né?

195. É.

196. Hum-hum...

197. Porque isso está... está... está em todo lugar, né Marcelo? Está em todo lugar... Apesar de a história do... do tio eles não estão sabendo né? Que o tio... foi viciado...

198. Ah, vocês não comentaram com eles?

199. Com as crianças [*acenando negativamente com a cabeça*]... Eles... eles *percebeu* diferença do comportamento do tio... O tio era mais aberto, brincava, era um molecão. Aí depois do acidente, eles já *viu* que... que o tio mudou, já ficou mais fechado, pesado, ficou carrancudo... E eles nem... nem che... nem têm vontade de chegar perto mais do tio... que nem antes... não brinca mais.

200. Hum-hum...

201. “O tio mudou, né?” Mas eles, eu falo: “Ah, porque o tio está passando um problema, por causa do acidente, e tal, que o tio está meio assim, e tal, e tal...” “Então... eles aceitam tudo.... como se fosse isso o problema, né? Mas não...”

202. Você conseguiria dizer por quê vocês evitaram contar o assunto das drogas para eles, em relação... a esse problema do tio, com as drogas?

203. Não só a eles, como a família inteira não sabe, só nós da família... Eu não sei se é vergonha... ou o quê que é, mas a minha mãe pediu para não comentar, a gente não comenta... Tanto é que o W. também só ficou sabendo faz pouco tempo, ele também não sabia... Minha mãe pediu para não contar, minha irmã também pediu... eu não via mal nenhum, pelo menos o W. , né, eu acho que não tem problema nenhum... Mas como eles pediram... Então... não falei nada.

204. Hum-hum...

205. Mas aí ele... com o tempo, ele também achou estranho a atitude do meu irmão, né? Aí acabei contando! Aí ele já sabe, que o W. sabe, e tudo, mas... fora isso, a... os familiares, tios, tias, ninguém sabe...

206. Hum-hum...

207. É que meu irmãozinho sempre foi meio esquisito mesmo, né? Então... esquisito por esquisito... Ele não é muito chegado a... parente.

208. O seu “irmãozinho”... é esse?

209. [*rindo*] É esse...

210. Tá... você se refere porque... é o caçula...

211. É o caçula.

212. Tá. Quer dizer, antes do problema de droga, você fala, ele já era meio esquisito...

213. Ele já era meio esquisito...

214. Esquisito como?

215. Ele não é muito... sociável... ele não gosta muito de parente... ele acha que... parente só vem quando precisa, e vem para *encher o saco*. Então às vezes vinha meu tio, minha tia em casa... ele não fazia questão nenhuma de cumprimentar... Não sei por que, desde *pequeninho* ele foi assim. Agora eu, meus outros irmãos, normal. Sempre ele recebe bem, não sei o quê, mas o *pequeninho*, desde pequeno... o caçula, desde pequeno, ele é meio estranho.

216. Hum-hum...

217. Não... não era muito chegado a parente. Não sei se foi algum trauma de pequeno... que aconteceu, eu não sei. Mas em casa era normal. Era briguento, como toda criança... inteligente, muito inteligente...

218. Hum-hum...

219. Mas em relação a parente ele não gostava muito não. Até com o W. a... pessoas de fora, ele é muito ciumento... pessoas de fora... quando *entra* em... em casa, acho

que ele sentia ciúme... demorou para ele aceitar o W. também... Então... ele era meio... meio es... como todos... os parentes falam: “Ele é meio esquisito...”

220. Meio esquisito...

221. É... mas em casa ele é boa gente.

222. Certo... Não...

223. Mas também tem o outro lado, porque quando ele pega amizade com uma pessoa, ele se dedica... o máximo para aquela pessoa...

224. É muito afetivo...

225. Muito, demais. É... tem um coração ótimo, mas tem que pegar a pessoa certa, porque se ele não gosta não adianta... (...)

226. Vamos voltar um pouquinho pra... pra vocês, para os seus filhos, para a sua família...

227. Hum-hum...

228. É... como é que... funciona, no costume de vocês, na sua família, né? Quais são as características assim da vida familiar e da educação dos filhos... né? Como que você descreve essa coisa de regras, limites, disciplina... Como que funciona isso?

229. É, a gente procura... passar o... mais ou menos o que os nossos pais passaram para a gente, né? É... regras, assim... Tá errado, tá

errado. Explica porque que tá errado... e... eles têm que... No começo eles têm que fazer o que a gente fala! *[rindo]* O que a gente está mandando. Então eles falam... “Por quê que...”; “Por quê não é bom isso, mãe, por quê que isso não está certo?” É... se eu souber responder, eu respondo, se não eu falo assim: “É. Porque é isso mesmo! É assim, tem que ser assim! A regra é essa, tem que obedecer!”

230. Hum-hum...

231. Então... se eu tenho argumento eu respondo, se não é... é assim mesmo.

232. E eles... é... são muito questionadores das regras?

233. O caçula é mais.

234. É mais?

235. É. Mas os outros dois... vai lá... *questiona* um pouquinho, aí vê que não... a mãe enrolou, enrolou, aí... eles acabam desistindo. O caçula é mais persistente...

236. Hum-hum...

237. E aí ele muitas vezes ele sai sem resposta, porque se eu não souber não... vou enrolando também... *[rindo]*

238. [rio também]

239. *[incompreensível]*...

240. Eles não estão ainda numa idade de querer sair, passear, sozinhos...

241. Não... sozinhos não.

242. ... não deve ter pedido. E dinheiro, mesada, essas coisas...?

243. Nós dávamos mesada.

244. Isso. Como é que funciona... como é que funcionou, ou como é que funciona?

245. É. Até o W. estar empregado funcionava uma vez... é... dava mesada uma vez por mês. Todo começo de mês... nós dávamos um... dinheirinho para eles. Aí eles faziam o que eles quisessem com aquele dinheirinho. É... quer ir no cinema, vamos no cinema, às vezes eles mesmos falam: “Hoje eu pago... cada um paga o seu” Ou vai comprar um lanchinho na escola. Mas eles não costumam gastar muito não. Quer dizer, dois não gastam, o outro gasta demais, né? O outro quer comprar lanche para todo mundo na escola. Os outros dois que são mais econômicos, preferem... beber só água... Comer um saquinho de pipoca, para não gastar o dinheiro. E... se faz alguma coisa errada, a gente desconta na mesada. Se eles fizerem uma...

uma... desobedecerem alguma coisa... tira da mesada. Mas aí depois que o W. ficou desempregado...

246. Hum-hum...

247. ...nós cortamos a mesada, né?
Agora, o dinheirinho que eles têm eles estão controlando...

248. Hum-hum...

249. E eles mesmo sabem que não pode gastar muito agora, né?
Estão em... recessão! [rindo]

250. É...

251. E se não merecer não ganha mesada, heim?!

252. Hum-hum...

253. É. O castigo vai ficar sem mesada ou desconta na mesada...

254. Ou desconta na mesada...

255. Agora não tem mais mesada, o negócio é... às vezes é... no tapinha.

256. No tapinha? [rio] O... o... você estava falando que uma boa chance que vocês têm de falar esse assunto de drogas com os seus filhos, é uma campanha que aparece às vezes na televisão, uma matéria ou...

257. É... o que aparecer, a gente aproveita o gancho e entra junto...

258. Pensando assim, nos meios de comunicação, a cultura em que a gente vive, a

sociedade, né...? É... você acha que a sociedade estimula o uso de drogas?

259. (...) Nunca pensei, eu acho que... eu acho que sim, heim?

260. Como?

261. É... mes... mesmo... por exemplo, numa novela... mostra... um drogado, eu acho que as pessoas que estão do outro lado, acho que fica meio curiosa também, né? E aí que vai experimentar, não é? Eu acho que... é um... mesmo em filmes, cinema, também você vê aquilo... eu acho que estimula a curiosidade da pessoa... Depende de cada pessoa, não?

262. Hum-hum...

263. Eu acredito que sim, então... Falam muito daquilo, mostram muito aquilo... Então acho que...

264. Acaba fazendo uma publicidade...

265. Indiretamente acho que a... acho que acaba.

266. Quê que você ia falando agora?

267. (...) Esqueci...

268. Ah, tá. O... o... vocês se preocupam com o uso de TV em casa?

269. TV?

270. É, para assistir TV...

271. A programação?

272. A programação... vocês põem limites para isso?

273. Ponho. Filmes que eu acho que não... programas que eu acho que não é interessante para eles, que é prejudicial, eu corto.

274. Que tipo de programação te preocupam mais?

275. Violência. Esses filmes que fica dando tiro, corta... mostra cortando a cabeça... Tem muito disso mas... eu não gosto. De luta... eu não gosto.

276. Hum-hum...

277. Agora assim, de... é... esses filmes pornô... que estão aparecendo assim... também não deixo ver ainda. Se for assim mais ou menos, mais *light* aí tudo bem, mas aqueles que elas... aí eu não deixo.

278. Explícitos, né?

279. É, não deixo, porque hoje em dia está mostrando tudo mesmo, não é?

280. Tá.

281. E na TV... para você ver filme de madrugada...

282. Sim...

283. Né, uns negócios que... Baixaria mesmo, não é? Aí eu também não deixo.

284. Hum-hum... Você sente que vocês dois, os pais, vocês... acabam concordando muito

nessas regras, vocês se vêem unidos...

285. Eu e o W. ?

286. Isso...

287. Se temos a mesma opinião?

288. Isso...

289. Temos.

290. Coincide muito, né?

291. Coincide. Minhas opiniões com a dele, ele concorda comigo... ou eu concordo com ele... Parece que é bem... é bem parecido, as idéias dos dois.

292. Hum-hum... Certo... (...)
[consultando meu roteiro]
Deixe-me ver o quê que pode estar... [soa a campainha do telefone em outra sala]

293. O telefone, Marcelo?
[demonstra preocupação pelo meu telefone tocando em outra sala]

294. Sim... É... tem secretária eletrônica... É...

295. (...) Eu não deixo... eu até influencio...

296. Pode falar...

297. O... da bebida alcoólica também... Desde criança eu falo, quando o W. se altera um pouco quando bebe demais eu até falo: "Ó, tá vendo como você fica? Ó, você fica falando besteira, não sabe o que faz, depois se arrepende do que fala... fala as

- coisas depois não lembra?”
[rindo]
- 298. Certo... O... teu esposo, ele... você acha que ele bebe demais?**
299. Não. Já bebeu mais. Mas também não é nenhum alcoólatra, não é assim... É de beber assim, socialmente, um pouquinho... De vez em quando ele extrapola um pouco... mas não é sempre.
- 300. Hum-hum... Você já mencionou, olha, maconha, cocaína, crack, heroína, álcool, cigarro comum, né? É... teu irmão, medicamento, né? Quê que é droga?**
301. Tudo que é prejudicial para a saúde! Aquele negócio que os atletas usam...
- 302. Anabolizantes?**
303. É uma droga, não é? Eu acho que não faz bem para a saúde, é uma droga. Uma coisa que... não faz bem para o seu organismo é uma droga... É uma droga! Coisa que não presta! Droga!
- 304. O nome já diz?**
305. É, o nome já diz tudo, é uma droga. (...) E acho que tudo começa com o cigarro, não é não?
- 306. Antes da maconha, o cigarro?**
307. O cigarro.
- 308. Hum-hum...**
309. Não deixa de ser uma droguinha, né?
- 310. Droguinha, droga... [rindo com ela] Tá... E... como é que fica isso assim, por exemplo, o cigarro é permitido, o álcool é permitido, maconha já é...**
311. Que é uma droga também, né? É permitido socialmente, né? Mas para mim isso não é permitido, porque eu já acho que não está certo, tanto é que eu falo para os meninos, que não faz bem. Que não é saudável, que não faz bem, para mim é uma droga também, eu não gosto. Agora o pai já fumou, já bebeu, quer dizer, ainda continua bebendo, né? Mas é que eu acho que não tem, não... Não traz tanta consequência quanto essas drogas injetáveis, essas drogas mais pesadas, né? Sabendo controlar... sabendo controlar.
- 312. Hum-hum...**
313. Cigarro, por exemplo, é... bem prejudicial, né? O...álcool também, se você... acaba virando um alcoólatra, você... é uma droga mesmo, você acaba virando um... alcoólatra, um... que fica dependente... E uma pessoa alcoólatra é... terrível, já vi casos no asilo, as velhinhas chegar a

tomar perfume, a pegar... a *mentir* para a enfermeira, falar assim: “Ah, eu preciso passar álcool aqui”, ela pegava aquele álcool e ficava chupando aquele álcool lá no algodão... É uma droga. E é isso, né? A sociedade aceita... o álcool e... o cigarro. Mas eu... eu... eu acho que aí já também é uma droga, uma droguinha, não é, mas é uma droga, não deixa de ser droga.

314. Hum-hum...

315. Por mim meus filhos nem fumam nem bebem.

316. Tá.

317. Mas eu sei que eu não vou poder controlar isso também, né? Chega uma certa idade que eu não vou ficar podendo... Enquanto é pequeno dá para você falar, né? “Não faz, não pode”... Mas acho que depois vai chegar uma certa idade que eles vão acabar... saindo com os amigos, e, né: “Aqui, ó! Experimental!” E não sei o quê, né? Eu acho que eles... vão querer...

318. Você acha que essa curiosidade é normal?

319. Nas *criança*?

320. Nos adolescentes.

321. Nos adole... Eu acho que sim.

322. Tá.

323. Os adolescen...

324. E o quê que faz a diferença entre um adolescente que experimentou por curiosidade e o que, como você diz, ficou dependente? Qual a diferença de um e do outro?

325. O que virou dependente provavelmente... tem algum problema.

326. Tá.

327. Por que esse foi ao fundo.

328. Tá.

329. Agora o que por curiosidade, se ele tiver uma cabeça feita, se ele não tiver problema nenhum, se ele *consiga* parar, né?

330. Hum-hum...

331. Eu acho que é isso...

332. Tá. (...) Deixe-me ver aqui... Tratamento... como é que se trata?

333. Isso é complicado, heim? De um viciado? Eu acho que sempre tem que ter uma ajuda, sozinho acho que meio difícil... Pelo que eu vi do meu irmão, desses amigos...

334. Hum-hum... pode falar [me inclino para verificar a fita no gravador]

335. ... que nós temos... sempre teve... ajuda de... de outras pessoas, porque sozinho eu acho que é complicado.

336. Hum-hum...

337. Dependendo do caso tem que ter uma *auxília* médica, né, um... uma ajuda médica, porque... Meu irmãozinho, mesmo com ajuda médica ele não está normal [rindo]...

338. Como é?

339. Meu irmãozinho até com ajuda médica ainda normal, nem sei se vai conseguir a ficar normal, não sei se uma pessoa que... consumiu... drogas, consegue, depois de um tratamento, uma pessoa viciada, depois de um tratamento... volta ao normal...

340. Hum-hum...

341. Volta ou não?

342. Isso daqui a pouquinho te respondo... [ela ri] Agora é melhor eu não... não interferir com as suas, é... com as suas idéias, não. É...

343. Que ajudar, ajuda, agora, se... se cura...

344. Se recupera...

345. ... totalmente, isso eu não sei...

346. Hum-hum...

Provavelmente vai depender muito, né, de cada caso, de cada situação, né? É... Provavelmente você não apóia muito a idéia de liberar as drogas, de liberar a maconha, por exemplo, que está aí sempre...

347. Não.

348. sendo discutido, né?

349. Não. Eu acho que as pessoas têm que estar sempre com o pé no chão. Ficar viajando muito não dá certo...

350. Viajando não dá certo... [rimos juntos]... Então esse é um problema então das drogas... tira a pessoa...

351. Da realidade!

352. ... da realidade...

353. Ora, se!

354. E por quê que o adolescente quer ficar fora da realidade então?

355. Porque está com algum problema e quer desligar, quer... se livrar daquele problema...

356. Hum-hum...

357. Então, quê que ele faz? Ele consome e vai viajar... Acho que é isso.

358. Certo... Você já precisou alguma vez usar... você diz que não gosta de bebida alcoólica, não toma, não consome, né? Nem cigarro...

359. Não.

360. Mas e, por exemplo, medicamentos, que nós, os psiquiatras costumamos passar? Alguma vez você já utilizou tranqüilizantes?

361. Nada.

362. *Nunca precisou, né? E quê que você acha disso?*

363. Para pessoas, por exemplo, que têm problemas, tipo depressão...

364. *Tá...*

365. ... eu acredito que aí faça... que *seje* necessário, né?

366. *Aí não é droga?*

367. Também é uma droga, mas uma droga... saudável. *[rindo]* Não sei se existe isso!"... *[rimos, segue-se trecho incompreensível]* Que nem essa droga que meu irmãozinho usou...

368. *Tá...*

369. É uma droga que alivia... não sei se é um... quando vai fazer... É, vai fazer endoscopia, você toma aquele negócio lá para não sentir dor, sei lá o quê que é...

370. *É um sedativo provavelmente, né? Um hipnótico...*

371. É um negócio desses.

372. *Hã-hã...*

373. Quer dizer, para você vai ajudar, porque você não vai sentir dor, não sei o quê, não sei o quê... Mas também vicia uma pessoa...

374. *Depende então do tipo de uso que se faz, né?*

375. É. Pra esse tipo de caso, que ajude a pessoa a melhorar, a curar, aí eu concordo. Mas esses

usos por usar, por usar, sem ter problema algum, assim... como vício, eu não concordo. Mas para ajuda, para tratamento, eu concordo.

376. *Tá.*

377. Tá essa briga aí, né, de... liberar maconha para... não é maco... é maconha, né?

378. *Sim...*

379. Que é droga, para tratamento, que tem pessoas que precisam, né? Aí eu acredito que... tudo bem... Se é para ajudar, se é para curar, tudo bem.

380. *Hum... Você lembra de alguma outra coisa que você queria comentar comigo, alguma idéia que você tem? Porque eu estou vendo aqui também para ver se tem alguma pergunta... acho que não...*

381. Eu acho que... que... uma pessoa, que, por exemplo, que nem no caso do... que tem um filho... viciado... é... quem está cercado, também os pais, a família... também tem que estar... Tem que ter uma ajudazinha também, né? Porque é um negócio... não é fácil, não é?

382. *Hum-hum...*

383. É bem... bem complicado... Aí não sei se no caso também precisa

de uma droguinha para ajudar,
um tranqüilizante *[rindo]*...

384. *[rindo também] Uma droga para combater a...*

385. A outra droga... Porque olha, ele tirou a minha mãe do... quase consegue tirar minha mãe do sério, minha mãe precisa ter uma paciência do cão com meu irmãozinho...

386. *Hum-hum...*

387. E os... *estrimiliques* que ele tinha durante a noite... é triste isso, ver um negócio desse... Uma mãe ver um filho daquele jeito...

388. *Quê que eram os... estrimiliques que você fala?*

389. Da tremedeira...

390. *Tremedeira...*

391. Acho que é a reação, não sei se... está sentindo falta, ou se é a reação da droga... Meu pai ficou impressionado, meu pai é daqueles japoneses tradicionais, antigos, ver um negócio desses... ele ficou bem impressionado, e minha mãe também... Imagina uma mãe ver um filho tendo um troço desses e não poder fazer nada... Eu acho que... tem que ter um... uma ajuda também, porque, não é fácil não! Eu não sei se no lugar dela, eu iria agüentar ver um filho... passando por tudo isso que ele...

392. *Hum-hum...*

393. ... tá passando, e fez a família toda passar. A família ficou meia balançada com o... com o caso lá...

394. *Imagino...*

395. Então eu acho que... No fundo, ninguém consegue nada sozinha, tem que sempre ter uma ajuda... aí o quê que a minha mãe fez? Minha... se apegou à religião, às coisas, né?

396. *Há quanto tempo tem esse problema do seu irmão?*

397. Três anos...

398. *Ah, três anos... Hoje ele está...*

399. É, três anos, vai fazer agora em dezembro três anos.

400. *Hoje ele não está usando?*

401. Não está usando... Mas ele não está normal... Ele não é mais como antigamente. Ele não... não sei se é seqüela, ou o quê que é, não sei o quê que ele... quais são as conseqüências...

402. *Ele teve uma história de um acidente aí também, né?*

403. Também...

404. *...que pode ter abalado...*

405. É. Eu sei que ele não é mais aquela mesma pessoa.

406. *Hum-hum...*

407. Nem sei se... consegue voltar ao que era antes, também...

**408. (...) *Hum-hum... Tá. Eu vou
desligar, então.***

[FIM DA GRAVAÇÃO EM ÁUDIO]

“D”

QUARTA ENTREVISTA

Data: **02/03/02**

Duração aproximada: **60 minutos**

Dados de identificação da entrevistada:

Inicial fictícia: D;

Idade: 40 anos;

Etnia: Branca;

Estado Civil: Casada há 15 anos;

Procedência: Londrina, PR;

Escolaridade: Superior Completo;

Ocupação: Empresária;

Situação financeira: referida atualmente como estável;

Religião: Católica praticante

Filhos:

X. (sexo feminino, 13 anos);

Y. (sexo feminino, 11 anos);

Comentários:

Entrevistada aparentemente tranqüila, demonstrando ser muito segura em suas opiniões. Após o término da gravação, demonstra interesse por mais informações, pedindo-me que lhe enviasse artigos científicos sobre o tema.

TRANSCRIÇÃO:

1. ***Sabe, a primeira coisa que vou lhe perguntar...***
2. Sim...
3. ***... é: qual a sua motivação pra participar desta pesquisa?***
4. Bom, eu acho que é muito difícil educar adolescente. No meu prédio a gente tem contato com bastante vizinha, assim, a gente tem muita amizade, e tal. E uma

delas tem filho, ele está na mesma série que a minha, só que é um ano mais velho. E ultimamente... antes da pesquisa, de chegar essa... esse convite para a pesquisa a gente ficou sabendo que ele estava lá, não sei o que, metido com maconha. Os amigos, não sei o que, que foram para um sítio e estavam com maconha. Eu falei... e chegou a pesquisa, eu falei: “Nossa! É muito preocupante isso, né?”. Ainda mais que a minha filha chegou, e comentou, e viu na novela também que a menina está afundando em drogas... E... a minha filha parece assim que é tranqüila... Mas... adolescente... E, esses dias mesmo ela falou assim: “Mãe, a gente estava falando. Se alguém, um dia, assim, vier oferecer drogas para a gente, a gente fala que não vai aceitar porque não é boba, mas eu ainda comentei com as minhas amigas... às vezes eu tenho medo de fraquejar e aceitar e não sair mais das drogas”. Eu quase tive um *chilique* a hora que ela falou isso! *[dá uma risada, eu rio também]*. Eu disse: “Mas filha! Como você pode falar isso?” Ela falou assim: “Não, mãe, não é que eu vou aceitar”. Eu falei assim:

“Não, mas você é uma menina de personalidade forte, você nem... precisava ter falado isso, que tem medo de... é, né... fraquejar e aceitar”. Ela falou: “Não, eu só estava conversando”. Aí por um lado eu sei se era só conversa entre amigas, então pode ser menos ruim... Mas já fiquei preocupada. E... tenho interesse mesmo, né...

5. Hum-hum...

6. Tudo o que, acho que pode ajudar os filhos da gente, eu me interessei, acho que é bom e [incompreensível] ... Tudo que fala em relação às drogas, porque hoje em dia... o adolescente não precisa ter motivo, nem revolta, nem nada para se meter com os jo... com drogas...

7. Certo...

8. E isso é o que mais me preocupa, né? Pode às vezes ter uma família legal, uma vida normal, mas...

9. Hum-hum...

10. ... às vezes está metido em drogas, né... é comum. Isso é preocupante.

11. Hum-hum... Então a sua motivação é... pelo fato de ser mãe... de uma adolescente, ter outra a caminho, né?...

12. Isso...

13. E o assunto surgiu...

14. Surgiu... esses dias...

15. ... esses dias agora...

16. Hã-hã...

17. É... antes disso você já tinha preocupação com... com esse assunto?

18. Sim, sempre fiquei preocupada, né, porque a gente fala assim: “Ah, é difícil criar filhos, porque a escola, é muito gasto”... Eu nunca tive esse tipo de preocupação porque eu acho que tudo você dá um jeito... Se você tem dificuldade financeira você muda de escola, no último caso é a escola que eu... tiraria, mudaria...

19. Hum-hum...

20. Mas a minha maior preocupação é a educação mesmo...

21. A educação...

22. A educação do filho, sabe, de... Com relação às drogas, com relação à moral, com relação... à personalidade da criança... Eu acho que é difícil.

23. Então você... você se vê preocupada com o assunto...

24. Eu me vejo preocupada com o assunto.

25. E como você vê esse problema... Assim, o uso de drogas pelos adolescentes, o uso de drogas na adolescência? Nosso objetivo

é ver quais são os seus sentimentos, quais as suas preocupações, o que você sabe, o que você desconhece...

26. Hum-hum...

27. Então me fala um pouco assim, o que você pensa sobre o assunto.

28. Bom, eu... Sinceramente, eu tenho medo. Porque, uma vez, que eu acho que, se o adolescente se envolve com drogas, eu acho que é muito difícil se recuperar... Eu acho mesmo, é muito difícil...

29. Hum-hum

30. Embora todo mundo ajuda, e... é complicado, porque vai... vai desarmonizar a família inteira, vai criar um caos na família, o adolescente já não obedece a gente tão fácil, imagina com relação, né?...

31. Hum-hum...

32. ... se já estiver envolvido com isso, com drogas. Então eu acho que tudo, até eu evito, que não fumem, peço para elas nunca fumarem, maconha também não...

33. O cigarro comum?

34. O cigarro comum, já peço para não fumar. Até a bebida, quando a gente sai a gente vê o excesso, de bebida em, nossa, menos de

dezoito anos, as meninas assim, andando... é, trançando as pernas [rindo]. Então já, já fico preocupada com tudo. E... das drogas mais fortes, eu acho que não tem mais forte nem mais fraca, né? Uma vez que você já entrou... eu, eu vejo assim...

35. Hum-hum...

36. Eu nunca experimentei nada. Nem lança-perfume na minha adolescência, eu nunca tive interesse, eu sempre tive medo...

37. Nunca provou nada?

38. Eu sempre tive medo. Né, medo assim de ter um treco, de... experimentar um negócio [rindo] e cair desmaiada...

39. Hã-hã...

40. Então, eu nunca experimentei nada, nem a maconha, mal eu conheço o cheiro, quem mais me fala é meu marido, que eu acho que... Acho, não, ele conhece... na época dele de faculdade ele já experimentou tudo, mas o cheiro às vezes eu sinto, mas não consigo sentir, diferenciar de outros cheiros, né? E... bom, e eu acho que tudo é difícil, e é sempre... é o caminho, eu acho. Tipo assim: bebida... maconha... aí vem: cocaína, e outras coisas. (...)

41. Tá. Por quê os adolescentes usam drogas, na sua opinião? O que faz um...

42. Bom, tem aquele... o tradicional, né, que todo mundo fala, às vezes uma família... uma família desestruturada, pode ser... problemas... é... *financeiro*, ou complexo do adolescente... Tirando essas coisas mais convencionais que a gente acha, acho que hoje em dia o jovem está desmotivado. Ele tem tudo muito fácil...

43. Hum... tá...

44. Assim, ele... tem tudo, tem tudo! Não... não tem por que lutar, então ele está sempre, está sempre... insatisfeito... Insatisfação. Eu vejo isso, assim: as minhas filhas, desde pequenas, pediam um não sei o que de presente. Aí eu falava: “Espera o Natal ou o aniversário”. Eu sempre gostei de por as coisas nos seus devidos lugares, nunca gostei de ficar dando um monte de presente, mesmo às vezes quando eu podia, e tal, eu evitava fazer isso, para saber a hora certa. Chegava no Natal, elas pediam, pediam quase que o ano inteiro um determinado presente, chegava o Natal, ganhavam o presente. E isso foi piorando

conforme os anos. Depois que ganhava o presente, ficava feliz na hora, um dia, dois... acabou!... A felicidade...

45. Hum-hum...

46. Né? Muito fácil. Nos últimos Natais, a gente falava: “O que vocês vão querer de presente?” “Ah, mãe, não sei!” Quando que na minha época, se meu pai perguntasse “Que você quer de presente de Natal?” [*rimos*]... Então, parece que estão sempre insatisfeitos, porque eu acho que eles têm muito fácil as coisas na mão... Independente de condições financeiras ou não, eles têm muito fácil as coisas *nas mão*... nas mãos. Muita informação, muita liberdade... É... Tudo fácil, eu acho. Muita informação, é muita informação mesmo, sabe, lê tudo, eles sabem de tudo, fazem tudo, hoje... é... tudo é... que os adole... que os adultos têm os adolescentes praticamente têm.

47. Hum-hum...

48. Eu acho.

49. E aí onde que entraria a droga?

50. Nessa insatisfação.

51. Tá...

52. “Ah! Tem tudo, não quero, ah, tá, porque não tá... tá assim... Tá, é... Está procurando sempre alguma

coisa... tá procurando alguma coisa. Ah, vai ganhar um computador novo? “Ah! Que legal! Mexi, acabou!” Vai ganhar, sei lá, um... um presente que quer muito? “Ah, legal!” Passa dois dias, acabou. Nada satisfaz, então acho que às vezes aí é mais fácil ir atrás de droga. Porque: “Ah, experimenta isso...” ou nem “Experimenta...”, é... “Eu vou experimentar”, às vezes parte dele mesmo, né? “Quero ver se isso é legal, vamos ver.”

53. “Se isso é legal” quer dizer uma... sensação nova?

54. Sensação nova, um prazer diferente. Um prazer novo... né? (...). Então eu acho que é isso mesmo...

55. Hum-hum... É... de vez em quando eu vou colando aqui, né? [consulta meu roteiro, ela e eu rimos] Você mencionou alguma coisa assim, é... nas causas, né, e, com relação assim às conseqüências, você falou algo como desestruturando a família...

56. Ah, eu acho que...

57. ... a gravidade do problema qual é?

58. A gravidade do problema é desestruturar a família... porque eu acho que é muito difícil para

uma família segurar esse problema, ajudar... e, sabe? Vai ter que ser uma dedicação especial para um filho que está envolvido com droga, é uma dedicação especial. Então praticamente você vai ter que deixar tua vida de lado... Tua vida, que eu digo assim, a parte profissional, a parte também da família, às vezes você vai ter que abandonar mais um filho ou o marido no caso para se dedicar só àquele outro filho... né? Eu acho que, nisso pode desestruturar... fora os outros parentes, avós, e tudo, que vai todo mundo querer achar um motivo: “Por quê que ele se envolveu com drogas?” Às vezes acaba até te culpando, sobrando para você, e a gente mesmo também acaba se culpando quando... Hoje em dia eu me culpo um monte por coisas que assim, acho que as meninas são tão... indiferentes, esse jeito assim, sabe, delas, que não, nossa, não se surpreendem com nada, às vezes eu falo: “Nossa! Será que eu que criei errado?”, já me sinto meio culpada, eu acho que se acontecer isso, de envolvimento com droga, eu... provavelmente vou me sentir culpada, né, de alguma falha na educação delas...

59. Então uma das causas das drogas tem a ver com falhas na educação...

60. Eu acho...

61. Hum-hum ...

62. Uma das... Falha na educação. Falha na educação e essa insatisfação... geral...

63. Necessidade...

64. Geral...

65. Sim...

66. É... no mundo de hoje, né? não só de dentro da própria família... eu acho assim... coisas que...

67. Quando você falava dessa insatisfação, é... me deu a impressão, me corrija se eu estiver enganado, é como se o adolescente não tivesse ideal, uma coisa que conquistar... por que lutar... porque tem as coisas muito fáceis.

68. É... é isso mesmo, há falta de ... de motivação... Às vezes até tem um ideal, mas acho que... assim, proporcional à idade deles, os ideais são atingidos muito fáceis... muito fácil... e rápido.

69. Hum-hum.

70. E eles também estão muito preocupado... muito preocupado não, eles... eu acho os adolescentes... egoístas demais, muito egoístas. Em casa eu vejo,

tem dia que eu falo: “Não agüento como vocês são egoístas!” [rindo]

71. Hum...

72. Então só pensam neles, sabe? Às vezes não pensam lá na frente, em fazer uma coisa, em ajudar todo mundo... não tem essa visão mais, sei lá, solidária, ou de se formar para fazer uma coisa, para ajudar. Nunca nenhuma das minhas filhas *falaram* assim: “Ai, eu gostaria de ser... assistente social, ou médica, porque eu gostaria de atender carentes...” Alguma coisa assim... Não. Tudo é para eles...

73. Hum-hum...

74. Tudo é para eles... A satisfação deles, você vê no dia a dia: “Ai, eu quero ir no cinema”, você fala “não, está indo todo final de semana, não vai, vamos cortar”. Ai, já chora, e já vira do avesso, como se fosse lógico, tudo você tem que deixar. Então eles estão sempre insatisfeitos, dentro do egoísmo deles assim, assim eu acho... Falta de... [ri]... é... é raro você ver assim um adolescente com uma idéia lá na frente, alguma coisa, é raro...

75. Hum-hum...

76. Você pergunta o que eles querem fazer, não... eles não querem, eles querem é ter dezoito anos para ter um carro, para poder sair à

noite... né? A minha filha já várias vezes falou que o sonho dela é morar sozinha, nem casar, porque ela quer ter a vida dela! *[rindo]*

77. *Ah, veja só! [rio também]*

78. Ter a vida dela... quer viajar muito pelo mundo...

79. *Hum-hum...*

80. Então às vezes eu... fico triste com isso, né, porque...

81. *É... me parece às vezes que você está meio desapontada...*

82. É, isso... dá uma decepçãozinha assim na gente... Puxa vida! Eu pensei que eu... significasse alguma coisa, né? E é uma criança normal, não que ela seja rebelde nem nada, mas ela é assim... normal, do jeito dela normal, é carinhosa...

83. *A convivência em casa está boa?*

84. A convivência está boa, ela já fez terapia, nessa fase de adolescência, eu também já fiz bastante, então a gente sempre procura, sempre que tem alguma coisa meio errada, então vamos fazer... para ajudar nessa parte. A... X... a minha filha mais velha, eu achei que ela... com a adolescência ela até melhorou. Porque é o que ela sempre quis, ter a vida dela. E isso me

preocupa... Porque o ser adulta dela, na cabeça dela, está ligado com... liberdade para tudo. Então aí eu acho que... ela sendo adulta, ela sabe: “Não, eu vou experimentar droga, porque eu sou adulta, e porque eu sei me controlar!”. Ela fala que ela sabe de tudo. Principalmente ligado a namoro, sexo, então ela sabe de tudo. E de drogas também. Sempre em casa às vezes a gente conversa, vê na televisão, começa a conversar, eu pergunto: “Alguém já ofereceu... drogas?” “Não, nunca.” Ela... e nesse dia que ela conversou: “Ai, tenho medo, vai que alguém chega e me oferece”. Eu falei: “Mas, X., e daí? Não... precisa ter medo. Alguém vai chegar, vai te oferecer, é só você falar não”... Ela falou: “Mas, se alguém...” Aí você vê o lado criança dela: “Se alguém me der uma droga dentro de um doce?” Né? *Tadinha...* Eu acho que hoje em dia isso é mais difícil isso acontecer mesmo, só se for uma pessoa muito desconhecida... *[rindo]*

85. *Hum-hum...*

86. É complicado. Mas ela já... já falou isso, e fala que não, que vai ser firme, que não tem nada disso. E eu sempre procuro mostrar

também, o lado ruim... das drogas. Isso ela tem, na di... na televisão é muito divulgado, no próprio colégio sempre que dá eles falam sobre isso, disso eu gosto no Colégio Colégio... por causa... Eles abordam sempre esses temas de sexo, drogas, está sempre, estão sempre falando...

87. *Hum-hum...*

88. (...) Isso... Até perdi minha linha de raciocínio, do tanto que eu falei! *[rindo]*

89. *Pelo contrário, pode ser um bom sinal... sinal de que estamos indo bem...*

90. É... *[rindo]*

91. *Então na sua família você, pessoalmente, não viveu esse problema...*

92. Não...

93. *Você, o esposo e os filhos...*

94. Não, ninguém.

95. *E nem você chegou a experimentar...*

96. Não, nem...

97. *Teu marido provou, parece...*

98. Meu marido, é, lança-perfume, maconha... provou, conhece, sabe. E eu, não, nunca, aí... tem hora que eu até me sinto uma abobada, porque eu falo: “Puxa vida, às vezes tem coisa que eu... eu tinha que saber mais, né? Não que eu

tenha vontade, hoje em dia nem tenho mais...

99. *Hum-hum...*

100. Mas na época realmente eu tinha é medo. Medo, né? Então, ao mesmo tempo que eu não quero que as minhas filhas experimentem, eu também não gostaria que elas tivessem o mesmo medo que eu tinha. Eu gostaria assim que elas não experimentassem por não querer, e pro... por convicção delas.

101. *Certo...*

102. Não quero e pronto... Não por medo. Eu tinha medo. Sabe, medo de meu pai e minha mãe, medo de ter um treco e cair... *[rindo]* Nossa Senhora! (...)

103. *Então o experimentar pode ser perigoso, só... só pelo fato de experimentar.*

104. Ah, eu acho! Eu acho. Pode ser perigoso.

105. *Por quê?*

106. Porque o adolescente ele... acha que vai ser legal. Então sempre ele vai querer mais. E devido a essa insatisfação que eu falei que eu acho que tem muito deles, uma falta de... sei lá, de perspectiva, de lutar por alguma coisa... Então acho que é mais fácil para eles experimentarem uma vez e... irem embora...

107. Hum-hum...

108. Né?...

109. Hum-hum... (...) É...

Quando você pensa em, você vê o problema do uso de drogas, como você acha que ele pode ser prevenido?

110. Complicado, né? Porque, mesmo com toda a informação, que as pessoas tem sobre drogas, o povo ainda persiste em procurar [ri]. Eu acho que isso é muito complicado, muito co... complicado. Só palestras, só... só informação, eu acho que não adianta.

111. Hum-hum...

112. Eu acho que não adianta mesmo. Agora, outra solução eu não sei qual teria... Claro, dentro de casa, uma boa educação, mas... é aquilo que eu falei... tem criança que você... fala assim, "Nossa! Sempre... viveu numa família boa, estruturada..."

113. Hum-hum...

114. Teve carinho, teve estudo, né? Era uma criança saudável, praticava esporte, e de repente está em drogas, então... Eu acho que é complicado...

115. Que você acha que pode ter acontecido com essa criança?

116. Ou decepção, da própria vida, das coisas, de achar... que tem tudo... às vezes, eu mesma já fiquei assim, quando eu não tenho objetivo, eu fico meio deprimida...

117. Hum-hum...

118. Eu lembro que isso veio desde a época do vestibular... eu estudava... ficava naquela ansiedade de fazer o vestibular, fiz o vestibular, assim... passei, foi ótimo. Passou um tempo, eu senti um vazio tão grande dentro de mim... é um vazio, que eu acho que eles tiveram... um vazio tão grande, que eu fiquei assim meio... perdida. Aí até que começou a faculdade, começou, não, eu já estava na faculdade...

119. Hum-hum...

120. Foi indo, tá. Qual que era o objetivo? Me formar. Então, né, já me dava um outro... já me dava um outro ânimo. Assim como casar, ter filhos. Tá, depois que eu tive os dois, as duas filhas, tal, ficou... me deu também esse vazio, quase entrei em depressão. Porque, parece que falta... acabou, né? Fiz tudo o que eu queria, e daí? É um vazio... eu acho que com eles também deve acontecer isso...

121. Hum-hum...

122. Eles têm um vazio... inexplicável... porque... eles ainda têm que alcançar tanta coisa, né, o adolescente, que... fazer a vida deles... Outras coisas também, eu acho que eles podem ir para as drogas. Decepção com amizade, decepção com namorado... com namorada, né? E hoje está muito mais fácil de você conseguir droga... É fácil...

123. De conseguir a droga?

124. De conseguir a droga, né? Então você tem uma decepção, está meio triste, está não sei o quê, não sei o quê, é só falar com um do lado que provavelmente ele vai [rindo]... vai saber quem vende, vai ter alguma coisa... Então às vezes, naquela decepção, naquela frustração, naquele vazio... ele vai atrás e já se envolve com a droga.

125. Hum-hum...

126. Agora, da prevenção é difícil, viu?

127. Difícil...

128. Difícil... não é comigo! [apontando para mim e rindo; rio também] Quer dizer, é comigo, claro, como mãe, eu faço tudo o que eu posso, né?

129. Hum-hum...

130. Mas é complicadíssimo, eu acho, muito complicado, porque tudo o que você fala para adulto,

você fala dos males do fumo, mostra fotos assim, horríveis, o negócio de AIDS, tudo, todo mundo vê, todo mundo sabe... Mas todo mundo continua fazendo...

131. Hum-hum...

132. ... então... eu acho difícil. E ainda mais o adolescente, né, o adolescente ele é... auto-imune... ele é... senhor do próprio nariz, então... Eu acho muito difícil chegar na cabeça assim, na... no adolescente...

133. Hum-hum...

134. É muito difícil... (...)

135. Você comentou... nós estamos falando de prevenção, você comentou que você vê o tratamento como muito difícil também...

136. Eu vejo, muito difícil... Mesmo. Esses dias eu estava conversando com uma amiga minha, fisioterapeuta, não sei se ela falou isso baseado em coisa mesmo, ou se é verdade... Ela falou: “Uma das melhores clínicas de São Paulo, que cuida de dependentes, né? De dez que entram lá, um se recupera”. Isso eu já fiquei mais... abalada ainda [ri] porque é triste, né, porque você vai fazer tudo, vamos tentar recuperar, e para recuperar ainda é difícil...

137. Hum-hum...

138. É aquilo que eu falei para a menina, vai mudar a vida da família inteirinha... para poder ajudar essa pessoa que estiver... nas drogas...

139. Hum-hum...

140. ... o adolescente. Vai desestruturar a família toda.

141. Você conheceu pessoalmente alguma história, ou alguma situação assim mais ou menos...

142. Não...

143. ... próxima a você?

144. Não. Nunca, nada. Nunca conheci não... nenhuma, nenhuma...

145. E na hora que sua filha vai e fala do medo dela...

146. Ela vai e fala do medo dela, eu já fiquei preocupada, e ainda mais o vizinho lá, amigo, e tal... Meu Deus do céu, e mais que a mãe fica em cima, leva e busca dos lugares... Não tem jeito. Amizade, também, influencia demais... Começou com os dois amigos dele...

147. Hum, é outra causa?

148. Ah, eu acho. É amizade... e para a gente é muito difícil, né? Cortar a amizade... o adolescente, você fala: “Você não vai mais andar com fula... com fulano, porque ele

é má companhia, porque ele... usa droga, porque isso, porque aquilo”. Aí que ele vai andar... né?

149. [sorriso]

150. Então você tem que ir com calma, com calma, porque... tem que cativar o amigo também, aí vai ter até que... ajudar [rindo] esse amigo...

151. Hum-hum...

152. ... para você poder ajudar o teu filho, né?

153. A influência entre eles, né...

154. Entre eles, entre os jovens, entre os jovens, claro... E é aquele negócio, né, todo mundo usa, também vou usar. Adulto também é assim, influenciável, né, todo mundo usa... determinada roupa, também vou usar.

155. Hum-hum.

156. Tudo é moda! “Ah, todo mundo está fumando maconha, o pessoal lá da escola... Ah, então tá, eu também vou usar”.

157. Você acredita nisso?

158. Que todo mundo...? Eu acho que não, sabe por quê? Todo mundo fala que tem muito, muito, muito, mas eu nunca vejo. Porque se fosse muito, uma hora ou outra você ia... cruzar com alguém... consumindo droga. [a entrevistada é interrompida pela

*queda de um objeto que derrubo
da mesa ao chão; ruído alto]*

159. *Pode falar, desculpe...*

160. Não, tudo bem *[rindo]*.

161. *Você cruzar...?*

162. Com alguém usando... droga...
não é tão fácil assim de você ver.

**163. *Sim... então na tua
opinião, é... não deve ser
uma coisa tão freqüente
assim...***

164. Depende do lugar, né? Igual, no
colégio...

165. *Isso...*

166. Eu achava que não era tão
freqüente. Eu acho ainda que não
é tão freqüente, só que aí tem mãe
que chega e fala: “Nossa! Você
viu? Fulano, sicrano, porque eles
estão pondo... vigia lá fora do
colégio, porque está um terror nas
esquinas, e tal, e tal...” Mas eu
nunca vi, mesmo, de perto, nunca
vi. E tenho a impressão que...
falam mais do que é a realidade.
Mas não que seja pouco... o
consumo.

**167. *Você... imagina então
que... nas escolas estão mais
preocupados do que... a
realidade?***

168. Eu acho... mas não acho que
seja errado, né? Acho que está
certo...

169. *Ah, melhor que seja assim?*

170. Melhor que seja assim.

171. *Ah, tá...*

172. Mais preocupados... Também...
ao mesmo tempo, eu não sei se é
meio bobagem da minha cabeça...
dá a impressão assim que quanto
mais se fala, quanto mais se... é...
abordando esse assunto, mais vai
criar assim, a curiosidade no
adolescente.

**173. *A curiosidade é outra
razão para eles provarem
então?***

174. Ô! A curiosidade...

**175. *E pode existir um efeito...
negativo de ficar falando,
falando demais sobre o
assunto?***

176. Eu acho que sim. Sabe por quê?
Talvez eu... meio ignorante falar
isso *[ri]*, que achar que é... Mas é
que... eu vejo pela minha filha. Ela
adora comprar revista Capricho.
Outro dia... aí nós fomos ler, né,
eu e meu marido, para dar uma
olhada, o quê que acontece. Na
revista Capricho tem matérias
desse tipo, é indicada para...
adolescentes, na faixa etária dela
para maior... Eles abordam
assunto, como assim, o de uma
matéria: “Como ficar com vários
meninos sem ser chamada de
galinha”. Isso é uma coisa para
uma revista... pôr?! Então é

coisa... que não acontece na maior parte das meninas, mas se a revista fala, vai acontecer!

177. Hum-hum...

178. Porque a minha filha lê, e fala assim: “Nossa! Todo mundo... Ah, então eu também vou fazer!” Né? Outro dia a gente lendo lá, meninas também, adolescentes, pré-adolescentes perguntando não sei o que lá sobre sexo... oral! Eu achei uma coisa tão forte, porque ficar eu já acho assim... meio... não é tão normal, namorar é mais legal, eu acho. Ficar, transar cedo, eles falam isso como se fosse completamente normal.

179. Hum...

180. Então... ao mesmo tempo que... falar, falar muito de droga, “ah, ele fuma maconha... ah, mas por quê? Porque maconha veio... pode ser legalizada, porque não faz tanto mal”, eles têm todas essas informações, mas às vezes pode chegar até distorcido.

181. Hum-hum. E quais as fontes de informação então que vocês têm? Você disse já da revista Capricho...

182. Revista Capricho...

183. ... parece que você não confia então tanto mais...

184. Nem! Virgem Maria, só de falar...esses temas, imagina!

Como é que...? [rindo] Não que eu seja cheia de tabu, mas acho que é coisa que... que tudo tem a sua idade! Vai falar de sexo oral com uma menina de treze anos? Ah, não precisa! Né, tudo tem a sua idade, tem a sua faixa de idade. Eu acho, hã... as revistas, em casa elas lêem essa, de vez em quando querem ler, deixo comprar a “Capricho”... “Toda Teen”, que a outra também de... que a menor de onze compra, e vem assim matérias meio cabeludas também assim...[rimos] para onze anos... É... Revista Veja, também elas lêem... Elas lêem de tudo...

185. Hum-hum...

186. Televisão, que é o que mais se vê, e... escola, amizade.

187. Hum-hum...

188. Né? Então as informações são essas.

189. [incompreensível]

190. [incompreensível]... E dentro de casa a gente aborda quando é perguntado, ou quando surge um programa, ou quando lê uma revista, igual, meu marido, essa matéria, né, da menina ficar com todos os meninos sem ser chamada de galinha [rindo]... Ele foi conversar com a minha X... com a... minha filha, para explicar, que as revistas às vezes

publicam reportagens, que não... não quer dizer que a maioria é assim, para explicar, para ajudar também ela a ter uma visão mais crítica do negócio, né? Então, sempre que surge a gente aborda, não tem... a menor...

191. *E uso de drogas? Porque aí você está falando da sexualidade...*

192. Isso, sexualidade. Drogas também, tudo que aparece a gente conversa, a gente mostra, fala de cocaína, do crack, de tudo, dessas pílulas que tomam, desses *energizantes* que às vezes falam que não faz mal nenhum, está todo mundo tomando, tomam em boate com bebida alcoólica... A gente fala dos males que provoca, né...? Às vezes “ah, não, tudo bem, X., mas às vezes não vai causar isso, mas você sabe que tal bebida dá taquicardia, pode morrer ali do coração na hora”, então elas sabem dessas coisas, elas estão sempre a par.

193. *Vocês se sentem... vocês estão sempre à vontade... Falar nesses assuntos com elas, não é uma coisa constrangedora entre vocês?*

194. Não, de jeito nenhum.

195. *E como elas reagem, como elas vêem vocês, os pais?*

Você e seu marido em geral estão de acordo?

196. Hã-hã. Sim, sim.

197. *Quanto a esses assuntos de sexualidade, quanto à forma de abordar isso?*

198. Sempre de acordo.

199. *E... você sente que... Qual a imagem que você sente que as duas filhas têm de vocês, como pais?*

200. De vez em quando, quando a gente fala muito, fala: “Tem que tomar cuidado, quando alguém vier te oferecer”... Essas coisas que todos os pais, a maioria fala, tem hora que ela fala: “Ih, mãe! Eu já sei, eu já sei de tudo isso!” Ela se enche de a gente falar disso. Mas nunca chamaram de careta, nem nada. Por exemplo, se a gente vê uma reportagem, ou vê uma cena, a pessoa passando mal, ou a pessoa... Igual na novela, agora a menina está lá afundada em drogas, a mocinha lá, né? Então aí as meni... a minha filha comenta: “Ó, mãe, ela vai se afundar em drogas”. Né? E fala, e falam disso, “não é, X., você está vendo, ela está ficando assim, vai causar um monte de problema de saúde, começa a ir mal em tudo, não consegue nem voltar”... Ela concorda, ela acha ruim também.

201. Hum-hum...

202. Pelo menos ela fala, né?

203. Tá...

204. E ela... concorda com o que a gente fala.

205. Você sente que é mais do que apenas um respeito aparente, já tem uma concordância, uma sintonia...

206. Tem, tem sim... tem uma sintonia. Elas... na revista Veja sempre que vem escrito sobre drogas, o fato de ela ser uma revista um pouco mais séria, elas já lêem toda assim, mais, sabe? Com o olhinho mais arregalado...

207. Mas você percebe que elas têm interesse espontâneo de estudar esse assunto?

208. Têm, interesse espontâneo...

209. Hum-hum...

210. Têm, sim... Até esse negócio quando fala muito em musculação, em tomar as bombas, tudo, elas já vêm, já participam, já sabe que faz mal...

211. Hum-hum...

212. Já sabe o que causa... Né?

213. Você considera as filhas e vocês uma família bem informada, então...

214. Eu considero... né? Razoavelmente informada. Tudo o que aparece que elas querem

conversar... Elas são muito à vontade para conversar. A minha mais velha, então, às vezes estava todo mundo almoçando lá, ela não sei o quê, não sei o quê, mãe, não sei o quê de sexo, pá, pá, pá, e fala assim... [rindo]. Tem um sobrinho mais velho que mora comigo, tem 21 anos, ele olhou para mim assim [rindo]. Ela fala super natural de todos os assuntos, o que acontece na sala de aula, o que fulano falou, de tudo. Sexualidade, drogas, comportamento, tudo ela... ela fala! Ela fala, ela pergunta tudo o que ela tem dúvida, já perguntou... tudo, de mim e do meu marido, se a gente já experimentou, tudo! Sempre pergunta. E a gente sempre responde.

215. Sempre responde?

216. Sempre respondemos... do que ela pergunta [rindo]

217. Você mencionou, então, na família não moram somente você, o marido e as duas filhas...

218. Não, tem um sobrinho de 21 anos.

219. Sobrinho seu...

220. Meu. Mora com a gente há uns seis anos. Ele foi para lá... no primeiro colegial...

221. Por quê ele foi para lá?

222. Porque ele mora em C., minha irmã. A mãe dele mora em C., e ele veio para cá para fazer o colegial, porque achou que fosse ser melhor, para poder fazer a faculdade aqui, né? Hoje ele já está na faculdade, estudou, fez o colegial, tudo... Então é... praticamente meu filho.

223. É... estou vendo...

224. É...[rindo] E ele é um menino muito, muito, muito meigo, muito bom também, fácil de lidar, nunca tive problemas maiores...

225. Ele funciona no mesmo esquema...

226. Funciona no mesmo esquema da família toda.

227. Da família toda...

228. Hum-hum.

229. Pelo jeito ele também não te preocupa com relação a drogas...

230. Não me preocupa. Não. Só teve uma época que... eles... ele... sempre adorou tudo o que é country. Ele faz Ciências Agrárias. Então eles mascavam fumo. Mas mascavam escondido. Aí uma vez nós pegamos. Ah! Eu já falei lá com a mãe dele, a mãe dele já conversou, já deu umas broncas, já mostrou que tinha um amigo lá que tinha câncer mesmo de

garganta, que é coisa séria, mesmo, que eles acham que não é nada, né? Já mostramos, também, ele também tem toda a informação, conversamos de tudo, ele sabe um monte... Às vezes quando a gente... a gente está sempre reunido assim na hora do almoço, assistindo televisão... quando surgem temas assim a gente conversa, todo mundo fala. Ele também fala muito, e ele pensa mais ou menos de acordo com o que a gente pensa... Até o próprio uso de anabolizantes, ele está fazendo musculação agora, ele... foi para uma academia, falou: “Tia, eu vou primeiro numa nutricionista, que eu não vou tomar bomba”. Né? Então, conversa tudo perto das meninas, falando, explicando... tudo é conversado.

231. Hum-hum...

232. Então parece também que... A gente nunca sabe, né? [ri]

233. [após momento de silêncio, consulto meu roteiro] É... deixa eu ver aqui... Me fale um pouco, você já comentou algo, né? Me fale um pouco mais das características gerais assim da vida familiar, da educação dos filhos, né... Como vocês

funcionam no geral, quais os valores aí da família...

234. Os valores... bom... valores morais. Tudo a gente sempre tenta explicar para ela. O que está... acima de tudo, valor moral, lá em casa... Não pode ser... não pode mentir, tudo tem que conversar com a gente, não pode tratar mal os outros, isso é sempre falado. Elas também têm bastante consciência disso, valores morais... Que mais eu podia falar?

235. Quais as regras da casa?

236. Minha filha reclama demais em casa, fala: “Mãe, você é muito chata, você não deixa nada. A mãe da fulana deixa tudo.” Aí eu sempre falo: “Bom, a mãe da fulana é a mãe da fulana”. Né? Lá é outra história, principalmente que a melhor amiga dela a mãe é divorciada, então já é outro sistema de educar filho. Eu tento explicar a ela, tentei até falar isso, não que é um defeito ser divorciada, falei que às vezes por ser divorciada quer compensar os filhos com outras coisas, às vezes acaba deixando mais coisas do que eu deixo. Mas eu tento por limite em tudo, aí é que elas ficam bravas, tipo coisas básicas, ir *no shopping* todo final de semana. Eu não quero, eu não deixo,

porque não é para ficar lá rodando à toa. E quando eu deixo é para ir ao cinema, sair do cinema tomar um lanche, e ligar para a gente ir buscar. Isso é o que fazem. E é cheio de regras mesmo, não pode... é... festinha de aniversário tem horário para voltar, de noite, as duas já têm... a mais velha xin... já está começando a achar ruim, por causa do horário... Que mais? Limite. Até para isso, de ir *no cinema*, não só de ficar zanzando no shopping, que eu não gosto que fica lá dando sopa, porque eu... a gente vê lá no shopping... é cada menina, porque hoje as meninas não são mais meninas, é um monte de mulher passeando no shopping...[rindo] Então dá até dó... e... até pelo aspecto financeiro, embora daria para elas irem no cinema todo sábado. Só que elas têm que ter limite, para saber. Porque não... nada é fácil. Não é porque tem, “ah então vamos lá e vamos gastar”. Não é assim. Eu acho que tudo tem um limite, tudo tem regra...

237. Como que é essa... questão do dinheiro?

238. Do dinheiro? Então, elas... não têm mesada. Tinham. A gente dava lá, um dinheirinho por mês,

bem pouco, mais para... no fim acabamos até esquecendo, não fez nada e acabou. E agora está essa questão do cinema, então nós estamos pensando em dar uma mesada maior para elas... Até já pedimos para elas fazerem uma lista dos gastos delas, para a gente estudar e dar, para poder dar o dinheiro. Mas mesma quantidade, só que para elas administrarem quase que tudo, para elas também *ficar* com essa noção do valor do dinheiro... que elas não têm muita. “Ah, quero ir no cinema” e vai, acha que tudo é fácil, né? Eu sempre falo: “Não, não é assim não!” “Ah! Mãe, compra isso para mim, compra tal mochila”... Mais de cem reais porque está na moda? Ah, não! Isso eu sempre fui mais chata.

239. *É, para você... é... esses hábitos de consumo desregrados podem estar relacionados com o uso de drogas?*

240. Sim...

241. *Acabam...*

242. *[me interrompendo]* Esses dias mesmo... porque... Eu vi tudo isso, o do menino do vizinho lá... Ah, não sei o que, saiu... os amigos... o próprio pai levou todo mundo na chácara e eles, dentro

da mochila lá tinha bebida e maconha. Os meninos de quatorze, treze anos! Bom. Aí me deu um... *click* assim, eu falei assim: “Todo mundo! Quero tudo os trocos na minha mão!. Quero tudo... “Saí pedindo na casa! Pedi para o meu sobrinho, que às vezes eu dou dinheiro para ele ir no mercado, não sei o que, eu falei: “Quero o troco na minha mão! E vocês também o do cinema!” “Por quê, mãe? Por quê? Já fica na minha bolsa por causa do cinema”. Eu falei: “Não, quero na minha mão.” Catei o dinheiro de todo mundo e guardei. Agora não, eu quero tudo aqui!” *[aponta a própria palma da mão e ri]* Porque eu acho que muito dinheiro na mão fica tudo mais fácil.

243. *Hum...*

244. Fica... é... sem a regra, né? Dinheiro, não pede e tal, eu vou perder o controle sobre ela, porque é tanta coisa para saber que eu acho que... às vezes é um pouco, um jeito de... prevenir.

245. *Hum...*

246. Dinheiro fácil na mão, sim... eu acho que com certeza o jovem... fica muito... *Viche!* Super mais fácil para *[incompreensível, algo como “comprar drogas”]* ... Né?

Ainda mais as crianças, as nossas, que são tudo... numa situação financeira regular a estável lá no Colégio, né? É mais fácil para eles terem um dinheiro para... consumir drogas... Então... se você não ficar em cima é ... eu acho que...

247. Hum-hum...

248. Você perde o controle. Perde o controle e... eles... se tiver que... procurar droga vai ser muito mais fácil.

249. Hum-hum... Segurar o dinheiro então é...

250. Pelo dinheiro... eu acho [rimos]

251. [Consulto meu roteiro] Acho que a gente está... mas voltando ao meu roteirinho aqui...

252. Roteirinho...

253. Algo mais, assim que você poderia me dizer sobre preocupações tuas, sua forma de ver a questão das drogas, os adolescentes com as drogas...

254. Não... eu acho que... a preocupação é essa de a gente não saber o que fazer, porque nunca... eu nunca sei se eu estou fazendo certo. Nunca sei se eu estou sendo... radical demais, e favorecendo ele procurar uma droga, né? Isso também, ter...

puxar muito as rédeas [rindo], às vezes o filho fala "Mas que saco! Não agüento mais!" E... procura aí uma turminha, outras coisas. E... eu acho que é complicado, educar o filho é muito, muito complicado, por mais que você dê as coisas para ele, independente de ser coisa material. Você dá carinho, atenção, nossa, minhas filhas é... vão no colégio de carro, voltam de carro... Em casa, eu moro assim num lugar que tem padaria, vídeo... tudo pertinho.

255. Hum-hum.

256. Eu não deixo sair fora do prédio... se não me telefonar. [rindo] Agora que elas estão começando a sair, elas vão e voltam do inglês que é meia quadra de casa, por medo de tudo. Não, não por elas, medo até... de violência, e também para ter o controle sobre elas. Às vezes, voltando do trabalho lá perto de casa eu vejo amigas da sala da X. por ali, tudo na calçada, conversando com outros amigos. Eu não quero ela assim, na rua. Eu quero saber onde ela está. Eu gosto que tenha amigos...

257. Certo...

258. Mas que traga para casa...

259. Hum-hum... Claro...

260. Prefiro sempre que estejam... a minha casa pode estar uma bagunça, pode estar cheio de amigo, de amiga, tudo junto... mas eu prefiro... comigo, dentro de casa. Ou, se for uma amiga, eu gosto de conhecer a mãe, a outra casa que ela está freqüentando, os amigos que estão indo, sabe? Eu gosto, eu prefiro... eu ter... um controle maior.

261. [após silêncio] E o pai... nesse dia a dia?

262. No dia a dia? Ele é assim, preocupado, só que ele é menos neurótico que eu! *[rindo; rio também]* Ele acha tipo assim, né, outro dia... é... a minha filha falou assim: “Ah, mãe, deixa eu ir lá na locadora”, ela chegou para mim. “Não senhora! Vai ficar aí pela rua, é domingo à tarde, é perigoso, porque fica tudo meio vazio”, e meu marido já olha para mim e faz assim *[faz um gesto com a mão]*, não é, para eu deixar, que eu seguro muito muitas coisas, né? Acabo deixando. Festinha de aniversário nunca ele falou nada, está sempre de acordo comigo, elas sempre vão, a gente sempre leva, não tem problema nenhum.

263. Você sente ele então participante desse dia a dia...

264. Sim, participa, participa do dia a dia. Às vezes participa menos por falta de tempo, ainda mais que agora ele... está numa fase que sai... três meses, está trabalhando em Curitiba, mas mesmo assim todo final de semana ele está em casa, sempre ele telefona, ele faz questão de falar... todo dia, né... com as duas no telefone... Pergunta de tudo, sempre... conversa de tudo, também... está interessado. Mas quem fica ali no dia a dia... a maior parte é a mãe... *[ri]*

265. Apesar de você trabalhar fora...

266. Apesar de eu trabalhar fora... Sou eu porque... eu tenho essa liberdade de horário, então tudo eu levo, eu busco, eu vou no colégio fazer matrícula disso, daquilo outro... ajudo a procurar em trabalho, é... coisa para trabalho, então... sempre um pouco mais...

267. [após pausa em silêncio] Alguma coisa mais, que você queira colocar?

268. *[acena negativamente, sorrindo]* Da minha parte, não. Só quero ver depois o trabalho para

ver se... vai ajudar... *[rimos]*

Tomara, né?

***269. Está bem... eu vou desligar
então.***

270. Hum-hum...

[FIM DA GRAVAÇÃO EM ÁUDIO]

“E”

QUINTA ENTREVISTA

Data: 16/03/02

Duração aproximada: 70 minutos

Dados de identificação da entrevistada:

Inicial fictícia: E;

Idade: 32 anos;

Etnia: Branca;

Estado Civil: Casada há 13 anos;

Procedência: Londrina, PR;

Escolaridade: Superior Completa;

Ocupação: Profissional Liberal;

Situação financeira atual: “Relativamente estável”;

Religião: Espírita Kardecista, praticante;

Filhos:

X. (sexo masculino, 13 anos);

Y. (sexo feminino, 7 anos);

Comentários:

Demonstra muito constrangimento inicialmente, exclamando: “Ah, esse gravador!”; A seguir se põe mais à vontade, gesticula, ri. Entretanto pede minha opinião repetidamente durante a gravação, dificultando relativamente o livre curso da entrevista.

TRANSCRIÇÃO:

1. *A primeira coisa que vou te perguntar é qual que foi a sua motivação pra participar... por quê você se interessou?*
2. É... primeiro, porque... meu esposo usa... usa droga... maconha, até hoje... não conseguiu...

3. Não...?

4. E assim, é... uma coisa, que... é... eu tenho que contar um monte de coisa para eu chegar lá, é que assim...

5. Sinta-se à vontade...

6. ... é... nós namoramos, né? Eu tinha quinze anos quando comecei a namorar com ele. E... assim, é... eu sabia mais ou menos das más companhias dele, mas, assim, nunca ele fumou na minha frente, até porque eu era menininha... né, certinha, e tal... e nem... era bem... seguro, meu pai, tipo assim, para sair, era bem... né? É... não adiantou nada [rindo]. Mas... aí, é... Aí eu engravidei, né? Eu namorei três anos, né... dois anos e pouco, eu engravidei tinha dezoito anos. É... então aí a gente... ia casar, né? Ia ter que casar, né? É... aí fiquei noiva, tal, né, aí depois até sofri um acidente, foi meio traumático assim, a... minha gravidez, do meu filho, né?... Tive que por platina na perna, estava de... dois...

7. Você sofreu um acidente durante a gravidez?

8. Durante a gravidez, assim, antes, por exemplo, meus pais estavam sabendo que eu estava grávida, né? E... aí foi na... e eu estudava

em A., morava em B., então eu ia todo dia para A., e foi nesse trajeto. Aí foi um acidente meio sério, eu pus platina na perna, perdi dente, da frente, então foi bem traumático assim, né?... E estava grávida ainda... um agravante, ou... não sei, né? É...

9. *Você tinha... dezoito...*

10. Dezoito anos, então foi, assim uma coisa, assim, lógico, me fez amadurecer muito, né, foi muito traumático, e tal, até eu... é... superar, né, tudo isso, foi bem demorado. É... então, aí... é... a gente ia casar, e tal, daí eu tive que esperar um tempo, porque eu não podia andar, com salto, e tal, eu tenho a platina até hoje, né?... E... é, a recuperação é bem demorada, né, nesses casos... Aí, é, por exemplo, já estava noivo, a gente ia casar, aí ele começou a fumar na minha frente. Né, eu assim, fiquei... [expressão inaudível, seguida de nossa risada] Eu fiquei... é... assim, aquilo me incomodava, mas só que eu também estava numa situação tão... eu não tinha muito que, sabe, assim? É... sei lá, na época, assim, eu não tinha... visão, eu me achava muito... né? Mas não era nada, né? [rindo]

11. *Muito...?*

12. Ah, eu me achava madura, né, como toda jovem, né? Ah!... Mas não era, né?... Então, aí ele começou a fumar na minha frente, aí eu comecei a ver, é... ele fumava, os amigos deles fumarem, né? É... mas aí, veja a minha situação, eu fiquei numa situação, além de ter sofrido um acidente, é... estar... estar grávida, quer dizer, eu já estava numa... você fica mais fragilizada, né?

13. *Sem dúvida...*

14. Né... aí... eu... eu... quer dizer, ia falar o quê, né? É... aí, até que ele... ele até falou: “Não, experimenta”, eu experimentei, umas duas vezes maconha, mas eu nunca gostei, nunca... Sabe? É... no que eu... Hoje, eu tipo assim, hoje eu vou no Centro, eu participo, e tal, né? E... é engraçado, porque eu tenho uma experiência... Os dois lados, então, o que eu percebo... o... doutor como médico, e acompanha todo mundo, é... por exemplo, as pessoas que não sabem, é, que só sabem, por exemplo, maconha, cocaína, droga, só ouviram falar, nunca presenciaram ninguém, nunca viram realmente, as pessoas têm uma noção... da coisa... Né, mas

na ver... na realidade, por exemplo, eu convivo...

15. *Hum-hum...*

16. ... com isso... certo? Eu convivo... convivi... é... e eu... é... e as pessoas não têm noção, ou os que estão fora, por exemplo, têm é... uma... um preconceito... um pré-conceito mesmo, já acham... “não, porque o cara”... eles acham que a pessoa está... tá... tá... drogada, por exemplo, vamos supor, ou maconhada, como eles falam... é... a pessoa muito... a mudança não é [incompreensível] e saber disso... a mudança é muito tênue, sabe, tanto que meu marido advoga... entendeu? Ninguém percebe, eu sei quando ele fuma, porque eu...

17. *Você sabe...*

18. Eu sei... eu percebo. Mas não é uma coisa assim... é... é... é... ninguém percebe... tanto que ele fica mais falante, ele fica... você entendeu? Mas eu sei quando ele fuma, porque pelos olhos... é... convivo com ele, né, não é possível, né?... Então, é... claro, que é uma coisa que sempre me incomodou, mas, por exemplo... Quando eu tinha dezoito anos eu... eu... é... talvez, se eu não... não sei... porque que eu não... Porque eu passei momentos difíceis, eu não sei porque que eu

não me envolvi, entendeu? Porque não... nunca, por exemplo, bebida, eu não gosto de sair do meu normal... porque eu já sou meio... meio elétrica [rindo]. Então, é... por exemplo... é... eu não gosto de beber, eu não gosto de... de... eu fumei maconha, senti o... a sensação, odiei, odiei, eu fiquei, eu me sentia mal, e na última vez a gente estava... tinha saído, e eu estava com dente provisório, aí, mas eu fiquei tão mal, que assim, sabe, eu... eu ficava pensando: “eu quero que passe esse negócio”, era uma sensação muito ruim...

19. *Hum...*

20. Né? Ai, era horrível... parecia que todo mundo estava me olhando...

21. *Isso aos dezoito anos...*

22. É... muito tempo atrás, depois nunca mais... sabe? Daí, volta e meia... é... todos esses anos, né, mas eu, assim, fiquei tão... só que eu não sei, devo até ter fumado outra vez, sei lá... [incompreensível] Mas eu, sabe... nu... nunca, nunca gostei, era uma coisa, eu não gostava da sensação, nu... nunca, assim, acho que no máximo, em todos esses anos foi o que, umas três vezes que... que eu fumei. E ele fala: “Não, é que você fumou muito, não sei o quê, não

sei o quê”, sabe? É... aí, então, eu nunca gostei, né, da sensação, então eu fumava e já... Aí, nessas alturas, eu... vamos dizer assim... eu... eu era... Eu fui omissa, né, de certa forma, eu acho, assim, eu aceitei, né? Quer dizer, eu sempre falava, mas eu acho que se você ficar omissa, assim, era uma pessoa adulta... É... Meu filho é uma coisa... ele, o meu esposo, é outra, totalmente diferente. Tem essa relação de que mãe e filho é totalmente diferente, porque ele, eu não vou poder... é... mudar, por exemplo, eu sei que ele tem problemas na família dele, tem uma série de coisas que... que eu procurei sempre entender isso aí... né? É... então, eu sei que eu, muitas coisas eu não vou poder impor... e nem mudar... assim, né, de uma hora para outra. É... mas eu... eu... eu de certa forma eu... eu às vezes eu penso se eu poderia ter sido mais dura, entendeu, em relação a isso, porque sempre eu procu... eu procurei entender, e às vezes até... de repente até conivente, porque... porque a pessoa que... que depende de maconha, eu nunca caí na real disso... Por quê? Eu casei com dezoito anos! Teve uma vez, é cada absurdo, que assim... é... ele

chegou, uma folhinha de maconha, plantou em casa, para ela crescer, olha, não, assim, totalmente... é... cabeça...

23. *Resolve plantar para cultivar?*

24. É, é... Uma vez daí, ele pegou, daí, estava crescendo, a minha mãe foi lá: “Mas quê que é isso?!” Não sei o que, né, daí eu... ele pegou e... Assim, mas ficou uma arvorezinha! Verdade! E depois, que eu fui fazer Direito, entendeu? Aí depois fiquei... que o meu filho cresceu, trabalhei, e tal, daí eu fiz faculdade depois, né... eu tinha vinte e poucos anos. É... aí, quê que aconteceu? Daí eu comecei, é... a atuar, na área, até criminal, algumas coisas, pessoas que fumavam maconha, comecei a pegar processo, porque eu fiz estágio com um Juiz, que é da Vara Criminal, a coisa toda. Aí você começa, aí começava a olhar, assim, “Ah...”, tipo assim, “foi preso, estava fumando cigarro”, sabe? Aquilo começa, né? Volta e meia eu falava para ele, né? Às vezes, por exemplo... é... eu sou muito assim... por mais que é uma coisa que me incomoda, sempre me incomodou? Sempre. Mas eu nunca quis... Por mais que me desse vontade, eu sempre

respeitei... não sei se eu estou certa nisso, mas eu sempre respeitei assim... é... às vezes eu tinha vontade de falar, “Pô, você é um fumeiro, maconheiro”, sabe, entendeu, acabar com ele, mas eu nunca falei em respeito... porque ele é meu marido, entendeu? Acho que eu não... não tenho esse direito.

25. *Você não...*

26. Eu havia...

27. *...concordou, mas também não...*

28. *[sem me deixar concluir a pergunta]* Não, não concordei, mas eu também nunca assim, entendeu, é...

29. *... o agrediu por isso...*

30. Não, jamais... Porque, eu acho que... por exemplo, eu sou casada, eu acho que você tem que respeitar seu companheiro, da mesma forma que eu quero o respeito... Tem que respeitar, ninguém é perfeito... Tá, ele tem as qualidades dele, lógico que tem... né, não é... essa imagem... Esse lado é o lado ruim... Ele é bom pai, ele é bom marido, é uma pessoa... né? *[segue-se curta frase incompreensível, entremeada pelo seu riso]* É... mas assim, tem as qualidades, mas é uma coisa

que eu nunca aceitei. Então, o quê que acontece? A gente...

31. *Por quê você acha que [final da pergunta incompreensível]?*

32. Bom, mas só que agora eu já estou começando a ficar... eu achei assim por exemplo, nós casamos novos, eu tinha dezoito anos, ele tinha vinte e dois. Sempre ele trabalhou, sempre ele era... inclusive é, por exemplo, eu fiz fa... faculdade, ele que pagou minha faculdade, entendeu, nós... sempre nos esforçamos, juntos, e tal, né? Então sempre ele assumiu a casa... é... Por exemplo, nunca nós dependemos de família... tá? É... então, por exemplo, passamos muitos momentos difíceis, mas nunca... Por exemplo, eu fui morar com meu pai ou minha mãe, nem ele, nunca... Desde o momento que nós casamos e mudamos para Londrina, nós sempre vivemos nossa vida. Até foi uma coisa que, porque eu casei assim também, eu falei: “Ah, nem sei se vai dar certo”, mas que, nessas alturas, eu já estava tão... Eu falei: “Bom, vamos ver quê que dá”... Não, foi bem assim mesmo, né? Aí nós mudamos para cá, aí, quê que aconteceu, é, se a gente tivesse ficado lá, que fumava, e

tal, e que toda hora chamava, ia para bar, não sei quê, não... Eu não ia ficar casada com ele, eu tenho certeza. Aí nós viemos para cá, e conhecemos outras pessoas que não fumam... por exemplo, nenhum dos nossos amigos aqui... de Londrina, nem sonham que ele fuma... né? Tipo assim... é só eu que sei... Agora, o pessoal de B. sabe... né, os amigos dele lá, que todos fumam... né... é... Então aqui não, né? Eu não sei se ele fez alguma amizade, por exemplo, na empresa, tal, mas as pessoas que freqüentam a minha casa, ninguém leva... todos são religiosos, ou... é... católica... todo mundo assim, super... no máximo, bebe, ou fuma, entendeu? No má... e... assim mesmo, controlado [rindo] pelas mulheres, né? É... aí... é... e eu comecei, daí eu comecei a ficar, né? Então assim, aceitando, mas sempre assim, aconselhando, eu falei: “Ó... Z., eu acho assim, que vai chegar uma hora...” que eu sempre achei que ia chegar uma hora que ele ia parar... Entendeu? Tipo assim, era adolescente, era o trauma que nós passamos, não sei o que, não sei o que... Só que essa hora não chega, entendeu, hoje ele está com... trinta e cinco anos,

e ele não parou, entendeu, não se conscientizou.

33. *Hum-hum...*

34. E hoje eu percebo, por exemplo, o seguinte... Ele é uma pessoa... ele sempre foi uma pessoa calma, e ele... Normalmente ele é calmo, e eu sou muito mais estourada do que ele... né? Mas eu percebo que ele está mais nervoso hoje, então é o... é... até... Não sei se foi que eu leio mais, eu me esclareci mais, você... é... por exemplo, você vê programa de televisão, mas ele não gosta às vezes quando sai num programa... que ele sempre fez a minha cabeça assim: “E! Maconha é um negócio bom! Vamos!” não sei o que, entendeu? Então sempre, sabe, meio que... “Não, porque, olha, e tal” né, e... por exemplo, eu... e a gente conversa, com os promotores, tem promotores que são mais... é... duros, outros menos, então, lógico, que eu não falo que eu tenho problema em casa, mas... você conversa daquilo, por quê? Num processo onde envolve a lei de tóxico... Tem uma diferença enorme entre o usuário... e o traficante... Tem uma diferença enorme aquele que... que u... usa a maconha, daquele que usa cocaína... entendeu? Então a

gente e... nas próprias decisões, e tal, então eu sempre... né... é... procuro, né, saber, e tal, me informar, então... é... Sabendo de tudo isso aí eu comecei a ficar... mais preo... mais assim, mais preocupada, aí, percebendo o seguinte, que o meu filho está crescendo... entendeu? Porque até então, não era um problema, né, ele era criança... Né...? Então hoje ele está numa idade que o pai é o herói dele...

35. *Hum-hum...*

36. Né? E... ele é um, nossa, ele é um excelente menino, sabe, assim, eu não posso... ele tem... a... questão assim... Ele fica nervoso, que ele é adolescente, aquelas coisas, né, mas ele é um menino... que ele sempre foi ótimo aluno, ele sempre foi super responsável...

37. *Ele está em que série?*

38. Ele está na oitava.

39. *Oitava série...*

40. É. Então, assim, eu não posso às vezes, por exemplo, eles discutem, os dois: “Ah! Porque o X.... “ Eu acho que ele está naquela fase que ele responde para a gente às vezes... Sabe? Em algum lugar, e tal, eu tenho que dar uma dura... Tudo bem, ele responde? Ele... ele... não é... é coisa de mãe, isso [rindo] Ele responde, mas só que

é o seguinte, ele... eu falo: “X., faz uma coisa para a mamãe, faz?” Ele pode até fazer cara feia, mas ele faz. E ele faz logo, entendeu, ele não te enrola... Que nem a Y., é diferente. A Y. não faz cara feia, ela está sempre rindo, mas só que ela não faz! Entendeu? [rindo] Totalmente diferente, então ele... ele é até estressado, ele por exemplo, e o Z., a gente é mais... tranqüilão. Ele, com relação a horário, às vezes eu falo, acho que ele veio até para colocar a gente na linha, porque... você viu que eu cheguei atrasada, né? O horário para mim é terrível, às vezes tem um aniversário, marca... tal hora, o X., se ele não chegar naquele horário, chegar cinco minutos... ele já começa a dar um negócio nele, né? Eu falo: “X., é festa, sabe, não tem horário”. “Não, porque tem...!”, ele já fica pronto... meia hora antes, sabe, daquele tipo... e penteado, arrumadinho, tá lá ele, eu falo: “Ai, minha santa!...” [rindo] E eu tranqüila, né?... E, voltando à questão do meu marido, o que eu tenho percebido é isso, é... uma coisa sutil... na personalidade dele. Eu não sei se isso tem relação com a maconha, de muito tempo... e eu... ou não sei se isso

talvez a situação econômica do país, de tudo que a gente... às vezes é obrigado... a... agüentar mais stress, não sei... Talvez o amadurecimento, também, né? O que eu sei é o seguinte, então, a gente ia muito para B., então sempre que a gente vai lá, vai na casa de um amigo dele, e eles fumam... então, normalmente, o que acontece lá? E todos pais de família, entendeu, por exemplo, o Z. é o que mais... é, profissionalmente, ele... ele tem duas faculdades, ele... até agora, é, os outros já estão mais devagar, assim... assim, tem coisas que conversa, eles... sabe?

41. Hum...

42. ... eu não sei, se afe... se afeta ou não, talvez eles não se empenharam, não sei... Aí, quê que acontece? Os maridos fumam, vão em algum canto da casa, sei lá, saem, e as mulheres ficam lá, sem fu... ah... tem casos que fumam, as mulheres, mas a maioria não... não fumam.

43. A maioria das mulheres não fumam?

44. Não... É difícil... Por exemplo, na época que eu era solteira, eu sei de amiga minha que fumou... fumava, de vez em quando, mas só que por exemplo, na época que

eu comecei a sair mais, foi que eu casei, então... eu também não... Eu sei que elas fumavam, não faz, mas eu... Também pararam, eu não... Amigas minhas... eu não sei que... que... que fumam, é só da parte dele, né, são tudo... terríveis. É... aí, por exemplo, o que acontece? Teve um dia que a gente estava até na casa de um amigo dele, e fumaram, daí não sei o quê que me deu, comecei a falar, falar, e comecei... e falei, falei, falei com o amigo dele, falei: “W., você tem dois filhos...”, que eles têm dois filhos, só que são menores, daí eu falei: “você quer isso para os seus filhos?” Então eu acho que assim... então eu sou... eu sou bem... assim, eu... aconselho, né?...

45. Hum-hum...

46. ... eu não brigo com ninguém, mas eu acho que a pessoa tem que pensar, eu falei: “W., você quer isso para os seus filhos? Você quer que eles fumem maconha? Eu não quero que meus filhos fumem maconha!...” Eu falei... e... então, por exemplo, é uma coisa que eu comecei a... é... fui obrigada a pensar, né, e me preocupar, porque assim, eu não quero isso para os meus filhos de forma alguma, porque eu sou uma leoa...

47. Hum...

48. Entendeu? Então, é uma coisa que... que... começou a me incomodar mais... Por exemplo, eu convivo com ele, eu não vou fumar mesmo, e eu sei que o mal que ele está fazendo é para ele mesmo, vai... lógico, faz para mim? Faz... mas... ele é o dono da vida dele... Ah! Porque me incomoda isso às vezes... Não vou dizer, é... que... por exemplo, já aconteceu o caso... não pode chorar aqui [emocionada]... Aconteceu casos por exemplo que eu percebo, aquela coisa de personalidade, né, que ele fica... irritado, e tal, por exemplo, a maconha acalma ele, é um calmante... né? É... então às vezes eu até falo: “Vai, vai, vai fumar lá para você ficar mais calmo!” [rindo]... Sabe, já aconteceu... entendeu, e... eu sei que ele não gosta, tal, mas já aconteceu, porque ele ficava... né, mas... até a... Atualmente, esses tempos atrás, eu até andei conversando com ele, até tinha um amigo dele... esse, coitado, ele não consegue emprego, os empregueiros dele tudo... agora que está, sabe? A gente estava conversando, e... e assim... uma pessoa super bacana... Sabe, são

pessoas não... eu... eu não tenho nada contra, são pessoas boas, meu marido não... é... por exemplo eu vejo pessoas que não fumam maconha e elas são gananciosas, principalmente advogados, são... são gananciosos, são pessoas... que... que não... pensariam duas vezes em prejudicar o outro, essas coisas... que eu também acho ruim... não sei... Mas, aí, é... esse amigo dele até conseguiu um emprego, e tal, estava todo animado, também a mulher dele também estava grávida, com o filho grande, daí ele estava falando, ele falou: “Ó... eu estou fumando, fazem vinte anos que eu fumo!” Acho que ele tem trinta e sete... Então, quer dizer, começou com dezessete anos, né?

49. Hum-hum...

50. Aí eu falei “Fulano, você sente?” Ele falou: “Ah, eu tenho de parar, porque agora esse emprego, eu vou dar tudo“, e tal e tal... Entendeu? Aí eu dei a maior força, né? Porque ele tem medo, ele até parou de fumar... Ele falou que... porque lá, ele estava em... em outro Estado, ele falou que lá era direto, ele falou “e é um negócio chato... “ Tá vendo? Ele me passou uma coisa, que o Z.

não me fala, mas eu sei que ele sente. Ele falou: “E., é um negócio tão ruim porque às vezes, a gente... eu ficava lá na empresa trabalhando, e eu não via a hora de ficar sozinho para mim fumar... “ É um... sabe? É um negócio assim, você tem que fumar, e escondido, aquela coisa, entendeu? Velada, e... você fica pensando naquilo... né? E, por exemplo, o Z. nunca me falou isso, até porque ele sabe que eu... porque ele não comenta, eu não sei nem de onde ele pega, às vezes eu já pensei, falei: “Z., aonde você pega? Você não tem medo? Uma hora você vai preso... bom você não vai preso porque você é advogado, né?” Eu falei: “Mas só que... “, sabe? Eu sempre dou uma... cutucada nesse sentido, eu falo: “Sabe, você não tem vergonha? Já pensou se alguém pegar? E se alguém na empresa pegar? Você ou...” Né? É... aí, “Ah! Não!” Não sei quê, eu tô ligado, e tal... “ Sabe, eu... Na verdade, quê que acontece quê que acontece, a mulher é sempre assim, né, eu sou a mais louca, né? Ele fala: “E., você é louca... sem precisar fumar, eu preciso fumar, você já é meia doida, né?” [rindo] Então tá bom, tudo bem, eu me conformei com

essa situação, né? [rindo]... É... mas, por exemplo, o que eu percebo hoje, realmente eu sou mais esquecida do que ele... Era, agora acho que está meio igual... é assim, mais avoada, né? Mas, é... por exemplo, o que eu percebo hoje... o raciocínio dele é mais devagar, não sei se era antes, entendeu, tipo assim, eu falo [incompreensível] eu já falo rapidinho, né?... Aí ele, tipo, dá umas paradas, eu falo: “Vamos! Né, e daí, né?! [batendo as palmas das mãos] Então, tipo, eu sinto assim, não sei se tem a ver com a maconha, aí eu quero... a explicação do senhor, tá?

51. *Hum-hum... depois a gente pode ver...*

52. É... Então, isso eu tenho percebido, mas é uma coisa assim, muito pequena, tá?... E eu, uma coisa que eu converso muito com ele, eu falo “Z., você tem que pensar que você vai acabar mal... eu não quero um marido... impotente, eu não quero um marido... é... que fica meio lerdo, lento...” Entendeu? Lógico, que se acontecer uma doença, tudo bem, mas não por... por... por... né, e...

53. *Sim...*

54. Aí, “E., eu estou fazendo mal para mim”, e tal, fica sempre aquela

coisa, né, e... o ano passado, ele perdeu um irmão dele... de vinte e seis anos, que era... assim, a relação de família que ele tinha... um laço mais estreito era esse irmão... Então, eu... é... ele ficou muito... assim... Com isso que aconteceu, sabe, daí coisa que... no primeiro ano, fazem uns dois anos, no primeiro ano ele falava. “Ah...”... Né? Tipo assim, bem... desanimado, né? E... é... Assim, ele não tem medo da morte, entendeu? Assim, aquela coisa de... Lógico, eu também não tenho medo da morte, mas eu também não vou contribuir pra isso, certo?... [rindo] Entendeu? Até porque eu acredito que existe uma outra vida, eu não quero ficar sofrendo lá do outro lado [rindo], eu quero... Né? Não sou aquela... santa mais, mas eu procuro seguir alguma coisa, né?... Dentro do que... do...

55. *Hum-hum...*

56. ... dos padrões, né...? Normais... Aí é... esse K., voltando, né, ele... as minhas idéias são meio tudo enrolada, né?

57. *Não tem problema, fique à vontade... Está muito bom...*

58. Aí ele começou a comentar, então eu puxei esse gancho, né? E o Z. estava ouvindo, o Z. muito

quietão, né?... Eu falei, falei: “K., eu gostaria que você... ó, convencesse esse seu amigo aí, porque... é uma coisa que... hoje é uma coisa que me incomoda muito...” Eu falei assim, bem séria, sabe? E ele sentiu... então, por exemplo, às vezes, lógico... eu estou falando isso porque eu sei o que [ri]... bom, ou pelo menos eu acho que eu sei o quê que ele sentiu na hora que eu falei isso... Quê que é? Que é uma coisa que às vezes ele me comenta... É... por exemplo... Ah, E., hoje você tem sua profissão, se você quiser me largar... “ Tipo assim... ele acha que uma... que... Por exemplo, hoje eu sou... é... autônoma dele, entendeu, não dependendo dele...

59. *Hum-hum...*

60. ... não sou mais aquela menina que ele casou, que eu era uma menina... Entendeu, porque hoje eu convivo com outras pessoas, eu... sabe, e eu tenho condições de... sobreviver sozinha muito bem, ele sabe disso... Então, ele... então ele às vezes fala, né: “Ah! Agora, na hora que você quiser, é, porque você está por cima da carne seca, não sei o quê, né...” Mas não é isso, eu não... é, não é essa a questão! De estar ou não estar, lógico, eu acho que você

tem que crescer sempre, você vai ficar parada?

61. Hum-hum...

62. Vou...? Não! Entendeu? Não vou ficar parada, não vou ficar esperando ninguém, eu vou indo, se quiser... entendeu? Não vou, eu sou... eu sou casada, mas eu não estou grudada nele, entendeu? Eu sou muito assim... é... é... independente... Sabe? Não sei, tem mulher que é muito assim, entendeu, com o marido, aí, sabe, eu não sou assim... eu... eu sou... eu, independente, eu... sei que eu sobreviveria bem sem ele... sabe?

63. Sim...

64. Mas eu gosto dele, né? *[rindo]*

65. Claro...

66. Ainda gosto, né, acho!... É... e eu me sinto... um pouco responsável, eu queria ajudá-lo... Entendeu? E eu sinto que é difícil, daí eu... voltando lá no K., eu falei: “K., olha... eu acho que tem mais é que tentar... é difícil... né, mas é... eu acho que... tem que ter um objetivo, se você quiser e se propor a fazer, você consegue... “ Entendeu? Aí conversamos... E eu sin... eu senti que ele ficou, assim, entendeu? Porque até então, eu falava... assim: “Ah! Você tem que parar... “ Mas sabe assim aquele jeitinho, “você tem que parar,

né?...”, “olha...”, e tal, mas então eu fui mais firme. E eu sempre colocava, eu falei: “Z., é... eu aceito, você fuma, você faz o que você quiser da sua vida, sabe, que eu não sou sua mãe, sou sua esposa... e quando eu te conheci você já fumava, então quê que eu vou fazer? Se eu fosse sua mãe eu te dava umas boas bordoadas... mas eu não sou, né? Agora, eu acho que se um dia o meu filho vier a fumar por você, ou se... sabe? Eu não vou te perdoar, eu não vou permanecer casada, eu não sei o quê que eu faço, entendeu... porque é uma coisa que eu não admito!”

67. Me fala então um pouco da sua preocupação com o filho...

68. Ah, eu não sei, ó... é... por exemplo, o X., o pai é o exemplo, né? O... até há... uns dois anos atrás, ele sempre foi muito ligado a mim... acho que é... pela fase... a mãe, e tal, e tal. Mas é lógico... daí nasceu a Y., e ela é menina, e tem aquela coisa, e ele já morre de ciúmes dela, né? E... então, lógico, você tem mais afinidade com... com a menina. Não é mais afinidade... nem isso... É assim, ela... acompanha, por exemplo, eu quero ir no shopping, ela vai

comigo, ele já não quer, ele quer jogar bola, ele quer jogar videogame... Então, é lógico, é... o pai vai com ele no futebol, entendeu? Não é aquele, também, super... amigo, mas está sempre junto, aconselha... né? E ele...

69. *Se dão bem...*

70. Se dão...! Mais ou menos [rindo], de vez em quando tem umas brigas, né? Mas assim... se dão bem, então, quando eu sei... é... às vezes, eu penso, eu falo, aí, eu tenho vontade de contar pro X. que o pai fuma para ele... tipo assim, como se fosse uma forma... de defender... ele disse... tá? Mas eu não sei se seria uma boa coisa... sei lá... ele ia ficar chocado, porque ele está naquela fase que ele é moralista... é... até... treze anos, até chegar numa fase... ele é super certinho... E ele implica até com roupa minha: “Ai, mãe, você vai desse jeito?” Sabe, então ainda é uma fase que não, você vê... Ele nem ia acreditar, ele... ele... a... se ele soubesse, ele ia entrar em choque! Eu acho, não sei... Então, é... aí, se ele vier a conhecer... por exemplo, o Z. fala: “Não, E., eu vou conversar com ele, a gente já conhece, a gente sabe, não tem problema, o pior é

quem não sabe... ele não vai fazer isso...”

71. *Quem não sabe o quê?*

72. Por exemplo, os pais que não têm acesso... aí ele falou: “eu sei quando alguém tá fumando...” Mas, por exemplo, eu sei que o irmão dele, eles fumavam mesmo juntos, o irmão dele não era muito de fumar, mas eles fumavam... E, por exemplo, eu não aceitava isso, porque eu falei: “Z., você é o irmão mais velho, você está indo dar maconha pro seu irmão?” “Ah, não, não tem nada a ver!” Entendeu, quer dizer, então, para ele dar maconha pro X. não... não... Sabe? Na cabeça dele ainda tem essa... essa noção. E a televisão, quê que a televisão muitas vezes fala? Fala que faz mal, mas ninguém prova nada... Tem muita gente que também fala que faz bem, então existe essa... essas duas correntes... como na jurisprudência, no direito, tem prá todo lado... Entendeu? Então quer dizer, até que... que o... que exista alguma coisa que prove, eu sei que o álcool é pior... que o cigarro talvez possa ser pior ou não, que também faça mal... Mas não existe uma coisa... em relação à maconha, tá? É... Não existe uma coisa que... que... que fale

“não”, entendeu? Objetiva... eu nunca vi nada... que eu possa falar: “Ah, não, tá aqui, é assim!” [batendo com o dorso da mão na palma de outra, em sinal de ênfase] Entendeu?

73. Hum-hum...

74. [frase incompreensível, rindo]... é advogado, é?... É... o que eu posso argumentar, é... é lógico, é em relação aos filhos... Outra preocupação que eu tenho, por exemplo, que o X., tem... é... a personalidade dele é o seguinte, ele é um bom menino tal, tal, só que ele é um menino o seguinte, ele não sabe perder... é... é... Ele quer sempre quer estar na frente, ele sempre quer liderar, ele... Sabe? E mesmo no futebol, se alguém... vier tomar a bola dele ele vai e dá um... Sabe? Ele não chega a ser agressivo, mas ele... Entendeu? Ele chora, quando ele perde, sabe aquelas coisas... é... Não sei se isso é normal, mas eu... eu... eu tenho... O meu receio é essa personalidade dele se agravar.

75. Certo...

76. Tá, porque... ou a pessoa se resolve os problemas na adolescência ou normalmente não, ou aquilo... é camuflado... né? De uma forma ou de outra na

vida adulta... não é isso... “Doutor”? [rindo] O senhor que... não sei... Eu penso assim, porque é... a gente convive com as pessoas você vê quantas vezes a pessoa tem um problemão daquele, olha a cara dele, ninguém fala, né, então... São essas... Eu imagino, né?

77. A gente vai poder ter depois um tempinho para eu responder...

78. Se eu deixar... [rindo]

79. Deixa... [rio também]... Vai deixar...

80. Então, a minha preocupação maior é em relação ao X. e... lógico... junto a isso, eu gostaria... de uma forma... uma fórmula mágica [rindo], de preferência... Não sei, eu gostaria de ajudá-lo...

81. Tá...

82. Você entendeu? É... às vezes ele fala para mim, ele fala: “E., eu ter casado com você foi bom, porque me ajudou”, ele acha que se ele não tivesse casado ele poderia... ter se envolvido mais, e tal, sei lá, né, porque... quê aconteceu? Voltando quando a gente casou... nós viemos para cá... e foi uma coisa... meio que... cada um... Porque eu acho que casamento também é muito postura... Eu casei meio assim, falei “bom, sei lá

se vai dar certo"... acho que ele também, mas só que nós casamos, viemos para cá... tivemos um filho, nós nos propusemos a... fazer cada um a sua parte na melhor forma... eu fui assim e ele também... eu acredito que sim... Sabe? Então, assim... lógico, não foi aquela mesmo... mil maravilhas, mas cada um fazia a sua... sabe, a sua parte, lógico, a coisa vai durando, porque se eu... caso, e não quero fazer e... sabe? Viro as costas, "Ah, não! Quero de outro jeito!"... Sabe? Não, você... de certa forma aceitou, ele também aceitou, então... é... Lógico, até hoje está... está indo, né?

83. *Sim.*

84. Meio assim, mas está indo... É... então... é, não sei, lógico, às vezes eu penso, se eu tivesse eu tivesse lá em B. eu acho que eu não teria, porque eu teria minha mãe do meu lado... Meu pai... então qualquer coisinha que ele fizesse eu já ia... correr para os meus pais... aqui eu não podia correr.

85. *Hum-hum...*

86. É o que é normal, que a gente vê, hoje em dia, né?... Ah, qualquer briguinha já ia lá para o meu pai e minha mãe, porque... eu sou filha... única mulher, porque daí

eu tenho um irmão de onze... onze anos mais novo que eu. Acho que eu fui sempre, né... super, tal, né? A minha mãe ia sair, ia passar lá e tal, tudo era eu que decidia, o que eu ia fazer, me papericavam, né? Super protegiam, até demais... Então eu sei que eu faria isso, mas como eu vim para cá, não tinha para onde correr, eu tinha que... [rindo] tinha que enfrentar e fazer como ele gosta direito, né? Porque não tinha, né?... Por um lado foi bom, eu acho que amadureci bastante...

87. *Hum-hum...*

88. E... então é isso, né, e às vezes... agora eu me preocupo, por exemplo, a Y. também, já tem uma personalidade... Ela é mais extrovertida, assim, elas são de dançar, e tal... É... agora o X. tem a personalidade do Z., ele assim... Ele é muito discreto... Engraçado, assim, porque, às vezes acontece alguma coisa, e ele não é de ficar falando, ele é bem... Sabe? Ele é muito discreto, sabe?... Ele não faz... o que ele puder fazer para ajudar ele faz, senão ele fica na dele, sabe?

89. *Está indo bem na escola?*

90. Está.

91. *Tem os amigos dele...?*

92. Pois é, ele tem. Mas é... Ele é um menino que... é, nós... estudou até a quinta série num colégio público... Aí ele sempre foi muito bom, mas quando ele era pequenininho, ele chamava a atenção dos nossos amigos pela memória, porque ele era muito rápido no raciocínio, aprendeu... a ler... e a escrever... não era como no prezinho de hoje que ensina, né, aprendeu sozinho, porque a gente saía de ônibus, tal... “Mãe, quê que está ali?” Era puro interesse dele... “Mãe, quê que é aquela placa? Quê que está escrito?” E eu ia falando, ele aprendeu assim... Sabe? Eu nem via, quer dizer, então, e a Y. hoje é uma dificuldade, eu falo: “Meu Deus do céu!” Às vezes até a gente comenta, o Z. fala “E., ela é muito lerda!” ... Eu falei, “Z., não é, é que é diferente... os dois são totalmen... “ Então, por ele ser muito rápido, então ele pega as coisas assim no ar... Sabe? E hoje então, né? Só que hoje, ele é muito na dele... Ele é... é quieto, sabe? É... ele assim, fica muito no quarto dele, ele fica... às vezes a gente comenta, ele... ele não faz muito comentário, é... assim...

93. *Hum-hum...*

94. Como eu falei com o Z., também, ele é muito...

95. *Ele já está naquela fase de sair?*

96. Está começando, é... é... tem aquela coisa, você quer dar um beijinho, o filho não quer, né? (...)

97. *E... pensando um pouco, no geral, como você vê os adolescentes?*

98. Ai, em nem sei, viu?... Eu já... às vezes eu me sinto uma velha já [rindo], porque eu falo: “Gente do céu!... “ Às vezes eu sinto... uma distância grande... é... eu tento me aproximar... ó, por exemplo, eu dou... lá no centro, tem evangelização, né? Aí eu comecei... a frequentar mais o centro, e aí eu levo as crianças domingo, e tal, né? É... tinha um professor meu de curso [rindo] , e era bem velhão, né? [fala rindo, incompreensível]... Mas não é, eu acho que você tem que se apegar a alguma coisa... E eu sempre fui espírita, só comecei... É... aí eu comecei a levá-los, né, no centro, porque o Z. é católico, mas não vai na igreja, não vai a lugar nenhum, né?... Às vezes ele vai a alguma palestra, alguma coisa, mas também não quer assumir nada, né? Aí eu comecei a ir, e aí me chamaram para dar aula, então...

para... evangelização. Aí então eu e uma... outra moça, a gente dá evangelização para o... para o sexto ciclo, que é a idade entre onze e doze anos. É... mas é assim, eu às vezes, por exemplo, ela é toda... ela fala, porque ela é mais próxima das crianças do que eu. Eu... e ela é solteira, né, e eu sou meio mãezona... Sabe aquele... jeito de mãe, que é diferente...

99. Hum...

100. A mãe com o filho é aquela coisa mais protetora... nem sempre muito... é... como é que eu diria... Nem sempre entendendo que o filho... ela aceita, mas nem sempre ela entende que o filho... muitas linguagens... eu não sei se eu entendo... Sabe, às vezes eu me sinto... eu fico perdida, em muitas situações... E às vezes mesmo no sexto ciclo, eu me identifico mais com as meninas, os meninos... é, eu tenho... assim... mas às vezes eu... Eu sou assim meio dura, às vezes tem que dar bronca, então eu é que mais dou bronca, sabe? “Ó, vamos, disciplina!” E não sei quê... né? eu não sei... às vezes eu sinto que eu não sou tão próxima... talvez... é coisa da minha cabeça, mas... não sei. Mesmo em relação ao X., por

exemplo, outra coisa... que... que... que é complicado... é... Eu sei que eu tenho que conversar com ele sobre sexo... tal, tal... Ah! Mas para mim é um problema, é difícil, né, aí... é... esses dias ele teve... Ele vai na pré-mocidade... aí ele teve que falar... na aula, sobre compromissos afetivos... Então a gente tem todas... a nossa visão, né... Não sei se o senhor... Aí... toca em família, namoro... é... relação... sexual, e tal, então ele começou, daí ele falou, vamos fazer, né? Tal, ajudei ele, né? Daí, lógico, daí aproveitei... e aí eu tive que explicar muitas coisas para ele, eu... né, e eu... eu coloquei da visão... espírita, né, lógico... E... assim, mas é... tem muita coisa que eu... [começa a rir] eu não explico muito, entendeu? Então, né? Na minha cabeça...

101. Você... pula [rindo também]...

102. É, eu falo, “então, assim, né, e tal [rindo ainda], o Z. é que sabe”... E... ele também é tímido...

103. Você tenta passar por cima...

104. É... é...

105. E o pai?

106. Então, eu falei, “Z., você tem que conversar com ele!” [rindo muito], “é você que tem que falar,

porque você é homem, eu não sei!...” Né? Aí... ele... “Ah, não, E., porque ele é menino ainda, né!” Aí eu fui no colégio, conversei com a professora, [incompreensível] ele está... estava na sétima série, na sétima série... ele é menino, se você olhar, o corpo dele, fisicamente, ele não está... ainda não está, desenvolvendo, assim, né? Daí ela falou: “Ó, mas só que é o seguinte... Ele pode não estar fisicamente, mas psicologicamente...” Ele está... ele está... por várias, né, eu sei de crianças lá, inclusive na sétima série teve menino que a mãe teve que sentar e falar: “Olha, você tem que usar camisinha, e tal, tal, tal,, entendeu, porque ...” Eu sei, eu vejo os amigos dele, são mais... Assim, tipo já têm pelo na perna, aquela coisa toda está mais... Então daí ela... aí eu falei: “Ai, meu Deus do céu!...” Eu vou ter que, né?... Aí eu falei, o Z. às vezes conversa, mas... eu não sei se ele tem uma conversa muito séria, e eu fico... é... na verdade, eu fico meio assim, porque... Sei lá, parece que eu estou... se eu estou falando alguma coisa eu estou falando de mim, daí eu vou ter que explicar um monte de coisa...

entendeu, porque ele sabe que eu casei grávida... Então..., mas eu... eu... eu ainda...

107. Ele... sabe...?

108. Que eu casei grávida... eu nunca escondi! Mas também não entro em detalhes, entendeu [rindo]? Brinco, tal, e enrolo e... sabe, aquela coisa?

109. Ele já... perguntou sobre drogas?

110. Não, ele... é... agora, com a novela, é... tanto... a minha filha é... fissurada em novela, então você tem que dar uma cortada, mas... eles assistem, né?

111. Qual novela?

112. Essas das oito, que fala, que tá passando drogas, aí... o... o... um jovem oferecendo para o outro: “Ah, experimenta, só um pouquinho, e tal”, né? Então, lógico... é... às vezes eu estou lá, fico lá, então eu percebo, ele fala: “Ah! Mas é um besta mesmo!”, não sei o quê, porque ele é moralista, eu sei que... Por exemplo, na cabeça dele é... Por exemplo... outra coisa errada, que eu sei que eu faço, é às vezes... eu fumo, não posso fumar, mas eu fumo... só em casa mesmo, no trabalho eu não fumo...

113. Cigarro com um...

114. É, claro, né? Maconha eu não... eu já falei que eu não fumo... Fumo... dois, três, mas eu às vezes me sinto... eu sei que eu não posso, que eu tenho bronquite, um monte de coisa, mas eu não consigo! Entendeu? Por isso que eu entendo, talvez, dele fumar maconha... Eu sei que... é difícil, entendeu? Por exemplo, eu não bebo, a única coisa é isso aí... mas às vezes eu falo: “Não, vou ficar...” e fico, um dia, dois, eu fico sem fumar... entendeu? Mas é que um dia que eu fico em casa, eu pego, vou lá e fumo, falo: “Ai, caramba! Eu tenho que parar...” E eles me cobram... o X. fala: “Mãe, você tem que parar de fumar!” A Y. também...os dois... então eu sei... que eu sou um espelho também deles... e eu também... sou falha, né? Como você colocou... num papel que eu li lá... alguma coisa na reportagem do jornal, não sei... Realmen... não, eu sei, e... dentro da doutrina eu sei da responsabilidade como pais, que nós somos o espelho deles... Eu sei disso! Mas é... por exemplo, eu também acho difícil... Talvez, se eu me propusesse com vontade... eu acho que eu até conseguiria, mas eu não sei se eu estou a fim de... de me propor.... Entendeu?

Eu entendo esse lado meu com o cigarro, e eu... imagino que seja assim também, ou talvez maior, não sei... Que dependência é psicológica também, não é?

115. (...)

116. Aí, eles ficam... então o X., a Y., a Y.: “Ah, ele é um besta mesmo!”, mas só que a Y. assim, viu a menina lá, ai, ela ficou toda alegre, não sei o quê, né...? Ele chamou a atenção dela... né, o X., já tem aquela postura, ele já é mais cabeça feita... Né, e... hoje, eu sei que... que seria... se alguém oferecesse, mesmo porque, primeiro...

117. Se alguém oferecesse...?

118. Eu acho que ele não aceitaria. Sabe por quê? Não sei, pode ser que eu esteja errada também... Primeiro, que ele é um menino medroso... Ele não é uma criança que... de arriscar muito... Tá, então eu acho que... que muitas vezes acon... não sei se eu estou certa, o senhor vai me confirmar ou não...

119. Hum-hum...

120. Por exemplo, eu nunca fui medrosa...Eu sempre... é... Eu sempre fui audaciosa... Talvez por isso que eu tenha me queimado, né? Muitas vezes... Fui, por exemplo, fui lá... não me cuidei, e

engravidei, e experimentei, eu não devia ter... sabe? Então eu... eu tenho esse lado, eu poderia ter... ter até... me queimado mais, de certa forma... Né? E... ele não é audacioso... então eu penso... que seja bom... de certa forma, esse medo dele. Ele é receoso... é, por exemplo, se ele vai a algum lugar, ele vê alguém na esquina ele tem medo, ele tem medo de bêbado... Sabe? Então é... é... o... não convencional, tem criança que acha o máximo, o cara é diferente, um bandidão, que... Ele não.

121. Hum...

122. Entendeu, ele se satisfaz com o convencional. Eu, na... na época que eu era jovem... por exemplo, é... por quê que eu gostei do meu marido? Porque ele não era convencional... tinha aqueles caras... hoje eu já tenho outra visão, mas tudo bem [rindo]... Tinha aqueles caras certinhos? Tinha sim! A gente tinha também os que não fumavam maconha... tudo, usava óculos, aquele tipo... Sabe? Ai, eu olhava, “Ai, Meu Deus!”, mas não me... Sabe, eu achava um... Ai, sabe, um saco, um... Então, eu era essa jovem... né? É... por quê que eu talvez eu não tenha me envolvido mais com droga? Acho que é até pela...

minha família.... não sei. Ou então... pelo espírito mesmo, não sei. É... mas então, eu acho que o X., é... não sei... eu acho que ele não se envolveria...

123. E qual seria o perigo das drogas...

124. Hã?

125. Qual seria o perigo das drogas para os adolescentes?

126. Que eu acho?... Olha, primeiro... que eu acho que... é... a pessoa adulta, né, o adolescente, está se formando adulto, ele está... se moldando, ele está... se iden... se... se achando, né? Então, eu acho assim, que o jovem, talvez, é...é... a... a droga acho... é uma muleta... Como o álcool, como o... o cigarro... Eu acho que... que então a pessoa vai formar a personalidade, vai ser um adulto... é... assim, é, maneta, vamos dizer, ou pernetta, tá? Por quê? Porque ele não vai estar, ele não vai ser ele, completo... Ele vai ser incompleto! Entendeu? Eu... eu acho que você... é um adulto, por pior que seja a situação... Por pior que você tenha defeitos, por pior que você tenha tendências... Você tem que se assumir como você é, com seus defeitos... lógico, tentar melhorar... Mas ninguém é

perfeito, ninguém é lindo, maravilhoso... os padrões que passam, na televisão é uma coisa, a realidade é outra. Mesma coisa que eu penso, por exemplo, em relação ao casamento, todo mundo vai casar... e viver felizes para sempre... aquela coisa que a mulher tem na cabeça... né, de Cinderela... Pelo menos na minha época tinha, hoje que não tem mais. Então, é... eu penso que... esses mitos que são colocados na... na cabeça dos jovens, fazem com que muitas vezes eles procurem... é... Pô, o cara não consegue falar direito! O... o... moleque, lá, o jovem, ele não consegue chegar na menina e conversar legal... né? Ele não consegue ser espontâneo... ele gagueja, então, ele, pô, tem que fumar... álcool, e tal, tem que fumar... ou tem que ficar com o cigarro na mão... Eu penso isso, não sei se eu estou certa... eu acho então que é essa muleta... né, a menina, de repente não se aceita como ela é, ou mais gordinha, ou mais baixinha, porque... mulher é que... [rindo] cabelo enrolado, [incompreensível, fala rindo]... é... eu acho que o grande problema é... é a... O jovem não se aceitar... Por melhor que ele seja, você

fala... Que nem hoje eu percebo, o X. é meio gordinho... então ele tem, ele tem vergonha, sabe, tipo assim, ele não sai, ele fica em casa sem camisa, mas ele não sai de casa sem camisa... tem aquela barriguinha, né? Até esses... esses tempos... ele estando em casa ele come o dia inteiro, eu falei, “X.!” E bolacha, e só... porcaria! Ainda falei: “Eu vou parar de comprar bolacha, filho, eu não...” “Eu não quero ser chata, daquelas mães: “Ai, não sei o quê!”, entendeu? Mas eu quero que ele se conscientize, “Filho, você tem... que ser disciplinado para comer... porque eu quero que você seja um moço... você é um menino inteligente, bonito... e eu não quero que você fique gordo! Né, assim, obe... ou, com barriga... porque você não vai se gostar, talvez”... Né, e tanto que ele... às vezes ele fica, “Ai, eu sou feio, mãe!” Porque eu não sei se as meninas não olham muito... e ele é o... eu acho ele lindo! [rindo] Não, ele é... é... tem os olhos bonitos, ele é muito... ele... é desinibido... para falar... tanto que nesse [incompreensível] tinha vinte e três jovens, ele falou na frente, vieram me elogiar, “Olha, o X. é super, ele fala bem!” Então é

engraçado, ele fica quieto... mas quando precisa, é mais do que eu... eu já sou mais... Então, eu... eu penso isso, que a... que a droga, em relação ao jovem, seria uma muleta, uma... mas é tudo... Porque, ó, eu... eu não sei.... Por exemplo, eu nunca... bebia... eu lembro que o meu irmão não saía de casa, agora que ele consegue, está com vinte e um anos... quer fazer Medicina, está tentando o vestibular agora, e está descobrindo, né? Agora... aí assim, ele nunca bebeu, porque em casa nunca ninguém bebeu. Né? Então aí às vezes eu saía, eu via ele lá... já estava tomando, e tal... Eu falei: “N., quê que você está tomando? Quê que você está bebendo?” Então, é... eu... eu sinto isso nele, assim... porque todo mundo está bebendo, mas não que ele goste... Será que o jovem, quando começa, por exemplo, não só de álcool, porque está falando de droga, álcool é droga também, não é?

127. *Vamos lá... vai falando, que depois...*

128. Então... é... é... será que tem alguém que começa a tomar cerveja e acha gostoso? Ou uísque? Eu nunca gostei do gosto! É, sei lá, todas essas bebidas aí

que eles falam, será que tem alguém que toma a primeira vez... e goste? O gosto... amargo, aquele gosto que tem...? Eu não sei, porque eu... eu hoje não tomo cerveja, mas eu tomava, e as primeiras vezes eu não gostei...

129. *Hum-hum...*

130. Entendeu? Teve uma vez que eu be... uma vez, eu já era casada, tomei... chopes, fiquei meio alegre, rodando, aí, eu odiei, também nunca mais bebi, sabe, eu não gosto da sensação!... Eu me sinto... Não gosto! Então... eu não sei, eu sinto isso, e meu irmão é tímido... Meu irmão é assim, sabe? É... ele é mais medroso... do que eu... A personalidade minha e dele é totalmente diferente... Ele... para você ver, demorou um... tempo para sair, eu era louca para sair, meu pai não deixava, né, e ele demorou, ele espera, ele tem aquela paciência... Sabe? É... é... lógico, por um lado é super bom... mas por outro, é... eu sinto que é isso, que o álcool... eu.. penso que ele não iria jamais... também, né... decerto não, mas... a essas alturas, sei lá... Eu tenho receio por ele também... Porque ele está tentando vestibular faz um tempão... e ele não passa... eu não sei como ele tem paciência... Se

fosse eu já chutava, eu já ia fazer qualquer outra coisa... entendeu? E ele quer fazer, e às vezes meu pai é um homem de setenta e três anos... a gente não... [trecho incompreensível, ela preocupação por “estar falando demais”]

131. *Pode continuar a falar...*

132. Hum... [*permanece em silêncio*]

133. *Mas nós já estamos... terminando...*

134. Não, é que isso é uma coisa que eu não posso conversar com qualquer pessoa... Eu não posso falar para ninguém isso!

135. *Sim, claro...*

136. E eu quero resolver o problema, e eu falar também não vai adiantar nada, né? Como eu sou falante eu já [incompreensível] com ele, sabe?

137. *Claro... É... Você já me falou sobre seu pensamento geral... da sua preocupação... Eu estou olhando aqui para ver se... [consulto o roteiro]*

138. Deu para entender? Ou eu falei muito... confusamente? [*rindo*]

139. *Não, falou bem. (...) Você mencionou... mais de uma vez aí a novela...*

140. É. Assim, é, porque, como se fala...

141. *Como que você vê...*

142. É porque na verdade eu não assisto muito, tá?

143. *Não, eu digo assim, como você...*

144. Eu acho bom... Apesar de muita gente estar criticando, eu acho bom, sabe por quê? É... Isso que eu coloquei no começo... Muita gente... é... essas pessoas... Por exemplo, tem um pessoal que vai no centro... é... Como um católico atuante, ele é tão fechadinho, tão bitolado, que o cara nem imagina como que é o negócio, e o negócio está acontecendo debaixo do nariz dele, entendeu? Acho que a gente tem que ser acima de tudo... realista. E é fácil você virar as costas para um problema e fazer que não está vendo... Então, quê que essas pessoas estão reclamando da novela? Porque está aparecendo o negócio do jeito que é... Então, como todo mundo acha que “comigo não vai acontecer”... isso que eu sinto, tá?... Então ninguém quer ver... Sabe, aquilo lá, aquela coisa... ninguém quer ver! Então às vezes a minha sogra, ela nem imagina, ela não aceita que o Z. fume... o meu pai, apesar... de saber de certa forma, ele... ele não... ele não acredita que possa ser possível uma pessoa trabalhar,

uma pessoa ser pai de família e continuar... Entendeu? Então ele acha que não... sabe? É... e a gente percebe isso na sociedade... é... Que as pessoas viram as costas...

145. Hum-hum...

146. ... de repente para um problema... Sabe, até que, lógico, o pai chega e pega, imagina né isso aí... Aí chega, e de repente talvez eu também esteja... colocando de outra forma, talvez eu não queira ver o meu filho dessa forma, entendeu?

147. Hum-hum...

148. É, eu sei que a gente assim, é... Mas então eu acho bom... eu acho bom porque aquele negócio fica passando lá na frente, aquilo te incomoda, me incomoda, incomoda meu marido... Então, e de repente... ou o quê que acontece? Ou as famílias desligam a televisão então não vê mais mesmo, viram as costas... ou... começa a discutir o problema... Não sei se eu estou certa também...

149. Como...advogada...

150. Hum...

**151. ... que você é, também...
Quê que você pensa sobre
esse debate sobre
discriminar ou não?**

152. Descriminalizar? Ah, eu sou contra!

153. Você é contra...

154. Quer dizer... eu sou contra, mas é isso que eu falei, eu também não tenho nada... é... muito forte contra a maconha... mas eu acho que... é... Veja bem... no Direito Penal, o que a gente tem visto de cientistas e pesquisadores é que... você aumentar... por exemplo, acontece um caso polêmico no Brasil, eles vão lá e aumentam: “Ah, não, agora é crime hediondo!”... Isso aí não diminui a criminalidade... Tá? Esse é um ponto. Então, quer dizer, eu não sei se o fato de ser hoje uma coisa que está descrita na lei como... ilegal... é... seria o caso de atenuar ou não...

155. Tá.

156. Tá? Mas o que eu estou te falando é a questão de... de outros crimes... a gente não... não se verificou na sociedade uma... uma... assim, o fato de aumentar a pena, ou... o crime ser mais duro, não se verificou uma diminuição. Num primeiro momento, uma retração, mas aí... quer dizer, o... O fator maior... isso eu estou falando de crime, tá?

157. Tá.

158. Que leva à... à criminalidade...
é... a questão social, a gente sabe
disso.

**159. *E as outras drogas? Você
mencionou a maconha, né...***

160. É.

161. *...foi o que falamos mais...*

162. É... não, a cocaína...

**163. *... o que você pensa sobre
as outras drogas?***

164. Você quer que eu te fale uma
coisa? Essa é confissão mesmo...
que eu não falei... Quer que eu
falo ou não?

165. (...)

166. Eu já experimentei cocaína
também...

167. *Hum-hum...*

168. Umas duas vezes... Ai, que...!
[olha para o gravador] É... então
foi uma época que o X. era bem
pequeninho... daí um pessoal,
amigo... nosso, lá de B., daí eles
cheiravam, e eu cheirei... umas...
umas vezes... E eu gostei! Por
quê? Porque é diferente da
maconha... às vezes você fica sem
dormir, e tal... mas aí, depois, é...
Mas assim foi umas duas vezes,
que eu tenho muito medo, né? Aí
depois eu... eu tenho bronquite, aí
depois passou um tempo, eu
fiquei muito mal de bronquite, me
deu uma crise muito forte, daí
eu... eu parei... Entendeu? Quer

dizer, daí nunca mais foram em
casa, e o Z. também: “Ai, não sei o
quê...!” Ele não gosta... de uma...
cocaína... aí que está, que muita
gente fala que uma coisa leva à
outra, ele, cocaína ele não gosta...
tá? Aí, quê que aconteceu? Daí eu
também... ah..., entendeu, isso,
bem no comecinho, né? Nem
depois, que daí eu comecei a
trabalhar... até então só ficava em
casa, né, eu fiquei... uns dois anos
em casa... Aí comecei a trabalhar,
daí depois que... eu comecei a
trabalhar como vendedora, tal, no
shopping, aí eu não queria só
aquilo, entendeu, eu queria fazer
uma faculdade. Aí eu fui, fiz
faculdade, e tal, entendeu? Aí,
sabe, eu direcionei, e... nunca
mais eu quis por uma... sabe,
assim, alguma coisa ruim, assim
por dentro, mas eu... eu... eu sei
porque eu já experimentei...
Entendeu? Eu sei o efeito... eu
não... não... sabe? Eu não sei...
Não é uma coisa que eu me ligo...
Também não tenho vontade,
não...

169. *Hum-hum...*

170. Sabe? Mas isso é meu, eu não
sei se todo mundo é igual eu... por
exemplo, o que passa na novela, a
menina cheirou uma vez e pronto!
Já caiu, já acabou! Também não é

assim, entendeu? Tem essa outra questão, depende de cada caso... Como... é... uma pessoa... é... Uma pessoa, que uma família totalmente desre... isso do ponto de vista social... uma família totalmente desregrada, só tem bandido, o pai... ban... a família inteira... nasce um, que ele consegue ser uma pessoa... é... que trabalha, né, dentro do... do...do que ele conseguiu... né, se formar, ele trabalha, uma pessoa correta... da mesma forma que uma família que oferece condições também existe aquele que não consegue sair do vício... é... eu acho que existe é... é... Tudo é questão... muito individual, muito pessoal, muito difícil de você...
[batendo o dorso da mão na palma de outra]

171. Hum-hum...

172. Não sei, entendeu? Eu penso isso, eu acho que é... é... não sei se foi bom... não sei porque que eu... que eu... experimentei... Mas é porque eu era... quando eu casei, e tudo que aconteceu, era muito triste, sabe? E quando eu era jovem, assim, antes de casar, eu tinha muitos amigos, eu sempre fui uma pessoa que tem muitos amigos, entendeu, sabe, de ficar...

Sempre tinha amigo em casa, às vezes estava o Z.... aí já viu, né?

173. [rio]

174. Eu estou gozando... Então eu casei, eu me sentia muito só... minha vida mudou muito aqui, né? Então é... eu sei lá... e o trauma do acidente e tudo, né? Eu... aí, acho que sei lá, talvez um pouco isso, né, assim, até para mim também, acho que se acontecesse alguma coisa também eu não estava muito ligando, sabe?... Mas aí depois eu mudei, né, tal... dei uma mudada, e corri atrás, e tal e... Então eu acho que... eu não sei, eu não posso dizer de outra pessoa... Porque eu sei que se eu não corresse atrás do que eu queria, eu não... não ia vir nada do céu... Talvez eu... também não ia ficar cheirando, porque não é... meu isso, sabe? Sei lá... Então isso que é complicado... Eu acho que... Não existe uma regra geral, agora o que eu acho que o que precisa haver, assim, nas pessoas é uma conscientização... seja uma conscientização em relação às drogas... Talvez também eu não seja consciente, apesar de conhecer eu não sei se consciente... é... seja em relação... Agora, falando da questão criminal em relação... à nossa

sociedade, aí que todo mundo
também vira as costas que está...

Eu tenho medo!

175. *A sociedade...?*

176. A sociedade! Por quê? Por quê
existe tanta criminalidade? Será
que também não... nós também
não somos responsáveis de certa
forma? Eu acho que sim! Só que
também eu não faço nada para
melhorar, entendeu? Eu só acho...
Então é essas coisas (...)

177. *Sobre...*

178. Você faz uma pergunta eu falo
duas horas, né?

**179. *Está muito bem... Sobre o
nosso tema, o uso de drogas
na adolescência, tem alguma
coisa mais que você queira
acrescentar, comentar?***

180. Ah, é... o que eu quero agora é
saber... que você me explique, se
algum... alguma coisa que eu falei,
eu estou certa ou estou errada?
Ou... é mais ou menos por aí...?

**181. *Está bem... Eu vou desligar
o gravador...***

182. Ah, você vai desligar...

[FIM DA GRAVAÇÃO EM ÁUDIO]

“F”

SEXTA ENTREVISTA

Data: 26/03/02

Duração aproximada: 50 minutos

Dados de identificação da entrevistada:

Inicial fictícia: F;

Idade: 42 anos;

Etnia: Branca;

Estado Civil: Casada há 17 anos;

Procedência: Londrina, PR;

Escolaridade: Superior Completo;

Ocupação: Serviço Público Federal;

Situação financeira: referida como atualmente estável;

Religião: Católica não praticante

Filhos:

X. (sexo masculino, 14 anos);

Y. (sexo masculino, 10 anos);

Comentários:

Entrevista sentida como particularmente difícil pelo pesquisador. A entrevistada telefona uma hora antes do horário combinado pedindo para antecipar a hora da entrevista em 30 minutos. Diante de minha impossibilidade, ofereci a alternativa de mudarmos a data do encontro, que ela recusa e comparece no horário originalmente marcado. Durante a entrevista ela consulta seu relógio por três vezes, gerando ansiedade no entrevistador. Em vários momentos tive dificuldade em conseguir que o diálogo mantivesse uma sequência regular. Ao final da gravação a entrevistada se despede sem demonstrar interesse em esclarecer dúvidas ou obter informações (ao contrário das demais entrevistadas).

TRANSCRIÇÃO:

1. Bom, a primeira coisa que eu queria lhe perguntar é:

qual foi a sua motivação para participar da nossa pesquisa?

2. Ah... pra saber mais, para estar prevenida... né?

3. **Hum-hum...**

4. São assuntos que todo mundo enfrenta, e a gente nunca está pronta, não é verdade?

5. **Certo...**

6. Então... por isso...

7. **Dá a impressão que você, de alguma forma, está ligada no assunto...**

8. Eu sou bem interessada...

9. **Hum-hum...**

10. Eu estou sempre no pé das minhas crianças... Então... [rindo] então é por isso que eu vim...

11. **Tá... Me fale mais então sobre isso... quais são as suas preocupações a respeito do assunto...**

12. Não, é normal, assim... lá em casa vai... é...tudo bem... né, as crianças vão bem, bem encaminhadas, e tudo, mas eu sempre tenho uma conduta de... Eu sou normalmente uma pessoa prevenida... então eu gosto de ficar... conversando, me informando, né?

13. **Hum-hum...**

14. No momento eu não tenho problema com eles, nenhum...

15. *Nunca tiveram... esse tipo de problema?*

16. Não... lá em casa a gente assim, a gente gerencia bem eles para o esporte, sabe?

17. *Hum...*

18. O maior, principalmente, o X., ele é bem... é uma criança bem dotada assim para... o ramo... do esporte, ele é bem talentoso, assim, ele começou a fazer judô... acho que uns cinco, seis anos, se saiu super bem... daí... ele joga... Tudo o que ele faz de esporte ele faz bem... né? Ele joga futebol, ele joga super bem... ele está no time do colégio, agora ele está apaixonado por tênis, ele treina diariamente... Então a gente tenta ocupar...

19. *Hum-hum...*

20. ... por aí, ele sempre foi uma criança, ele tem muita energia, sabe, o X. não pode ficar muito parado... Então a gente acha que está dando o caminho certo para fugir disso daí, né? Ele está com treze... ele não sai... a saída dele é sempre com a gente, eu posso dizer assim que, em média, o ano passado ele foi comer pizza com... os da aula, eles chamavam assim, acho que durante todo o ano se saiu umas quatro vezes com amigos... Foi muito, assim. Então,

é bem caseiro, e tudo, mas a gente tem que... estar sempre... sempre ligada mesmo, né?

21. *Parece que... para você... para vocês... a prática de esportes está ligada também a... também significa prevenir o problema de alguma forma...*

22. É, pelo que eu ouço sempre, sempre que tem palestra no colégio, tudo eu vou, acho que a adolescência do menino sempre é mais preocupante que a da menina... me dá a impressão que sempre nas palestras [rindo] eles falam mais da adolescência do homem do que da mulher... né? E sempre vejo também falarem muito de angústia, e dos hormônios que libera quando... falam essas coisas assim... Então como sempre ele gostou, e sempre foi uma criança que tem que... que gastar energia realmente... como geralmente escolhido por ele, a gente canalizou para isso, né?

23. *Hum-hum...*

24. Então a gente vai fazendo trocas, assim... O ano passado ele foi convidado para fazer o treinamento de tênis... porque já era todo dia, né? Então foi o ano que eu menos me incomodei com ele na escola... ele estudava para

poder ir jogar... Ele passou quase na terceira nota... né, então foi uma troca legal, assim daí... é... porque... Dá medo, né, deixar todo dia no clube de tarde... mais de duas horas... Depois chegou no final do ano ele estava basicamente passado, aí a gente começou a le... liberar ele para participar de campeonato... Agora esse ano ele já pediu mais um pouco, ele treinar duas tardes a tarde inteira, de duas às seis... e as outras... duas horas... Ainda estamos em termos de ajuste, porque é início de ano, né, pára ver se vai dar certo, se não vai atrapalhar o estudo... E... e basicamente ele é... tem uma vida bem familiar assim, então... a gente... Eu sou bem franca com ele, né, meu marido conversa pouco, assim, mas é bem companheiro também, fim de semana passa jogando bola com as crianças... Então, assim, eu acho que... no caminho que vai a gente...

25. Hum-hum...

26. ...está desviando desse problema, né, mas nunca... a gente pode dizer que não vai, né...?

27. Hum-hum...

28. Eu não sei quê que o senhor quer perguntar...

29. Não, é bem isso mesmo, o objetivo é com relação a esse assunto, o uso de drogas na adolescência, saber... o quê que você pensa, o quê você sente, as suas preocupações, em quê que você acredita e o quê que você conhece...

30. Ah, então, preocupação... a gente tem, né? Mas eu... eu sempre converso bastante, assim... O X. hoje é uma criança que ele não conta muita coisa... É... toda vez inicia o ano no colégio eu vou lá, falo com o professor, me apresento, eu sou a que... Eu entro no... no Colégio, o porteiro já fala o meu nome, eu sempre acho que não deve deixar para ir só na hora ruim, não é verdade? Então... sempre eu estou indo conversar com o professor, para saber como é que é, eles falam assim que ele é uma criança que não se envolve, o mundo está despencando ali, ele está na dele aqui...

31. Hum...

32. ...né, se dá muito bem com todo mundo... É muito difícil tirar ele do sério... sabe, assim, as poucas vezes que ele se envolveu em briga, e coisa, foi quando... não dava mesmo para escapar, né? E... só eu vejo assim, ele não leva

muitos comentários, coisas da aula para casa, mas eu... eu já pergunto para o professor, ele diz: “Ah, acho que ele nem vê, acho que nem se dá conta disso daqui”... Sabe? Assim, ele é bem na dele... Sempre eu fui bem franca, assim, assuntos de sexo, ficou... eu sempre contei desde pequeno para os dois... sempre conversei... Ele não pergunta muito... hoje eu acho que ele ainda não despertou bem assim, sabe, ele está bem formado, assim, bem peludo, está... né, a gente tem... nossos traços são bem morenos *[incompreensível]*... Já levei ele no médico, tudo, a moça disse é assim, que não significa que porque já está formado já despertou... para a parte de *[incompreensível]*

33....como?

34. Não, acho que ele não tem a excitação assim, como menino, né? De vez em quando eu pergunto, falo: “Ó, aconteceu já isso e isso e isso contigo?”... “Não.”... “Então tá... quando acontecer você pode perguntar.” Mas não vejo ele se... ele não pergunta... É se ele... assim... por exemplo... tinha um... um rapaz mais velho que ele se relacionava,

que eu achava meio esquisito assim... eu chamei ele e disse assim: “Ó, X., existe homem mais velho que tem prazer de fazer isso assim e assim...acho estranho, você não pensa ainda, mas eu quero te avisar!” Aí ele não diz assim: “Ai, credo, mãe!”, não sei o quê... Diz: “Tá bom, mãe, já ouvi”... Sabe, ele não... mesmo porque às vezes as crianças... eu lembro de aceitar as coisas que a minha mãe falava, assim, de achar que era... *[expressão inaudível em tom depreciativo]*... Ele nunca fala isso, ele sempre escuta... e... ele é bem relacionado, tudo, eu acho assim que ele não tem problema maior, a gente é... em casa, é uma família assim, a gente não é daqui, a gente é de outro Estado...

35. Hum...

36. O X. veio para cá com dez meses...

37. Certo... então vocês estão aqui já há...

38. Treze anos, né...

39. Treze anos...

40. É. Mas eu acho que ficar longe da família fortalece muito o... o laço *[incompreensível]*, na verdade fica um casal de quatro, assim, né...? Acho que dilui um pouco os outros laços, de vô, de vó... mas na parte da gente é bem... quer

dizer, então... Eu tento estar sempre ligada, sempre acompanhando...

41. Hum-hum...

42. (...) [sorri]

43. É... você falou... é... que ele mesmo toma a iniciativa de perguntar... você...

44. Não... assim, quando acontece alguma coisa, assim, ele fala, sempre ele fala. Eu... eu não acho que ele tenha muito interesse nisso... Não sei se tudo sempre foi colocado... e... assim...

45. Hum-hum... no caso, sobre a sexualidade...

46. De tudo, né, a gente conversa abertamente sobre tudo, sobre drogas, sobre tudo...

47. Ah, sobre drogas também?

48. Também... tudo... converso tudo com ele. Às vezes... comportamento de outras crianças, a gente acha que não estão indo para o lado certo, tudo... É normal assim... né? Então eu não sei se ele não questiona tanto porque... é bem conversado... mas acho que o momento também, né, eles vão crescendo, eles vão se reservando a individualidade, né?

49. Hum-hum...

50. [rindo] A gente não pode querer... que fiquem falando tudo...

51. Hum-hum... E esse silêncio dele gera ansiedade?

52. Não... não acho que seja assim um silêncio, assim... É normal, né? Mas eu vejo assim, que tem outros meninos, conversando com amigas que falou que chega em casa e conta, tudo o que aconteceu na sala... sabe? Ele não... não é tão, assim... o meu menor acho que já conversa mais mas cada um tem um temperamento, né? Na verdade acho que... assim, que ele está bem ajustado, está bem feliz, né? Está querendo mais e mais fazer as coisas de... de esporte, viajar, essas coisas assim... Mas eles têm um senso... já, assim, de crítica também... Eles viajaram... esse ano, foram os dois... para... para um campeonato, e um menino... é... abriu o extintor de incêndio do hotel, e fez uma sujeirada lá... Eles todos acabaram levando bronca, tal, mas... Aí ele então falou: "Ah, mãe, até que foi engraçado, porque..." Aí depois eu falei, eu disse: "É, é bem engraçado, mas a gente tem que criticar também, né? Ele sujou o nome de todos vocês, né? Ele respondeu fazendo

piadinha para a mulher do hotel lá... que é uma coitada, que está... não é verdade?” É... Ele fala: “É que ele não tinha visto ela, né?” Então ele tem assim um senso crítico bem legal, assim, eles não são de ... eles não são desaforados, não são crianças mal-educadas...

53. Tá...

54. Né? Então, acho que... assim... A gente se dedica bastante também em casa, eu acho... A gente não tem... apesar de... de trabalhar, do meu marido trabalhar muito, a gente é bem presente... Agora, não sei...

55. Você também trabalha fora...

56. Eu trabalho...

57. Hum-hum...

58. Durante muito tempo eu trabalhei meio período... quando o X. era menor eu trabalhava meio período... Mas depois eu acho que... quando o Y. teve uns cinco anos, eu tive que começar a trabalhar os dois, depois trabalhei meio, depois agora eu trabalho... os dois de novo... na verdade... eu quero tentar tirar umas duas tardes assim, que eu acho que faz muita falta... Mas...

59. Hum... E o que você pensa sobre... os adolescentes e as drogas?

60. O que eu penso mesmo, assim, eu acho que um pouco é falta de família, mesmo...

61. Hum...

62. Porque... ah, sei lá, eu acho que é um pouco é isso mesmo... Porque o mundo está difícil, não é verdade? A televisão está uma bosta... [rindo]... Desculpe, né?

63. Hum-hum...

64. Então eu acho assim, a gente que acompanha e critica, ainda um pouco a gente está fora de moda, não é verdade? Mas outro pouco a gente consegue ensinar, assim, eu tento ver, às vezes ele gosta de ver uns programas lá da... da... Esse “Fica Comigo”, tem um outro que é teste de fidelidade, que ah!... Teste de fidelidade, esse é uma baixaria, mas a gente tenta assistir... pra mostrar o que acontece, não é verdade? Mesmo na novela, teve um tempo que eles não assistiam novela em casa... e eu achei que o X.... ele era muito ingênuo, eu achei que ele estava ficando bobo demais, daí eu fiz o serviço contrário, a gente começou a assistir novela... é... tentar mostrar, não sei, de repente o patrão transa com a empregada, eu digo: “Tu vai achar normal, de repente você chegar em casa teu pai estar transando

com a emprega...” , “Ah! Mas credo, mãe!” Então, assim, a gente tenta acompanhar bastante... Mas eu acho que um pouco é isso, acho que um pouco é ignorância e falta de pai e mãe mesmo para... para situar, não é verdade? Para ver que o filho... ou está andando mal, ou... quê que está acontecendo, né?

65. Hum...

66. E acho que tem que ocupar a cabeça mesmo... Acho que tem que chegar de noite tem que estar cansado para dormir porque... Senão daí acho que entra naquilo que eles falam nas palestras, na angústia...

67. Hum-hum...

68. Né? Tipo isso... a gente também foi adolescente, né? *[rindo]*

69. Então o quê que você me diz da sua adolescência?

70. Não, acho que foi normal, assim... eu tive a oportunidade de... experimentar droga, nunca experimentei...

71. Nunca experimentou?

72. *[acena negativamente com a cabeça]*

73. E o teu marido, você sabe...?

74. Ah, acho que não... Mas teve bastante oportunidade também... É... eu fui criada mais na... naquele negócio do peso, sabe, da

culpa... A minha mãe era viúva e morava com uma irmã, então tudo naquele tempo era assim, *[incompreensível]*. E ela sempre contava uma história assim, que tinha um cara que tinha duas noivas que tinha ido transar num motel e o motel tinha prendido fogo. Então, lógico, claro, sempre que a gente pensava em transar já pensava em um motel prendendo fogo e a gente... né? E assim, então acho que um pouco, assim, o “*não*” era muito presente, e na verdade eu não sabia bem o porque... sabia que tinha que dizer não... né? E... mas... foi normal, também, assim, só que eu me lembro que eu chorava muito, eu me lembro que eu chorava... e daí em vez de distrair, sair para a rua como a gente faz hoje em dia, não, eu apagava a luz... e ligava o rádio para chorar mais ainda...

75. Hum-hum...

76. Ai, que coisa maluca, né?... Então eu... acho que um pouco é assim mesmo, né? Então a gente tem que começar a olhar os filhos e respeitar que eles vão sentir também isso, e dar outro tipo de... sei lá... Mas naquele tempo não tinha nada disso, não tinha esporte, não tinha nada, a gente não se cansava, pelo contrário, a

gente arranjava atestado para não fazer Educação Física não é? (...)

77. *Você acha que o problema está sério.. hoje em dia?*

78. Não, por tudo o que a gente vê acho que está, né? A sociedade está muito sério, né? E isso é outra coisa que a gente tem que cuidar... é... eu acho porque a gente já é adulto, já tem os conceitos prontos, consegue até... é... Ah! Sei lá, é muita roubalheira, é muita coisa, não é verdade? Para as crianças que estão se formando é muito duro, porque, como é que eles... a autoridade rouba, o juiz rouba, o não sei o quê... é onde que é muito difícil mesmo. Sei lá, acho que... o problema da sociedade em geral está muito sério mesmo, né?...

79. *E o problema das drogas e os adolescentes?*

80. Não, então, na verdade, eu não tenho muito contato com isso... Né? Pra ser bem sincera assim... todo mundo fala assim, ah, é... Sei lá, que tem muito homem descasado, que tem muita mulher atrás de homem casado, não sei o quê, para mim isso é um pouco longe porque a gente... é... tem um círculo de amizades parelho com a gente, né? Na verdade a gente vai procurando... Nesse meio, graças

a deus as crianças, as meninas, os meninos estão da idade do X. e ainda os pais estão acompanhando... São crianças que não saem sozinhas... né? E geralmente a vida deles é com a família, por exemplo, a gente vai jantar, os casal... casais sentam numa mesa, as crianças tudo sentam na outra... mas sentam os de quatorze, sentam os de dez, sentam os de nove, carregam a de dois anos... Então...é... da gente... ainda... quer dizer, no meio da gente graças a deus ainda não tem, mas a gente sabe que... tem de quantidade na rua aí, que vai... e que às vezes... um amiguinho desses que foi bom... com sete anos, não vai ser bom com quinze.

81. *Hum-hum...*

82. Tem que preparar para... isso aí, né?

83. *Hum-hum (...) E... na sua opinião, qual o perigo que as drogas trazem... para os adolescentes?*

84. Não, eu acho que... que o perigo é assim, quando a gente é adolescente a gente acha que nada pega a gente, não é verdade? A gente acha que... é... que a gente pode consertar as coisas... né? Eu me lembro que eu tinha uma amiga que tinha um... um

namorado que era alcoólatra... e eu sempre pensava assim, *[incompreensível]* “se fosse meu namorado não ia fazer isso...” Na verdade não é isso! Na verdade ele era alcoólatra, namorando ela ou namorando a mim ele ia ser alcoólatra igual... E eu acho que... a gente quando é novo não tem essa visão... né? Então de repente ele vai fumar... ou sei lá, vai cheirar a primeira vez e não vai ter dor de barriga... vai dar uma sensação boa da primeira vez, não é isso que... eu sempre falo para os meus, se desse vômito e dor de barriga ninguém fumava a segunda vez...

85. *Hum-hum...*

86. Então a primeira sensação... é legal, né? Então esse que eu acho que é o problema, da... da pessoa querer... é... experimentar e achar que pode parar, né, e não é bem assim... Por outro lado, eu sempre penso também que o adolescente tem que ter alguma coisa para se... uma... para... para aparecer mesmo, para... né? Então fico pensando assim... ó... é... lá, vamos botar no caso meu... Ele já tem... com o quê aparecer, né? Ele é bonitinho, ele se sai muito bem no esporte, é... ele participa do time do colégio... né? Então eu

acho assim... que fica muito perigoso aquele que não tem nada... né? Aí aquele que não tem nada ele começa a debochar do outro, dá um chute... ou... ou distribui dinheiro... né? Sempre a pessoa... se a gente for pensar mesmo, tem que ter um atributo, né? Então, eu tento dar esse atributo de... de outra maneira, né? Não deixar que ele tenha... ou que ficar... a gente vê, meio ridicularizando, prendendo fogo em índio, né?... Na verdade, o quê que eles querem? É aparecer, né? Então acho que tem que aparecer do lado bom...

87. *Hum-hum (...) Hum-hum... É, a gente está falando sobre droga, não é? Eu gostaria de te perguntar: o quê que é droga, na sua opinião?*

88. É vício, né? Qualquer vício... (...)

89. (...) *Você poderia falar um pouquinho mais sobre isso?*

90. Mas não sei o que falar... *[rindo, ansiosa]* Não sei, é, o quê que é droga... droga é uma coisa que escraviza a pessoa, não é verdade?

91. *Escraviza...*

92. Né? Assim... uma mania pode ser uma droga, não é verdade? Mas aí a gente já está fugindo um pouco do assunto, mas... né? Mas é...

Tudo que é... porque na verdade a pessoa perde a ... vontade... né? Porque ela não se domina, né?

93. Hum-hum...

94. Infelizmente para o lado ruim, né?

95. E... parece que para você a prevenção... pelo menos com os filhos, tem muito a ver com... a educação e as atividades....

96. Na verdade eu sou uma pessoa bem prática, assim, sabe? Eu lembro uma vez que eu fiz um teste vocacional, para mim foi... a psicóloga falou assim: “Acho que nunca... “ Eu sou bem prevenida, sabe? Acho que é bem por aí. Eu prefiro passar bastante trabalho no início do ano, e no final do ano que eu estou cansada, que eu não suporto mais, as crianças já estarem passadas de nota. Aí todo mundo relaxa...

97. Hum-hum...

98. ... né? Então eu... tento por aí, acho... Eu me ocupo bastante, eu tenho muito pouco tempo para mim hoje em dia, mas acho que é uma opção de... descansar daqui a pouco... É... mesmo com o X.... na minha família, eu tenho a minha mãe a minha irmã, são super mal humoradas... mas... é uma coisa assim [rindo] , horrível, elas têm

mau humor, elas acham que sabem tudo... e eu sempre fico olhando aquilo de fora e fico horrorizada, né? Porque... atrapalha tudo, nenhuma das duas conseguiram ficar casada... né? E o X., é... Eles foram muito bem, até... eu acho que um estava com nove anos, não sei... Quando um estava com nove e o outro estava com seis eles começaram a brigar em casa, mas brigar por porcária! Brigavam, mas por porcária. Foram três anos assim de inferno! [rindo]... Era chegar na hora do almoço eles começavam a se cutucar e brigavam, brigavam, brigavam, brigavam... Aí eu comecei discutindo, eu mandava ajoelhar e rezar, tinha dia que sentava eu e chorava, porque eu... assim, não era...

99. Hum-hum...

100. ... motivo de arte, assim, era *encheção de saco*, só! Aí eu comecei a perceber que o X. estava ficando muito mal-humorado. Ele acordava de manhã já assim, e quando ele dava uma risada muito boa era assim... [imita um sorriso contido], os dentes mesmo ele não mostrava. Aí eu comecei a convencer o meu marido, que

estava muito ruim assim, no fim ele já estava me agredindo, de mau humor! Assim, sabe, tudo o que eu ensinava para ele, ele largava para mim como agressão em outro horário, por exemplo, eu mandava ele não mastigar de boca aberta, daí a pouco eu estava tomando café com ele seis horas da manhã ele olhou para mim e disse assim: “Quer parar de fazer barulho para comer?” Olha, aquilo, nem um marido muito cheio da mulher não faz isso, né? Aí eu conversei com o meu marido, ele disse [incompreensível] que chegasse no ponto que eu queria... a gente percebeu isso, a gente vai deixar? E aí com essa idéia daí eu procurei uma psicóloga, né? Aí ele se tratou um ano com a Dra. K. Durante aquele um ano que ele se tratou ele continuou mal humorado. Aí ela falou assim: “Não, ele está tudo certinho, ele realmente tem mau humor... “ Acho que genético, né? Daí ela fez um trabalho, foi sem ser esse ano que passou, o outro. Daí ela fez um trabalho com ele de conscientização, que era ruim, acho que de... sei lá, de mostrar a expressão que ele tinha, que de repente por dentro estava feliz, e

por fora estava aquela carranca... Olha, foi um ano, ele ia lá, odiava e falava... Porque daí quando chegou em novembro a gente encerrou, porque vinha com ela e tal... Eu não sei quando o menino mudou... mas acho que para janeiro e fevereiro... mas ele mudou completamente! Hoje ele consegue olhar o que ele era, dá risada... Sabe, assim...ele me ajuda... é... Nossa! Mas virou, assim, da água para o vinho! Se foi só o tratamento eu não sei, acho que o tratamento, mais tudo o que a gente insiste dentro de casa, né?

101. Hum-hum...

102. Então na verdade, esse último ano para mim... que eu acho que é o ano que ele está entrando na adolescência mais assim, né? Foi o mais fácil dos últimos quatro... Hoje ele olha para o pequeno e diz assim: “Th, mãe, isso que ele está fazendo.. aí, te lembra quando eu fazia, vamos ter mais paciência com ele...” [rindo] a gente começa a rir. Sabe, assim, é... como o senhor diz, né, eu estou sempre... tentando... me prevenir mesmo, né?

103. Hum-hum...

104. Não digo que a gente não vá ter surpresa, mas... Temos que dar

atenção, né? [novo silêncio, a entrevistada consulta seu relógio]

105. É... Na família, quais as fontes de informação sobre o assunto, drogas, e como surge esse assunto?

106. Ah, agora ele está muito assim na televisão, né? Tudo bem, eu acho que é normal, assim... lá em casa eles são contra tudo, até contra... cerveja, cigarro, tudo... O meu marido fuma...[incompreensível] porque fuma escondido... das crianças [rindo]... Na verdade, não, na verdade ele não fumava escondido... E... eu sempre tive na idéia, de vez em quando eu até [incompreensível]... eu nunca peguei, não, porque eu... Porque eu fumava um cigarro por dia, né? Mas eu nunca passei disso, assim. E eu sempre achei errado fumar na frente deles... Que eu sempre tive vergonha de fumar... né? É... Olha, na verdade, a gente toma atitude, às vezes assim, há dez anos atrás, que as pessoas começam a ver que são certas hoje, e na hora todo mundo via, então eu nunca fumei na frente das crianças... e quando o X. fez uns seis anos... enquanto o X. era pequeno o Z. fumava na frente

dele, mas ele fumava muito... Aí chegou uma hora que ele estava querendo... parar de fumar, eu disse: “Olha, Z., o primeiro passo é tu não fumar em casa, tu já vai diminuir um monte... “ Né... e... começa a botar hora, sei lá...

107. Hum-hum...

108. ... né? E... e daí... E eu falei para ele assim: “E eu acho que se as crianças não se criarem no meio de gente que está fumando, eles não vão aceitar também o cigarro”, né? Então eu não acho legal fumar na frente de crianças, eu me lembro que... Nossa! Todo mundo ria, diziam: “Onde já se viu os pais fumando escondido dos filhos?” E hoje a gente viu... que não deve fumar, não é verdade, hoje vem escrito até na... carteira de cigarro, né? Então, assim, é... o X. sabe que o Z. fuma hoje... faz campanha contra, o Z. não fuma na frente na frente deles... [incompreensível] não fuma, fim de semana... não fuma... O pequeno já encara assim, o cigarro... é assim, fumar um cigarro para ele é cair morto... quase que na mesma hora... [rindo]... ele é bem assim. Daí em casa, bebida, o Z. toma cerveja, e eu raramente, sabe, eu... sei lá, às

vezes por exemplo tomo um vinho...

109. Hum-hum...

110. E esse maior, do ano passado, que ele começou a treinar intensivo, ele cortou chocolate... e cortou refrigerante... Eu acho assim, eu digo para ele assim: “Ó, eu acho nenhum exagero é saudável”... Ele não come mesmo, ele não come... de vez em quando ele toma sorvete, e come fruta o dia inteiro! Mas... eu acho que é demais, sabe, eu acho que uma criança tem que... Só que ele sempre gostou mais de saudável, então acho que ele não é tão... ruim assim, apesar de que coca-cola ele adorava... No ano passado já eu tive que inventar no aniversário dele... o bolo numa lasanha, porque ele não come bolo de aniversário, então eu já faço uma lasanha, enfio a vela e... Então eles são bem radicais assim para esse lado, sabe, de... de... de bebida, de cigarro, essas coisas, eles são bem... O pequeno se alguém passar por ele e soltar uma baforada ele... ele sai assim: “Eu estou enjoando! Eu estou me sentindo mal!” *[rindo]* Então... então eles têm... sei lá, já estão até para o lado... exagerado, os dois... (...)

111. *[após silêncio, a entrevistada olha para o relógio novamente]*
Nós já estamos... terminando, né? É... comente alguma coisa para mim sobre as características gerais da vida familiar, da educação dos filhos, dos hábitos que vocês têm... dinheiro... como é que vocês lidam...

112. Ai, ó... dinheiro... é... é... eu não dou mesada nem nada. O maior... ele é... O senhor vai achar que ele é louco!... Ele é exagerado demais, ele não gasta. Ele agora só quer gastar, ele quer guardar o dinheiro se for mês... no caso... gastar... gasta muito com o tênis às vezes, é muito caro porque tem corda, tem um monte de coisa... Então assim... Ele é pão duro, até... às vezes, porque, por exemplo, ele não compra refrigerante dentro do clube, é uma coisa dele porque às vezes vai na esquina tem mais barato. A gente foi passar uns dias no Aguatiba *[Estância Hidromineral próxima a Londrina]* agora nas férias, e a água é comprada, né? Aí ele descobriu que tinha vendedor de um campo de futebol lá adiante... Ele pegava uma garrafa d'água vazia, ele ia lá,

bebia água e enchia porque quando ele chegava ele já estava com sede de novo... não mas é... Não é a gente que manda ele fazer! Sabe, a gente é normal, não é esbanjador mas é normal... mas ele é todo assim, ele é todo certinho. Então o dinheiro eu dou, eu sempre deixo ele com uns trocadinhos, mas ele... Porque ele só faz certo, ele leva lanche de casa, sabe, assim ele é bem controlado. Já o pequeno não... o pequeno é um pouquinho mais gastador, mas acho que começa a conviver com esse... o X. é tão assim... o pequeno comprava um dia num lugar um pacote de batata frita caro, ele... outro dia ele fez ele devolver... “Você não vai comprar isso, que é muito caro, não sei quê...” *[rindo]* E o pequeno é desligado, assim, um dia ele foi jogar bola com os amigos, e tirou cinco reais do bolso para não perder, botou em cima do banco da quadra... é, levaram o dinheiro dele mesmo. Então hoje o X.... gerencia o dinheiro dos dois... viajam juntos, e tal... Daí eu falo com ele assim: “Ó, tu não judia demais, né, o menino pequeno já está fora de casa sem a mãe... regula...” Aí, tá, daí eles viajaram para o interior

de São Paulo, os dois, o pequeno também nunca ia... E... e ele leva o dinheiro, então ele... E eu passei as instruções sobre frigobar de hotel, sabe, assim... eu... eu levei depois voltei quando o professor chegou. E ele fez um papel, botou: “X., Y. e Fulano”, que era o outro que também ia ficar. Cada um que ia pegar um negócio no frigobar tinha que anotar. E, daí eu disse: “Não judia do teu irmão, primeira vez que ele está saindo, tu deixa! Se chocolate para ti é besteira, para ele não é...!” Aí o Y. voltou todo feliz com uma bolinha assim de borracha, que montava, colorida... o X. deixou... a bolinha custou um real! *[rindo]* Então, assim, eu... nem me preocupo com esse negócio assim de... de mesada. Agora ele está querendo fazer... arrumar um patrocínio... então eu estou fazendo um currículo dele com ele... Mas ele... acho que sabe que o dinheiro é difícil, então, ele usa um remédio... *[incompreensível]*... então quê que ele está querendo? Ele está querendo ir na farmácia, e pedir o remédio de patrocínio... né? Então... assim, eu ajudo no que eu posso... eu estou ajudando ele a fazer um currículo bem bonitinho, que eu falo: “X., como

que tu vai pedir para a pessoa para usar uma camiseta com o nome da farmácia, a pessoa não sabe se tu é um... de nome feio, né, que não se comporta, e tal...?”
A gente está tirando xerox dos boletins, aí pedimos... estamos pedindo para os professores... fazerem uma carta, estamos tirando fotos das medalhas, porque... é a parede inteira! Daí vou ajudar ele nesse ponto, né? Vou levar e vou fazer ele se virar para pedir, mas então eu acho que ele ‘bem... assim... ele fica se preocupando tanto com essas coisas, que ele não vê a vida dos outros...

113. Hum-hum...

114. ...o quê que os outros estão fazendo...

115. *Me parece então que, com relação às drogas, né... os teus filhos te deixam muito tranqüila com essas escolhas que eles estão fazendo...*

116. É... então, mas... não sei! Às vezes pode acontecer, né? As... é... o meu pequeno, ele é muito ansioso... ele está se tratando, né, ficar assim, já está há um ano e pouco, ele me deu um problema sério no colégio, ele é perfeccionista, assim, sabe? Tudo para ele tem que ser certinho. E...

aí deu um problema no colégio, ele começou a vomitar, vomitar, vomitar... Todo mundo na hora do almoço, então tá... No primeiro dia eu levei ele no médico, no segundo eu achei esquisito, no terceiro fui para o psicólogo, né? Então... esse eu tenho mais medo... Eu já estou tratando ele agora com dez, porque... a... a ansiedade ela é tirada pela bebida, né, e pela droga, não é verdade? Então como ele é muito ansioso, a gente já está lidando com ele agora...

117. *Qual o tratamento que ele está fazendo?*

118. Ele está se tratando com a Dra. K., ele faz...

119. *Ah, terapia...*

120. Terapia... a dela é comportamental, que chama, né? Porque... ele é uma criança dez, assim, sabe? Só... que... ele é mais maduro que os outros e é bem bom, assim... não tem... não tem melhor que ele em Londrina, ele pega o violão, ele toca até nas costas... E... ela fala assim, que hoje em dia, infelizmente a pessoa até para ter um talento tem que estar preparado, né? Então ano passado... ele passou muito problema de inveja na escola... E os dois meninos que ele andava

no Colégio, é... Começaram a andar com um outro desses que gira com as *cueca* assim para fora, né? [*fica de pé para mostrar*]

121. Hum...

122. ... [*incompreensível*] na boca...

E ele, coitadinho, ele percebeu que estava errado e desviou... Claro, não... não que fosse uma criança que tem... que ia usar droga nem nada disso, mas já... já achando bonito o... estereotipo, sei lá como é que vocês chamam... errado, né? E ele conseguiu perceber isso, o de dez... porque o ano passado com nove... Só que ele se separou, quê que aconteceu? Ele ficou sozinho... e os outros começaram a agredir um pouco, sabe, assim tipo [*incompreensível*]... Ele começou só a... sofrer com aquilo... não é verdade? Ele começou a não reagir... E de uma maneira ou outra, escolhendo o caminho certo ou não ele ficou sozinho, né? E por outro lado... ele começou também a fazer treinamento no clube, e se distanciou dos de nove... Ninguém mais conseguia jogar com ele com nove, ele tinha que jogar com os de doze e quatorze... também não deixa de ser uma solidão, não é verdade? Largou os pequenos e... e passou

para os grandes, então assim, o ano passado foi um ano muito pesado para ele, sabe? A gente tentou ajudar bastante, em casa eu converso bastante, mas... é... acudi na... na Dra K... e a gente conversou um pouco. Eu acho que ele está melhorando bem, assim, né, mas também... cada um... O outro tinha um problema da mau humor, esse vai ter que se enxergar... e ver que... ele leva quatro minutos para se secar depois do banho, o senhor não acredita! [*rindo*]

123. Hum...

124. Ele é aquele que lava assim, ele dá o laço em cima do sapato, tem que estar bem no meio, com as duas pontinhas igual, sabe? Então a pessoa sofre muito... Então a gente, com esse, está brigando... né? Pra... para ver se quebra um pouco isso dele, né? Mas pra quebrar agora, não é verdade? Porque chegar na adolescência o menino é assim que não admite fazer nada errado...

125. Esse é o menor...

126. O menor... é... Na verdade a gente... eu fico... não digo que ninguém vai cair nisso, né, mas... [*rindo*] Ai, outro dia eu ainda estava rindo, porque acho que tem pai que é cego e tem mãe que

enxerga demais... Né? Mas a gente tem que tentar ajudar, não é verdade? Então é isso...

127. *Hum-hum...*

128. (...)

129. *Alguma coisa mais que você queira comentar sobre esse tema?*

130. Não...

131. *Então eu já vou desligar o gravador...*

[FIM DA GRAVAÇÃO EM ÁUDIO]

“G”

SÉTIMA ENTREVISTA

Data: 06/04/02

Duração aproximada: 70 minutos

Dados de identificação da entrevistada:

Inicial fictícia: G;

Idade: 40 anos;

Etnia: Branca;

Estado Civil: Separada há um ano e meio após estar casada por 11 anos;

Procedência: Londrina, PR;

Escolaridade: Superior Completo;

Ocupação: Serviço Público Estadual;

Situação financeira referida atualmente: Estável;

Religião: Católica praticante;

Filhos:

X. (sexo masculino, 13 anos);

Y. (sexo masculino, 10 anos);

Z. (sexo feminino, 5 anos);

Comentários:

Entrevistada demonstrando muita solicitude para com o pesquisador. Ao final da gravação permanece conversando, desejando esclarecimentos.

TRANSCRIÇÃO:

1. Vamos começar com uma pergunta sobre a sua motivação para participar desta pesquisa... por quê você se interessou?

2. Eu? [riso] Eu, toda vez que eu vejo alguém fazendo... tese de mestrado, de... qualquer especialização, pós... pós-graduação, eu procuro ajudar...

porque eu acho que é tão difícil a pessoa... fazer isso... eu se... Eu nunca fiz, eu fiz só monografia, na época era só monografia... Mas eu acredito que... que deva ser assim meio complicado, então eu sempre fico preocupada, eu quero ajudar a pessoa. Onde eu vejo alguém em pesquisa... eu quero, eu faço, eu faço com o maior prazer...

3. Hum-hum...

4. ... mas na intenção de... pensando primeiro em você... E depois na gente, porque eu acho que tudo... pode... ser também uma ajuda para mim, uma co... uma contribuição, com alguma coisa na minha vida.

5. Hum-hum... claro... você até, antes de eu ligar o gravador, você já tinha me perguntado se eu estou conseguindo um número suficiente, e tal...

6. É. Eu sou... eu fico preocupada, sempre fico mesmo... [rindo] Eu quero que a pessoa tenha sucesso na tese, de modo que eu acho que não é fácil... eu valorizo muito quem estuda...

7. Hum-hum... Que bom ouvir isso... Por outro lado, como você me diz que já tem... três filhos, né, e sendo um deles já com treze anos, você está

ligada de alguma forma ao... assunto... Então me fala um pouquinho sobre o que você pensa sobre... uso de drogas na adolescência.

8. Eu acho que hoje a maior preocupação dos pais eu acho que é isso... Acho que o que mais pega mesmo... Eu acredito muito... na educação religiosa, principalmente eu acho que contribui bastante... Sempre procurei levar meus filhos por esse caminho, para eu não ter esse problema... de ter que enfrentar esse problema na minha vida. Que a gente sabe, os parentes, os amigos sempre foram... E a gente sabe do sofrimento que é uma mãe... ter um caso desse na família.... Mas... é... claro que mesmo eu procurando fazer tudo isso, a preocupação não vai sair [rindo] da cabeça, sempre um pouco a gente fica.... Principalmente pelo fato de você se separar. Pronto! Separou, você já acha que... alguma coisa pode acontecer na tua vida, pela falta do pai, pela situação... não falta, porque o [final da frase incompreensível; menciona o nome do ex-marido] está sempre presente. Mas... criança, adolescente, não adianta... ele...

quer ver a presença da pessoa ali... Eu acho que a dependência... até o X., ele criticava muito as atitudes do pai dele, eu sei que muita coisa ele não aceitava no pai dele, porque o X.... ele é assim uma criança que é muito ... que foi sempre muito responsável... Sempre teve isso com ele, e também acho que a própria... nós educamos ele assim por ver que ele é uma criança esperta, inteligente... Aí a gente já começa a criar como se fosse adulto. Depois que você cai na real, fala: “Pôxa vida! Ele é assim, mas ele... é criança...” Mas mesmo assim eu... eu... eu fico... fiquei um pouco preocupada principalmente depois que eu me separei...

9. Hum...

10. A gente faz, aí, a gente nunca sabe se a criança pode ter alguma revolta, alguma coisa e... a primeira coisa que a gente acha que vai... pegar o caminho...

11. Que vai...?

12. Da... da droga.

**13. Da droga... Hum-hum...
Você... você... pelo fato de ter se separado a sua preocupação...**

14. Aumenta...

15. Aumentou... Hum-hum...

16. *[rindo]* É o que eu te falei, sempre... Por mais que ele tenha passado isso para a gente, o X., que ele é uma criança que tem uma cabecinha boa... e ele sabe discernir bem o que é certo é o que é errado... mas aquele pouquinho sempre a gente fica assim meio *[ri]*... né? E... não mais talvez por ele, mais pelo Y., eu acho que eu fico preocupada...

17. O Y. é o... segundo, é o de dez anos...

18. É. Eu não sei, tem aquela coisa, sabe? Tem aquela criança que é certinho, bonitinho, *terê-tê-tê* e tudo e de repente... Eu sou muito preocupada com isso... é... chega na adolescência ele... se rebela, né, aí ele... quer fazer tudo que os pais deixaram, aquela criança certinha, educadinha, bonitinha... de repente ele descobre outra coisa, e aí pode cair no mundo das drogas ou... o Y., que é uma criança extremamente extrovertido.. é... livre de preconceitos, é... modismos, segue tudo o que tiver de existir, de cabelo pintado, de brinco de não sei o quê, ele é bem daquele tipo, sabe? Bem... loucão, bem... ai, o Y. é um bicho, né?

19. Hum-hum...

20. Então, esse daí eu falo... ao mesmo tempo que esse daí é uma criança que... que ele faz isso, mas ele... ele expõe o que ele faz, ele é... ele é aparente, ele é... ele é transparente...

21. Hum-hum...

22. Né? Ele... então... Ao mesmo tempo que eu fico preocupada assim, *[incompreensível]* uma criança assim, ele fala e tudo, mas... de repente ele quer conhecer tudo, por ele ser assim, sabe? Quer conhecer tudo, então ele inclusive ele pode também querer conhecer a droga, para saber como é que é, a gente sabe que ele... né? Ele... ele sabe de tudo, ele é... assim, ele é muito comunicativo... Ele é... atencioso, pega tudo no ar, ele é muito, muito esperto... Então... ao mesmo tempo que eu fico, né, os dois... que os dois... as duas... duas situações às vezes em casa eu fico preocupada! *[ri]*

23. Hum-hum...

24. Um porque é quietinho, educadinho, sempre aceitando, de repente pode se rebelar... E o outro por ser assim... então... os dois, eu fico sempre meio assim, né? *[rindo]*

**25. Quer dizer, o adolescente...
está passando por uma fase
mais... vulnerável...?**

26. Isso... Ele...eu acho ele já um típico adolescente meio precoce... o Y... Ele é assim, fissurado por adolescente... desde sete, oito anos! O adolescente para ele, ele enxerga assim, é um tal quê que está vestindo, está fazendo... Ele tem essa obsessão por adolescente... Incrível, como que... toda a vida ele...

27. Hum-hum...

28. ... se espelha no... num adolescente.... Em relação a todas essas coisas ele foi bem mais precoce que o X.... Em relação a... não sei se é sexo em si, mas... coisa de mulher, de... de namoro, de... paquerar, de gostar de mulher... nua, fotos, essas coisas em relação a sexo ele... sempre foi precoce, precoce, precoce... Então você fala, não sei até onde que pode chegar isso, né?

29. Hum-hum...

30. Você sempre fica pensando [rindo]... Será que ele vai querer descobrir o também a... o que é droga, [final da frase inaudível]...

**31. Hum-hum... E isso deixa
você bem preocupada... você
fala do de... dez anos, que
ainda não chegou à**

**adolescência... à puberdade,
né...?**

32. Hum-hum...

**33.... e o de treze, que é o X., já
está adolescente, de certa
maneira te deixa menos...
preocupada por ele ter o
padrão de... comportamento
mais... mais tranquilo, se a
gente pode falar assim...**

34. Hum-hum... eles são exatamente o oposto... O oposto um do outro! O X. o negócio dele é estudar... chegar em casa, liga a televisão, assiste filme, ou pega um livro, lê muito... Ele gosta demais disso... e do computador... Aí dez, onze horas da noite vai para o computador, aqueles jogos lá mais... intelectuais, difíceis, ele... com... de outros países... e pessoas se comunicam e jogam... Tem um jogo lá que chama... "Tíbia"

35. Tíbia?

36. Acho que eu não lembro direito, porque é o nome de um osso...

37. Tá...

38. Então ele fica lá, ele joga isso aí todo dia, todo dia... Mas não sei, né? Esse tipo de... de... de... de adolescente, de criança me preocupa um pouco...

39. Certo...

40. Sempre me preocupou... a gente vê muitas histórias, né, desses uns que foram quietinhos, depois... deram problema, né?

41. Hum-hum...

42. Às vezes eu não acredito que está sem ver outras coisas no computador, e tal, de vez em quando você acorda e tal, dá uma olhada, está sempre naquele joguinho... Mas não... é uma criança que não se abre... não conversa, é fechado, e tal... você nunca sabe o que acontece... ao passo que com o Y. não, você sabe tudo o que acontece com ele... ele fala, assim... os cartaz no quarto dele, “I love Marina”, “I love Marina”, “I love Marina”, “I love Marina”, nas paredes... caderno...

43. I love...?

44. “I love Marina”,

45. Marina?

46. É, a paixão...

47. Ah, a cantora...

48. Não, não... uma menininha lá do colégio onde ele...

49. Ah, tá!

50. A paixão dele... *[rindo]* Então, ele foi todo feliz para a aula hoje porque mudou de sala... e nisso está na sala da Marina... nesse sábado ele ia ter aula com a Marina... Então ele foi todo feliz, eu falei: “Cuidado, heim! Você vai

estudar! Não vai ficar prestando atenção na Marina não...” Ele: “Ai, mãe! Ai...” *[rindo, rimos juntos]* Então ele... você sabe o que está acontecendo com ele, ele fala... E o X. você fala, esse comportamento às vezes preocupa um pouco a gente porque eles são muito fechados...

51. Hum-hum...

52. Você não sabe o quê que está acontecendo... Não sei se já teve namoradinha, se já ficou, o Y. fala, que dá beijinho na menina *[incompreensível]*, o Y. me conta tudo... *[rindo]*

53. Hum-hum...

54. Mas o X. não... eu não posso culpar ele porque eu também era assim, parecida com ele, assim... na infância... muito fechada...

55. É?

56. *[comentário incompreensível, rindo]*

57. É... você falou na sua infância, muito fechada... Você... usou drogas?

58. Não... nunca nem vi, acho! *[rindo]* Totalmente assim, desligada, como se costuma dizer... Você... tem amigos que oferecem, né, tem gente que diz que... já conviveu com gente até que... Mas eu nem isso! Meu tipo de amizade foi sempre com aquelas pessoas mais

velhas... Acho que por você não dar liberdade para isso, as pessoas não chegam a você porque... eu sempre procurei ser certinha. Minhas coisas são certinhas... gostei muito sempre das coisas da igreja, então...

59. Hum-hum...

60.... esse tipo de pessoa não chega até você...

61. Hum-hum... E o pai? Você sabe se usou?

62. Nunca, nunca, nunca, nada, não...

63. E... voltando a atenção sobre os adolescentes... O quê você pensa que pode levar um adolescente a usar droga?

64. Eu acho que é... falta de amor... carinho, atenção, presença dos pais...

65. Hum-hum...

66. O ser humano por si... é carente. O ser humano é carente... É criança, adolescente, jovem, adulto, é um eterno carente! A gente precisa muito de atenção, de amor do pai... E... sem dúvida nenhuma, pela... vida de hoje... as pessoas... correm, correm, nesta luta, para co... ter dinheiro... infelizmente a gente precisa dessa coisa... E a gente, sabe, sai de manhã, volta na hora do almoço, quando não vai almoçar em casa... correndo... né? Falta de atenção

dos pais, presença dos pais... Acho que filho que tem a presença do pai, ou da mãe... jamais cai no mundo da droga... jamais! E principalmente complementando com o fator religioso...

67. Hum... para você isso é importante...

68. Muito importante! Grupo de adolescente, de jovens, hoje, da renovação carismática, para mim eu tenho certeza que nenhum desses vai se envolver com droga! Isso é uma certeza que eu tenho comigo... o dia que meu filho se empenhar, dizendo que vai num grupo desses eu fico tranqüila...

69. Tá...

70. Eu fico tranqüila! Eu vou botar minha cabeça no travesseiro [rindo], descansar sossegada, porque eu sei que... não vai, jamais, procurar isso porque... pelo tempo que eu estou nisso, né? E pelos testemunhos que a gente... ouve... Eu conheço história de muitos adolescentes... que viviam nesse mundo da droga, quem ouve a Canção Nova não... não tem dúvida nenhuma sobre isso... a Canção Nova eu acho que... não só de droga, mas cem por cento... as pessoas que estão lá são pessoas... que tiveram passado negro... Ou seja, o mundo

das drogas... a *homarada* com...
né, orgias, homem, é, alcoolismo
e... prostituição, né?

71. O que é Canção Nova?

72. A Canção Nova...? Você não
conhece?

**73. Acho que não...
sinceramente...**

74. É uma... uma rede de TV, como
outra, Globo, SBT, existe a Canção
Nova...

75. Ah, tá... agora eu sei...

76. É o pessoal... que fundado pelo
Padre Jonas [*sobrenome
incompreensível*]...

77. Tá...

78. ... e eu ouço demais a Canção
Nova. Então existe um programa
PHN [*transcrição duvidosa*], que
é um ator, Dunga, que o Dunga foi
um ex-drogado, assim...

79. Agora me localizei...

80. Então... Eu falo isso porque eu...
eu ouço muito isso, então isso faz
parte da minha vida, então... Você
ouve o programa do Dunga, ele
só... entrevista... ex-drogados...
ele só... ex-drogados. Então é
muito interessante...

81. Hum-hum...

82. Né, eu falo assim, vocês me
perguntam, eu vou falar, se todos
os jovens assistissem isso, porque
é muito legal, o Dunga assim, ele é
um cara assim muito... Ele...

Então, pelos testemunhos, você vê
que ele é... as pessoas que estão lá
hoje, participam do... tudo quanto
é coisa que participa do Canção
Nova... que queira ou não, ele é...
cem por cento religiosa... é tudo...
que foram pessoas envolvidas
com drogas, com... Então eles
sempre falam: “Nós aqui”, eles
falam, “somos tudo *tranqueira*,
nós aqui tudo já fomos... do
mundo...” mas hoje, *são gente*
assim... feliz da vida, totalmente
convertida... né?... E... eu falo, não
faz aquelas coisas por obrigação,
não, são todos felizes, né? Então
são por esses testemunhos que eu
falo e pelo que eu... participo da
renovação carismática... e pais
que contam de filhos, e os
próprios filhos, alguns que estão
lá hoje, assim... É... coisa de Deus
mesmo, né, parece que... ele quer
pegar aquele *tranqueira* mesmo,
ele veio para os doentes, ele não
veio para os sadios, né? É por isso
que eu falo, assim, Deus não vai
fazer assim uma obra
maravilhosa, grande na minha
vida, porque toda a vida eu estive
dentro da Igreja, lá, então para ele
não... ele quer pegar aquele...
tranqueira mesmo!

83. Hum-hum...

84. E essas pessoas... É impressionante!

85. *Hum-hum...*

86. Tem meninos assim, lá, que... dezoito, dezenove anos, assim, que... faz pregações que... você não acredita, sabe? Você ouve assim o menino, você fala... é coisa assim do Espírito Santo puro que age, né? Você vê que é ele que está falando, ele fala coisa assim que te... te prende a atenção, você fica ali, que, sabe? Você é... tocado... Já cansei de assistir pregações de menino de dezoito, dezenove anos, *[incompreensível]* assim... Por isso que eu falo, só quem... está ali, que vê, para ver como é que é, porque não adianta nem você falar... *[rindo]*

87. *Hum-hum...*

88. Como eu falo, é lamentável, é triste quem não conhece... os jovens, os adolescentes que não conhecem a Canção Nova, né? Mas... também que é uma... nova, deve ter o quê, dois, três anos... acredito que daqui a uns tempos vai *[incompreensível]* mais no público...

89. *A divulgação, né?*

90. É, a divulgação...

91. *É... qual a gravidade do problema das drogas? Qual*

o perigo, a gravidade, na sua opinião?

92. A gravidade... Meu Deus do céu! A pessoa se acaba! Ela não tem mais... né, a vida para a pessoa não tem mais sentido... É aquele momento, só, né, que ela está lá... não sei, a gente nunca... usou, mas acredita que... ela só está bem, legal... sei lá o quê que eles chamam de viajar lá, mas é aquele momento só... Eu acho que acabou o efeito, tudo, eu acho que a pessoa deve... acho que ela deve ter uma vida muito infeliz... não... Sem sentido, mesmo, acho que... Viver, gente, não vive, acho que deve viver assim... aquela alegria muito passageira, eu acho que depois que ela... acaba o efeito, sei lá, eu acho que ela deve se sentir muito mal, eu acho que... não... não vive, e quando, claro, não leva até a morte, né? (...) Acho que é isso...

93. *As drogas podem ser mais ou menos perigosas, nesse sentido que você falava? Tem drogas mais, ou drogas menos...?*

94. Olha, sei lá, se for pensar no âmbito geral, assim, tudo é perigoso, tudo é... A gente conhece pessoas, eu não sei, né, que usam maconha muito tempo,

que vivem aí... não sei... Não sei até que ponto que essa... a maconha pode ser prejudicial para essa pessoa, quê que faz, quê que acontece com ela, que eu tenho dois amigos que usam maconha há muito tempo... Aparentemente, para mim, são normais, mas... Pra mim, na minha concepção, nenhuma eu aceitaria, para mim todas são iguais [rindo]... Não ia adiantar um filho o filho falar, chegar: “Não, mãe, é só uma... “ Não, para mim... e... o que de... deve acontecer, a gente nun,.. nunca está tão por dentro... eu acho que o que deve acontecer é isso, começa na maconha, não sei o quê, acha que não... que não, que todo mundo, não o que é, né, mas vai... pode se desencadear, claro, no começo acaba... querer experimentar outra, experimentar outra, é onde... né? Começa a ir para as drogas mais... Como é que fala, quando... causa mais problema, mas... A droga... mais...

95. Você está se referindo a pesadas?

96. Isso!

97. Tá...

98. Eu acho que... tudo acho que... pode, né, levar por esse caminho, acho que... Normalmente eles

começam na maconha, não sei o quê, mas... vai experimentando outras coisas... né... E tem o que... o que só fica na maconha, sei lá, mas, para mim, eu não aceitaria nenhuma não... Para mim todas são... são perigosas... [rindo]

99. Sim... Hum-hum... E... os teus filhos... falam sobre o assunto, perguntam? Como é... como têm abordado esse assunto?

100. Hã-hã... É... não, não muito, não... Eu falo, o X., ele é muito assim, né, porque eu falo, que às vezes por ele ser muito adulto... Ele é uma criança que você começa às vezes a tentar falar alguma coisa, então assim: “Ai, mãe, já sei, já sei! Não precisa falar...” [rindo]. Na minha separação eu tentei conversar com ele algumas vezes, explicar porque que a mãe se separou, porque... não é uma coisa normal, não! Não é porque eu me separei que isso é uma coisa normal, não! Eu nunca pensei, imaginei separar na minha vida, e isso eles sabem, eu sempre passei isso para eles. Que a separação é uma coisa... é... (...) Como que a gente perde as palavras, né? Chocante, que é... meio drástica, também... mas... e ele nunca, não me deixou falar:

“Mãe, já sei, já sei! Não precisa falar muito! Já sei” *[rindo]* Sabe, ele não... ele nunca assim dá liberdade para você falar... Então... no geral, assim, né? Às vezes você faz um comentário, ou acontece que ouve uma notícia, aí: “Tá vendo? Né, o quê é droga? Olha aí... tá vendo?”, não sei o quê, né?

101. Hum-hum...

102. Pois é por aí... sabe, comentário, assim, geral, aproveitando uma brecha, quando se ouve alguma coisa, um fato, tal... sentado, conversando, num canto...

103. Parece que você sente mais a necessidade de tocar no assunto aproveitando as oportunidades, né?

104. Isso! Isso...

105. Porque eles mesmos não tomam muito a iniciativa...

106. Não... não... eles acham, assim, eles falam, que, imagina, que eles já sabem, que isso daí é perigoso, que não... não pode, que não sei o quê... Eles sempre falam isso *[rindo]* que nem precisa, que... “imagina, claro que eu sei que não tem... não tem que falar!”

107. Sim...

108. Mas, claro, eu acharia importante se eles conversassem,

eu gostaria, mas eles não dão essa liberdade!... *[rindo]*

109. *[rio também com ela]* O... é... sobre a sexualidade, parece que funciona mais ou menos parecido...

110. Com certeza. O X. assim, nunca, nunca me deu abertura nenhuma para... falar para ele, sabe? Ou... criança te faz uma perguntinha, fala alguma coisa, você aproveita, mas não! Nunca o X... é muito fechado! O Y. já conversei várias vezes, assim por ele já... *[rindo]* ele já começar, né? Então... pegar... foto de mulher pelada no material dele: “Y.! Isso aqui é muito bonito... Sabe? uma coisa feita por Deus, uma mulher, claro, acho ele muito bonito esse... “ Para também não criar... traumas, né, igual eu também eu cresci com traumas sobre sexo... “Mas, filho, você é muito novo!”... Não sei nem o que falar, né? “Você é muito novo, Y... Você vai chegar nessa idade, depois na adolescência, quatorze, quinze anos, você vai poder namorar, sei lá... Mas agora, filho, é idade de você jogar bola, de você ir para o clube, você andar de bicicleta, sabe? Tua cabeça não está preparada para isso, filho... Não está preparada! Vai dar um nó na

sua cabeça daqui a pouco... e você pode confundir as coisas, você pode isso aí piorar na tua vida, então... Calma! Sabe? Tenha paciência... “ Mas... repito, mas assim, e tal... Fui chamada no colégio várias vezes por causa disso... que ele tira o pintinho e mostra para as meninas... sabe? E... passa a mão nas menina... E olha, fui chamada no colégio várias vezes, então toda vez que é chamada agora fica...né? Uns dois, três meses, bonzinho, e tal, e de repente cai noutra... Mas, eu acredito que ele... eu acho que ele esteja melhorando... a impressão que ele... acho que nem tem o horário ainda que a gente tem para conversar com os filhos... eu estava até pensando nisso ontem... *[incompreensível]* marca os horários, né, para você conversar... então eu quero estar conversando mais, porque... O ano passado aconteceu essa fase de... separação... a tua cabeça fica uma, né, vira uma confusão, então... eu assim, eu... eu acho que a gente... Conscientemente eu sabia, pequei muito no final de 2000, né, quando a gente... em 2001... que eu não estava... muito bem da minha cabeça... então... eu acho que eu fui muito pouco no

colégio... então ... Eu quero acompanhar, ver se eu consigo esse ano acompanhar mais, que eu estou mais... tranquila agora... em relação a isso, né? Eu... esses dias peguei de novo uma foto lá duma mulher... *[rindo]*... você vai ver, é pelada... Cem por cento ele não melhorou não, mas... eu acho que está mais... ou menos *[rindo ainda]*, né, eu acho que nos estamos *light* ... Mas eu preciso ir *no* colégio para ver como é que ele está lá se comportando esse ano... Eu acho que esse ano ele teve, eu acho que uma entrada assim melhor...

111. Eles têm ido bem na escola?

112. Vão... e... Em relação às notas, e tal, eu nunca tive problema não... No final de 2000, eu comecei falar em separação... eu acho que a cabecinha deles ainda não... entendeu, naquela... naquela fase, né? Quê que vai acontecer...? Né? A cabeça da gente às vezes: “Quê que vai acontecer?”, então... você fica mais inseguro, você fica mais rebelde... Porque... né? “Será que meus pais vão se separar mesmo? Quê que vai acontecer? Será que meu pai... vai ver a minha mãe, será que minha mãe vai...” Sabe? Acho que... a cabeça deles acho

que pensa... sei lá! O que deve pensar... então... eles tiveram uma recaída... A professora tinha me chamado, que o X. estava ficando rebelde, e tal, né? E aí... Mas aí ele já no ano passado, depois que eu me separei e tudo, as professoras falaram: “Não, pode ficar sossegada, eu conversei com *[cita o nome de um orientador educacional do Colégio]*, eles estão super bem... super bem, você pode ficar tranquila... “Né? Aí... sabe, essas anotações vêm direto, de... conversar demais, sabe, porque o Y. ele é assim, já... então, perturbar um pouco a aula, não fazer tarefa, isso aí... veio bastante, o ano passado. Em relação a esse ano conversei bem com... “Vamos ver esse ano, heim, Y.! Pelo amor de Deus, vamos melhorar, vamos... Vai provar para aquelas professoras lá, filhinho, que vinham conversar comigo no começo do ano... e já querendo te... eliminar de algumas coisas, tal, dizendo que se você não mudasse você podia até sair do colégio! Então nós vamos provar para elas que você... não é esse cara que elas estão pensando não! Que você pode ser comportado, que você... Você é inteligente, você é esperto, você

não precisa ficar fazendo essas coisas não! Então vamos lá, heim?”... Eu conversei bastante, então parece que esse ano... eu estou sentindo, aliás, não sei, preciso ir ver lá! *[rindo]* Está assim preocupado, então eu falei assim: “Ó... se não tiver muita anotação vai ter prêmio também! Vai ter prêmio!” Aí ele ficou mais empolgado ainda... Né?...

113. *Hum-hum...*

114. ... “vamos arrumar um dinheirinho para você comprar teus negócios do *skate*”, aí, ele ficou todo feliz... Acho que... não deveria ser assim, a vida, com chantagem... mas eu acho que às vezes ajuda um pouco *[rindo]*... Não sei, né? Acho que de vez em quando... Mas você tinha me perguntado o quê, quanto a isso?

115. *Se eles estavam indo bem na escola... Você disse que... notou uma queda no rendimento...*

116. Isso...

117. *... por causa da separação, né?*

118. Isso.

119. *Por quê vocês se separaram?*

120. *[rindo]*... Nunca houve...amor, afeto, carinho... entre a gente... Tenho assim essa certeza depois

que eu saí com outras pessoas... que eu vi que eu realmente nunca senti nada pelo meu marido... Então queira ou não, é... tudo isso, né, vem para ocupar tudo em relação *[trecho da fala incompreensível]* porque... eu imaginei a minha vida... Um casamento perfeito... O pai e a mãe acompanhando o filho, o filho, o pai e a mãe, aquela presença... né? Aquele casamento modelo, aquela família modelo... Eu imaginei isso na minha cabeça... quando eu casei... Mas... um monte de fatores, um monte de coisas, que... né? Vai passando, você casa você vê que... não é nada daquilo mais, quer dizer... O meu marido teve uma educação, eu tive outra... Eu fui assim muito... muito fria, né, aquela... aquela coisa de pais de sítio, e tal, educação assim muito fria, nada de afeto, de amor, de carinho... Casei, acho que achando que eu fosse ter tudo isso, ele também acho que teve uma educação igual à minha... Nosso casamento se tornou assim uma geladeira... Ah, cada um para o lado, cada um para si... Eu sou muito assim... eu sou muito exigente em relação a essas coisas, sabe, eu não admito que o cara que... deitou comigo...

falou estúpido comigo... Por quê? Não mereço isso... Acho que eu sou tão... dez para fazer as coisas... Acho que eu s... sabe? Gosto das coisas certinho... tenho paciência... faço tudo que tem que fazer em casa, se fosse para dar atenção, amor, carinho, faria isso com o maior prazer, mas... comecei a não fazer porque... já achei que... não estava certo o jeito que ele fala comigo... sabe, eu já... E... e também nunca tive assim... não sei se é humildade, se é a própria educação, logo no começo eu chegava a falar: “Escuta... não está certo o que você está fazendo, não precisa falar assim comigo... né? Vamos mudar...” Não. Acho que já... aquela coisa de educação já... não gostei e acho que ele não... não merece nem que eu chegue para ele e falo que ele... está me tratando desse jeito, porque... o cara que faz isso comigo... eu acho que eu não faço nada errado, eu acho que eu sou tão legal com ele, com as coisas de casa, então... Ele não é digno nem de que eu chegue para ele e fale isso. Ele que tinha que se tocar e ver... como é que ele está me tratando... Não é assim! Eu não mereço... E fui me distanciando dele... fui me

distanciando, distanciando... Com quatro meses de casado, cinco meses, um ano, dois anos... foi aumentando cada vez mais... Então, eu sempre achei que eu tenho que... o nosso a... dia, o nosso amor, a gente começa no bom dia... Sabe? Então para mim não adianta você já me maltratar de manhã, falar estúpido comigo, que não tem nada à tarde, não tem amor, isso não tem lua... é dois, três dias com a cara fechada, e vai assim *[rindo]*... E isso, claro, que foi assim, que foi aumentando cada vez mais, né? Então a gente já não era... não convivia mais como marido e esposa... Cheguei a essa conclusão no mesmo dia que o... Y. falou para mim, com uns sete, oito anos... “Mamãe, você e papai parece que nem marido e mulher...” “ Ah, ele estava vendo uma cena na televisão, do casal se beijando... Aí eu acho que ele.. se ligou, nunca viu o pai e a mãe se beijar, fazer... um carinho, um... afeto, nada! Era ele aí, eu aqui... a vida inteira, um *[incompreensível]* assim... Ia em tudo quanto é festa junto, ele numa mesa eu na outra... numa rodinha aqui ele na outra... Sabe?... Aí eu cheguei à conclusão... assim... Foi um

choque para todo mundo, com certeza... Na minha educação, concepção religiosa eu não... eu não aceitaria uma separação nunca, na minha vida! E quando eu vi eu estava... disposta a me separar mesmo... *[rindo]*... Então foi assim uma explosão, né...

121. Hum-hum...

122. E... eu cheguei à conclusão, eu falei: “Escuta, quê que eu estou fazendo com um cara desse? Eu vou na igreja sozinha... Eu vou no mercado... quer dizer, no mercado, ele de vez em quando vai... ele até gostava de fazer compra... Né, não existe amor, afeto, carinho... Na cama então nem se fala, é uma tragédia... Né, o quê que eu estou fazendo com um cara desse? Sabe, daí eu caí na real, falei: “Não! Eu vou me separar, eu quero... um sonho também que eu acho que é utopia, né? *[rindo]*... Eu queria ainda ter aquele casamento, queria viver bem com o marido, eu queria chegar em casa, sentar do lado dele, ele fazer massagem no meu pé, eu fazer um carinho, um afeto nele, sabe, eu faria isso com o maior prazer, eu gosto, mas com ele eu não fazia porque... Ele para mim assim... hoje então, jamais! Tenho ojeriza por ele! Sabe, não

tenho um pingo de saudade, não tenho vontade de nada, a gente estava dormindo separado já... em camas separadas antes de separar... um ano já antes, que eu estava dormindo com a minha filha... e... isso. Nunca existiu amor, por isso que eu me separei, não é meu companheiro... Uma coisa que eu gosto demais, de trocar idéia, de conversar, de... discutir, de sei lá o que for, chegar em casa, ter alguém para você contar o que aconteceu no serviço, para ele te apoiar ou ele te criticar, ou: “não, você não devia ter feito isso”, ou “devia... “... Sabe? Você não tem ninguém para conversar, na hora que começava a conversar com ele, falava: “Ai, W.... Não dá para conversar com você!”... Radical demais, se falava alguma coisa, já tinha aquela idéia, acabou... um papo que... sabe? Foi isso... eu vi que realmente... eu não tinha nada a ver com ele!

123. Como ficou... como é a relação dele com os filhos?

124. Tá. É claro que, daí... eu pesei muito isso: “Tá. E daí? Estou pensando em mim. Estou infeliz com ele, mas tem os meus dois filhos. Como é que vai ser com eles?” Aí eu pensei bem, pesei

bem, o X. também já estava reclamando demais do pai dele, porque ele é assim muito radical nas... nas atitudes dele, então: “Posso...? “ ... “Não!”... Mas por quê não, *uai* ? “Posso ir na área de lazer do prédio?” “ ... “Não!” Mas... ainda na área de lazer, eles não têm nada para fazer nesse prédio! Não tem a... tem uma área de lazer que as crianças descem lá para conversar embaixo... Pode! Claro que pode! Aí ele falava: “Não, não pode!”... Sempre assim... Vinham os amigos deles em casa, que isso até é natural isso, eles vão na casa dos amigos, os amigos vão lá em casa... Chegava em casa, tinha alguém em casa, pronto! Já franzia a testa, já fazia bico... Sabe? Umas coisas assim... ficava bravo demais, nervoso, por umas coisas... boba, banal... não queria que os amigos fossem em casa... Os meus sobrinhos então nem se fala! Quando tinha um sobrinho meu dentro da minha casa... ele fi... crise de histeria, sabe? Nervoso... Sabe? Isso dói na gente, né? É teu sangue, é teu sobrinho, você faz isso com o maior prazer, pode ir lá, almoçar, jantar, dormir, o quanto quiser, né? Com o maior prazer... Ele já

não aceitava isso... Sabe, não aceitava, eu falava, sabe? Então o X. começou também a ficar de saco cheio, já vinha cheio pelo pai dele ser desse jeito... “Ai, mãe! Não agüento mais o pai! O meu amigo veio aqui, mãe, você precisa ver a vergonha que eu passei, mãe! Papai já chegou, já [incompreensível] não sei o quê lá, eu passei a maior vergonha!”

125. **Hum-hum...** [toca o telefone celular da entrevistada, interrompendo a entrevista]

126. Tem outra opção? Não tem... [rindo]

127. **Eu tinha te perguntado sobre a relação dele com os filhos..**

128. Hum... Então, é... Não foi assim tão traumatizante por causa disso...

129. **Tá.**

130. Eu acho que era assim, que ele *estressava* demais a gente...

131. **Houve um certo alívio...**

132. Isso. Sabe? É... aquele estresse, aquela tensão... Então, chegava na hora do almoço, em vez de chegar, dar um abraço, um beijo no filho, primeiro, perguntar... Não. “Já fez tarefa?! Já não sei o quê?!” Então... sabe? Já... chega, estava dando bronca, então... Eu achava que ele me deixava assim muito

estressada, então na hora do almoço... né? Minha mãe, meu pai, sempre ensinou isso... Quer dar bronca, quer não sei o quê, espera almoçar, aquela... mas na hora do almoço, na mesa... sabe? Dar bronca... deixar a criança chorar quase todo dia na hora... na mesa, sabe? Então eu... fui muito assim de ficar ouvindo as coisas, sabe, não aceitar, eu fico quieta... Talvez até... eu aceitava, ficava quieta... eu só assim, falo: “É, vai fazendo! Vai! Vai!... A hora que eu me encher...!” Eu sou assim... [rindo] A hora que eu tomo uma atitude, que eu falo não gosto, meu filho, é para sempre! Então... na minha cabeça, assim, mas eu devia sempre falar para ele: “Ó... eu vou me separar de você se você continuar desse jeito! Ou você muda ou ...” Mas eu já achava assim que ele era um caso perdido, então eu nem tentava mudar, eu falo: “Não, o W., ele é assim... já tem quase cinquenta anos, toda vida foi assim, não vai mudar! Vai ser assim, então... e eu não vou agüentar, então...” Só pensava, mas não falava... Claro, o X. entendeu muito bem, né? Para ele assim eu achei que... foi um alívio... Acho que para ele não foi nada assim... traumatizante. Pro

Y., claro, tinha nove anos... Acho que aquela fase da presença do pai eu acho que essa idade é mais importante... né, a figura do pai... Então... essa rebeldia dele, essa coisa de ele vir falar, não sei o quê, as professoras assim achavam que era um pouco por causa... da ausência do pai... Mas elas também não sabiam me definir o quê que ele queria, sabe, com isso... Né? Mas a gente sabe que é a falta do pai. Mas assim... acho que agora também está super bem porque ele está... ele está assim... Ele passa lá em casa, quer dizer, eu achei que... o que ia acontecer era isso: “Não... ele vai estar pensando nele, vai morar com a mãe, porque ele não é capaz de morar sozinho, porque é um cara muito acomodado, não sabe fazer nada...” Dependente, eu acho, cem por cento de uma mulher... pra qualquer coisa...

133. Hum-hum...

134. Não toma iniciativa de qualquer coisa, não sabe fazer uma compra, não sabe fazer uma comida, não sabe lavar uma roupa, não sabe lavar um prato, então... Eu tinha certeza que ele ia morar com a mãe mesmo... para não morar sozinho... Então eu falei: “O quê que vai acontecer? Ele vai estar

sempre aqui com as crianças, as crianças vão dormir lá... vai encontrar ele sempre mais tranquilo, mais assim, não vai ter aquele stress, aquela coisa... Eu acho que vai ser melhor...” Porque eu... pesei, realmente, pensei, falei: “Não, vai... acho que vai ser melhor eu me separar. Pelas crianças também eu acho que vai... A Z.... não vai entender nada... claro, ela tem quatro anos... Pra ela, né... muito apegada ao pai, e talvez a Z.... Mas também... pensei, ela está tão novinha, que ela já vai... crescer com essa idéia, já vai se acostumar com essa idéia... que o pai mora lá com a avó e... Às vezes ela perguntava no começo: “Papai vai ficar lá agora? Heim, mamãe?”... Eu falei: “É, filha, agora o papai vai morar lá com a vovó... tá? Mas ele vem aqui... quando você quiser, quando você quiser dormir com o papai você pode ir lá...” Então não sei, achei... achei que ela aceitou bem... Agora, por esses dias eu estou achando assim que parece que ela está sentindo um pouco a falta, assim, do pai... Então às vezes ela está assim meio chata, manhosa, não sei o quê, você fala: “Vamos lá na casa do papai? Quer

que eu levo no papai?” Ela fica toda feliz, ela vai. Então acho que... é um remédio também... porque você fala isso, ela vai, toda feliz, no outro dia ela volta para casa toda feliz...

135. Hum-hum...

136. Então isso... Não foi assim, tão traumatizante mas... Claro que um pouquinho a gente sabe... que faz falta mesmo...

137. É... é por isso que você ficou mais preocupada com o risco de seus filhos virem a usar drogas depois da separação...

138. Com certeza, né? Eu acho que eu bem desde o começo... aquela coisa de separação não adianta, né? Falou em separação a gente sabe que eu acho que... que deva existir, eu não sei a estatística...[rindo]... de criança adolescente que usa droga, eu acredito que deva ter muitos pais separados nesse meio... Eu acredito que esse é um dos fatores... Por quê? Não... a separação em si, mas a... a ausência, claro... depois da separação... alguém vai ficar mais ausente... A maioria dos casos talvez do pai? Não sei, tem casos de mãe também... É...é... a presen... essa ausência do pai faz

com que... [incompreensível]... faz com que a criança... é... se refugie em alguma coisa, sabe, ela vai... Sabe aquela palavra... que ele vai para... ele vai para o outro...

139. Identidade, você fala?

140. Não... Uma fuga... né?

141. Fuga...

142. Queira ou não... é uma fuga... a criança... aquela falta, a necessidade, sei lá, o amor... É uma fuga, ela vai... O quê que é mais... mais fácil, eu acho, né? Eu acho que... seria a droga, talvez... Não sei se existe outro... acho que deva existir... Talvez alcoolismo, começa muito, né, até com... com o álcool, né, e a gente sabe que o álcool pode levar... acho que à droga, né? E eu acho que os traficantes estão tudo aí mesmo de... ligado, né? Acho que eles ficam ligados, para saber... Isso que eu fico preocupada, né? Então os traficantes já estão... Eles devem fazer as pesquisas deles, eu não sei como é que é... mas de uma criança que os pais separaram: “Ôba! Aquele ali é um... “ Você deve ter uma palavra para isso também que eu não sei...

143. Candidato?

144. Um candidato! Pode ser [rindo]... né, para ser um usuário,

então eu acho que... deva existir isso também, não sei, nesse meio... Mas eu acredito que... eles pensam nisso, *[incompreensível]* esses caras devem ficar ligados nisso, então... *[rindo]* Tem que tomar cuidado, porque... a hora que eles souber que aqueles lá são crianças de pais separados eles podem... se achegar nele... então... fico sempre um pouquinho preocupada sim... com certeza...

145. Hum-hum...

146. Mas tudo voltando àquilo lá, é... Ausência de pai, de mãe, de afeto, de amor, de carinho... Uma criança que tem isso... jamais, jamais ela vai... *[rindo]*

147. Hum-hum...

148. ... cair no mundo das drogas... Eu acredito assim, cem por cento nisso...

149. Hum-hum... Você mencionou a... a... televisão, um canal de TV que... que você gosta de assistir, não?

150. Hum-hum...

151. Você poderia me falar um pouquinho mais sobre a... a mídia em geral, a sociedade em geral, os meios de comunicação... é... como você vê a relação dos meios de comunicação com as

drogas? Estimulam... ou... previnem?

152. Ah, eu acho que todo meio de comunicação... Na minha cabeça eu acho que estimulam... eu acho que estimulam... Eu já nem assisto novela, tá? Desde... sei lá... desde noventa e dois... noventa e...

153. Teus filhos também não... costumam... ?

154. Desde noventa e dois, noventa e três eu já não assisto... e... e aquela coisa, né? Não adianta você chegar para o teu filho e falar: “Não quero que você assiste isso, não quero não...” “Acho que o exemplo é o que está acontecendo na tua casa... Se eu não ligar a televisão e não assistir, eles... automaticamente também não iam ver. Então eles já iam para os canais deles lá de... que tem hoje, nesses canal de televisão que eu acho que... pode ser prejudicial, mas para mim é mais benéfico... Para mim é mais benéfico porque... eles assistem mais canais de... de... de programas mais culturais, no caso do X... Ele já gosta daqueles... do *Discovery*, essas coisas assim... E o Y., mais de desenho... Então tem esses canais que vê desenho o dia todo... e ainda tem um canal bem

legalzinho que é o *Nickelodeon*, ele assiste aquilo lá direto, direto... Uns desenhos assim... nada daqueles... desses desenhos japoneses lá, daqueles *Digimon* da vida, né, que não sei o quê lá também, que esse aí também eu acho que... é prejudicial... Você usou qual palavra? Se era... se o meio de comunicação era...

155. *Se acabava estimulando... ou ajuda a prevenir...*

156. É. Esse desenho aí é... esses japoneses, *Digimon*, não me lembro do nome dos outros... tanto para a parte de.. de.. de violência, como parte de... como a gente é ligado mais na religião, a Deus, a gente pensa num... nisso também... talvez quem não seja num... não fica ligado nisso... mas de... de poder, né? Você pode, você consegue, você domina, você... então... Aquilo quê que é, vai... incutindo na cabeça da criança, você... não precisa de Deus, você não precisa de ninguém, você próprio.. pode, você consegue, você tem poder, tua mente... Eles pregam muito isso, né? E pessoas aí que não, que acho que estão mais... fora do... do âmbito religioso... que nem... se atentam com isso, e acham até legal, né? Mas no

fundo, por trás de tudo isso... subliminarmente falando, que eles falam, né, você... não precisa de Deus. Não precisa... dele mesmo não [*incompreensível*], você é capaz de tudo sozinho.

157. *Hum-hum...*

158. Então... não gosta desses desenhos aí, já faz muito tempo o Y. não vê...

159. *Hum-hum...*

160. Eles assistem uns desenhos bem mais sadios, da idade deles mesmo, né? Skatista, surfista, é um *baratinho* aqueles desenhos lá... Então eu acho que...

161. *Eles não estão na idade de sair ainda não, né? Não podem para sair... à noite...*

162. Olha, o X. andou saindo, assim, mas é coisa de aniversário dos amigos... só... né? Aniversário de quinze anos, não sei o quê, então, andou indo em uns aí... e aquela coisa mesmo, de voltar... duas, três horas da manhã... Aí a primeira coisa que você pensa... “Ai meu Deus! Será que ele está com os amigos, será que ele está no aniversário mesmo?” Sabe? [*riando*]... Né...? No fundinho sempre a gente fica preocupada, sim, por mais que dê educação, religião, no fundo, você fica preocupada... E... o quê que é

prejudicial? Então eu já não assisto novela porque... eu acho que..

163. [interrompendo-a] E a tua preocupação... desculpe-me... mas a tua preocupação, uma vez que ele sai e volta duas, três horas da manhã é o quê?

164. Ah, a gente, a primeira coisa que a gente pensa é na droga... a primeira coisa, não adianta, eu acho que... não sei se todos os pais [rindo] ,, é assim... mas atrasou... ficou perdido, sem saber onde ele está... é a primeira coisa que vem na tua cabeça... Depois eu chego mais aí, nessa parte... vou só complementar o negócio da televisão...

165. Certo...

166. É, então eu acho que novela é... tem um estímulo assim para... Hum! Para libertinagem, para... para sexualidade precoce, para tudo!... Eu não sei como é que está em relação à droga, parece que... Ouvi dizer que está até... essa última novela, alguma coisa em relação a isso... Eu não assisto novela mesmo... há uns dez, doze anos... que eu sempre achei que... que estimula mesmo a... a você fazer coisa errada que... vai fazendo aquela coisa

devagarinho, devagarinho que para... né, para... para o adolescente, para a criança aquilo se... se torna uma coisa normal, né, porque está vendo todo dia, na televisão, não sei o quê... ou seja, né?... Um namoro muito avançado, né? É... a televisão acho que não incentiva, né, você usar droga, nunca falou para você [rindo]... usar droga, que é legal, que é bom... Eu acho assim... essa liberdade, muito, que eles dão... é tudo pode, tudo é permitido, então... eu acre... tenho medo assim, né? E isso aí pode... né, levar... cair no mundo das drogas também... Um namoro muito avançado, ou você ficar até tarde fora de casa, ter tudo quanto é tipo de amizade, eu acho que tudo isso aí... pode... levar... ao mundo das drogas.... Então, não se assiste novelas, não... programas... Claro, que muita coisa que não tem jeito mesmo né? É... Eles gostam do [nome incompreensível, algo como Martin ??]... e... E hoje não adianta... sexo assim é... a coisa mais normal, natural... Então eu a... sempre achei que isso também é uma coisa que preocupa um pouco a gente... né? Mas...acho que... Como a tua pesquisa é mais... em relação à droga, eu

acho que... a droga ainda... pesa um pouquinho mais...

167. Hum-hum...

168. Né? Então já... Televisão realmente em casa não... a coisa mais difícil é você assistir esses programas aí... mais é o que eu falei mesmo... é cultural e desenho... eu acho que é um estímulo sim, para... para você fazer coisa errada... e que hoje para a humanidade é normal... tudo é normal. Então teve uns aí que... era um estímulo ao... homossexualismo, né, na coisa normal, parece que... no outro também tem mulher, não sei se teve ou não... parece teve *[incompreensível]*... Então é o que eu falo, essas coisas tudo eu acho que... é o caminho, né, para você... e qualquer coisa errada, anormal... poderia também... ser a droga...

169. Hum-hum...

170. *[[incompreensível]* E... complementando mais esse aí... em relação a... preocupação e tal... Antes de ontem mesmo, teve uma briga... feia entre o X. e o Y.... eles brigam demais, demais, demais...! Coisa assim... que eu sei que eles morrem de amores, o X. ama, adora de paixão o Y.... Mas os ciúmes dele é tanto, tanto... é

doentio, o ciúme que ele tem do Y.... Porque o Y.... é mais extrovertido, expansivo, chama mais a atenção... arrojado, livre de preconceito... os trajes dele, o cabelo, vermelho, né? Então, claro... que isso aí desperta um ciúme doentio nele... Então... quê que acontece? Ao mesmo tempo que ele ama, ele adora o Y., mas... o ódio dele, a raiva é tanta, do ciúme, que a hora que ele pega o Y. ele quer assim, sabe, detonar o Y.! Ele bate, bate mesmo que... sabe? Quem presenciou a briga dele lá no prédio assim, ficou chocado... ficou chocado com a cena... Quê que aconteceu? O Y. pegou a bicicleta e sumiu... isso foi três horas da tarde, quarta-feira... Aí eu já fiquei sabendo em seguida, porque eu acho que é tudo por Deus, que eu passei em casa três horas da tarde, que eu nunca fiz isso na minha vida... Tinha acabado de acontecer a cena... Eu subi imediatamente... dei uma surra no X.... mas uma surra mesmo! Mas o *bicho* é assim tão ruim que ele não solta uma lágrima... Não dá o braço a torcer, ele pode estar morrendo mas ele não vai te dar o braço a torcer. E o Y.? E cadê o Y.? E ninguém sabia do Y.... A empregada afinal não

falou, ele sumiu... “X., você tem que se virar, eu quero saber onde está o Y!”... E fui trabalhar... falei, “Bom... ele deve estar aí... na casa dos amigos dele... tem uns três, quatro na rua lá de casa, ele deve estar ali...” “Ou... o X. falou assim: “Foi para o clube, mãe! Você sabe que ele vai... que ele gosta de ir é para o clube! Ele está no clube...” E fiquei tranqüila... porque eu falo... eu assim, em relação a preocupação e tal eu sou... Vamos dizer que eu sou mais para o lado tranqüila do que preocupada... Porque assim, eu boto muita fé no meu taco, na educação que eu dei para eles... sabe? *[rindo]* Não sei se isso é bom ou se é ruim... Mas eu estou começando a ficar mais preocupada, mas assim, eu botava muita fé no meu taco... mas a minha irmã sempre me colocou: “Não, você tem que ficar em cima dos filhos, tem que saber onde eles estão, quê que eles estão fazendo, o tempo todo!” Ela tem dois filhos, é separada... e ela fala: “Eu sei tudo onde os meninos estão! Claro que tudo, tudo, a gente não sabe... Mas de meia em meia hora, uma hora, duas horas, não é possível, eu telefono, eu ligo, para o amigo, e para a mãe... passo aonde eu sei que ele está...

dou umas voltas por lá para ver o quê que está acontecendo, se é alguma festa, se é algum bar né?... Você tem que fazer isso!” Aí eu vi que realmente eu tenho que começar a fazer isso mesmo... já comecei fazendo...

171. Hum-hum...

172. E... fui trabalhar e... descansei, desliguei. Cheguei em casa seis horas da tarde achando que o Y. tinha voltado. “Cadê o Y.?”... “Não, não apareceu ainda...” “O Y. não apareceu ainda? X. e você...?” “Ah, mãe, ele deve estar no clube, mãe, não esquentar a cabeça não!”... Aí o pai dele chegou para levar o X. no clube... Eu falei, “Bom, então chega lá e... e procura o Y., ele deve estar lá...” Aí... dali a uma hora me ligaram, quarenta minutos: “Ó... procuramos no clube inteiro, o Y. não está aqui...” Aí... comecei a me preocupar! *[rindo]*... “Como que o Y. não está aí? “ Eu falei “Gente do céu!”... eram sete e meia da noite, ele saiu de casa três horas... Aí, aproveitei a brecha, porque o X. eu sei que ele... como ele ama de paixão... “Você sabe o que pode acontecer, X.? O Teu irmão pode se revoltar tanto... com você... com essas brigas de vocês, porque vocês, não sei

quando vai ter fim... “, falei... “Ele pode, sabe o que pode acontecer? Ele pode cair no mundo das drogas, X.! Porque você não dá atenção, ao teu único irmão que ele tem, você podia conversar, vocês podiam... vocês podiam... brincar e... jogar junto, não sei... Ele não tem isso dentro de casa, ele pode ir para a rua procurar sabe o quê, né? Ah, ele pode cair no mundo das drogas! Sabia? Eu sei que você conhece o Y., você sabe como é que ele é! Ele bota na cabeça, ele é meio doido”, eu falei, “ele pode querer, sabe, nesse desespero, nessa revolta com você... encontra... numa dessas ele cruza com alguém que oferece droga para ele, ele pode aceitar, sabia?!” Ele... quietinho, preocupado... Aí, dali um pouco, liguei para a casa de um amigo dele: “Ai, o Y....? “... “Ah, ele acabou de passar aqui, faz uns quinze minutos” “Tá correndo?” “... “Tá.” Menos mal, né? Mas, no fundo eu estava falando para o X. para assustar ele, mas no fundinho também eu fiquei preocupada sim, claro... porque ele saiu de casa... com medo do X.... porque o X. ia matar ele, de tanto bater! E briguinhas banais, bobeira! Não tem motivo nenhum

assim. Olha, a gente percebe que qualquer coisinha assim é motivo para ele, sabe? Querer esganar o Y., detonar... Então é isso que você falou assim, atrasou um pouco, sumiu... é a primeira coisa que a gente pensa!

173. Hum-hum...

174. É a primeira coisa... “Ai, meu Deus do céu! E se numa dessas alguém oferecer droga para ele?... Né? Dei uma surra no X.? Dei! Não... não passa na tua cabeça também? “Ai meu Deus do céu! Se o menino se revolta e falar que vai sair por aí, é a primeira coisa que eu te peço!” Se alguém oferece droga para uma criança numa hora dessa, a criança aceita! Aceita... Mas tem assim, ao mesmo tempo, eu falo: “Não, não... Imagina! Fé em Deus e pé na tábua, não pode pensar isso não!”... [rindo] Mas a gente pensa sim...

175. (...) Alguma coisa mais que você queria... comentar comigo... das suas preocupações, opiniões?

176. Não, acho que não... O que estava faltando mesmo era só o X. [fala rindo, final da frase incompreensível]...

177. Hum-hum...

178. Pelas maneiras dele... das
atitudes dele... (...)

179. *Eu vou desligar então...*

180. Hum-hum... Acho que é isso...

[FIM DA GRAVAÇÃO EM ÁUDIO]

“H”

OITAVA ENTREVISTA

Data: 13/04/02

Duração aproximada: 70 minutos

Dados de identificação da entrevistada:

Inicial fictícia: H;

Idade: 42 anos;

Etnia: Branca;

Estado Civil: Casada com “Z” há 17 anos;

Procedência: Londrina, PR;

Escolaridade: Superior Completo;

Ocupação: Funcionária Pública Municipal;

Situação financeira referida atualmente: Estável, porém saindo de uma crise após falência da empresa do marido;

Religião: Católica praticante

Filhos:

X. (sexo feminino, 14 anos);

Y. (sexo feminino, 10 anos);

Comentários:

Ao entrar em contato para marcar a entrevista também me convida para participar posteriormente de um evento cultural em Londrina, no qual seria exibido um filme brasileiro que trata a temática das drogas. Entrevista tranquila e sem dificuldades; ao final a entrevistada permanece pedindo-me orientações.

TRANSCRIÇÃO:

1. *H., a primeira coisa que vou lhe perguntar é: por que você se interessou em participar desta pesquisa?*

2. Eu... Como mãe, né? E, como uma pessoa atuante também na sociedade, eu... no caso, eu trabalho com informação.

3. *Hum-hum...*

4. Eu acho que eu tenho uma responsabilidade social, até, de estar contribuindo com a pesquisa, né?

5. *Hum-hum...*

6. Eu pensei até, “será que eu tenho tempo para marcar, e tal?” Eu pensei nisso, em princípio, mas guardei *[a circular enviada pelo Colégio convidando para participar da pesquisa]* lá ... E aí eu me lembrei, tanto que eu me lembrei na hora, quando falou em droga eu me lembrei do seu nome...

7. *Certo...*

8. Eu tinha um interesse em participar...

9. *Você tinha recebido a circular lá do Colégio?*

10. Sim, através da circular eu já ia dar um retorno...

11. *Então o nosso assunto é o uso de drogas pelos adolescentes.*

12. Hum-hum...

13. *Que você pensa disso?*

14. (...) Olha... Adolescente já é uma fase difícil. A droga só complica tudo... porque o processo de

droga, né, eu acho que é ... irreversível, ou... tem muita dificuldade. Então o quê que acontece? Eu acho que... nós estamos diante de um mundo que a gente quer ver melhor, e no momento a gente tem notado assim, que as coisas só pioram, gera violência, uma série de coisas. Eu vejo... trágico mesmo, o aumento do consumo de drogas na adolescência. Uma coisa trágica, e nós temos que estar assim... De alguma forma, nós temos responsabilidade de intervir, né, diante dessa situação, e mostrar para o jovem que não, que esse não é o caminho, né? Isso aí não leva a nada, o quê que vai acontecer? Eu acho que ninguém se deu bem com isso até hoje... E também por eu já ter tido caso na família, já, não assim muito próximo, mas a gente viu... primos, que se drogavam... e não deu ce...

15. *Hum-hum... primos teus?*

16. Isso. Mas... É... Eles são na verdade bem mais velhos que eu, mas então isso me ... gerou uma preocupação assim... de a gente não cair nisso, né?

17. *Hum-hum...*

18. ...e não deixar que ninguém caia, seja nossos filhos, seja próximo de

nós, né? Eu acho que... o fato da droga, ele está num ambiente hoje, que está... atingindo todas as camadas da sociedade, não é só aquele pessoal que não tem perspectiva mesmo... É que eles querem ter prazer imediato mesmo, eles já sabem que vai conseguir... é... não vai conseguir comprar, porque tem esse lance do consumismo também, “ah, se eu não posso ter isso, então pelo menos a droga me dá prazer”, e tal, sei lá...

19. *Hum-hum...*

20. É a minha interpretação leiga, mesmo, como uma pessoa que lê, que se preocupa...eu vejo é isso... Não sei se eu respondi...[rindo]

21. *Está indo bem... a... me fale um pouco mais sobre essa coisa do consumismo que você estava falando.*

22. Olha... O consumismo é um padrão que... o mercado impõe, e a pessoa tem que andar com um rótulo, né? Então... Ele tem que estar rotulado para ser aceito no grupo, é aquilo que todo mundo já sabe, né? Eu tenho que falar aquela língua, andar com aquela roupa, usar aquela marca. E os valores, mesmo, que a gente passa para os filhos, e que... não são tão importantes... De repente até...

por fogo no índio lá é um lance legal, e andar com a roupa da moda do que, não... ser careta a pessoa ter valores. então eu acho assim, que... Esse consumismo é... aquele rótulo que a sociedade impõe, né, para os jovens, eles conseguem captar isso... que isso é gritante no mundo deles. É aquela geração que vai ao shopping, que usa aquela marca, que faz aquilo que eles fazem, que consomem aquele tipo de produto, né, tudo... desde... o modo de viver, e tal. E a droga eu acho que ela... quando a pessoa não se sente satisfeita para atingir esse nível, ele é levado para esse mundo. Eu acho que é um grande motivador, eu não sei se...

23. *Hum-hum...*

24. Pode ter razões, “h” razões, né? Tem pessoas por exemplo, não é o meu caso, mas... tem pessoas que se sentem insatisfeitas diante da indiferença dos pais, ou porque eles brigam... Porque aí já é uma corrente, né, o pai já é um... desequilibrado para... educar o filho, já... não dá a atenção que ele precisa... E aí vem aquele... aquele efeito dominó...

25. *Hum-hum...*

26. Ou mesmo, os pais são consumistas. O consumismo, a

meu ver não leva a nada, porque é a coisa do valor é que vale.

27. *Hum-hum...*

28. Tanto é que eu ensino mesmo para os meus filhos, eu... matriculei no Colégio Colégio, mas já desde o início eu falei: “Olha, vocês vão para o Colégio Colégio, e lá tem muita gente que pode muito, que tem... carros bons, que vão para Miami todo ano, que vão para Disney World, é, a visitinha do mês de julho é... é comum! Mas e daí? Eles podem ir. “Então eu não quero assim, eu já antecipei essa... essa idéia de não frustração: “Não se frustrem, porque... se você for para a Disney vai ser a viagem da tua vida! *[rindo]*” Entendeu? Mas não... não fechei o sonho, porque eu falei: “nós vamos trabalhar para que você consiga fazer tudo o que eles faça... fazem, mas não é assim uma coisa corriqueira, né?...” E na época a gente estava até bem, sabe, mas não dava para sonhar tão alto. E... agora mesmo surgiu a oportunidade de a gente visitar *[cita o nome de um ponto turístico no Nordeste]*... No meio dessa crise toda, foi um prêmio *[comenta as circunstâncias nas quais a família ganhou uma viagem como prêmio]* e nós

falamos: “Ah, quer saber? Vamos viajar mesmo, porque eu acho que vai ser um sonho maravilhoso, aquilo... é patrimônio do Brasil e a gente não conhece, né?” Aí vamos lá, aí então, eu já expliquei para elas que foi uma conquista nossa, um dia elas estão crescendo elas vão... então para ge...não gerar essa frustração mesmo. E essa questão também de: “Ah, mas fulano vai com uma marca tal na aula, eu tenho que andar com aquela calça também”. Eu falei: “Esquece isso aí! Você vai com a tua calça, se você puder comprar”, então a gente procura... fazer eles andarem com a ... aquelas roupinhas de adolescentes e tal, né, mas nada de rótulo, né? Então já vão com essa consciência de que isso não é importante, que quem está nessa linha de pensamento tá... na verdade ele tá... mais... equivocado, não sei... eu não... Eu passo isso para ela... À medida que... Porque a minha filha eu tive que preparar mesmo, ela já tinha problema de auto-estima, até fez tratamento com, seis, sete anos ela já fez tratamento... de três anos ela fez com uma psicóloga. Então eu já tive essa preocupação de não piorar as coisas, né?

29. *Hum-hum...*

30. Eu falei: “Agora ela entra na fase de adolescência, vai para um colégio que... de repente ela se sente mal, um peixe fora d’água. E realmente, ela... chegou no colégio ela já fez amizade com a menina mais quieta da turma, introvertida...”

31. *Hum-hum...*

32. Complicou tudo, porque daí ela teve o... A sala inteira... discriminou... porque a menina usava óculos fundo de garrafa, não sei o quê, e ela não, ela já se... colocou ao lado da menina... porque ela também era inferior...[rindo] Sei lá, eu... só vocês que entendem isso! Mas eu como mãe, eu interpreto... E eu sempre encorajei, eu falei: “Você tem que estar no meio de todo mundo, não esquentar a cabeça, conquista o seu espaço”... No fim a menina acabou reprovando...

33. *Quem?*

34. A menina amiga dela...

35. *Ah, a amiga...*

36. Que é aquela do... que era discriminada. E mesmo a menina reprovando ela queria continuar amiga da menina. Aí o pai dela, eu acho que ele foi muito legal quando ele falou isso. Ele falou: “X., olha, é o seguinte: você tem a

tua turma. Agora, a turma dela é outra turma. A sua turma é a turma que você vai começar... então não volta para trás, vai para a frente, anda com a tua turma”. E agora ela está no primeiro colegial, precisa de ver que gracinha, ela está se entendendo super bem com todo mundo, ela não liga mais para... se vestir, não tem aquele rótulo, eu acho que isso ficou mais *light* também... ela atingiu né, uma fase, não sei se estou desviando muito do assunto...

37. [aceno negativamente]

38. Mas é essa questão do consumismo mesmo, né, que a gente procura orientar...

39. Certo...

40. Agora, tem pais que... que realmente eles não cons... eles querem... é... Porque tem, né, pros adultos também, você tem que ter o seu *home theater* ali, senão você... imagina que alguém vai chegar na tua casa, você não tem o último modelo de ver alguma coisa, ou aquele DVD, gravador de CD, sei lá... computador última geração... de repente é só para enfeite, né? [rindo] A pessoa nem sabe usar nada... E... e isso os filhos copiam, né? Isso é... existe... eles copiam, né? Tudo eles

copiam... Então... Acho que a pessoa, ela tem... Para educar os filhos ela tem que estar muito centrada, né?

41. Hum...

42. Nos valores mesmo... Porque o que a gente consegue comprar, o que a gente curtir na vida são conquistas...

43. Hum-hum...

44. Então... Isso é uma, uma... Como pais, né, a responsabilidade é muito grande. E eu acho que a... o consumo de drogas está ligado mesmo à frustração. Muitas vezes no embalo, né, a turma [incompreensível] usar, tal. Mas normalmente a alguma frustração, né, tristeza, falta de atenção dos pais...

45. Você estava falando de consumismo, marcas da moda, né?

46. Hum-hum...

47. E... consumo de drogas... Qual a relação, assim... fale um pouquinho mais sobre isso... Como essa coisa de... marcas de moda, de...

48. É, na verdade...

49....padrão de consumo pode...

50. Padrão de consumo, porque a pessoa não consegue atingir, andar como o grupo dele, então ele se sente inferiorizado...

e...estando inferiorizado, ele busca, sei lá, o prazer... Eu imagino isso, que é o que acontece realmente na per, na periferia, né?... Ou eles roubam... Não sei, porque a gente vê muito isso, eu não... não estou acostumada com esse ambiente, né, mas... de notícia, de ver o que acontece, o jovem, ele quer... andar no mesmo nível, com as mesmas roupas... do pessoal que tem dinheiro, e tal, mesmo grupo, né? Ele acaba ficando frustrado... Eu não sei o... eu não explicar muito bem porque no final das contas, ele... ele se drogando... é imediato que ele vai começar a retroceder, porque aí o mais importante para ele vai ser a droga, não mais tanto o consumismo, porque daí... ele vai começar a vender tudo para adquirir a droga, né?

51. Tá...

52. Mas eu acho que num primeiro momento seria a frustração por não estar... consumindo as mesmas coisas que...

53. Certo...

54. Mas são vários níveis sociais, quer dizer, eu não consigo chegar... devido também à minha formação, né? Eu não consigo... é... analisar as camadas da sociedade, né? Porque tem a

grande periferia hoje... que é aquela casquinha da beiradinha ali... que está consumindo muita droga... porque na verdade, para eles é... Como que eu vou dizer? É um negócio... então eles estão vendendo. Aí eles acabam... distribuindo para a periferia, porque é um negócio barato, né?... Eu acho que eles também têm outros níveis também, “ah, eu não consigo comer, então eu vou me drogar”, é aquela história da cola, né, do menininho que passa fome, ele precisa... precisa... se sentir saciado, né?

55. E nas classes mais altas?

56. Classes mais altas eu acho que é... questão de frustração mesmo, e a pessoa... De repente é um lance, né, estar fumando... A pessoa... Tem essa questão do consumismo, tem a questão de ele estar no grupo, “todo mundo usa então também vou usar”, e tem a questão da euforia... porque... Vamos supor que ele tem o seu carro que ele quis conquistar... ele conquistou o carro, conquistou o meio, os amigos, a roupa, ele está... por cima da carne seca... Ali não tem para ninguém...

57. Tem tudo...

58. Tem tudo... mas ele ainda... está faltando alguma coisa, de repente

ele não tem... Eu acho que só Deus para... aquela alegria plena mesmo, né? Aquela euforia que ele busca na droga, seria outro caminho... só que o meio dele não favorece ele ir para a Igreja, porque seria como se fosse rebaixar... “Ah, eu, ir *na* Igreja? Imagina, ajoelhar né?” Só se acontecer alguma coisa assim muito... que abale muito aí... Ou uma orientação firme, né, de alguém... Caso contrário ele vai buscar cada vez mais alegria, isso... Ele pensa que vai conseguir através da cocaína, e tal... Não sei se eu expliquei, né, mas...

59. *Hum-hum... Você está indo bem, sim... o importante é que você vá...*

60. Hã-hã.

61. *... expressando a sua opinião sem se preocupar... É... então, o uso das drogas pelos adolescentes tem a ver com... com essa... tem muito a ver com essa questão da sociedade de consumo...*

62. Hum-hum... Na minha opinião, sim, porque eles querem... É aquela coisa de ser aceito pelo grupo, né? Então, era... hã... Eu vejo isso em dois momentos, porque eu já tenho uma...uma certa idade, e quando eu era

adolescente eu percebi que em mil novecentos e... na época lá dos hippies, né? A gente... passou um pouco nesse tempo, mas eu estava vivendo... muito criança nessa época mas... eu percebi... que naquela época tinha o... mas eles ofereciam bolinha, que eles falavam, né, LSD, aquela... Aqui no Brasil muito pouco... mas tinha já... inclusive na cidade que a gente morava era uma cidade pequena e... Os meus primos começaram a consumir droga, e ficaram dependentes mesmo...

63. *Ah! Essa história você estava contando...*

64. Essa história, isso. Era uma irmã da minha mãe, e ela era uma pessoa assim que... morava... Nós morávamos mesmo na zona rural, meu pai tinha sítio, e a gente morava no sítio e estudava na cidade porque já não tinha mais escola para os meus irmãos e tal. Então a gente ia todo dia e tal. E parava nessa casa da minha tia para esperar alguém, então a gente estava sempre por ali, tinha uma convivência... E a minha... minha tia também morava numa fazenda, só que aí ela mudou para a cidade, acho que para os filhos estudarem, mudou na cidade, então... Só que ela saía muito, ela

passeava, com meu tio, ia para a fazenda com ele... Não dava muita bola para os filhos... deixava... Não tinha aquele ritual da hora do almoço... Então os filhos se sentiam... sem limite, eles não tinham limite, eles podiam sair e chegar a hora que quisessem... Na verdade eles... foi uma falha deles como pais, de não ter se preocupado com isso, esse perigo podia acontecer. E os dois mais velhos acabaram... fazendo uso de drogas, mas não assim a ponto de ficar... é... como hoje a gente vê muita gente que foi no fundo do poço mesmo. Eles não chegaram a ficar no fundo do poço em matéria de saúde, mas no financeiro eles deram bastante prejuízo... Faziam coisas assim... complicadas, não se firmaram em profissão... Dois, pelo menos, eles ficaram bem complicados.

65. *Nesse caso dos seus primos... então, alguma coisa... do jeito de ser da família, uma característica da família teve a ver com o uso de drogas deles?*

66. É, uma falta assim... de atenção mesmo, não por... irresponsabilidade dos pais, por falta de... é... a pessoa não saber, ela não foi orientada para

aquilo, que eles podiam correr aquele perigo. Porque tinha os espertinhos ali da cidade que estavam querendo... Sabe aquela história da... de oferecer? “Olha, isso aqui é bom, e tal, vai nessa”. E quando ele vê está dependente... E daí quando eles descobriram, já era tarde... Aí, é aquele lance do filme *[refere-se ao filme brasileiro “Bicho de Sete Cabeças”]*, né? Que o pai não compreende o filho, *[incompreensível]*, só não procurou tratamento, nem terapia nenhuma também... Ficou, a família ficou bem atribulada... E a vida financeira foi... ficando... desestabilizada, né, inclusive a profissão deles, e tal... O mais velho casou, está... na época já era casado, e tal, mas a gente via que não se firmava muito em... profissão nenhuma, assim, né? Hoje eles moram afastados, em outra cidade, mas tem o do meio... Nossa! Ele... de vez em quando ele vem para cá para Londrina, agora ele está morando em outro Estado... Ele tem a família dele, tem outra mulher... dependente, até hoje, né? Ele é bem relacionado aqui em Londrina, tem um primo que é... dentista... Porque quando ele veio eu lembro

até que meu primo falou: “É, tive que socorrer fulano porque ele veio numa situação, sem dente, porque não se cuida, né? Eu tive que cuidar dele...” Sorte que esse meu primo, a mulher dele, enquanto ele... eles casaram, ela teve uma filha, e tal... E ela foi, fez escola normal, e... acabou sendo professora. E onde eles estão morando hoje, ela ganha a vida com... dando aula, e... naquele ambiente lá, ela ganha até bem, então dá para sobreviver, né? Sustentar as filhas, tal... E ele... vai lá, pedir ajuda, então é um... Não está assim, não virou mendigo nem nada, mas a gente percebe que... a situação é bem complicada, em consequência de uma droga leve, que de repente ele faz uso ali até hoje, né? Ele é dependente químico, no caso dele ele é químico.

67. Qual droga?

68. Ah, eu não sei muito bem esses detalhes, mas ele... eu.. Pelo... pelo que parece, deve ser droga injetável, né?... Ou... de tomar comprimido...

69. E...

70. Na família sempre houve assim um certo preconceito em relação... nunca ninguém encarou assim de frente esse... esse problema...

71. Hum...

72. Acho que foi uma questão de amadurecimento, também, né?

73. E na sua família, como que o tema...

74. É abordado?

75. É... Como vocês... abordam o tema das drogas?

76. Porque na minha família normalmente nós... não tivemos problemas assim, diretos, né?...

77. Suas...

78. O meu irmão já... já experimentou... Que eu sei, assim, mas... uma questão assim: “Ai, meu pai não pode saber que eu fumo”, aquela coisa de... tabu mesmo, né? Que meu pai e minha mãe não fumam, então a gente... sempre escondeu que fumava, aquela coisa, né? [ri]

79. Você já usou... maconha?

80. [me interrompendo] Já. Não, só cigarro, ele fumava, e eu morria de vergonha de a minha mãe ver fumando, porque ela me ensinou aquilo... Então...

81. E... outras drogas, ilegais, não...você não chegou a experimentar...

82. Não, nem experimentei. Nunca experimentei, porque eu... sei lá... uma questão assim de medo, então eu cheguei até no cigarro, uma cervejinha, e só... Agora, o

meu irmão já experimentou maconha, na faculdade, que eu sei, que ele gosta muito de fumar, né? E ele andou fumando maconha... E... Mas assim, não abertamente, uma coisa meio velada, e quem descobriu ainda foi o meu marido, que ele... A gente namorava, e ele ficava de vez em quando na república dele, então... Ele via alguma coisa assim, mas... Que eu percebi, meu irmão já não está mais nessa, ele fuma lá o cigarro lá dele, foi coisa... de momento mesmo, né?... Tem um sobrinho que fez... faculdade, mas aí já é sobrinho do meu marido. Só que meu marido teve... a mãe teve ele muito... né, ela já tinha quarenta e cinco anos, então ele... ele é da idade dos sobrinhos, então ele é um tio novo, assim... E meu sobrinho não fuma, mas fala que maconha é uma delícia, fica fazendo propaganda... E a gente fala muito sobre isso, fala: “Olha... complicado esse negócio de... de fumar maconha e tal, né.. dá problema...” “Porque dá problema, né? A gente tem lido mais é do... da consequência... Pode ser até bom... mas não... não leva a nada e ainda vai complicar neurônio, e tal. Então o prazer não

compensa... Então se ele, alguém elogia, por exemplo, a gente já... bate firme, assim, papos... cabeça, mesmo, do pessoal de casa, né?

83. *Isso você se refere a seus irmãos, a... sua família...*

84. Minha família nem discute o assunto, eles... abominam simplesmente a idéia, e pronto.

85. *E... você, o marido e as filhas...?*

86. Ah...

87. *... já surgiu o assunto?*

88. Então. Meu marido fuma cigarro comum, né, então a gente já... já fica chateado pelo fato de saber que o cigarro não é uma consequência tão séria, como a maconha, vamos dizer assim, mas que ele dá problema também, então a gente fica só nesse nível de cigarro. E droga... Com as filhas... a gente sempre dá uma orientação, cuidar sempre assim... do que vai comer, o que vai tomar... Mas como ela já... odeia cigarro, então eu não me preocupo muito de ficar falando, porque eu acho que vai... só pesar, e talvez até, de tanto falar, a gente acaba despertando interesse, né? E elas quando eu falo que já fumei, elas ficam: “Ai, mãe, você já fumou, você teve coragem?” Eu falei: “Pois é, eu só parei porque

eu tive problema de pressão, se eu não tivesse parado de fumar eu não teria tido você”, né, eu falo para ela. Porque eu tive eclâmpsia, e tudo na gravidez, então eu tive que parar mesmo, o médico... ele falou: “Fique longe do cigarro!”. Ele me deu uma ordem, assim... E realmente eu joguei meu cigarro no lixo e nunca mais fumei. Foi assim, eu cresci, agora eu não quero mais fumar porque eu vou... sou responsável... pelo... pela minha filha que vem aí, né? Então eu acho que o amor de mãe superou essa... fraqueza do vício, porque isso é uma fraqueza, né? Fraqueza diante de muita coisa, meu marido mesmo eu percebo que... tocou o telefone, ele acende um cigarro. Eu falei: “Que tem a ver o cigarro com um telefonema, né?” A postura que ele tem que ter diante... de uma conversa, ou pessoalmente ou por telefone. Eu já comecei a fazer essa relação... a impressão é assim, ou a pessoa quer fazer tipo... sabe? Não sei... de repente, às vezes até nessa relação com consumo de drogas, a pessoa tem que estar ligada para ter coragem para fazer as coisas, né?

89. Hum-hum...

90. Eu acho que... pode ser que tenha depoimento que enriqueçam mais a sua pesquisa, porque eu não tenho... como se fala... vivência, né? *[rindo]*

91. Não se preocupe... o objetivo é pais, no geral.

92. É...

93. O... você não ter tido a vivência...

94. Eu sou um exemplo...

95. ... serve para expressar tua opinião.

96. Hum-hum... Agora, não, nunca a gente está longe de... prevenir o uso.

97. E como você acha que se deve prevenir?

98. Ahn... A minha filha, ela é uma... criança assim... tranquila, previsível assim, sabe, a gente já... toma cuidado mas deixa ela... já está... Nós estamos deixando ela sair para encontrar os amigos, vamos buscar, e tal... e sempre cuidando... mas assim mais orientando, mesmo. A gente percebe que ela assim... nunca pede dinheiro a mais, não tem esse negócio de drogas, mas...

99. Hum-hum...

100. Eu acho que ela não entrou na fase perigosa ainda... Embora ela já esteve bem próxima de um

acontecimento no ano passado que nos preocupou bastante.

101. Qual foi? Fale mais sobre isso.

102. (...) É... deixe-me lembrar... foi em noventa e nove... ela estava estudando naquela sala daquela menina do óculos... né?

103. Hum-hum...

104. E... posso falar o nome e tudo, né?

105. Não se preocupe.

106. Então... essa menina, ela se chama *[cita o nome]*, e era elas duas sempre andando junto. Aí chegou uma de outro colégio. Então aquele... que chega é sempre... tem que ser recebido, e ninguém acho que deu muita bola, e elas foram e ficaram amigas imediatamente da menina. Tá, era amiga da menina, e tal, um dia a menina foi lá em casa almoçar, mas não falou uma palavra comigo. E eu sempre... eu sou uma mãe assim, eu trabalho muito, eu tenho muito compromisso, minha agenda está sempre lotada, mas eu estou sempre sabendo onde está meus filhos, quê que eles estão fazendo, que horas que eles vão chegar, se eles vão a pé... você entendeu? Essa... essa... rede eu... procuro sempre ter sob controle, ou eu ou

o Z. a gente está sempre cuidando. E não deixar largado. “Onde é que vocês vão almoçar, com quem vocês vão almoçar, me liga se precisar ir buscar”, sabe aquele contato? E eu percebi... que... Eu não conhecia a mãe da menina, a menina almoçou lá em casa, não falou uma palavra comigo, e falou que ia para o colégio em seguida, a gente deixou ela no colégio, a X. foi fazer o que tinha que fazer, e tal. E, volta e meia essa menina... diz que tinha aula de inglês e parava sempre na casa da... outra que mora aqui na *[nome da rua]*, que é a L.. Aí a mãe da menina, muito desligada, a mãe da menina, muito desligada, a mãe da L., dessas que não trabalha, não cuida dos fi... não sei, eu... penso que... Prédio, você deixou o filho na portaria, ele pode pegar qualquer carro, sair... Se você não estiver de olho, é a mesma coisa que você não estivesse cuidando, né, está perto mas não está. E a menina sempre ia lá, e a menina ia na aula de inglês. Até que nó... que ela descobriu que a menina ia se encontrar com um cara que ela falava que era tio dela... que sempre pegava ela, e devolvia na... casa de alguém, e não era tio nada, era um rapaz mais velho,

que namorava ela, a menina... amiga delas que chegou... E a menina morava lá na região norte da cidade. Aí um dia eu... mas até então eu não sabia de nada disso... porque se eu soubesse já falava para cortar a amizade imediatamente. Eu estranhei um dia que teve um aniversário numa chácara e fui buscar... a minha filha e essa menina falou: “Você me leva até o Colégio? Que meu tio vai me pegar lá...” Eu deixei ela no Colégio, não vi tio nenhum, e falei: “Mas você não quer que eu te espero?”, aquela coisa de cuidado que a gente tem, “Não, não, ele já está chegando”, com o celular na mão, assim, um comportamento bem estranho. Aí eu falei: “Nossa! Que menina esquisita, heim, X.?” E... mas eu não... não verbalizei isso, eu só achei... Tá. Quando foi num sábado, daquele ano mesmo, no verão, a X. falou: “Ah, mãe, eu vou passar a tarde na casa... na chácara da L. lá com ela”, eles têm uma chácara ali perto do... [nome do bairro], por ali... Só que a mãe da... da L. é que pegou ela e a X. lá em casa, levou as três para a chácara e... tem caseiro, tudo lá, mas acho que a mãe tinha um outro compromisso, deixou as

três lá. E eu... peguei meu carro à tarde, lá pelas quatro e meia, mais ou menos, naquele tempo eu ainda não estudava na UEL no sábado... falei para o meu marido: “Ah, vamos comigo lá buscar a X.? Estou cansada, e tal...” Nós fomos e entramos... Quando nós entramos, a gente chegou na piscina, estavam as três tomando sol, e o moço estava sentado, próximo da menina, assim... não conversou, não dirigiu a palavra com a gente, e estava tomando cerveja. Aí eu... eu olhei para o Z., a gente ficou super desconfiados daquela situação, mas... e o cara também não tinha uma cara legal. E... acho que nós entramos também porque o carro dele estava lá fora, um carro com placa de São Paulo. Eu falei: “Nossa! Será quem... quem está aí?” Porque até então eu nem vi esse cara... Quando eu entrei, e eu vi aquele cara lá, eu falei: “Ué, mas vocês estão aqui sozinhas?...” “Ah, estamos, mãe, e eu não quero ir embora agora não...” Eu falei: “Ah, mas eu vim te buscar e você vai comigo...” Então eu: “X., você vai também e a L. vai também.” A tal da R. não quis ir, queria ficar ali, com a L., e a L. também não quis ir. E que situação que eu

fico? Eu fui buscar a minha filha, na chácara da outra, que não quer ir embora, que está com uma amiga e um... um cara lá. Eu peguei a minha filha, não, acho que eu agi meio... impetuosa assim... não... não veio uma preocupação tão séria na hora. Cheguei em casa falei: “Ah, X., liga para a L., pergunta se ela chegou em casa, que eu estou preocupada!” Nisso a mãe estava para um casamento, a mãe da... da L., a mãe da outra eu nem conheço... Aí... a X. chegou e disse assim: “A L. estava em casa.” Na segunda-feira que... a X.... ao invés dela contar para mim, ela contou para a minha empregada... falou: “Sônia, eu fiquei bem preocupada sábado... eu não gostei daquele tio da menina...” E... pelo jeito que ela conta não aconteceu nada lá, porque depois eu apertei ela, sabe? Mas depois que elas saíram da chácara, o moço deu volta pela cidade, comprou Coca-Cola, olha o perigo que essa menina estava correndo! Aí quando chegou no apartamento, ele subiu no apartamento, não tinha ninguém lá, nem o... W. nem a K.... e... diz que... a L. foi tomar banho, e tal, e eles se trancaram dentro do

quarto, parece que ela viu algum amasso, alguma cena assim que preocupou muito ela... e essa menina já faz terapia com o doutor T., porque ela é de criação, ela... Então você imagina, na cabeça de uma menina de criação, que já não tem pai nem mãe, como que fica diante de uma... colega que ela achou que era tio dela, que era relação tio-sobrinho, que ela é sobrinha de um monte de gente aí, que ela se dá super bem... de repente ela vê o abraço dos dois, ali, aquela... Essa menina entrou em crise, ela ficou fechadíssima, e tal... e aí que a mãe dela caiu na real... Olha como que os pais tem que estar atentos!... Eu acho que essa situação, se não fosse eu ser... super preocupada... eu teria tido problema, né?

107. Hum-hum...

108. *[atendendo o telefone celular que começou a tocar dentro da bolsa]* Dá licença para eu desligar ...

109. Fique à vontade... *[faço pausa na gravação enquanto ela conversa com alguém em seu trabalho](...)*

[retomando a gravação]

Hum-hum...

110. Então, aí... só que a [*cita o nome da empregada doméstica*], a moça que trabalha lá em casa, ela me contou, ela falou: “Ai, H., a X.... ficou preocupada com... aquilo que aconteceu sábado” Nisso, eu... não... peguei a X., não apertei, não... falei nada, porque eu sei que ela é uma vítima, uma criança que ainda não tem discernimento... dos... é... desse tipo de gente que anda em torno de... de meninas como elas, né, para... passar droga, e tal. E, com certeza ele deveria... ele deve ser... drogado, a gente... pela cara, assim, eu não fui buscar muito conhecimento porque eu afugentei mesmo... Eu sei que eu... chamei meu marido, liguei para ele... fiz ele ir lá no endereço da... da menina lá na zona norte... ver como que era o ambiente... E parece que era uma mercearia, tal, ele comprou uma Coca-Cola, conversou... é... Só viu assim como que era, e depois ele passou na... na... na empresa do W., que a gente conhece, né, do pai da L., e... falou que ele ficou muito preocupado no sábado, e que a gente se sente até responsável... porque... houve um grande risco... daquele cara que estava ali... Ah! Nós... na verdade a gente deu

muita importância como... o fato deveria mesmo e... E eles nem iam ficar sabendo! Que o cara teve na casa dele, que abraçou a moça dentro da casa dele, deve ter... sabe mais o quê que aconteceu... E que o cara é um cara de risco, né, entrou dentro do apartamento deles lá... Se fosse... hã... na casa da gente não aconteceria, porque ele nem entraria... Tanto que ele ficou super chateado quando nós chegamos lá na chácara... Eu deveria ter pego o telefone... celular da mãe dela, ter ligado na... “ Ó, dona [*cita o nome da pessoa*], eu posso... levar a L. ou posso deixar ela aqui na chácara? Porque eu vim buscá-la, ela não quer ir embora!” Então, criança, não tem livre arbítrio, você tem que estar... até... Eu tenho uma amiga, que os filhos nem casaram ainda, já faz faculdade e tudo, ela ainda liga para eles [*rindo*], fala: “Olha, Z., vem embora que já é uma hora da manhã, você tem que estar aqui em casa! Eu preciso dormir, não sei o que, não sei o que”, então ela... dá de dedo mesmo, sabe? Parece meio chato assim, mas você tem que estar monitorando isso...

III. Hum-hum...

112. E depois... aí a família ficou muito chateada, e tal, aí cortaram relação com a menina, a menina acabou sendo... Não sei se ela foi expulsa do colégio... eu sei que eu fui no colégio, conversei com o pai da sala, porque no Colégio tem esse negócio de pai da sala, né? Conver... na época era o Professor Q... e a X. estava na sétima série. Aí eu falei "Ah, Q., estou preocupada por causa dessa menina, não é que a gente quer discriminar... mas ela parece tão estranha, né?... Com esse tio dela, e tal, abri o jogo. Aí eles falaram que já estavam em contato com os pais..., "ah tá, deixa que o colégio resolve a situação, não é do colégio, eu tenho que cuidar é da minha filha [rindo]... tenho que cuidar do meu quarteirão. E nisso, eu já não deixei muito a X. andar com a L. porque eu percebi... a rédea solta do lado dos pais dela. Porque para ela estar com a X., "A X. é ótima, ela é maravilhosa, ela é filha da H.!... Deixa com a X...." Só que a X., é uma criança, gente! Ela não cuida de ninguém... ela está tão arri... com risco, né, quanto... Então eu sempre... falei bem mesmo... para... tomar cuidado, e tal... E foi isso que... que levou a X., um dia também,

elas estavam na portaria do prédio, aquele cara passou, antes de acontecer tudo isso, e a X. não quis... sair, ela falou: "Ah, mãe, eu..." Ela falou: "Ah, L. mas eu não vou sair... a minha mãe falou para eu ficar aqui, e tal, eu não quero sair... ou a gente vai ali no Pátio", porque parece que é perto do Pátio San Miguel, então elas sempre vão no Pátio... Já é perigoso, mas eu acho que eu já... eu não posso ficar presente, senão eu não ensino também... Eu tenho que estar monitorando... de longe... horário combinado, onde que vai pegar, tal... Agora, sair de carro com essa gente... é só a gente tomar cuidado com a X., eu não posso entrar, né?

113. Hum-hum...

114. Então na... na época eu lembro que foi um susto mesmo assim que a gente levou... de certa forma serviu para ela aprender, que ela tem que cuidar mesmo, né, que... Não sei, eu acho que a gente... Entre eu e meu marido, nós conversamos de um... com outro nível, a gente conversa... e para ela a gente falou: "Olha, se acontecer alguma coisa... vamos supor que você..." Até foi no dia mesmo que ela saiu... na sexta-feira à noite, foi nesse prédio...

depois o moço passou querendo que elas fossem passear, ela não quis... Eu falei para ela: “Olha, eu vou *no* aniversário, eu vou estar ali perto... e... você vai estar com essas meninas. Se acontecer alguma coisa...”, eu não sei porque que eu falei isso, “... que você ver que vocês estão numa fria , você me liga, eu falei para ela... eu não... Eu quero saber onde você está... tudo, mas eu não vou ficar brava, nem nada, então se você estiver numa situação complicada, me liga que eu vou te buscar... Eu quero saber onde você está, eu quero ver você segura, não pense que eu vou te bater, fazer escândalo, não vou fazer nada disso. Só quero... você viu que você pisou em falso, você me liga que... eu estou ali para te proteger, eu, o pai, a gente vai te buscar rapidinho. E eu falei isso, e ela nem entrou no carro. Entendeu?

115. Hum-hum...

116. Porque o cara ia dar uma volta... pela cidade... Não sei, de repente ia oferecer droga, elas nem iam saber que tinha droga na coca-cola...

117. Hum-hum...

118. Não sei, eu... eu... tomei aquele cuidado de mãe mesmo, então eu

acho que foi a parte... até hoje mais... mais próximo...

119. Hum-hum...

120. ... que ela chegou de entrar numa fria, mesmo... Acho que é isso. Em relação a amigos, assim... por enquanto ela tem a turminha dela, mas são ligados em... encontros de jovens, é mais com primos, e tal... então... Não tem acontecido, tanto que ela passeia muito em [*nome de uma cidade próxima a Londrina*]... Então é uma cidade menor, também que a gente... sabe que a incidência... de violência é menor... Mas está sempre monitorando, quando eu não estou cuidando minha irmã está cuidando... Eu estou nessa fase, ainda, sabe, como ela tem quatorze, ainda, está muito criança ainda para você deixar ela fazer o que quer, e como ela é uma menina que não é rebelde... ajuda.

121. Hum-hum...

122. Nós temos um exemplo disso... outro exemplo, né? Esse sócio de meu marido... Eles são o exemplo de consumismo que eu citei, que compra tudo, que quer tudo, que... nem tem dinheiro para pagar ainda mas já está andando com o carro último tipo, é por isso que daí nós estamos nessa situação... E eu... Ainda mais eu,

que não gosto de... de estar... vivendo uma situação que eu não posso pagar... entendeu? Não adianta nada eu aparentar riqueza se eu não sou, porque uma hora eu vou...vão descobrir que eu não sou, entendeu? Não adianta nada, pega... Você pode ter bom gosto, gostar de cultura, de teatro, ler jornal, ter um papo bom... Você não precisa ter dinheiro para isso, não é verdade?

123. Hum-hum... sim.

124. São bens assim que... é... coisas assim do interior da pessoa, né? Você vai adquirindo, isso é um patrimônio... pessoal... E... a filha dele com doze anos já queria sair, passar as noites nas boates... Ele não conseguiu segurar... simplesmente não conseguiu. No fim das contas, interesse consumista também, ela... aquela euforia, que ela não encontrava... porque eles também não iam à igreja... Então ela... acabou ficando deprimida, e não achava o que fazer, e sempre reprovando de ano, e fumava... No fim, estava tomando *Prozac*. Aí quando eu li aquele texto seu lá no jornal lá, e depois veio o texto do Colégio, eu pensei: “Olha aqui, isso é o imediatismo...” Ao invés de fazer terapia, descobrir o quê que a

criança tem, dar aquele encaminhamento a longo e a médio prazo, orientação da família... não, “vai, toma o Prozac que você vai ficar legal”... No fim, está se drogando, né, porque Prozac é uma droga muito forte...

125. Hum-hum...

126. Tanto que... eu já tomei o... é... Eu tive um pouquinho de disritmia, não sei... Uma vez eu fiz um eletro, e eu era bem nervosa, bem irritada, eu tomei *Tegretol*...

127. Hum...

128. ...e... tomei o *Tegretol* mais forte... Aí depois uma hora eu cheguei e falei: “Ah, não vou ficar tomando esses remédios não, eu acho que... isso aí não leva a nada”... Não sei, eu queria fazer uma consulta porque eu queria me livrar do remédio. Aí eu fui num outro Neuro, e ele falou: “Ah, vamos fazer um eletro para ver como você está... e, conforme for você... pára, né?” Eu falei para ele só que eu era muito ansiosa... Essa... essa ansiedade, a hora de eu falar assim dá a impressão que eu sou uma pessoa calma, né? Mas eu fico muito ansiosa mesmo na *TPM*, que é coisa... um distúrbio da mulher mesmo. Aí ele falava: “Vai tomando um *Lexotan* então, depois eu vou

tirando esse *Lexotan* teu”... Aí eu fui tomando os dois, depois tomei só o *Lexotan* e acabei com o *Lexotan*... E eu considero isso uma... super conquista, que a pessoa ... parar de depender de uma química... e não precisar... falar: “Eu estou livre de química!” Eu... acho que eu atribuo isso também à minha fé, sabe? Porque eu entreguei nas mãos de Deus, eu falei: “Ah, ele quebre isso, eu... quero viver minha vida sem depender... de nada químico, assim.”

129. Hum-hum...

130. Então eu já tenho essa postura de... aceitar as coisas e lutar também quando precisa...

131. Hum-hum...

132. Estou falando muito assim?
[rindo]

133. De forma alguma, você está... me ajudando bastante, né?... [ela permanece em silêncio, consulto meu roteiro] Eu estou aqui... consultando meu roteirinho...

134. É... você já até se perdeu...

135. Não, não... a... a entrevista tem o objetivo de deixar você falar... são pequenas... perguntas apenas isso aqui...

136. Hum-hum... (...)

137. Sobre a... voltando aí à sua família, né? Eu já... eu percebi que você... reforçou muito a... o controle, a disciplina, os horários... Você disse que... não é bom deixar com a rédea muito solta, né?

138. Hum-hum...

139. Mas é... o assunto das drogas... surge ou já surgiu e você... entre vocês, você, seu marido e suas filhas?... Ou elas... já te perguntaram, ou já surgiu alguma vez... Você já percebeu elas interessadas ou falando do assunto?

140. Não... Não, normalmente, se a gente... se a gente conversa, é... é da reação que uma pessoa pode ter quando ela está sob efeito de drogas... por exemplo, a gente sempre se coloca na defensiva, porque nós não fazemos uso, né? Pelo menos de drogas que... deixam a pessoa descontrolada... então... A gente sempre fala, para não andar na rua sozinha, porque pode alguém sob efeito de droga... Mais uma coisa defensiva, mesmo, né?... E não, nunca, jamais eu... Eu acho assim que... tipo, fazer propaganda para

despertar interesse, acaba despertando interesse, né?

141. Certo...

142. E como nós nunca usamos, e... sempre... a gente sempre fala que isso não leva a nada, então... Na verdade se o assunto surge, surge muito... muito *light* assim, nada assim, “agora nós vamos falar sobre droga” [rindo]

143. Hum-hum...

144. Não é aquela coisa assim formal, sabe? A gente dá a orientação que precisa, mesmo... evitar... Que nem esse tipo de coisa que aconteceu com a X. eu acho que... teria sido um descuido nosso... você acha bem acompanhada, e vai ver, ela está correndo risco, né?

145. Sim, entendi...

146. Então... É dessa forma, bem natural mesmo, elas nunca falaram nada, de amigos que usam...

147. Quais as fontes de informação que vocês têm sobre o assunto?

148. Tanto pra evitar... pra...?

149. É... em geral...

150. Em geral a gente... como a gente está sempre por dentro do que está acontecendo né, na sociedade... é... violência, aquela coisa toda... Quê que a gente faz

para se precaver, né?... E... e eu sempre achei assim, programei...como mãe, que eu... talvez... tivesse que estar orientando as crianças na fase de adolescência mesmo... A... a não ser assim, quando algum colégio manda cartinha: “Ó, tem um pessoal que está carimbando a mão das crianças na entrada do colégio”... Então a gente dá uma orientação assim, mas eu... Lembra daquele chiclete que eles... eles carimbavam...

151. Não lembro não... Quê que houve?

152. Era um chiclete... tinha uma figurinha. E a pessoa carimbava todas as crianças do colégio, assim, por brincadeira, e o chiclete tinha... Na... na tinta da... da figurinha... tinha droga, não sei que tipo de droga que era que ia viciando as crianças... Então era um meio da criança ficar dependente sem ela ter noção...

153. Hum-hum...

154. Isso foi há bastante tempo, até elas eram bem pequenas, então eu não cheguei nem a falar nada... Mas a gente já, nossa, ficou sobre... sobreaviso, né? No... no geral é isso, né?... Fumo elas não tiveram interesse, nem bebida, nada... Só que daí se por exemplo

elas ver... é... Eu falo para o meu marido... ver ele fumando, diariamente, porque ele fuma, na frente delas... ele sabe da responsabilidade, né? Mas ele fala assim: “Ah, eu estou fumando agora porque eu estou nessa fase, nessa crise... eu estou numa fase...” Ele... ele abriu o jogo para a família, sabe? Isso foi muito bom, porque, minha filha mais velha e tudo, porque ela está vendo o que está acontecendo, ela: “O meu pai, coitado, ele não está conseguindo se controlar diante de uma situação difícil que ele está passando...” Então o nível de stress está muito alto, e ele acaba fumando demais... na... numa fase que ele deveria parar... E até tomando cerveja demais, também não consegue se controlar... E a gente está dando apoio para ele, eu converso com elas, eu falo: “Olha, realmente o que ele está passando não é fácil, tem que começar tudo de novo, administrar a crise, e tal... Então é natural que ele lance mão... disso aí, mas isso não é normal” Eu deixo bem claro que isso não é normal, porque senão elas vão falar: “O primeiro problema que eu tiver...” “Pelo exemplo que ele está dando, elas: “Ah, é só eu...

tomar uma cervejinha, fumar um cigarro que eu consigo amenizar...” Não é uma forma também da gente induzir, né?

155. *Hum-hum, entendi...*

156. Então eu já... eu deixo bem claro que ele está assim... é... Já tinha essa fraqueza do cigarro, e agora... muito mais agora, né? Então ele se estabilizando financeiramente, vai... vai ser um bom profissional novamente... adquirir segurança mesmo para gerir os negócios dele de novo... que ele vai entrar numa fase solo agora, ele... vai administrar o próprio negócio... Então... quando... é... eles estão em sociedade eles têm que conversar muito, os dois se entenderem muito bem, para a coisa andar certo, né, os dois falarem a mesma língua. E ele se sentia assim um pouco oprimido, né, em relação ao outro... Que ... ele queria tomar uma decisão x para a empresa, “Ah, não pode porque a empresa não tem dinheiro...” Mas ele via o... certos gastos para outras coisas... até desnecessárias... porque eu... eu acho assim, a gente tem que ter... o que você precisa, que é um telefone celular hoje, né... a gente... já... tem isso como um meio de ... facilidade na

comunicação, você precisa ser encontrado... É... um carro para você ir mais rápido em algum lugar, para não ter que depender de ônibus, porque quem para num ponto de ônibus... Lógico que você tem que depender do ônibus e tudo isso... então você tem que ter um carro, mas não precisa ter um Audi... pode ser um Gol, um Fiat, sei lá, você vai do mesmo jeito...

157. Hum-hum...

158. Então essa questão do... do consumismo está aí, questão de marca, e tal... E tudo isso atrapalha muito a vida financeira, né? A hora que você... Por exemplo, ao invés de você investir em marca, em qualidade, você investe... em... simplesmente condições... de trabalho, no caso. Eu preciso disso, disso e disso, que é o básico. Depois, quando eu tiver um nível bom, aí eu vou melhorar a qualidade disso, eu vou passar as férias em algum lugar melhor, mais tempo... Fora isso eu... vou curtir o que eu posso, né? Eu vou para a fazenda no final de semana, vou pescar... coisas mais em conta... Então ele... ficou um pouco frustrado mesmo, meu marido, isso gerou, né?... Esse tipo de coisa...

159. Hum-hum...

160. Mas ele já está superando, a gente está dando força, sabe? Porque para mim também não tem sido fácil, né, eu estou tendo que...

161. Imagino...

162. É... pagar conta, coisa que eu não fazia antes, meu salário eu... pagava a empregada, um plano de saúde lá que eu tenho, comprava coisas para as crianças, tal, então... Já estou sentindo assim mais responsabilidade nisso, né? E ele está entendendo que eu estou me esforçando, está... Então nós estamos bem entrosados, mesmo, né?

163. Hum-hum...

164. Acho que valeu muito o equilíbrio que a gente sempre teve também como um casal, né? Tivesse algum... probleminha antes já, eu acho que agora seria o momento de desencadear... Porque se falasse: “Ah, quer saber duma coisa? Eu sempre achei que isso não ia dar certo [rindo], agora mesmo que eu não quero saber, sabe?” Eu acho que... nesse ponto eu acho que a gente está muito bem, sabe? É o momento de um ajudar o outro, né?

165. Hum-hum...

166. E as meninas estão... passando um pouquinho dessa crise, mas elas estão entendendo que a gente está num momento de superação, e não assim... afundando cada vez mais... E sempre com a ajuda de Deus, né, sempre... estar em oração... É nesse ponto que eu falo que eu sou... fervorosamente católica, que eu coloco Deus... à frente mesmo, eu acho que ele é que conduz, né? E... ilumina o caminho da gente... Mesmo na condução da... do meu trabalho ali, tenho dificuldade, tenho bastante... Só que eu peço sempre iluminação, porque eu sei que... não é com... sei lá, chegar, falar com as pessoas, de repente quê que eu vou falar para orientar melhor essa situação? Às vezes o que eu sei... né, o que eu poderia aplicar ali, ou... ou vem a idéia na hora, “quê que eu faço agora?” Então eu sempre peço iluminação e olha, tem... sempre dado certo... tanto que eu nunca... Eu tenho muita coisa para fazer, mas eu nunca estou preocupadíssima, sabe? Uma coisa... a gente fica ansioso, tem noite que eu não durmo, me preocupando e tal, mas eu... eu jogo nas mãos de Deus mesmo...

167. Hum-hum...

168. A noite... foi horrível, de sábado para domingo. Eu acordei duas... uma e meia da manhã, eu falei: “Uma e meia da manhã eu já acordei! Agora só vou dormir lá pelas cinco...” Então você já se sugestiona, fala: “Agora eu vou ter que ficar acordada até às cinco” Eu já vou procurando alguma coisa para ler, já faço chá porque eu sei que...

169. Hum-hum...

170. ... é irreversível. Levantei para ir *no* banheiro, aí... começo a pensar no problema, pronto, já desencadeia o rosário... Fora o que o Z. tem, porque [*rindo; eu rio também*] isso eu... já não posso nem... ficar pensando, eu já tenho os meus... (...)

171. Alguma coisa mais, H., que você queria... comentar?

172. Ah, eu não sei, eu acho... Não sei se eu consegui também... responder...

173. Hum-hum... Muito bem...

174. Uma preocupação mais de pais, mesmo, né? Com relação a...

175. Sim.

176. Eu falei: “Ai, se eu puder contribuir...”

177. E contribuiu bastante...

178. Que bom!

179. Muito obrigado... Eu vou desligando...

[FIM DA GRAVAÇÃO EM ÁUDIO]

“I”

NONA ENTREVISTA

Data: 23/04/02

Duração aproximada: 70 minutos

Dados de identificação da entrevistada:

Inicial fictícia: I;

Idade: 53 anos;

Etnia: Branca;

Estado Civil: Casada, há 14 anos;

Procedência: Londrina, PR;

Escolaridade: Superior Completa;

Ocupação: Executiva;

Situação financeira: passando uma “fase bastante difícil”;

Religião: Católica não praticante

Filhos: X. (sexo feminino, 13 anos);

Comentários:

Quando eu me preparava para ligar o gravador, a entrevistada comenta que veio “desarmada”, pergunta de minha formação e comenta já ter feito terapia de grupo. Demonstra espontaneidade e disposição para falar do tema, o qual demonstra conhecer especialmente em função de ter sido usuária de drogas;

TRANSCRIÇÃO:

1. *Bom, a primeira coisa que eu ia lhe perguntar e a gente já estava... começando já a falar, é: por quê você se motivou a participar da pesquisa?*
2. Eu me motivei pelo seguinte: essa coisa de droga é uma... Essa coisa de droga é uma preocupação

muito grande que eu tenho. E... eu tenho uma filha de treze anos, né? Filha única... é... Esse mundo aí tá... louquíssimo, né? E eu acho que eu tenho uma contribuição boa para dar... porque eu... Eu sou da geração dos anos sessenta, setenta, onde a droga correu solta, e eu fui usuária de droga, os meus irmãos foram, os meus amigos eram...

3. ***Hum-hum...***

4. ... e desse pessoal dessa época dos anos setenta... final dos sessenta e ... setenta, a grande maioria era usuária de droga, é... talvez não, claro, não as drogas dessa forma como está aí, né? Mas... pesadas, também... E... e eu acho que eu tenho uma contribuição boa para dar, porque... desse pessoal todo da minha época, foram poucos os que se safaram....

5. ***Hum-hum...***

6. ...foram poucos os que conseguiram... sair daquela coisa e conduzir a vida de uma forma mais linear ou de uma forma mais... Sabe? Mais careta, mais ortodoxa, chame lá do como quiser... né? Então eu tenho inclusive resquícios dessa coisa... na minha personalidade, na dos meus irmãos, eu tenho uma irmã que até hoje não saiu dessa coisa,

ela simplesmente ela... ela transferiu, né...? E como a minha preo... eu tenho um diálogo muito aberto com a minha filha com essa... Obviamente eu não vou dizer para ela que eu tomei droga, e que... não disse...

7. *E o quê você tomou?*

8. Eu tomei tudo... Eu comecei com maconha... Depois eu entrei para a cocaína, depois eu fui morar no exterior aí eu experimentei heroína...

9. *Desculpe... você foi morar...?*

[um ruído forte de motocicleta na rua me fez pensar que a gravação pudesse ter sido comprometida]

10. No exterior...

11. *No exterior.*

12. Eu morava na Europa.

13. *Na Europa...*

14. E foi o auge daquela loucura toda, foi na época que eu estava lá. E o que me sur... quer dizer, o que me... o quê que surpreende não é bem a palavra, por falta de outra eu não vou lhe deixar essa *[olha para mim e para o gravador]* é que eu entrei nessa... nessa loucura toda com vinte e cinco anos... Quer dizer, eu não era nenhuma criança, eu não era nenhuma... Só que... eu atribuo

àquela coisa assim, era... Era o modismo da época, era todo uma... um clima em volta, aquela coisa toda... e a gente não tinha o tanto de informação que tem hoje. Não tinha, né? Era um negócio assim super... não... a coisa não era visível, como é hoje, era uma coisa toda subliminar, por debaixo do pano, e tal... Então o... por melhor que eu tente conduzir essa coisa com a minha filha, eu tenho medo... Porque eu tenho... coisas muito próximas. Então, esse perigo não é uma coisa assim... de agora, né, agora eu vou conseguir conduzir... eu tenho medo é de que... o todo esse envolvimento, porque essa coisa pode... numa época mais tarde a pessoa entrar num... num... numa... numa decisão dessa e enveredar por esse caminho, mesmo sendo mais velha, mesmo tendo informação... Quer dizer, eu não tenho... é... eu não tenho... parâmetro agora, eu não tenho... nada que me diga assim que... mais velha ela não vai entrar. Não sei.

15. *Hum-hum...*

16. Entendeu? Não sei. Como eu entrei muito mais velha... Aliás todas as minhas coisas da... da... todas as coisas da minha vida elas

foram... é... retardadas, vamos dizer assim...

17. Hum-hum...

18. Elas foram... é...

19. Mais tardias...

20. Mais tardias. Até a maternidade, você vê, eu tive minha filha com quarenta anos... Né, eu fiz quarenta anos no dia dez e ela nasceu no dia dezesseis. Então, eu tinha quarenta anos redondinho, eu tenho, eu sou de quarenta e oito ela, é de oitenta e oito... Então... o que... o quê que me motivou a vir aqui foi exatamente isso, é... dar essa contribuição, porque eu acho que eu tenho... uma coisa... é... é... assim... é... objetiva para dizer, eu não estou falando de bobeira, eu não tenho... dúvidas, grandes dúvidas de como é que é a droga, como é que funciona, como é que é, porque essa coisa toda está muito bem resolvida na minha cabeça. A minha coisa é no sentido realmente de contribuir, porque eu vejo, vivi, e tenho exemplos, e vivi... essa coisa, e ela tem... um rabo o resto da vida.

21. Hum-hum...

22. Não que eu tenha... vontade de voltar, nada, isso aí é...

23. Não sente mais vontade?

24. Não, há muitos anos... muitos anos. Eu larguei de tomar droga, eu tomei droga pesada do setenta e quatro ao setenta e sete, setenta e três ao setenta e sete.

25. Até que idade então?

26. Até os vinte e sete anos mais ou menos... E em setenta e oito eu nunca mais tomei nada... nunca mais...

27. Foi... fácil, assim, parar?

28. Olha, eu acre... Eu pra mim foi... pra mim foi. Mas não foi para outras pessoas... próximas, muito próximas. Então, é... é... é isso que eu estou te dizendo, quer dizer...

29. Hum-hum...

30. ... nada, nada existe, aliás... a vida é assim mesmo, não... não... não há certeza de nada... não temos certeza de nada da nossa vida, né?

31. Hum-hum...

32. Acontece, então, a minha... a minha vontade de... de... de colaborar foi só nesse sentido, eu falei: "Se eu puder... ajudar de alguma forma para que essa coisa... fique, ou mais esclarecida, ou... ou... enfim... de alguma forma ajude, eu acho que vale a pena".

33. Sem dúvida ajudará...

34. Né?...

35. É... por quê você começou a usar?

36. É isso que eu estou te falando, doutor, eu... Era uma época... todo mundo queimava lá. Era aquela coisa, era... aquela época do paz e amor, todo mundo, ah, ficar doidão, tomava Mandrix, tomava... aquela coisa de ficar boba... daqui a pouco virava, não era... agora era para ficar ligado, então... Né? As anfetaminas todas, aquela, né?... É... cocaína... E eu cheguei a tomar droga injetável!...

37. Veja só!...

38. Injetável, que é uma coisa... seríssima. E naquela época a gente não tinha consciência de nada... né, porque... Depois é que você vai... começou a ter consciência, né? A partir de oitenta e pouco... é que a gente começou a ter consciência da coisa, começou a surgir a AIDS, primeiro era lá na Europa, nos Estados Unidos... em São Francisco, comunidade gay, aquela coisa era distante, depois... foi afunilando, afunilando e de repente você vê amigos da gente morrer de droga, de... de... de overdose, de... de... é... de HIV... enfim... Igual, nessa ocasião onde... quando começou a AIDS eu realmente fiquei apavorada, porque, como eu já tinha sido

usuária... eu achei que eu pudesse estar... contaminada, enfim...

39. Sim.

40. Mas eu me salvei aí por uma... por um desses acasos da vida... né? Então essa coisa aí é uma coisa realmente... Comecei a entrar nesse negócio porque a... era a... era aquela geração do paz e amor, então é um fuminho aqui, uma coisinha ali, ficava todo mundo viajando, tocava um som... aquela coisa. E daí... da... da maconha passou para outra, para outra e para outra, e aquela foi... aquela coisa foi num crescendo...

41. Hum-hum...

42. E culminou, quando eu fui para a Europa, quando eu... cheguei na Europa eu não tomei... heroína injetável... felizmente, né? Foi assim... cheirei heroína algumas vezes, tomei LSD, eu tomei tudo que tinha na época, tudo, tudo, tudo!... Depois, quando eu voltei para o Brasil fui morar em Campinas [apontando para mim]...

43. Ah!

44. ... que é um lugar... terrível!... Campinas, então, as pessoas que eu... era uma... coisa horrível, era uma coisa, só, era só isso, o tempo todo... era droga o tempo todo... Então, é... você que é

psiquiatra vai dizer melhor do que eu. Talvez o fato de ter visto lá na... na sua coisa, na sua tese, a sua... o seu estudo era da Unicamp, essa coisa teve uma... bateu uma ligação em mim, né?... E é isso...

45. *Hum-hum...*

46. ...não sei se eu te respondi... o que você queria

47. *Está bem... Está muito bom... É... e hoje?... Você que tem uma filha de... de treze anos, né? Por quê que os jovens, hoje, começam a usar droga, na sua opinião?*

48. Pois é, eu não sei, é uma pergunta que eu me faço assim... eu não consigo muito... é... falar assim... o quê que eu acho, porque começam a vir informações várias, então... E você começa... a intelectualizar aquilo, racionalizar, então eu não sei se é uma opinião minha...

49. *Hum-hum...*

50. ...ou se são coisas que de tanto eu... eu ouvir... é... me influenciaram de certa maneira, ou se eu estou repetindo, não sei. Mas eu vejo assim... é... Essa coisa de desestruturação familiar eu acho que tem a ver... né? Eu acho que tem a ver também essa coisa de... de consumo. Consumo que

eu digo assim... consumo no imediato, eu quero isso agora, eu quero ser feliz agora, eu quero estar... sabe? Eu quero meu vídeo... meu DVD, eu quero o meu não sei... Eu quero, quero!... Quero tudo... né? Então, é... estimulado pelo consumo de outras coisas, de bens, mesmo, materiais... a pessoa, é... a criança, enfim, sei lá, ela começa a ter aquela... aquela ansiedade por consumir, por ter o prazer de... de... de...de posse, ou de... experi... experimentar... É, o fulano tem o... o videogame não sei quê, eu quero o videogame agora, eu quero ter isso, eu quero ter esse prazer. Então... e você... e vejo que as coisas, como são muito rápidas... né? Ela não tem discernimento para saber... é... Ele não tem o discernimento e ele não tem... não tem a paciência para ficar esperando as coisas... né? Ela tem... ela tem uma... uma necessidade imediata, né, que ela precisa... satisfazer de alguma forma...

51. *Hum-hum...*

52. Então acho que tem a ver isso, tem a ver essa coisa...

53. *[interrompendo-a] E como que isso... é... poderia... ter a*

***ver com... o uso de drogas ou
a procura pela droga?***

54. Porque justamente, ela quer o prazer, ela quer... o... ela... da mesma forma como ela quer ter o prazer do videogame ali, aquela coisa rápida, se alguém falar: “Ah, isso aqui vai dar um... negócio legal, não sei o quê... Ah, então está bom” , entendeu? É uma coisa... de você querer as coisas rapidamente, e se... As pessoas mesmo, não precisa nem ser droga, quer dizer, é droga, mas não nesses termos. Por exemplo: “Vamos resolver os problemas. Ah, então está com... está depressiva? Ah, toma Prozac.” Aquela coisa... imediata, eu quero resolver... a minha situação... de forma rápida. E se para isso, se eu para sair da depressão, eu tomo um Prozac, para quê que eu vou fazer anos de análise, para quê que eu vou... é... me... sabe? Para quê que eu vou ficar sofrendo aqui? E... eu acho que... o... a droga é a mesma coisa, sabe...? Se me dá um prazer imediato, eu vou fazer agora, eu quero agora! Não quero esperar para ter prazeres intelectuais, ou prazeres... emocionais... Eu quero uma coisa que me satisfaça já!... Eu vejo um pouco por aí.

55. Hum-hum...

56. Posso estar errada, mas não sei, entendeu? Mas eu acho que deve ter várias coisas, né? Deve ter...

57. Sim, você ia mencionando outras quando eu te interrompi...

58. É... Não, é... porque eu realmente não consigo assim... é... é... pontuar exatamente o quê que eu ... o que poderia ser, né? Eu vejo isso, eu vejo essa coisa de desestruturação... familiar, eu acho super importante, pais distantes, pais... ausentes...

59. Hum...

60. É... né? As pessoas que também... também estão nessa vida, porque... A minha vida é muito louca, só faço correr o dia inteiro, corro, corro, corro, corro, corro, corro... Me sinto super culpada... porque... desde que minha filha nasceu eu nunca fiquei com ela, né? Ela foi para a creche com cinco meses, eu tinha... Eu não morava aqui em Londrina, eu morava em [*menciona a capital de outro Estado brasileiro*]... e eu não tinha com quem deixar, eu trabalhava... numa... trabalho muito bom, muito... importante, e eu... então aquela coisa, sabe? Você vai... deixando, você vai... é... eu tive que lutar muito com... com

os meus... demônios, os meus fantasmas, para... não deixar que essa culpa tomasse conta de mim, né? É... tentando compensar de outras formas, como... estar com ela, na hora que eu estivesse estar completa, estar presente mesmo... Mas a gente, como mãe é sempre culpada, a gente... carrega culpa desde que... fica grávida já está... cheia de culpa... Então é... é... essa coisa de... Eu acho que... que ... com todos os meus problemas, e com todas as minhas... inseguranças, e com meus medos, enfim, eu até... Eu considero que eu tenho uma filha maravilhosa, não é porque, essa coisa de mãe coruja não, porque eu sou muito crítica... Aliás eu sou muito... mais do que eu deveria, não só com os outros, como comigo mesma... E ela é uma... ela... ela é uma criança adorável.

61. Hum...

62. Adorável... Independente, inteligente, muito alegre, muito cheia de vida, eu acho... Quando eu olho e vejo as pessoas elogiando e as coisas que ela recebe, que eu vejo o feedback das outras pessoas, eu falo: “Bom...tudo bem, tem muito da personalidade dela aí, da... da essência dela. Mas algum mérito

eu devo ter nisso aqui, porque não é possível, entendeu?” [rindo, eu também rio]... Algum mérito, olha, hei de ter! Porque não... sabe, ninguém... também não é do nada que você... né?

63. Hum-hum...

64. Então é isso, eu acho que essa coisa... é... Procurei fazer um... embora eu ache que eu sobrecarregue demais ela, responsabilidade e coisa, aquela coisa de filho único mesmo, né?

65. Hum-hum.

66. O pediatra dela inclusive lá no Sudeste brincava comigo falando: “Você é a mãe de filho único que trata o filho como terceiro”

67. Como?

68. Como terceiro filho... Porque eu sempre dei muita... tive que dar, né...? É... ela é muito independente. Ela teve que... que ser muito independente porque eu tive que ir... fazendo ela fazer as coisas sozinha...

69. Hum-hum...

70. Sozinha. E eu vejo isso, eu vejo essa coisa do consumo, eu vejo essa coisa da estrutura familiar, eu vejo essa... coisa de ausência... ausência de... Vejo que não existe também muita, embora as coisas sejam muito alardeadas, existe muita desinformação.

71. *Hum...*

72. Né?

73. *Desinformação?*

74. Desinformação. E não sei, não sei que outros motivos levam um adolescente a... tomar droga. Essa coisa de amigo, de querer experimentar, do novo, da independência, de querer mostrar que... eu posso.. Porque a gente quando é... adolescente, ou quando a gente é jovem, a gente é onipotente... a... acontece com todo mundo, comigo não vai acontecer... né? Essa onipotência que é própria da...desse temor juvenil... Eu acho que isso daí é uma coisa que contribui mesmo, porque você... é aquela coisa, eu dirijo, “ai eu tomei... três uísques mas eu estou ótima para dirigir”. A gente vê isso até na... na... na minha geração!

75. *Hum-hum...*

76. Não é? Então achar que, “acontece com os outros, comigo não vai acontecer”, então, essa coisa é um... é um fator que leva...

77. *Hum-hum...*

78. E eu acho que é um desencanto, mesmo, porque a... a sociedade está muito... a gente está muito desencantada com a sociedade, né? A sociedade é muito... você vê... tantas coisas ruins

acontecendo, claro que... a mídia... e... e os meios de comunicação, as coisas todas, facilitaram a gente ver coisas que a gente não via... há... há... há vinte e cinco anos atrás... né? Então você vê essas... esses desmandos políticos, você vê essa pobreza, você vê essa miséria... Quer dizer, de repente você vê essa falta de perspectiva de trabalho, minha filha, por exemplo... Estou vivendo... uma situação terrível, meu marido está desempregado, há bastante tempo, coisa horrorosa... que eu não gostaria que ela participasse, mas ela participa...

79. *Hum-hum...*

80....não tem jeito de... de esconder dela... né? Então essa falta de perspectiva também de trabalho, você ter alguma coisa que você olha lá na frente e fala: “Eu quero ser isso... Eu quero fazer aquilo”... Né? Isso eu acho que é uma coisa... que pesa bastante... você ah, tanto faz, não vou conseguir mesmo, então... deixa para lá...

81. *Os adolescentes de certa forma estão vivendo isso...*

82. Ven... Vêem isso, eu acho que vêem, vêem isso muito próximo... Toda hora, você liga a televisão, o jornal, que tem o desemprego,

não sei o quê... Aí... o pai está desempregado...

83. *Hum-hum...*

84. O cara fala: “Ah, se ele está, é porque eu também vou estar, aí... que futuro eu ...?” Quer dizer, você não tem... aquela... perspectiva de um... uma coisa objetiva, “não, eu quero ser isso, eu vou... vou estudar para ser aquilo, ou eu vou trabalhar em tal coisa...”

85. *Hum-hum...*

86. E aí você, desencantado, você vai procurar outros... outros caminhos, porque aquele ali, aquele formal, aquele ali está muito... frouxo, está fraco, não tem... o quê que eu vou fazer? Principalmente nas classes mais desassistidas, então... essa coisa eu acho bate mais ainda... Eu acho que motivos tem vários, inúmeros, e tem, além de tudo tem os pessoais, né?

87. *Hum-hum...*

88. Porque tem [incompreensível] a predisposição das pessoas, assim, eu acho que... é... eu vejo por exemplo a minha irmã... Minha irmã... é alcoólatra. Ela começou tomando... heroína, depois ela passou para codeína... e depois falava que não podia mais ser codeína... ela começou a beber... e

é uma pessoa alcoólatra, né...? Agora faz, inclusive está saindo de um tratamento aí... Mas não dá nem para falar, porque o alcoólatra é aquela coisa, né, o resto da vida vai ter aquele... E... e por conta da...dessa... dessa... dessa coisa dela, a gente toma conhecimento, que a pessoa... É uma doença, como... outra qualquer... e que a pessoa tem uma predisposição para aquilo... para aquela coisa... Então... é... no meu mo... no... no caso das drogas, eu acho também tem... tem... tem uma coisa lá de... E daí eu já não sei explicar, porque daí seria uma parte médica... Se é uma coisa realmente uma... uma predisposição... da pessoa, né? Ou se é uma coisa adquirida, ainda, eu não sei...

89. *Hum-hum...*

90. Eu não... Mas tem pessoas que... Por exemplo, eu entrei e saí... como eu conheço gente, amigas e amigos meus que entraram e saíram... e tem gente que não saiu nunca mais...

91. *Hum-hum... E é grave o problema na sua opinião, então...*

92. Gravíssimo.

93. *Por quê?*

94. Gravíssimo porque eu acho que ele... ele... corrói... todo o resto. Não é? Ele corrói primeiro... Eu acho que ele corrói... o amor próprio... né? Depois ele começa... aquelas coisas todas que circundam... não é? As relações já não têm valor... as relações afetivas... Tudo perde a importância perto daquele prazer maior. Então... E daí, pô, por quê você vai trabalhar, para que você vai ralar, que nem um louco, para conseguir pagar as contas no final do mês, sabe? Eu vejo isso com a minha irmã, por exemplo. Minha irmã faz... ela fez cinquenta anos... Bom, ela não tem... Ela não tem vontade de trabalhar, ela não tem vontade... ela não tem objetivo, ela não tem nada! Então ela não tem filhos, ela não trabalha, ela não... e... e... e vira vítima! E daí vira sempre vítima. E eu acho também que essa coisa... de tratar o drogado como... apenas a vítima, eu acho que é uma coisa que não leva a nada... sabe? Eu acho que... tudo bem, você vai ter que dar condições dele tratar... acho a recuperação super difícil, acho... quase que impossível, dependendo do estágio que a pessoa está, do... do tanto de droga que ela toma, do... qual

droga ela toma... né? Eu acho... praticamente impossível. Eu vejo... eu tenho amigas... eu tenho duas amigas na Europa... morreram...

95. *Morreram como?*

96. De.. de droga. De heroína... né? Se trataram, ficaram anos tratando, aí voltaram, ficaram não sei mais... não sei quanto tempo, um ano sem tomar droga, de repente voltou e... puf! Entendeu?... Então eu... ela... ela destrói, quer dizer, que sociedade a gente vai construir? Que... que país a gente vai construir? Que... que relações humanas você vai construir, se não... nada tem importância?

97. *Hum-hum...*

98. Eu acredito, eu acredito nos... Eu acredito nos valores, eu acredito na... Sabe, de que você... que você tenha... um objetivo, que você vá em bus... busca desse objetivo... e se sinta minimamente realizado como pessoa. Se você não tem nada... não tem objetivo, para quê...? E aí você começa a delegar... né? Aí as outras pessoas começam a ter que ser responsável por você, como é o caso... na minha casa.

99. *Na sua?*

100. Na minha casa...

101. *Hum...*

102. Na minha casa que eu digo é... nesse problema com a minha irmã. A... pessoa drogada, um alcoólatra, enfim... ela é um... passa a ser uma criança que tem todas as... todas as... os direitos, e não tem deveres...

103. Hum...

104. Não tem deveres... Então... Sabe, por conta daquela coisa... ela fica ali... Sabe, se você aceita... Eu não estou dizendo que não deva aceitar, que não deva ajudar, que não deva... Eu, melhor do que ninguém eu posso dizer isso, por... Eu tentei todas as coisas com a minha irmã, eu tentei tudo, desde aquela mãe... aquela coisa maternal de passar a mão na cabeça, vem cá, vem cá, eu te ajudo, vamos lá... até dar porrada, até ficar de saco cheio, de não querer saber, indiferente, deixar seis meses que eu não olho para a cara dela, falar: “Ah, quer se matar se mate! Vou fazer mais nada!” depois você volta, e tenta de novo... Então, eu não tenho uma opinião formada de como lidar com esse problema, só que eu acho que, por exemplo, as autoridades de saúde, eu acho que isso está virando um... um problema de saúde pública... é um problema de saúde pública...

105. Hum-hum...

106. ... e que as pessoas, quer dizer, as autoridades, enfim, quem está em... quem tem... poder de decisão e que é... cabeça pensante, está tratando... externamente o problema, externamente... Aí, ó... prende o traficante, e o usuário... é um coitadinho. Não, se não tiver demanda não tem oferta... Eu sou do mercado, então... Se você... Pô, eu vou para o Sudeste, milhares de amigos meus, perto... Gente boa, não pense que é gente de morro, não, de favela, não, é gente boa! Não vou dizer que são... milionários... deve ser a mesma coisa. É classe média, classe média alta, e tal... “Ah! Vamos buscar... o fumo, vamos... vamos pegar o pó porque vai ter festa...”

107. Hum-hum...

108. E depois reclama da violência, do armadão, do... do cara que assalta o... Então se você... continuar tratando a coisa dessa forma, eu não vejo futuro nesse troço. Não vejo, eu acho que... sem dúvida, tem que ajudar, tem que dar força, tem que... que nem, quem está nesse... negócio, tem que ser... ajudado, gostaria que tivesse mais condições, eu vi

agora, quando conseguimos... algum lugar para minha irmã... se tratar, é uma coisa terrível, primeiro porque é mulher... Segundo, porque está numa faixa de idade, que não tem, ninguém quer aceitar... porque, para quê investir numa pessoa de cinquenta anos se eu posso investir numa de vinte? Essa de vinte, tem uma vida inteira pela frente, a de cinquenta... já está mais para lá do que para cá, entendeu, então... não digo que seja uma coisa... consciente, mas é... é por aí.

109. Hum-hum...

110. Contra a mulher existe um preconceito maior ainda, porque um homem... alcoólatra ainda é aceito, uma mulher alcoólatra... é...é a ralé... né? Então... Eu procurei várias entidades para ajudar, e tal... Então eu acho que... a condução disso aí é uma coisa meio... Não estou aqui para dar lição de moral, não, eu também, eu não estou, não é... entendeu? É como eu vejo, eu vejo difícil, eu vejo complicado... Não sei dar a solução, mas eu vejo que só assim... a coisa não... não funciona...

111. Hum-hum...

112. Né? E não é também falar: “Não, agora é pau no drogado e...” “Não, não é isso... é uma coisa... é... que deveria ser mais... ter mais repressão... ter mais repressão. Não é fazer leis para... traficantes, e o drogado, “coitadinho, ele é usuário, ah” ... Sabe?

113. Hum-hum...

114. É... também não sei se repressão adianta, também não... não... não sei. Não sei, sei que... Eu considero um problema sério, considero que se você não tem... demanda, você... a oferta... não tem razão de existir... Se você tem... se o.. lá, o classe média alta da zona sul compra do favelado lá... o pó dele... ele está... estimulando essa... esse mercado aí.

115. Hum...

116. Né? “Ah, tá bom, é só para uma festa”... Não interessa! Está estimulando um mercado...

117. E... como reduzir essa demanda que você fala então? Como...

118. Pois é, isso que eu...

119. ... deveriam fazer?

120. Pois é, é isso que eu estou te falando, eu não sei exatamente como, eu acho que... eu acho que não pode também você só passar a mão na cabeça da pessoa que

consome: “Ah, não, ele é usuário, então... sabe, a coisa...” Agora, com isso daí também, também... Eu estou falando um monte de besteira, porque... isso daí é... é... é uma coisa que é de uma estrutura toda, né? É... você precisaria ter coisas mais... uma coisa mais repressiva... [incompreensível]. Mas eu só sei que... abrir também não... ou deixar para lá também não... não ajuda em nada. Você vê nesses países onde a droga é permitida, como na Holanda, etc... é... Não diminuiu em nada, né? Não diminui em nada... Então eu não sei, nem... é... você liberar... não resolve, você reprimir... não resolve, então... Não sei, acho que a coisa... é... é uma... uma coisa tão mais ampla que... quem sou eu para te dizer o que...

121. Hum-hum...

122. Né?

123. Tá. Quando eu te perguntei, não sei se... é... na tua preocupação como mãe, a tua filha, a gente estava falando dos adolescentes em geral... Fiquei imaginando os adolescentes que estão aí numa... com tanta oferta de droga, acho que... é... talvez

não tenham entrado ainda pelo caminho, né?

124. Certo.

125. Como se poderia...?

126. Olha, eu não sei, eu adoto uma... uma coisa, por exemplo, com a minha filha, eu adoto uma...

127. Isso, como que...?

128. Eu adoto uma... um sistema assim que não... intuitivo apenas, tá? Não tem nada de... base em nada. Desde pequenininha... desde pequenininha... é... aparecia um... um negócio na televisão de droga, eu... Eu podia nem falar, eu fazia... uma careta [faz uma careta depreciativa, de asco]... Aquela coisa... pode até não ser, mas eu fazia uma careta de... “Hum... Ai, que horror!” [repete a careta], entendeu...? Para não ficar dando lição de moral o tempo todo, mas... Aquela coisa que quando a criança é pequena, ela... é muito importante a... atitude do pai e da mãe, o ... o gestual, o... né, o... o humor... enfim, as coisas todas que... porque não... quando a criança é pequenininha, pai e mãe são os ídolos, não é? Então aquelas coisas que... Agora, nessa fase de idade, da... da adolescência, pode não ser mais... né? Os amigos vão

ser importantes, o namorado, enfim... Então eu adotava sempre esse critério assim, “Hum, hum, hum” [*repetindo a careta*], ficar fazendo careta quando... surgia alguma coisa de droga. Depois eu comecei a falar: “Hum, minha filha, esse negócio aí é uma coisa terrível, não sei o quê”. Depois eu comecei a mostrar: “Olha a sua tia. Olha como é que está. Tá vendo? Ó, não se arruma, não quer sair, não ajuda... você acha isso legal?” ... “Não, mãe, Deus me livre!”... Então, meu negócio é meio... barra pesada mesmo, entendeu?

129. Hum-hum...

130. Depois...

131. Pelo jeito você aborda... abertamente...

132. Completamente.

Completamente. Sabe? É... De vez em quando pergunto: “Como é que está, filha? Alguém fala lá do negócio... de um fuminho, não sei o que?”

133. Você toma a iniciativa...

134. Eu tomo...

135. ...de perguntar?

136. Eu tomo... eu tomo... É... “Você quer ver como é que é? Você quer ver?”; “ Não, não quero ver”; “Então tá bom. Mas fica esperta, e... Fica esperta... porque vão te

oferecer... e vão te dizer que é bom. E agora, você está acreditando em mim porque eu sou legal, porque eu sou sua mãe, porque ele é teu pai, porque nós estamos dizendo... Mas na hora...”

137. [*interrompendo*] O pai participa dessas conversas?

138. Participa.

139. Tá.

140. É... “Mas a hora que chegar um namoradinho que você está apaixonada, e vai falar para você que é bom, você vai acreditar mais nele que em mim. Então... Fica esperta!”

141. Hum-hum...

142. Não sei fazer... Dr. Marcelo, não sei... Entendeu? [*rindo*] Então, qual é o jeito que eu faço? É o jeito que eu sei, eu acho... a coisa... me... me bate do jeito que vem!

143. E como você percebe que ela reage?

144. Ela... ela... eu não sei... assim, como você diz, a... a reação dela... ela sempre concorda comigo: “É, isso mesmo, você está certa...”

145. Hum-hum... Isso...

146. Ela sempre está concordando comigo, aí eu... eu chamo, que tem uma matéria... sobre droga “Ó, vem ver! Ó... olha aí, ó! Tá vendo, como é que é? Não

adianta... achar que é bonitinho não porque olha aí, ó... é assim, ó, vai pra cana... vai ficar doente, vai pegar HIV... vai... Tem tudo! Tem todo o problema... e vai ficar uma pessoa... Vai estragar a vida! Vai jogar no lixo! Você não gosta de viver? Você não é uma pessoa cheia de alegria, de vida, de... Faz teatro, é... toda... toda aberta? Então... fica esperta, porque... Essa alegria toda que você tem, você pode ter em um minuto de droga, no dia seguinte você está um lixo na cama, não quer saber de nada, depressiva. Então é... você... você vai escolher, ou você quer ser sempre feliz com as suas coisas normais, ou você quer ser feliz num minuto e o resto do tempo ruim. Aí você... vai escolher o quê que você acha melhor para você...” Entendeu?

147. *Você já notou se ela toma a iniciativa também de perguntar, ou de puxar o assunto?*

148. Toma... Toma... Toma, pergunta, como ela... Lá é casa é... é... eu não sei se... Eu só acho até que é demais, mas a gente é... é aberto realmente com tudo, é sexo, é... “Como é que é?” Pergunta... pergunta, eu respondo, é assim, não é assim, é

assado, não é assado... “Mamãe, e não sei o quê?” Faz as perguntas mais esdrúxulas do mundo que... eu, que sempre considerei... falo que... é... Me considero uma pessoa... bastante aberta, às vezes eu... embasbaco assim com... com a pergunta, não porque eu fique constrangida, mas porque... realmente eu não... não... não parei para pensar... daquela forma, e daí me pega e: “Olha, filha, falar a verdade, esse negócio daí... não sei direito, eu vou ter que pensar, eu vou ter que estudar, vou ter que ler, [incompreensível], esse negócio daí eu não estou sabendo te dizer não...” Entendeu? Então ela pergunta, ela pergunta sobre sexo, ela pergunta sobre droga... Droga até ela não pergunta muito não porque... acho que a gente massacrou ela tanto com esse troço, quer dizer... e deu exemplo tão próximo, assim, coisas tão... que ela... eu acho que ela já está... saturada!

149. *Hum-hum...*

150. Não sei se é bom, se é ruim, mas enfim, é aquela velha história... A gente pode até errar, mas errar.... Pai e mãe estão sempre errando! Não tem jeito... Mas errar...

acreditando que está... tá fazendo certo...

151. *Hum-hum...*

152. Né... minimamente, com... com a inteligência que eu tenho, com a experiência que eu tenho...

153. *E o teu marido teve essa experiência também?*

154. Não... Muito pelo contrário, ele é uma pessoa totalmente... Nunca nem se aproximou disso...

155. *Hum-hum...*

156. Né? Então... mas ele conversa com ela abertamente sobre isso também, ela pergunta...

157. *Que fontes de informação você percebe que ela tem, ou que a família tem?*

158. Fontes de informação?

159. *Sobre drogas.*

160. Sobre drogas?

161. *O quê que faz o assunto vir à tona, ou quando surge uma dúvida...*

162. Eu acho que é sempre assim... é... Bom, primeiro... é... eu acho que é a minha paranóia, né? Então eu estou sempre... ligada, né... Estou sempre ligada... Se aparece uma... uma notícia na televisão, é comentado, se abre uma revista e tiver o assunto é comentado... se... Ah, outro dia ela: “Ô mãe, o quê que é

Ecstasy?“, que ela viu... uma manchete... “Ah, minha filha, isso aí é uma droga terrível, não sei...” [fim da frase incompreensível rindo, eu rio também] É... E aí eu vou tentar, e vou explicar, e *tatatá, tatatá*. Então a fonte de informação basicamente é a televisão... a... a... jornais, enfim, as revistas, essas coisas... eventualmente conversas com os amigos que às vezes aparece, também... e ela participa, ela está sabendo... E essa experiência de casa, né? Porque... isso daí é uma coisa que... não tem jeito, tá ali do lado... é uma fonte de informação também... [rindo]

163. *Muito... Hum-hum... Você... já levou algum susto com a sua filha, chegou a ficar mais preocupada?*

164. Não... Não... Ainda não... espero não... ter... tomado [incompreensível]. E também é uma preocupação nossa, e não só minha, como do pai também... porque... é... A mãe dele, a mãe dele... a minha sogra... é atriz... É atriz de teatro, trabalhou a vida inteira no teatro, televisão, parará, parará. E a minha filha agora, há dois anos, está assim... parece que é uma coisa que está no sangue... Então entrou para a

escola de teatro... está... apaixonada, apaixonada, agora veio me falar em Édipo Rei. Meu Deus, eu nunca imaginei que a minha filha de... treze anos, ia estar ensaiando tragédia grega... aos treze anos! Então... Existe essa preocupação, por causa do próprio meio do teatro, que a gente já... tem a preocupação porque viemos do Sudeste, lá, a minha sogra falava muito dessa coisa toda, né? De quem tomava droga, quem não tomava droga, dentro da televisão, dentro do teatro... né? Então é uma coisa que a gente sabe que é um meio... é um meio... é... não sei se atualmente pior que os outros, ela... [rindo] você vê dentro da escola, então qualquer meio é meio, né? Mas como as pessoas são mais... cabeça mais... aberta, sei lá, não sei se é bem essa a palavra... Mas é um meio mais... propício, que as coisas aconteçam com maior naturalidade, que [incompreensível] tudo bem...

165. Hum-hum...

166. Então... o pai... também tem muita preocupação com isso, né?... E a gente... óbvio, tenta... direcionar aí algumas coisas, né, ela é... Ela é uma pessoa... ela é uma criança bastante...

intelectualizada, e tal, aliás, até com dificuldade de relacionamento em função... de... Eu às vezes fico me recriminando a mim e ao meu marido... porque... a gente fica... Eu fico achando que a gente sem querer elitiza ela muito... né? Então as amigas gostam do “Bonde do Tigrão” e ela gosta de... ah, sei lá... “Les Misérables”, entendeu?

167. Hum-hum...

168. Então... Um gosta do... do... “Tchan”, ela gosta de ouvir, sei lá... Jazz... Então... a gente... Mas também não tem como você chegar e falar assim: “Eu não gosto de música sertaneja, minha filha, ó... [incompreensível] Olha aqui os discos de seu pai, olha que beleza...” Aí ela vai lá, pega os discos dele...

169. Hum-hum...

170. Então a gente até... cria uma... uma... uma chateação assim, entre eu e ele já conversamos muito sobre isso, mas também não tem como você... é... chegar e falar: “Não, eu não gosto de nada disso”. Quando ela eventualmente gosta de alguma coisa, eu também não vou... picar aquilo lá, “Ah, isso é uma droga!” Às vezes até faço... Eu andei... “Ah, minha filha você... pelo amor de Deus! Pelo

amor de Deus! Esse negócio desse pagode realmente não vai dar, entendeu? [*rindo*] Ah, vamos escutar uma outra coisa aí, vamos... vamos ouvir uma Adriana Calcanhoto, um Chico Buarque, vamos... escutar uma coisa melhor aí, uma música melhor” E sem querer você vai fazendo, mas acho que isso daí [*rindo*]... não tem como você... você... Aí pego uma... uma... uma coisa num jornal, numa revista, ou num livro... e aí mostro para ela, e aí ela lê, ela se interessa... (...)

171. Hum-hum...

172. Quê que eu vou fazer...? Ela às vezes fica... fica mesmo sem amigas, porque as amigas acham ela uma chata!

173. As amigas acham ela uma chata?

174. É, aí... não é que é assim... Não estou generalizando. Mas assim, ela tem muito poucas amigas... Porque justamente as meninas... ela é... Primeiro, ela é muito infantil... ela brinca de Lego... Embora ela seja grande... ela... ela não menstruou ainda...

175. Hum!

176. Ela tem treze anos mas ainda não menstruou. Então ela gosta de brincar... ela gosta de brincar!

Né? E as amigas preferem ir para shopping, querem roupinha, querem ficar... e querem não sei, e ela... aquela coisa... ela não... Não sei se é porque ela... aí que está... Não sei... se é porque eu estou intelectualizando, ou se... elitizando... ou se é porque realmente ela ainda está numa fase... mais atrasada que as outras. Não sei... espero que seja isso, né? Não quero também ficar encucando com esse troço aí.

177. Hum-hum...

178. Né? Ela é meio... ela é meio infantilzona... Embora seja assim... é... inteligente, e tal, e... bastante... perspicaz, e tal... Gosta de artes, e tal, faz... escola de teatro, faz... escola de artes, né?... Gosta muito de inglês, [*incompreensível*]... Também pode ser uma fase, que ela ainda está mais atrasada que as outras...

179. Hum-hum...

180. Então ela não tem os mesmos interesses que as outras.

181. Isso te preocupa?

182. Me preocupa. Me preocupa. Me preocupa até porque, por exemplo, é... ela é uma ... uma criança cordata demais para o meu gosto... Eu gostaria que ela... de repente fosse mais...

183. Mais...?

184. É... Gostaria que ela fosse um pouco mais, assim... exigente.

185. Hum...

186. Né? Eu não se aquela coisa de síndrome de [incompreensível] também, que tem medo de... de desagradar as outras pessoas, com medo de ficar sozinha... Então ela é cordata...

187. Hum-hum...

188. Muito cordata. Sabe? E às vezes ela [interrupção pelo fim da fita]

189. Pode continuar falando...

190. Com dois pais assim muito... eu considero que eu e ele somos assim bastante fortes... né? Eu não quero de forma alguma anular as coisas dela... né? De certa forma, essas dificuldades financeiras, por exemplo, então, ela não diz o quê que ela quer... Entendeu? Eu gostaria que ela falasse: “Mamãe, eu quero um... sapato, eu quero um tênis, eu quero uma mochila”. Ela não fala, ela não pede... né?

191. Hum...

192. Então isso me preocupa realmente... Porque você não pode estar... fazendo concessões o tempo todo. Né...? Então, é... Embora que agora eu acho que ela já está começando a... a se impor um pouco mais...

193. Hum-hum...

194. Enfim, é... é isso aí. (...)

195. E... me fala um pouquinho mais disso que você começou a mencionar... outros aspectos da convivência familiar, da educação da filha... Você mencionou, por exemplo, que ela não pede dinheiro, ela não pede...

196. É...

197. ... as coisas... como que... vocês lidam com... os aspectos educativos em geral?

198. Olha, é... assim, a gente tem... é como eu disse para você... Eu tenho, assim... Nós temos uma relação muito aberta, os três... é... ela tem... uma espécie... ela tem adoração pelo pai, né? O pai faz todas as vontades dela... Todas as vontades, entre aspas. Não é materiais... Não são coisas materiais porque realmente a gente não tem... Desde que veio para Londrina, aqui foi uma coisa terrível, nossa vida mudou... totalmente, financeiramente foi um desastre, nós... Fizemos uma besteira de ter vindo para cá. E... então ela tem muita... ela tem muita... ligação com o pai, né?... Agora, ela convive mais comigo, porque ele está constantemente viajando. Ela fica muito comigo.

199. *Ele trabalha fora?*

200. É... trabalha fora. E... as poucas vezes que ele ficou em casa, é porque ele estava desempregado, então, foi a... Enfim. É... e a gente atento pra essas coisas, assim, as coisas que ela fala, as coisas que ela faz a gente valoriza, ela escreveu um livro agora, a professora de Português dela resolveu mandar para uma editora aí para ver se aceita... Então a gente... incentiva, é que... dentro do possível a gente dá... O que a gente considera de.. de bom em termos de educação, em termos de livros, em termos de música, em termos de... de... de convivência familiar mesmo, tanto é que ela é uma pessoa, é uma criança extremamente caseira, às vezes ela deixa de fazer uma coisa ela quer ficar em casa com a gente... né?

201. *Hum-hum...*

202. Eu sei que eu não posso me iludir com isso porque é uma coisa... passageira, né?

203. *Hum-hum...*

204. Mas... aquela velha história, enquanto dura a vida é doce, né? [rindo]. Sabe, “você não vai combinar com as suas amigas para ir ao cinema?” ; “Ah, não... eu quero ficar com vocês...” ; “Ah,

meu pai chegou de viagem, eu não vou sair, não”. Então ela ainda tem essa coisa assim... Então a gente é bastante atento ao que ela fala... né? A gente, claro, mima um pouco, porque... Não tem jeito, filha única de pais velhos... Né? Então... Eu às vezes sou muito durona... Eu sou a chata. Eu sou a durona, o pai é mole, e tal. Mas eu também sou... faço concessões, assim de coisas... ela é extremamente bagunceira, uma coisa horrorosa, desde que nasceu... e dispersiva também, começa uma coisa... é difícil. E é engraçado, ela é dispersiva para as coisas... em geral, assim, mas não é na escola, eu não interfiro em absolutamente nada, eu nunca cheguei para ela e “vamos fazer a tarefa”. Ela é responsável. Ela sabe o que ela tem que fazer, o horário que ela tem que ir, ela... Eu nun... Eu sou completamente omissa, eu delego essas coisas, eu não... Claro, ela já sabe, o que ela tem dificuldade em português e inglês, ela vem pra mim. Ela tem dificuldade em matemática, ela vai pro pai, o pai... destrincha aquele troço todo com ela. Mas é por... dificuldades eventuais,”eu vou fazer uma prova, ah, papai, isso aqui eu não estou entendendo

direito... ô, mamãe, eu não estou entendendo aqui a... oração subordinada”.

205. *Está indo bem na escola?*

206. Quase a primeira da classe, ela traz um diplominha de honra ao mérito todo... todo bimestre. Para você ter uma idéia, o ano passado ela teve...

207. *Ela está em que série?*

208. Oitava... No ano passado, ela... a menor... média do ano, média anual, quatro bimestres. A menor nota dela foi oito vírgula dois, o resto foi tudo acima de nove.

209. *Puxa...*

210. E se eu falar para você que eu tenho algum mérito nesse troço... é... porque... Eu não paro, eu... o que eu faço de mais... [incompreensível] “Você já fez a tarefa? Tem tarefa? Tem? Não tem...” Também não vou checar se tem, ou não fez... Não vou, porque ela é super responsável.

211. *Hum-hum...*

212. Então...

213. *Parece que não dá muito trabalho a você...*

214. Não, não dá, não dá em absoluto, não dá mesmo. Aliás, pelo contrário, é um prazer. É companheira, é amiga, é muito alegre, compensa um lado meu meio deprê que eu tenho... Então

ela... ela... E eu chamo de Poliana, porque ela pega aquele troço ruim... chuf! [faz gesto, girando a mão fechada no ar]

215. *Hum-hum...*

216. Aí ela... ela... tem essa loucura pelo pai, daí ela vira para mim e fala assim: “Mamãe, sabe? Pensando bem, esse negócio do papai não ter vindo neste fim de semana até foi bom porque [inaudível]” Eu falo: “Ê, mas você é a Poliana mesmo, né? Realmente é a Poliana!”

217. *[rio]*

218. Ela tem aquela capacidade, não sei se isso se deve... o negócio... o sangue de teatro, já que está dentro dela... [incompreensível] pegar aquela coisa ruim... e... e falar assim: “Não, mamãe, podia...” sabe? Ver, ela vê de outro jeito, ela tem essa capacidade de olhar o outro lado, que eu não tenho, eu não tenho humor para isso... Ela tem essa coisa...

219. *Hum-hum...*

220. E que eu... dou o maior valor, porque, sei lá, se ajudar ela a viver, melhor, melhor que essa... deprê.

221. *Hum-hum...*

222. E é isso aí, não sei te dizer muito dos aspectos educacionais, essa coisa toda, é... Eu tento... Ela não

é vaidosa, então às vezes eu fico:
“Ó, minha filha, você tem que se arrumar, tem que ficar bonitinha, não é porque você é uma... uma menina que gosta de livros, e que gosta de... de teatro, não sei o quê, que você tem que se abandonar! Você tem que gostar de você, você tem que ser bonita, você tem que escovar o cabelo, deixar esses dentes bonitos, o...o aparelho, enfim, fica naquela...”

223. Hum-hum...

224. Né? Nessa coisa de... de... de valorizar esse lado também... Pra não valorizar só as coisas intelectuais, assim, né...

225. Hum-hum...

226. “Ó... essa roupa está feia, vamos botar uma outra roupa mais bonita, você tem roupa mais bonitinha, bota ao menos uma roupa...” Então... Eu acho que assim, nós somos... Podemos até errar, mas nós somos pais bem atentos... né? Bem atentos assim para... Por exemplo, o que ela pensa, [*incompreensível*], essas coisas que ela acha... essas coisas que ela faz...

227. Hum-hum...

228. A gente procura... Até porque... ela é a alegria da... né? O nome dela já foi escolhido por isso, X... significa alegria, então...

229. Hum-hum...

230. Ela faz jus ao nome e ela foi realmente uma alegria para nós dois, porque... Nem eu nem ele estávamos esperando ter filho... com quarenta anos...

231. É? Não foi... planejada?

232. Não... Não, eu me casei muito tarde... eu me casei com trinta e nove... E daí eu fui fazer o pré-na, o... pré-nupcial, ele também... E ele, o médico disse que ele não podia ter filhos, que ele estava... com a quantidade de espermatozóides muito embaixo, e eu também estava com deficiência hormonal, não ia poder engravidar... Se eu quisesse engravidar eu ia ter que fazer um tratamento para colocar os meus hormônios lá direitinho... Eu falei: “Ah, tá bom, tá bom” E eu casei em novembro, no dia 31 de outubro, no último dia de outubro... Quando foi em fevereiro eu estava grávida. Porque... falaram que nem... que eu não ia poder ter filho e ele também não... Aí... seja o que Deus quiser... Quando eu vi eu estava grávida... Tomei um susto, quase caí dura! E ele outro, porque... Nenhum de nós dois estávamos... imaginando, né...? Que eu ia ficar grávida... porque

foi assim, dois meses depois de casada eu engravidei.

233. *Hum-hum...*

234. E... tive uma gravidez, aquela primípara idosa, que é uma coisa chiquérrima, só do nome... [rindo] E... tive uma gravidez maravilhosa, super tranqüila, engordei vinte quilos, eu que sempre fui esse palito... Engordei vinte quilos... achei que eu nunca mais ia virar a I. que eu sempre... que meu peso sempre foi 50 quilos, desde que eu me dou por gente... E eu achei que eu nunca mais ia voltar, e... dois meses depois que eu... que a X. tinha nascido eu já estava... quase o peso que eu estou hoje.

235. *Hum-hum...*

236. Então foi assim, super tranqüila... Agora eu ando muito preocupada com ela... porque nós estamos vindo de vários sofrimentos... e sem querer... essa coisa... bate, e bate mesmo, não adianta...

237. *Essa coisa?*

238. Essa coisa de sofrimento bate na criança. Olha, perdi meu irmão em 99, com câncer, com 46 anos. Aquilo me abalou, me rasgou assim, me deixou... que eu tinha uma ligação muito forte com ele. Em seguida... praticamente... Na

mesma ocasião, a minha mãe ficou doente, com câncer de bexiga, também... e aí um câncer... pavoroso, pavoroso!... E em 2000, em dois mil, o ano passado ela morreu, então foi sofrimento... Em um ano e meio eu perdi meu irmão e minha mãe... E meu marido ficou desempregado, e as coisas... e a minha irmã ruim... e meu pai dependente de mim... E eu... eu pirei, pirei mesmo, entrei num parafuso terrível porque... Eu não sei como é que eu... até agora eu estou sobrevivendo, eu realmente eu não sei... E... isso tudo eu acho que... Eu deixava ela sozinha em casa, para dormir sozinha, de noite, para eu ficar no hospital, ela ficou sozinha, praticamente um ano, eu abandonei ela... Porque eu tinha que cuidar da minha mãe, minha mãe com câncer, tinha que tomar morfina, não sei de quantas em quantas horas, tinha que tomar morfina, aquela... coisarada toda... e foi uma coisa pavorosa! E... e... e exigia demais de mim, e... ela tinha até que [incompreensível] então... Minha irmã... Claro, cuidou muito dela, mas...porque morava na mesma casa... Mas eu... eu trabalhava, eu tinha que

cuidar da X., da minha casa, do meu marido, da minha mãe...

239. Hum-hum...

240. Então eu realmente eu... eu... me desestruturei... Cheguei a um ponto que eu... eu achava que eu não ia conseguir sobreviver. Mas eu sou vaso ruim... não quebro. É, aquela velha história do bambu, envergo mas não quebro. E... mas esse... Essa coisa toda, eu acho que, sabe, não passa tudo impunemente na cabeça da criança. Porque as pessoas: “Ah, você tem que cuidar da sua mãe”; “Ah, mas sua filha já entende, ela é tão madura, ela é tão cordata”. Eu falava: “Gente, não é assim! Não é assim!” Sabe, ela não... Esse troço aí pode estar... assim, na superfície está tudo bem, mas não está de jeito... pô, está lá, no fundo vai... vai influenciar o resto da vida dela, vai ter... seqüelas o resto da vida, sei lá, se grandes ou pequenas, mas... Não passou impunemente esse troço para ela... por mais que ela... aparentemente transado tudo aquilo numa boa.

241. Hum-hum...

242. Né, foi muito sofrimento. Foi praticamente... eu praticamente desestruturei o meu núcleo familiar, assim, meu marido ela e

eu... praticamente desestruturou, porque... Eu saí daquele troço ali, para entrar no outro, ele sentiu minha falta eu não estava lá, eu queria... ficar dum lado, ficar do outro, eu não... E não conseguia, porque ninguém consegue...

243. Hum-hum...

244. E me cobravam, me cobravam dum lado, me cobravam do outro, eu fiquei dilacerada! Dilacerada! Então eu vejo que isso... Agora que passou essa fase mais crítica... né? Porque já faz dez... vai fazer do... dez meses que a mamãe faleceu... Ah, tudo bem, mas... não pensa que eu não sei que o estrago foi grande... eu sei... Só que... infelizmente, eu não sou onipotente, eu não posso resolver... Eu não soube fazer melhor... eu não... eu não tive condição de fazer melhor, eu fiz o melhor que eu pude, para todo mundo... menos para mim.

245. Hum-hum...

246. Menos para mim! Eu fiz o melhor que eu pude...Aliás, eu não vou nem começar a falar nesse assunto aí, porque senão eu... vou começar a chorar, e não é legal. [fica emocionada e ri; eu rio também] Então...

247. A tua preocupação...

248. A minha preocupação é essa, por exemplo agora, essa semana, há duas semanas ela teve herpes zoster... Pegou do meio das costas ao meio da barriga... uma coisa sofrida, horrível! E a médica que cuidou dela falou assim: “Olha, é... é raro dar em... pessoas com menos de quinze anos. Vamos ter que pesquisar para saber o que foi... que... que desencadeou esse negócio aí” Aí ela me deu... uma... uma explica... ela ficou... Eu não sei quem perguntou, “Ai, quê que você...”, “Eu tive... eu tive um negócio...”, “mas o quê que aconteceu, por quê que... que deu esse negócio?” “Ah, eu acho que foi psicológico!” Ela falou comigo: “Eu acho que foi psicológico” [rindo]

249. Hum-hum... Ela acha?

250. Ela acha, ela acha. É claro que... alguma coisa... psicológica... fez com que ela baixasse a imunidade, e aquele... troço viesse com tudo. Eu tenho para mim que é o negócio do trabalho do pai dela... Porque a outra tá pegando de novo, tudo... de novo. Então ela... E ela, como é muito preocupada, né, ela... aquele negócio bateu e...

251. Hum-hum...

252. Fiz uns exames, ela falou, “Não, pode ser uma diabetes, pode ser não sei o quê, pode ser não sei o quê que tenha desencadeado isso”... Não foi nada disso, mandou fazer um exame de HIV para ela, para ver o... a imunidade dela, só que eu não fiz, eu não tinha dinheiro para fazer... E... mas tem que fazer...

253. Hum...

254. Tem que dar um jeito de fazer. Só... Acredito que... ela falou bem claro comigo... Fui para a Internet pesquisar, e tudo, e ver... todo o negócio, e realmente é... Tudo o que a médica falou era exatamente o que estava lá... Enfim, então eu acho que essas coisas todas não passam impunemente, né? E me preocupa... É mais um motivo de preocupação, porque vai... tantas frustrações acumuladas que essa coisa da droga me preocupa realmente.

255. Hum-hum...

256. Falei demais, né, doutor?

257. Imagina... Está muito bom... Nós já vamos terminando e... estou consultando aqui o meu roteiro. Se você... quiser comentar, ou falar alguma coisa mais...

258. Não, nada, eu... não... Eu acho até que eu falei demais, eu não vim aqui para falar isso e acabei falando. Mas, é... você perguntou da minha preocupação, eu acho que a minha preocupação tem muito a ver com tudo isso que eu te falei...

259. *Hum-hum...*

260. Tem a ver com essa carga de sofrimento... Porque eu acho que quando você sofre você quer escapes, você quer válvulas de escapes, você quer sair daquela situação, você quer uma outra coisa... Então... acho que agora eu consegui fechar o meu raciocínio. A minha preocupação também vai muito por aí. Porque eu estou... Desde que eu mudei aqui para Londrina, e mais especificamente há três anos, vivendo situações dramáticas... e que é justamente numa fase muito... é... delicada da vida dela...

261. *Hum-hum...Daí a tua preocupação...*

262. Aí...

263. ... *quais as repercussões disso...*

264. Exatamente.

265. *Hum-hum... Vou desligar.*

[FIM DA GRAVAÇÃO EM ÁUDIO]

“J”

DÉCIMA ENTREVISTA

Data: 06/04/02

Duração aproximada: 70 minutos

Dados de identificação da entrevistada:

Inicial fictícia: J;

Idade: 45 anos;

Etnia: Branca;

Estado Civil: Casada há 23 anos com X’;

Procedência: Londrina, PR;

Escolaridade: Ensino Médio Completo;

Ocupação: Do lar;

Situação financeira referida atualmente: Estável;

Religião: Indefinida;

Filhos:

X. (sexo masculino, 15 anos);

Y. (sexo feminino, 11 anos);

Comentários:

Entrevistada, apesar de sua evidente preocupação com seu filho adolescente, esteve muito tranqüila durante a entrevista. Demonstrou empatia e interesse tanto para colaborar, como para receber orientações após o término da gravação. Alguns dias depois da realização desta entrevista solicita que atenda seu filho X. Seu marido, por ter o mesmo nome do filho, é aqui designado por X’.

TRANSCRIÇÃO:

*1. A primeira coisa, J., que eu...
vou lhe perguntar é: por que
você se motivou a participar
desta pesquisa?*

2. É. Bom, em primeiro lugar, Marcelo, o que me motivou a participar é o medo das drogas... tá? O ano passado eu tive assim um... um... Vou te dizer, um probleminha que me acendeu para esse tipo de... problema que é as drogas. O ano passado, o meu filho, ele... ele estuda no Colégio desde a sexta série. E ele é bem apático, o X., sabe? O X. assim, ele era um menino assim, muito emotivo, fechado... Ele não fez amizades no Colégio esse período que ele esteve da sétima... na sexta série... Depois ele foi para a sétima, repetiu a sétima, e... por vários motivos, teve moti... motivos de... teve duas cirurgias, ficou bem desmotivado, e ele não gostava do colégio. Assim, do colégio, não, dos estudos. Ele ia assim como se fosse indo para uma força. Né?... Então a desmotivação dele era assim, a apatia assim, então... Ele repetiu, eu achei até bom, porque não tinha como o X. passar para a oitava série. Bom. Quando ele entrou na sétima série novamente, que eu... tornei a colocá-lo no Colégio, o X. fez assim amizades assim, ele passou da apatia para a euforia, e não soube equilibrar. Ele fez

amizades, ele estava assim, na praia dele. Assim, ele tem... talvez tinha até idade, mas muito infantil, muito imaturo ainda, o X.. Então ele fez amizades com aquela turma, fez amizade com as meninas, tornou-se popular, ele assim deu um estirão, ficou um menino muito bonito porque realmente é um menino bonito. Então uma vez eu fui chamada no colégio, e o orientador me falou assim: “Olha, J, eu te chamei aqui porque está tendo um... um *ti-ti-ti* no colégio que o X. se envolveu com drogas”. Eu me assustei porque até então, meu filho... sabe? Mas aí depois... é... veja bem a minha situação, né, então eu fiquei assim, chamei, não, eu vou chamar, “quero que vocês chamem o meu filho que eu quero...”, né? Aí cha... o X. foi chamado, e tudo. Bom, depois viemos a descobrir que aquilo ele inventou, porque o amigo dele, sei lá, foi falar com o amigo, ele quis assim, se sentir... é, como se diz assim, “eu vou falar isso para ver se meus amigos se preocupam comigo, se eu sou importante” até... Até aquele momento ele não tinha tido ainda esta definição que ele era bem... o que ele representava para os amigos.... de

tanto assim que o X. era fechado, e se tornou popular de um hora para outra, ele não estava sabendo conviver com aquele... relacionamento dele com os amigos. Bom, conversamos, eu na hora pensei em tirá-lo do colégio, mas aí a orientadora do colégio falou: “Não, vamos, o X. agora vai ter que... é... *coisar* essa situação que ele criou, né?” Aí conversamos com o X. e tudo, mas aquilo ficou na minha cabeça... Porque o meu filho já estava, até então... o meu menino, assim, já querendo falar em drogas, e aquilo me alertou. Bom, este ano, ele... foi para a oitava série, e... assim... os amigos sempre dentro de casa, tudo... e uma vez... e... assim... é...faz acho que um... mês, menos de um mês. Eu cheguei em casa, e vi que o meu fósforo não estava na cozinha... E entrei na sala, e vi que eles tinham jogado assim um... um desodorante, ou perfume no ar.

3. *Hum...*

4. E vi que...ainda fui no quarto dele, revirei o quarto, levantei colchão, fui procurando e achei um isqueiro dentro de uma coisa. Bom, eu conversando com ele, já... Esperei ele chegar, ele falou:

“Ah, não, mãe, nós... fumamos.”

Né? Eu falei, mas pensei assim: “agora eu pergunto o quê que você fumou, se você fumou o cigarro ou se você fumou alguma outra coisa”, mas fiquei quieta... “Ah, eu fumei... meus ami... bebi assim também...”, eu moro no décimo primeiro andar e noto que no telhado de um outro prédio, e eu vejo mesmo que quando ele toma as coisas, toma um Yakult, alguma coisa, ele tem o costume de jogar em cima daquele telhado. E eu vi que tinha duas ou três latinhas de cerveja... eles além de fumarem, tomou... a cerveja. Bom, eu peguei... e... é... depois, no outro dia, por outro motivo, é... acabei dando uns tapas nele, porque... nós acabamos tendo uma discussão, feia por sinal, e ele me disse o seguinte: “Mãe, eu... experimentei o cigarro, sim, e eu tomo uma cerveja no final de semana, e eu vou continuar tomando porque a cerveja que eu tomo é sem álcool, meus amigos tomam e eu também vou tomar!”

E a... aí nós voltamos no assunto das drogas, ele falou assim: “E eu também vou experimentar maconha, porque o meu primo usa, meu amigo usa, e meu amigo já me disse até onde compra!”...

5. *E aí?*

6. É... e aí? [*dá uma risada*] Aí eu falei: “Meu Deus do céu!” Falei: “Filho... olha, tudo bem, eu quan... eu fui adoloscen... adolescente como você, e experimentei a maconha, duas vezes.”

7. *Você mesma?*

8. Eu mesma. E achei uma... uma coisa... sem finalidade nenhuma, uma... bobagem! Não me aconteceu nada, um pedaço de uma... de um *coiso*, e o único vício que eu tenho até hoje é o cigarro que eu fumo. Já experimentei lança-perfume, também nada a ver, mas fiquei pensando: “Mas será que o meu filho terá essa mesma... saber... experimentar e parar? Assim, “não, eu só experimentei, e acabou, não é isso que eu quero”, como eu fiz na minha adolescência?

9. *Hum-hum...*

10. Eu tive vários amigos que eram usuários de drogas... e nem por isso me envolvi com a droga, né...?

11. *Você experimentou...*

12. Experimentei, uma, duas vezes experimentei... não achei... graça nenhuma, nunca mais voltei na... Nunca mais experimentei, nem

dali parti para outro tipo de droga, nem quis conhecer...

13. Lança-perfume...?

14. Lança-perfume em carnaval... e...

15. No carnaval... hum-hum...

16. ... e... pronto, né? E também outra bobagem que, né?... Bom, aí desse so... é... sobrinho, que é do meu marido, que ele era... que já fazia... é... era... que usava maconha, eu já sabia mas não quis comentar com meu filho, porque pensei assim, puxa, se eu comento com ele, ele vai falar, “Nossa! Mas o meu primo... experimenta, por quê eu também não posso experimentar?” Estivemos na praia, juntos, eu vi que o Toninho de vez em quando sumia mas o meu filho sempre estava ali por perto. O meu medo, Marcelo, é ele experimentar... e gostar.

17. Hum-hum...

18. Sabe? E daí você sabe que... é a maconha, daqui a pouco é outra coisa... Também não sei se ele já experimentou... tá?

19. E ele falou... afinal, se experimentou...?

20. Não, ele não falou nada...

21. ... ou se ia experimentar?

22. Ele falou que ia experimentar. “Eu um dia... eu vou experimentar, mãe.” Eu tenho uma amiga que o

ano passado, é... foi bem próximo ao X., a K., ela deu aula particular para ele de Matemática, e ele... se abriu muito com ela. E... e ela esteve em casa, e... e ele falou isso para ela... sabe...? Né? Mas aí a K. conversou com ele...

23. Falou o quê?

24. Falou da maconha, do amigo... que ele... usa, que o amigo dele já falou... Eu até pensei em comunicar ao pai, mas ao mesmo tempo... o pai desse menino, mas ao mesmo tempo falei: “Não”... Sabe? Eu acho que... sei lá, é uma situação muito difícil... Porque você tem que falar e você vai ter que provar... Né? Como foi o caso do Colégio... Colégio, eles me disseram, me alertaram, mas... foi uma coisa assim, ao mesmo tempo boa e ruim, porque pra... Você falar que o seu filho usa uma droga, alguém vier falar para você, está te alertando, e ao mesmo tempo você vai querer saber se é verdade ou não...

25. Sim...

26. ...né, porque é uma coisa muito séria. Então, Marcelo, este é o meu medo, assim, sabe? Que às vezes eu perco o sono, pensando nisso, sabe? Porque ele já sai... não tem como mais eu segurá-lo, agora... de... agora para a frente

eu vou apenas conduzir o meu filho, não vou mais man... é... querer que ele fique dentro de casa, é... prendê-lo, de medo das tentações do... do... do mundo, da vida, ao mesmo tem... tempo eu tenho dó dele porque... São tantas tentações hoje em dia, é a droga, é a bebida, é a AIDS, é tanta coisa que ele... é... hoje... O adolescente hoje não tem assim ainda aquela cabeça formada para saber o que é certo ou o que é errado. Né, na minha época, quando eu experimentei, eu já tinha... mais de dezoito anos... ou menos um pouquinho, sei lá. Era talvez uma coisa assim, nem passava pela cabeça de minha mãe, quer dizer que minha mãe nunca veio a saber disso... e eu experimentei, e acabou, sabe? Mas hoje em dia a gente fica... assim... mais preocupada, né?

27. *Hum-hum...*

28. Então... É isso.

29. (...) *Hum-hum... É... você mencionou o... a... tua dúvida quanto a contar ou não para o pai... do amigo do seu filho, né? Mas... e o seu marido? Ficou sabendo disso, como...?*

30. *[me interrompendo]* Ó, meu marido é o seguinte... meu marido

assim... sei lá. Não, eu não contei nada para o meu marido... O meu marido é assim... é... vamos supor... Meu marido prefere se omitir. Eu contei esse dia para ele que nós bri... tivemos essa discussão, eu acabei... dando até uns tapas nele, no X.... e... Porque foi o seguinte, é... Eles foram para o sítio com o meu marido... E... é uma turminha, foram os meninos, inclusive este menino, que ele fala que ele já experimentou, foi junto... E lá eles levaram, eles queriam ir sozinhos, mas o meu marido acabou indo junto.... E lá acho que eles levaram, bebida, é... devem ter tomado, meu marido não viu nada. Quando foi que eles chegaram, ele... deixou... iam jogar fora, a bebida, porque... sobrou, e o porteiro viu.

31. *Hum-hum...*

32. E o porteiro falou: “Não, não joga fora, não, dá para mim... tá? Que eu levo para minha casa”. Era uma garrafa de pinga, que ele falou.

33. *Hum...*

34. Aí diz que o X. virou assim para o... para ele: “Pelo amor de Deus você não fala nada para minha mãe, né, que nós levamos”. Só que depois o T. acabou contando para mim...

35. T.?

36. Que é o porteiro. Porque... ele falou: “Não, eu estou te falando porque eu gosto muito do X., ele é um menino muito querido”. E esse dia do cigarro que eles estavam fumando na sacada... eu acredito que seja cigarro porque ele não iam fumar uma... maconha numa... numa sacada... O cheiro, essas coisas, iam chamar a atenção. A minha amiga de frente viu, e o T. também viu, e lá de cima chamou a atenção dele. Quando ele viu que a minha amiga tinha visto no... no apartamento... de frente...

37. Hum-hum...

38. ... ela... ela disse que ele agachou, assim *[inclina-se para a frente estendendo as mãos para o chão]* e deve ter ido de quatro para dentro, porque ela não viu mais ele, sabe? *[rindo, eu rio também]* Aí eu falei: “Olha, X., a minha amiga viu, são pessoas que me conhecem e que sabem de minha preocupação com você. Eu não quero que seus amigos venham a fumar e beber aqui dentro de casa. Porque, se os pais ficam sabendo... Tem pais que... aceitam, mas tem pai que fala: ‘Puxa, mas vai fumar e beber, aprendeu a fumar e beber lá

dentro da casa do X.?’” Isso é uma coisa muito difícil! Por exemplo, eu acho... falo sempre para o X.: “Você fumou, X.?” Ele falou: “Não”. Porque ele não... eu fumo, e eu s... eu percebo que ele não gosta que eu fume, porque ele sai de perto, ele reclama... Até agora... depois disso, ele não reclamou mais quando eu fumo perto dele.

39. Hum-hum...

40. Aí ele falou: “Não, eu não fumei.” Aí eu conversando com os amigos dele, ele falou: “Não, tia, nós fumamos, e o X. também fumou”. Eu falei: “X., outra coisa... feia é você se omitir! Se você fumou você tem que falar ‘não, eu fumei’, como que você vai jogar só a culpa em cima dos seus amigos?” Eu até acho válido, ô, Marcelo, uma pessoa experimentar o cigarro, experimentar bebida... Eu também experimentei a bebida, não bebo, porque me faz muito mal, tá? E... assim, eu acho válido eles quererem experimentar, mas a droga eu acho muito perigoso... Muito, sabe? Porque eu assim, o X.... mais pro X., porque o X.... ele é um menino tímido, fechado... Se ele chegar a experimentar a maconha e sentir assim... eu nem me lembro mais como foi o

efeito... da maconha quando eu experimentei... Mas ele, se achar assim que a ma... maconha vai soltá-lo, e vai se sentir mais solto, ou... e querer sempre fazer uso dela, sabe?

41. Hum-hum...

42. (...)

43.É... Qual o perigo... das drogas? Você fala que não... não quer que ele... prove as drogas, né? Mas... qual... o perigo que as drogas podem trazer? Qual a gravidade do problema, na sua opinião?

44. Ai, Marcelo, são tantas, né? A destruição da pessoa, por exemplo, a maconha é uma coisa que se ele fizer uso vai trazer assim muitos... Por exemplo, ele vai ficar disperso... ele já é disperso... é, na escola... Vai ficar ainda mais, vai trazer problemas assim... uma droga mais pesada... ele está in... Sei lá, eu acho que no fim vai se acabar, é a destruição, sabe, acho que é o fim! Sabe? Ele fazer uso das drogas, esse é o que, vai trazer... eu nem sei... Quais as causas, assim... das drogas, assim, vai trazer... vai ver... é, vai aca... assim, vai... fazer mal a ele, porque eu nunca... assim, quis saber as causas mesmo, né?

45.O quê que você mesma imagina?

46. Ai, o quê que eu imagino?

47.É.

48. Ai, eu imagino assim, que meu filho... Ele vai se destruir... sabe? A ma... a... as drogas vai destruí-lo, eu vejo na novela agora por exemplo, aquela menina... ela... ela...abandonou tudo, abandonou o... a faculdade, porque traz... deve trazer problemas sérios de concentração... A pessoa... é... ela muda, né, ela... o desleixo com a sua própria, né? Pessoa, eu acho que... é... é de tudo o pior, as drogas...

49.Hum-hum...

50. ... até um cigarrinho, uma latinha de cerveja que eu achava que era uma coisa que eu não queria que meu filho não experimentasse nunca, eu acho isso daí é hoje uma coisa sem importância, sabe? É claro que traz males, o cigarro, eu fumo, eu percebo, a bebida, né?

51. Hum-hum...

52. Tudo isso são as drogas, né, Marcelo? Que eu gostaria que meu filho... não fizesse uso, porque isso aí não é importante. Ele não nasceu fumando, não nasceu bebendo nem usando

drogas, ele pode viver muito bem... sem fazer uso disso...

53. *Hum-hum...*

54. ... que além de fazer mal a ele... né? Vai destruí-lo... Eu acho isso, na minha opinião.

55. *Hum-hum... E... por quê... os jovens começam a usar, na sua opinião?*

56. Eu acho assim, Marcelo, no caso do meu filho, mais por curiosidade... Porque, a idade que eles estão, é assim, eu vejo, e percebo, é assim, eles começam a sair, e... Por exemplo, vê alguém fumando, vê alguém sentado com uma... Que nem eu sempre falo com o meu filho: “Filho, você não vai ser tão homem... ou menos homem... com uma latinha de... de cerveja na mão, ou com um cigarro na mão, ou experimentando uma... uma... a droga. Você não precisa disso.” Sabe, eu acho que é mais por curiosidade... “Ah, o meu... o meu amigo fuma, por quê que eu não vou experimentar?”... “Ah, se ele faz isso, por quê que eu não vou fazer?” “Então eles querem assim, sabe?... Mais por curiosidade, para fa... para falar assim: “Não, mas eu já experimentei... “Então às vezes eles... eles acham que eles vão ser assim, sabe? Mais

importantes, ou mais homens que os outros... Eu acho que mais por curiosidade, ou talvez... E também, é uma fuga, né, Marcelo? Um problema mal resolvido... um problema dentro de casa... é... Sei lá, tem vários motivos, né? De eles procurarem...

57. *Você disse... um problema mal resolvido, um problema dentro de casa...*

58. É, um problema... por exemplo, o pai, que nem, vamos... Vamos ver pelo lado daquela... menina da novela. Ela teve tudo, e ao mesmo tempo ela não teve nada. Não teve o carinho dos pais, os pais *ausente*, ela praticamente foi criada... né...? Então eu acho, este problema, é... assim... Sei lá, dentro de casa, ou uma... separação, sei lá, né, Marcelo? Pois eu sempre falo com meu filho: “Se você fizer uso das drogas, falar... e cair nas drogas, se acabar nas drogas, e... falar assim, ‘ah, eu... me droguei, me tornei um... um viciado... por causa dos meus pais’... Mentira!”. Eu falei: “Problemas, todo mundo tem.” Eu vejo, Marcelo, que agora que o meu filho tem quinze anos, e... Ele tem reclamado muito do pai... porque ele quer as coisas,

“eu quero isto”, aí ele já... xinga o pai, “porque meu pai não quer comprar... essas coisas para mim”, porque já sai batendo porta, *te te tê, te te tê, te te tê...* Eu falei: “X.... não pode ser assim, filho” Por quê..., eu... eu falei: “Você vai bater muito de frente com seu pai, porque... homem e homem *[estende alternadamente as palmas de cada mão]*, tá? É... falo: “Você não pode conseguir as coisas desse jeito, assim, na... no... no desespero, na... na raiva, você já sai batendo porta...” Eu já fico imaginando lá na frente, falo: “Puxa vida, e o dia, por exemplo, que ele quiser um carro, o meu marido falar que não vai comprar, ele já vai estar maior, com dezoito anos... já vai estar forte, então vai essa... esse... *[estalando os dedos médio e polegar de uma das mãos]* cinco minutos que dá nele... Eu não vou conseguir segurar ele, os braços, porque ele é bem... hoje mesmo quando... essas... dias... mesmo, quando eu fui dar uns tapas nele, eu não consigo mais dominá-lo, porque ele é um homem, ele...

59. *Hum-hum...*

60. ... ele é alto, né? Então eu tento explicar, e passar para ele, que os problemas que ele vai ter com o

pai dele, e... não é uma coisa em que ele...vai se desesperar e falar: “Não, então o meu pai não deu isso”, então ele já parte para outras coisas, que nem para as drogas... “eu vou experimentar esse, meu pai não sei o quê”, então eu tento passar para ele que isso aí é normal, numa relação entre pai e filho... Não é porque o X’ é pai dele, que ele tem a obrigação de dar tudo a ele, quando ele quiser. Eu sempre falo, é... Até ontem, eu estava falando para ele, ele queria uma sela, porque agora ele está fazendo equitação. “Eu quero uma sela, por que não sei o quê, porque meu pai falou que ia comprar, o... não sei que dia comigo, e ele não foi, porque meu pai é um mentiroso, porque meu pai é um... filha de não sei *daonde*, que meu pai vai tomar não sei aonde... sabe?” [rindo] Eu falo: “X., não pode ser assim, filho, já pensou se teu pai fosse te dar todas as coisas que você quer? Que sentido teria... teria sua vida?” Então eu acho assim, que... a... a... as drogas, o uso das drogas, onde o jovem procura, pode ser a falta de... e a... e a... Por exemplo, e a falta de não, por

exemplo, você dá tudo para o seu filho, e ele achar que...

61. Hum-hum...

62. ... sabe? Ou se não, a falta de um, por exemplo, de um... pai presente... é... Por exemplo o meu marido é assim, ele acha... ele tem este problema que eu acho que ainda eu... ainda... é... nós vamos brigar muito nessa fase, brigar não, nós vamos *descutir* muito nessa fase em que está o X.. É... porque o X. agora é um adolescente, e... e ele vai começar a... a crescer, e a ter vontade... Não, assim, ele já cresceu, mas assim, de... por exemplo, eu pensava assim, Marcelo... que até tempos atrás eu mandava na... na... até na agenda do meu filho, eu marca... marcava... e ele tinha que ir. Então eu já... cá... na... sabe, achava... Não, agora em diante eu vou ter que chegar e falar com o meu filho: “esse horário você pode ir?” Até há tempo atrás, eu... fazia tudo, e ele tinha que ir, querendo ou não querendo, eu arrastava ele e ia. Até esses dias atrás que nós discutimos, foi: eu marquei o dentista para ele, tal hora, ele não foi porque ficou dormindo lá. E eu fiquei possessa, falei: “puxa vida, que menino irresponsável.” Mas

depois ao mesmo tempo ele falou: “Mas você, tem que mar... é... ver a hora que eu quero ir, não a hora que você quer que eu vá!” Então... eu... percebo assim que agora... ele tem a vida dele, é o que eu não posso mais mandá-lo, como eu disse para você, agora eu vou... apenas conduzir o meu filho... ao lado dele, e falar: “Não, isso está errado, isso está certo, não é assim, é assim”... E esse vai ser o meu papel...

63. Hum-hum...

64. Mas o meu marido ainda não caiu na real que esse é o papel dele agora, ele quer mandar nos filhos. Então, como que ele vai mandar nos filhos? Porque o X'. não tem uma vi... assim... ele não é presente na educação dos filhos. Ele acha assim, que ele pagando um colégio bom... que ele comprando as coisas que o filho quer, para ele está ótimo. Ele não participa de nada na vida dos filhos, sabe? Ele não vai no colégio... ele... ele acha assim que ele trabalhando, colocando as coisas dentro de casa, pagando as coisas dos filhos, esse é o papel dele. Só que agora, é... não é assim. Ele vai ter que participar, porque eu não vou dar conta sozinha, porque eu já me sinto

cansada, e eu preciso dele. Então nós vamos começar a brigar muito, discutir muito, ou ele me ajuda, ou o pau vai quebrar...

65. *Hum-hum...*

66. ... eu já cheguei... nessa... de... nessa decisão. Por exemplo, né, é... como que está aconte... a... tá a nossa vida agora que... em relação ao X., que é um adolescente? O X. queria é... essa... sela... o pai disse que ia comprar, mas marcou um dia, aquele dia o pai... foi para o sítio, o X. já se sentiu... é... ofendido: “Não, mas meu pai disse que ia comprar... a sela para mim, e foi para o sítio só para não comprar, porque meu pai é um mentiroso, porque meu pai não sei o quê...” Então o X’. ele vai querer é... man... é... comandar... mandar na vida... do... dos filhos, assim, por exemplo, com o dinheiro.

67. *Hum-hum...*

68. Tá. “O dinheiro é meu, então... eu vou comprar quando eu quiser... ou você espera... “Que nem esses dias atrás ele queria um tênis, “porque eu quero um tênis, porque meus amigos têm, todos os meus amigos têm...” O tênis custa quatrocentos e poucos reais!
[começa a rir]

69. *[espantado]*

Gente!

Quatrocentos e poucos...

70. É. Aí eu falei com meu marido, ele falou: “Mas nem!... Que eu vou comprar esse tênis para ele... É... Um dia ele vai trabalhar e ele vai...” Mas o X’, explicar... ele não explica nada para o X., que nem eu falei: “Ô X’, veja bem, filho, o tênis... realmente... é caro. Se for”... “Ah! Mas eu... todos os meus amigos têm, porque quê que eu não que... é... não vou dar um tênis desse?” Então, você fica naquela situação, Marcelo: Como explicar para o seu filho, e ao mesmo tempo... O meu medo mesmo é falar: “Meu Deus, será que eu negando as coisas para o meu filho, não podendo comprar as coisas para o meu filho... É... até... posso... mas é um absurdo, e... explicar para ele e ele nessa fase que ele está ele achar que ele está sendo... lesado, “que ninguém tem dinheiro, porque meu pai não quer comprar”... e já partir, sabe?... Pras drogas, se sentir: “Ai, porque eu...” Porque adolescente tem muito disso, né, Marcelo, “porque quem eu sou, é... porque eu estou sen... ninguém me entende...” , sabe? Isso... é essa a fase que eu tenho medo, que é a mais perigosa de

um... um... um adolescente fazer uso de uma droga... Começar a beber porque... Eu percebo... que tem muito adolescente bebendo, fazendo uso da bebida, né, Marcelo? Muito, muito... eu acho isso assim... eu morro de dó! Porque... eu fico pensando, o que faz hoje um adolescente beber tanto... e fazer uso... assim, muito de droga? Essa é... essa... é... a minha dúvida.

71. Hum-hum...

72. Porque hoje, se meu filho fizer uso de droga, eu fico pensando: “Mas o que levou meu filho a... a procurar as drogas” Sabe? Porque, até experimentar, tudo bem, mas se afundar na droga... Isso que eu não entendo...

73. Hum-hum...

74. Puxa, o meu filho por exemplo, não falta nada para ele! Ele tem... Sabe, eu procuro sempre conversar com ele, explicar a ele, que nem eu falei do tênis: “Filho, se você... se o seu pai não comprar, você não vai morrer por causa dum tênis!” Mas o X’, o pai, não sabe explicar! E ele, tem que ser na... Sabe? “Não compro, e acabou!” Eu acho que não é assim, você tem que falar assim: “Não, eu não vou comprar por causa disso, disso, disso e disso!” Sabe, então

eu acho assim que vai ter... Vai haver muita discussão entre o pai e o filho por causa desta... atitude do meu marido. E eu, por minha vez, não... eu vou... não é que eu vou ficar a favor do meu filho, eu vou procurar defender o meu filho! Então, até esses dias nós tivemos uma discussãozinha e... e cheguei à conclusão, até falei com o meu filho: “Deixa, filho. Deixa teu pai pra lá, não é porque ele não vai... ele não vai fazer isso, ele não gosta de você... Ele gosta e muito, ele trabalha... até hoje... por causa de vocês...” Procuro passar isso para o meu filho. Até estou pensando seriamente em levar o X. a fazer um acompanhamento psicológico, a escola o ano passado já me orientou, em procurar isto... um psicólogo... Por causa... ele reclamava muito do pai o ano passado no colégio, sabe? Para ter essa aproximação, né, Marcelo? Porque eu... até falei com o meu marido: “Olha, X’, você não conversa com o seu filho, você não senta para explicar... é... para ter... para ter uma conversa, só que eu vou pagar um profissional para fazer esse teu papel que você não está fazendo... Porque eu não dou conta sozinha! Não dou

realmente!” Sabe, nessa fase que ele está é muito difícil!

75. *Você conversou assim com ele?*

76. Conversei, fui bem... categórica mesmo para ele... cair a ficha, sabe?... Porque até então... eu estou conversando... e... estou vendo...

77. *Hum-hum...*

78. ... e eu vou procurar essa pessoa... vou, até... tenho já o nome da... do profissional, vai ser um homem, porque eu quero que o X. tenha contato... com... essa... ele com a J. não teve retorno nenhum. Eu quero assim que o X.... vá... assim... num homem, psicólogo, para ele ver já... porque o X. está nessa idade que ele não precisa mais tanto de mim, eu tenho que já um pouco assim afastar do meu filho. Porque até então, ele foi um filho... Eu sempre papariquei muito o X., poupei muito o X., sabe? Eu demorei sete anos para tê-lo... agora...

79. *Eu percebi pela sua...*

80. É.

81. *...pelos dados que você me deu...*

82. É.

83. *...você... parece que demorou um pouco, né...*

84. É.

85. *...desde o casamento... algum motivo especial para isso?*

86. Não, eu tinha... dificuldade para engravidar, né?

87. *Hum...*

88. Então agora eu quero assim, que o X. se aproxime de uma... é... figura masculina, que é o que o pai não está sabendo fazer, não por... assim, porque ele não queira, talvez ele tenha... tenha, não, ele tem essa dificuldade, o X'.... o X'. pai. Quer dizer, o X'. chega, ele almoça... eu busco as crianças, faço todo aquele... Levar, buscar, dá, né, tudo isso eu... sou eu que faço. Com o maior prazer, porque é uma coisa que eu gosto de fazer, assim, eu sinto... assim, eu acho que é... um... a minha missão, como mãe, participo de tudo da vida deles, assim... nunca reclamei, faço isso assim com o maior prazer porque são os meus filhos. Mas agora, o X', ele é assim, ele assim... ele almoça, aí ele descansa um pouco... Aí à noite ele assiste o jornal dele, se um filho vai falar ele já... [*leva o indicador à boca, gesto de “silêncio!”*] manda calar a boca, ele está assistindo o jornal, não quer saber de conversa, dali ele já

levanta e vai para a cama. Ele não tem aquela conversa com os filhos, de falar: “Escuta, mas como você foi na escola?... “ Ele só sabe... criticar o X., que é o filho, então o X., ele já se, já está de saco cheio de ouvir só críticas do pai, né, porque o X’ é assim... é muito difícil ele elogiar, né? Ele só critica mesmo, talvez, eu fico me perguntando: “Será que ele sempre foi criticado na vida, e nunca foi elogiado, talvez este o problema dele”. Mas não é assim... é uma pessoa... boa, um pai bom, só que ele tem essa dificuldade, Marcelo, porque eu, agora eu acho que assim... na fase que o X. está e que está vindo a minha filha... O X’ tem que mudar, né, porque não é por aí, né?

89. *Hum-hum... O X’. pai...*

90. É.

91. *Hum-hum...*

92. Então é isso aí, Marcelo.

93. *E a... filha [consultando a ficha com os dados da entrevistada] que você acabou de mencionar, está com... onze anos?*

94. É.

95. *Como que está com ela?*

96. Ai, a Y. é um caso à parte, a Y., sempre eu falo, a Y. é... é a filha...

que eu... queria... exa... ela é exatamente aquilo que eu queria que... fosse. A Y. já é outro assunto, outra coisa. A Y. é resolvida, a Y. é... sabe?... Tem as regalias dela com o pai, por ser menina, é sedutora, né? Que nem eu falo com o X. meu filho: “Filho, você não vai conseguir as coisas assim... sabe, num *esporro*, xingando, estas coisas... Você não vê a Y. como ela consegue as coisas do seu pai? Ela vai com jeito, vai com aquele... né? Como... né? E consegue.” Assim, com a filha, ele já é um pouco diferente... Eu não sei se ele vai com o X. assim porque já é um homem, o porque ele quer que o X. seja... Sei lá...

97. *Hum-hum...*

98. É uma coisa a... a resolver, não é, Marcelo?

99. *O pai se dá melhor com a filha...*

100. Com a filha.

101. *... do que com o filho. Hum-hum... E... você questionou sobre essa... é... esses pedidos que... do filho, pedindo as coisas, querendo comprar o tênis...*

102. Hum.

103. *... por exemplo, que os amigos têm. Como que se dá*

no dia a dia essa coisa de gastos, de manejo do dinheiro... com os filhos? Como é que funciona na sua família, na sua casa?

104. Olha, o X. ele tinha uma mesada, só que aí o pai cortou, e... porque eu dava uma mesada, o X. não tinha um controle assim ainda sobre o dinheiro, ele gastava tudo de uma vez e sempre estava precisando. Então o X'. dá conforme ele vai saindo, ele pede para o pai e o pai dá o dinheiro.

105. Hum-hum...

106. Tá?... E as coisas de comprar assim para o X., de roupas, calçados, o pai compra... eu compro, sabe?

107. Hum-hum...

108. É bem assim dividido, né?

109. Tá... (...) Vamos voltar ao... assunto das drogas também... esse tema, “drogas”, surge na família espontaneamente?

110. Não... Surgiu agora, né, porque... Nesses problemas que eu tive, conversei com meu filho, sabe? Surgiu agora.

111. Ele nunca tomou a iniciativa de perguntar ou de comentar algo com você?

112. Quem?

113. O seu filho.

114. Não, ele conta as coisas para mim, sim, sabe? Sobre drogas, você fala?

115. [aceno afirmativamente]

116. Não, assim, ele me falou esses dias das drogas... ele nem sabe que um dia também eu já experimentei, igual... Pensei até em falar com ele, mas... “Porque agora minha mãe experimentou eu também vou experimentar, porque se a minha mãe já usou...!” Né?

117. Hum-hum...

118. Então... já usou, assim, já experimentou, né? E... mas surgiu agora, ele vê pela televisão, né, a gente conversa... Conversamos estes dias, essa amiga minha também conversou muito com ele sobre as drogas, sobre... os perigos das drogas, né?

119. Hum-hum... Eu só não entendi isso assim, surge o assunto, e o assunto... é conversado em família?

120. Não.

121. Não...

122. Não.

123. A filhinha... a filha menor, também não...

124. Não.

125. Hum-hum...

126. (...) Porque eu acho assim, Marcelo, para minha filha não é a

hora ainda de eu falar de drogas,
para quê que eu vou antecipar
uma coisa...

127. *E ela não perguntou...*

128. Não, também não.

129. *Hum-hum...*

130. Ela ainda está na ou... outra,
assim, se abrindo [*final da frase*
incompreensível]. Acho que ainda
tem tempo, ainda, né?

**131. *Hum-hum... O... X., né, o*
menino... é... está dando
*trabalho em casa?***

132. Você acha que isso é dar
trabalho? [*rindo*]

**133. [*rio também*] *Estou*
perguntando... *você*
demonstrou *sua*
*preocupação...***

134. Não, eu acho assim... é... uma
vez eu... eu procurei uma
psicóloga... psicopedagoga... Falei
da preocupação da Y., a Y. teve
uns probleminhas lá que ela me
disse assim: “Mas ninguém disse
a você que filho dá trabalho?...”
Né? Eu acho assim, ele está me
dando trabalho, é... neste
sentido... E ele... tem vez que eu
fico bem assim...

135. *Neste sentido...?*

136. Nesse sentido assim, de querer
as coisas... de... começar a sair, aí
tem o horário, eu me preocupo, eu
vejo a hora que ele chega, eu

sempre estou acordada para saber
como que ele chega, né? É... vivo
ligando... celular... Esse tipo de
trabalho que ele está me dando
que eu acho... natural. Porque eu
também fui adolescente e dei esse
tipo de trabalho para a minha
mãe, de você... de você chegar,
sair... é... Um trabalho normal, ele
está me dando esse tipo de
trabalho agora, sabe? De escola,
de não querer estudar, de... sabe?
Esse...

**137. *Ele não está indo bem na*
*escola?***

138. Não, não, ele ainda não... não
teve as notas, mas o X. não é
aquele aluno não, assim, nota dez
não, sabe...? Médio. Também eu
falo: “Filho, faça... dê o melhor de
você, não quero... não importa
que seja o primeiro, nem quero
que você seja, porque ser o
primeiro é um saco... tá? Você
passando de ano, para mim está
ótimo, tá?”

**139. *Hum-hum... E... você disse*
que no ano passado... ele
*perdeu o ano?***

140. Perdeu.

141. *O que aconteceu?*

142. O ano pas... o ano atrasado. O
ano atrasado o X.... Ele, eu falo
assim, desse problema da apatia.
O X. não fazia... nada na escola...

nada, nada, nada. Ele... e depois ele teve assim... o X. passou por uma fase assim... eu não sei se foi a puberdade... sabe? Aquele... aquela passagem de... Ele passava muito mal, ele tinha diarreia, ele tinha vômito, ele tinha dor de cabeça... Eu ia buscá-lo na escola, ele vinha vomitando pelo caminho... Depois ele passou por... é, cirurgia, sabe? Então foi um ano meio difícil para o X., sabe?

143. *Ele tinha treze nesse ano?*

144. É.

145. *Tá.*

146. Então ele acabou repetindo de ano em matemática porque... não tinha condições mesmo, sabe?... E no ano passado ele tornou a fazer a sétima série, mas ele nunca gostou da escola...

147. *Hum...*

148. Nunca... sabe?

149. *Isso ele estava em outra escola?*

150. É... eu sou do interior de São Paulo, né? Faz seis anos que eu estou aqui. Ele veio, estudou em uma escolinha particular e depois ele... foi pro Colégio.

151. *Hum-hum...*

152. Agora, este... o ano passado e este ano ele adora o colégio... Sabe? Por ele, ele ficava o dia

inteiro no colégio, ele gosta dos amigos... Assim, melhorou um pouco na es... na... na... na au... nas aulas, mas ele não fazia tarefa, ele não fazia trabalho, ele não fazia nada, sabe? O X. sempre assim contou muito comigo, eu fazia muito as coisas pelo meu filho. Então ele nem se preocupava em fazer as coisas, porque ele sabia que eu ia fazer, sabe, o trabalho...

153. *Hum-hum...*

154. *[rindo]* Então eu fa... eu falo para ele: “Ó, agora, X., a eu.. tira... a...a... eu... sempre fui sua muleta, agora... eu tive... Eu quero tirar você das minhas costas, mas, aconteceu o ano passado... que ele teve a K., essa moça que acompanhou ele, eu falo: “Meu Deus, olha, o X., eu... larguei do X. ele la... pegou a K., a K. fazia tudo pelo X., fazia trabalho, lia livro para ele, sabe, livro que tem que ler? Então ela lia o livro, dava o resumo mastigado para o X., sabe?

155. *Hum-hum...*

156. Não adiantou nada, sabe? Ela se apegou muito ao X., sabe? ... Então eu falava: “o quê que adiantou eu... né?” Ele arrumou outra que faz até mais ainda, sabe? *[rindo]*

157. *[rindo com ela] Hum-hum...
[consultando o roteiro] Vou
dar uma “coladinha” aqui,
ver se eu não estou me
esquecendo de nada... É...
até hoje você não sabe se o
X. usou ou não usou, está
usando ou não está usando
maconha... ou outra droga?*

158. Não, eu acho que... eu acho que
não, que ele ainda não usou. Mas
eu vou perguntar para ele. Porque
ele fala assim, sei lá o que foi que
ele falou assim: “É, mas você... eu
nunca mais vou te contar nada,
porque... eu te conto tudo...”
Sabe?

159. *Hum-hum...*

160. Mas eu vou perguntar... Vou
perguntar para ele se ele já...
usou... a maconha, sabe, que eu
ainda tenho certeza que ele vai
experimentar.

161. *E... por quê você acha que
você não perguntou ainda?*

162. Acho que é por medo da
resposta, né? *[rindo]* Falar “não,
eu já usei!” Puxa vida!

163. *Hum-hum...*

164. Né... com medo da resposta... da
gente...

165. *E se ele falar que sim, ele já
usou, quê que isso
representa para você?*

166. Olha, Marcelo, eu já estou até
assim... me preparando
psicologicamente porque quando
eu... soube, né, aquilo ali eu fiquei
muito, assim, me desesperou
muito. Mas depois eu fui assim,
você vai, as coisas vão ass ...
assentando, e se ele falar “mã...
olha, mãe, eu experimentei”, eu
vou perguntar: “E a ti... e aí filho,
o quê que você achou?” E vou
procurar passar pra... pra ele que
aquilo ali... não vai levar a nada,
vai apenas destruí-lo... Vou
procurar orientá-lo, porque,
Marcelo, veja bem, se uma
pessoa... quer fazer uso de uma
droga... e você vai orientá-lo e vai
po... Eu quero cercar o meu
filho... de todos os lados... para
que ele não pa... não pa... não...
passa a fazer uso disso. Quê que
eu vou fazer com o X.? Eu vou
perguntar para o X.... vou me
preparar para perguntar para ele
numa boa, eu e ele. Vou falar:
“Filho, olha... eu quero que você
fale... pra mim porque se você...”
ele vai, talvez ele vá falar “não, eu
não vou falar para minha mãe
porque a minha mãe... vai acabar
comigo”, como eu fiz quando se
ele usou cigarro, é... quando ele
fala pro ... pra... pras pessoas “não
fala pra minha mãe porque se a

minha mãe ficar sabendo disso ela vai me matar”. Então talvez pelo medo da minha reação... a... o medo da minha reação ele vai querer esconder isso do... de mim, e eu não quero agora neste momento, nesta fase da vida que ele está... Eu quero que ele conte a verdade para mim, e eu procure assim... estar bem preparada para não... perder a... a... assim, querer partir para uma agressão, ou querer bater nele, ou querer xingá-lo, para não... já... dificultar a minha... a relação dele agora... que nessa fase ele... vai querer mais assim... É, se ele falar “eu usei já”, eu vou procurar saber como... Como que ele conseguiu... Com quem que ele conseguiu, porque... a... através disso eu vou saber... Quem que está trazendo esse tipo de droga para dentro deste grupo, porque se ele usar, não vai ser só ele... ele, vai ser os amigos que estão junto com ele, que fazem parte do... da vida do meu filho. E eu vou procurar orientar o meu filho, e cercar o meu filho de todos os lados... como? Contando com a ajuda do meu marido? Não.

167. Não?

168. Não. Eu vou procurar um... profissional, como este que eu

quero... que oriente o meu filho, e que me ajude... e que ajude a trazer o meu marido para dentro deste problema, que só através disso... Porque o me... eu sei que se eu falar para o meu marido, o meu marido vai falar: “Tá vendo? Esse moleque! Eu sabia que isso aí não ia dar... dar nada!” Porque ele sempre fala esse termo, que o filho é o... Talvez o filho esteja... decepcionando o meu marido, talvez o meu filho não seja aquilo que o meu mari... é... que o meu... meu marido sonhasse como filho... Sabe, eu sei que ele vai criticar, vai querer... ou talvez vai ficar quieto, não vai falar nada, vai deixar... “daí você que resolva, esse abacaxi fica com você”... Né? E... vamos ver, né Marcelo, essa é... Eu quero assim... é nesses termos que eu vou... vou conversar com ele e vou tentar explicar para ele, sabe? Que não é por aí, que ele... “Então, você experimentou? Então tá. Experimentou, acabou. Não faça mais uso, não vai ser bom para você, tá, não é para você, você não precisa disso... “ Vou tentar explicar para ele, né?

169. Hum-hum... (...) É... e por quê você não contou... esse episódio para o seu marido?

170. Porque... Não, será que eu contei? Acho que não, acho que eu não contei. Meu marido sabe do problema que teve no Universitário no ano pas... no Colégio, que eu fui chamada por isso, é... Meu marido acho que conver... conversou com ele, explicou... é, falou, que não... não... sei lá, né? Eu acho assim, Marcelo, que eu não vou... é... não co... não contei para o meu marido... como você perguntou?

171. Isso.

172. Hã.

173. Porque no começo você tinha mencionado que... você não comentou com o teu marido.

174. É. Eu não... eu acho assim, que... Eu não vou comentar, posso até comentar, mas eu acho que ele não vai me ajudar em nada...

175. Hum-hum...

176. ...não vai resolver nada, sabe?
Eu acho assim.

177. [...] Alguma coisa mais que você gostaria de... comentar, J.?

178. Não, não.

179. Então tá. Vou... vou desligar o nosso... o nosso gravador aqui...

[FIM DA GRAVAÇÃO EM ÁUDIO]

TEXTO DA CARTA CIRCULAR ENVIADA AOS PAIS DE ESTUDANTES

Prezados pais:

Estamos convidando pais de alunos matriculados no Colégio Marista de Londrina, da 8ª. série do ensino fundamental ao 3º. ano do ensino médio, para participarem de uma importante pesquisa sobre o tema **“O ADOLESCENTE E AS DROGAS”**.

Trata-se de um projeto original e inédito, cujos resultados farão parte de uma Tese de Pós-Graduação na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. O **pesquisador responsável** pelo estudo e pela realização das entrevistas é o **Dr. Marcelo José de Castro**, o qual exerce suas atividades médicas em Londrina há vários anos como Psicanalista de adolescentes e adultos. Marcelo Castro é ex-aluno Marista, e, sempre que solicitado, colabora voluntariamente com nosso Colégio na realização de atividades e palestras sobre o tema com nossos estudantes adolescentes.

Esta etapa da pesquisa científica terá o objetivo de compreender as preocupações, conhecimentos, crenças e atitudes de pais de adolescentes a respeito do consumo de drogas, de modo a ampliar o conhecimento científico do problema e propor estratégias para sua prevenção.

Sua contribuição como pai ou mãe de adolescente(s) será participar de uma entrevista individual com o pesquisador, durante a qual lhe serão feitas perguntas para se alcançar os objetivos da pesquisa, e você também terá a oportunidade para perguntar sobre qualquer questão que desejar. A entrevista provavelmente durará no máximo uma hora e meia, e será agendada com antecedência para data, horário e local que forem os mais adequados para você e para o pesquisador.

Sua participação será voluntária e também anônima.

Caso você deseje participar deste importante projeto científico, ou para obter outros esclarecimentos, entre em contato diretamente com:

Dr. MARCELO JOSÉ DE CASTRO

Telefone: (43) **337.6457** ou por e-mail: mjcastro@sercomtel.com.br

TEXTO DO TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PESQUISAS COM SERES
HUMANOS

TÍTULO DO PROJETO: “O USO DE DROGAS NA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES
ADOLESCENTES E DE SEUS PAIS EM LONDRINA - PR”

PESQUISADOR: MARCELO JOSÉ DE CASTRO

ORIENTADOR: PROF. DR. MAURÍCIO KNOBEL

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP

O propósito desta pesquisa científica é procurar compreender os conhecimentos, crenças e atitudes de pais de adolescentes a respeito do consumo de drogas, de modo a contribuir para ampliar o conhecimento científico do problema e propor estratégias para sua prevenção.

Para tanto, serão realizadas entrevistas, eventualmente divididas em duas vezes, cada uma podendo durar aproximadamente de uma a duas horas. Durante as entrevistas serão feitas perguntas ao informante para se alcançar os objetivos da pesquisa. Os registros feitos durante a entrevista não serão divulgados aos demais profissionais que trabalham nesta Instituição, mas o relatório final, contendo citações anônimas, estará disponível para todos quando estiver concluído o estudo, inclusive para apresentação em encontros científicos e publicação em revistas especializadas.

Poderá não haver benefícios diretos ou imediatos para você enquanto entrevistado neste estudo além de você poder falar de suas coisas, mas poderá haver mudanças nos cuidados dados aos pais de adolescentes após os profissionais de saúde tomarem conhecimento de suas conclusões.

Este TERMO é para certificar que eu, _____

_____, concordo em participar na qualidade de voluntário do projeto científico acima mencionado.

Por meio deste, dou permissão para ser entrevistado e para estas entrevistas serem gravadas em fitas cassetes. Estou ciente de que, ao término das pesquisas, as fitas serão apagadas e que os resultados serão divulgados, porém sem que o meu nome apareça associado à pesquisa. Estou ciente de que um técnico fará a transcrição da fala gravada para um texto em computador e que alguns colegas pesquisadores poderão conhecer o conteúdo, tal como foi falado, para discutir os resultados, mas estas pessoas estarão sempre submetidas às normas do sigilo profissional.

Estou ciente de que não haverá riscos para minha saúde resultantes da participação na pesquisa. Estou ciente de que sou livre para recusar a dar resposta a determinadas questões durante as entrevistas, bem como para retirar meu consentimento e terminar minha participação a qualquer tempo sem penalidades e sem prejuízos de qualquer natureza para mim e/ou membros de minha família.

Por fim, sei que terei a oportunidade para perguntar sobre qualquer questão que eu desejar, e que todas as minhas perguntas deverão ser respondidas a meu contento.

ENTREVISTADO:_____

NOME

COMPLETO:_____

RG:

_____ENDEREÇO:_____TEL:

AUTORIZAÇÃO DOS PAIS DO ENTREVISTADO (EM CASO DE MENORES DE 18 ANOS):

NOME COMPLETO DO PAI OU RESPONSÁVEL:

RG: _____ENDEREÇO:

_____TEL:_____

PESQUISADOR: MARCELO JOSÉ DE CASTRO – CRMPR 11.522

Rua Paes Leme, 1264 Sala 201 – Londrina – PR

Tel: (+43) 337.6457

ENTREVISTA No. ____ LOCAL _____ DATA ____ / ____ / ____

TELEFONE DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNICAMP:

(+19) 3788.8936

CAMPINAS – SP



9 - ANEXO

**FAC-SÍMILE DO PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – FCM –
UNICAMP**



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

✉ Caixa Postal 6111
13083-970 Campinas-S.P.
☎ 0 19 37888936
fax 0 19 37888925

CEP, 09/10/01
(Grupo III)

PARECER PROJETO: Nº 207/2001

I-IDENTIFICAÇÃO:

PROJETO: “O USO DE DROGAS NA PERSPECTIVA DE ADOLESCENTES E SEUS PAIS”

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Marcelo José de Castro

INSTITUIÇÃO: Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria/FCM/UNICAMP e Colégio Marista de Londrina-PR

APRESENTAÇÃO AO CEP: 28/08/2001

II - OBJETIVOS

Compreender as idéias, crenças e conhecimento dos adolescentes e de seus pais a respeito do fenômeno do consumo de drogas.

III - SUMÁRIO

O método de trabalho proposto envolverá o quantitativo e qualitativo. O pesquisador apresenta como justificativa para a realização deste estudo como um problema da extrema relevância atual no Brasil para a saúde individual e coletiva e na relativa escassez de estudo congêneres disponíveis em comparações à maior proporção de pesquisa realizada com pacientes drogadictos. O estudo proporcionará a melhor compreensão do problema, e ampliará as possibilidades de prevenção primária do uso de drogas.

A metodologia da pesquisa a ser desenvolvida consistirá da aplicação de questionário de sondagem, abordando aspectos sociométricos e avaliando a ocorrência, a prevenção e distribuição do consumo de drogas.

IV - COMENTÁRIOS DOS RELATORES

A pesquisa está descrita constando os aspectos fundamentais, como: antecedentes de estudo, justificativa, objetivos, descrição dos sujeitos, hipóteses, material e metodologia e referências bibliográficas.

Quanto aos aspectos ético, serão respeitados o contido na resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde e complementares.

Os benefícios serão imediatos tanto para os sujeitos da pesquisa como para a comunidade em geral, bem como serão tornados público todos os resultados da pesquisa.

Esta elaborado em uma linguagem simples e acessível, inclusive constando um campo para a autorização dos pais, em caso de menores de 18 anos.

Recomendamos a aprovação.

V - PARECER DO CEP

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, após acatar os pareceres dos membros-relatores previamente designados para o presente caso e atendendo todos os dispositivos das Resoluções 196/96 e 251/97, bem como ter aprovado o Termo do Consentimento Livre e Esclarecido, assim como todos os anexos incluídos na Pesquisa, resolve aprovar sem restrições o Protocolo de Pesquisa supracitado.

VI - INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).

Pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que aprovou (Res. CNS Item III.1.z), exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos de pesquisa (Item V.3.).

O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4.). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas

justificativas. Em caso de projeto do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, Item III.2.e)

Relatório final deve ser apresentado ao CEP, ao término do estudo.

VII - DATA DA REUNIÃO

Homologado na X Reunião Ordinária do CEP/FCM, em 09 de outubro de 2001.


M/ Prof. Dr. Sebastião Araújo
PRESIDENTE do COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
FCM / UNICAMP